

# Diário de Notícias



*A sua fundação  
e os seus fundadores*

*Alguns factos  
para a história do jornalismo português*

Por

**ALFREDO DA CUNHA**

*Director do Diário de Notícias*

29-XII-1864

29-XII-1914

LISBOA

Edição comemorativa do cincoentenário do Diário de Notícias



*Oferta da Empresa do Diario de Noticias*

29. X 11. 914

# O Diario de Noticias

A sua fundação e os seus fundadores

O Diário de Notícias

Publicado em 25 de Junho de 1969

070 (469)  
CON

Oferta  
JUL 2005

29 DE DEZEMBRO DE 1864 – 29 DE DEZEMBRO DE 1914

○

# Diario de Noticias

A sua fundação e os seus fundadores

---

Alguns factos para a história do jornalismo português

POR

ALFREDO DA CUNHA

Director do *Diario de Noticias*



INV 398119

hemeroteca

---

Edição comemorativa do cincoentenário do *Diario de Noticias*



EDIÇÃO COMEMORATIVA

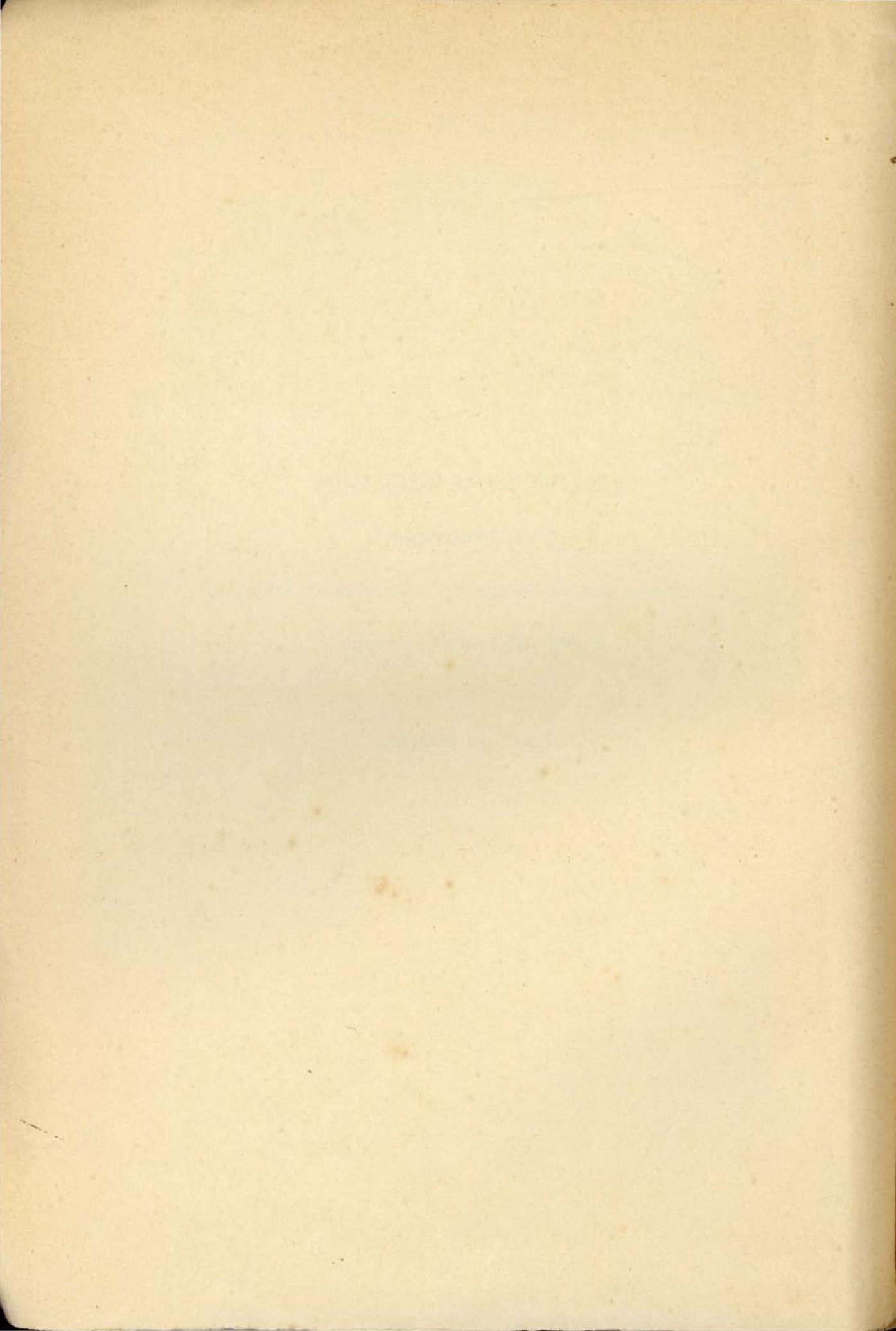
e de homenagem

á memória dos fundadores e colaboradores falecidos

e aos cooperadores actuais

do

*Diario de Noticias*



A minha mulher

MARIA ADELAIDE COELHO DA CUNHA

Filha mais velha de EDUARDO COELHO



## PREFÁCIO

*O presente volume—reedição, nalguns pontos corrigida e em muitos outros largamente ampliada, do livro—Eduardo Coelho—A sua vida e a sua obra—cujas precedentes edições foram publicadas em 1891 e em 1904—destina-se a comemorar o cincoentenário da fundação do Diário de Notícias, de Lisboa.*

*Raras vezes na imprensa portuguesa tem podido realizar-se comemoração análoga a esta.*

*Apenas nove periódicos, que eu saiba—afora os de carácter mais ou menos oficial, como a Gazeta de Lisboa, cuja duração foi além de um século, e um ou outro Boletim<sup>1</sup> de governos ultramarinos—chegaram á idade do jubileu. O próprio Diário do Governo teve uma carreira acidentada e não conseguiu completar seguidamente meio século de vida.*

*As folhas periódicas portuguesas que lograram esta fortuna e puderam ou podem congratular-se por haverem alcançado tal longevidade, são—excluindo, repito, as oficiais ou semi-oficiais— as seguintes, com as respectivas datas da fundação: o Açoriano Oriental, de Ponta Delgada, actual decano dos jornais portugueses, (1835); a Revolução de Setembro (1840), A Nação (1847), a Revista Militar (1849), e o Jornal do Commercio (1853), todos de Lisboa; o Instituto (1852), e o Conimbricense (1854), de Coimbra; o Commercio do Porto, fundado com o título O Commercio em 1854; e o Ultramar (1859), de Margão (Índia portuguesa)<sup>2</sup>.*

<sup>1</sup> V. Subsídios para a história do jornalismo nas províncias ultramarinas por Brito Aranha; Os jornaes portuguezes e O jornalismo portuguez por A. X. da Silva Pereira.

<sup>2</sup> Dêstes nove periódicos só não existem actualmente a *Revolução de Setembro* e o *Conimbricense*.

O Diário de Notícias é, portanto, o décimo jornal português, não oficial, que pode festejar as bodas de ouro dêsse consórcio espiritual com os seus leitores e cooperadores. E, ao fazê-lo, sente-se com a energia e o vigor dos melhores anos da mocidade.

Mais uma vez se demonstra, com êste exemplo, que o levar uma vida regrada e morigerada, embora modesta e obscura, que se não consome na febre de ambições insaciáveis, porque a mais não aspira do que ao cumprimento de simples obrigações contraídas—e, neste caso, a obrigação do Diário de Notícias é respeitar e observar o singelo programa que os seus fundadores lhe estatuíram—ainda é a melhor maneira de prolongar a existência, conservando íntegras as qualidades morais e ilesos os sentimentos afectivos.

Noutro lugar dêste livro, e a propósito da biografia de Eduardo Coelho, escreve-se, com inteira sinceridade, que êsse trabalho é mais do coração do que da inteligência, mais de sentimento do que de crítica. Quase o mesmo poderá dizer-se de todo êste volume, principalmente destinado a quantos, pela analogia de pensar e concordância de sentir, revelam especial predilecção pelo Diário de Notícias, e pertencem, para usar a fórmula consagrada, ao número dos seus «constantemente leitores.»

Para êsses foi êle escrito, muito mais do que para as pessoas indiferentes ou porventura hostís, com as quais o jornal não estabeleceu ainda — nem talvez estabeleça nunca — essa espécie de telepatia afectuosa resultante de uma identidade de critério e duma comunhão de aspirações e intuitos que solidarízam intimamente um periódico, bom ou mau, com aqueles em cujos hábitos entrou o gôso quotidiano de o lerem.

*Olhando para o seu passado de meio século, o Diário de Notícias, em cujo procedimento poderão notar-se erros, como em toda a obra humana, mas difficilmente se apontarão propositadas iniquidades, não tem de penitenciar-se por que houvesse, em qualquer conjuntura, excitado ruins paixões ou provocado movimentos de opinião, orientando-os, directa ou indirectamente, em proveito próprio; da mesma forma que aos seus dirigentes não pesa na consciência o haverem, por meio d'êles, escalado quaisquer cubiçadas posições na hierarquia social.*

*Estranhos sempre á plutocracia e á burocracia, e sempre independentes dos corifeus da política — a quem aliás não censuram nem querem mal, desde que não sacrifiquem os interesses do país aos seus interesses próprios — todos aqueles a quem tem pertencido ou pertence o Diário de Notícias nunca até hoje assumiram perante o erário público outra situação que não fôsse a de meros contribuintes, nem perante os poderes do Estado outra qualidade senão a de comissionados, gratuitos, para serviços de vantagens positivas para as estações officiais que os aproveitaram, mas absolutamente negativas, por vezes, para quem os desempenhou.*

*E esta observação, longe de ser uma queixa, é a desafogada expressão de um grande e consolador prazer íntimo — o de haverem as pessoas que nas suas mãos teem empunhado uma arma de tanto alcance e fôrça como é aquele jornal, podido prestar alguns benefícios á pátria, sem nenhuma delas ter colhido outras compensações mais do que as que dá a satisfação de um dever cumprido ou de uma obra meritória realizada sem intuitos interesseiros.*

*Quer isto dizer que condenem os que a outras carreiras se dediquem e, pelo jornalismo, hajam nelas conseguido ascender e conquistar prestígio, reputação e proventos? De nenhum modo! Mas porque se teem mantido*

*em completo isolamento — e não direi num esplendido isolamento, para não comparar grandes potentados a relativamente bem pequenas empresas — perante os que fazem da política sua distração predilecta ou sua profissão habitual, o Diario de Noticias e os seus dirigentes teem também sempre reivindicado para si o direito de se conservarem alheados de manejos ou conjuras de facções, e superiores — ou inferiores, se assim se entender melhor — ás paixões que se debatem nas arenas dos partidos.*

*Porque assim, pois, nesta situação se collocaram, não reconhecem nem reconheceram nunca, fôsse a quem fôsse, o direito de fazer á sua attitude de abstenção e isenção sugestões ou exigências que lha alterem ou deformem. E consequentemente, portanto, não se reconhecem a si próprios, como é óbvio, a legitimidade de quaisquer pretensões a influenciarem, já não digo nas amplas esferas dos altos poderes do Estado, mas nem sequer nos modestos âmbitos da mais obscura regedoria de paróquia.*

*Criado principalmente para prestar serviços que nada teem com os de ordem política, no apoucado sentido que costuma dar-se a esta palavra, para educar as classes menos ilustradas, auxiliar os desprotegidos da fortuna, estimular as forças produtoras da nação, ser enfim um instrumento de beneficência e um elemento de regeneração de costumes e de propaganda útil e civilizadora, nada mais ambiciona o Diario de Noticias.*

*Cumpridos êstes fins, que talvez sejam mesquinhos, deixa, sem emulação nem inveja, aos que se envolvem em campanhas doutra natureza, mais accidentadas e certamente mais gloriosas, os trofeus da vitória ou a auréola dos mártírios beatificadores. Mas do que ninguém poderá justamente queixar-se é de que o Diario de Noticias, após a refrega, haja apparecido a querer compartilhar o espólio dos vencidos ou a disputar os louros dos triumphadores.*

*Felicitava-se Eduardo Coelho, aludindo á época turbulenta da sua infância, de não ter saído um bulhento Ferrabraz, um Roldão ou um D. Quixote, que andasse por aí a esgrimir com os moinhos e a incomodar a humanidade. «Melhor foi para mim e para ela que assim não succedesse», acrescentava êle.*

*O mesmo pode dizer-se do Diario de Noticias e da sua missão na imprensa portuguesa, na qual, em vez de ter sido um arauto de guerra e um fomentador de discórdia, tem procurado exercer, dentro dos limites da sua influência, uma acção morigeradora e de paz. E o que é certo é que, se algumas vezes lhe succedeu desviar-se desta linha por amor dos «imortais principios», de que aliás outros tão frequentemente desdenham, e correr quixotesicamente a empenhar-se em movimentos ou a envolver-se em contendas, por espirito de classe e para defeza da classe, também mais de uma vez o resultado foi ou saírem-lhe ao caminho a agredi-lo, ou deixarem-no isolado e só em meio da liça, os próprios por quem se armara em aguerrido paladino ou se arvorara em devotado solicitador.*

*Já em 1881 um jornal do Porto, condenando a feroz mas impotente campanha de uma folha de Lisboa contra o Diario de Noticias, lembrava que a êste «todos os jornalistas, mais ou menos, devem testemunhos irrecusáveis de cordialidade e simpatia». E estou certo de que hoje se poderia, em relação a todo o meio século de existência daquelle jornal, com igual verdade, formular um igual e bem documentado juizo.*

*Fiel ás suas regras de moderação e de benevolência, nunca açulou as paixões populares contra os mantenedores da ordem e os depositários do poder, embora muitas vezes infelizmente tivesse motivo para censurar, e censurasse efectivamente, o poder e as autoridades por não corresponderem como deviam ás aspirações e aos legítimos interesses do povo.*

*Mas á attitude sistematicamente desconfiada e aggressiva dos opposicionistas de ofício para com os governantes, bons ou maus, e dos perpétuos descontentes para com os detentores do mando, preferiu sempre adoptar a norma de supôr, até prova em contrário que a modifique, que os governos, seja qual fôr o seu credo político, são compostos de homens com vontade de acertarem e com empenho de bem servirem o seu país, do mesmo modo que as autoridades e o funcionalismo devem ser respeitados e acatados, emquanto, por condenáveis excessos, se não desautorizarem a si próprios. E, nesse pressuposto, nunca lhes criou injustificados embarços, e só tem diligenciado facilitar-lhes, por uma geralmente benévola expectativa, a missão difícil que lhes incumbe.*

*Num livro àcêrca do jornalismo, aparecido recentemente em França, notava-se, com referênciã ao Temps, de Paris, que é êle «um dos raros jornais que teem mantido a mesma unidade de vistas e de direcção.»<sup>1</sup> Talvez, sem injustiça, e sem também de nenhum modo se pretender confundir ou irmanar as qualidades eminentes dos fundadores do Diario de Noticias com os mesquinhos dotes de quem lhes succedeu na direcção do jornal, se possa aplicar á folha portuguesa criada por Eduardo Coelho e Thomaz Quintino Antunes, o que foi notado em relação ao periódico parisiense, cuja direcção, durante mais de 50 anos, apenas esteve confiada a dois homens—o segundo dos quais, Adrien Hébrard, há poucos meses falecido.*

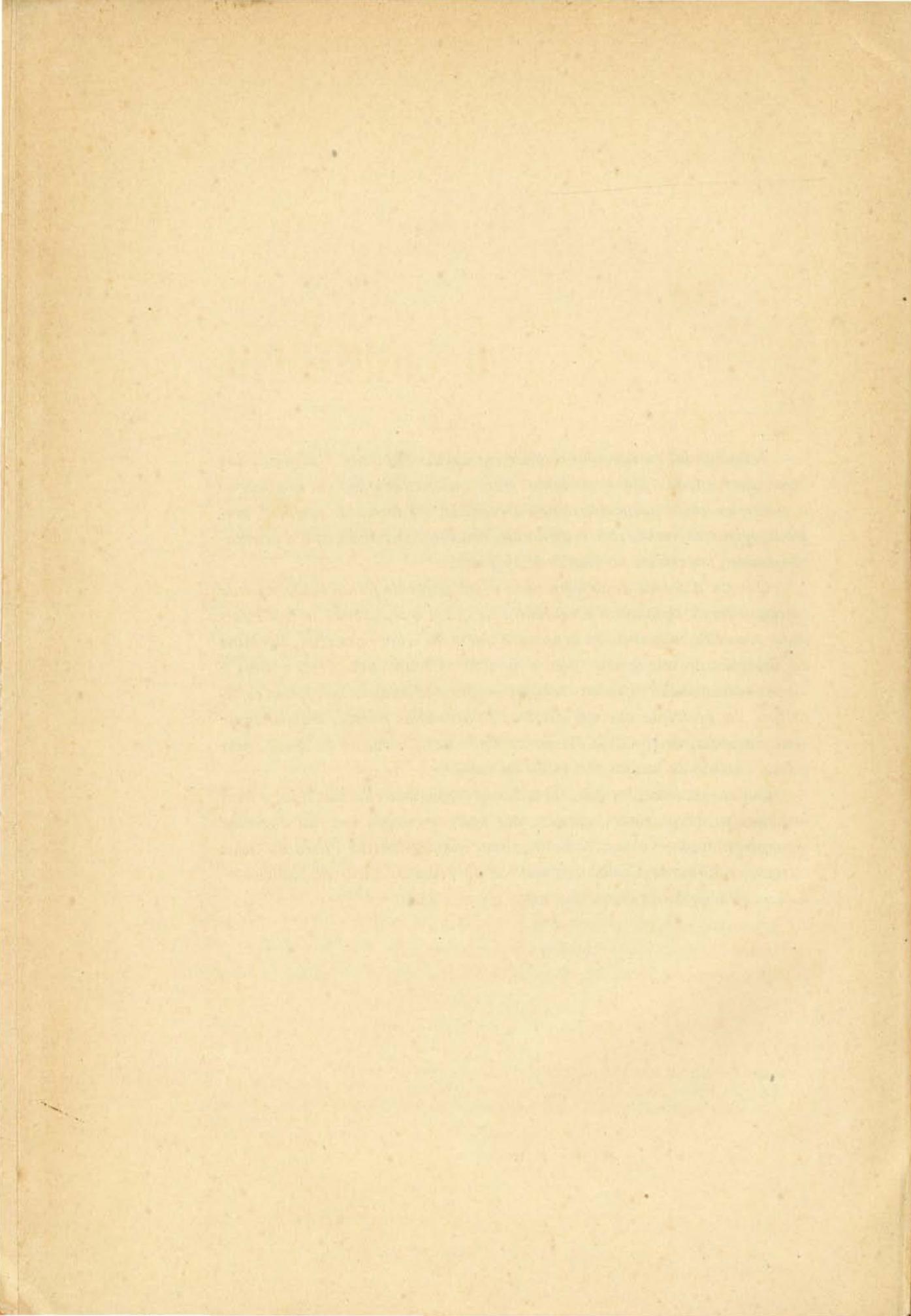
---

<sup>1</sup> «C'est à cette longue continuité d'une même direction, d'un sens si avisé des nécessités de l'information moderne, plus encore qu'à la collaboration de tant d'écrivains éminents, que ce journal doit son succès sans cesse grandissant». A. de Chambure *A travers la presse*.—Paris, 1914.—Pags. 133 e 134.

*Terminando, eu supponho resumir em poucas palavras — algumas das quais nem minhas são e portanto mais autorizadas hão de afigurar-se a quem as leia — o que êste longo arrasoado, em forma de prefácio, pretende deixar expresso, com respeito aos processos jornalísticos e á orientação sempre imprimida ao Diario de Noticias.*

*Quanto á forma de desempenhar o seu papel de jornal moderno e de corresponder á simpatia e á confiança de quem o lê, apenas se tem esforçado por evitar a justiça da censura a que uma velha carta régia sujeitava as Relações do seu tempo «por motivo de falarem com pouca certeza e menos consideração»; apenas tem procurado não incorrer nas faltas explicativas da proíbição que um decreto, pouco menos remoto, mas bastante mais duvidoso, de 1642, se diz ter aplicado aos periódicos da época «pela pouca verdade de muitos e o estilo de todos».*

*Quanto ás intenções que, em todas as conjunturas da sua vida, o teem invariavelmente animado, apenas, até hoje, se propoz um fito e revelou uma preocupação — o ser, como o grande propagandista Vieira da Silva escrevia a Eduardo Coelho referindo-se ao próprio Diario de Noticias — «o eco de toda a obra boa que nesta terra se faz.»*





Reduções a um terço das dimensões dos originais.

ANO 1940 NÚMERO 1 A REVOLUÇÃO DE SETEMBRO.

QUARTA FEIRA 15 DE SETEMBRO

Este é o primeiro número da Revolução de Setembro, que se publica em substituição do antigo jornal da mesma denominação...

CAMBIA DE REVOLUÇÃO

Esta mudança de nome e de direção representa uma nova etapa na história do jornal, que se mantém fiel ao seu compromisso de informar e educar o povo...

Findou a sua publicação em 30 de janeiro de 1907.

QUARTA FEIRA 15 DE SETEMBRO ANO 1947 - N.º 1

A NAÇÃO.

Este é o primeiro número da A Nação, que se publica em substituição do antigo jornal da mesma denominação...

CAMBIA DE REVOLUÇÃO

Esta mudança de nome e de direção representa uma nova etapa na história do jornal, que se mantém fiel ao seu compromisso de informar e educar o povo...

Findou a sua publicação em 30 de janeiro de 1907.

REVISTA MILITAR.

Este é o primeiro número da Revista Militar, que se publica em substituição do antigo jornal da mesma denominação...

O INSTITUTO.

JORNAL CIENTIFICO E LITTERARIO

VALDE PRONTO



QUINZE

Este é o primeiro número do Quinze, que se publica em substituição do antigo jornal da mesma denominação...

1.º ANO SEGUNDA FEIRA 17 DE OUTUBRO DE 1913 NÚMERO 1.

JORNAL DO COMMERCIO

Este é o primeiro número do Jornal do Commercio, que se publica em substituição do antigo jornal da mesma denominação...

Este é o primeiro número do Jornal do Commercio, que se publica em substituição do antigo jornal da mesma denominação...

CAMBIA DE REVOLUÇÃO

Esta mudança de nome e de direção representa uma nova etapa na história do jornal, que se mantém fiel ao seu compromisso de informar e educar o povo...

Findou a sua publicação em 31 de agosto de 1907.

O GONIMBRIGENSE.

Este é o primeiro número do O Gonimbrigense, que se publica em substituição do antigo jornal da mesma denominação...

Este é o primeiro número do O Gonimbrigense, que se publica em substituição do antigo jornal da mesma denominação...

CAMBIA DE REVOLUÇÃO

Esta mudança de nome e de direção representa uma nova etapa na história do jornal, que se mantém fiel ao seu compromisso de informar e educar o povo...

Findou a sua publicação em 31 de agosto de 1907.

QUARTA FEIRA 15 DE SETEMBRO ANO 1947 - N.º 1

O COMMERCIO.

Este é o primeiro número do O Commercio, que se publica em substituição do antigo jornal da mesma denominação...

Este é o primeiro número do O Commercio, que se publica em substituição do antigo jornal da mesma denominação...

CAMBIA DE REVOLUÇÃO

Esta mudança de nome e de direção representa uma nova etapa na história do jornal, que se mantém fiel ao seu compromisso de informar e educar o povo...

Findou a sua publicação em 31 de agosto de 1907.

\* A reprodução da Gazeta de Lisboa, único jornal português que durou mais de um século, vai incluída na folha desdobrável que acompanha a Memória com que termina este livro, a pag. 281.

O AÇORIANO ORIENTAL

(Anno novo)

SUBSCRIPÇÃO para esta folha no Estabelecimento Typographico de P. J. de Mello...

MOTIVOS RELIGIOSOS: O SR. PAULO ALBERTO... O SR. JOÃO DE ALMEIDA...

PERTENDE SE contratar por conta, termo, e adiantamento...

NA Loja de Moraes Prudencio se tem (Dicas) de livros...

Annuncios

ACHA SE a venda no nº 44 da Rua de S. Paulo...

Não tendo havido Lancamento nos Diarios em Geral deste Distrito...

PELA Administração de J. Francisco de Paula Delgado...

OCCORRENCIAS: Uma morte por falta de leite...

FRANCISCO José Carvalho Alho...

Publicação Literaria

VARIEDADE

O Casamento por Inclinação: A YEMMA TIA...

As mulheres de quem elle se apaixonou e habiam a noiva...

VIII CONVERSAS

1.ª pagina do mais antigo numero do Açoriano Oriental...

O ULTRAMAR.

ESTRECHAMENTO: O Sr. João de Almeida...

ESTRANGEIRO: O Sr. João de Almeida...

PREÇO DA ASSIGNATURA: O Sr. João de Almeida...

EXTERIOR

Portugal: Foi publicado no Diário...

ESTRANGEIRO: O Sr. João de Almeida...

ESTRANGEIRO: O Sr. João de Almeida...

EXTERIOR

Portugal: Foi publicado no Diário...

ESTRANGEIRO: O Sr. João de Almeida...

ESTRANGEIRO: O Sr. João de Almeida...

EXTERIOR

Portugal: Foi publicado no Diário...

ESTRANGEIRO: O Sr. João de Almeida...

ESTRANGEIRO: O Sr. João de Almeida...

EXTERIOR

Portugal: Foi publicado no Diário...

ESTRANGEIRO: O Sr. João de Almeida...

ESTRANGEIRO: O Sr. João de Almeida...

EXTERIOR

Portugal: Foi publicado no Diário...

ESTRANGEIRO: O Sr. João de Almeida...

ESTRANGEIRO: O Sr. João de Almeida...



COORDENAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO: DECANO DOS JORNALIS PORTUGUEZES...

A ORDEM DO DIA

Por mais que se não queira, a ordem do dia...

ILUMINAÇÃO PUBLICA

Iluminação publica: O Sr. João de Almeida...

Iluminação publica: O Sr. João de Almeida...

A ORDEM DO DIA

Por mais que se não queira, a ordem do dia...

ILUMINAÇÃO PUBLICA

Iluminação publica: O Sr. João de Almeida...

Iluminação publica: O Sr. João de Almeida...

A ORDEM DO DIA

Por mais que se não queira, a ordem do dia...

ILUMINAÇÃO PUBLICA

Iluminação publica: O Sr. João de Almeida...

Iluminação publica: O Sr. João de Almeida...

A ORDEM DO DIA

Por mais que se não queira, a ordem do dia...

ILUMINAÇÃO PUBLICA

Iluminação publica: O Sr. João de Almeida...

Iluminação publica: O Sr. João de Almeida...

# O Diario de Noticias

---

O **Diario de Noticias**, desejado e bemvindo em todas as famílias, é estímulo perpetuo de leitura.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO  
(*Visconde de Castilho*)

O **Diario de Noticias** é o echo de toda a obra boa que por esta terra se faz.

VIEIRA DA SILVA

## I

Tendo-se familiarizado com os trabalhos jornalísticos na assídua colaboração da imprensa periódica de ha cincoenta para sessenta anos, Eduardo Coelho foi quem, em Portugal, intentou com mais fé, planeou com melhor critério e realizou com mais seguro êxito a criação de um jornal popular, noticioso, instrutivo e moralizador, imparcial e sem dependências financeiras ou políticas, acessível literariamente a todas as inteligências e pecuniariamente a todas as bôlsas, jornal com programa e processos análogos aos de algumas folhas estrangeiras pelas quais sentia mais particular predilecção.

Tornara-se-lhe esta idéa a preocupação de todos os instantes, o objecto de todos os seus planos, o tema favorito das suas conversações, como êle próprio escreveu, traçando em 1885 a biografia do então

Visconde de S. Marçal <sup>1</sup>, ao historiar por estas palavras a fundação do seu *Diario* :

«O auctor d'este esboceto, que em 1864 redigia os noticiarios da *Revolução de Setembro* e *Conservador*, e as correspondencias de tres jornaes da provincia, tinha a mais profunda crença no exito d'um jornal do genero da *Correspondencia de Espanha* e do *Petit Journal*<sup>2</sup> de que muito fallava, e de que já havia dois annos tentára a publicação, por assignatura, com o titulo de *Boletim Noticioso*, jornal de noticias e annuncios a 10 réis.

«Havia 5 annos que lidava nessa idéa, que chegou a qualificar de *monomania*.

«Sendo assiduo redactor do *Conservador*, encontrou-se muitas vezes a fallar na idéa do jornal com Thomaz Quintino, o qual, nutrido egual fé, se lhe associou para a realisarem, na melhor opportunidade, o que fizeram no dia acima indicado (29 de dezembro de 1864)<sup>3</sup>».

Muitos julgavam o empreendimento arriscado, emquanto outros absolutamente descreiam da sua proficuidade; e quem bem conheça o nosso meio e a timidez, até certo ponto justificada, da maioria dos editores portuguezes, sem dificuldade calculará quantos obstáculos se oporiam á realização dêsse projecto, em que Eduardo Coelho depositara uma confiança que se não malogrou, e quam poderoso auxílio em tal conjuntura lhe prestaria Thomaz Quintino Antunes, proprietário já a êsse tempo da Tipografia Universal, e que á nova publicação ligava para sempre o seu honrado nome.

Concorrendo, pois, um com o seu trabalho infatigável e outro com as fôrças do seu modesto capital <sup>4</sup>, era finalmente lançado á publicidade, entre a natural anciedade dos seus fundadores, a indiferença de um público sem o hábito da leitura, e os desdêns dos magnos sacerdotes da literatura e do jornalismo, no dia 29 de dezembro de 1864, o número-programa do *Diario de Noticias*.

1865 - N.º 1 de Janeiro começa a publicar-se o D. N. de que haviam saído 2 numeros programmas nos ultimos dias de dezembro de 1864 - 29 e 30

Fac-simile de um apontamento escrito por Eduardo Coelho com destino á sua auto-biografia e cujo teor é o seguinte: 1865 — No 1.º de janeiro começa a publicar-se o D. N. de que haviam saído 2 numeros programmas nos ultimos dias de dezembro de 1864 — 29 e 30.

<sup>1</sup> *Diario Illustrado* de 4 de setembro de 1885, e *Diario de Noticias* n.º 7:051, de 6 dos mesmos mês e ano.

<sup>2</sup> Veja-se a nota final A.

<sup>3</sup> O n.º 1 do *Diario de Noticias* tem a data de 1 de janeiro de 1865, domingo. Precederam-no, porém, os dois *numeros-programmas* de 29 e 30 de dezembro de 1864.

Veja-se a nota final B.

<sup>4</sup> Veja-se a nota final C.

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

LISBOA

Por um mês..... 240 rs.

Trez meses..... 700 rs.

Linha-se no escritório do jornal

Tribuna Universal, Rua das Calafates, 110

As assignaturas de Lisboa se recebem por um ou por duas vezes

O seu pagamento é antecipado

Também se assigna a 30 rs. a Italia

## DIARIO DE NOTICIAS

NOTICIARIO UNIVERSAL

PUBLICADO TODAS AS MANHÃS

Proprietario — Thomaz Quintino Antunes, e Eduardo Coelho, Redactor

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

PROVINCIAS

(Com estampilha)

Trez meses..... 1075 rs.

A importância das assignaturas das provincias deve ser remittida em valor de correio ao Administrador do Diario de Noticias, no Tribuna Universal, rua das Calafates, 110, onde deve ser dirigida toda a correspondencia, franca de porto. Não se faz o envio de dinheiro em remessa pelo correio, far-se-ia em estampilha.

## N. 4, PROGRAMMA

## QUINTA FEIRA 29 DE DEZEMBRO

1864

## EXPEDIENTE

Acertam-se e agradecem-se informações verbales ou escriptas sobre quaesquer acontecimentos interessantes da vida publica; occorrenças tristes ou alegres; obras notaveis; descobertas uteis; curiosidades litterarias, artisticas, scientificas, commerciaes ou industriaes; estabelecimentos novos de qualquer genero; tudo, enfim, que possa interessar ao publico em geral, ou ás classes em particular, uma vez que as pessoas que com ellas obsequiarem a empreza lhe assegurem a verdade d'essas informações. A empreza aceita e agradece enfim quaesquer indicações que os srs. assignantes julguem uteis ao publico, e á prosperidade do jornal.

## Ao Publico

A publicação que hoje empreendemos, convencidos da sua necessidade e utilidade, visa a um unico fim: — interessar a todas as classes, ser accessivel a todas as bolsas, e comprehensivel a todas as intelligencias.

O Diario de Noticias — o seu titulo o está dizendo — será uma compilação cuidadosa de todas as noticias do dia, de todos os paizes, e de todas as especialidades, um noticiario universal. Em estylo facil, e com a maior concisão informará o leitor de todas as occorrenças interessantes, assim de Portugal como das demais nações, reproduzindo á ultima hora todas as novidades politicas, scientificas, artisticas, litterarias, commerciaes, industriaes, agricolas, criminaes e estatisticas, etc. Eliminando o artigo de fundo, não discute politica, nem sustenta polemica. Registra com a possível verdade todos os acontecimentos, deixando ao leitor, quaesquer que sejam os seus principios e opiniões, o commental-os a seu sabor. Escripito em linguaagem decente e urbana, as suas columnas são absolutamente vedadas á exposição dos actos da vida particular dos cidadãos, ás injurias, ás alhures deshonestas e reconvenções insidiosas. É pois um jornal de todos e para todos — para pobres e ricos de ambos os sexos e de todas as condições, classes e partidos. Todos os paes illustres possuem publicações d'este genero, e nomeadamente a Inglaterra, a França, a Belgica, e ainda a nossa vizinha Hespanha, publicações que tem attribuido consideravel numero de sympathias, leitores

e subscriptores. A idéa não é pois original nossa, senão imitada ou traduzida, como melhor quizerem, para preencher uma notavel lacuna do nosso jornalismo. E os meios de publicação que a empreza do Diario de Noticias adopta, embora pareçam singulares, são tambem uma copia fiel do que se usa n'esses paizes onde se comprehendem e exploram todos os meios de publicidade.

O programma do Diario de Noticias está posto em acção no seu primeiro numero. A empreza não faz senão uma promessa, e é, que buscará corresponder á confiança publica, e ser grata ao favor com que espera ver acolhida a sua idéa, operando gradualmente todos os melhoramentos que a experiencia lhe fór aconselhando.

Soas Magestades e Altezas passam sem novidade em suas importantes saudes.

S. Thomaz, arcebispo de Cantuaria. Rito semiduplex. Paramento de cor vermelha. Começa a noveas de Nossa Senhora de Jesus.

Lauspereme na igreja dos Ingleses que tem a invocação de S. Pedro e S. Paulo.

Raiar da aurora ás 5 horas e 38 minutos. Nascimento do sol ás 7 horas e 17 minutos. Occaso do sol ás 4 horas e 44 minutos. Primeira maré: preamar aos 6 minutos da manhã; baixamar ás 6 horas e 18 minutos da manhã. Segunda maré: preamar aos 30 minutos da tarde; baixamar ás 6 horas, e 42 minutos da tarde.

S. Thomaz, arcebispo de Cantuaria, nasceu em Londres. Foram seus paes Giberto Belret e Mathilde, pessoas distinctas por virtude e sangue. Mas por vontade propria, do que por conselhos de outrem, se fez familiar de Theobaldo, arcebispo de Cantuaria, em cuja privança tanta consideração mereceu, que por suas mãos corriam os negocios mais importantes da curia archiepiscopal. Elevado ao throno de Inglaterra o duque de Normandia e Aquitania, Henrique, o arcebispo o propoz para chancelier d'el-rei, lugar que desempenhou tanto a contento que por morte de Theobaldo, e sob proposta regia, foi eleito arcebispo de Cantuaria. Nimiamente empenhado na defensão das immundidades da igreja, houve de soffrer o odio dos grandes na gerarchia tanto ecclesiastica como civil. D'aqui, a lucta, que, prolongando-se por espaço de seis annos o obrigou a estar outros tantos exilado. Feita a pax por intermedio do papa Alexandre 3.º, o arcebispoahi foi recebido victoriosamente. O rei, que não havia sido estranho ás altitudas dissensões, tentou moldal-o ás suas vistas ambiciosas. Resistiu o prelado, até que um dia, — foi a 29

de dezembro de 1174, ha 690 annos, — é procurado por quatro cavalleiros, os quaes sendo expulsos do papo, invadem a igreja onde o arcebispo se refugiara, e ahi o assassinao cortando-lhe a cabeça. A igreja commemora hoje o martyrio do sancto prelado que em vida tanto se distinguio na pratica das virtudes christas.

No dia 29 de dezembro de 1685 falleceu na ilha Deserta no convento de Bessora o veneravel fr. Basilio, natural da villa de Santarem. Era homem de muita piedade, e muy esclarecido. Havendo saído do reino foi a Italia receber o habito de carmelita descalço, e d'ahi se partiu para a Persia a pregar o Evangelho. Edificou ahi o convento de Bassora, onde celebrou missa e ensinou os dogmas christãos em tres idiomas — o persico, o arabico, e o turquesco.

Começaram no dia 24 do corrente as ferias do Natal nos tribunaes judiciais, e acabam no dia 7 de janeiro. D'esse dia em diante daremos aos nossos leitores conta de todos os julgamentos correccionaes, e criminaes interessantes, tendo para isso collaborador especial.

O conselho municipal de Chalón-sur-Saone (França) acaba de votar um subsidio de 120,000 francos (24,000,000 réis) para a construção do caminho de ferro departamental de Chalón á linha de Sous-le-Saulnier a Bourg. Para a mesma linha ferrea votaram os conselhos municipaes de Loubans e Château-Benaud, o primeiro a somma de 60,000 francos (12,000,000 réis), e o segundo a de 10,000 (2,000,000 réis).

A Moidade de Mirabeau, delicada produção do illustre auctor dramatico francez o sr. Aylie Langlé, que tão applaudida tem sido no theatre do Vaudeville, de Paris, acaba de ser representada com brilhante exito no theatre Scriba, de Turim. A segunda representação diz a Italia, assistiu a melhor sociedade d'aquella capital. Os artistas foram muito victorizados.

O illustre professor o sr. Joaquim Theotónio da Silva participou ha pouco á sociedade das sciencias medicas de Lisboa o caso curiosissimo de uma doença a que os homens da sciencia chamam ataxia locomotriz, e que foi pela primeira vez observada entre nós.

Era o doente um rapaz de 19 annos vindo do Rio de Janeiro a Lisboa, no principio deste semestre, de proposito para tratar-se. Este infeliz começou a entrar-se desde muito creança com descommunal excessos aos prazeres sensuaes, e attribue-se a isso a origem do seu mal. Os principaes symptomas deste são: — Quando quer andar vacilla, e custa-lhe a conservar-se em equilibrio. Dado o primeiro passo, anda lançando os pés e as pernas para um e outro lado. Se na casa onde passeia estão senhoras ainda lhe custa mais a mover-se. Se não ha luz, ou lhe tapam os olhos, não se o não segurarem. Custa-lhe muito a coordenar todos os movimentos voluntarios. Com um tratamento rigoroso, a medicina não desespera do o salvar.

Uma maravilha da industria humana existe neste momento em poder do rei de Wurtemberg. É um cavallo automato que executa todos os movimentos que podem exigir-se a um cavallo verdadeiro. Montam-no governam-no, e presta-se a todas as phantasias da equipação. Esta preciosidade só funciona diante de pessoas de grande intimidade do rei. Era do um bicho destes que precisava cada collaborador desta folha para fazer as suas excursões diarias.

Em a noite de 16 do corrente, dia o periodico *Franché-Comté*, deu-se, junto a Vercei, uma tentativa de assassinio, acompanhada de roubo: Philippe Jeaner, antigo magistrado do Ecouart, agente geral da companhia de seguros, a *França*, que, como portador de uns 5 a 6,000 francos (12,000,000 réis) se dirigia a Vercei, — foi assaltado, no bosque de Chamios, por tres individuos do feia catadura, os quaes, arrojando-o ao chão, lhe comprimiram fortemente as gueltas, e o despojaram de tudo que comsigo levava. Chegado a Vercei, Jeaner referiu o caso á justiça, e esta não colheu ainda, que o sabamos, resultado algum das suas pesquisas.

Vae pôr-se á venda a melhor, a mais rica e a mais completa de todas as galerias particulares de França — a celebre galeria Pourtales. — Todos os objectos de arte da melhor curiosidade, todos os quadros antigos e modernos, tudo, até as medallas, se vae pôr em hasta publica, em razão de haver fallecido o seu possuidor o sr. Pourtales-Gorgier. É esta uma nova que alguma sensação deve produzir na Europa artistica, e que deve chamar a Paris muitos amadores.

Progredim as obras do palacio de crystal, do Porto. No dia 24 do corrente concluiu-se as arcarias: ao fechar do ultimo arco, os operarios collocaram-lhe em cima a bandeira nacional.

A ex.ª sr.ª D. commendadeira do real mosteiro de Nossa Senhora da Encarnação da ordem militar de S. Bento de Aviz, que se achava gravemente enferma, está já convalescente, e começa a experimentar progressivas melhoras. Fazemos votos pelo completo restabelecimento de s. ex.ª

Na communa de Chevières (França), uma rapariga de 28 annos deu á luz, em 13 do corrente, uma creança de monstruosa configuração. — Esta creança era composta de dois corpos differentes, mas unidos pelo ventre e pelo peito, tendo quatro braços e quatro pernas perfectamente desenvolvidas, uma só cabeça, duas caras: uma perfeita, o outra completamente transformada, tendo, todavia, um só olho com duas palpebras. No lugar do nariz, tinha um orificio parecido com bocca; as orelhas, que eram perfectas, estavam pegadas ás faces, mas por baixo dos queitos.

Um dos corpos d'esta creança tinha os orgãos masculinos; no outro, os orgãos, ainda que pouco distinctos, pareciam ser femininos. O parto foi muito laborioso, e a elle assistiu o facultativo. A creança morreu antes de ser dada ao mundo.

Não sabemos, mas é de supor que o corpo seja cuidadosamente guardado para ser submetido ao exame da sciencia.

Pelo conselho ultramarino foram postos a concurso — o lugar de contador da junta de fazenda do estado da India com o ordenado de 3.268 xerafins; — o de sub-director da alfandega de Assolná, no mesmo estado, com o ordenado de 761 xerafins; — e o de director da alfandega da ilha da Boa Vista, em Cabo Verde, com o ordenado de 240.000 reis, e os emolumentos.

A Assembléa Viziense celebrou uma das suas reuniões em a noite de 25 do corrente. Contavam-se alli apenas vinte e tantas senhoras. Apesar, porém, de tão limitado numero, houve grande animação. Os estudantes, que de diferentes academias se achavam a ferias em Vizeu foram os que mais brilhante fizeram aquella reunião.

A maioria das folhas inglezas continuam a mostrar-se hostis á mensagem de Lincoln acerca da abolição da escravatura nos Estados Unidos.

Os russos estão praticando toda a sorte de violencias na Lithuania, cujos povos vivem em continua agitação, e sob uma oppressão horivel.

Falleceu no hospital de Coimbra José Ferreira, que ha dias alli entrara com symptomata de envenenamento. A voz publica diz que, tendo este infeliz vivido em tempo com uma mulher, de que agora se achava separado, esta o chamou a casa e lhe offerceera uma chvena de café que elle acceptou. Uma hora depois, estorcia-se elle no meio de horribos agonias. Os esforços da medicina foram baldados. A accusada achá-se nas cadeas de Santa Cruz.

Corre em Coimbra que varios cavalheiros tem sido convidados para reitor da universidade; mas que todos se tem recusado a aceitar o cargo. O que ha de certo não o sabemos nós; a academia, porém, continúa satisfeita com os optimos servicos de actual vice-reitor, o sr. D. José Ernesto.

Depois da abertura do parlamento damos noticia de todas as resoluções importantes do corpo legislativo.

Em 22 do corrente reuniu-se na casa da escola do sexo masculino da villa da Figueira, a commissão promotora da instrucção popular, para proceder á distribuição dos premios aos alumnos que, por sua applicação e aproveitamento, se tornaram credores d'aquella distincção. Acabado este acto, a commissão passou á casa da escola de meninas e procedeu á mesma distribuição, observando em tido as solemnidades da autor. Ninguém pôde negar que os premios á mocidade estudiosa são um poderoso incentivo, que mais tarde mostra brilhantes resultados.

Ha dias foi preso um criado do sr. Gaspar da Rocha, de Vienna, por haver attentado contra o pudor de uma rapariga da Areosa. O administrador do concelho fez proceder ao competente auto, e o criminoso foi entregue ao poder judicial.

O unico concorrente ao lugar de preparador e conservador do museu da escola medico-cirurgica de Lisboa, foi o sr. José Joaquim da Silva Amado, que deve ser julgado pelo jury no dia 23 de janeiro, na fórma do programma do concurso.

As obras da camara dos dignos pares progredem com notavel actividade, fi-

cando alli um palacio digno de um paiz constitucional. Não poderão, porém, estar concluidas senão em fins de janeiro, por cujo motivo as sessões do corpo hereditario serão celebradas na sala da bibliotheca das duas camaras, aonde para esse effeito se vae proceder aos necessarios preparativos.

O actual representante e herdeiro da casa dos marqueses de Villette, o sr. Léon Duval, membro da ordem dos advogados da corte imperial de Paris, considerado como um dever seu o restituir ao estado o coração de Voltaire, — que o marquez de Villette, amigo e admirador do grande escriptor, fizera encerrar, depois da autopsia, em um vaso de metal, e banhado em um preparado chimico, proprio para a sua conservação, — solicitou de S. M. o imperador a necessaria autorisação para que na Bibliotheca imperial se desse asylo áquellas preciosas reliquias, que por lei de 30 de maio de 1791, foram consideradas como propriedade da França.

Expeditas as ordens do imperador, s. ex.<sup>a</sup> o sr. Duruy, ministro da instrucção publica, foi, no dia 16 do corrente, á Bibliotheca imperial, e em companhia dos membros da commissão consultiva, e na presença do administrador d'aquelle estabelecimento, recebeu das mãos do sr. Léon Duval o coração de Voltaire, encerrado n'um cofre de metal dourado, sobre o qual se lêem estas palavras: «O coração de Voltaire. Morreu em Paris, no dia 30 de maio 1778.»

O cofre foi depositado na secção de medallas da Bibliotheca imperial. Escrita em linguagem portuguezissima e enriquecida de preciosissimas notas, existe uma biographia de Voltaire, pelo sr. José Gonçalves da Cruz Viva, conego honorario e professor no lyceu de Faro, que o leitor, querendo, pôde precurar em qualquer livraria de Lisboa.

Segundo o disposto no artigo 18.<sup>o</sup> da lei fundamental do estado, verifica-se no dia 2 de janeiro proximo pela 1 hora da tarde na sala das sessões da camara dos srs. deputados a sessão real de abertura das côrtes geraes ordinarias da nação Portugueza. Sua Magestade el-rei o sr. D. Luiz acompanhado de sua augusta esposa assistirá a esta solemnidade nacional com as pessoas que formam a corte. E o sr. D. Augusto desempenhará as funcções de condestavel do reino. As 10 horas da manhã assistem os dignos pães e deputados á missa solemne do Espirito Santo na Sé. Suas Magestades serão recebidas no vestibulo do palacio das côrtes por uma grande deputação das duas camaras, e no mais da sessão seguir-se-ha o ceremonial do estylo. Depois de lida a lista do throno e declarada, aberta a sessão, serão Suas Magestades acompanhados á porta do palacio das côrtes, e uma salva de artilheria no castello, embrascões do estado, e mais fortalezas annunciará a sua saída e a abertura da sessão legislativa de 1865.

A associação dos architectos civis portuguezes inaugurou no dia 15 do corrente nas salas do gremio popular, na calçada do Comburo, uma serie de prelecções sobre architectura, — arte monumental dos povos da antiguidade. No dia vinte e dois foi a segunda prelecção; e hoje, 29 é a terceira. Até 27 de maio de 1863 deve haver mais vinte e uma d'essas curpas e illustrativas sessões, que constituem um importante curso. Este pensamento patriotico é devido ao sr. Joaquim Possidónio Narciso da Silva, digno architecto da casa real, a quem principalmente se deve a creação do albergue dos invalidos do trabalho.

Os nobres condes de Penafiel dão no proximo carnaval no seu palacio da rua de S. Mamede um sumptuoso baile de

mascaras para o que se estão preparando riquissimos trages em caracter representando diversas epocas, e notaveis personagens.

Estão actualmente a ensaios no theatro de D. Maria II as seguintes peças: *Os diffamadores*, drama original do sr. Ernesto Biester, — Luiza, drama em dois actos, que será desempenhado pelos alumnos do conservatorio dramatico em noite designada para as suas provas publicas. — *O tio Simplicio*, comedia em um acto, traducção. — Prepara-se n'este theatro um variado repertorio de comedias proprias para as recitas do carnaval, e a *fonte surpreendente*, engenhosa machina ha pouco tão admirada em Londres, e que será estreada pela primeira vez no drama *Os diffamadores*, em a noite do beneficio do distincto actor Joaquim José Tasso, servindo depois para os bailes de mascaras.

No dia 2 de janeiro sobe á scena no theatro da rua dos Condes, em beneficio do estimado escriptor popular o sr. Pedro Carlos d'Alcantara Chaves, ponto d'aquelle theatro, a comedia original do beneficiado intitulada — *O baptisado do filho do José descasca milho*. Esta comedia é continuacão das outras duas que sobre o mesmo assumpto ali tem estado em scena, e que tanto excitaram a gargalhada franca e sincera do nosso bom povo.

Participações agricolas do districto de Evora dizem que as sementeiras, interrompidas pelas chuvas do mez pasado, se achavam agora quasi concluidas, por lhes haver sido proprio o tempo. As searas offerecem bom aspecto. Está em meio o apanho da azeitona cuja novidade é boa. Os pomares de espinho tem boa apparencia. O tempo corre favoravel para a engorda do gado, e a bolota tem sido bem aproveitada.

As sementeiras das cereas colmiferas no districto de Aveiro tem-se feito em optimas condições. As searas já nascidas, as hortas, e herbageos estão em bello estado de vegetação. A apanha da azeitona está quasi concluida. A colheita, porém, é escassa.

Nunca é tarde para uma triste nova. Antonio de Almeida Vizeu, coreio da repartição central do ministerio das Obras publicas, foi encontrado morto em sua propria casa. As folhas da capital, não todas, referiram já este triste acontecimento; nós hoje, reproduzindo-o, acrescentamos alguns pormenores que nos fornece um documento policial que temos á vista.

Havendo-se suspeitado que muito grande seria o motivo que ocasionara a não comparencia d'aquelle empregado na respectiva repartição, por espaço de 3 dias, o regedor da freguezia da Encarnação procedeu ao exame da sua habitação, que era no 1.<sup>o</sup> andar do prédio n.<sup>o</sup> 169 da rua dos Calafates; do que resultou deparar-se com o infeliz, na escada, já cadáver, e com um acontoso na testa, do que se deprehende que um violento ataque apopleptico o colheu de subito. Alli foi postado um soldado da guarda municipal, em quanto se não procedeu ao auto do corpo de delicto. A familia do infeliz foi dada a noticia d'este triste successo.

Não temos noticia de nenhum acontecimento notavel da politica do nosso paiz. Continuam a circular boatos descontradados acerca da substituição de algum ou alguns dos cavalheiros que constituem o gabinete, indigando-se sobretudo varios nomes para a pasta da marinha, e afeiçãoando-os cada grupo ás suas predilecções pessoas ou partidarias. A

espectativa publica, porém, está fixa na abertura do parlamento.

As 9 horas da noite no dia 23 do corrente, appareceu assassinada em sua propria casa ao Castello, em Elvas, uma mulher. Foi o assassino um tal Martinho, barbeiro, com quem a infeliz estivera, em tempo, amancebada. Junto do cadaver de sua mãe soltava dorido pranto um filhinho de 5 annos, que foi quem revelou a justiça o segredo do assassino.

No ribeiro da Conceição (Elvas) foi encontrado o cadaver de um guarda de um monte d'aquelles sitios. Diz-se que leimando em passar o ribeiro, em estado de embriaguez, n'elle se algofara. Este cavalleiro já se achava em Lisboa.

No comboio da manhã de 22 do corrente chegaram a Aveiro, de volta da Feira, os ex.<sup>tas</sup> srs. Anselmo José Braam, camp e José Luciano de Castro. Se ex.<sup>ta</sup> acompanhados do sr. governador civil do districto e de varios cavalheiros, visitaram os edificios publicos; depois foram cumprimentar a ex.<sup>ta</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Dorothea, irmã do fallecido orador — José Estevo Coelho de Magalhães.

A 2 de janeiro proximo saem para a Madeira, o pathabote *Novo S. Lourenço*; e a 10, para Pernambuco, o brigue *Constante 2.<sup>o</sup>* — A correspondencia lançava-se na caixa geral até nos referidos dias, e na estação postal do Terreiro do Paço meia hora antes da que alli for annunciada para a partida da mala.

A bateira *Mala Posta* saiu no dia 4 do corrente do porto de Lisboa, carregada de ferro, e encomendadas para a Figueira afundou-se no dia 13 as 7 horas, da tarde ao pé das Berlengas, salvando-se a tripulação composta de cinco homens, os quaes se apresentaram no dia 18 ao subdirector da alfandega de Peniche. Pobre gente. Valeu-lhe Deus.

No dia 14 do corrente foi arrojado á praia Formosa nas costas da Encreira o casco de uma embarcação de madeira do pinho da terra em pessimo estado, duas vergas de Flandres, uma grande quantidade de phosphoros, e algumas taboas pertencentes a tempos de caixotes que iam com direcção ao porto da Figueira. O resto do segredo d'este naufragio sabe-o o oceano.

Leitores, fugiu Pelayo, o bravo peledor. Agora este suggesto deu em covarde. — Como assim?

Conto o caso. O sr. Francisco Domingues, criado de quem o chama ao seu serviço, foi hontem apresentar-se ferido no rosto ao sr. regedor da freguezia de Santa Justa. E interrogado acerca da causa do ferimento declarou que, estando na Praça da Figueira a picar um charuto se chegaram a elle dois collegas, o sr. José Elias, e o sr. Pelayo, agarrando-se-lhe ao pescoço, do que lhe resultou ferir-se no rosto com a navalha. E aconteceu o caso assim, os dois caudadores do ferimento pozeram-se em fuga. Por onde se vê que Pelayo fugiu com o seu aio.

Perante o conselho de saude naval e do ultramar está aberto concurso, a lidar em 31 do corrente, para o provimento de um lugar de aspirante a facultado do quadro de saude da provincia de Moçambique, conforme as disposições legais. Os requerimentos são entregues no hospital da marinha, onde, e no dia já mencionado, devem comparecer os candidatos para serem inspecionados.

Foi mandado abrir no ministerio da fazenda um credito supplementar de rs. 50000000 a favor do ministerio da guerra, para serem reparados os esta-

gos causados pelo cyclone do dia 13 no castello de S. Jorge, no hospital militar, no quartel da boa Hora em Belem, e em outros edificios.

A santa casa da misericordia pde em praça, no dia 30 de corrente, ao meio dia, na sala das suas sessões, e sob as condições que estão patentes, o fornecimento dos seguintes generos para consumo dos hospites dos expostos, do Amparo e Sant'Anna, e recolhimento das orphãs: a saber: — feijão branco, dito vermelho, grão de bico, azeite, manteiga de prato, e dita de tempero.

**SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTIÇA.** — *Causas a julgar na sessão de 10 de janeiro.* — Autos civis do Tribunal commercial de 2.<sup>a</sup> instancia n.º 10530, recorrente Eduardo Mozer, como agente da companhia La Union, recorrido Manuel Gonçalves de Carvalho, relator Alves de Sá. — Causa da relação de Lisboa n.º 40594, recorrente a fazenda nacional, recorrido Libanio Antonio Gomes, relator Alves de Sá. — Crimes da Relação dos Açores n.º 8894, recorrente Francisco Tavares, recorrido o ministerio publico, crime de ferimentos, relator Visconde de Lagoa. — Crimes da relação do Porto n.º 5860, recorrente o ministerio publico, recorrido Francisco José dos Reis, crime de estupro em uma menor de 12 annos, sua entada, relator Alves de Sá. — Crimes da relação de Lisboa n.º 6011, recorrente o ministerio publico, recorrido Francisco José dos Reis, crime de recusa em prestar a cooperação que lhe foi pedida na qualidade de hegedor.

Alguns actores do Porto, que se fizeram cargo de reproduzir no theatro Basset o antigo repertorio do theatro portuguez, representaram alli, no domingo 25, o Taumaturgo, do actor-auctor o sr. Braz Martins.

A companhia portugueza do theatro de D. Luiz I de Coimbra, fez já a sua estreia no theatro de S. João, do Porto como o drama a *Mãe dos escravos*, e a comedia *Em guerra particular antes da paz geral*.

No domingo partiu de Coimbra para Lisboa o celebre prestigiador hungaro o sr. Vello. Ao artista philanthropico offereceu a associação dos artistas de Coimbra o diploma de seu socio honorario, que lhe foi apresentado pelo presidente da direcção, lendo um dos socios, por essa occasião, uma allocção em francez. Vello auxiliando com o producto dos seus espectaculos os cofres d'aquella instituição, bem mereceu semelhante honra.

Belmiro, joven de 24 annos, que na linha do norte exercia o emprego de guarda-freios, indo, no dia 24 do corrente de Lisboa para o Pombal, caiu, ao saltar de um para outro carro, causando-lhe o comboy por cima, deixando-o feito pedação.

No principio do anno proximo vae abrir-se na rua oriental do Passeio publico n.º 2 um notavel estabelecimento para o qual é dever da imprensa chamar a attenção publica. E a officina de gravura em vidro do nosso compatriota o sr. Seraphim da Fonseca e Sá, gravador em chefe da fabrica da Marinha Grande, socio de merito da academia das bellas-arts de Lisboa, da do Rio de Janeiro, creado da casa de S. M. o imperador D. Pedro II, artista que conquistou no Brazil, onde viveu e foi admirado, e engrandecido por todos, muita gloria para a nossa patria. São admiráveis os trabalhos d'este artista, que por certo não tem rival. Sobre o vidro elle reproduz com pasmosa delicadeza e precisão os desenhos mais difficeis, e as

mais phantasias concepções. A assembleia legislativa do Rio de Janeiro conferiu-lhe um honroso diploma, a imprensa estrangeira animou-o, o rei-artista o sr. D. Fernando possui delle alguns primores; ao publico lisboense comprou visitar aquelle estabelecimento onde tambem se recebem encomendas para a fabrica da Marinha Grande.

O *Diario de Noticias* — participa aos seus leitores — que não conta só delicias, — que tambem descreve horrores. — Ha agora um casamento? — solta um riso de alegria. — Dae-lhe uma festa ou folia — veres seu contentamento. — Mas se acaso o alegre noivo — ao dançar caiu no chão — o jornal mostra-se triste. — Se um sino faz illo lido dño, — mostrando que não existe — um prestante cidadão, — et-lo traga a cõde do goivo, — e ora, pois é christão. — Echo da sociedade, — com ella chora ou sorri, — correndo pela cidade, — entrando aqui e ali: — ante todos se descobre, — visita o burguez, o o nobre — e da arte e do artista — descreve a nova conquista, — e com verdade e decencia — conta tudo quanto viu — sem cançar a paciencia — ora susado ora a rir. — Os progressos da sciencia — junto á anedota promette — e as boas e más estreias, — mas a rathar não se metta — nem falla em vidas alheias. — Vêem já que com taes modos, — é um jornal para todos.

No instituto industrial de Lisboa está exposto o desenho de uma machina de fazer varilhame pela qual foi concedida patente de invenção aos subditos inglezes residentes em Birmingham John Solmon Bensou e Edwin Lanter.

O sr. Carlos Eugenio Lederich, residente em Lisboa, inventou um apparelo para dar corda na argolla dos relógios de algaiteira sem auxilio de chave, e sollicito do governo patente de invenção por cinco annos, a qual lhe foi concedida.

No dia 3 de outubro falleceu *ob intestato* no logar de S. José dos Indios, termo da cidade do Maranhão, o subdito portuguez José Corrêa de Mello. Parte do seu espolio foi roubado, O resto está sendo arrecadado pelo consulado Portuguez n'aquella cidade. Na mesma provincia falleceu em o mesmo mez o brasileiro adoptivo Antonio Manuel Pereira, natural de Saõta Marinha de Pombal, bispo de Braga. Deixou 4.000.000 rs. para serem entregues no Porto a seus quatro irmãos.

A 18 do corrente foi julgado em Vienna d'Austria o processo da diffamação intentado em nome do rei da Prussia contra o jornal *Wanderer* O redactor foi condemnado em tres dias de prisão.

Está doente o celebre publicista francez o sr. Proudhon, auctor de muitas não menos celebres utopias. Dentro em pouco apparecerá um novo livro d'este escriptor no qual elle tratará da capacidade eleitoral das classes operarias, e do seu futuro politico.

Numa das ultimas sessões ordinarias da camara municipal do Porto foi apresentada a proposta para um emprestimo de 300.000.000 reis, destinados a melhoramentos municipaes: foi approvada, resolvendo-se discutil-a em sessão imediata, sendo para isso convocada o conselho municipal.

A junta das obras municipaes do Porto foi dada ordem para fazer o orçamento de um jardim no Campo da Córdaria, ou dos Martyres da Patria.

Não foi bom o esquecimento que teve, a noite passada, o aprendiz da carpintaria situada na rua do Almada, n.º 1. Se

a patrulha que girava por aquella rua, ás 2 horas, não dá com elle, e a não vae guardando no quarto da respectiva companhia, a coisa podia ter suas consequências.

— Mas, de que ella falla? — Da chave que o sr. Mesquita, o aprendiz em questião, deixou, por descuido, na porta da loja.

Hoje, acompanhado de um cabo, o sr. Mesquita verificou que nada faltava n'aquelle estabelecimento, mas podia ter-lhe acontecido o contrario.

Toda a gente sabe que o frio está insupportavel, o que quem não andar bem agasalhado sofre inclemencias. Pois o sr. José Garrido, sebeiro, tambem é d'esta opinio, e carecendo de albernoz envergou hontem um na feira da ladra, ensomrou-o, e ficou captivo.

— Captivo? — Captivo do bom panno do albernoz, e captivo pelo ter roubado ao seu proprietario o sr. Francisco Prudencio Apollinario, respeitavel adelfo, que estabeleceu a sua tenda ambulante n'aquelle mercado de bagatellas todas as terças feiras.

O ministro dos negocios estrangeiros da Grecia pediu a demissão que lhe foi aceite, ficando em seu lugar Demetrio Budveni. Esta alteração ministerial coincidiu com a alteração da ordem publica em Dante, n'uma das ilhas annexadas.

A nova assembleia de Bucharest que pela primeira vez é constituída de catholicos, armenios, e protestantes foi aberta pelo principe Alexandre, o qual depois de agradecer á Sublime Porta e ás potencias garantas o reconhecimento do acto de 9 de maio, deu vivas ao Sultão, e ás outras nações que asseguraram a autonomia do paiz havendo os senadores, e deputados prestado o devido juramento.

Receberam-se hoje noticias do archipelago Aporiano. Da ilha de S. Miguel alcançam a 21 do corrente. O inverno não tem sido rigoroso n'aquella ilha. Ia adiantada a apanha e exportação da laranja, seu principal trafego mercantil. Para Inglaterra haviam já sido exportadas 64.528 caixas em 87 navios. O preço por que foram vendidas no mercado inglez variou entre 21 e 30 schellings! Das febres epidemias que haviam grassado nas Feteiras foram atacados 258 individuos, fallecendo 9. Dos atacados a misericordia socorrerà 237. Haviã-se alli praticado notaveis actos de dedicacão. — No vapor *Maria Pia* partiu para a capital o sr. deputado dr. Paula Medeiros. — Im em progresso as obras do theatro da cidade do Ponta Delgada. Espera-se que ainda este anno ali dd espectaculo uma companhia de zarzuela sob a direcção do illustre maestro compositor o sr. Angelo Frondoni. — No dia 13 fallecêra o honrado negociante d'aquella praça o sr. Filippe Maria Bessone. — As obras da doca corriam com grande actividade. O termo medio da pedra lançada semanalmente na muralha era de 3.700 toneladas.

Não são desistuidas de interesse as noticias da ilha do Fayal. Na primeira semana de novembro começã a apanha da laranja. A produccão é menor que o anno passado. — No porto da cidade da Horta haviam entrado alguns navios com agua aberta. — A camara do Fayal fizera a seguinte edictiva para a venda do pão no mez de dezembro: — pão de trigo alvo  $\frac{1}{4}$  kilo 48 rs.; de toda a farinha 38 rs.; de rata 33 rs.; de milho 18 rs. — Reinava socego n'aquella ilha, e o seu estado sanitario era satisfatorio.

As noticias da ilha Terceira dizem que eram orçadas em 200 contos de reis as

perdas ocasionadas pelo naufragio do vapor *Bunder* succedido o mez passado no porto de Angra. — A 18 de novembro fallecera de um ataque apopleptico o sr. Antonio Borges Leal, o mais antigo escriptor de direito da comarca de Angra. Havia sido voluntario em 1828.

— O capitão norueguez Paulson offerecera no dia 17 de Novembro um precioso anel de ouro ao sr. João Vieira Rodrigues, criado do vice-consul ingtez de Angra, por elle lhe ter salvo a vida com risco da sua propria na occasião do naufragio do navio do seu commando.

O summo pontifice fez expedir uma bulla, datada do 8 de dezembro, anniversario da definicão do dogma da immaculada Concepção do Maria; onde são condemnados todos os erros modernos oppostos á doutrina catholica. Parece que havia dois annos que esta bulla estava projectada. Foi redigida por uma commissão de theologos e canonigos, sob a presidencia do cardel Caterini; o projecto da mesma enviado aos bispos mais distinctos da igreja, a fim de expenderem a sua opinio. A bulla, segundo se diz, comprehende na cathogoria dos erros modernos alguns dos principios assentados pelos ars. Falloux a Montalembert, escriptores distinctos da França.

Encontrámos nas folhas hespanholas, de hoje, os seguintes telegrammas: Belim. 23. — Do processo formado contra os polacos, por motivo dos acontecimentos politicos succedidos n'aquelle paiz, resultou que onze polacos foram condemnados á morte, com absolvidos e vinte sete condemnados a prisão por um ou dois annos.

Paris. 24. — Diz o «Monitor» que o tractado franco-prussiano começã a vigorar definitivamente desde o 1.º de julho de 1866.

Munich. 23. — Em as negociações de Bamberg, entre o ministro do estado da Baviera, Plördetz, e o de Saxonia, Beust, existe o mais perfeito accordo.

Pela nota estatistica dos enterramentos nos dois cemiterios publicos da capital se vê que no dia 27 foram inscritos no obituário os seguintes nomes.

*Cemiterio de N. S. dos Prazeres.* — Henrique Firmino do Nascimento, natural de Lisboa, 3 mezes de idade, covã n.º 934. — D. Juliana de Sousa Pamplona natural do Porto, de idade 45 annos, casada, jaizgo n.º 242 — Anthero Augusto Garrido, natural de Lisboa, idade 33 annos, solteiro, guarda livros covã n.º 935. Na valla foi sepultado o cadaver.

As ultimas noticias politicas da nossa vizinha Hespanha dizem-nos que o ministro Narvaez soffro poderosa opposição na imprensa, e na opinio publica de que aquella é orgão. No parlamento procedia-se á nomeação da commissão de resposta ao discurso da corõa, e acreditava-se que nessa discussão o gabinete seria vigorosamente combatido.

Diz-se que as primeiras leis que se apresentarão no senado serão as que dizem respeito a S. Domingos, á organização dos tribunales e ao processo criminal. Constituido o congresso em janeiro ser-lhe-ha apresentada a proposta de lei da imprensa, e outras medidas de credito, e de policia.

Ha dias, presenciaram os habitantes de Barbison (Inglaterra) um dos mais dolorosos espectaculos.

Joanna Deacon, joven de 19 annos, com os vestidos incendiados, saltava uns gritos que faziam ddi. Acodem os visinhos: uns lhe deitam agua para cima, outros a arrojão ao chão, e a cobrem de mantas para apagar o fogo. Neste comenos apparecerem os bombeiros, que suppondo incendiada a casa, d'onde a in-

Ediz saira entre chamas, corriam a prestar os socorros costumados.

A justiça, procedendo a averiguações, colheu em resultado os seguintes esclarecimentos:

Joanna estava na sala quando um tal Whithers, que havia tempo a perseguia com seu amor, entrou, fechou a porta, e, sentando a n'um camapé, quiz abraçá-la com sinistro intento.

Quix a juven fugir, e o perseguidor de leve-a: ella chegou-se para junto do fogão.

— Vamos, Joanna. Queres ser minha? — perguntou Whithers.

— Meu Deus! — gritou a pobre. Fogel socorro! acudam-me!

— De-me um abraço, Joanna. O fogo ia tomando incremento, e Whithers, insensível, em vez de a socorrer, cruzou os braços. O resto já os leitores viram.

O tribunal declarou Whithers assassino voluntario.

O tenor Ander, que era ha pouco a creatura querida, a mefina dos olhos dos frequentadores da opera de Vienna, perdeu por tal sorte a memoria que não se lembra de coisa alguma da sua carreira artistica, nem dos seus triumphos. pobre tenor! Converteu-se n'um verdadeiro Lethe.

Hoje, 29, de manhã vai o sr. D. José Maria de Almeida e Araujo Corréa de Lacerda, digno e illustrado chefe da Sã Patriarchal benser a linda capella do novo edificio que na calçada do Duque mandou construir para o seu collegio o sr. Antonio Florencio dos Santos intelligente director da Eschola Academica. A esta solemnidade religiosa assistem os alumnos do collegio, e suas familias bem como grande numero de convidados, que depois irão examinar aquelle vasto e grandioso edificio.

Leitores, quereis praticar uma obra meritoria firmada nas sublimes doutrinas do Divino Mestre, agradável a Deos, aos homens e ao vosso coração?... Ide hoje, 29, à noite ao theatro de S. Carlos. Ahí se offerre ao vosso gosto um espectáculo lyrico dos mais escolhidos, e com o qual podereis esquecer-vos por algumas horas das torturas desta vida de malquerenças. Mas o que mais vos agrada ná esse espectáculo é o saber que o preço da vossa entrada vai juntar-se em precioso cofre aos obolus de tantas almas bem fazejas que ali vão concorrer

para a manutenção de seteentas e tantas creancinhas, tuteladas pela caridade, e acolhidas ás casas do asylo da infancia desvalida de Lisboa, e ao asylo de S. João. Demais o publico sabe os altos servicos que á sociedade presta a benemerita sociedade das casas de asylo de infancia desvalida de Lisboa, arrancando á desgraça e talvez ao crime tantos pobres, sinhos innocentes, e conhecido o asylo de S. João, esse padroe de gloria do grande tribuno popular José Estevão Coelho de Magalhães.

Por decreto de 11 de dezembro deste anno, foi approvada a eleição que a academia de inscrições e bellas lettras do Instituto imperial de França fezera do sr. barão de Wite para o logar de socio estrangeiro, vago por morte do sr. W. Cation.

Dizem de França que o tio celebra orador de Notre-Dame, o padre Jacintho, está convidado a pregar, na proxima quaresma, na capella das Tulherias, em Paris.

O apparelho telegraphico do sr. Caselli, que reproduz os despachos escriptos, vai, segundo se diz, pôr-se á disposição do publico. Parece que, para tal effeito, vai apparecer um projecto de decreto em França.

Os passageiros entrados a 28 no vapor portuez Maria Pia são os seguintes: — Da Horta: — A. M. S. Sarmento. — Das Vellas: — J. Ignacio d'Avila. — De Angra: — M. Ignacio da Costa, 4 pessoas de familia — Theotonio d'Aguiar: 10 no convex — De Ponta Delgada: — 1 passageiro no convex.

O sr. Antonio José Pereira Serzedello Junior, illustre presidente da numerosa e florescente associação dos empregados no commercio e industria inaugura alli no proxima quinta feira um curso de economia politica, com o qual vai prestar importantissimos servicos á classe commercial.

A Russia acaba de publicar importantes reformas. Debates publicos, o jury em materia criminal, independencia e inamovibilidade dos juizes e equalidade de todos os cidadãos perante a lei, eis as bases d'essas imponentes reformas que affectam profundamente o modo de existir do imperio russo. Este aconte-

cimento é mais uma notavel conquista dos principios liberas que predominam no presente seculo.

Grande offensa á moralidade.

— Coos! que foi sr. redactor? Algum attentado contra a virgindade de alguma soiteirona?

— Vade retró! Nem tanto.

— Alguma egreja assaltada?

— Nada. Repousam em paz os templos.

— Algum segredo de familia revelado?

— Não senhor. Não tomámos conhecimento desses casos horrosos.

— Já sei. Um jornalista atacado.

— Os jornalistas agora usam estoque. Foi peor que isso foi um rapto.

— Um rapto? De uma velha?

— Não senhor de uma virgem. Uma formosa menina... de pasta que servia de amostra de modas na loja de um acreditado capellista, e que foi raptada por um marinheiro.

— Horror! E o criminoso foi capturado?

— Sim senhor. Pelo tutor da joven, e ella reposta no seu logar para e intacta como saiu da fabrica.

NOTICIAS CIENTIFICAS

OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS

Quarta feira, 28 de dezembro, ás 8 horas da manhã

Table with 4 columns: Localidade, Pressão, Temperatura, Vento. Rows include Lisboa, Porto, Guarda, Campo Maior, Beja, Figueira.

Estado de mar... Observação do estado do mar.

As alturas barometricas são correctas e reduzidas ao nível do mar.

Observação do infante D. Luiz — O director, Francisco de Silveira.

BOLETIM METEOROLOGICO

TRANSMITIDO AO OBSERVATORIO DE PARIS. Dia 28 de dezembro. O barometro sobre rapidamente sobre 0 de legatura, e no gullo de Gascuña. A barometra de Melitzirano alista-se para E.

Tempo present em Lisboa no dia 28 de dezembro. Vento fresco ou moderado variavel.

Abriam hoje termo de carga os seguintes navios: — Para Gibraltar vapor inglez Figer. — Para Salsund brigue norueguês Swenem — Para Setubal barca norueguês Nor.

O rendimento da alfandega grande de Lisboa foi:

até ao dia 27 ..... 459:3056748 no dia 28 ..... 12:3985194

171:7036942

O rei da Baviera apresenta-se tambem como pretendente á soberania do Schleswig Holstein. São sete ou oito agora os principes que aspiram á possessão dos ducados cedidos pela Dinamarca á Austria e á Prussia.

Vão amanhã á assignatura os decretos de collocação e promoção dos empregados do novo quadro das alfandegas do reino. Que de esperanças perdidas, que de illusões defeitas para alguns, e que de alegrias para muitos!

Eis a nota do movimento de navios no porto de Lisboa no dia 28.

Entraram: — Vapor paquete inglez Messina de Genova em 20 dias, de Leorne em 19, de Napoles em 14, de Messina em 10, de Palermo em 8, e de Gibraltar em 36 horas. Traz carga e passageiros.

Vapor paquete portuez Maria Pia das ilhas do Fayal, S. Jorge e S. Miguel.

Hiate portuez Sousa, do Porto. Galeota hollandeza Zorantiena, de Amsterdam.

Brigue sueco Fray, de Cardiff, com carvão.

Vapor paquete francez Guienne de Bordeaux.

Saídos: — Cabique portuez Noto Viajante para Tavira.

Hiate portuez Flor de Oyar para á ilha da Madeira, e Demerra.

Brigue inglez Evrgmen, para Londres em Lastro.

Vapor paquete inglez Genova para Gibraltar.

Cabique portuez Marianica, para Tavira.

Hiate portuez Nova Esperanza, para Setubal.

Hiate portuez Santa Rita para villa Nova de Portimão e Sines.

O ultimo numero do Progresso, jornal de Leão, appareceu tarjado de negro: e que commemorava a perda do seu director — gerente, o sr. Chanoine. E menos um jornalista distincto.

ANNUNCIOS

OBRAS DO PADRE ANTONIO VIEIRA. Sermões, cada um dos 45 vol. 600 rs. Caritas 4 vol. 1600 rs. — Obras ineditas 3 vol. 1000 rs. — Obras varias 2 vol. 600 rs. — Arre de furias 1 vol. 400 rs. — Historia do futuro 1 vol. 300 rs. — Vida do auctor com o retrato 1 vol. 600 rs.

OBRAS DE JULIO CESAR MACHADO. Contos ao luar 1 vol. 500 rs. — Recordações de Paris e Londres 1 vol. 300 rs. — Historias para gente moça 1 vol. 500 rs. — Scenes da minha terra 1 vol. 300 rs. — Fancasias e fantasias 1 vol. 500 rs. — Amor ás cegas comedia n'um acto, 160 rs.

QUADROS D'ALMA. OU A MULHER ATRAVEZ DOS SEculos. Um volume nitidamente impresso 800 rs.

A freira enterrada em vida ou o convento de S. Pincho. Romance historico de D. Gare Sanchez del Pinar, 3 vol. edição nitida 1500 rs.

Usurpação retenção e restauração DE PORTUGAL por Pinto Ribeiro, 300 rs.

e estado actual dos descobrimentos e invenções mais celebres por Amédée de Bassi, versão portuezga de Mathieu Luiz Coelho de Magalhães, annotada por Innocencio Francisco da Silva, 2 vol. no formato charpentier, 1200 rs.

A verdade do christianismo, e sua influencia, 240 rs.

Quadros alphabeticos, para as aulas pelo Methodo Portuezga-Castilho, 4.ª edição com 43 quadros coloridos, 1000 rs.

Todas estas obras se acham á venda na Typographia da Gazeta dos Tribunas, rua dos Fanqueiros 235, e nas lojas do costume. — No Porto em casa do sr. Pinto da Silva, rua do Almada, 133, em Coimbra na do sr. José de Mesquita, rua das Covas, em Lamego na do sr. José Cardoso, rua de S. Francisco, em Leiria na do sr. José Pereira Curado, em Elvas na do sr. Joaquim Antonio Lopes, e em todas as lojas de livros das principaes terras do reino.

DILIGENCIA DO

SOBRAL Á ALHANDRA

Sahe do Sobral á 1 1/2 horas da tarde, e volta da Alhandra ás 8 1/2 horas da manhã. Todos os dias. Vendem-se os bilhetes em Lisboa na rua dos Fanqueiros n.º 235, e no Sobral na loja do sr. Borges.

O cavalheiro de casa vermelha.

FOR ALEXANDRE DUMAS. Reimprimiu-se este famoso romance, o mais notavel e estimado de todos que tem produzido a penna fecunda do grande escriptor.

Um deputado como ha muitos. — Scene comica. Vende-se nas lojas do costume, e na Typographia Universal. Preço 50 rs.

Caricaturas á penna. OBRA CRITICA ADEORNADA COM O RETRATO DO AUCTOR.

Vende-se nas lojas do costume, e na Typographia Universal, rua dos Calafates, 110. — Preço 500 rs.

Novo codigo do amor, livrinho economico e indispensavel para os que namoram uti para os que hão de namorar e divertido para os que namoram, 500 rs.

ROBERTO FREIRE DE ANDRADE. Armazem e deposito de quinquilharías nacionaes e estrangeiras — 52 — Traversa de S. Domingos — 52

Typ. Universal, rua dos Calafates, 110

No seu programma a empresa explicava d'esta forma a índole e a missão da nova folha:

«O *Diario de Noticias*—o seu titulo o está dizendo—será uma compilação cuidadosa de todas as noticias do dia, de todos os paizes e de todas as especialidades, um noticiario universal. Em estylo facil e com a maior concisão, informará o leitor de todas as occorrenças interessantes, assim de Portugal como das demais nações, reproduzindo á ultima hora, todas as novidades politicas, scientificas, artisticas, litterarias, commerciaes, industriaes, agricolas, criminaes e estatisticas, etc. Eliminando o artigo de fundo, não discute politica, nem sustenta polemica. Registra com a possivel verdade todos os acontecimentos, deixando ao leitor, quaesquer que sejam os seus principios e opiniões, o commental-os a seu sabor. Escripto em linguagem decente e urbana, as suas columnas são absolutamente vedadas á exposição dos actos da vida particular dos cidadãos, ás injurias, ás allusões deshonestas e reconvenções insidiosas. É pois um jornal de todos e para todos—para pobres e ricos de ambos os sexos e de todas as condições, classes e partidos.

Todos os paizes illustrados possuem publicações deste genero, e nomeadamente a Inglaterra, a França, a Belgica, e ainda a nossa visinha Hespanha, publicações que têm atrahido consideravel numero de sympathias, leitores e subscriptores.

A idéa não é, pois, original nossa, senão imitada ou traduzida, como melhor quizerem, para preencher uma notavel lacuna do nosso jornalismo. E os meios de publicação que a empreza do *Diario de Noticias* adopta, embora pareçam singulares, são tambem uma copia fiel do que se usa nesses paizes, onde se comprehendem e exploram todos os meios de publicidade.

O programma do *Diario de Noticias* está posto em acção no seu 1.º numero. A empreza não faz senão uma promessa, e é que buscará corresponder á confiança publica, e ser grata ao favor com que espera vêr acolhida a sua idéa, operando gradualmente todos os melhoramentos que a experiencia lhe fôr aconselhando<sup>5</sup>»

*Deste convívio nasceu o plano de um jornal independente, noticioso e inoffensivo; e em virtude d'elle a 29 de Dezembro de 1864 appareceu o 1.º numero do Diario de Noticias.*

Fac-símile de um trecho da carta dirigida em 1890 por Thomaz Quintino Antunes, a êsse tempo Visconde de S. Marçal, ao autor d'este livro (carta que em outro logar vai publicada na íntegra) e cujo teor é o seguinte: «D'este convívio (com Eduardo Coelho) nasceu o plano de um jornal independente, noticioso e inoffensivo; e em virtude d'elle a 29 de Dezembro de 1864 appareceu o 1.º numero do *Diario de Noticias*.»

<sup>5</sup> O programa do *Diario de Noticias*, assim exposto em termos de grave compromisso perante o público, teve, no mesmo número de apresentação de 29 de dezembro de 1864, uma glosa faceta, em forma de gazetilha popular, género que depois veio a ser muito cultivado nas colunas daquêle e doutros jornais por alguns poetas e versejadores que nessa es-

Este programa, simples como agora parece, importava contudo, por si só, uma transformação profunda na imprensa portuguesa.

Estava-se, na verdade, ha meio século, pouco mais adiantado em Portugal do que em França, no tempo da Restauração, no tempo do jornalismo essencialmente doutrinário, em que eram tão grandes os artigos como pequenas eram as tiragens<sup>6</sup>. Porque ainda não havia surgido Girardin, o grande revolucionário da imprensa francesa, e com êle o período em que a literatura e as notícias deviam começar a preponderar nos periódicos, cedendo a política, a pouco e pouco, o passo á *reportagem* e á crónica<sup>7</sup>.

É certo que nem todos reconhecem nesta evolução um progresso, e que, bem ao contrário, muitos lhe atribuem o que vulgarmente se chama «a crescente decadência do jornalismo», discordando da opinião e do conselho emitidos pelo ilustre membro da Academia francesa e director da Escola Normal Superior, Ernest Lavisse, que ao discursar por ocasião da distribuição dos prémios aos alunos das escolas comunais de

pecialidade criaram renome em Portugal, á semelhança dos improvisadores que em França, desde o boémio Jean Loret até Raoul Ponchon, se celebrizaram na redacção das «crónicas rimadas» dos periódicos.

A mero titulo de curiosidade, aqui vai transcrita essa gazetilha :

«O Diario de Noticias—participa aos seus leitores—que não conta só delicias,—que tambem descreve horrores.—Ha agora um casamento?—solta um riso de alegria.—Dae-lhe uma festa ou folia—vereis seu contentamento.—Mas se acaso o alegre noivo—ao dançar caiu no chão—o jornal mostra-se triste.—Se um sino faz tlão tão dão,—mostrando que não existe—um prestante cidadão,—eil-o traja a côr do goivo—e ora, pois é christão.—Echo da sociedade,—com ella chora ou sorri,—correndo pela cidade,—entrando aqui e ali;—ante todos se descobre,—visita o burguez e o nobre,—e da arte e do artista—descreve a nova conquista,—e com verdade e decencia—conta tudo quanto vir—sem cançar a paciencia,—ora sisudo, ora a rir.—Os progressos da sciencia—junto á anedocta promete—e as boas e más estreias,—mas a ralhar não se mette—nem falla em vidas alheias.—Vêm já que com taes modos—é um jornal para todos.»

<sup>6</sup> Da seguinte local inserta no antigo *Archivo Pittoresco*, vê-se quanta admiração causavam ha cincoenta anos as tiragens de jornais que então se reputavam *fabulosas* e que hoje, á vista das que se fazem por centenas de milhares, como as dos grandes quotidianos das principais capitais do mundo, se afiguram mesquinhas e insignificantes:

«*Jornaes francezes e inglezes*: A tiragem de alguns periódicos francezes no fim de 1865, era fabulosa. Por exemplo, o *Siècle*, órgão do partido liberal, extrahia 45:000 exemplares por dia; o *Moniteur*, órgão official, 20:000; á *Patrie*, 16:000; a *Presse*, 15:000; e a *Opinion Nationale*, 14:800.

«O *Standard*, de Londres, é a folha que dispõe na Europa de mais importante material typographico, pois tem seis machinas que imprimem 85:000 exemplares por hora. A tiragem do *Times*, na epocha referida, era de 40 a 50:000 exemplares diários.» *Archivo Pittoresco*, vol. VIII, anno de 1865, pags. 399.

<sup>7</sup> «O génio de Girardin acabou de transforma-la (a imprensa francesa). Do órgão doutrinário, lido e apreciado por uma *élite*, êle converteu-a no órgão popular de preço módico e elevada tiragem.» Adolphe Brisson, prefácio do livro de A. de Chambure *A travers la presse*, Paris, 1914, pag. IX.

Nouvion-sur-Thiérarche, em 5 d'outubro de 1913, dizia: «Quando fôrdes mais velhos, habituai-vos a ler um jornal. Encontrareis nos jornais populares com que vos instruais ácerca dos grandes acontecimentos que se dão no vosso país e em todos os países do mundo!» Mas não é menos certo também, e não é menos justamente, a meu ver, que outros filiam aquela pretendida decadência, por um lado, na exploração da imprensa pelo desenfreado *affarismo* da política e da finança, que a escravizam a ambições e interesses pessoais nem sempre escrupulosos, e por outro, no desbocamento das polémicas jornalísticas, nessa frequente inobservância d'uma simples regra de bem viver, por Henri Maret definida nestes justíssimos termos—o não escrever cada um senão aquilo que seja capaz de dizer cara a cara e de viva voz.

É facto, porém, que, no que respeita á imprensa periódica dos últimos dois terços do século passado em Portugal, do mesmo modo que no jornalismo político e de combate se perpetuou um nome—Antonio Rodrigues Sampaio—ligado a duas folhas notabilíssimas—*O Espectro* e a *Revolução de Setembro*; da mesma forma que no jornalismo literário<sup>8</sup> avultam, entre outros, os nomes ilustres de Antonio Feliciano de Castilho (Visconde de Castilho) e Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos; assim também do jornalismo popular e noticioso, imparcial e morigerado, inofensivo na propaganda e incolor em política, ha de ficar, distinto entre todos, um modêlo no género—o *Diario de Noticias*—e entre todos inconfundível, um nome glorioso e venerado—o de Eduardo Coelho.

\*  
\*      \*

A feliz idéa que presidira á criação do jornal, não menos que o modo prático por que se lhe dava realização, a prodigiosa actividade desenvolvida para em nada se faltar aos pesados compromissos contraidos, sem demora determinaram um tal crescendo de aceitação e de simpatia, que, no fim do primeiro ano de publicação, tinha-se a tiragem do *Diario de Noticias* elevado, de 5:000, como fôra a princípio, a 9:600 exemplares por dia.

Todos procuravam e liam êsse «grande jornalsinho», como Bulhão Pato lhe chamava<sup>9</sup>. E se rialmente, em pouco mais de um ano, a tiragem

<sup>8</sup> O *Archivo Pittoresco*, no seu vol. 1, a pag. 93, insere um interessante artigo de Andrade Ferreira ácerca do *Jornalismo literario em Portugal*.

<sup>9</sup> *Diario de Noticias* de 17 de julho de 1866.

quasi duplicava, triplicando o número dos seus anunciantes e vendedores, simultaneamente também fôra elevado ao dôbro do primitivo o seu maior formato<sup>10</sup>.

Como era de prever, uma tão rápida prosperidade despertou imediatamente invejas, criando inimizades entre os oficiais do mesmo officio; e á

Atraído certamente pelo prestígio que o *Diario de Noticias* em pouco tempo conquistara, o illustre escritor Ramalho Ortigão propunha a Eduardo Coelho, ainda quando aquela folha se não publicava ás segundas feiras (o que só principiou em 19 de dezembro de 1870) «fazer um periodico semanal intitulado *Gazeta da segunda-feira*» nas condições seguintes:

«1.º Que elle seja publicado na typographia do *Diario de Noticias*;

«2.º Que os annuncios que os concorrentes ao escriptorio do *Diario de Noticias* queiram fazer inserir na folha da 2.ª feira sejam ali recebidos, sendo remunerado convenientemente o empregado que se encarregue d'esse trabalho e recebendo a empreza do *Diario de Noticias* uma percentagem por estes annuncios que a *Gazeta da segunda-feira* recebe por sua intervenção.»

Estes eram os precisos termos da proposta que, por motivos que ignoro, não teve seguimento.

O sr. Ramalho Ortigão veio mais tarde a ser, durante muitos anos, colaborador do *Diario de Noticias*, e manteve sempre com Eduardo Coelho as mais íntimas e cordiais relações de amizade.

<sup>10</sup> Passados os primeiros cinco anos, em fins de 1869, dos 50:000 exemplares de jornais, diariamente publicados em Lisboa, nem menos de 17:000, ou quase uma terça parte, eram do *Diario de Noticias*.

O seguinte quadro comparativo, em que se tomaram para termos de confronto os anos de 1865 e de 1885, eloquentemente mostrará quanto aquele jornal progrediu durante êsses dois primeiros decénios.

	1865	1885
Tiragem diária (média). . . . .	7:300	26:000
Máximo de colunas em um só número . . . . .	16	44
Máximo de linhas (aproximado) em um só número. . . . .	1:520	11:220
Máximo de letras (aproximado) » » » » . . . . .	40:000	260:000
Quantidade de anúncios durante o ano . . . . .	14:402	178:078
Média de anúncios por número . . . . .	48	490
Mínimo de anúncios em um só número. . . . .	4	201
Máximo » » » » » » . . . . .	141	686
Números publicados durante o ano . . . . .	297	362
Importância, em réis, das subscrições e esmolas entregues durante o ano. . . . .	196\$560	5:558\$360

A esta nota, redigida em 1890, para a 1.ª edição do presente livro, é curioso adicionar hoje alguns outros dados demonstrativos do extraordinário desenvolvimento e progresso incessantemente operados na vida e nos serviços do *Diario de Noticias*.

Serão esses dados referidos ao ano de 1913, último a que se pode recorrer para termo de comparação, á data em que são escritas estas linhas.

	1865	1885	1913
Quantidade de letras por página (aproximadamente) . . . . .	10:000	65:000	82:338
Quantidade de letras por número (média aproximada). . . . .	40:000	260:000	658:704

guerra, que desde logo se lhe moveu, aliou-se a exploração pouco escrupulosa de interesseiros especuladores <sup>11</sup>.

Nem uns nem outros olhavam a processos. Mês e meio depois da fundação do *Diario de Noticias*, uma folha de Lisboa tomava como título suplementar o de *Jornal de Noticias*, facilmente confundível com aquele, adoptando idêntico programa, formato semelhante e semelhante forma de venda <sup>12</sup>.

	1865	1885	1913
Quantidade de páginas (actualmente com mais do dobro do formato e mais de oito vezes a composição do jornal primitivo) durante o ano . . . . .	1:188	1:448	2:776
Quantidade de anúncios durante o ano . . . . .	14:402	178:078	254:577
Média de anúncios por número do jornal . . . . .	48	490	707
Máximo de anúncios em um só número . . . . .	141	686	1:395

Foi o *Diario de Noticias* de 3 de dezembro de 1913 que inseriu os 1395 anúncios ou publicações pagas a que se alude nesta estatística.

<sup>11</sup> Eduardo Coelho, num folhetim, em verso, do *Diario de Noticias* n.º 3:381, de 18 de julho de 1875, com o título a *Raposa e o Corvo*, parodia a conhecida fábula de Lafontaine, fazendo a si próprio, e ao seu jornal, uma espirituosa aplicação do conceito. Conta a história d'um côrvo, que andara «para arranjar um triste queijo — a lidar a vida inteira — luctando com o negro fado, — soffrendo muita canseira»; d'um côrvo que, «pequeno, abandonado — sem pae, sem mãe a seu lado — curtiu muita fome e frio — muito desdem e despreso — do resto do povo alado.» «. . . Eis quando — premio das tribulações — arranja um cheiroso queijo — fresco, brando, luzidio. — Foi p'ra ver da bicharia — o comico desvario. — Ante o ramoso poleiro — vae passando a romaria, — desfila o longo cortejo.» «E como o corvo cioso — d'um bem que tanto custou, — se mostrou attencioso, — mas o queijo não largou, — um côrvo ao longe soou: — «Pifio, rolha, ruim peça! — falso, vil, malsim, poltrão! — que esse teu queijo apodreça, — ou que t'o rôam os ratos! — que morras de indigestão! — que o soffrer te dê mil tractos — impaño paparrotão! — Não se lembram das rapinas, — nem dos bichos parasitas, — das mil aves exquisitas, — que o sangue das outras sugam, — das carneiras mofinas — garra adunca e rouca voz, — que a nenhuma o pranto enxugam, — e só pensam «Venha a nós!» — Nada, o busilis, a coisa — está no corvo, coitado, — que a ninguem tira um bocado que em mesa alheia não poisa — e um minuto não repouisa — p'ra ter o seu queijo honrado, — Só este é o invejado. . . .» «Mas o corvo tinha lido — a historia d'um seu avô», — que «morria, dava o cavaco — por ouvir certas cantigas. . . .» — «Esse largara o seu queijo — ás leiras d'uma raposa. . . .» — «Essa historia de familia — foi-lhe aviso salutar».

<sup>12</sup> «A idéa fundamental do *Diario de Noticias*, por util e civilisadora, encontrou numerosos adeptos, assim no illustrado publico lisbonense, como no das provincias, aonde a nossa folha ainda não chegou com a profusão com que é já publicada e propagada em Lisboa, por a empresa não haver podido, por enquanto, usar os meios que para esse fim tem em mente. E tão proficua e sympathica foi a idéa, que, além de uma outra folha que se creou em Lisboa, com intuitos diversos dos nossos, ter adoptado á ultima hora um titulo suplementar que se confunde facilmente com o *Diario de Noticias* — qual é o de — *Jornal de Noticias* —, adoptando egualmente a forma de venda do nosso, e fazendo reproduzir pela manhã a sua folha da tarde anterior; além desta, dizemos, dois cavalheiros portuenses tentam agora dar ao prelo, na cidade do Porto, sob o titulo de — *Jornal de Noticias* —, uma folha que nos faz a honra de copiar em tudo o programma litterario e administrativo do *Diario de Noticias*.

«Folgamos sobremodo com estes factos para nós tão significativos, e não só á folha de Lisboa, como á nova folha portuense desejamos larga vida; áquella porque, sendo os seus

Simultaneamente, propalavam-se contra o *Diario de Noticias* falsidades de toda a ordem, por parte dos que pretendiam viver á sombra dos seus créditos e desconceitua-lo na opinião do público; e a perseguição chegava a ponto de se pensar em constituir uma liga de todas as administrações dos principais periódicos de Lisboa, com o fim de fundarem uma folha igual, destinada a distribuição gratuita, e cujo intuito seria aniquila-lo de vez.

Malogrou-se o plano, denunciado pelo correspondente, em Lisboa, do *Diario Mercantil*, do Porto<sup>13</sup>, e por êle proprio legitimamente qualificado de injusta falta de camaradagem, mas não terminaram as agressões, nem findou a perseguição desleal.

Em 27 de março de 1866, a empresa prevenia os seus leitores do aparecimento de uma outra folha (*As Noticias*) «da mesma indole, e de titulo que, pela semelhança, parecia escolhido de proposito para se confundir com o do *Diario*», e no dia seguinte noticiava que, não só diversas pessoas haviam sido enganadas, mas até lhe haviam faltado vendedores, que a empresa do outro jornal conseguira assalariar, para irem em frente das janelas dos escritórios dar morras ao *Diario de Noticias*.

Êste não deixava, todavia, de progredir, rompendo corajosamente por entre os que lhe queriam, a todo o transe, impedir a marcha, atravessando-se-lhe no caminho; e conhecendo bem o intento dos que lhe eram hostis, dizia, em 17 de junho d'aquelle ano:

«O nosso crime é termos fundado um jornal baratissimo para o povo, e que tem a fortuna de possuir consideravel numero de amigos, leitores e annunciantes. *Isto de ter inimigos é uma honrada desgraça*, diz o padre Vieira. Os inimigos veem na proporção dos amigos e dos bens; mas felizmente para nós, na razão de 3 por cento, que é o juro dos papéis de credito»<sup>14</sup>.

intuitos e programma totalmente distinctos dos nossos, diferente é o seu modo de existir; a esta porque vemos nella mais um triumpho em extremo lisongeiro para o nosso modesto e inoffensivo *Diario de Noticias*». (N.º 40, de 18 de fevereiro de 1865).

<sup>13</sup> *Diario de Noticias* n.º 121, de 30 maio de 1865.

<sup>14</sup> Por diferentes vezes, e sob diversos pretextos, tem sido renovada a guerra ao *Diario de Noticias*. Em 1881, uma folha da capital iniciava contra êle uma campanha de descrédito, uma verdadeira *guerra santa*, como lhe chamava o correspondente d'um jornal do Porto, o *Dez de Março* (19 d'outubro de 1881), condenando-a nos seguintes termos: «É preciso sermos justos. Não acho muito exemplar esta autopsia feita na imprensa a um collega que tem sido sempre o primeiro a dar provas de boa camaradagem, e a quem todos os jornalistas, mais ou menos, devem testemunhos irrecusaveis de cordialidade e sympathia». E poderia acrescentar que poucos lhos deveriam em tão subido número, como o jornal e o jornalista por quem o *Diario de Noticias* era acusado de ser «um dos mais poderosos agentes da corrupção publica!»

Depois de uma renhida campanha em que ficou vencido mas não convencido, o eminente professor e estadista Antonio Augusto de Aguiar, aludindo aos obstáculos que o haviam contrariado no seu nobre empenho de melhorar as condições do porto de Lisboa, afirmava, numa conferência pública, que os homens de govêrno se parecem, em muito, com os artistas de teatro; uns e outros, ao mesmo tempo que são vitorizados pelo público, são de ordinário deprimidos, nos bastidores, pelos seus colegas na arte.

O que se dá com os homens de govêrno, dá-se com todos os que se colocam numa evidência honrosa.

Eduardo Coelho experimentou-o como poucos; e não partiu certamente do público essa guerra sem trégoas, de que êle saiu, sem dúvida, largamente vitorioso, mas de que lhe resultaram amarguras e desgostos que muito concorreram para que tam breve se lhe consumisse a vida. Porque o público havia-o compreendido desde logo; e dessa pronta compreensão, dessa perfeita correspondência entre a índole do jornal e o gôsto e o entendimento dos seus leitores, proveio a popularidade que o cercou, e a prosperidade que serviu de justa recompensa a tantos sacrifícios e dissabores <sup>15</sup>.

Se a fortuna do empreendimento estava, em grande parte, na bondade intrínseca da idéa, não menos essencialmente estava também na maneira como essa idéa viesse a ser posta em prática <sup>16</sup>. E o programa do *Diario de Noticias*, consubstanciando, ao tempo em que foi concebido, a razão de ser do jornal, não explicaria ainda agora o porquê da sua longa e desafogada existência, se, como tão raro sucede a programas de qualquer natureza, resistindo a todos os contratemplos, a todos os ataques, a todas as sugestões, não tivesse, até hoje, sido cumprido com a pontualidade e o rigor mais escrupulosos <sup>17</sup>.

<sup>15</sup> «Na redacção do *Diario de Noticias* ha um ponto em que Eduardo Coelho revela para nós o tino jornalístico—a perfeita equação entre o jornal e o publico que o lê. Daqui, parte da popularidade do *Diario*; o resto deve-o ao seu serviço de informações». Biografia de Eduardo Coelho no *Diario de Portugal* de 1 de fevereiro de 1880, n.º 664, transcrita no *Diccionario Bibliographico Portuguez*, t. 12.º pag. 304.

<sup>16</sup> «Muitos houve que pensaram na fundação do jornal noticioso, e ao verem a prosperidade do *Diario de Noticias* ainda hoje pensam que lhes caberia igual fortuna, se tivessem realizado a sua idéa. Puro engano. A idéa era o menos, a perseverança, o tacto, a prudência para a realisar e manter sem alteração era o essencial, e para isso nem todos teriam as condições de espirito de Eduardo Coelho». Artigo de *Ruy-Barbo* (Alfredo Ribeiro) no jornal satírico o *Pimpão*, n.º 661, de 19 de maio de 1889.

<sup>17</sup> «Appareceu Eduardo Coelho nesse anno, com o seu *Diario de Noticias*, e ou fosse pela sua persistencia, pela excellente orientação seguida, por corresponder a uma necessi-

\*

\* \*

Voltaire, nos seus *Conselhos a um jornalista*, havia dito que o meio único de um periódico ainda poder vingar, entre a aluvião de publicações que já no seu tempo enchiam a França, se resumia em duas palavras — ser imparcial.

Ninguém o foi mais e melhor do que Eduardo Coelho, e nenhum jornal, tanto como o *Diario de Noticias*, soube compenetrar-se daquela máxima sensatíssima.

Muitas folhas, de Portugal e do estrangeiro, a teem inscrito nos seus programas como a norma de proceder mais adequada para conquistar leitores. Pouquíssimas, porém, se lhe teem sabido conservar fieis, e ainda em 1880, um jornal que então começava a imprimir-se em Paris, e que, por uma notável coincidência, parecia ter copiado quase textualmente, nalguns pontos, o programa com que o *Diario de Noticias*, 16 anos antes, apparecera em público, explicava, por estas palavras, os intuitos que presidiam á sua criação:

«Decidido a manter completa independência, sem se prender a nenhum partido, escrevendo simplesmente a história, e traduzindo, mais do que a sua própria opinião, a opinião dos outros, pertence a todos, sendo unicamente de si mesmo. E' por isto que procurará tornar-se uma criação verdadeiramente nova entre os jornais que sistematicamente reflectem um partido, um grupo até de tal ou tal partido, quando não succede ser uma determinada individualidade, que aspira, mais ou menos, a ser tida em consideração».

O *Grand Journal*, que assim se dirigia ao público francês, considerava, pois, uma *criação verdadeiramente nova* ainda em 1880, e entre os centenaes de folhas diariamente impressas em França, a independência e a imparcialidade que apregoava aos seus leitores, e que são, na realidade, tam fáceis de prometer, quam difíceis de observar sem desvios.

Entre nós, já em 1826 apparecera o programa d'um jornal intitulado *O Portuguez*, no qual se inscreviam estes sensatos preceitos, quase qua-

---

dade, ou pela sua muita vontade de ser util, o que é certo é que o jornal de 10 réis ficou lançado e tanto se radicou e cahiu no agrado do publico que, a despeito de quantas imitações teem apparecido, ahi vemos ainda hoje o mesmo *Diario de Noticias*, mantendo a linha de conducta audaciosamente traçada pelo seu benemerito fundador, gozando da geral estima, exercendo activa influencia e apresentando, emfim, todos os melhoramentos do jornalismo moderno». *O Jornalismo*, por A. Bessa, 1904, pag. 172.

renta anos depois também preconizados pelos fundadores do *Diario de Noticias*:

«...sem offensa de ninguem nos parece que se póde dizer que não temos tido ainda um verdadeiro jornal.

«Uma sociedade de homens de letras, jurisconsultos e negociantes regularmente formada para este fim, emprehende agora a publicação de um periodico dirigido e administrado de maneira que satisfaça aos desejos do público, e mostre em fim escripto em portuguez um jornal como os das outras nações civilizadas. Ao menos fará o que em nosso estado se póde fazer; havendo razões para se confiar na boa vontade dos redactores; os quaes se devem cingir ás seguintes regras.

O *Portuguez* será sempre imparcial, nunca orgam de partidos quaesquer que sejam elles; advogará as instituições legítimas, a liberdade bem entendida, e a plena e perfeita independencia nacional, por a qual pugnaram sempre os nossos avós.

A sociedade tem formado um largo fundo, com que amplamente póde satisfazer todas as consideraveis despesas do estabelecimento.

As noticias da Côrte e da Real Familia occuparão o primeiro logar nas columnas d'este jornal.

A sociedade recebe já regularmente todos os jornaes estrangeiros acreditados, tanto da Europa como da America para a regular e prompta publicação das noticias estrangeiras.

Tem tachigraphos seus para as sessões das Córtes de ambas as Camaras.

Dará a summa de todos os actos e determinações do Govêrno.»

Mas o que é facto é que *O Portuguez* subintitulava-se *jornal politico*, o que tornava desde logo suspeita a sua isenção partidária e o não livrava de discussões apaixonadas. Além de que, pelo seu custo, 60 réis cada exemplar, ficava inacessível ás classes populares, ás quais o *Diario de Noticias* mais especialmente se destinava.

Propondo-se portanto, segundo o seu programa, *registar com a possivel verdade todos os acontecimentos*, e procedendo inalteravelmente nesta conformidade, o *Diario de Noticias* havia descoberto um dos mais eficazes segredos da sua boa fortuna.

Era igualmente uma das suas promessas o *eliminar o artigo de fundo, não discutindo politica, nem sustentando polémica*.

O artigo de fundo, como se sabe, é o que geralmente define a attitude do jornal na política, marcando o logar dêste nas fileiras partidárias. Por isso mesmo, é nele também que as paixões resfolgam com mais ardor, é nele que mais se acentuam as incompatibilidades pessoais e mais avultam os antagonismos de facção.

Ora, ao tempo em que o programa do *Diario de Noticias* prometia a eliminação do artigo de fundo político, não havia — como ainda hoje é

raro—folha que dele não fizesse a sua principal arma de combate, e conjuntamente o seu melhor processo de cativar prosélitos.

A abstenção da polémica jornalística era, por assim dizer, um corolário da supressão do artigo editorial político, onde tal polémica mais larga e mais azedamente costuma expandir-se; e estas duas inovações criavam, desde logo, ao *Diario de Noticias* uma situação *sui generis*, definindo-lhe a atitude e particularizando-lhe o carácter.

Em 1868, Mendes Leal, dissertando ácerca dos deveres da imprensa, dizia que esta não argumentava, invectivava; não discutia, exprobatava; não se contentava de teorias e só se alimentava de difamações, pospondo o acto, para só curar da pessoa<sup>18</sup>.

Claro é que este proceder, bem diverso do ideal duma imprensa independente e cordata, havia de necessariamente conduzir a êsses funestos resultados que Benjamin Constant apontava, aludindo ao jornalismo francês do seu tempo: não ficar, num país de muitos milhões de habitantes, um nome sem mácula, uma acção ilibada de calúnia, uma memória pura, uma verdade tranquilizadora, um único princípio consolador.

Proscrevendo também das suas colunas a *exposição dos actos da vida particular dos cidadãos, as injurias, as alusões desonestas e reconvenções insidiosas*, preceituando a correcção duma *linguagem decente e urbana*, o *Diario de Noticias* apartava-se ainda com vantagem do caminho trilhado pelos periódicos da época.

Nem todos, é certo, o compreendiam assim, e um dos defeitos que pretendiam encontrar no novo jornal, era precisamente o de eximir-se a contendas acaloradas. Defendendo-se, porém, desta imputação, respondia aos acusadores:

«Conhecemos quanto é mais facil que a linguagem composta, a phraseologia desgredada; menos difficil o estylo caustico que o emoliente; menos obrigada a praxes a paixão desenfreada que a aspiração regrada pela luz serena do entendimento, claro ou obscuro». (N.º 2:731, de 7 de setembro de 1873).

«Não nos furtamos a entrar em qualquer conversação urbana, decorosa e util; ao que nós fugimos systematicamente é ás polemicas desvairadas, insultuosas e inuteis, que offendem ás vezes a moral e o bom senso, aborrecem os leitores, e são uma das causas principaes da decadencia da imprensa politica, e da indifferença com que, segundo já vimos escripto, o publico a olha por vezes; a essas e a tudo quanto n'esse genero se filia, negamos

<sup>18</sup> *A America*, n.º 9:—*Dos deveres da imprensa*.

desde muito absolutamente as nossas columns, fechando-lhe até as portas da administração, embora com damno dos legitimos interesses da empresa». (N.º 4:538, de 28 de setembro de 1878).

Não implicavam contudo estas normas, que invariavelmente tem sido mantidas, o silêncio ou a abstenção do *Diario de Noticias* nas questões de princípios e em matéria de ordem pública, ou de utilidade geral. Atestam-no o modo como, desde a sua fundação até hoje, sempre calorosamente tem pugnado por tudo o que se relaciona com a autonomia do país e os melhoramentos de interesse comum, com todas as grandes e patrióticas manifestações da vitalidade nacional.

Provam-no, entre outros factos coevos dos seus fundadores, a sua infatigável campanha contra as maquinações que, ha quarenta para cincoenta anos, promoviam a chamada *união ibérica*, os seus esforços para a comemoração do tricentenário de Camões<sup>19</sup> e do centenário do Marquês de Pombal, para a realização do congresso literário internacional de 1880, do inquérito industrial, da exposição agrícola e das obras do porto de Lisboa, que, como todos reconheceram, desde o ministro que as propôz até á classe comercial a quem elas mais directamente interessavam, á propaganda constante e pertinaz do *Diario de Noticias* deveram o ser mais prontamente decretadas.

Essas tradições honrosas que Eduardo Coelho e Thomaz Quintino Antunes legaram aos seus sucessores não foram por estes menosprezadas ou falseadas; e nos últimos quinze anos, do mesmo modo que nos sete lustros precedentes, não houve iniciativa patriótica ou empreendimento educativo e humanitário que no *Diario de Noticias* não encontrasse patrocínio valioso. Institutos de assistência pública, Ligas de instrução<sup>20</sup>,

<sup>19</sup> Em 10 d'abril de 1880 a comissão executiva do tricentenário de Camões escolheu o *Diario de Noticias* para seu órgão oficial.

<sup>20</sup> Um dos mais honrosos documentos demonstrativos do valor atribuido aos serviços que o *Diario de Noticias* tem prestado como educador do povo, é o diploma que em 24 de abril de 1908 lhe foi conferido pela Liga Nacional de Instrução, por ocasião do *Primeiro Congresso Pedagogico*, reunido em Lisboa naquele mês.

Eil-o:

### **Liga Nacional de Instrução**

Primeiro Congresso Pedagogico

celebrado em Lisboa em Abril de 1908

A Liga Nacional de Instrução, tomando conhecimento no seu primeiro congresso, dos esforços da iniciativa particular em prol da educação do Povo Português, proclamou **Benemerito** da instrução popular nacional o *Diario de Noticias*, antigo jornal de Lisboa,

# LIGA NACIONAL DE INSTRUÇÃO

Primeiro Congresso Pedagógico

Celebrado em Lisboa em Abril de 1908

*A Liga Nacional de Instrução, tomando conhecimento, no seu primeiro congresso, dos esforços da iniciativa particular em prol da educação do Povo Português, proclama **BENEMÉRITO** da instrução popular nacional a *Divisão de Instrução* antiga *Journal de Lisboa*, fundada em 1861 por *Eduardo Coelho*, e o *primeiro* *circulo* *pedagógico* *de Lisboa*, que desde a sua fundação até hoje tem contribuído valiosamente para o desenvolvimento da instrução popular.*

*Lisboa, 24 de Abril de 1908.*

O Presidente

*J. Lourenço*

O 1.º Secretario

*M. Ruy*

O 2.º Secretario

*M. Ruy*

cooperativas e associações de classe, como a dos jornalistas<sup>21</sup>, congressos, como o da Imprensa em setembro de 1898 e o do Turismo em maio de 1911, iniciativas de monumentos e outras homenagens aos grandes vultos da nossa história literária ou política<sup>22</sup>, grandes comemorações nacionais como a do quarto centenário do descobrimento do caminho marítimo para a Índia<sup>23</sup> e a do centenário da Guerra Peninsular, certames d'arte, de iniciativa quer alheia, quer própria (e de iniciativa própria foi a notabilíssima exposição dos trabalhos de Columbano realizada em janeiro de 1904)<sup>24</sup>,

fundado em 1864 por Eduardo Coelho, e o primeiro vendido pelas ruas a 10 réis, que desde a sua fundação até hoje tem contribuído valiosamente para o desenvolvimento da instrução popular.

Lisboa, 24 de Abril de 1908.

O Presidente

*Z. Consiglieri Pedroso*

O 1.º Secretario

*M. Borges Grainha*

O 2.º Secretario

*Trindade Coelho*

<sup>21</sup> A segunda *Associação dos Jornalistas*, de Lisboa, criada por Alvará de 24 de setembro de 1896 e fundada por iniciativa de Trindade Coelho, Magalhães Lima, Brito Aranha e Alfredo da Cunha, teve, durante os seus primeiros anos, a sede nos escritórios do *Diário de Notícias*, a cujos prestimosos serviços os respectivos relatórios anuais fazem elogiosas referências e testemunham o merecido agradecimento.

<sup>22</sup> Foi para o número de homenagem do *Diário de Notícias*, de 8 de março de 1895 — data em que se realizou em Lisboa a apoteose de João de Deus, promovida pela mocidade das escolas — que o próprio autor do *Campo de Flores* expressamente escreveu a seguinte quadra:

**8-3-95**

*Que vindes cá fazer, oh Mocidade?  
Despedir-vos de mim?... Quanto vos devo!  
Tambem levo de vós muita saudade!  
E em lá chegando á outra vida... escrevo.*

JOÃO DE DEUS.

Remodelada e completada por decreto de 9 de março de 1905 a grande comissão criada por decreto de 28 d'abril de 1882, a fim de se erigir um monumento ao Marquês de Pombal e incluído nela, bem como na comissão executiva, de que foi primeiro secretário, o autor deste livro, já então director do *Diário de Notícias*, abriu este jornal uma subscrição pública, a qual rendeu, só de per si, quase a décima parte da importância de toda a subscrição nacional obtida por diversas formas e de múltiplas origens.

<sup>23</sup> Veja-se a nota final **D**.

<sup>24</sup> Promovida por uma comissão composta de Columbano Bordallo Pinheiro, Antonio Ramalho, Costa Motta, Eduardo de Noronha, Roque Gameiro, Rozendo Carvalheira e Alfredo da Cunha, que em 25 de novembro de 1903 fez distribuir as competentes circulares, realizou-se em janeiro de 1904, na sala da redacção do *Diário de Notícias*, uma exposição das principais obras artísticas de Columbano. Era intento dos promotores, como se declarava na circular aludida, «integrar e documentar em todas as suas principais fases a vida artística de Columbano» a fim de «formar-se, desse modo, a respeito da sua obra, uma apreciação de conjunto» impossível até então de obter atenta a dispersão dos seus trabalhos. 122 trabalhos de Columbano foram expostos, não figurando todos os recebidos para tal fim, por haverem alguns chegado tarde para se lhes dar uma colocação conveniente.

todos êsses cometimentos de alta significação moral ou educativa e cujo breve registo se encontrará nas *efemérides* insertas neste livro, teem achado no *Diario de Noticias* um dos mais eficazes, e, em alguns casos, o mais eficaz dos seus elementos de êxito perante o público.

O inteiro desprendimento de tudo que não fôsse o cumprimento fiel do programa que se impuzera, sem ligações pessoais, políticas ou financeiras que compromettessem a crítica dos factos ou pervertessem a apreciação das pessoas, criaram ao jornal uma singular posição de liberdade e de desassombro, que por isso mesmo lhe imprimiu uma superior autoridade moral<sup>25</sup>.

---

Havendo as despesas da exposição corrido por conta do *Diario de Noticias*, foi o produto das entradas oferecido á Sociedade Nacional de Belas Artes, cujo presidente enviou ao director daquele jornal o seguinte officio:

... Sr.

Tenho a honra de comunicar a V. que, reunindo extraordinariamente esta direcção, para tomar conhecimento da valiosa offerta de 123\$500 réis, importancia do saldo da Exposição Columbano, promovida pela commissão a que V. tão superiormente preside, e de 615 catalogos da referida exposição, resolveu, por unanimidade, exarar na acta votos de profundo agradecimento por tão importante donativo, assim como de regosijo pelo brilhante exito com que essa illustre commissão viu coroada a sua sympathica iniciativa, que muito veiu contribuir para o desenvolvimento do movimento artistico nacional.

Deus Guarde a V. — Sociedade Nacional de Bellas Artes, em 23 de Fevereiro de 1914.

... Senhor Dr. Alfredo da Cunha.

O Presidente  
Antonio Ramalho

<sup>25</sup> Em carta dirigida a Eduardo Coelho, em 13 de setembro de 1868, e que precedia o folhetim *Duas fachadas* (*Diario de Noticias* n.º 1:117, de 1 de outubro), romance original de Teixeira de Vasconcellos, dizia êste: «Folguei muito de que a minha prosa desataviada e chã fôsse vulgarizada na folha mais lida em Portugal, e mais protegida até hoje pelas classes populares. Assim a doutrina da minha narrativa terá grande publicidade, e passará entre o povo reforçada com a autoridade moral do *Diario de Noticias*, cuja seriedade em todos os assuntos v. tem sabido manter com louvavel discernimento e grande benevolencia».

Estes predicados fizeram com que o *Diario de Noticias*, em 1880, fôsse, como já notei, pela commissão executiva da imprensa para a celebração do tricentenário de Camões, escolhido, na sessão de 8 de abril, para seu *órgão official*, como o foi ainda, desde outubro daquele ano, da Associação dos Jornalistas e Escriitores Portugueses, e como foi também, e embora officiosamente, o órgão do congresso das associações portuguezas, das comissões nomeadas para a realização do inquérito industrial de 1881, do centenário do Marquês de Pombal, em 1882, das exposições agrícola de 1884 e agrícola e industrial de 1888,—numa palavra, de todas as obras filantrópicas e de todos os cometimentos de interesse nacional.

Do diploma de cooperação conferido ao *Diario de Noticias* pela commissão executiva da exposição agrícola de 1884, na tapada da Ajuda, consta o seguinte:

«A commissão executiva confere um diploma especial honorifico ao *Diario de Noticias*, de Lisboa, pelos relevantissimos serviços prestados á agricultura portugueza por occasião da exposição.»

UM ASPECTO DA EXPOSIÇÃO COLUMBANO NA SALA DA REDACÇÃO DO *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, NO DIA DA INAUGURAÇÃO



1                      2   3                      4   5                      6                      7                      8                      9                      10

- 1 — Celso Herminio, colaborador artístico do *Diário de Notícias* = 2 — Columbano Bordallo Pinheiro = 3 — M. Emygdio da Silva, colaborador do *Diário de Notícias*,  
4 e 5 — O director do *Diário de Notícias*, Alfredo da Cunha e seu filho José Coelho da Cunha, actual comproprietario do mesmo jornal.  
6 — D. Maria Adelaide Coelho da Cunha, comproprietaria do *Diário de Notícias* = 7 e 8 — D. Maria Augusta e Rafael Bordallo Pinheiro, irmãos do expositor Columbano,  
9 — José Thomaz Coelho, comproprietario do *Diário de Notícias*, = 10 — Albino Pimentel, redactor do *Diário de Notícias*.

Francklin, escrevendo a Hopkinson, e aplaudindo-o por se não envolver em questões pessoais, dizia-lhe que a vergonha e o escândalo que elas provocavam, levavam-no a arrepear-se seriamente de emprestar um periódico a quem quer que fôsse, antes de meudamente o haver examinado. Tal não sucederia decerto com a nova folha, que, embora com prejuizo de interesses, vedava as suas colunas aos próprios comunicados de responsabilidade alheia, desde que envolvessem quaisquer alusões ofensivas ou deprimentes.

No n.º 189 do *Diario de Noticias*, prevenia a empresa de que não admitia «*casos da vida particular ou publicações infamantes, quer para o corpo da redacção, quer para a secção dos annuncios*», não se tomando conhecimento de cartas anónimas; e, no n.º 273, ainda acrescentava:

«Bom conselho ao povo, respeito a todos os cidadãos, acatamento aos poderes constituídos, amor ao progresso, á patria e á religião santa de nossos maiores, e profundo acatamento ao foro da consciencia alheia e ao inviolavel lar do cidadão, eis os preceitos do nosso decalogo. Não faremos nunca da imprensa—foco de luz creadora—instrumento de terror, pelourinho de difamação, agente de paixões ruins».

E os cincoenta anos de vida do *Diario de Noticias* aí estão atestando, como uma eloquente lição, o respeito com que estes moralizadores princípios teem sido observados.

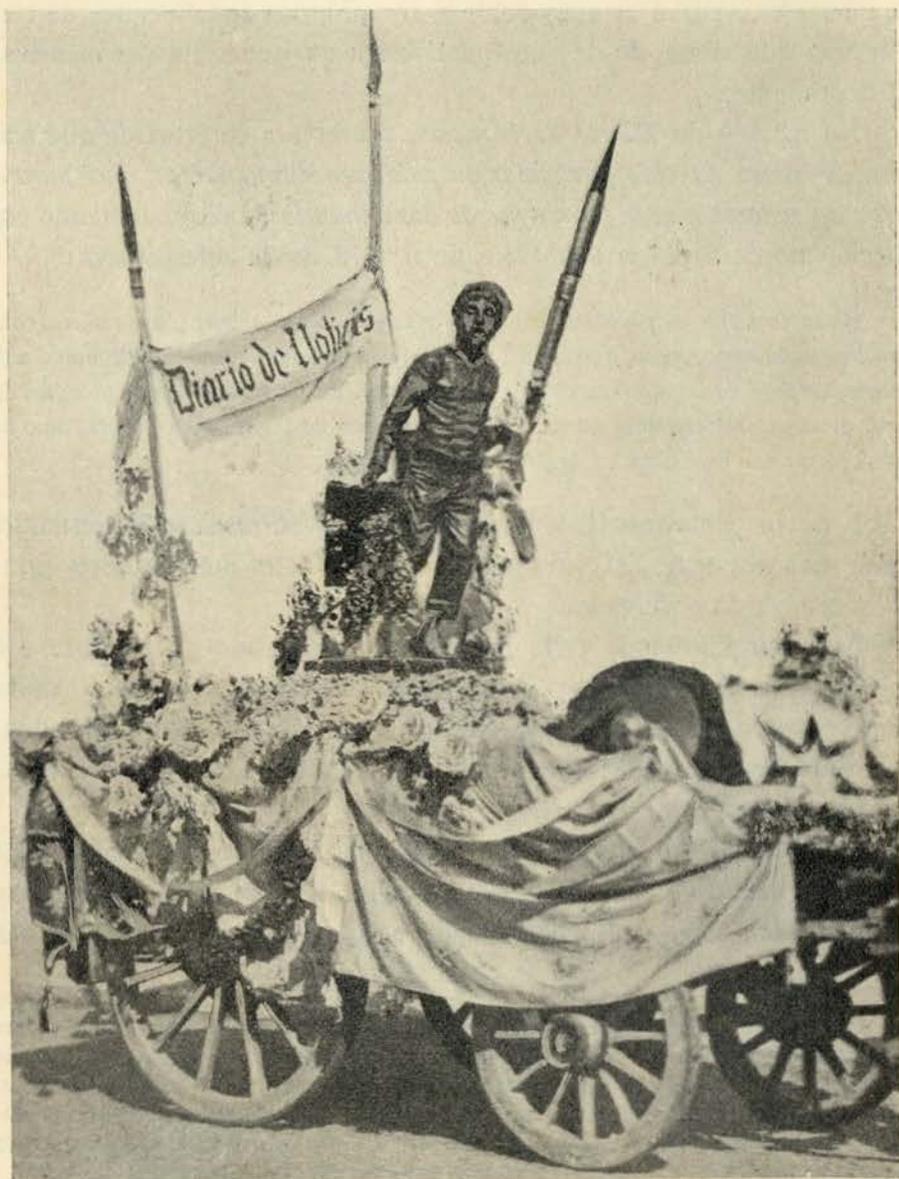
Escreveu Littré que cada povo tem o jornalismo que merece, e é hoje matéria corrente que a imprensa conseguiu elevar-se á altura dum verdadeiro *poder do estado*—do primeiro talvez, a aceitar-se a doutrina dum illustre jornalista francês de que é ela que faz e desfaz todos os demais poderes<sup>26</sup>.

Quando, pois, o nível do senso nacional entre nós atingir um mais alto grau, quando a opinião pública, dirigida por um mais são critério, acentuar, com carácter de generalidade, a sua predilecção pela imprensa

<sup>26</sup> Um nosso insigne juriconsulto, professor, estadista e parlamentar distintíssimo, que foi chefe do governo e a quem se devem alguns dos mais notáveis livros de jurisprudência que nestes últimos 50 anos têm visto a luz pública em Portugal, o Dr. José Dias Ferreira, escrevendo, em 1885, a Eduardo Coelho, chamava-lhe o «*poder occulto por excelencia*» aludindo a êsse «*quanto poder do Estado que não precisa de estar reconhecido na constituição e que, talvez por isso, governa mais do que os restantes quatro poderes reunidos.*»

E' a mesma idéa assim expressa por Adolphe Brisson no prefácio do livro de A. de Chambure—*A travers la presse* (Paris, 1914, 5.ª edição, pag. VII): «Nous vivons sous le règne du «quatrième pouvoir». Le journal, roi de l'univers, se rattache à tout, va partout, porte partout la passion et la lumière. La même feuille de papier se glisse dans le palais et dans l'usine, parle à l'intellectuel et à l'ignorant, partout interrogée, commentée, aimée du plus grand nombre, redoutée de quelques-uns.»

genuinamente independente e verdadeiramente imparcial, então melhor se apreciará a proficuidade da lição que os esforços dos fundadores do *Diário de Notícias* em si continham, fazendo-se-lhes a justiça inteira que até aqui tantas vêzes e tão infundadamente lhes tem sido negada.



O carro alegórico do *Diário de Notícias* no cortejo realizado por ocasião das Festas da cidade de Lisboa, em junho de 1913

Projecto e ornamentação de Augusto Pina.

\*  
\*   \*  
\*

«Se o povo não lia, era porque não tinha leituras accessíveis ás suas limitadas posses», escrevia Eduardo Coelho no *Diario de Noticias*, em fins de março de 1865. «Com três mezes de existencia apenas, esta folha é hoje adquirida diariamente por mais de 6:000 pessoas de todas as classes e sexos, desde o paço dos nossos reis, até á humilde morada do pobre».

Subordinando-se exclusivamente a um fim científico, literário ou artístico — mais geralmente político — os periódicos daquela época não atentavam em que, estranha á política, e, pela sua limitada instrução, pouco interessada pela alta sciência ou pela alta literatura, havia no país uma classe, de todas a mais numerosa, cuja curiosidade se satisfazia com as notícias de interesse geral, quanto possível exatas e não desfiguradas pela paixão de quem as transmitisse, e cujo gôsto pela leitura não podia evidentemente ser cultivado por meio de publicações muito acima dos seus recursos pecuniários e intellectuais. Podia-o, e devia-o ser, contudo, por meio de escritos, singelos na forma, facilmente assimiláveis, claros na idéa, quer no tocante aos factos occorrentes, quer á difusão dos conhecimentos gerais indispensáveis á vida, sempre interessantes, sempre práticos, sempre adequados ao fim de illustrarem e prenderem sem esforço a atenção de quem lia.

Ora as folhas mais consideradas de ha cincoenta anos não satisfaziam manifestamente este *desideratum*, porque a política absorvia tudo; e era com verdade que no *Diario de Noticias*, invertendo totalmente estes hábitos, dizia o seu director, ao encetar o 13.<sup>o</sup> anno da publicação do jornal:

«Implantando n'este paiz uma publicação nova, de um character especial, destinada principalmente ás classes a quem se não proporcionavam leituras faceis e modicissimas, que, despertando-lhes, pelas novidades quotidianas, os estímulos da curiosidade, as chamassem ao amor do estudo, ao convívio do jornalismo, de que andavam alheadas, e illustrando-as com as copiosas noções do saber que nestes mil nadas de todos os dias se vão, sem esforço, introduzindo no espirito das multidões — á empreza pareceu-lhe que fazia uma obra digna da cooperação e do aplauso dos homens justos e imparciaes».

Reproduzindo, pois, com absoluta imparcialidade, sob o título — *Eco dos jornais* —, e em lugar das pouco edificantes verrinas jornalísticas, a

«opinião das diferentes folhas políticas acerca dos negocios publicos»; substituindo os longos comunicados injuriosos pelas simples *correspondencias noticiosas* de grande parte das terras do país; aplaudindo sem reserva todos os actos meritórios, sem olhar a indivíduos, e nem sequer a justos resentimentos pessoais; o *Diario de Noticias* oferecia ainda aos seus leitores, em vez do clássico e geralmente irritante artigo editorial político, não só artigos puramente doutrinários e impessoais, mas também um corpo de boa sciência prática, sucessivamente publicado sob a denominação de *Instrução Popular, Lições ao Povo, Sciencia para Todos, Conselhos ás Famílias, Educação Domestica*, etc.<sup>27</sup>.

Em 1 de janeiro de 1871, notava a empresa:

«Contamos na nossa folha mais de 1:500 artigos de historia patria e universal, geographia e chronologia, a reproducção de quasi todos os factos do annuario historico, artigos biographicos e bibliographicos, boa parte da historia sagrada, a historia de quasi todos os heroes do christianismo, um compendio de economia social, outro de hygiene popular, outro de chimica, artigos de physica e medicina, e muitos outros que completam a idéa fundamental do nosso programma».

Como elemento educador, os esforços do *Diario de Noticias* teem portanto um valor incalculável.

Ao fechar o seu primeiro anno de existência, 36 jornais da provincia reconheciam, em termos de caloroso incitamento, os altos serviços devidos pela instrução popular a essa empresa, que mal começava, e na última semana daquele anno, o jornal, transcrevendo o officio dum regedor de paróquia, que era um modêlo de ignorância crassa, definia deste modo o fim a que mirava:

«Sabem para que são os 9:600 exemplares do *Diario de Noticias*? São para que d'aqui a 9:600 dias não haja em nenhuma freguezia rural do paiz nenhum regedor que escreva ao seu administrador participações do jaez da que abaixo se lê».

---

<sup>27</sup> O belo livro de Luciano Cordeiro, *A Sciencia dos pequeninos*, foi a reproducção de uma série de artigos primitivamente publicados no *Diario de Noticias*. Os editores, em nome do sr. Luciano Cordeiro, diziam no prefácio: «O que possa haver de bom, de util e de louvavel no facto da publicação deste escrito, e na propria idéa da sua elaboração, manda-nos o autor dizer, sem reservas nem hezitações, que pertence completamente ao sr. Eduardo Coelho. Foi elle quem suscitou a idéa inicial, quem convidou a estuda-la e a traduzi-la, o autor, quem lhe deu a primeira consagração da publicidade no *Diario de Noticias*. Foi elle ainda, um dos que mais instaram pela presente edição ampliada e correctá, segundo as exigencias da nova forma».

Este fim veio a ser amplamente realizado, e quando, em vez de 9:600, o *Diario de Noticias* conseguira ter algumas dezenas de milhares de leitores, Eduardo Coelho merecia bem as palavras de Antonio Augusto de Aguiar, na carta a que me referirei noutra logar dêste livro — palavras a que a incontrovertida autoridade de homens como Herculano, Castilho e D. Antonio da Costa dava, por seu lado, uma plena e honrosa confirmação; merecia bem que o considerassem como «*valendo só á sua parte por muitas escolas*», tantos foram os conhecimentos úteis que difundiu e tantas as boas e salutares lições que fez frutificar.

Nos *Assuntos do dia*<sup>28</sup>, secção que devia corresponder á dos artigos de fundo políticos das outras folhas, acham-se tratados todos os problemas que interessam o bem estar do povo.

Não se procurem ali nem catilinárias contra certos governos, nem adulações a determinados governantes. O que neles se encontra é a de feza ardente de todas as providências tendentes á protecção das classes laboriosas e da infância abandonada, á reorganização do trabalho operário, ao derramamento da instrução, á criação de asilos, de albergues e de creches, de escolas e de liceus, á educação profissional da mulher; é a condenação das desigualdades do recrutamento, das imperfeições dos tribunais, da emigração desordenada e aventureira, — é tudo, emfim, o que respeita aos assuntos vitais para o país, á sua regeneração colonial, ao engrandecimento dos seus portos, ao largo desenvolvimento da sua indústria e da sua agricultura, a todas as grandes questões sociais da actualidade.

Assim, sem se envolver em política, o *Diario de Noticias* tem adòtado, contudo, como nele se escrevia em 1885, «*uma boa politica na sua significação pratica, fazendo muitas vezes avultar, pela força da sua mesma isenção, os assuntos de interesse nacional*».

---

<sup>28</sup> Esta secção que, em vida de Eduardo Coelho, foi por êle quasi exclusivamente redigida com um bom critério inexcedível, ficou, por sua morte, a cargo do Dr. Sousa Viterbo, escritor de altíssimo valor literário e científico, falecido em 29 de dezembro de 1910.

«Á excepção das crónicas de especialidades e dos artigos que, pela natureza do assunto, deviam exprimir a orientação da folha em questões da exclusiva competência da sua direcção (artigos, desde 1894, com raras excepções, da responsabilidade do autor dêste livro) quase todos os demais, desde meados de 1889, foram devidos á pena de Sousa Viterbo.» (*Elogio de Sousa Viterbo lido na sessão solene da Associação dos Arqueólogos portugueses em 31 de dezembro de 1911 por Alfredo da Cunha*).

O livro *Cem artigos de jornal*, publicado em fins de 1912 como homenagem da empresa do *Diario de Noticias* ao seu falecido e eminente colaborador, é a compilação de cem artigos insertos todos naquela folha e quase todos na secção *Assuntos do dia*.

Veja-se a nota final E.

É verdade que, dentre os que não conseguiam descobrir-lhe qualquer parcialidade, «uns achavam-no amarelo, outros roxo, este azul, est'outro verde, aquele encarnado, aquel-outro violeta . . . todas as côres do iris e suas derivadas»; e assim ora o intitulavam «folha oficial de Prim (embora do próprio caudilho espanhol Eduardo Coelho recebesse, por mais de uma vez, cartas de protesto contra algumas asseverações do *Diario de Noticias*), ora sectaria de Narvaez, agora ministerial, logo opposição, ás vezes folha do paço da Ajuda, e até já periodico miguelista, umas vezes jornal ateu, outras reaccionario, outras protestante, e tudo quanto lhes apraz para honra deles, não menos que para galardão nosso»<sup>29</sup>.

E o próprio *Diario de Noticias* fornece mais de uma prova edificante da injustiça com que o arguiam de pertencer a um ou outro partido político:

«Dizia ante-hontem um papel, que nos ama tanto como á verdade: «O *Diario de Noticias* está ao serviço do partido historico». Lê-se no *Campião das Provincias*, folha opposicionista: «O *Diario de Noticias*, que está ao lado do governo prestando-lhe o seu apoio, etc.». *Nota de um colaborador paciente*: Deixem-se de intrigas, e verão que o tal *Diario* está onde sempre esteve, e onde o seu programma inalteravel o manda estar»<sup>30</sup>.

Tendo noticiado a próxima deposição de um ministério, que efectivamente caía dias depois, succedeu o que era de prever:

«Para os adversarios do governo, nós eramos a folha *sempre bem informada*; para os seus amigos, soffremos o desdouro da informação ser qualificada de *menos leal*, e *falsa* e *insidiosa*. São ossos do officio, e habitos da terra». (*Diario de Noticias* n.º 5:670, de 13 de novembro de 1881).

O motivo contudo por que de tão diversas maneiras sempre o têm apreciado dizia-lho um seu assinante, servindo-se dum conceituoso e conhecido adágio popular, ao ler «em três jornais differentes três descomposturas bastante descompostas no pacifico e inoffensivo *Diario de Noticias*»: — é porque «a melhor fruta é sempre a mais picada dos passaros»<sup>31</sup>, e esta pitoresca explicação definia, só de per si, e melhor do que as mais profundas considerações filosóficas, o porquê das picadas com que os falsos amigos e os inimigos confessos o teem ferido sem piedade.

<sup>29</sup> *Diario de Noticias*, n.º 852, de 13 de novembro de 1867.

<sup>30</sup> *Diario de Noticias*, n.º 3:469, de 15 de outubro de 1875.

<sup>31</sup> *Diario de Noticias* n.º 798, de 10 de setembro de 1867.

\*  
\*      \*

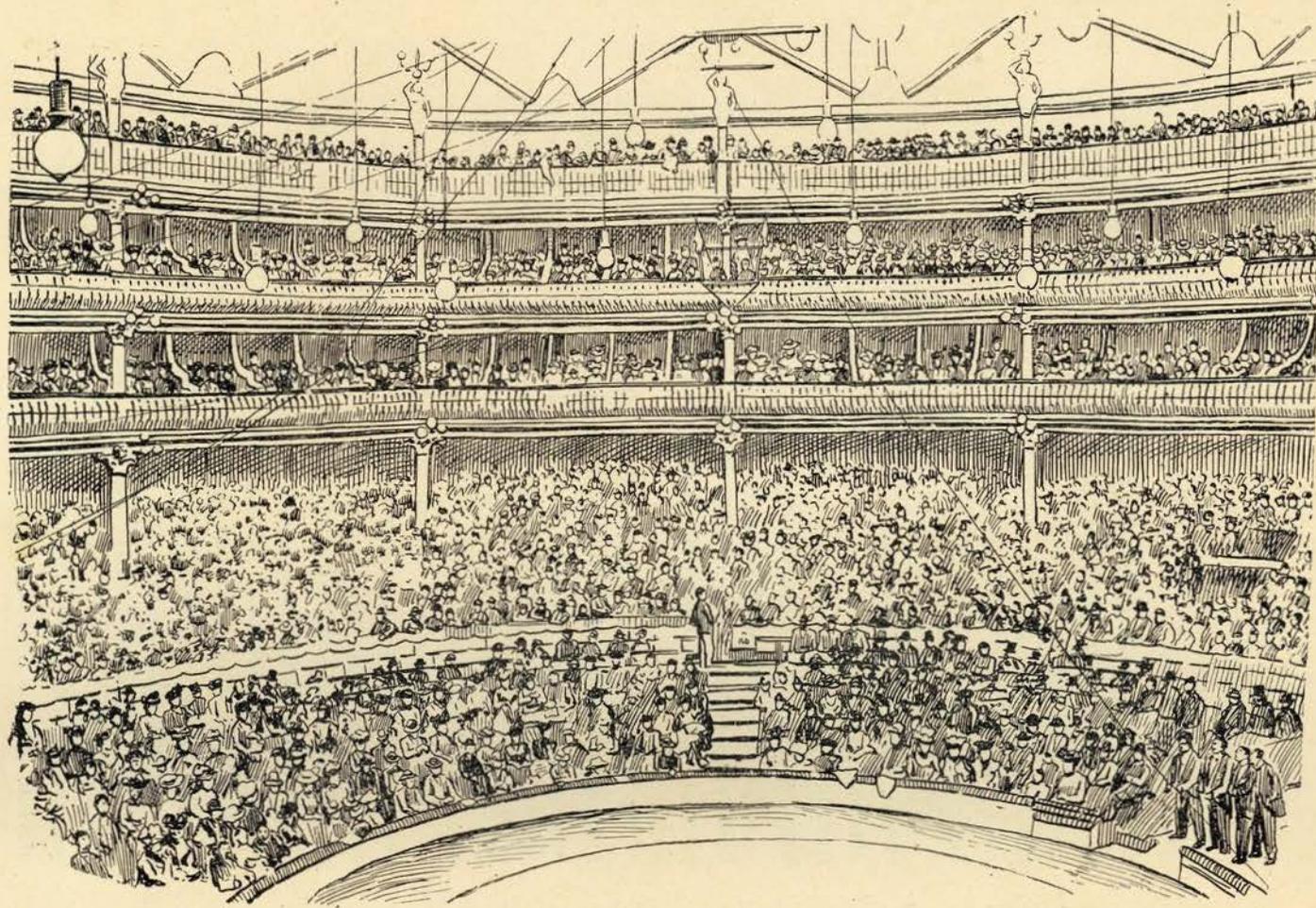
Obedecendo á missão civilizadora que se impuzera, missão mais acentuada por uma propaganda activíssima a favor da criação de institutos de ensino, de associações tendentes a divulgarem o gôsto pelas sciências, pelas letras e pelas artes, outras propagandas, não menos generosas, pelo *Diario de Noticias* teem sido sustentadas com um ardor e uma dedicação que nunca o povo lhe agradecerá sufficientemente.

Pode bem dizer-se que ainda não houve reforma ou iniciativa propositiva, neste último meio século, tendente a melhorar a situação do operário, ou a estimular e a desenvolver a aptidão do artista, que naquela folha não haja encontrado palavras de incitamento e um apostolado tão fervoroso como infatigável.

Data do primeiro número do jornal a primeira súplica em benefício dos pobres, para quem se pediam casas baratas—humanitária aspiração de que o *Diario de Noticias* dezenas de vezes se tem tornado eco.

Se atentarmos no resultado das solicitações diariamente ali dirigidas á filantropia pública, não será também exageração afirmar que poucos estabelecimentos de caridade terão obtido tão importantes recursos para valerem a um tão crescido número de infelizes. E ainda que outros títulos êle não pudesse apresentar á gratidão das classes menos afortunadas, aquele bastaria para o engrandecer no conceito geral.

«*Um dos mais nobres deveres da nossa missão é promover o alivio dos que padecem*», lia-se no *Diario de Noticias*, poucos mezes depois da sua fundação; e logo nesse mesmo ano de 1865, quando ainda mal podia sustentar-se a si próprio, distribuia pelos pobres 200\$000 réis aproximadamente, importância esta que quadruplicava passados apenas dois anos, em 1867, ascendendo as esmolos recebidas em 1870 á quantia de 1:217\$490 réis, com que foram socorridas 1:116 pessoas ou famílias, e subindo a cêrca de 12:000\$000 réis o produto total das que foram distribuidas nos primeiros dez anos da existência do *Diario de Noticias*, isto é, até 1875. E, se compararmos essas duas datas—1865 e 1875—com a de 1885, ver-se-á a que extraordinário desenvolvimento chegou essa protecção aos desvalidos da fortuna. Neste ano conseguiu, por meio de pedidos e de subscrições, e sem contar com o poderoso auxí-



Aspecto do Colyseu dos Recreios na manhã de 9 de janeiro de 1908 generosamente oferecida pelo sr. Antonio Santos a favor dos pobres protegidos pelo Diario de Noticias

lio prestado a todas as festas ou diversões de caridade, uma importância superior a 5:550\$009 réis <sup>32</sup>.

Foi em janeiro de 1868, ano em que as esmolas recebidas se elevaram quasi ao dôbro das que distribuira em 1867, ou fossem 1:350\$890 réis, que o *Diario de Noticias* montou um serviço regular de recepção e distribuição de donativos <sup>33</sup>, para o que tinha em seu poder, logo no princípio dêsse ano, 1:200 atestados de pessoas que pediam alívio para a sua miséria.

Para se avaliar a importância dêsse serviço e dos inúmeros benefícios que, por meio dêle, se prestam cada vez mais ás classes proletárias bastará notar que durante os últimos cinco anos—de 1909 a 1913—foram applicados, por intermédio do *Diario de Noticias*, a obras de beneficência, 25:638\$560 réis.

A esta quantia, representativa de donativos em dinheiro, deverão, porém, juntar-se os valiosíssimos donativos em gêneros que representam uma elevada importância difícil de calcular com exactidão.

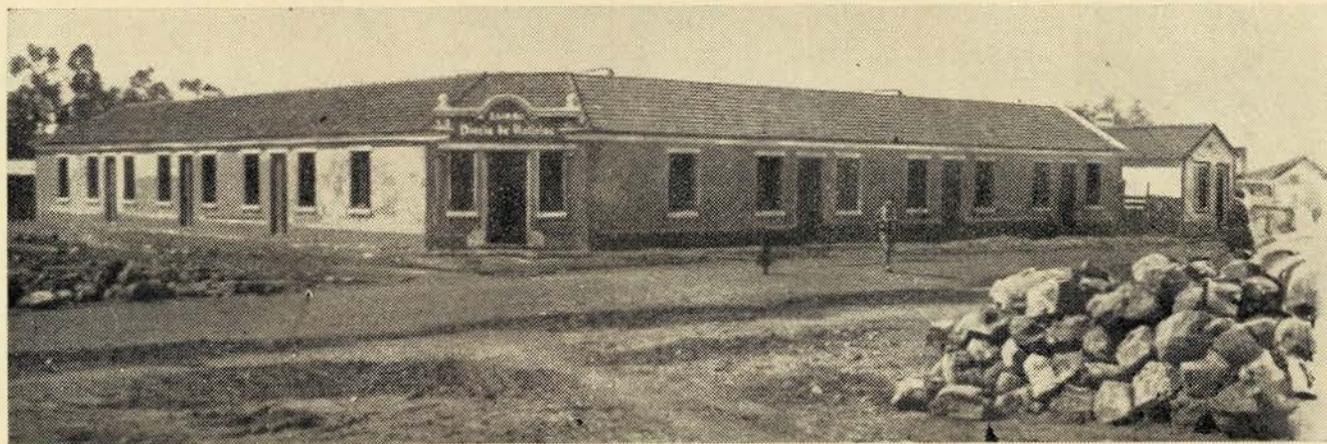
Claro é que no cômputo acima feito destes auxílios prestados pelo *Diario de Noticias*, não se inclui a sua eficaz interferência em todas as obras filantrópicas, que desde a sua fundação se teem realizado em Portugal, e mais particularmente em Lisboa, e que na sua publicidade teem sempre encontrado um dos mais seguros elementos de bom êxito.

Lembrarei, como exemplo, entre muitos outros, o *Albergue dos Invalidos do Trabalho*, excelente instituição devida á iniciativa do benemérito Possidonio Narciso da Silva, e o *Mealheiro para as viúvas e orfãos dos operarios que morrerem de desastre no trabalho*, que receberam o mais

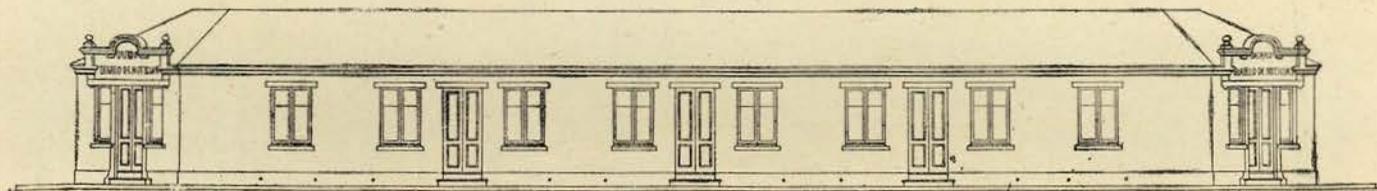
<sup>32</sup> «Desde os primeiros dias da existencia d'esta publicação, que nós adoptamos o costume de solicitar esmolas para os pobres, seguindo o exemplo que já estava estabelecido por um dos jornais mais antigos, buscando assim contribuir para aliviar as desgraças de muitos infelizes que nestes grandes centros da população luctam com a miseria, dando ao mesmo tempo ocasião ás pessoas bemfazejas a satisfazerem as aspirações da sua caridade. E com efeito durante os 20 ânos decorridos da existencia do *Diario de Noticias*, temos podido recolher do publico, que tão largamente tem escutado as nossas preces, para numerosissimos infortunios, algumas dezenas de contos de réis, que teem suavizado muitas dôres morais, dado o pão a muitos famintos, consolado muita desgraça. A nossa *conta corrente da caixa das esmolas do Diario de Noticias* está impressa dia a dia nas nossas columnas.» *Diario de Noticias* n.º 6:888, de 26 de março de 1885.

<sup>33</sup> Êste serviço esteve, desde essa data até agosto de 1903, a cargo d'um dos mais antigos empregados da Tipografia Universal, o seu gerente Luiz Herculano Cesar, que, até falecer, de tal incumbência se desempenhou com um zelo e dedicação inexcedíveis. Sucedeu-lhe Antonio Mauricio, empregado exemplarissimo (falecido em 7 de setembro de 1912) e que não menos zelosa e dedicadamente se desempenhou daquelle encargo, como também de todos os serviços inerentes á gerência da Tipografia Universal.

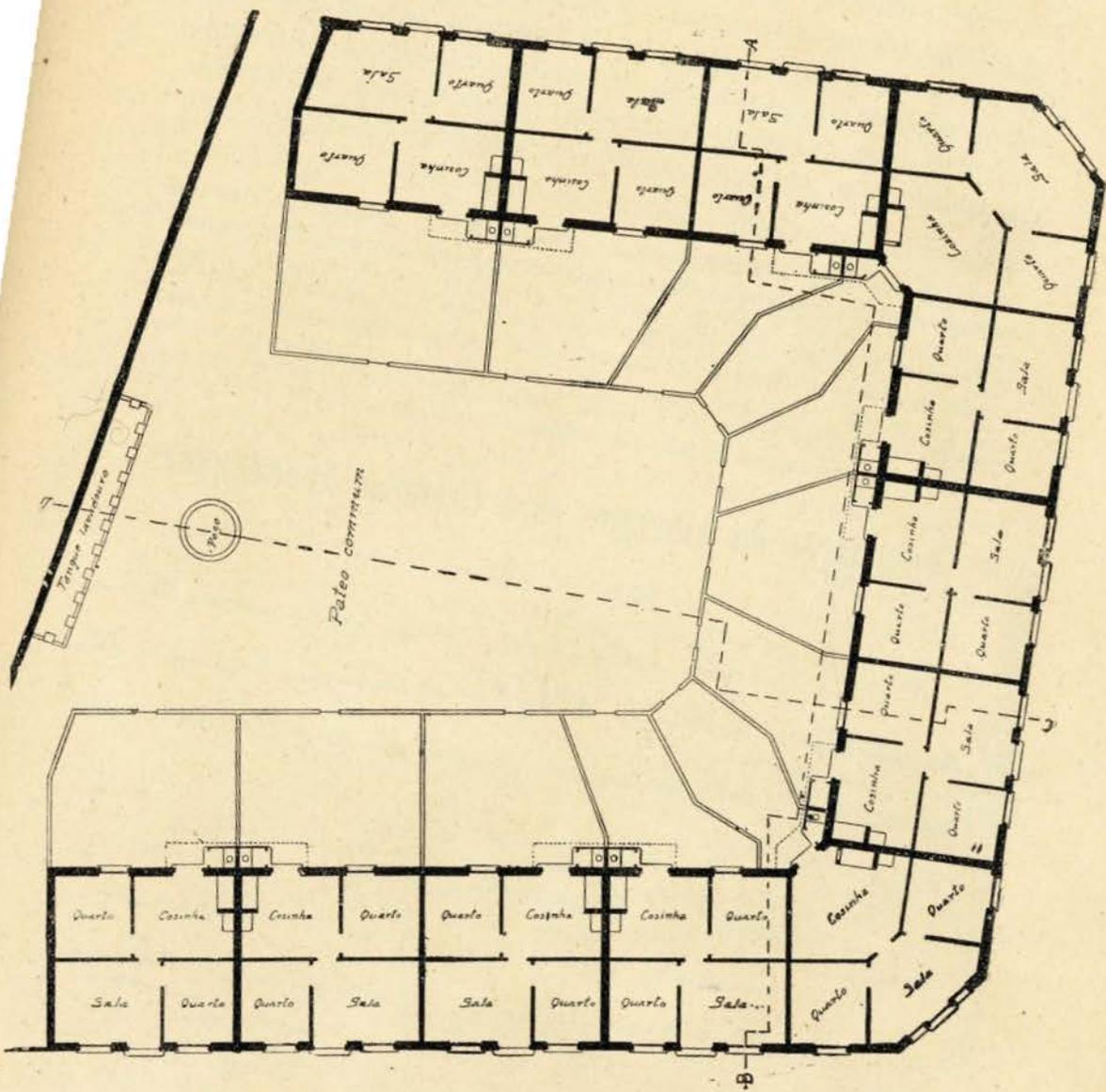
BAIRRO DIÁRIO DE NOTÍCIAS *em Benavente*



Fachada das sete casas situadas no Largo das Escolas e na rua contígua



Fachada central



BAIRRO DIARIO DE NOTICIAS em Benavente  
 Planta geral das habitações

útil e decisivo apoio do *Diario de Noticias* (V. n.<sup>os</sup> 617 e 6:955); do mesmo modo que, muito mais tarde, em 1897, o *Albergue das Crianças abandonadas*<sup>34</sup> (para o qual, em vinte dias, conseguiu, só entre os assinantes do jornal, perto de mil sócios ou subscritores) e a obra da *Assistência Nacional aos tuberculosos* ali acharam um dos seus mais sólidos esteios, não havendo calamidade pública ou desgraça nacional, cujas vítimas não obtivessem, por intermédio daquela folha, protecção e auxílio<sup>35</sup>, nem existindo instituição de cari-

<sup>34</sup> Data de 28 de fevereiro de 1885 o primeiro artigo da campanha do *Diario de Noticias* a favor da criação duma sociedade de protecção á infância abandonada e culpada, especialmente raparigas. E não deve esquecer-se que o capital do Albergue das Crianças Abandonadas é, na sua maior parte, constituído pelo produto da herança que lhe deixou um dos fundadores do *Diario de Noticias*, o Conde de S. Marçal, Thomaz Quintino Antunes.

Em seguida reproduz-se o recibo com o n.<sup>o</sup> 1 do primeiro donativo em dinheiro (100\$000 réis) que deu entrada nos cofres do *Albergue* por intermédio do autor deste livro, então secretário da empresa do *Diario de Noticias*.

## Associação do Albergue para Crianças Abandonadas

N.<sup>o</sup> 1

O Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Alfredo da Cunha, secretario  
da empresa do *Diario de Noticias*, entregou da parte de  
um ~~acompagnado~~  
para aquella instituição o seguinte donativo Cem mil  
reis

Lisboa 7 de Fevereiro de 1897

O Secretario

Recebi — O Thesoureiro

*Alexandre Augusto*

*António Pereira*

<sup>35</sup> Basta lembrar, como um dos mais recentes exemplos, a subscrição aberta pelo *Diario de Noticias* em seguida ao terramoto de 23 de abril de 1909, a favor das familias das vítimas que mais sofreram na região ribatejana.

Essa subscrição subiu á importância de 5:831\$970 réis, e com o seu produto construiu-se o *Bairro do Diario de Noticias* em Benavente, cujo rendimento é destinado a socorrer familias pobres, custeando a instituição da «gota de leite» para as crianças necessitadas.

O bairro completo consta de doze casas, sendo nove construidas com o produto da subscrição do *Diario de Noticias*, duas com o da subscrição análoga aberta pela junta de paróquia da freguezia de Santos, de Lisboa, e uma pela comissão local oficial de Benavente, que adoptaram as condições estabelecidas pela direcção daquele jornal para a edificação das

dade official ou particular que lhe não tenha ficado a dever a mais prestante dedicação<sup>36</sup>.

Com justiça, pois, Vieira da Silva, o convicto apóstolo do princípio associativo e o defensor estrénuo das classes laboriosas, em mais de uma carta dirigida a Eduardo Coelho, chamava ao *Diario de Noticias* «*echo de toda a obra boa que por esta terra se faz*», exprimindo o seu sincero empenho de que o jornal vivesse e prosperasse, visto que dele indispensavelmente precisavam todos os necessitados, todos os desvalidos da sorte; como repetidas vezes as associações operárias, os albergues, asilos e instituições de beneficência lho teem significado também, ao agradecer-lhe serviços relevantíssimos, pelo popular periódico prestados com tanta devoção como desinteresse.

E com igual justiça, portanto, á semelhança do modo como Paul de Cassagnac, por ocasião da morte de Villemessant, encarecia os bons e generosos officios do jornal o *Figaro*, pelo ardente polemista vivamente recomendado á gratidão dos seus compatriotas, o *Diario de Noticias*, por direito de legítima e honrosa conquista, pode ser apontado ao público reconhecimento como tendo sido, principalmente na capital, o verdadeiro «instrumento directo da caridade, o intermediário por excelência entre os que teem posses e os que só teem privações.»

---

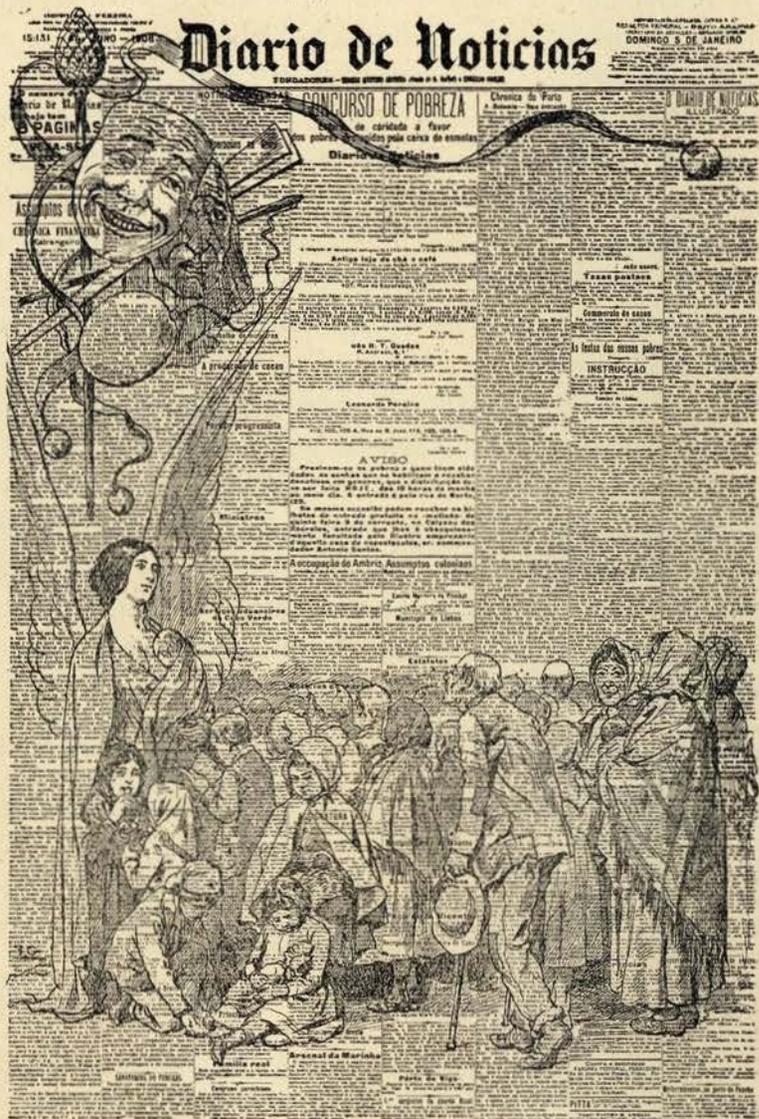
de sua iniciativa, ampliando e completando benemeritamente o *Bairro do Diario de Noticias*, que é um dos mais elegantes e bem construidos da referida vila.

A tal propósito lia-se no *Benaventense* de 17 de março de 1912 o seguinte. «A fim de receber do empreiteiro sr. Augusto Costa a obra do bairro *Diario de Noticias* esteve ultimamente nesta vila o sr. dr. Alfredo da Cunha, director daquelle jornal, que se fazia acompanhar por seu filho sr. José Coelho da Cunha e por seu cunhado o sr. José Thomaz Coelho. A' entrega do bairro assistiram alguns vereadores da camara, o sr. dr. Balthazar de Brito, o fiscal sr. Manuel Vidinha e varios populares.»

Aberta uma subscrição para beneficiar os pobres, sem distincção de partidos, que mais sofreram com a revolução de outubro de 1910, esse apêlo á generosidade dos leitores do *Diario de Noticias* habilitou êste em pouco tempo a entregar um conto de réis ás estações officiais que se haviam encarregado da distribuição de tais subsídios.

Instituida em 1913 a *Albergaria de Lisboa*, foi, em 20 de agosto do ano seguinte, endereçado um officio ao director do *Diario de Noticias* em que o presidente da Assembleia geral dos subscriptores, Dr. Magalhães Lima, comunicava o voto de agradecimento da mesma assembleia «pela importante propaganda» feita naquelle jornal a favor da *Albergaria*.

<sup>36</sup> Uma instituição, embora modesta, mas que se destina a prestar serviços relevantes á infância pobre, nasceu e desenvolveu-se nas columnas do *Diario de Noticias*, por iniciativa de um benemérito cheio de tenacidade, o dr. João Taborda de Magalhães. Quero referir-me ás pelo seu instituidor denominadas *Colônias escolares da Sineta*, cuja subscrição, á data em que escrevo, ascende a 3:793\$66,5.



Desenho alegórico de Roque Gameiro alusivo á Lotaria de caridade organizada em 1907 pelo Diário de Notícias a favor dos pobres protegidos por este jornal

## II

Aos princípios estatuidos no seu programa, e a que me tenho referido, o *Diario de Noticias* aliava as condições especiais do preço e da forma de venda, e um sistema perfeitamente organizado de informações ou *reportagem*. Com o tempo, como natural consequência, sobreveio o prodigioso desenvolvimento do anúncio, tornado indispensável intercessor nas transacções de toda a espécie.

Aludindo á fundação do jornal francês *La Presse*, criado por Émile de Girardin em 1 de julho de 1836, Émile Mermet escreve:

«Emquanto todos os jornais de Paris se pagavam de 80 a 120 francos por ano, o preço (da nova folha) fixou-se em 40 francos. Foi uma revolução na imprensa francesa. O êxito justificou o sistema: ao fim de dois anos, *La Presse* contava perto de 40:000 assinantes.»

Até o aparecimento do *Diario de Noticias*, os jornais custavam geralmente a 30 e 40 réis<sup>37</sup>, sendo totalmente desconhecido o sistema de venda avulsa de periódicos nas ruas, tal qual o vemos hoje estabelecido.

Era de tal modo baixo o preço de 10 réis fixado ao *Diario de Noticias*, mesmo comparado com o de periódicos análogos do estrangeiro, que em dezembro de 1865 a empresa fazia notar essa sensível diferença:

«Póde affirmar-se desassombradamente (e a digna imprensa da provincia tem reconhecido esta verdade) que o *Diario de Noticias* é hoje o jornal mais barato do seu genero na Europa: a *Correspondencia de España* extrae 60:000 exemplares por dia; é um tanto mais pequena que o *Diario de Noticias*, e custa approximadamente 20 réis; o *Petit Journal*, de Paris, é bastante mais pequeno, extrae diariamente 242:500 exemplares, e custa egualmente 10 réis; em caso identico estão *Las Noticias* e *Les Nouvelles*<sup>38</sup>.»

<sup>37</sup> Veja-se a nota final F.

<sup>38</sup> No seu livro *Passeios na Provincia*, pag. 167, escrevia Eduardo Coelho em 1873: «Temos por vezes de estar a realizar o quasi milagre economico de vender a 7 reaes jornaes de que só o papel nos custa 6 reaes e meio».

Em 1 de janeiro de 1882, a empresa dizia ao público:

«Este numero do *Diario de Noticias* inaugura o 18.º anno d'esta publicação, principiada nos dois *numeros-programmas* de 29 e 30 de dezembro de 1864. Cada um d'esses numeros abrangia 16 columnas com 1:520 linhas. A folha que hoje damos tem 44 columnas com 11:220 linhas, quer dizer, é 7 vezes maior do que a folha inicial. A média dos numeros que mensalmente se publicavam era 24; hoje é 30, e o preço da assignatura não augmentou. Os annuncios que outr'ora inseriamos com a publicidade de 5:000 exemplares, custavam

Ao mesmo tempo, portanto, que se facilitava, pela exiguidade do custo, a aquisição dum jornal acessível a todos, com essa mesma facilidade se promovia a divulgação do gosto pela leitura. Deixava esta de ser apanágio dos abastados, para ficar ao alcance de todas as classes, e criava-se uma indústria, cuja importância poucos então poderiam prever, mas de que actualmente vivem milhares de indivíduos no país — a dos vendedores ambulantes de jornais<sup>39</sup>.



#### O CEGO PAPELISTA

Reprodução de um dos quadros de azulejos existentes no vestíbulo do primeiro andar dos escritórios do *Diário de Notícias*.

Pintura de ROQUE GAMEIRO

É certo que, muitos anos antes do terramoto de 1755, já se apregoavam e vendiam nas ruas e praças de Lisboa os chamados *papeis volantes* com que o povo entretinha a sua natural curiosidade, e que a irmandade dos chamados *cegos papelistas* datava de 1604.

O falecido e ilustre académico Silva Tullio, aludindo á indústria dos *cegos papelistas*, tímidos predecessores dos modernos *rapazes dos jornais*, afirmava humoristicamente que ela constituía um monopólio, como o tabaco e o sabão<sup>40</sup>. E, em verdade, na paroquial de S. Jorge havia uma irmandade de cegos, privilegiada e denominada *do Menino Jesus*, na qual apenas eram admitidos doze irmãos com vista, que serviam de auxiliares e de guias aos que não viam.

«Eram estes, refere o douto escritor, os que com o seu moço ou o seu cão, apregoavam os *papeis noticiosos* pelas ruas, e tinham armários ou tendas de livros usados, com os folhetos novos a *cavallo em barbantes*.»

20 réis cada linha, e hoje custam o mesmo preço, numa publicidade 5 vezes maior, e cujos efeitos todos reconhecem.»

O preço da *assinatura* longe, porém, de aumentar, foi reduzido, a partir de 1 de julho de 1876, baixando para os assinantes das provincias, de 1\$075 réis, como fôra até ali, a 930 réis por trimestre. Motivara esta redução a lei de 15 de fevereiro de 1876, que diminuiu a importância dos portes de correio para os jornais.

<sup>39</sup> Em 1891 figuravam nos respectivos livros de matrícula do governo civil os nomes de 9:750 vendedores ambulantes de jornais.

<sup>40</sup> *Introdução bibliologica* ao primeiro *Brinde aos senhores assignantes do Diario de*

Tal indústria parece ter tido seus *atravessadores*, e contra estes se queixaram os cegos ao Marquês de Pombal, que os atendeu, passando-se «uma provisão regia, datada de 4 de março de 1751, pela qual foi confirmado o privilegio que tinha a irmandade dos cegos, de só elles poderem apregoar e vender pelas ruas, livrinhos, folhinhas, *gazetas, relações, supplementos* e outros *papeis avulsos impressos*, e que o corregedor passasse mandado geral para que se fizesse tomadia em todos os livros e papeis que fossem vendidos por quem não pertencesse á irmandade dos cegos.»

Como é evidente, porém, o *cego papelista* em pouco podia comparar-se ao actual vendedor de jornais, para quem o desembaraço, a desenvoltura e a ligeireza, de que absolutamente eram incapazes os desventurados irmãos da privilegiada irmandade do Menino Jesus, constituem o melhor processo de fazer negócio, e a condição *sine qua non* para com proveito exercerem o seu modesto, e para muitos lucrativo comércio.

Ao encetar o terceiro mês do seu primeiro ano, lia-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«A nossa folha creou uma nova industria que vae servir de sustentação a muita gente. Já hoje, apesar da estúpida resistencia que tem encontrado da parte da gente desempregada, que antes quer viver sem pão e esmolando, do que empregar-se no modo de vida honroso de vender pelas ruas um periodico, como se vendem outros generos e artigos, que dão muito menos lucro, se occupam em vendel-o 30 rapazes, que colhem uma percentagem diaria de 200, 300 e 400 réis.

«O vendedor diligente não vende menos de 100 exemplares cada dia, pelo que tira um lucro certo de 200 réis, levando os jornaes á commissão, ou 300 réis, vendendo por conta



O GAROTO DOS JORNAIS

Escultura de ANTONIO COSTA MOTA destinada ao monumento a Eduardo Coelho.

Reprodução do duplicado existente no vestibulo d'entrada do *Diario de Noticias*.

*Noticias*, em 1865. Neste trabalho, onde o autor alude a algumas «antigualhas importantes para a historia da imprensa em Portugal», anunciava Silva Tullio a publicação da sua *Historia do Jornalismo em Portugal*, que não chegou a terminar, e de que supponho e distribuiram os prospectos.

propria. A exemplo do que se usa em Hespanha e França, são admittidos para a venda todos os individuos de qualquer idade, e de um e outro sexo. Como se vê, esta industria póde ser proveitosa a todos os individuos que não teem occupação, nem meios de subsistencia, não só da cidade e seus arredores, como de fóra <sup>41</sup>.»



#### VENDEDOR DE JORNAIS

Prova do exame do 5.º ano de escultura, em agosto de 1906, do distinto aluno da Academia de Belas Artes do Porto, RODOLPHO PINTO DO COUTO

<sup>41</sup> A título de curiosidade, transcrevo do *Diário de Noticias* n.º 3:510, de 26 de novembro de 1875, a seguinte local: «Manuel Antonio (vendedor do *Diário*) ao ausentar-se, vendera por 100\$000 réis a um collega o direito de servir os seus freguezes, e agora readquiriu esse direito por 200\$000 réis. Estas cedencias de venda são muito vulgares entre a classe. Dos rapazes, hoje homens, que primeiro se habituaram a vender os jornaes pela rua, quando este *Diário*, depois de vencer todos os obstaculos d'uma iniciação, estabeleceu essa industria, ainda hoje vendem o *Diário de Noticias* em Lisboa e seus arredores, a freguezes certos e antigos, mais de 50. Muitos d'estes estão casados, e chefes de familia, e quasi todos teem adquirido nas suas terras, pequenas propriedades: uma casinha, uma courella, um barco de pesca, algumas barracas para banhos, pois os mais activos e economicos são ovarinos.»

O número dos vendedores do *Diário de Notícias* subia a 100, logo em meados de 1865, não sendo já bastantes para as exigências da venda<sup>42</sup>, e pode dizer-se, sem exagêro, que dos centenaes de vendedores de jornais



VENDEDOR DE JORNAIS

Escultura da distinta artista portuense D. ADA DA CUNHA, discípula de Teixeira Lopes  
(Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes, em maio de 1914)

que em grande parte se sustentam dêsse comércio, e que dia e noite enxameiam as ruas da capital, pouquíssimos, ou nenhuns, haverá que da venda daquela folha, mais ou menos, não auferam lucros.

Tão importante é hoje esta classe, que, desde março de 1887, se organizou em associação (a *Associação de socorros mutuos e escolar dos Vendedores de Jornaes*) á semelhança do que, ha mais de 40 anos, fizeram os vendedores de jornais em Londres, os quais escolheram então para seu presidente o romancista Carlos Dickens, como os de Lisboa também

<sup>42</sup> *Diário de Notícias* n.º 190 de 25 de agosto de 1865.

elegeram para seu presidente honorário a Eduardo Coelho, a quem sempre deveram, do mesmo modo que á empresa do *Diario de Noticias*, a mais generosa e desvelada protecção <sup>43</sup>.



UM VENDEDOR DE JORNAIS

Desenho de RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO  
para o *Besouro* do Rio de Janeiro (1878)

Como era natural, o vendedor de jornais, que subitamente apparecera nas ruas de Lisboa, adquiriu notoriedade e conquistou simpatias. Recrutado principalmente numa das classes que mais amor cansagram ao trabalho, e que também pelos seus costumes mais distintamente acentuam o seu carácter, tornou-se uma verdadeira celebridade da rua, não se demorando os teatros a explorarem-na como tal, e actores eminentes, como Valle e Antonio Pedro, a reproduzirem nos palcos esse tipo tão pitoresco, e, naquele tempo, tão novo.

E desde então até hoje, grandes artistas do desenho como Raphael Bordallo Pinheiro, ou da escultura como Costa Motta, não se tem dignado de concorrer para essa notoriedade, tomando o *garoto dos jornais* para assunto de interessantes trabalhos seus.

O garoto pobresinho,  
Que não tem para comer,  
Deixando de ser vadio,  
Vae o *Diario* vender:

Sustenta a triste familia,  
Aprende a ser cidadão,  
E neste tracto co'as letras,  
Colhe seu grão d'instrucção.

<sup>43</sup> Disto dão testemunho os *Relatorios* da Associação, em um dos quais, o de 1889, ao consagrar palavras de sentida saudade á memória do presidente honorário, Eduardo Coelho, se lê o seguinte: «A vida d'esta associação, apesar do pequeno numero de associados, continúa sendo prospera, mercê da generosa offerta do subsidio mensal que nos é dado pela empresa do *Diario de Noticias*, unico jornal que nos tem favorecido. Por isso esta direcção entende ser do seu dever relembrar sempre este facto.»

Este subsidio, que figura nas contas da associação, do aludido ano, por mais de um terço da receita total, foi concedido desde 1887, «accedendo ao convite da commissão fundadora da *Associação dos Vendedores de Jornaes*, (dizia Eduardo Coelho na carta que, em nome da empresa do *Diario*, dirigiu á mesma commissão), classe a que a mesma empresa



O RAPAZ DOS JORNAIS

Aguarela de **Raphael Bordallo Pinheiro**, oferecida pelo autor a Eduardo Coelho,  
em 7 de maio de 1870  
o<sup>m</sup>.365 × o<sup>m</sup>.26

Estas quadras dum antigo e chistoso folhetim em verso de J. Ignacio d'Araujo, mostravam que em a própria consagração dos poetas faltava a essa nova classe de pequenos industriais, cuja criação em Portugal ficou sendo devida á empresa do *Diario de Noticias*<sup>41</sup>.

determinou a existencia social, creando a venda avulso dos jornaes em grande quantidade e como uma industria definida», e «tanto que os seus fins sejam meramente de socorro mutuo dos seus associados, e de illustração, na conformidade das leis vigentes.»

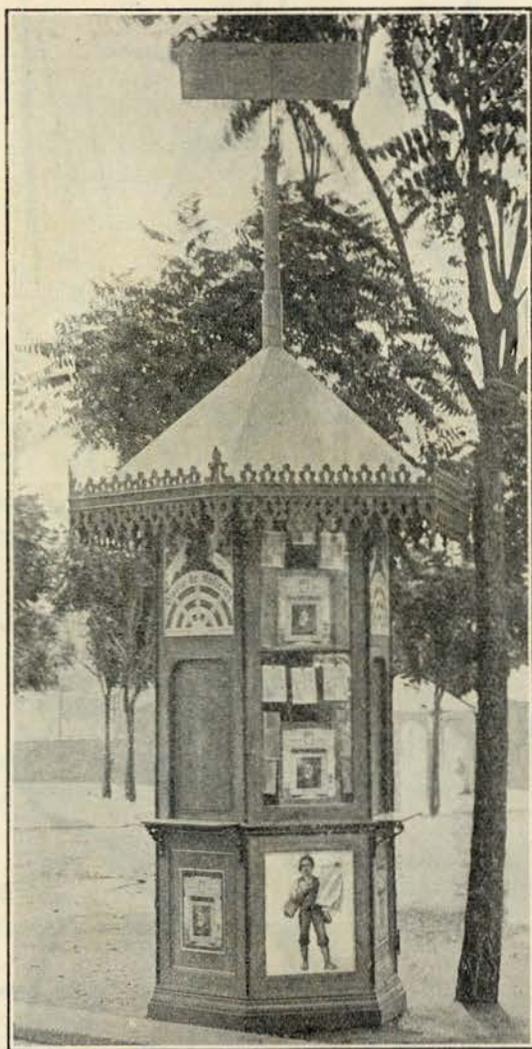
<sup>41</sup> Um dos primeiros vendedores do *Diario de Noticias*, que, subindo sucessivamente postos no jornal, chegou a ser um dos seus redactores, e o seu editor responsável, foi João Baptista Borges (falecido em 9 de setembro de 1903), desde criança educado e tratado como filho por Eduardo Coelho, a cuja protecção correspondeu sempre com uma amizade sincera e lealíssima. A sua honrosa biografia pode ler-se no *Diario de Noticias* publicado em seguida á sua morte, e noutros jornais e revistas dessa época.

Baptista Borges era natural do concelho de Souzel, districto de Évora, onde nascera em 17 de junho de 1850.

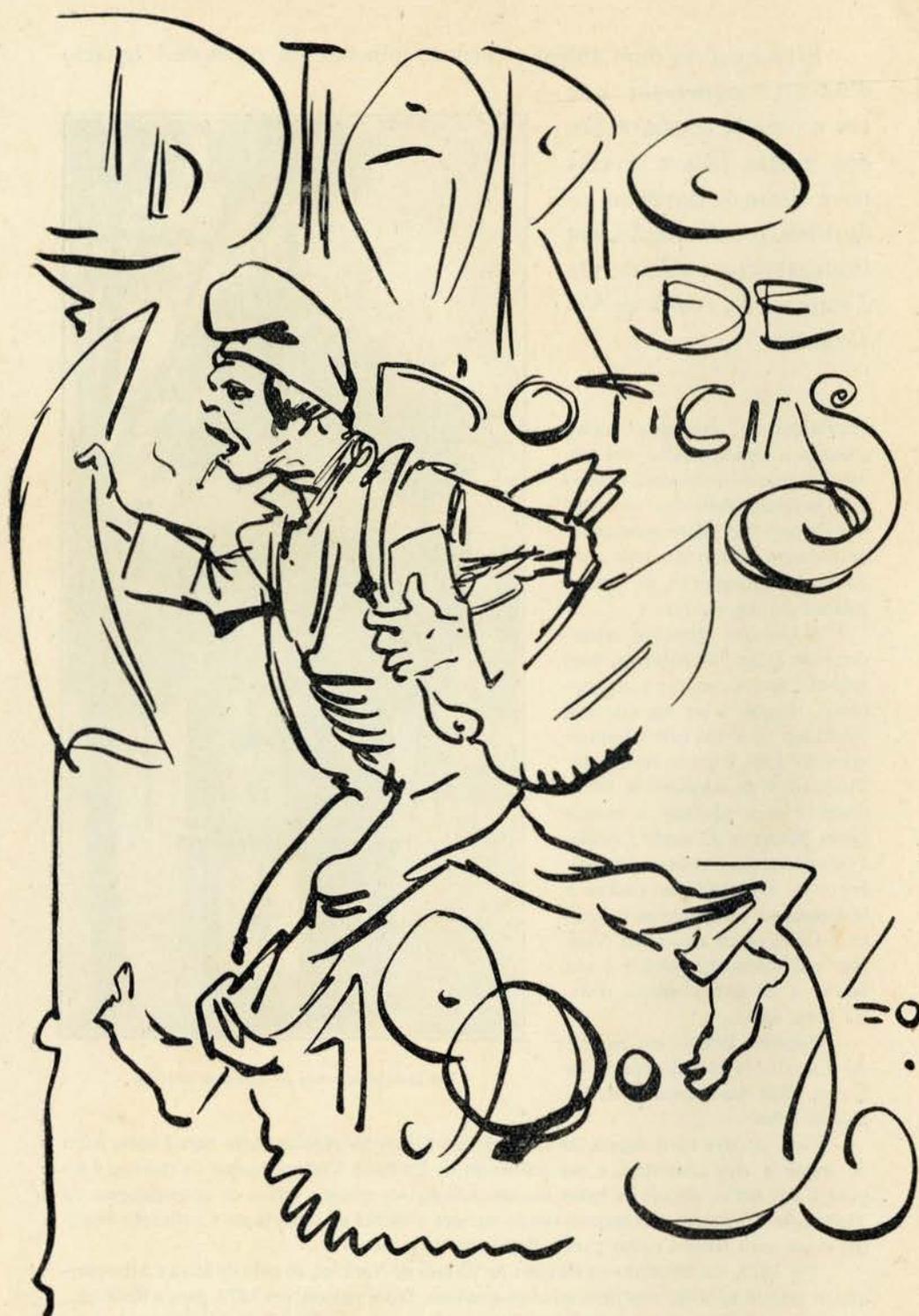
Dois ou tres anos depois da fundação do *Diario de Noticias* veio para Lisboa a fim de seguir a vida comercial, e por influência de Eduardo Coelho mudou de carreira e seguiu a das letras, depois de haver frequentado alguns meses a escola de aprendizagem da *Tipografia Universal*. Ao mesmo tempo cursava a escola da Associação Civilização Popular, vindo mais tarde a entrar para a Escola de Belas Artes.

Em 1870, era admitido na Revisão do *Diario de Noticias*, ao lado de Silva e Albuquerque, o grande apóstolo dos princípios associativos. D'ahi passou, em 1872, para a Redacção.

Quem folhear as colecções dos últimos trinta anos do *Diario de Noticias* anteriores ao falecimento de Baptista Borges, encontrará as provas da sua actividade e dedicação inalterável, e também ali achará, em folhetins, um romance original seu — *O rouxinol da opera* — que evidenciava incontestáveis merecimentos literários.



Um kiosque de venda do *Diario de Noticias*



Projecto para a capa de uma publicação do Diário de Notícias  
Desenho de Celso Herminio, o talentoso e malgrado caricaturista, que foi desde fevereiro de 1899 até 8 de março de 1904  
em que faleceu, colaborador artístico daquele jornal.

\*

\* \*

A importância dada ao serviço de informações, ou de *reportagem*, deve-se ainda ao *Diario de Noticias*, que o implantou no país, onde então constituiu uma quase completa novidade.

Consideravam-no os jornalistas de ha trinta anos elemento secundário na factura dum periódico, concedendo-lhe escassamente duas ou três acanhadas colunas. Sabe-se, contudo, a que elevado grau de perfeição êsse serviço tem chegado em todos os países civilizados, porque de ninguém é ignorado que fabulosas somas com êle dispendem as mais importantes folhas do mundo, que pagam, a pêso de ouro, a primazia duma novidade<sup>45</sup>.

Do que eram todavia em Portugal as folhas noticiosas, no século XVIII, e do que elas ainda foram até meados do século passado, traça-nos o seguinte curioso esbôço, o erudito investigador Silva Tullio<sup>46</sup>:

«Todos estes papeis eram escaços de noticias do reino; e se falavam de casamentos, obitos ou despachos, era só de gente graúda.

Para se conhecer o que era o *noticiario* d'aquelles tempos, basta a transcripção que vamos fazer.

O terramoto de 1755 succedeu a um sabbado. N'esse tempo a *Gazeta* saía ás quintas feiras. Na immediata á espantosa catastrophe, a folha publicou-se pontualmente, e no fim dizia o seguinte:

«Lisboa, 6 de novembro de 1755. O dia primeiro do corrente ficará memoravel a todos os seculos, pelos terremotos e incendios que arruinaram uma grande parte d'esta cidade; mas tem havido a felicidade de se acharem nas ruinas os cofres da fazenda real e da maior parte dos particulares.»

Mais nada!

Hoje, quando arde um predio da baixa, e morre algum bombeiro, no dia seguinte o *noticiario* de todos os jornaes é uma Eneida (mal comparado), é como se ardesse Troya! Não se lê outra coisa; é um acontecimento memoravel.

Arrazou-se quasi toda Lisboa; morreram sessenta mil almas; estão fumegando os seus melhores templos e palacios incendiados; ainda os gritos de misericordia estão ferindo os

<sup>45</sup> É conhecido o facto do *Times* haver posto á venda nas ruas de Londres o texto definitivo dum tratado, á mesma hora a que os plenipotenciários reunidos em Berlim o estavam assinando; e foi ainda ao *Times* que os telegramas do Cabo ácerca da morte do príncipe imperial Napoleão, publicados em um só número, deviam ter custado mais de 50:000 francos, o que não é facto pouco vulgar no grande jornal londrino. (Émile Mermet — *La publicité en France*, 1880.)

<sup>46</sup> Cit. *Introdução* ao primeiro *Brinde aos senhores assignantes do Diario de Noticias*, em 1865.

ares; o terror paira ainda sobre a cidade; e a *Gazeta* de 1755 cifra todo este quadro em seis linhas de noticiário!

Estaria ainda assombrado o redactor, pelos abalos e pavores da medonha castastrophe a ponto de não atinar com o que havia de dizer?

Não; porque passados mais oito dias, escrevia elle com o mesmo laconismo, ou antes, com egual seccura e frieza parvoa:

«Lisboa, 13 de novembro de 1755. Entre os horrorosos effeitos do terremoto, que se sentiu n'esta cidade no primeiro de novembro, experimentou ruina a grande torre chamada do *Tombo*, em que se guardava o archivo real do reino, o qual se anda restaurando das ruinas da mesma torre, e se anda arrumando; e muitos edificios tiveram a mesma infelicidade.»

Eis o que era um noticiário no tempo do terremoto!»

Assim se conservaram as cousas até a instituição da liberdade de imprensa em 1820.

«N'esse anno, continua Silva Tullio, houve logo um chuveirão de periodicos, todos politicos, mas que tambem davam suas noticias, posto que fugitivas, e nem sempre.

O mesmo se póde dizer dos jornaes que saíram á luz depois da restauração de 1833, se exceptuarmos o *Periodico dos Pobres do Porto*, que foi mui copioso de noticias, dadas em folhetim epistolar, mas quasi sempre satyricamente, embora com muita graça e originalidade.

Foi a *Revista Universal Lisbonense*, redigida pelo sr. A. F. de Castilho desde 1841 até 1845, a que entre nós creou o verdadeiro, o genuino, o proveitoso *noticiario*. Foi o primeiro jornal que abriu uma secção especial e exclusiva para as noticias.

Se nunca se haviam colligido com tanta abundancia, tambem jámais houvera quem as redigisse com tão enfeitado e maravilhoso artificio

«Philosophia, arte, elocução, pureza de linguagem, opulencia de phrase, poesia, moção dos affectos, riso, prantos, chistes, epigrammas, tudo emfim quanto póde fazer a escripta para arrebatat a alma, e commover o coração, tudo se acha nos diversissimos paineis que formam a galeria de noticias dos primeiros quatro volumes da *Revista*.

Está allí uma selecta modelo neste genero de composição litteraria, que é tão difficil, por isso tão raro.»

O que Silva Tullio apontava como sendo as principais e mais apreciáveis qualidades da *Revista*, a *filosofia*, a *opulencia da frase*, o *enfeitado e maravilhoso artificio* do estilo, foi, em grande parte sem dúvida, o que também concorreu para que ela não lograsse ser aceita pela maioria do público. Porque a limitadíssima instrução dêste não era efectivamente de molde a que êle pudesse saborear e avaliar o superior merecimento de escritos que se não mantinham em equação com o gôsto e a comprehensão da generalidade dos leitores.

Concluindo aquella resenha histórica do noticiário em Portugal, tão interessante por mais de um motivo, Silva Tullio acrescentava:

«Com o exemplo da *Revista*, foram os jornaes alargando o campo das noticias, até que se tornou pratinho obrigado para os leitores. E tanto que em 1851 tivemos de inventar

a palavra *noticiario* para titulo de uma das secções da *Semana*, porque o de *noticias diversas, chronicas, locaes*, e outros que se usavam não eram bem expressivos. O termo vingou, porque foi geralmente adoptado pelos jornaes, e já passou para o dictionario da lingua.

O noticiario é hoje o melhor visco para engaiolar assignantes. E por isso os jornaes são obrigados a ter passarinheiros de noticias que andem á caça das mais reconditas, e que venham ainda quentes, porque esta volateria não é como a perdiz, que se póde levar á bocca com a mão no nariz.

Tal industria é já antiga em França, e ainda mais na Inglaterra; em Portugal, porém, é modernissima.»

Quem efectivamente primeiro teve entre nós a intuição da extraordinária importância a que estava destinada a missão do noticiario, ou *reporter*, até ali desprezada e tida em tão mesquinha consideração, foi a nascente empresa do *Diario de Noticias*, que, conforme o seu primitivo sub-titulo prometia, desde logo se tornou um verdadeiro *noticiario universal*.

Assinalando esta ânsia de saber, esta curiosidade insaciável, que é uma das características do espirito moderno, Thiers, ao discutir-se na câmara francesa a lei da imprensa, proferia, ha quase meio século, estas palavras :

«Para satisfazer uma necessidade sempre crescente da instrução, é-nos preciso um livro de todos os dias, feito todos os dias; que digo? duas vezes ao dia; não por um homem depois de meditar 30 anos sôbre a sua obra, mas por um grande número de homens, separados uns dos outros, falando de tudo, da guerra, da paz, das pessoas e das cousas; livro diário escrito em face dos acontecimentos, sôbre as informações transmitidas de todos os pontos do globo pelo vapor, impresso de noite pelo vapor, conduzido de manhã pelo vapor, e atravessando as distâncias com a velocidade dos elementos.»

Todos hoje compreendem a verdade destas afirmações; e os milhares de periódicos que actualmente se publicam no mundo, são outras tantas folhas dêsse colossal *livro de todos os dias*, que tudo divulga e de tudo dá conta, e ao qual a electricidade, bem mais veloz ainda do que o vapor, presentemente presta o auxílio da sua rapidez prodigiosa.<sup>47</sup>

<sup>47</sup> Para dar satisfação a essa ansiosa curiosidade a que Thiers aludia, e também, ao mesmo tempo, ás exigências sempre crescentes da publicidade retribuida, do *reclamo* e do anúncio, é que a empresa do *Diario de Noticias* se tem visto forçada a aumentar sucessivamente, até proporções ainda não atingidas na imprensa portuguesa, as dimensões do jornal.

Assim, pois, este passou de quatro pequenas páginas de composição larga, a uma média diária muito superior ao quádruplo em papel e ao décuplo em composição tipográfica, chegando frequentemente a publicar numeros de 10, 12, 16, 18, 20 e 24 páginas, sem precedentes no jornalismo de Portugal, e de que mesmo no estrangeiro raramente se encontram similares.

CADA NUMERO 10 REIS

PREÇOS DA ASSINATURA

Por um ano... Por seis meses... Por três meses...

DIARIO DE NOTICIAS

NOTICARIO UNIVERSAL PUBLICADO TODAS AS MANHAS

PREÇOS DA ASSINATURA

Por um ano... Por seis meses... Por três meses...

N. 1, PROGRAMA QUINTA FEIRA 29 DE DEZEMBRO 1864

EXPEDIENTE

Assim-se e agradecemos as informações... A imprensa não faz mais que repetir...

AO PUBLICO

A publicação que hoje empreendemos... interesse a todas as classes...

e subscritores. Ainda não é pósi original nossa, sendo imitada ou traduzida...

No dia 29 de dezembro de 1863 foi feita na ilha de Santa Catarina... A imprensa não faz mais que repetir...

O Conselho municipal de Curitiba... A Municipalidade de Curitiba...

A Municipalidade de Curitiba... A Municipalidade de Curitiba...

O dia 29 de dezembro de 1863... A imprensa não faz mais que repetir...

A imprensa não faz mais que repetir... A imprensa não faz mais que repetir...

de dezembro de 1874, ha 600 annos... A imprensa não faz mais que repetir...

Uma metralha de industria humana... A imprensa não faz mais que repetir...

Em 29 de dezembro de 1863... A imprensa não faz mais que repetir...

Uma metralha de industria humana... A imprensa não faz mais que repetir...

Em 29 de dezembro de 1863... A imprensa não faz mais que repetir...

Uma metralha de industria humana... A imprensa não faz mais que repetir...

Uma metralha de industria humana... A imprensa não faz mais que repetir...

Em 29 de dezembro de 1863... A imprensa não faz mais que repetir...

Uma metralha de industria humana... A imprensa não faz mais que repetir...

Em 29 de dezembro de 1863... A imprensa não faz mais que repetir...

Uma metralha de industria humana... A imprensa não faz mais que repetir...

Em 29 de dezembro de 1863... A imprensa não faz mais que repetir...

A primeira página do N.º 1 (PROGRAMA) do Diario de Noticias de 29 de dezembro de 1864. NÚMERO DE 4 PÁGINAS no formato de 0m,251x0m,362 de composição tipográfica ao preço de 10 réis



Para conseguir o *desideratum* que a si mesma se impuzera, claro é que a empresa do *Diario de Noticias* precisava de montar um serviço de informações, quanto possível perfeito, e foi o próprio Eduardo Coelho quem deu o exemplo, constituindo-se guia e modelo dos seus *reporters*.<sup>48</sup>

E aos que o agrediam por pretendidas demasias de publicidade, respondia-lhes nestes termos:

«Nos Estados Unidos, na Inglaterra, em França, na Italia, e até na Allemanha, os jornaes fazem registo diario, e muitas vezes apparatuso, de todos os crimes, ainda os mais horribes; a publicidade, disse um pensador, é o juiz por excellencia de todos os erros e crimes; de todas as idéas falsas e de todas as acções condemnaveis; ha uma consciencia geral que condemna e repudia tudo o que é falso, odioso e repugnante, um justo criterio no espirito das multidões que julga em ultima instancia quanto se faz e escreve. Esconder as podridões, os vicios e as infamias não é remedial-as. Seria o mesmo que tapar uma chaga em que lavrasse a gangrena. A publicidade é a verdade, a luz, a instrucção; a não publicidade é a treva, o obscurantismo, a ignorancia. Thévenard escreveu uma nobre aspiração e uma grande verdade: um dia virá, disse elle, em que a publicidade será o unico e o mais cruel castigo destinado ás más acções e ás más doutrinas.» (N.º 3:423 de 30 de agosto de 1875).

No *Diario de Noticias* de 29 de dezembro de 1907, cuja reprodução está no verso desta página, lia-se o seguinte acerca de *O jornal maior que se tem publicado em Portugal*:

„24 PAGINAS em um dos maiores formatos de folha quotidiana que se publicam em qualquer parte do mundo, ainda nenhum outro periodico português até agora apresentou. Porque deve notar-se que as nossas 24 paginas correspondem, pelo tamanho, a 30 de qualquer outra folha congenere do *Diario de Noticias*.

„Realizamos o esforço quasi inverosimil no meio estreito em que vivemos de, pelo mesmo preço habitual de 10 réis, podermos fornecer aos nossos leitores o mais volumoso, o mais pesado, o mais abundante de noticiario e de anúncios, o mais vasto em superficie impressa e o mais cheio de composição tipografica, numa palavra, o maior e mais barato de quantos jornaes diarios teem aparecido até esta data em Portugal!

Quer dizer que **por 10 réis apenas**, que é *muito menos do que nos custa só o papel de cada exemplar*, damos aos leitores a materia de um grande e compacto volume.

Se, pois, se levar em conta, alem do custo do *papel*, o da *composição*, *impressão*, *redacção*, *administração*, *distribuição*, *venda*, *selagem e estampilhagem*—e só esta para o presente numero, é de 10 réis para a provincia e de 20 réis para o estrangeiro—o leitor convencer-se-á de que adquire cada exemplar do *Diario de Noticias* de hoje **por menos da quinta parte** do que elle nos custa.”

E acrescentavam-se as seguintes **Notas curiosas**:

„A superficie do papel impresso dos dois lados de cada exemplar excede **13 metros quadrados**.—Cada 1.000 exemplares, se fossem desdobrados e estendidos, ligando-se pelas extremidades, cobririam um faixa de terreno da largura de 0,<sup>m</sup>64 e do comprimento de **mais de uma légua**.

„A materia composta corresponde a tantas linhas quantas as que dariam, ligadas pelas extremidades, uma linha de quasi **três kilometros**, que é portanto a que teem de percorrer os olhos de quem queira ler todo o *Diario de Noticias* de hoje.

„Em caracteres tipográficos a composição deste numero corresponde a **mais de dois milhões de letras** de corpo 6, o que equivale ao trabalho de **mais de 180 tipografos**.»

<sup>48</sup> Eduardo Coelho, *reporter*, por Alfredo da Cunha, nos periódicos *Gabinete dos Reporters* de 29 de setembro de 1895 e *A Chronica* de dezembro de 1904.

## Uma reportagem ha trinta anos

(VIAGEM DO REI D. LUIZ I AO NORTE DE PORTUGAL)

Grupo fotografico dos enviados de diversos jornais de Lisboa e Porto tirado no Bom Jesus do Monte



Da esquerda para a direita: no primeiro plano, sentados no chão: Augusto Lobato, Eduardo Schwalbach Lucci e João Chagas.

No segundo plano, sentados: João Baptista Borges - Luiz de Araujo, um redactor e outro colaborador do *Diario de Noticias*; Eugenio de Castilho; José Parreira e Fernando Maya, que vieram a ser colaboradores do *Diario de Noticias*, tendo o último redigido a *Cronica militar* daquele jornal durante bastantes anos (de abril de 1896 a 8 de dezembro de 1904, em que faleceu)

No terceiro plano, de pé: Antonio José Alves, Firmino Pereira e Casanova, distintissimo aquarelista espanhol.

\*  
\* \*  
«No nosso século, e neste momento, diz espirituosamente um escritor e advogado francês, não basta possuir-se o *savoir faire*; é também indispensável o *faire savoir*. «O *nosce te ipsum* de Socrates teve a sua época; o progresso moderno substituiu-o por este axioma — *torna-te conhecido*»<sup>49</sup>

«*Dieu lui-même* (escreveu um romancista) *a besoin qu'on sonne les cloches pour lui*».

Para verificarmos, por um dos mais frisantes exemplos, o que ha de verdade nestas palavras, bastará, pelo que respeita a Portugal, lançar os olhos para a secção de anúncios de qualquer folha da actualidade, por mais modesta que seja. Decerto se apresentará bem mais ampla do que o era, ha cincoenta anos, a dos mais importantes periódicos do país.

Então, alguns, muito poucos, estabelecimentos davam timidamente conta dos produtos que tinham para vender; um ou outro anúncio de leilão, navios a sair, oferecimentos ou peditórios, arrendamentos ou trespasses, procurava atrair a atenção dos leitores; e o resto consistia, quase exclusivamente, em publicações judiciais que a lei exigia para validade dos processos, e nos anúncios gratuitos de publicações oferecidas á redacção da folha, que dêsse modo retribuia a oferta.

A isto, ou pouco mais, se reduzia todo o sistema de divulgação e de reclamo á data do aparecimento do *Diario de Noticias*.

<sup>49</sup> «O jornalismo que, em 1830, tinha feito uma revolução na França, pensou em fazer uma revolução em si próprio. Foi Emile de Girardin quem a promoveu.

«Antes dêle as receitas principais, senão totais, dos periódicos provinham das assinaturas. O imposto do sêlo que onerava a imprensa desde o Directório, impedia o desenvolvimento da venda. A assinatura, por si mesma, custava um preço que lhe impedia a expansão. Importava, em média, em 80 francos por ano.

«Girardin abateu bruscamente para 40 francos a assinatura da *Presse* e fez entrar os anúncios na previsão das receitas. A sua combinação consistia em obter muitos leitores para que os comerciantes tivessem interesse em anunciar ali, e em aproveitar o lucro dos anúncios para abaixar a taxa das assinaturas.» — A. de Chambure, *Atravers la presse*, Paris, 1914, pag. 62.

«Esta reforma feria interesses: fizeram-se ouvir violentos protestos e o *Charivari* obrigava a *Presse* a declarar: «Perdemos em cada assinante, mas compensa-nos a quantidade.» Tal discussão acabou por um duelo á pistola entre Girardin e Armand Carrel, no qual êste ficou sem vida.

«Mas os jornais, uns apoz outros, á excepção do *Journal des Débats*, viram-se obrigados a seguir o movimento e a abaixar os preços. Não se deram mal com isso; deram-se até melhor, porque a tiragem, e portanto o custo dos anúncios, aumentou rapidamente. De 1836 a 1846 a tiragem dos jornais duplicara». *Ibidem*, pag. 65.

«Para com a publicidade, ainda ha 20 annos (escrevia Julio Cesar Machado, em 1874) ninguem entre nós sabia por onde entrar nem sair. Quando um homem precisava fazer um annuncio, tinha uma lida diante de si; e pedia logo uma carta de recommendação para um redactor . . . Havia o *Gratis*<sup>50</sup>; mas custava um tostão por linha, era impresso em papel pardo, e ninguem o lia: tres prendas!»

Efectivamente, não se faz agora idea perfeita, ao ver nas folhas diárias colunas e colunas de pedidos, de recommendações, de participações e avisos de toda a espécie, de convites e solicitações para mil diversos fins, ao ver a oferta e a procura multiplicadas numa infinidade de manifestações e revestindo uma extraordinária variedade de formas, vendo como a vida dum povo, no que tem de mais movimentado e muitas vezes no que deveria ter de mais íntimo, se assoalha e se publica, em prosa e em verso, na secção annunciadora dos periódicos, não se faz idea, repito, do acanhamento quase pueril com que ha cincoenta annos se annunciava e se fazia o que presentemente se chama *reclamo*. É preciso correr as folhas daquela época para bem se apreciar a differença<sup>51</sup>.

O anúncio era tido por uma ostentação imodesta, e quem dele usasse, por mais lacónico e parcimonioso que fôsse em seus dizeres, passava, aos olhos de quem lia, por um charlatão, ou, se era negociante, por um homem sem freguezia e sem crédito — sem o crédito e sem a freguezia que hoje, independentemente do anúncio, só com muita difficuldade se conquistam.

Julio Cesar Machado explicava chistosamente aquella repugnância, quando em 1871 consagrava aos anúncios um folhetim do *Diario de Noticias*<sup>52</sup>:

«Annunciae, annunciae! (escrevia êle). Sempre d'ahi se tira alguma cousa. Não o entendiam assim os nossos paes, timidos, modestos, calados, vivendo em paz, na sombra, á capucha; vivendo como morreram, sem fama, sem ostentação, e o que é mais, sem precisarem d'isso, porque nesse tempo não havia que temer a concorrência, bastava uma taboleta á porta para conservar viva a lembrança dos freguezes, e impedir algum abelhudo de ir estabelecer-se defronte a vender fazenda egual. Estava tudo em Portugal repartido em classes, ninguem deitava os bracinhos de fóra para se fazer esperto. Tinha cada qual os seus freguezes, que não lhe faziam infidelidades, que por cousa alguma iriam a outro estabelecimento, e d'elles ia vivendo, e com elles se contentava.»

<sup>50</sup> Veja-se a nota final G.

<sup>51</sup> O primeiro anúncio ou *aviso*, como se lhe chamava, de que tenho noticia em jornal português, é o inserto na *Gazeta de Lisboa* de 31 de agosto de 1715.

<sup>52</sup> N.º 2138 de 21 de dezembro de 1871.

# O GRATIS

JORNAL D'ANNUNCIOS E DO COMMERCIO.

## THEATRO DE S. CARLOS.

52801 Sexta feira 1.º de Dezembro.  
(20.ª representação.) Opera — *Erasm doit e agora são tres.* — Dança — A Walkiria.  
**PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.**  
*Maurício, ou o Moncho effacinado,*

POR ESCRITO SCRIAS.

52802 Publicaram-se as folhas 3 e 4 de-  
to lindo Romance. Vendem-se a 10 rs. ca-  
da uma por assignatura, e a 15 rs. avulso  
nas lojas de livros na Rua Augusta n.º 1,  
3, 5 e 188, e na de Maximo á Bon-Vista,  
n.º 21.

## DECLARAÇÕES.

52803. O Director do Hospital Hespanhol  
de S. Thiego, faz saber que todas as quin-  
ta feiras, desde as 11 horas da manhã em  
diante, estarão reunidos os Facultativos do  
mesmo Hospital, para gratulamente serem  
consultados por quem os precisar.

52804 A venda da Proprieda-  
de na Rua da Bella Vista d'  
Estrella, já annunciada para o  
dia 29 do corrente, fica transferida para do-  
mingo proximo 3 de Dezembro ao meio dia  
no mesmo predio, cujo consta de Loja, 1.º  
e 2.º andar, cavallarie, bom quintal e agua  
nativa.

## OFFERECIMENTOS.

52805 Na Rua das Trinas do Mo-  
cambo n.º 204, ha uma Ana de leite  
novo — e tem abonação.

52806 A familia pequena, ou ho-  
mem só, que queira um Criado  
aocado, com boas abonações, bom  
Cocinheiro, dará o seu nome e mo-  
rada no Escritorio do *Gratis*, Tra-  
vessa Nova do Amparo n.º 22 e 23.

52807 Na Rua Augusta n.º 162 —  
1.º andar, ha uma Criada para Cozinha — tem abonação

52808 Um sujeito que fala varias  
idiomas, que sabe perfeitamente o ser-  
viço de mesa, e quartas ao gosto de  
Paris, e que tem viajado por Hespanha,  
França e Italia, possuindo bons certificados  
desceja empregar-se como Criado grave, ou

outro qualquer serviço, quem o pretender,  
dirija-se á Travessa de S. Nicolau n.º 1 — B.

## PEDITORIOS.

52809 Compra-se Ações da Nova En-  
grena Fabril (que foi do Anzillo) Rua dos  
Capellistas n.º 120 — Loja de Cambio.

52810 No Escritorio do *Gratis*, se  
diz quem precisa de uma Criada do  
20 a 30 annos para todo o trabalho.

## Hospital Nacional e Real de S. José.

52811 A Commissão Administrativa do  
mesmo Hospital manda fazer publico, que  
ha-de prover alguns logares de Ajudantes  
das Enfermarias em individuos que tenham  
de 22 a 30 annos de idade, que saibam ler,  
escrever, e contar, e provem por attesta-  
do de Facultativo do dito Hospital ter saú-  
de e robustez para o desempenho das obri-  
gações correspondentes; e por a testado do  
seu Parcho que são de boa conducta e sol-  
teiros.

Os pretendentes entregarão, desde já, na  
Contadoria do dito Hospital os seus requi-  
sitos com os ditos documentos, e ahí  
farão um pequeno exame daquelles prin-  
cipios, para os requerimentos podorem ser in-  
formados.

Outro sim manda declarar aos pretenden-  
tes que já entregarem requerimentos, tan-  
to para os logares de Ajudantes como para  
os de Serventes, e que ainda pretendem os  
ditos logares, que se apresentem quanto  
antes na Contadoria do dito Hospital para  
prestarem esclarecimentos que são neces-  
sarios.

Contadoria do Hospital Nacional e Real  
de S. José 89 de Novembro de 184

O Contador,  
Eduardo Roberto Ferragino.  
ALUGUEIS.

52812 Alugam-se juntas, ou en-  
paradas as lindas Casas da Tra-  
vessa de Santo Amaro n.º 7 a 10  
(Agradavel habitação) constam de bons quar-  
tos, Cavallarie, e vistesos quintas.



52813 No Escritorio do *Gratis* se  
diz, onde ha um Quarto mobilado,  
com comida ou sem ella.

## NAVIOS A SAIR.

Para o Rio de Janeiro.



52814 Sahirá com a brevidade  
que for possível A Barca  
Portugueza *Venus*, Ca-  
pitão FRANCISCO URBA-  
NO DOS PASSOS, quem quizer carregar,  
ou ir de passagem, queira dirigir-se a Ra-  
fael Gavazzo, Corrector do Numero de Na-  
vina e Leilões correspondentes, na Praça do  
Comercio as horas do costume, ou na Rua  
do Ferregal Debaixo n.º 18 — 3.º andar.

Liaboa 27 de Novembro de 1848.

## LEILÕES.

### VENDA EM LEILÃO

52815 Hoje 1 e amanhã 2 de De-  
zembro ás 11 horas da manhã, con-  
tinua na Rua das Portas de San-  
ta Catharina n.º 28 de sedas, vo-  
ludos, fitas, pentes de marfim,  
novelos, armarios da loja, balcão, um bom  
espelho de vestir, carteira, calçetes, fita  
de linho etc.



## ARRENDAMENTOS.

52816 Arrenda-se a Casa da  
Rua de S. Bento n.º 172, ten-  
do 1.º e 2.º andar, Cavallarie, e  
Cisterna — ultimo preço 120,000 rs., quem  
a pretender, procure o Dono na Travessa  
da Parreirinha n.º 9 A — 2.º andar.

52817 Quem quizer arrendar  
a Quinta do Senhor Roubado,  
situada junto de Olivellas, fale com o  
seu Dono, D. José da Cunha, no seu Pa-  
lacio a Xabregas, todos os dias não santi-  
ficados, desde as nove horas até ás duas  
da tarde.

52818 Na Rua do Arco da Gra-  
ça n.º 18 — 2.º andar, arrenda-se  
uma bonita Casa com Quintal.

52819 Arrenda-se uma proprie-  
dade de Casas, na Rua Direita  
dos Anjos n.º 10, que tem  
bons commodos, e está acabada de renovar.

52820 A Propriedade de Casas  
na Rua d'Atalaya n.º 21, ac-  
bou-se de renovar, offerece  
bons commodos, e arrenda-se  
m conta.

52821

## TRESPASSES.



52821 Trespasse-se o Arren-  
damento dos Armazens, Casa,  
e grande quintal com Arvores  
de fructo, e grandes latadas de  
moscatel e ferral na Rua do Loureiro n.º 12  
G, cum frente para cima do Chafariz na  
Rua Formosa — quem pretender arrendar,  
fale na loja da Rua Nova do Carmo n.º 7  
— A — B — C —

## VENDA DE PROPRIEZADES.



52822 Quem quizer comprar  
as Casas sitas no Terreirinho  
de Cintra, pertencentes a Rai-  
mundo Franco de Miranda, fale com José  
da Silva Mello, no Rocio n.º 21 — 2.º an-  
dar, em qualquer dia das 2 ás 4 horas da  
tarde.

## VENDA DIVERSAS.



52823 Na Rua Augusta n.º 178  
continua a vender-se Tapetes  
para sala, e Camape, Pannos  
para mesa de diversos tamanhos e cores e  
Flanels e outros objectos, a preços muito  
commodos.



52824 Vende-se muito barato,  
uma porção de feiches de Varas  
de Castanho, proprias de parreiras, e diver-  
sos misteres: feiches de Arco de Pão de  
todas as qualidades, Linças de Vimes, Jun-  
cos botoques de pio e bombas, Varejões,  
Madeira para carros, Franchas de Nogueira,  
Castanho, e Adullas — Boquirão da  
Moita, á Ribeira Velha n.º 2 a 10.



52825 Na Loja de Pannos de li-  
nho Rua Augusta n.º 183, á es-  
quina da Rua dos Retrozeiros,  
recebeo ultimamente grande sortimento de  
Pannos de linho, Toalhas, Guardanapos,  
Linhas e Piugas, Estopas, Cobertores de li-  
nho de algodão, juntamente doces de Coimbra e  
Elvas de diferentes qualidades, e outros  
muitos objectos, que continua a vender por  
preços muito commodos.



52826 Vende-se 17 Pipas, que  
tem servido a Assite Doba —  
Rua de S. João da Praça n.º 50 B.

LISSOIA: 1848. — TYPOGRAPHIA DO GRATIS  
Colyada dos Barbadeiros n.º 57. — Aplemia:

As duas páginas do *Gratis*, ao tempo em que este periódico publicava anúncios illustrados com vinhetas

Formato de cada página 0<sup>m</sup>,255 X 0<sup>m</sup>,165

E acrescentava, exortando o público a que anunciasse;

«Ó annuncio! ó vida das sociedades! ó tu que vales mais do que a paixão e do que o estylo! Tu que és rapido, variado, axiomático—toda a gente precisa de ti!...

«No annuncio não ha periphrases nem palavorio inutil. Obedece a tres condições: ser claro, moral, e constante; já toda a gente o usa, já toda a gente o quer, já não se pode passar sem elle<sup>53</sup>.»

O aparecimento do *Diario de Noticias* marca, pois, em Portugal o comêço do desenvolvimento decisivo do anúncio como intermediário poderoso da maior parte dos negócios, e condição indispensável para o bom êxito da maior parte das empresas<sup>54</sup>.

Referindo-se, no seu estylo faceto, á rápida aceitação do anúncio, desde que surgira o *Diario de Noticias*<sup>55</sup>, um dos mais prestimosos colabora-

<sup>53</sup> Uma das mais completas apologias do anúncio é a que Lebey publicou em *La Presse*, de 3 de outubro de 1848, e que E. Mermet reproduz no seu *Guia*. Eis alguns dos mais notáveis períodos do artigo de Lebey:

«O anúncio é o meio de fazer chegar a notícia d'um facto ao conhecimento do maior número possível de indústrias. É o intermediário mais natural, mais modesto, mais inteligente e económico entre a produção e o consumo.

«O anúncio participa simultaneamente da taboleta, do cartaz, do prospecto e do *commis-voyageur*, ou melhor, é o resumo d'estas quatro formas de publicidade.

«O anúncio, diz o dr. Bureaud-Riaffrey, é pelos ingleses considerado tão útil num jornal, como propriamente a parte política, e ainda mais indispensável do que esta. A política é domínio privilegiado d'alguns; o anúncio é do domínio de todos.

«Os anúncios correspondem a todas as exigências da vida; é no jornal que se procura o meio de as satisfazer.

«O *Times* é na realidade a feira permanente de Londres... Para achar empregados, ou para ser empregado vai-se á feira: a feira é o anúncio; o anúncio, numa palavra, é a expressão real da vida social, porque representa todas as necessidades, todas as indústrias, todas as profissões, todas as artes.»

<sup>54</sup> No constante empenho de melhorar e tornar úteis ao público os serviços telégrafo-postais, o sr. conselheiro Alfredo Pereira, que durante muitos anos dirigiu aqueles serviços com a maior competência e o mais devotado zêlo, a que muito folgo de prestar aqui homenagem, propôs e conseguiu que fôsse aprovado por Decreto de 11 de janeiro de 1910, o regulamento para o serviço de anúncios por intermédio das respectivas estações.

O mesmo distintíssimo funcionário já havia, em 1 de fevereiro de 1900, mandado aceitar, nas estações referidas, *assinaturas* para todos os jornais e outras publicações periódicas do continente do reino e ilhas adjacentes.

Tanto uma como outra iniciativa demonstram quanta consideração e deferência merecia a imprensa jornalística áquela repartição do Estado, bem ao contrário do desdêm que, noutras esferas burocráticas, pela mesma imprensa se tem sentido ou affectado sentir. E a primeira das providências a que me referi igualmente prova a importância que os anúncios assumiram na vida da sociedade portuguesa e o predominante papel que nela desempenham.

<sup>55</sup> O *Diario de Noticias* teve, na propagação do anúncio, um auxiliar valiosíssimo—Luiz Maria Pereira de Braun Peixoto, nome hoje talvez quase esquecido, mas que é de justiça recordar aqui.

«Quando o *Diario de Noticias* appareceu (lia-se neste jornal, em 30 de maio de 1878) e que com elle, começou a desenvolver-se a publicidade pelo annuncio, Braun Peixoto de-

dores que êste teve nos seus primeiros anos, Marianno Froes, escrevia em 1867:

«O annuncio é com certeza uma das maiores maravilhas que os homens teem inventado, para proveito da humanidade.

«A litteratura vae levar grande volta; vão-se operar espantosas reformas nas secretarias do jornalismo; o poeta, o romancista, o folhetinista, o noticiarista descerão dos carrapatos das secções litteraria, noticiosa e politica do jornal, e tomarão logar na pagina de annuncios... Haverá poetas a vintem a linha, folhetinistas a pataco a dicta, e fazedores de romance a tres vintens a sobredicta. O annuncio terá interesse, lances dramaticos, peripécias comicas, e estylo...»

Tudo isso êle tem efectivamente hoje, e o que Marianno Froes, por mero humorismo, vaticinava há tantos anos, veio a realizar-se plenamente, quando o anúncio, por interesse próprio, passou a revestir todas as formas e todos os estilos literários.

A extrema barateza concorria, ao mesmo tempo, para que todos o pudessem aproveitar. Notava-se êste facto no próprio *Diario de Noticias*, em 1870, comparando-se o preço de 20 réis, que a empresa fixara a cada linha, e que ainda hoje conserva, com o que os jornais estrangeiros de grande publicidade lhe estabeleciam, e que excedia 240 e 260 réis<sup>56</sup>; e

dicou-se a favorecer e auxiliar essa corrente, creando a sua Agencia (a *Agencia Primitiva de Annuncios*, com a qual o *Diario de Noticias* tinha um contrato especial).»



BRAUN PEIXOTO

No *Diario de Noticias* n.º 4:431, de 13 de junho de 1878, J. Cesar Machado, dedicando um folhetim á morte do *Peixoto dos annuncios*, escrevia: «N'esse estado exactamente estava o annuncio em Portugal. A *Revolução de Setembro* annunciava ha 20 annos o dr. Nilo, e a *Nação* uns carneiros merinos que vendia um tal Alegria; mas o annuncio estava magnetizado, e o Peixoto é que labutou, girou, insistiu, voltou, instou, até fazer entrar bem nas cabeças dos portuguezes a idéa de que o annuncio é indispensavel, e que ninguem adivinha nem pôde saber as cousas sem lhas dizerem. Conseguiu-o. Esse é o seu titulo e o seu triumpho. Sujeitou-se, como um judeu, á humildade laboriosa; e venceu pelo unico segredo honroso dos triumphos humanos, a paciencia no trabalho.»

<sup>56</sup> «Depois dos jornaes inglezes, as folhas européas que mais annuncios publicam são os jornaes populares de Vienna de Austria. Seguem-se-lhes immediatamente os jornaes populares portuguezes. Temos já contado 4:000 annuncios num numero do *Times*, 1:000 no *Tagblatt*, de Vienna; cá já chegámos a 600 (e bastantes anos depois de isto se escrever, em 3 de dezembro de 1913, o *Diario de Noticias* inseriu 1:395 anúncios, elevadíssima cifra que não tinha atingido até então e de que nem sequer se havia aproximado, nenhum outro jornal do país, sendo frequente, desde ha anos, publicar muito mais de mil anúncios num só dia). Mas Londres tem 4.000:000 de habitantes; Vienna, 600:000; Lisboa, 250:000 Relativamente, a publicidade cá é superior; e o preço de cada linha em Londres é 240 réis, em Vienna 80 réis, e em Lisboa 20 réis.» (*Diario de Noticias* n.º 4:896, de 24 de setembro de 1879).

CHAMBO DE NOTICIAS

Seguindo estes caminhos, corria a pressa...

A justiça, procedendo a averiguações...

—Yves, Juana, Quiza se arde... —Meu Deus — gritou a pobre...

O amor, que era a pecca... — Inesperadamente a cura de Yv...

—Vej, vej, de manhã vai a Sr. D. S...

Leitura, quando gesticulava com o...

para a manobra de socorrer e tanta...

—Vale mais? Nem tanto... —Alguns espiris estranha...

Por decreto de 21 de dezembro d'este...

—O Sr. Antonio José Soares Barrozo...

O Sr. Antonio José Soares Barrozo...

A respeito do que se publicou...

amento a qual não poderá associar...

—Vale mais? Nem tanto... —Alguns espiris estranha...

—O Sr. Antonio José Soares Barrozo...

O Sr. Antonio José Soares Barrozo...

A respeito do que se publicou...

A respeito do que se publicou...

O documento de alliança grande...

—Vale mais? Nem tanto... —Alguns espiris estranha...

—O Sr. Antonio José Soares Barrozo...

O Sr. Antonio José Soares Barrozo...

A respeito do que se publicou...

A respeito do que se publicou...

NOTICIAS CIENTIFICAS

Table with columns: País, Anos, Horas, Minutos, Segundos. Lists astronomical data for various countries.

NOTICIAS CIENTIFICAS... A respeito do que se publicou...

ANNUNCIOS

ALIAS DO SENHOR ANTONIO TEIXEIRA... Sobral & Alhandra...

QUADROS D'ALMA... Sobral & Alhandra...

ALIAS DO SENHOR ANTONIO TEIXEIRA... Sobral & Alhandra...

QUADROS D'ALMA... Sobral & Alhandra...

ALIAS DO SENHOR ANTONIO TEIXEIRA... Sobral & Alhandra...

QUADROS D'ALMA... Sobral & Alhandra...

ALIAS DO SENHOR ANTONIO TEIXEIRA... Sobral & Alhandra...

QUADROS D'ALMA... Sobral & Alhandra...

A 4.ª página de anúncios do número-programa do Diario de Noticias de 29 de dezembro de 1864, contendo

4 ANUNCIOS



numa representação contra o imposto sobre os anúncios, dirigida em 26 de maio de 1869 ao parlamento, alegava ela o seguinte:

„Em nenhuma parte da Europa, e talvez poderíamos dizer do mundo, o jornal e o annuncio teem sido reduzidos a tão extrema barateza como em Portugal.

• Inserir uma linha de annuncio por 20 réis, isto é, pela duodecima parte do que custa em Inglaterra, oitava ou sexta do que custa em França, sexta ou quarta do que custa em Hespanha, numa folha de grande formato, que, vendendo-se por pouco mais de 5 réis (aos revendedores) propague esse annuncio em 10, 15 e 17 mil exemplares, é chamar ao illustrador tracto da imprensa todas as classes, ainda as mais desprovidas de fortuna, alliando á mira do justo premio que deve ter o trabalho honrado do homem laborioso, a aspiração da utilidade publica.»

O primeiro número do *Diario de Noticias* inseria apenas 4 anúncios. Mas esta cifra tam rápidamente aumentou que, passados poucos meses, a empresa via-se obrigada a prometer uma ampliação de formato para o jornal<sup>57</sup> e, no fim do primeiro ano, haviam-no procurado nem menos de 14:402 anúncios, ou seja, em média, 48 por dia.

Esta média aproximava-se de 135, no segundo ano, em que a totalidade dos anúncios ascendeu a 40:263, e, apesar deste número ser elevadíssimo para aquela época, foi assim sucessivamente aumentando, a ponto de, em 1885, subir a perto de 180:000, ou aproximadamente doze vezes mais do que 20 anos antes, mantendo-se, dentão até hoje, uma constante progressão crescente, e sendo de 254:577 a totalidade dos anúncios de que se pagou sêlo, publicados durante o ano de 1913<sup>58</sup>, em cujo dia 3 de dezembro o *Diario de Noticias* inseriu a cifra, nunca igualada em jornal português, de 1395 anúncios.

No ano seguinte áquele em que estes factos se faziam notar, o *Figaro*, de 14 de janeiro de 1880, publicava o seguinte aviso: «Partindo d'este indiscutível princípio, de que o valor do anúncio está na razão directa do número de exemplares e da qualidade dos leitores, decidimo-nos a elevar os preços, ao mesmo tempo que verificávamos o aumento de tiragem do *Figaro*. Os anúncios pròpriamente ditos, que, até o presente, eram tarifados a 3 francos a linha, sobem, a partir do comêço dêste ano, a 4 francos-. Simultaneamente, os *reclamos* taxavam-se em 7 francos e meio, e a chamada *petite gazette* em 12 francos a linha. Por isto se poderá avaliar em que reduzido preço ainda se conserva o anúncio em Portugal, principalmente se atendermos ao aumento que êsse preço tem continuado a sofrer nos jornais estrangeiros.

<sup>57</sup> Em 7 de maio de 1865 lia-se no *Diario de Noticias* n.º 103 o seguinte expediente: «Sendo tão extraordinaria a popularidade que teem adquirido os annuncios da nossa folha que a sua affluencia augmenta a ponto de nos obrigar todos os dias a retirar grande numero de noticias interessantes, a empresa, para conciliar os interesses dos senhores subscriptores e annunciantes, augmentará dentro em pouco consideravelmente o formato do *Diario de Noticias*.»

<sup>58</sup> Na *Conta geral da administração financeira do estado na metropole* relativa á ge-rência do ano económico de 1889-1890, é que, pela primeira vez, figura, escriturada em se-



A prosperidade acusada por êstes algarismos era realmente de molde a suscitar invejas, que muito naturalmente se teem revelado em acusações gratuitas, como a de que o jornal se deixa tyrannizar pelo anúncio, ou mais claramente, pelo ganho que dele advêm á empresa.

Numa folha da capital, que, em parte, também sempre se sustentou das publicações retribuidas, alguêm houve que, sem mesmo guardar o anónimo, arguiu em 1878 os periódicos baratos de serem um elemento de decadência, por viverem do interesse do *reclamo* e do anúncio.

Não ficou sem resposta a acusação; e o *Diario de Noticias*, ao qual mais directamente ella ia ferir, objectava-lhe no seu n.º 4:538, de 28 de setembro daquele ano:

«Abstrahindo do erro historico que tal affirmação envolve, porque o que chama a tyrannia do *réclame* e do annuncio já existia na imprensa antes dos jornaes baratos, que nada mais fizeram do que alargar os dominios da sua publicidade, e sem deixar de notar que de réclames interesseiros e tyrannicos está cheia a vida, em todas as relações sociaes, e que principalmente na nossa politica existe o *réclame* permanente, mais deslavado ás vezes, e mais pernicioso que os das modistas, dos medicos, dos fabricantes de elixires e dos dulcarmas de todas as especies, observaremos que não ficará mal acompanhada a imprensa portugueza nessa decadência, pois tem a seu lado e do mesmo modo *escravizados* pelo *réclame* e pelo annuncio os primeiros jornaes do mundo: ocioso é mencionar o *New York Herald*, o *Times*, o *Daily Telegraph*, o *Figaro*, o *Commercio* do Rio de Janeiro e outros. Não são esses instrumentos industriaes que escravizam e abatem e agrilhoam a imprensa. Se são exagerados e falsos, teem sempre o grande correctivo do exame publico.

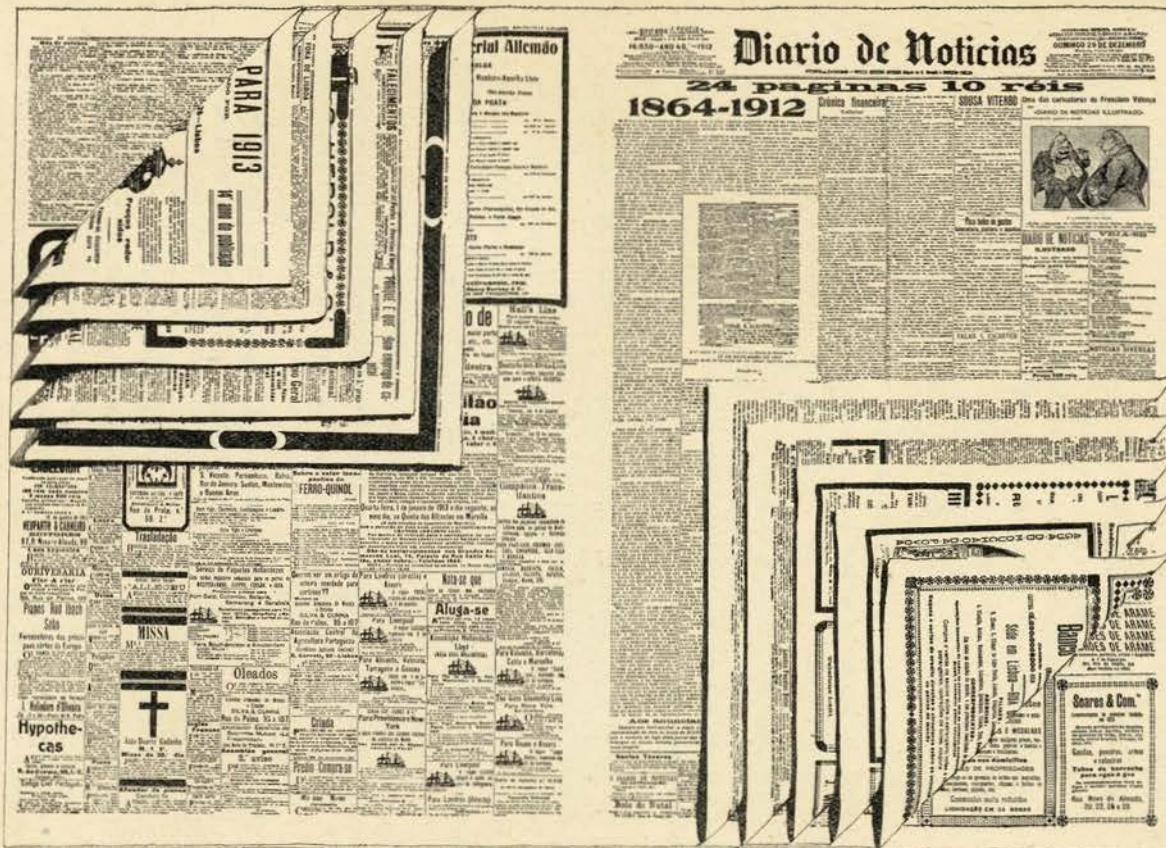
«Os annuncios amorosos, que não foram introduzidos na imprensa pelos jornaes baratos, são pratica antiga numa das mais importantes folhas inglezas, nalgumas francezas, uma grande folha italiana dá-lhes livre curso; e em França ha até um jornal exclusivamente dedicado a essa especie; o amor não deixava de existir sem elles, nem nos parece que elles augmentem a corrupção social, ou que a sua ausencia a possa corrigir.»

O *Diario de Noticias*, porém, não deixava apenas ao *exame público* a correcção dos desmandos: era a própria empresa que sujeitava cautelosamente a inserção dos anúncios a restrições apertadas, no intuito de evitar abusos.

---

parado, a verba do *Selo de anuncios nos jornais e publicações*, criado pelo decreto de 26 de novembro de 1885, art. 88.º e seg.—decreto que começou a vigorar em 1 de janeiro de 1886, e que sujeitava ao selo de 10 réis cada anúncio publicado em qualquer periódico, incluindo o *Diario do Governo*, ou em livro, folheto, cartaz, ou por outra qualquer forma (n.º 317 da respectiva tabela).

A verba do selo de anúncios escriturada no ano económico de 1889-1890 é de réis 5:815\$873, que na citada *Conta Geral* vem decomposta e especificada por distritos administrativos. O distrito de Lisboa concorreu com 3:425\$830 réis; e o do Porto com 849\$716 réis.



Um numero de 24 páginas do Diario de Noticias  
29 de dezembro de 1912  
 com nove páginas de noticiário  
 e quinze " de anúncios

No seu n.º 830, de 17 de outubro de 1867, lia-se a seguinte prevenção:

•O *Diario de Noticias*, não desejando por esse modo, ainda que indirecto, contribuir para a realização de contractos de tal natureza, que são punidos pela lei, deixará d'ora avante de publicar qualquer annuncio que offereça dinheiro para a aquisição de qualquer emprego publico; assim como se recusa todos os dias a fazer muitas publicações pagas e que offendem os principios em que assenta o seu invariavel programma, ou tendem a prejudicar no conceito publico qualquer individuo ou corporação. Sacrifica assim uma parte dos seus interesses, mas cumpre o que julga ser do seu dever.»

Recordarei ainda uma prescrição que, desde o seu comêço, voluntariamente se impôs, e a que já tive ocasião de referir-me—a de «não admitir casos da vida particular ou publicações infamantes, quer para o corpo do jornal, quer para a secção dos annuncios».

Além disto, a empresa perseguia sem trégoas os autores de anúncios falsos, ou que fossem apresentados por suposta pessoa, tendendo a desconceituar ou enganar quem quer que fôsse.

A êsse «criminoso abuso» se referia o *Diario de Noticias* no seu n.º 116, de 23 de maio de 1865, declarando que á policia e ao poder judicial submetia a investigação e a punição de casos tais.

Por um excesso de escrúpulo, que muitas das mais consideradas folhas do estrangeiro nunca tiveram, quando, em 1868, foi entregue na administração do *Diario de Noticias* um anúncio de convite ás senhoras que quizessem casar—anúncios aliás correntes e vulgaríssimos nos periódicos de outros países—a empresa rogava ao anunciante «que se dignasse garantir a honestidade das suas intenções perante uma auctoridade administrativa, a fim de que essa garantia lhe removesse os seus justos escrúpulos.»

Preferia, ao que se vê, pecar por demasiadas exigências, a tornar-se conivente num facto que se lhe afigurou poder ser-lhe imputado como menos correcto.

O público, a quem o *Diario de Noticias* quotidianamente tem prestado tam valiosos serviços, sem de nenhum modo lhe fazer sombra, é

---

Dêstes Algarismos, confrontados com a cifra dos anúncios publicados no *Diario de Noticias* durante o referido ano económico, isto é, durante os últimos 6 meses de 1889 e os primeiros 6 meses de 1890, cifra que ascendeu a 182:428, vê-se que só de per si, concorreu com 1:824:280 réis, ou seja muito mais de metade do rendimento dos anúncios em todos os periódicos e publicações do distrito de Lisboa; mais do dôbro, relativamente ao do Porto; e quase uma tẽrça parte daquêle mesmo rendimento em todos os 17 distritos da metrópole. E esta supremacia, talvez ainda aumentada, mantêm-se á data em que escrevo estas linhas.

que sempre tem comprehendido as vantagens que o jornal lhe oferece, compensando-o praticamente da guerra movida por essa *inveja raladora* a que Eduardo Coelho tantas vezes, e com tam perfeito conhecimento de causa, se refere nos seus escritos.

O sr. Visconde de Castilho (Julio) erudito investigador a quem se deve um valiosíssimo trabalho sobre a *Lisboa antiga*, faz no capitulo XXI do quarto volume dessa obra um espirituoso símile do famoso Santo António de Lisboa com o *Diario de Noticias*.

Depois de falar da pia batismal do taumaturgo, e de um sermão do padre Vieira, escreve:

«O padre ainda podia dizer (elle adivinhava) que Santo Antonio era o *Diario de Noticias* do Portugal velho. Eu me explico.

«Quem perde hoje uma pulseira, um brilhante, uma carteira de notas ou uma inscripção, que faz? Corre ao *Diario de Noticias* e annuncia.

«Pois no tempo que lá vae não era assim, e quem perdia ia a Santo Antonio da Sé, falava com o ermitão ou sachristão, e quasi sempre ali é que recebia o objecto extraviado.

«Eu me explico ainda melhor.

«Havia uma provisão ou ordem, de D. Filippe III, que obrigava os achadores de quaesquer papeis ou objectos a irem deposital-os nas mãos do ermitão de Santo Antonio da Sé; e como provavelmente iam todos, todos que perdiam achavam.»

Os ingleses chamam *medium* á folha que melhor consegue tornar-se o mediano entre a oferta e a procura. Os centos de milhares de anúncios que anualmente procuram o *Diario de Noticias*, provam-lhe que é elle o *medium*, por excelência, da capital, e são também o mais eloquente e significativo testemunho da simpatia que inspira e da larga aceitação que mantêm<sup>59</sup>.

<sup>59</sup> Havendo o *Codigo de Falencias* aprovado por Decreto de 26 de julho de 1899 (do mesmo modo que mais tarde, e em iguaes termos, o *Codigo de Processo Commercial*, aprovado por Decreto de 14 de dezembro de 1905, nos artigos 360.º e 361.º § un) preceituado no art. 175.º que «nas comarcas onde houver mais de um periodico, mandará o juiz abrir concurso para adjudicação annual das publicações que hajam de ter logar em processos de falencia e concordata», devendo o júri, sob a presidência do juiz, escolher «a proposta que for mais vantajosa, atentas a economia e reconhecidas vantagens dela e a tiragem e circulação do periódico» (§ unico do art. 176.º), logo ao primeiro concurso aberto na comarca de Lisboa, por anúncio inserto no *Diario do Governo* de 27 de dezembro de 1899, o *Diario de Noticias* concorreu e foi preferido. E desde então até esta data, vai para catorze anos, nunca elle deixou de ser o jornal escolhido para tal fim.

Como documento que instruiu a proposta do *Diario de Noticias*, juntou este uma certidão da Repartição Central da Direcção Geral das Contribuições Directas pela qual se provava que a maior avença de selo de anúncios paga pelos periódicos de Lisboa era a daquele jornal, avença que em muitíssimo excedia a de qualquer outra folha periódica portuguesa.

Diario de Noticias a 10 réis!



Caricaturas de CELSO HERMINIO  
no *Diario de Noticias* de 14 de maio de 1903

## III

De todos os factores que tenho enunciado—do preço do jornal, que punha êste ao alcance até dos menos abastados; da forma de venda, que a ninguêem o deixava passar despercebido; do modo como era redigido, e que fazia com que a todos interessasse e fôsse compreensível a sua leitura; e do anúncio, enfim, que tornava uma quase necessidade a sua consulta—dêstes quatro elementos proveio a popularidade que prontamente acolheu o *Diario de Noticias*.

Lê-o o pobre, lê-o o rico,  
Lê-o o velho, lê-o o moço,  
Pois é tão indispensavel  
Como o pão para o almoço.

Isto escrevia J. Ignacio de Araujo, numas chistosas quadras dedicadas aos vendedores do *Diario de Noticias*; e em outro folhetim, igualmente humorístico, intitulado *Necessidade das noticias*, acrescentava:

Curiosos neste mundo,  
Mais ou menos, todos são.  
Novidades e noticias  
Sempre tem acceitação.

E por isso, se a verdade  
Um jornal não atropella

Nas noticias que apresenta,  
Vende se como canella.

Se bons *artigos de fundo*  
Muita gente passa em claro,  
Lê com certeza os annuncios,  
E escapar-lhe um só é raro.

Sob esta forma faceta, exprimia-se realmente uma verdade, que os factos se teem encarregado de demonstrar á evidência.

Para essa popularidade vieram ainda, porém, concorrer poderosamente as publicações de sensação, a que foram de preferência destinadas as colunas do folhetim. A experiência mostra, principalmente pelo que respeita aos jornais populares, que o romance, pela indiferença ou pelo interesse com que é acolhido, determina nas tiragens flutuações de milhares de exemplares por dia<sup>60</sup>.

<sup>60</sup> Foi o *Journal des Débats*, sob a direcção dos irmãos Bertin, que, em Paris, criou o folhetim, no comêço do século passado, não tardando os outros jornais a seguirem-lhe o exemplo. E foi a *Revue de Paris* fundada por Veron em 1829, que introduziu o romance nos periódicos, tornando-se célebres os trabalhos dêsse género publicados por Alexandre Dumas em *Le Siècle—Os três mosqueteiros, Vinte anos depois*, etc. (A. de Chambure—*A travers la presse*, pag. 40 e 61).

O extraordinário êxito que desde logo obteve o jornal de Émile de Girardin, *La Presse*, deveu-o êste, não só ao reduzido preço por que se vendia, mas também ao modo como era redigido, e aos atractivos do romance-folhetim, habilmente explorado. O mesmo succedeu com o *Petit Journal*; e a *Ressurreição do Rocambole*, o famoso romance de Ponson du Terrail, que fez época em toda a Europa, elevou-lhe, em poucas semanas, de 80:000 a 230:000 exemplares, a tiragem diária, que ainda cresceu com a publicação do romance *Os Thugs*, de que o *Diario de Noticias*, em 1866, igualmente se aproveitou com o mais lisongeiro resultado.

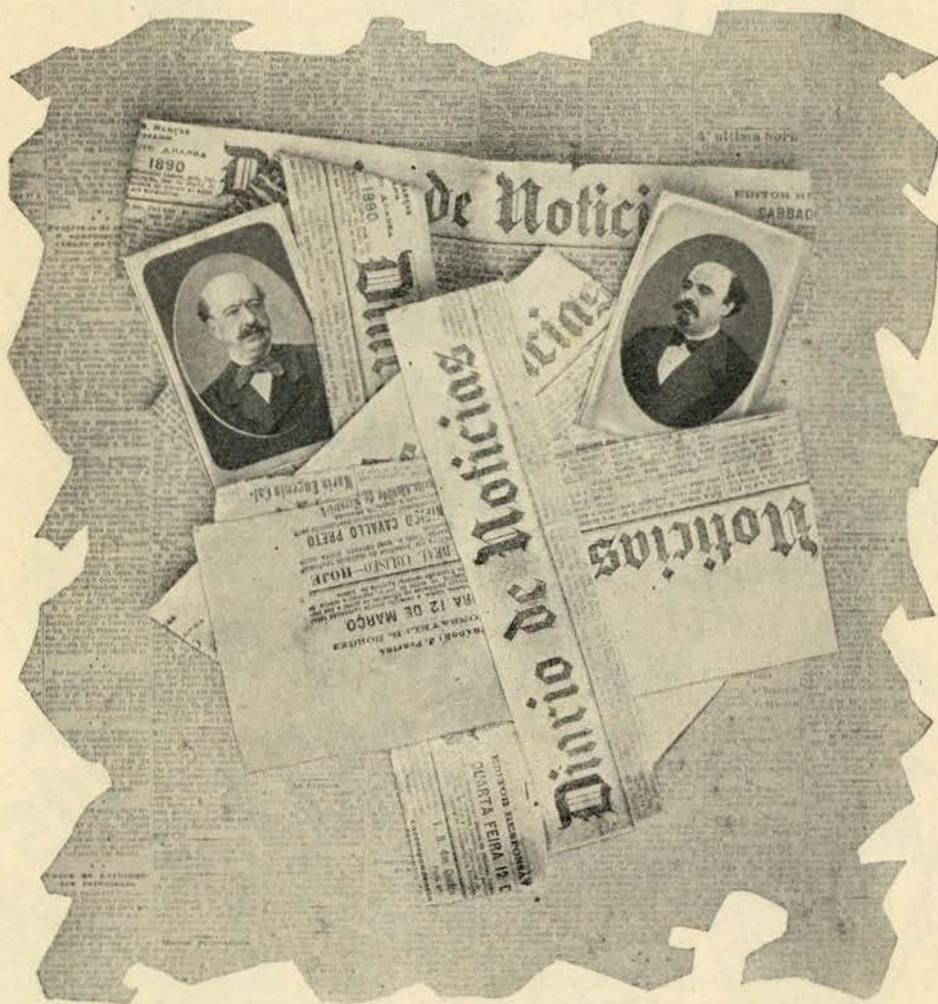
Além das traduções dos romances estrangeiros de maior sensação, o *Diario de Noticias* proporcionava também aos seus leitores romances originaes, dum interesse notável, como foi em 1870 o *Mysterio da Estrada de Cintra*, modêlo no género, e que é ainda hoje justamente considerado um dos mais belos e imaginosos trabalhos de Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão. «Foi esse livro, escrevia Camillo Castello Branco, em carta dirigida ao editor A. M. Pereira em princípios de 1886, que iniciou a re-fôrma das milicias litterarias indigenas, a tropa fandanga, de que eu fui cabo de esquadra. A evolução do estylo data d'ahi. . . O *Mysterio* ha de ficar assignalado no desenvolvimento das bellas cousas que estavam embryonarias no vocabulario marasmado durante dois seculos»<sup>61</sup>.

No ano seguinte, o *Diario de Noticias* contava entre os seus folhetinistas habituais, Manoel Pinheiro Chagas, Bulhão Pato, Luiz Augusto Palmeirim e Julio Cesar Machado, que se conservou como folhetinista efectivo até pouco antes da sua desgraçada morte, em janeiro de 1890. E afora êstes, cumpre ainda especializar, como sendo dos que mais assiduamente colaboraram no jornal, principalmente nos seus primeiros anos, Camilo Marianno Froes e Manoel de Roussado (barão de Roussado), dois dos mais espirituosos e festejados folhetinistas daquela época, Francisco Leite Bastos, que, no género literário a que se dedicou, deu mostras duma inventiva fecundíssima, Luís de Araujo, o popularíssimo poeta, Bernardino Martins e Oliveira Pires (Arnaldo de Oliveira).

O *Diario de Noticias*, por vezes tão desdenhado pela literatura de alto coturno, tem aberto contudo as suas colunas ou as das publicações

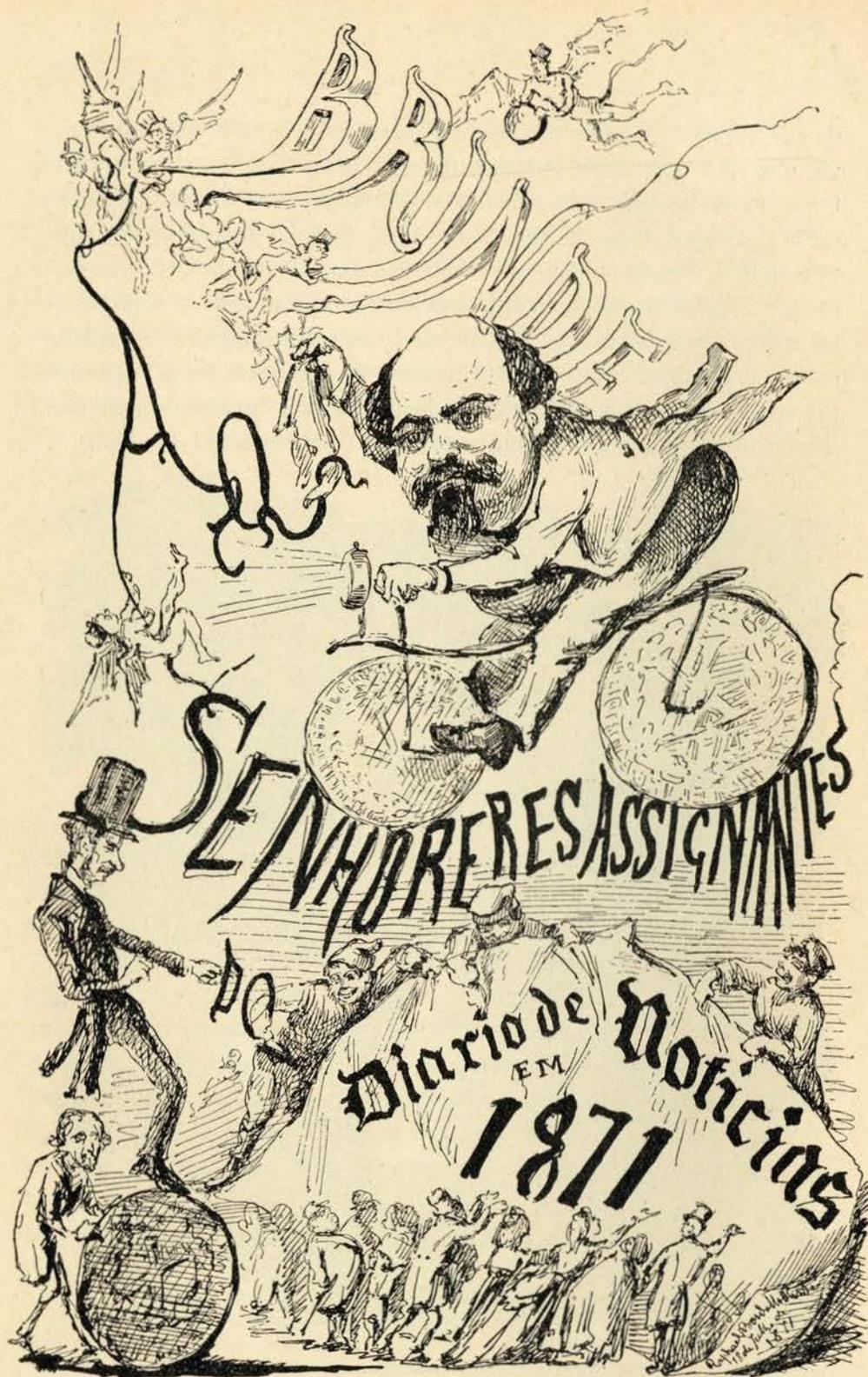
<sup>61</sup> «Ha 14 annos, em uma bella manhã, Lisboa estremeceu de terror ao ler no folhetim do nosso jornal a historia pavorosa duma emboscada de que fôra victima na vespera o doutor. . . A policia investigou, a população sobresaltou-se, houve até quem deixasse de ir para Cintra receiando nova emboscada de mascarados na charneca, até que os folhetins dos dias immediatos deixaram transparecer a verdade: era tudo um romance, admiravelmente imaginado e admiravelmente escripto». *Diario de Noticias* n.º 6:797, de 23 de dezembro de 1884. — Veja-se a nota final H.

da sua iniciativa, a todos os escritores e artistas de mérito, havendo sido êle que, pela sua larga publicidade, em Portugal melhor e mais facilmente ajudou a criar fama a muitos dos principais vultos literários da geração moderna. E ao mesmo tempo que, quer na própria folha, quer nos antigos *Brindes* anuais oferecidos aos assinantes e nos grandes números comemorativos ilustrados, têm colaborado os mais notáveis poetas e homens de ciência, nunca deixaram de ser acolhidos com simpatia os que pretendiam começar a sua carreira literária, tendo escolhido sempre a empresa, pelo que respeita á redacção efectiva do jornal, quem melhor e mais fielmente haja mostrado saber cumprir o seu programa <sup>62</sup>.



Thomaz Quintino Antunes e Eduardo Coelho (composição fotográfica de Gião)

<sup>62</sup> Veja-se a nota final I.



Projecto de illustração para a capa do Brinde aos senhores assignantes  
do **Diário de Notícias** em 1871

caricatura de **RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO**

A' esquerda, empurrando uma moeda de 10 réis, o antigo gerente Antonio Simas; sôbre essa moeda, em pé,  
Thomaz Quintino Antunes; dominando as restantes figuras,  
a meio da página, Eduardo Coelho sôbre uma bicicleta cujas rodas são figuradas por moedas de 10 réis.  
No fundo, representantes de várias classes da sociedade pedem o *Diário de Notícias* aos vendedores varinos

\*  
\*   \*  
\*

O *Diario de Noticias* havia desde o seu aparecimento impressionado o público, marcando época no jornalismo contemporâneo.

Quando criou o *Petit Journal*, o seu fundador de tal modo encheu de exemplares daquela folha as ruas de Paris, que quase não podia ela deixar de ser lida por quem passava, não havendo, em poucos dias, na capital da França, quem, ao menos de nome, a não conhecesse bem. O mesmo conseguiu a empresa do *Diario de Noticias*, por meio do pregão que os seus vendedores soltavam pelas ruas de Lisboa.

As atenções fixaram-se nessa ruidosa publicação, e o agrado que despertou, e a pronta popularidade que obteve, levaram outras publicações a imitar-lhe o exemplo, e muitas empresas e industriais a servir-se do nome do novo jornal como profícuo meio de *reclamo*.

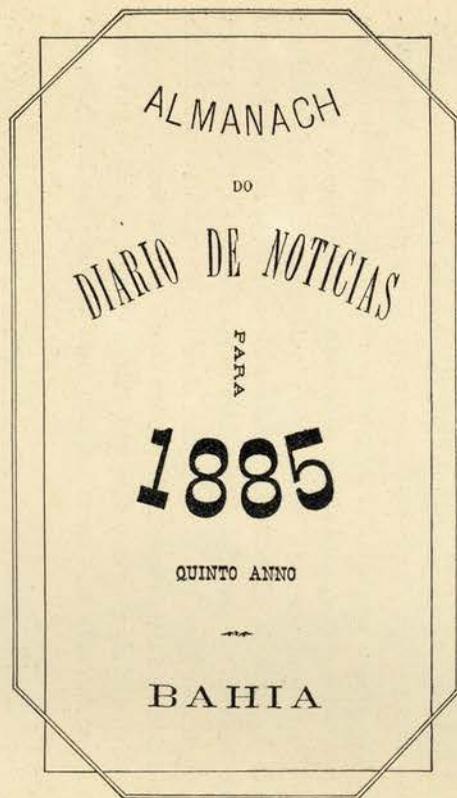
Nos teatros, nos concertos públicos, o título do *Diario de Noticias* era aproveitado para designar comédias ou composições musicais que buscavam fácil aceitação; e nos estabelecimentos comerciais do mesmo modo o applicavam a géneros ou a manufacturas a que convinha dar um carácter de novidade que facilitasse a venda. E decerto não seria dos menos interessantes capítulos dêste trabalho a história dessas manifestações de aprêço, que eram sem dúvida, algumas até na sua mesma futilidade, uma das mais frisantes demonstrações do interesse com que se acolhia tudo o que respeitasse á nova folha, e até o que apenas lhe pedisse emprestado o nome, como alguns *Almanques*, por exemplo.

E assim foi que êsse jornal, entrando definitivamente nos costumes e nas simpatias do público, via, passados 21 anos da sua fundação, o seu título inscrito na rua em que montara os escritórios, e que, muito antes do município como tal oficialmente a designar, já era mais communmente conhecida pela denominação de *rua do Diario de Noticias*<sup>63</sup>.

Já aludí a alguns periódicos que, logo no comêço, tentaram usurpar-lhe a popularidade e os interesses, por meio de ilegítimas imitações, que

---

<sup>63</sup> Pelo edital de 31 de dezembro de 1885, publicado no *Diario do Governo* n.º 7, de 11 de janeiro de 1886, o presidente da câmara municipal de Lisboa (então o benemérito José Gregorio da Rosa Araujo) fazia saber «que esta camara, usando da attribuição que lhe confere o n.º 28.º do art. 103.º do Código administrativo, deliberou na sessão de hoje o seguinte: Que a rua dos Calafates, na área do 3.º bairro, desta cidade, passe a denominar-se Rua do Diario de Noticias».



Frontispício do Almanaque do *Diario de Noticias*, da Bahia

ALMANACH  
DO  
**Diario de Noticias**  
PARA 1886

PUBLICADO PELOS QUATRO REDACTORES EFFECTIVOS  
E O GERENTE DA MESMA FOLHA

Albino Pimentel, Antonio Simas  
Baptista Borges, Brito Aranha e João de Mendonça

PRIMEIRO ANNO



LISBOA  
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL  
(Imprensa da Casa Real)  
110 — RUA DOS CALAFATES — 110  
1885

Frontispício do Almanaque do *Diario de Noticias*, de Lisboa

ao mesmo tempo constituíam uma perfeita burla para os leitores.<sup>64</sup> Efectivamente numerosas publicações, da mesma ou de diversa índole, mas obedecendo nos seus processos de divulgação e na sua organização económica, a princípios idénticos aos do *Diario de Noticias*, o seguiram sem demora; e algumas folhas, especialmente das ilhas adjacentes e do Brasil, lhe adoptaram inclusivamente o título<sup>65</sup>, como se vê das reproduções coligidas nas duas páginas seguintes.

O *Diario de Noticias* dava conta, com verdadeiro prazer, dos progressos que a sua iniciativa ia determinando, e os seus imitadores, longe de lhe excitarem invejas, eram por êle acolhidos com affectuosa estima.

Em janeiro de 1867, no seu n.º 623 lia-se o seguinte;

«A inauguração d'este periodico, é força confessional-o, foi como que um inicio de civilização e progresso. Todas as classes o saudaram como tal, e numerosissimas publicações firmadas no principio economico que presidia á sua criação, vieram dar-lhe outros tantos applausos».

E já anteriormente se aludia nestes termos ao movimento jornalístico que o *Diario de Noticias* originara;

«A civilisadora idéa do *Diario de Noticias* vae fazendo numerosos proselytos no jornalismo. Tres mezes após a publicação do nosso primeiro numero, appareceu no Porto o *Jornal de Noticias*, folha que nos fez a honra de seguir em tudo o nosso programma. Ha pouco n'aquella mesma cidade, o periodico *Restauração* transformou-se em folha noticiosa, e agora (maio de 1865) apparece em Braga o *Noticiarista*, que saúda e festeja e segue o nosso programma».

<sup>64</sup> «Desde a sua apparição até agora, muitos jornaes teem vindo á luz da publicidade, na intenção reservada de o suplantar e aniquillar, sem que nenhum o tenha conseguido, e antes tendo, muitos d'elles, retirado da arena por se reconhecerem incapazes de manterem um combate leal! Pois varios não só o procuraram imitar na disposição das materias, como nos proprios caracteres que Eduardo Coelho escolhera para o titulo do jornal, e, para a confusão ser mais facil, até chegaram a introduzir nos titulos assim imitados, a palavra «noticias» (*O Noticias; Noticias de Lisboa; Folha de Noticias*, etc.). Só o de Eduardo Coelho logrou vingar, triumphando de todos os competidores.» *O Jornalismo*, por A. Bessa, 1904, pag. 172.

<sup>65</sup> O *Diario de Noticias* de PONTA DELGADA, fundado em 1 de julho de 1869 por A. Climaco dos Reis; outro, illustrado, fundado na mesma cidade em 1 de março de 1880, e propriedade da firma Rangel Lopes & C.<sup>a</sup>; o do FUNCHAL, fundado em 11 d'outubro de 1876; o do RIO DE JANEIRO (fusão da *Revelação* com a *Revolução*, em 1885); o da BAHIA, fundado em 1875 por M. S. L. Cardoso e que reapareceu em 1902; o de MANAOS, fundado em 11 de março de 1899; o do PARÁ, propriedade de João Campbell, existente em 1881; o de S. MIGUEL (illustrado) existente em 1880; o de LOURENÇO MARQUES, fundado em 1 de abril de 1905, successor do *Districto* e pertencente a Julio Cesar Machado e Manoel Nascimento Ornellas, que teve por algum tempo (em 1908) um suplemento humorístico quinzenal; o de PERNAMBUCO, e o de SANTOS, no Brasil; e ainda o do PORTO, cuja publicação se annunciava em fins de 1873, durando de 10 de julho a 8 d'outubro de 1875. (Veja-se *O Jornalismo Portuguez*, por A. X. da Silva Pereira).

# DIARIO DE NOTICIAS

REDACTOR — A. CLEMACO DOS REIS — ADMINISTRADOR — José Assis C. dos Reis.

NUMERO 99 QUINTA FEIRA 11 DE NOVEMBRO DE 1869 1.º ANNO

PONTA DELGADA

Instrução poplar.

CHRONICA DO DIA. — São

duas vezes semanais, a do moderado Quibeiro, e a do Rázir, da montanha, conseguiram fazer-se ouvir, pedindo que não se deliberasse com precipitação; que se posturasse de

pois a deixar de cair igualmente como a primeira. Mas, quiza com vicios, que deença fundamental a dar-lhes, eclatou Alind Dab'us?

AVULSO AÇORES-S MIGUEL SEXTA FEIRA 19 DE MARÇO DE 1880 10 REIS

# DIARIO DE NOTICIAS ILLUSTRADO



ASSINATURA	1.º ANNO — N.º 19	ANUNCIOS
Annos..... 250 Rs.	PROPRIEDADE DE RANGEL LOPEZ & C.º	Por linha..... 10 Rs.
Quinzenas..... 125 "	ESCRITORIO—LARGO DA GRAÇA N.º 28 PONTA DELGADA	• repetidos..... 5 "
Meses..... 50 "		• por uma semana..... 2 "
Para fins de lha anuário e porta.		• por um mes..... 5 "
		• Por um anno..... 50 "

# DIARIO DE NOTICIAS

VII ANNO	PREÇO DA ASSINATURA FUNCHAL—Mes, 50 reis semanais, 10 reis quinzenas, 1200 reis. Para avulso—Mes, 100 reis semanais, 1000 reis quinzenas, 12000 reis. Alagoa e Brazil—Semana 2000 reis, sexta-feira. Noveas avulso, 10 rs.	PROPRIETARIO E DIRECTOR — TRISTÃO V. T. E. CABRAL. Funchal, Sexta-feira 30 de Outubro de 1891.	PREÇO DAS PUBLICAÇÕES ANUNCIOS—Cada linha, 10 reis, repetidos, 50 rs. Comprehendidos desde linha 40 reis, avulsoes pessoais e publicações pagadas em pecunia avulsoes. De cartões recibos, ejaes no não publicados não sendo avulsoes.	N.º 4:426
----------	---	---	---	-----------

# DIARIO DE NOTICIAS

Anno XXIX	Redacção, Administração e Officinas—RUA DA ALFANDEGA N.º 8 FUNCHAL	N.º 8:574
Indirizzo telegraphico NOTICIAS—FUNCHAL	Annuncios No 1.º e 2.º paginas, 40 reis a linha, no 3.º e 4.º paginas, 30 reis a linha. Comprehendidos desde linha 40 reis, avulsoes pessoais e publicações pagadas em pecunia avulsoes.	Editor Antonio Andre Martins
	Sabbado, 14 de Janeiro de 1905	

# Diario de Noticias

Proprietarios: Julio Cesar Machado e Manuel Nascimento Ornelas	Sabbado, 1 de Abril de 1905 LOURENÇO MARQUES Numero avulso 60 reis	ASSINATURA: LEOPOLDO RABEIRA Diaria parca 225 — R. — Semanais 120 — Esp. Sem. 100 REIS PUBLICAÇÕES No 1.º pagina, 40 reis a linha, no 2.º e 3.º paginas, 30 reis a linha. Comprehendidos desde linha 40 reis, avulsoes pessoais e publicações pagadas em pecunia avulsoes.	1 ANNO Editor DISTRICTO (1.º ANNO)
--	--	---	---

ANNO I Quinta-feira, 5 de Novembro de 1908 N.º 4

Redacção, administração e officinas de composição, impressão, zinco-gravura e lithographia  
AVENIDA D. CARLOS Nos. 77 79  
Lourenço Marques  
ASSINATURA  
Por cada serie de 6 numeros Rs. 1200 ou 51-  
AVULSO REIS 250 OU 11-  
Collaboração artistica de BROTERO  
DIRECTOR—L. d'Avila  
REDACTORES  
Jogarandes, Eça, Jacques e Moscardo

# DIARIO DE NOTICIAS

SUPPLEMENTO HUMORISTICO

Administrador — F. R. FERREIRA  
CAIXA POSTAL 110 Editor — PATRICIO LUIZ FERREIRA LEÃO  
EDIÇÃO QUINZENAL DO JORNAL "DIARIO DE NOTICIAS"



Em 16 de março de 1866, ainda se acrescentava :

«Acabamos de receber o prospecto do *Diario Popular*, jornal noticioso, artistico e não politico, que verá a luz publica logo que tenha sufficiente numero de assignantes. Custa o preço do *Diario de Noticias*, e segue de perto o seu programma. Está tambem annunciado para breve outro jornal da mesma indole, e com os mesmos intuitos, intitulado *As Noticias*, e promette-se a reaparição do *Jornal de Noticias*, que já tem tres numeros publicados. Falla-se ainda em mais dois jornaes, um do formato e preço do nosso, mas com secção politica e caricaturas na quarta pagina, e outro com o mesmo programma do *Diario de Noticias*. São, pois, 6 folhas identicas à nossa que se annunciam ; com 3 que já houve em Lisboa depois da apparição d'este *Diario*, são 9, e com 2 que existem no Porto, e 1 em Braga, são 12. Doze jornais d'esta especialidade que o *Diario de Noticias* faz apparecer na arena jornalistica, e que são outros tantos titulos de gloria para a idéa que inaugurámos n'esta terra».

Êste número tinha subido a 21, até fins de 1870, havendo sido criados no continente, até 1875, isto é, durante os primeiros dez anos do *Diario de Noticias*, nem menos de 33 periódicos, do custo de 10 réis, e sendo hoje uma excepção o vender-se qualquer folha diária mais cara.

Não admirava, porém, que assim succedesse, desde que a prosperidade de alguns dos jornais que mais de perto e melhor souberam imitar o *Diario de Noticias*, fôra tão rápida, que no Rio de Janeiro, por exemplo, a *Gazeta de Noticias*, que adoptara e seguira programa idêntico, apenas com alguns mêses de existência, alcançava tiragem superior á de algumas das mais importantes folhas do império, naquela época.

Ao mesmo tempo, fomentando e desenvolvendo o gôsto pela leitura, longe de prejudicar quem se dedicava á vida das letras, concorria para que tanto os livros, como as publicações de toda a espécie, tivessem procura e venda cada vez maiores.

Assinalava êle êste facto em 1 de janeiro de 1873 :

«O numero das edições tem augmentado ultimamente de anno para anno, como se fôra mister que a eloquencia dos algarismos viesse provar d'uma maneira tão positiva e irrefutavel, que no paiz, o jornal, em vez de haver produzido a monstruosidade absurda de matar o livro, bem ao contrario lhe trouxe elementos de vida, creando, além de novos leitores, mais vasto mercado a esse commercio».

Em 1878, Eduardo Coelho, num folhetim do seu jornal, escrevia ;

«Se se comparar este periodo com o de ha 15 annos, ha de reconhecer-se que se desenvolveu prodigiosamente o gosto pela leitura, e se se estudarem as causas á luz d'um criterio desprevenido e justo, ha de encontrar-se entre ellas, como efficiente claramente determinada, a creação do jornalismo popular, factor importantissimo d'este movimento litterario».

Os números são, na verdade, a cabal confirmação destas palavras.

Na *Representação* enviada á comissão central directora do inquérito industrial pela *Associação Typographica Lisbonense*, representação<sup>66</sup> elaborada por uma comissão especial, e datada de 16 de outubro de 1881, torna-se frisante, pelo que respeita ao distrito de Lisboa, o atrazo em que estava, antes da criação do *Diario de Noticias*, e o quanto, depois dêste, se desenvolveu, a indústria tipográfica.

Em vinte anos, aumentaram de 6 a 54 os prelos mecânicos e motores a vapor, aumentando o consumo de papel e o dos tipos e vinhetas fundidos na Imprensa Nacional.

Este desenvolvimento atribui-o a mencionada representação, redigida por homens particularmente competentes, á criação das folhas periódicas baratas, e designadamente do *Diario de Noticias*.

«É fóra de duvida (escreve-se n'aquelle interessante trabalho) que, a despeito de quaesquer inconvenientes que possam notar-se, a fundação do *Diario de Noticias*, e de muitos outros jornaes da mesma indole, e egualmente accessiveis ás classes menos favorecidas da fortuna, representa um extraordinario, e acaso ainda não bem apreciado serviço a essas classes, concorrendo por modo energico e efficaz para a vulgarisação de conhecimentos uteis, acostumando o povo a interessar-se pelas cousas publicas, cooperando, na sua fórmula singela e desprerenciosa, para lhe orientar o espirito n'uma direcção mais pratica e mais consoante as idéas modernas.

«Como natural consequencia das condições notadas, augmentou em larga escala o nosso movimento bibliographico, e a circulação da imprensa noticiosa, litteraria e politica, elevou-se a um algarismo relativamente enorme, pois que se conta ás dezenas de milhares de exemplares».

Acrescentarei ainda que, publicando-se em Lisboa, em janeiro de 1865, quando se fundou o *Diario de Noticias*, perto de 40 folhas de várias naturezas e fins, á data daquela representação a cifra acima indicada pode dizer-se que duplicara na capital, crescendo o movimento jornalístico paralelamente em todo o resto do país, e calculando-se em proxima-mente 200 os periódicos que se imprimiam em Portugal e nas colónias<sup>67</sup>.

<sup>66</sup> *Inquerito industrial*, 1.<sup>a</sup> parte, pag. 293.

<sup>67</sup> P. W. de Brito Aranha, reproduzindo no tomo XVII (pag. 249 e seg., vocábulo *Periodicos*) do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, a sua interessante monografia *Mouvement de la Presse Périodique en Portugal de 1894 a 1899*, redigida com destino á secção portugueza da Exposição Universal de Paris de 1900, afirma que em 1899 existiam no continente de Portugal, ilhas adjacentes e províncias ultramarinas, 584 periódicos.

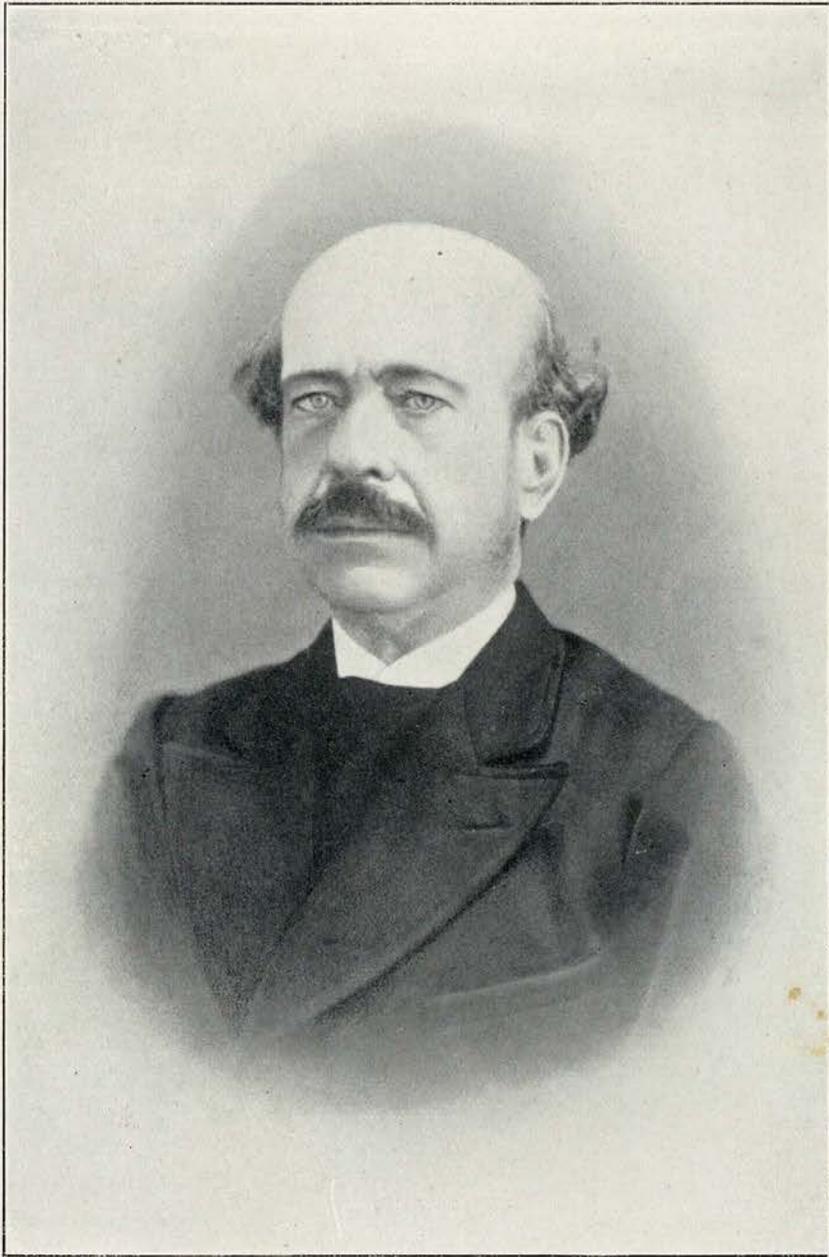
Do *Boletim bibliográfico geral* de 20 de maio de 1914, publicado pela Secretaria geral das Bibliotecas e Arquivos Nacionais no *Diario do Governo* n.º 128 de 3 de junho, para satisfazer aos preceitos do Decreto n.º 116 de 4 de setembro de 1913, consta a existência de 457 revistas e jornais impressos em Portugal.



Thomaz Quintino Antunes

CONDE DE S. MARÇAL





**THOMAZ QUINTINO ANTUNES**

Conde de S. Marçal

## Thomaz Quintino Antunes

---

«Fructo exclusivo do trabalho honrado de dois homens laboriosos», como Eduardo Coelho escrevia, ao começar o ano de 1870, o *Diario de Noticias* viveu e prosperou, principalmente devido á perfeita uniformidade de vontades e de esforços daqueles dois homens, que o fundaram.

A monografia do *Diario de Noticias*, que a largos traços tenho esboçado, completar-se-á, portanto, com as notas biográficas dos seus fundadores e proprietários. O mais velho dêles, Thomaz Quintino Antunes, foi ao mesmo tempo também o proprietário de um dos melhores e mais acreditados estabelecimentos tipográficos de Lisboa, a *Tipografia Universal*, onde o jornal tem sido, desde o seu princípio, composto e impresso.

«A biographia dos homens que chegam a revelar-se na sociedade pelo produto exclusivo do seu trabalho (notava Eduardo Coelho, em 1885, num affectuoso artigo consagrado ao seu sócio e honradíssimo cooperador) se abstrahirmos das luctas obscuras, dos sacrificios ignorados, dos soffrimentos que muitas vezes um justo sentimento de dignidade lhes não permite publicar, e que elles, vencedores corajosos, convertem no intimo em outros tantos laureis do seu triumpho, escreve-se com as simples datas da sua vida, e com a méra indicação das principaes phases da sua carreira, sem outros encarecimentos, nem outros artificios».

São estas indicações que constam, em relação aos mais salientes factos da vida do conde de S. Marçal, Thomaz Quintino Antunes, do documento que em seguida transcrevo, e que, além de encerrar interessantes esclarecimentos para a história da tipografia em Lisboa, neste último meio século, é, por si só, a eloquente prova da modéstia e da simplicidade de carácter do signatário.

Eis a carta que á dedicada e sempre obsequiosa amisade de quem a subscreveu, ficou devendo o autor deste livro, a quem foi dirigida no ano de 1890:

... Sr. Dr. Alfredo da Cunha.

Pede-me o meu bom amigo que lhe dê algumas notas para a minha biographia. Francamente, e sem sombra, sequer, de modestia, acho que a minha individualidade tem tão pouca importancia, que não vale a pena de que ninguem se occupe d'ella. A quem podem interessar os pormenores de uma vida obscura, consumida no recondito das officinas, e no meio do ruido dos instrumentos do trabalho? A ninguem por certo. No entretanto, por obediencia á sua amisade, ahí vão, a traços largos, os apontamentos d'aquillo de que posso recordar-me, dos quaes o meu querido amigo aproveitará o que entender.

Sou natural de Lisboa. Filho de gente humilde, devo tam sómente á observancia constante dos sãos principios em que meus honrados paes me educaram, e á tenacidade dos meus proprios esforços, a consideração e estima que em todos os tempos me tem dispensado os homens mais conspicuos de todas as parcialidades, e de todas as gerarchias sociais com quem tenho mais ou menos convivido. A isto devo tambem a fortuna de poder passar commodamente os restos de uma vida de lucta e de trabalho.

Desde muito novo que uma paixão irresistivel me chamava para a arte typographica.

A 4 d'abril de 1834, tendo apenas 14 annos de idade, entrei para a Imprensa Nacional, de que então era administrador Rodrigo da Fonseca Magalhães. A direcção do estabelecimento estava a cargo de Manuel Antonio Ferreira Portugal, homem grosseiro e irascivel, que mal conhecia os processos typographicos, e que não tinha outros merecimentos senão o ter servido, como soldado, no batalhão dos Voluntarios da Rainha, durante a guerra da restauração constitucional. Orgulhoso e vingativo, tudo lhe servia de pretexto para tratar os empregados como uma horda de escravos, sem mesmo poupar os que, por seus longos serviços, e pela sua avançada idade, tinham incontestavel direito a serem tratados com a maior consideração.

*Compositores da Imprensa Nacional em 1834*

*Olympio Nicolau Ruy Fernandes*  
*Thomaz Quintino Antunes* — } *Aprendizes*

Fac-símile de algumas linhas de um apontamento escrito pelo próprio punho de Thomaz Quintino Antunes e do qual constam os nomes dos «Compositores da Imprensa Nacional em 1834» e dos dois aprendizes áquella data—*Olympio Nicolau Ruy Fernandes*, que veio ser o illustrado director da Imprensa da Universidade de Coimbra e benemérito presidente da Associação dos Artistas da mesma cidade, e *Thomaz Quintino Antunes*.

Os pobres aprendizes eram por elle escandalosamente explorados de todos os modos. Além de os empregar em toda a casta de serviços, de que se lembrava, sem mesmo exceptuar os mais estranhos á typographia, gratificava-os do modo que vae vêr-se.

Imprimia-se por aquelle tempo na Imprensa Nacional um jornal politico intitulado a *Revista*, que saía tres vezes por semana, de que era proprietario e redactor, Rodrigo da

Fonseca, e administrador o dito Portugal. Na composição d'este jornal costumava empregar os aprendizes, e pelas tres noites inteiras de trabalho dava-lhes 120 réis, um pataco cada uma! Um dia faltando-lhe o distribuidor, teve o descoco de me encarregar de fazer a entrega da folha. Já farto de o aturar, e achando improprio aquelle serviço, recusei-me a fazel-o, sob pretexto de que não conhecia as ruas de Lisboa.

Bastou isto para aquelle energumeno me tomar de ponta, tratando-me de modo que se tornou impossivel continuar alli por mais tempo, e resolvi-me a sair.

N'aquella epocha publicava-se em Lisboa a *Guarda Avançada*, um dos primeiros jornaes politicos que appareceram depois da restauração, de que eram redactores os irmãos Castilhos, Antonio, José e Augusto, conego da Sé. Este jornal imprimia-se na typographia de Romão Rodrigues Costa, successor do antigo e bem conhecido Simão Thadeu Ferreira, um dos mais considerados impressores do seculo passado. N'esta casa achei prompta collocação, com o vencimento de 480 réis por dia.

Por intrigas, a que fui completamente estranho, o periodico, com todo o respectivo pessoal, veiu a mudar de officina. Por gratidão ao proprietario da casa, que sempre me havia tratado optimamente, não quiz acompanhar o rancho, e fiquei alli empregado na composição de diversas obras. Mais tarde, faltando o trabalho, tive de procural-o em outra parte, e facilmente o encontrei na typographia de Antonio Sebastião Coelho, onde se imprimia o *Independente*, folha diaria de que eram redactores e proprietarios Antonio Luiz de Seabra, hoje visconde, e Antonio de Oliveira Marreca.

Cessando a publicação d'este jornal, pude conseguir ser admittido na typographia da Academia Real das Sciencias, onde permaneci até agosto de 1840.

Preso, pelos acontecimentos politicos d'esse mez <sup>68</sup>, esperava ser restituído ao meu logar, logo que saísse da cadeia. Contava para isso com a protecção dos principaes socios da

<sup>68</sup> «Ocorreram n'esse mês acontecimentos politicos de importância na capital, e Thomaz Quintino, que também por suas idéas liberais padecia não poucas perseguições, foi então preso, perdendo o logar.

«Não deixa de oferecer interesse, e por isso em curtas palavras o referirei, êsse agitado e remoto incidente da sua vida.

«Em agosto de 1840 estava no govêrno o ministério de que faziam parte Costa Cabral e Rodrigo da Fonseca Magalhães, que haviam excitado os ânimos populares pelo seu procedimento reputado contrário ás liberdades recémconquistadas. Nas côrtes a voz eloquentíssima de José Estevão atacava-o violentamente; e não menos o combatia na imprensa a *Revolução de Setembro* fundada poucos meses antes.

«O ardente tribuno e a notável folha lisbonense encontraram eco no espirito público, e na noite de 11 do referido mês, cem ou duzentos homens decididos correram algumas ruas da capital pedindo a demissão do ministério; e passando das palavras aos factos, arrombaram a porta do Arsenal e tomaram as armas que lá estavam.

«A fôrça militar empregada contra êles dispersou-os e aprisionou algumas dezenas de manifestantes.

«Cem ou duzentos homens armados (escrevia-se dois dias depois nas colunas da *Revolução*) exprimiram em voz alta o desejo de todos os portuguezes, o desejo de todo o exercito e da propria guarnição da capital, desejo que a influencia salutar da disciplina e a má fortuna do tumulto não consentiu que ella expressasse.»

«O governo tal importância deu, contudo, ao acontecimento que, no dia seguinte, pela boca do presidente do conselho, lia na câmara dos deputados um projecto propondo a suspensão das garantias por um mês, a supressão de todas as folhas periódicas com ex-

Academia, a quem devia muitos favores, e muitas attenções, taes como D. Francisco de S. Luiz, Franzini, José Liberato, Warnaghen, Costa e Sá, Macedo, Valente do Couto, etc. Nada, porém, pude conseguir por se oppôr tenazmente á minha entrada o guarda-mór da Academia, Manuel José Pires, uma boa alma que ha muito deve ter dado contas a Deus do bem que fez cá por este mundo.

N'esta epoca, a typographia atravessava uma crise medonha. Escaceiava o trabalho por toda a parte, e o pouco que havia era pago por menos da terça parte do seu valor.

Foi a quadra mais desgraçada de toda a minha vida.

Por fortuna vagou por esta occasião o logar de director tecnico na typographia do *Portugal Velho*, e eu resolvi-me a diligenciar-o. O *Portugal Velho* era um jornal legitimista, redigido pelos homens mais respeitaveis d'aquelle partido, taes como Dr. Albino Abranches de Figueiredo, Alpoim Serrão, João de Lemos, Dr. Beirão, D. Sancho Manuel de Vilhena, Thomaz Cabral, Antonio Ribeiro Saraiva, mais conhecido pelo Saraiva d'Inglaterra, e muitos outros cavalheiros distinctissimos. A empreza do jornal pertencia a uma sociedade composta do Dr. Albino d'Abranches Freire de Figueiredo, Alpoim Serrão, Dr. Manuel José Fernandes Cicouro e Dr. Alipio Freire de Abreu Castello Branco. O primeiro d'estes individuos era o redactor principal da folha, e o ultimo o gerente da empreza. Era pois a este cavalheiro que eu tinha de dirigir-me para sollicitar o logar que desejava. Procurei-o para esse fim, no seu escriptorio na rua dos Fanqueiros, onde me recebeu com a maior urbanidade, dizendo-me porém que sentia não poder satisfazer aos meus desejos, porque a empreza do jornal tinha deliberado não admittir empregado algum que não fosse da sua communhão politica. Dias depois recebi uma carta d'este mesmo senhor em que me pedia que o procurasse com urgencia. Voltando n'essa mesma tarde ao seu escriptorio, disse-me que não obstante a deliberação que a empreza havia tomado de só admittir quem fosse da sua confiança politica, tinha obtido taes informações do meu character que não duvidava receber-me, pois sabia que apesar de serem differentes as minhas opiniões, era incapaz de revelar qualquer coisa que devesse ser objecto de segredo. Refiro este factio apenas por ser mui honroso para mim.

No dia seguinte entrava no exercicio do meu logar, conquistando dentro em pouco a estima de todos aquelles cavalheiros.

Tempo depois dissolveu-se a sociedade, ficando com a imprensa e com a propriedade do jornal o redactor principal Albino de Figueiredo.

cepção das literárias, do *Diario do Governo* e das *Côrtes* e do *Periodico dos Pobres*, e que os réus comprehendidos na chamada sedição fóssem julgados por um conselho de guerra.

«O projecto, como é óbvio, não passou sem o protesto veemente de José Estevão na câmara dos deputados, na qual também se lhe opuzeram Herculano, Mendes Leite e mais alguns liberais prestigiosos; e no senado, onde o hostilizaram o visconde de Sá e o barão da Ribeira de Sabrosa.

«O que é factio, porém, é que os presos da noite de 11 de agosto, em cuja relação figura logo em quarto logar o nome de Thomaz Quintino Antunes «compositor typographico», deram entrada na cadeia pelas 3 horas da madrugada, conduzidos por uma força armada fiel ao govêrno que tantos ódios suscitava.

«Uma das consequências da arrojada e patriótica attitude de Thomaz Quintino foi, como já disse, a perda do seu logar na typografia da Academia Real das Sciencias.»

*Elogio* do Conde de S. Marçal lido na sessão solene da Associação Typographica Lisbonense e artes correlativas em 30 de julho de 1899, por Alfredo da Cunha.

D'ahi a mezes um incendio pavoroso, que rebentou alta noute, reduziu a cinzas a imprensa, salvando-se apenas uma insignificante parte do material. Albino de Figueiredo e o escriptuario da administração, que occupavam o 1.º andar, escaparam de ser devorados pelas chammas, precipitando-se das janellas. Albino teve apenas ligeiras contusões. Menos feliz, o pobre escriptuario quebrou a espinha, ficando para sempre completamente inutilisado.

Na presença de tão horrivel catastrophe, o Dr. Albino, cujas circumstancias eram já bem precarias, teve de appellar para a generosidade do seu partido, abrindo uma subscrição para poder reparar tamanho revez. Choveram os donativos, e dentro em pouco achava-se montada a nova officina, que tomou o nome de *Fenix*.

Os dias do *Portugal Velho* estavam, porém, contados. Dentro em pouco começavam a debandar os assignantes, e o jornal teve de suspender a sua publicação, ficando a typographia reduzida á impressão de uns insignificantes trabalhos que nem davam para o custeio da casa.

Por esta occasião, fui convidado pelo Dr. Holtreman para me encarregar da direcção da typographia da *Gazeta dos Tribunaes*, de que era proprietario, associado ao distincto jurisconsulto Antonio Gil.

A principio hesitei sobre se deveria ou não acceitar o encargo, mas o proprio dr. Albino me aconselhou e persuadiu que não perdesse tão bom ensejo de me collocar, por isso que alli não tinha nenhum futuro, e elle mesmo se via obrigado a procurar nova vida. Foi com a maior saudade que me apartei d'este cavalheiro, a quem devia repetidos favores, e que sempre me havia tratado com verdadeira e sincera amisade.

Vinte annos depois, por occasião da appareção do *Diario de Noticias*, ainda me deu provas d'essa amisade, mandando-me os parabens pela empreza, e enviando-me espontaneamente 50 assignaturas das pessoas mais qualificadas do districto de Leiria, onde então era governador civil.

Entrando no exercicio do meu novo cargo, de tal modo me entreguei ao cumprimento rigoroso das minhas obrigações, que dentro em pouco tinha alcançado a estima de ambos os proprietarios. Ao Dr. Antonio Gil, um dos melhores homens que tenho conhecido, devo-lhe mil attenções e innumeradas finezas. Ao Dr. Holtreman devo-lhe, além de importantissimos favores, 46 annos de verdadeira, e nunca interrompida amisade, que tantos vão da epocha a que me estou referindo até a sua morte. Hoje honro-me ainda com a amisade de seu filho o Dr. Alfredo das Neves Holtreman, digno herdeiro do seu illustre nome, e da sua immensa e austera probidade.

Além de outras obras, imprimia-se então na typographia da *Gazeta dos Tribunaes*, a *Revista Universal Lisbonense*, que era propriedade da casa, estando a redacção confiada a Antonio Feliciano de Castilho. Um anno depois, sendo convidado para se encarregar da redacção de um jornal em S. Miguel, Castilho partiu para aquella ilha, despedindo-se da *Revista*. Substituiu-o José Maria da Silva Leal. Desde logo o jornal se resentiu da mudança da redacção, sendo necessario para o tornar mais interessante, contractar com Almeida Garrett a publicação, em capitulos, das *Viagens na minha terra*.

Ao cabo de dois annos a *Revista* passou a ser redigida por Sebastião José Ribeiro de Sá, que mais tarde adquiriu a sua propriedade, e montou uma imprensa, de que eu tomei a direcção, continuando a dirigir tambem a da *Gazeta dos Tribunaes*. Ribeiro de Sá era por este tempo o homem da moda, lembrado para todas as commissões importantes. Exerceu o logar de commissario regio na exposição de Londres, de secretario do fundo especial

d'amortisação; membro da comissão das Pautas, commissario regio no theatro de D. Maria II, director da repartição de agricultura, commercio e industria no ministerio das Obras Publicas, e membro de muitas outras commissões de que não posso recordar-me. Dispondo de tamanha influencia, facil lhe foi obter para a typographia trabalhos importantes, taes como a impressão de inscrições, e muitas outras obras da Junta do Credito Publico, que deram grande credito á imprensa, e lucros avultadissimos, como nenhuma outra imprensa até hoje conseguiu realizar.

Mais tarde Ribeiro de Sá, associado com Luiz Augusto Rebello da Silva, adquiriu a propriedade da Typographia Universal, e alli reuniram as typographias que já possuíam— Ribeiro de Sá a da *Revista Universal*, e Rebello da Silva a da *Imprensa e Lei*. Ambos me convidaram para tomar a direcção do novo estabelecimento. Como a typographia da *Gazeta dos Tribunaes* já então se não occupava de outros trabalhos além do jornal, não carecia de director, e por isso, de accordo com o dr. Holtreman, accitei o encargo. José Maria Correia Seabra, seu primo e amigo, que exercia alli o logar de guarda-livros, accitou tambem o mesmo encargo no novo estabelecimento.

Mezes depois, Rebello da Silva, vendo que os lucros não correspondiam ao que havia phantasiado, desligou-se da sociedade, tomando a sua parte Albano da Silveira Pinto.

Durou pouco, infelizmente, esta nova sociedade. Envolvido em um desgraçado processo por que teve que responder nos tribunaes, demittido do logar que occupava, desconsiderado e falto de recursos, Ribeiro de Sá teve que abandonar a parte que tinha na empresa, e Albano da Silveira ficou sendo por esse facto o unico proprietario.

Este triste acontecimento foi a causa da morte prematura de Ribeiro de Sá. O seu enterro foi um desengano formal para os que acreditam n'essas glorias ephemerhas que a tanta gente fascinam. O homem que tanto figurara nas scenas do mundo, e que fizera importantes e valiosos serviços a tanta gente, desceu á sepultura acompanhado apenas de 4 pessoas: o duque d'Avila, conselheiro Nazareth, eu, e um agiota que o tinha ajudado a desgraçar! No cemiterio disse-me o duque d'Avila chorando: onde estão os amigos de Ribeiro de Sá, que tanto o cortejavam? Nem da classe industrial, cujos interesses elle sempre advogou com tanto ardor na imprensa, appareceu um só individuo! É assim o mundo! Seria injusto se não confessasse o muito que devo á memoria de Ribeiro de Sá, não só pela confiança illimitada que constantemente depositou em mim, como pela amizade de que sempre me deu inequivocas provas, chegando a instar commigo, muitas vezes, para que accitasse um emprego, de que não quiz aproveitar-me, e do que nunca me arrependi, na repartição de agricultura, commercio e industria, de que então era director geral.

Com a saída forçada de Ribeiro de Sá tudo mudou de figura. Albano era um desequilibrado, sem uma idéa que não fôsse um disparate. Um dos seus primeiros planos foi montar uma fabrica de moagem n'um pequeno casinhoto que havia junto á casa das machinas, com o fim, dizia elle, de aproveitar o motor nas horas vagas da impressão! Parecendo-lhe que eram desnecessarios cinco prêlos manuaes que tinha a casa, vendeu os dois melhores, ficando com os que eram tudo quanto havia de mais detestavel. Com manifesto prejuizo dos operarios e do andamento dos trabalhos, prohibiu os serões no inverno *para não encher a barriga á companhia do gaz!* Fazendo-se editor, parece que andava sempre cogitando o que havia de menos vendavel para imprimir em copiosas edições. Consultava-me sempre a respeito de todos os negocios, mas nunca accitava os meus conselhos, fa-

zendo sempre o que entendia. Por fim, como era de esperar, achou-se com a algibeira vazia, e casas e casas atulhadas de papel inutil para vender a pezo!

Tal era o estado em que as cousas se achavam quando Albano da Silveira me veio propôr a compra da typographia, que pouco depois realisei. Desde então tudo mudou de face. Os trabalhos começaram a affluir em tamanha escala, que o seu producto me habilitou em pouco tempo para poder reformar o material, adquirir novas machinas, e comprar o edificio que occupa a typographia, com os que lhe ficam contiguos.

Entre esses trabalhos contavam-se quatro jornaes diarios, sendo um d'elles o *Conservador*, que defendia a politica do conde de Thomar. Antonio Augusto Corrêa de Lacerda era o redactor principal: a parte noticiosa estava a cargo de Eduardo Coelho. Foi allí que pela primeira vez nos conhecemos, e travamos a mais cordeal e affectuosa amisade, que durou até á sua morte, e que ainda vive na profunda saudade que consagro á sua honríssima memoria.

D'este convívio nasceu o plano de um jornal independente, noticioso e inoffensivo; e em virtude d'elle, a 29 de dezembro de 1864, apparecia o 1.º numero do *Diario de Noticias*. O publico applaudiu a idéa, e desde logo lhe dispensou toda a sua valiosa protecção, contra a qual tem sido sempre impotentes os tiros com que, em differentes epochas tem tentado aggredil-o a malevolencia e a inveja. Deve a isto o *Diario de Noticias* a sua constante prosperidade, que, ainda assim, não seria talvez tão completa se não fôsse a perfeita conformidade de vontades que sempre reinou entre mim e Eduardo Coelho, sem que em tão longo espaço de tempo houvesse entre nós uma unica nota discordante.

Hoje, que, infelizmente, a morte me arrebatou para sempre o amigo e companheiro lealissimo de tantos annos de lucta e de trabalho, durante os quaes vivemos como se fôramos verdadeiros irmãos, e me pôz sobre os hombros o pesado encargo de velar pela obra commum, que tantas fadigas e cuidados nos custou, empregô todos os meus esforços para lhe continuar os creditos que justamente sempre tem merecido.

Tenho acabado a tarefa a que me propuz, e aqui tem o meu bom amigo ligeiramente esboçados todos os passos da minha obscura carreira. Mas visto que me dizpuz a fazer confissão geral, deixe que addicione ainda alguns pormenores que de proposito deixei para ultimo lugar, a fim de não alterar a ordem dos factos.

Por um mero acaso desde creança que convivi sempre com gente affecta ao systema constitucional, e este convívio constante fez com que muito cedo eu abraçasse essa ordem de idéas, com ardôr e enthusiasmo. Mais tarde o tracto intimo com muitos dos homens mais notaveis que haviam batalhado pela liberdade, ou soffrido os horrores do exilio e das prisões, avigorou em mim o culto d'essas convicções, que tem sido o ideal politico de toda a minha vida, e que, já agora, continuará a sel-o emquanto existir, apesar de ter reconhecido pela experiencia de tão largos annos quanto é susceptivel de se abusar d'elle.

Coherente com estes principios, e por inspiração d'elles, não podia deixar de interessar-me pelas coisas do meu paiz. Aos 17 annos alistei-me na guarda nacional, onde fui eleito alferes pelos votos com que me honraram os meus camaradas, e onde servi até á dissolução d'aquella milicia.

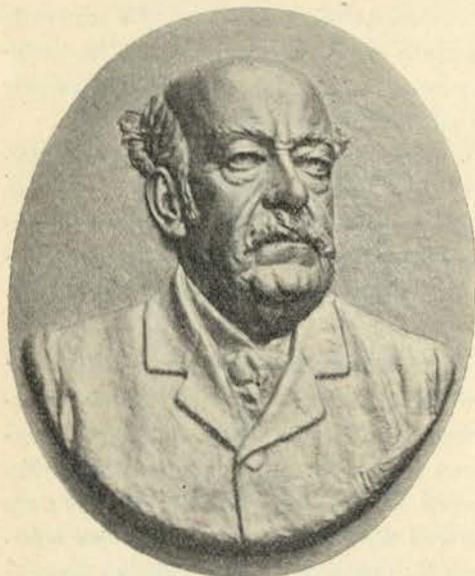
Por occasião da supposta guerra com a Hespanha, sentei praça na chamada artilheria da carta, d'onde pouco depois fômos despedidos, com a maior semcerimonia, eu, e todos

os que eram reconhecidamente setembristas. Como tem acontecido a muita gente de boa fé, também esperdicei desinteressadamente nas luctas da politica partidaria muito tempo precioso que podia ter empregado em coisas uteis. Soffri por muitos annos grande copia de desgostos e de decepções, e só á força de repetidos desenganos me resolvi a abandonal-a

para sempre, convencido d'aquelle axioma do velho C. da T. — que a politica se reduz a espertos que querem subir e a tolos que lhes servem de degrão.

De tudo quanto tenho feito nunca pedi recompensa de qualquer especie, nem n'isso pensei. As proprias distincções honorificas <sup>69</sup> que possuo, também não as pedi, devendo-as unicamente ás sollicitações de amigos dedicados.

VISCONDE DE S. MARÇAL.



**THOMAZ QUINTINO ANTUNES**

medalhão modelado por José Moreira Rato  
e existente na sala de redacção  
do *Diário de Notícias*

Como complemento desta carta, e como justa homenagem, que ninguem melhor e com mais perfeito conhecimento de causa poderia prestar-lhe, resta-me lembrar o que Eduardo Coelho escre-

via em 1885, àcerca do seu companheiro e amigo <sup>70</sup>:

«A sua vida social é só feita de labor e honra, passada largos annos na obscuridade da officina, de onde se elevam a irradiar luz esses fachos do jornalismo que esclarecem as multidões. Os brazões de que elle mais se tem sempre orgulhado, na modestia do seu tracto e na bondade do seu character, franco e lhano para todos, são os do trabalho, ainda hoje que o seu nobre esforço lhe permite descansar um pouco das fadigas incessantes de algumas dezenas de annos. Na sua biographia, de que tracejámos um esboço no grande *Diccionario Universal Portuguez Illustrado*, em 1882, podem ler-se alguns factos, que eloquentemente demonstram quanto a sua actividade e honrada intelligencia está integramente ligada á historia do jornalismo portuguez.

<sup>69</sup> Agraciado, por diploma de 30 de junho de 1869 (*D. do Gov.* n.º 200, de 4 de setembro) com a comenda da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, veio a receber o título de Visconde de S. Marçal, por diploma de 20 de agosto de 1885 (*D. do Gov.* n.º 189, de 26 de agosto) e o de Conde de S. Marçal, por diploma de 7 de novembro de 1891 (*D. do Gov.* n.º 254, de 10 de novembro). Também os eleitores da capital mais de uma vez lhe testemunharam as suas simpatias e a sua confiança, sendo em 1878 eleito para a Junta Geral do Distrito de Lisboa.

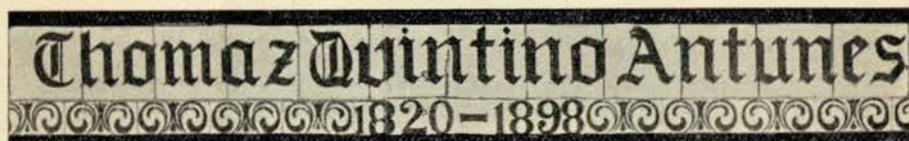
<sup>70</sup> *Diário de Notícias* n.º 7:051, de 6 de setembro.

E Eduardo Coelho, depois de recordar como êsse pequeno e humilde operário, que nascera de uma família modestíssima <sup>71</sup>, criara, pela assiduidade com que frequentava a tipografia dos Galhardos, afeição á arte tipográfica, conclui:

«Thomaz Antunes tem vivido relacionado com os mais notaveis escriptores, jornalistas e homens publicos dos ultimos 50 annos, conservando a estima de todos elles <sup>72</sup>, e é por isso um dos homens que mais intimamente conhecem muitos factos interessantes e ineditos da politica e da litteratura d'esse periodo, em que teve muitas vezes decisiva influencia.

«É um character franco e leal, um espirito culto, devotado a todos os progressos, e firme nos principios liberaes, em que foi educado no meio familiar e social.

«Hoje, recolhido á vida domestica, descança das fadigas de uma existencia laboriosissima, gosando o beneficio das economias do seu trabalho util e impolluto».



Fragmento do friso de asulejos executado sobre desenho de Roque Gameiro e existente no vestibulo do primeiro andar do edificio onde está instalada a **Tipografia Universal** e tem os escritórios o **Diario de Noticias**

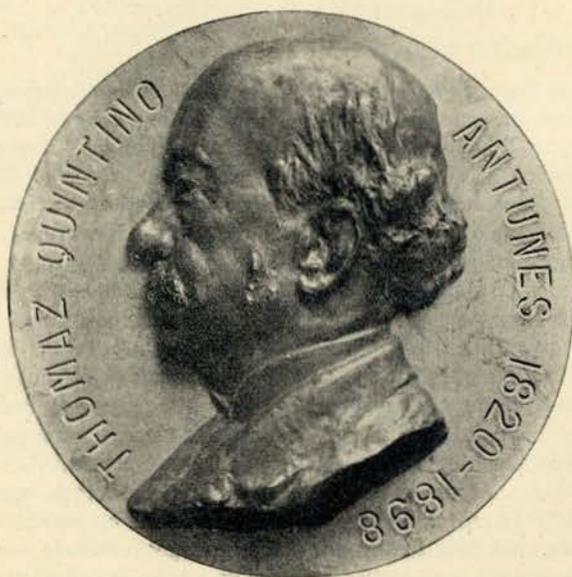
<sup>71</sup> «Nascido na freguezia de Santa Izabel, de uma familia pobre, cursou na idade propria a aula das primeiras letras do padre Felix. . . Proseguindo a sua educação literaria, matriculou-se nas aulas da Congregação do Oratorio no convento das Necessidades, onde concluiu o que então se chamava o curso de Portuguez.» Eduardo Coelho, artigo citado.

<sup>72</sup> D'isto dão testemunho os seguintes períodos da honrosa carta que em 7 de março de 1870 o falecido Visconde de Castilho dirigiu á «*colonia da Typographia Universal*», por ocasião dum banquete industrial oferecido pelo proprietário da tipografia ao pessoal desta: «Já lá vão 17 annos (a philantropia e o amor patrio d'este homem não datam de hoje), coadjuvado eu por alguns amigos illustrados e ardentemente devotos da instrucção popular, dava um curso de leitura, escripta e arithmetica, na minha residencia do palacio Sarmiento, á Estrella, curso frequentado todas as noites por mais de 600 analphabetos, funcção a que assistia crescido numero de cavalheiros e damas que presenceavam com assombro os resultados do novo methodo, tão humano, tão claro, tão alegre e attractivo, e tão menoscado ainda hoje por quem tinha obrigação de o conhecer e proclamar como um principio de regeneração social. . . Entre os bemfeitores (lembra-me no coração agradecido) figurava dum modo distincto Thomaz Quintino Antunes, que muita vez mandava imprimir á sua custa, e talvez compunha pela sua propria mão, pequenos folhetos e outros textos de leitura que alli se distribuiam por aquellas bancadas de rotos e descalços, que nem sequer sabiam ainda agradecer. . . Ajudou-o Deus muito melhor do que a mim. Com só 8 annos de esforços, de intelligencia e probidade, tem já consolidado a sua *Typographia Universal* e um *Diario* desejado e bemvindo em todas as familias e estimulo perpetuo de leitura; e eu, em cerca de 20 annos, vejo ainda a escola primaria quasi em toda a parte sem luz, sem amor, sem attracção, desfrequentada, infructifera, quasi inutil». *Diario de Noticias*, n.º 1:549 de 10 de março de 1870.

Medalhões de THOMAZ QUINTINO ANTUNES  
Modelação de ANTONIO DA COSTA MOTTA  
Fundição, em bronze, dos irmãos VENANCIOS



Medalhão destinado á face anterior do monumento a Eduardo Coelho  
na Alameda de S. Pedro d'Alcantara, em Lisboa,  
e que deve ser inaugurado em 29 de dezembro do corrente ano de 1914



Medalhão de bronze, recortado,  
assente em marmore, destinado ao edificio da *Tipografia Universal*  
e do *Diario de Noticias*

\*  
\*      \*

Havendo recebido da Associação Tipográfica Lisbonense, alguns mezes depois do falecimento do Conde de S. Marçal, o encargo honroso e grato de proferir o elogio dêste benemérito titular na sessão solene que á sua memória foi consagrada em 30 de julho de 1899— homenagem bem insuficiente que a minha veneração rendeu ao amigo queridíssimo— lembro aqui os seguintes trechos que servirão de complemento ao que deixo escrito<sup>73</sup>:

Procurando constantemente ilustrar-se, ainda nos últimos anos da vida buscava a sua distração única na leitura assídua dos escritores clássicos portugueses e dos historiadores, principalmente dos que escreveram sobre história contemporânea. Nem seria difficil encontrar nos volumes da sua livreria, que mais primava pela qualidade que pela quantidade, anotações aos textos, especialmente nas passagens referentes a acontecimentos de que êle próprio fôra testemunha presencial.

Os padecimentos morais e físicos haviam-no obrigado a afastar-se da direcção efectiva da sua tipografia e do seu jornal, e a concentrar-se quase por completo no retiro da sua casa, convertida em um precioso e instrutivo museu de preciosidades artisticas.

Nem o fascinavam as festas, nem o seduzia o bulício do mundo. Apenas, nos derradeiros meses, e apesar de mais do que nunca a doença lhe alquebrar as fôrças, o conde de S. Marçal, encantado com a criação recente do Albergue das Crianças Abandonadas, não queria faltar ás festas solenes d'esta instituição, a cujos protegidos chegava a levar pessoalmente, cioso de confiar a outras mãos êsse grato encargo, mimos para as suas modestas refeições e regalos com que pudesse fazer sorrirem-lhe de alegria as pobres criancinhas que o adoravam. E tão entusiasticamente se afeiçoou a êsse simpático estabelecimento de beneficência que quiz, como todos sabem, ainda para depois da sua morte, deixar-lhe da própria fortuna uma parte importantíssima que ajudasse a consolidar-lhe o futuro e a garantir-lhe a existência.

Efectivamente, por testamento datado de 15 d'abril de 1897, o conde de S. Marçal deixara metade de todo o remanescente da sua herança, depois de liberta de legados e encargos, ao *Albergue das Crianças Abandonadas* instituido poucos meses antes. E assim como foi por intermédio do então secretário da empresa do *Diario de Noticias* que aquella institui-

---

<sup>73</sup> Êste elogio foi publicado no *Diario de Noticias* de 1 de agosto de 1899 e no respectivo *Relatorio* anual da Associação Tipográfica Lisbonense e Artes Correlativas.

ção, ao iniciar-se, recolhera no seu cofre a primeira quantia em dinheiro, também proveio de um dos fundadores do *Diario de Noticias* a primeira e valiosa herança com que foi contemplada.<sup>74</sup>

Terminando o *Elogio* póstumo de que ficam transcritos alguns períodos, e salientando, a par da simplicidade de carácter de Thomaz Quintino Antunes, o seu nunca desmentido ou quebrantado amor pela arte tipográfica e a sua inalterável simpatia e estima pelos que honradamente a professavam, aludia então eu nos seguintes termos áquelas qualidades e sentimentos de que o seu testamento<sup>75</sup> fôra a derradeira e eloquentíssima prova :

Não houve distincções sociais que o fizessem esquecer a sua humilde, mas honrada origem, que o fizessem menosprezar os seus velhos camaradas de officina, tanto como os seus modernos colegas na arte tipográfica.

E se alguêm, por menos tratar com o falecido ou porque só o houvesse conhecido no declinar da existência, duvidasse do que fica dito, bastaria lembrar que quem entrasse na sala nobre do palacete da rua de S. Marçal, na mais rica e opulentamente decorada, ali teria visto, destacando no logar de honra, o grande e magnífico quadro de Guttemberg hoje, por legado seu, pertencente a uma officina de tipógrafos, e próximo, rodeada quase de supersticioso culto, a bela escultura do mesmo imortal inventor da imprensa, essa preciosa

<sup>74</sup> No *Relatorio* da direcção do *Albergue das Crianças Abandonadas* referente a 1897-1898, lê-se o seguinte, a pag. IX : «Registaremos tambem que o nosso instituto já conta o seu primeiro legado que, no curto periodo da sua existencia, representa uma eloquente prova da sympathia que merece, e tanto mais pela origem desse legado que, partindo d'um homem que illustrou a sua vida pelo trabalho, e que foi um benemerito que honrou a sua memoria por actos de justa caridade, o conde de S. Marçal, tem para este Albergue o valor dum diploma.»

E no *Relatorio* de 1899-1900, aludindo-se á receita e aos fundos do Albergue, escrevia-se, a pag. 6 : «O que avoluma mais esta importancia (66.225:826 réis) foi o legado do Ex.<sup>mo</sup> Conde de S. Marçal, um benemerito a quem o Albergue, sem duvida alguma, deve a garantia da sua vida futura. Foram 44.266:185 réis que este instituto recebeu provenientes do referido legado.»

Assina ambos estes relatórios, além dos restantes directores, o verdadeiro iniciador e o mais devotado e infatigável dos propugnadores do *Albergue* — Alexandre Morgado, secretário da direcção — a cuja constante dedicação aquêlê instituto tão relevantes serviços deve.

<sup>75</sup> O testamento do Conde de S. Marçal, que documenta e comprova os dotes de uma alma nobilíssima, contém os seguintes períodos denunciadores da mais desafectada e admirável modestia :

«Filho de gente que nada teve que dever á fortuna, de muito novo me vi obrigado a buscar uma carreira que me proporcionasse o pão de cada dia.

«Por felicidade em breve se me deparou na arte typographica, onde fiz a minha iniciação na Imprensa Nacional, em 1834, aos 14 annos de idade. Foi por ella que, á custa de grandes sacrificios e penoso trabalho, seguindo sempre os exemplos de honestidade com que meus pobres paes me educaram, consegui adquirir os meios para poder viver desafogadamente os ultimos annos da minha cançada vida, e alcançar a estima e a consideração de que sempre gosei em todas as classes da sociedade com quem tive de conviver.»

estátua por êle deixada como lembrança a esta agremiação e que era como que o orago tutelar d'aquela casa.

Do mesmo modo que ainda hoje, no modestíssimo jazigo onde repousam os despojos mortais dêsse bondoso e venerando vulto, se vê bem em evidência, sobreposto á corôa emblemática do seu título de nobreza, um prelo tipográfico, por êle próprio mandado ali esculpir no mármore, para ficar atestando á posteridade que não houve grandezas nem opulências que o levassem a desdenhar da profissão que na juventude abraçara com tanto amor; que não houve pergaminhos nem títulos nobiliárquicos que para êle valessem mais do que o simples diploma de sócio d'esta Associação <sup>76</sup> por tantos títulos benemérita.

Se muita foi sempre a consideração e a estima que o Conde de S. Marçal dedicou á classe tipográfica, não lhe correspondia esta com menores e menos affectuosas deferências, demonstrando-lhe em afirmações inequívocas quanto se honrava de o haver contado entre os seus membros mais prestimosos. Provam-no eloquentemente, entre outros factos, os officios que em seguida transcrevo e que eu sei que para o Conde de S. Marçal valiam como verdadeiros e autênticos pergaminhos nobiliárquicos:

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Commendador Thomaz Quintino Antunes,  
visconde de S. Marçal.

Os corpos gerentes da Associação typographica lisbonense e artes correlativas, no intimo convencimento de que interpretam fiel e lealmente os sentimentos da generalidade dos associados, como os de toda a classe typographica, jubilosos felicitam cordealmente V. Ex.<sup>a</sup> pela mercê com que V. Ex.<sup>a</sup> acaba de ser agraciado por S. M. el-rei.

O título nobiliario com que hoje V. Ex.<sup>a</sup> se condecora bem mereceu-o; conquistou-o V. Ex.<sup>a</sup> pelo trabalho honrado e por muitos e importantes serviços prestados á arte typographica e á santa causa da instrucção popular e do progresso da nossa patria: justamente deve, pois, V. Ex.<sup>a</sup> ufanar-se d'elle, tanto mais que não representa propriamente um favor, mas um acto de rigorosa justiça no reconhecimento do merito e elevadas qualidades de V. Ex.<sup>a</sup>

<sup>76</sup> Do testamento do Conde de S. Marçal constam as seguintes cláusulas que confirmam quanta simpatia a Associação Tipográfica Lisbonense lhe merecia:

«Deixo á Associação Typographica Lisbonense, de que fui um dos fundadores, um conto de réis e a estatua de Guttemberg que figurou no centenario de Camões em 10 de junho de 1880, com o respectivo pedestal feito com clichês do *Diario de Noticias*.

«Deixo para ser repartido pelos socios da mesma associação, que se acharem inhabilitados ao tempo da minha morte, duzentos mil réis.»

Thomaz Quintino Antunes foi um dos signatários do *Relatorio* que precede o *Projecto de estatutos da Associação Typographica* datado de 23 de agosto de 1850, e segundo o qual a associação deveria denominar-se *Associação de soccorro e protecção da arte typographica*. Aquêlê *Projecto* foi impresso em 1850 em Lisboa, na tipografia da *Revista Universal Lisbonense*, na rua dos Fanqueiros, 82, da qual era proprietário S. J. Ribeiro de Sá, a quem Thomaz Quintino alude mais de uma vez na sua carta reproduzida neste livro.

Á Associação typographica lisbonense e artes correlativas é, por igual, extremamente agradável e lisongeiro, que os poderes publicos, por fôrma tão distincta, considerem e enalteçam V. Ex.<sup>a</sup>, que a Associação, desde muito, respeita e préza como um dos seus benemeritos fundadores e mais prestantes socios, fiando que em qualquer crise por que haja de passar, lhe não negará a desvelada protecção, que sempre generosamente lhe dispensou.

Reiterando, portanto, os seus cumprimentos e felicitações, os corpos gerentes da Associação typographica lisbonense e artes correlativas fazem sinceros votos por que V. Ex.<sup>a</sup> e sua digna esposa disfructem toda a sorte de venturas.

Deus guarde a V. Ex.<sup>a</sup> — Lisboa e sala da Associação typographica lisbonense e artes correlativas, 22 de agosto de 1885.

Pela mesa da assembleia geral, o presidente, *Francisco Angelo d'Almeida Pereira e Sousa*.

Pela commissão administrativa, o presidente, *Matheus Ollegario da Costa e Sousa*.

Pela commissão revisora de contas, o vogal, *Joaquim Maria da Cruz*.

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.

A mesa da Associação Typographica Lisbonense e Artes Correlativas pede permissão para ofertar a V. Ex.<sup>a</sup> um exemplar do Diario do Governo, do dia 10 do corrente, em que vem extractado o decreto que eleva á alta dignidade de Conde de S. Marçal, o Visconde do mesmo titulo, Thomás Quintino Antunes.

A mesa d'esta Associação congratula-se pois, com V. Ex.<sup>a</sup>, pela merecida e justa distincção com que a munificencia regia acaba de dar uma nova prova de apreço ao honrado industrial, que ha sabido aliar as nobrezas do trabalho com as altas dignidades da sociedade.

A mesa da Associação Typographica, prestando esta respeitosa homenagem a V. Ex.<sup>a</sup>, ufana-se de o fazer a um dos seus membros mais distinctos, a um dos seus consocios mais antigos e prestantissimos, a um illustrado artista, emfim, que honrou sempre a classe a que pertencia nas varias situações em que se encontrou, dando ainda hoje as provas mais evidentes da inteireza do seu character e da elevação do seu espirito.

A mesa d'esta Associação folga em ter occasião de apresentar a V. Ex.<sup>a</sup> a manifestação d'estes sentimentos.

Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup>. Lisboa e sala das sessões da Assembléa geral da Associação Typographica Lisbonense, 12 de Novembro de 1891.

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conde de S. Marçal.

O Presidente, *Antonio Joaquim d'Oliveira*.

Os Secretarios, *João Baptista Borges — Antonio Marcos Figueira Freire*.

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Snr.

A Sociedade de Soccorros dos Typographos Portuenses e Artes Correlativas ufana-se em dever o seu progressivo desenvolvimento ao influxo de alguns socios benemeritos, parte dos quaes se acham vinculados á classe typographica pelos laços da mais honrosa camaradagem, iniciada n'um passado bem remoto, é certo, mas que se foi identificando com o decorrer do tempo, fazendo de todos os seus membros como que uma só familia. D'esses be-

nemeritos, uns são já fallecidos, mas os seus nomes, indelevelmente inscriptos nos annaes d'esta Sociedade, perpetuarão a benemerencia de tão inclitos philanthropos. Outros, os sobreviventes, continuam a prodigalisar a esta Associação os maiores desvellos, elevando-a ao grau de relativa prosperidade que actualmente usufrue e solidificando-a, para lhe garantir um futuro auspicioso.

Ora, ponderando êstes actos de tão grande benemerencia, e que tão intimamente se relacionam com os sentimentos altruistas que exornam o caracter de V. Exc.<sup>a</sup>, a Sociedade dos Typographos, reunida hoje em assembleia geral, approvou unanimemente, e por acclamação, a seguinte proposta, apresentada pelo seu digno associado, snr. José Joaquim da Silva Bravo <sup>77</sup>:

«Attendendo aos excellentes serviços que o Exc.<sup>mo</sup> Snr. Conde de S. Marçal, antigo typographo, proprietario do importante estabelecimento—*Typographia Universal*—de Lisboa, tem prestado á arte typographica, contribuindo poderosamente para o seu desenvolvimento em Portugal; e attendendo aos relevantes serviços que o mesmo cavalheiro tem prestado a numerosos membros da classe typographica:

«Tenho a honra de propôr que ao Exc.<sup>mo</sup> Snr. Conde de S. Marçal—uma gloria e uma reliquia da classe typographica portugueza—seja conferido o diploma de SOCIO BENEMERITO da Sociedade de Soccorros dos Typographos Portuenses e Artes Correlativas.

«Porto, 11 de Agosto de 1895. — O socio, *José Joaquim da Silva Bravo*».

É, pois, com a mais subida honra e respeitosa consideração que eu, em nome da Direcção e interpretando os sentimentos de todos os consocios, tomo a liberdade de endereçar a V. Exc.<sup>a</sup> o incluso diploma, rogando-lhe a fineza de o aceitar como mesquinha prova do alto aprêço em que a Sociedade dos Typographos tem a personalidade de V. Exc.<sup>a</sup>

Deus Guarde a V. Exc.<sup>a</sup>—Porto e secretaria da Sociedade de Soccorros dos Typographos Portuenses e Artes Correlativas, 11 de Agosto de 1895.

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Snr. Conde de S. Marçal

O secretario, *Arthur Martins de Viterbo e Silva*.

### **Associação dos Artistas de Coimbra**

#### SOCIO HONORARIO

Esta Associação, em conformidade do artigo 152 dos seus Estatutos, confere o presente Diploma ao Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Commendador Thomaz Quintino Antunes, em homenagem ás suas virtudes civicas e aos importantes serviços prestados á industria typographica, e á instrucção popular do nosso paiz.

Coimbra, Sala das sessões, aos 31 de Março de 1874.

O Presidente

*Olympio Nicolau Ruy Fernandes*

O Secretario

*Luiz Adelino Lopes da Cruz*

<sup>77</sup> Silva Bravo, autor da justissima proposta, foi durante bastantes anos, desde dezembro de 1875 até o seu falecimento em 7 de setembro de 1900, correspondente do *Diario de Noticias* no Porto, onde exercia distintamente o cargo de chefe da redacção do antigo e considerado jornal *O Commercio do Porto*.

Aqui propositadamente reproduzo estes documentos para que sirvam de condigno fecho á biografia de um homem que a si próprio se nobilitara pelas suas virtudes e méritos, muito antes de o haverem também distinguido com elevados títulos honoríficos os mais altos poderes do Estado. E convictamente creio que, depois de lidas estas páginas, ninguém haverá que deixe de considerar em termos de receber o deferimento que impetrava e que—de justiça é dize-lo—não se fez esperar por parte da illustre corporação a quem foi dirigido, o requerimento seguinte:

Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Lisboa

Diz Alfredo da Cunha, director do *Diario de Noticias*, de Lisboa, que a empresa dêste jornal pretende, por ocasião do cincoentenário da sua fundação, que se completa em 29 do mês de dezembro próximo, mandar colocar no monumento erigido a Eduardo Coelho, na Alameda de S. Pedro de Alcântara, desta capital, um medalhão com a effigie do outro fundador do *Diario de Noticias*, Thomaz Quintino Antunes, que, além de ser participante com Eduardo Coelho na glória de haver fundado e propagado em Portugal a imprensa barata e o jornalismo popular, o que constitui elemento da maior importância para o desenvolvimento da instrução pública, distribuiu grande parte da sua fortuna por estabelecimentos de caridade de Lisboa, e foi o dedicado e prestantíssimo protector de uma das mais úteis e simpáticas instituições de beneficência portuguesas—o Albergue das Crianças Abandonadas, cujo fundo é formado principalmente pela valiosíssima herança que recebeu de Thomaz Quintino Antunes, que assim deixou sólidamente garantida a existência e assegurados os serviços de assistência daquelle Albergue.

Para o pretendido fim, incumbiu-se já o escultor sr. Antonio Cosia Motta de executar o medalhão e o architecto sr. Alvaro Machado elaborou o projecto de modificação a fazer no monumento a Eduardo Coelho, para que nele possa colocar-se o medalhão aludido, (projecto que se junta em duplicado) havendo-se encarregado portanto dos trabalhos a realizar os mesmos exímios e distintos artistas a quem se deve o projecto e execução daquelle monumento.

Nos termos expostos, vem o signatário pedir a esta Ex.<sup>ma</sup> Câmara se digne conceder-lhe a necessária licença para a colocação do medalhão referido e para se executar a indispensável modificação projectada, a tempo de todos êsses trabalhos se acharem concluidos antes da data acima apontada de 29 de dezembro.

E. R. M.<sup>cê</sup>

Lisboa, 28 de julho de 1914.

ALFREDO DA CUNHA.

## A Tipografia Universal

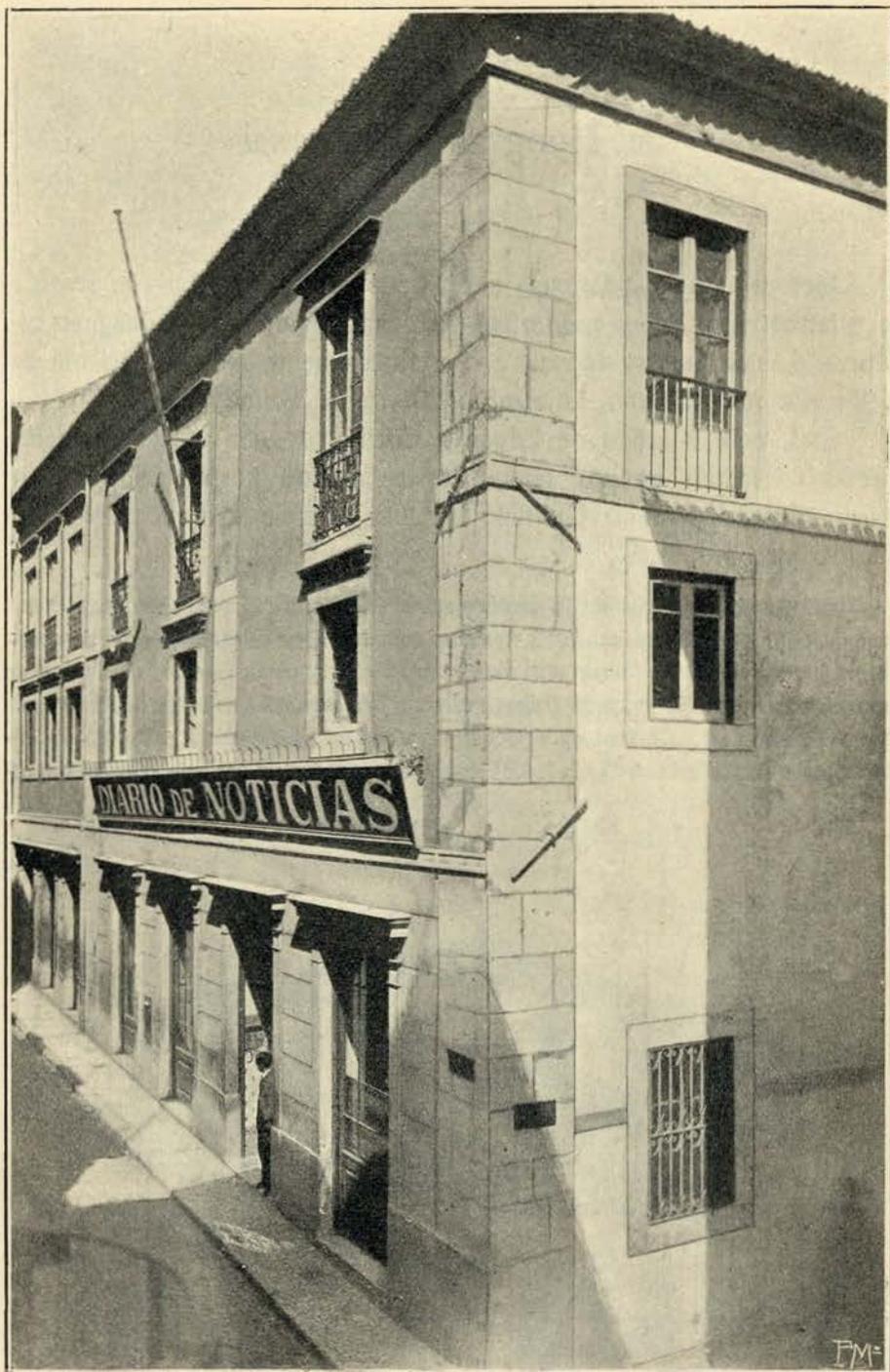
Merece especial referência neste trabalho a *Tipografia Universal*, a que tantas recordações andam ligadas, sendo, como é, uma das mais célebres e mais antigas do país e o estabelecimento mais importante da velha *rua dos Calafates*, hoje *rua do Diario de Noticias*.

Será, pois, o artigo de Eduardo Coelho, de que precedentemente aproveitei alguns trechos referentes ao falecido proprietário daquela casa industrial, Thomaz Quintino Antunes, que ainda nesta parte auxiliará o meu propósito.

«A typographia estava então quasi na sua phase primitiva. Fazia-se uso quasi exclusivo do velho prélo de madeira; dava-se a tinta com as antigas balas; a impressão era toda feita a braços; os jornaes tinham uma tiragem propriamente para a familia; cada exemplar servia a numerosos leitores, se os artigos excitavam interesse. Foi a imprensa do *Panorama*, que nesta epocha (1837) começou a publicar-se, a que introduziu em Lisboa o uso dos rolos. Apesar da limitada publicidade dos jornaes elles produziam bastante agitação nos es-



O edificio da *Rua do Diario de Noticias* (antiga *rua dos Calafates*) n.ºs 108 a 120, onde sempre tem estado instalados os escritórios e oficinas da *Tipografia Universal* e os serviços do *Diario de Noticias*, tal qual era ha dez anos



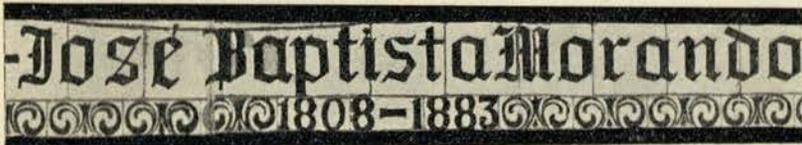
Estado actual do edificio da *Rua do Diario de Noticias* n.ºs 108 a 120, Travessa do Poço da Cidade, n.ºs 22 a 30 e Rua do Norte, n.ºs 125 a 141, onde se acham instalados os escritórios e oficinas da **Tipografia Universal** e os serviços do **Diario de Noticias**

piritos, porque exprimiam a effervescencia do laborioso e agitado periodo de organisação constitucional que decorreu de 1834 a 1851, e incendiavam com seus violentos artigos o animo da mocidade operaria, que tomou parte activa nas luctas partidarias.

«O edificio (da *Typographia Universal*) pode considerar-se um dos mais antigos laboratorios da idéa. Já em 1740 alli se imprimiam livros.

«Podia quasi ser em Lisboa o que é em Anvers o museu Plantin Moretus, a mais notavel typographia do principio do seculo XVI, de que o illustre municipio fez um monumento da cidade.

«Era typographia ao tempo da primeira invasão franceza. Foi alli a antiga officina Morando. Possuiu depois a typographia Eduardo de Faria.



Nome e datas do nascimento e morte de um dos mais notáveis impressores que foram estabelecidos no edificio da **Tipografia Universal**  
(fragmento de um friso de asulejos existente no vestibulo do primeiro andar do mesmo edificio)

«Quando passou ao actual dono, possuía o estabelecimento muito typo, diversos prélos e aparelhos, grande numero de utensilios typographicos, mas tudo deteriorado, e que



Diploma de medalha de prata conferido na **Exposição Universal de Paris de 1900** à *Tipografia Universal*

o novo proprietario foi reformando a pouco e pouco, de modo a produzir a completa transformação que hoje alli se vê, e que faz desconhecer absolutamente a antiga *Typographia Universal*, porque Thomaz Antunes, havendo adquirido tambem o edificio em 1862, realisou nelle alterações radicaes. Assistimos a toda esta transformação, podendo mais uma vez certificar-nos da força prodigiosa do trabalho, regido pelos principios austeros da honra, e guiado pela intelligencia prática, pelo legitimo bom senso, que é o mais valioso de todos os patrimonios e o mais previdente piloto nas viagens perigosas do mundo social.



Diploma de grande premio conferido na **Exposição do Rio de Janeiro de 1908**  
à *Tipografia Universal*

«No tempo em que começamos a frequentar este estabelecimento, publicavam-se ahi, o *Conservador*, cujo redactor litterario eramos, o *Paiz*, o *Jornal de Lisboa*, fundado por Barbosa Leão, o *Commercio de Lisboa*, por Eduardo Tavares, e o *Progresso e Ordem*, fundado por Jayme Anahory <sup>78</sup>.

«Hoje (em 1885) a *Typographia Universal*, a que foi em tempo concedido o titulo de *imprensa da casa real* (em principios de 1870) por uns trabalhos excellentes que alli se fizeram, possui dois prelos mechanicos de reacção, tres machinas platinas inglezas, um prelo universal Marinoni, calandra, prensa hydraulica, machina de aparar papel, um excellent motor de vapor, e grande variedade de aparelhos e utensilios typographicos modernos,

<sup>78</sup> Desde 1 de setembro de 1861, imprimiu-se na *Tipografia Universal* a *Chronica dos Theatros*, periódico quinzenal dirigido por Eduardo Coelho, e que também ali tinha o escritório da redacção.

A comissão promotora da Exposição das Artes Gráficas em Lisboa, e diversos expositores, acompanhados pelo pessoal da TIPOGRAFIA UNIVERSAL e do DIÁRIO DE NOTÍCIAS visitando a instalação da grande máquina rotativa de duas bobinas (AUGSBURG) em 11 de outubro de 1913



N.º 1 Eduardo Coelho, secretário da redacção do *Diário de Notícias*; n.º 2 Justino Guedes, proprietário da *Editora*; n.º 3 Paulino Ferreira, industrial de encadernação; n.º 4 João Pereira, administrador do *Diário de Notícias*; n.º 5 Augusto Filipe dos Santos, chefe da secção das obras da *Tipografia Universal*; n.º 6 José Rodrigues Brazão, chefe da secção de composição do *Diário de Notícias*; n.º 7 Alfredo Guedes, industrial de litografia; n.º 8 Gregorio Fernandes, inspector das oficinas da *Imprensa Nacional*; n.º 9 José Pires Marinho, industrial de gravura; n.º 10 José Rangel de Lima, redactor principal do *Diário de Notícias*; n.º 11 Luiz Derouet, administrador da *Imprensa Nacional*; n.º 12 Julio Candido da Costa, gerente da *Tipografia Universal*; n.º 13 Antonio Migueis, chefe das oficinas de impressão do *Diário de Notícias*.—Os visitantes n.ºs 1 a 3 vêm-se sobre a *passerelle* da própria máquina. Os restantes, em volta desta. Os visitantes indicados sob os n.ºs 2, 3, 7, 8, 9 e 10 eram membros da comissão promotora da exposição presidida pelo sr. Luiz Derouet (n.º 11).

dando emprego quotidiano á media de 100 pessoas, isto é, havendo quadruplicado o seu movimento <sup>79</sup>.

«O unico jornal diario que ahi se imprime é o *Diario de Noticias*, que o illustre industrial, associado ao outro proprietario, iniciador e redactor dessa folha, com elle fundou em 29 de dezembro de 1864».



O quadro da composição do *Diario de Noticias* em 23 d'abril de 1886

De *importantissima* era classificada a oficina da *Tipografia Universal* na *Representação* que á comissão central directora do *Inquerito Industrial* enviou a assembleia geral da Associação Typographica Lisbonense e artes correlativas em 18 de outubro de 1881 <sup>80</sup>, sendo os seus trabalhos ali especializados como «dignos do mais alto valor», e as elevadas recompensas recebidas nas exposições internacionais de Paris em 1900 (medalhas de prata e cobre) e do Rio de Janeiro em 1908 (grande prémio), e na

<sup>79</sup> Merece aqui recordação especial o antigo e falecido gerente da *Tipografia Universal*, que foi o primeiro encarregado da caixa de esmolas do *Diario de Noticias*, cargo que exerceu até á sua morte, em 6 de agosto de 1903. Luiz Herculano Cesar, que assim se chamava, entrou para a *Tipografia Universal* em 30 d'abril de 1867, depois de ter estado 30 anos menos 3 meses na tipografia Morando. Foi, como aprendiz de compositor, para a Imprensa Regia (hoje Imprensa Nacional), em dezembro de 1831. Daqui saiu para ir dirigir a oficina da *Revista*, de que era redactor principal Rodrigo da Fonseca Magalhães. Pertenceu á Guarda Nacional, e, segundo elle próprio referia, entre muitos outros interessantes factos da nossa história contemporânea, quando estava na Imprensa Regia, foi quem recebeu de Joaquim Antonio de Aguiar a ordem para se sustar a composição da *Chronica Constitucional*, até que voltasse com o célebre decreto da extinção das ordens religiosas. O ministro partiu em seguida, eram 11 horas da noite, a levar o decreto á assinatura e ao conselho em Queluz, voltando a entrega-lo de madrugada.

<sup>80</sup> *Inquerito Industrial* de 1881—Primeira parte—*Depoimentos*—pag. 294.



O actual quadro da composição do *Diario de Noticias*

Exposição das Artes Gráficas de 1913, em Lisboa (medalha de prata), vieram demonstrar que, continuando as honrosas tradições de Thomaz Quintino Antunes, a *Tipografia Universal* mantém, na posse dos que sucederam áquele benemérito industrial,<sup>81</sup> os seus antigos e legítimos créditos.



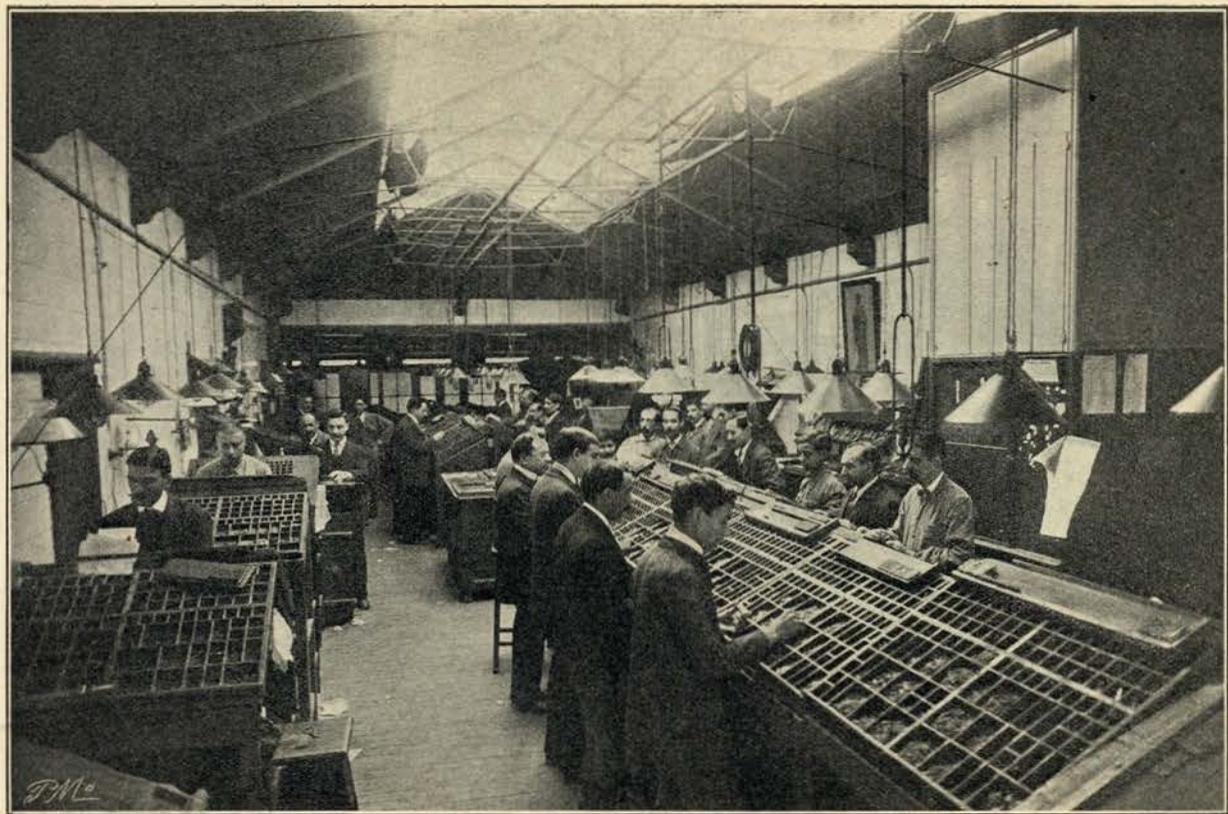
Diploma de medalha de prata conferido na **Exposição Nacional das Artes Gráficas** de 1913 á *Tipografia Universal*

A *Tipografia Universal* tem adquirido máquinas e utensílios aperfeiçoadíssimos para composição, esterotipagem e impressão quer de livros, quer de jornais, e especialmente do *Diário de Notícias*, que, a partir de

**Francisco Luiz Ameno**  
1713—1793

Nome e datas do nascimento e morte de um dos mais antigos, ilustrados e célebres impressores portugueses, o qual foi estabelecido em Lisboa e no edifício da **Tipografia Universal** (fragmento de um friso de asulejos existente no vestíbulo do primeiro andar do mesmo edifício)

<sup>81</sup> A sociedade *Coelho da Cunha, Brito & C.ª* constituída por D. Maria Adelaide Coelho da Cunha, D. Maria da Luz Coelho de Castro e Brito e Alfredo da Cunha (gerente).



A oficina da *Tipografia Universal* exclusivamente destinada á composição do *Diario de Noticias*

março de 1900, passou a ser estereotipado e a imprimir-se em máquinas rotativas de grandes tiragens, dos melhores sistemas—Marinoni e Augsburg<sup>82</sup>— e que desde 1904 é, em grande parte, composto em máquinas *Linotype*. Foi aquela tipografia a primeira que em Portugal



Anverso da medalha conferida  
à **Tipografia Universal**  
na Exposição Universal de Paris de 1900

adquiriu e adoptou máquinas de compor, havendo sido a segunda edição do presente livro, publicada em dezembro de 1904, a primeira obra que no nosso país se compôs por aquele processo mecânico.

Não descurando os princípios de previdência e de associação que tiveram num dos mais ilustrados membros do pessoal do *Diário de Notícias*, José Maria da Silva e Albuquerque, antigo chefe da revisão d'aquela jornal, um dos mais ardentes e beneméritos apóstolos, o pessoal das duas empresas criou em outubro de 1870 a chamada *Caixa de Crédito da Typographia Universal*, modesta instituição, de natureza particular, cujos primeiros estatutos foram aprovados em 11 de dezembro de 1870 e são assinados por Thomaz Quintino Antunes, presidente da mesa da assembleia geral, Guilherme Augusto Rodrigues e Carlos Antonio Martins, secretários.<sup>83</sup>

<sup>82</sup> A primeira grande máquina rotativa de Augsburg, de uma bobina, para jornais de 2, 4, 6, 8 e 12 páginas, começou a funcionar em 14 de maio de 1903, e a última, de duas bobinas, para jornais de 2 a 16 páginas, em 30 de julho de 1910.

<sup>83</sup> Foi seu primeiro vice-presidente da assembleia geral Lucas Evangelista da Rocha Torres de Jesus, distinto e ilustrado tipógrafo, então chefe da secção das obras da *Tipografia Universal*, e que veio depois a estabelecer-se com tipografia na vizinhança daquele estabelecimento e a ser o fundador da revista *Encyclopedia das Famílias*.

Recentemente, já durante êste ano de 1914, uma iniciativa de mais alcance e que muito honra os seus promotores, foi tomada pelo pessoal da *Tipografia Universal* e do *Diario de Noticias*: refiro-me á criação de uma caixa de auxílio intitulada—*Caixa de pensões dos empregados do*



Reverso da medalha conferida  
à *Tipografia Universal*  
na Exposição Universal de Paris de 1900

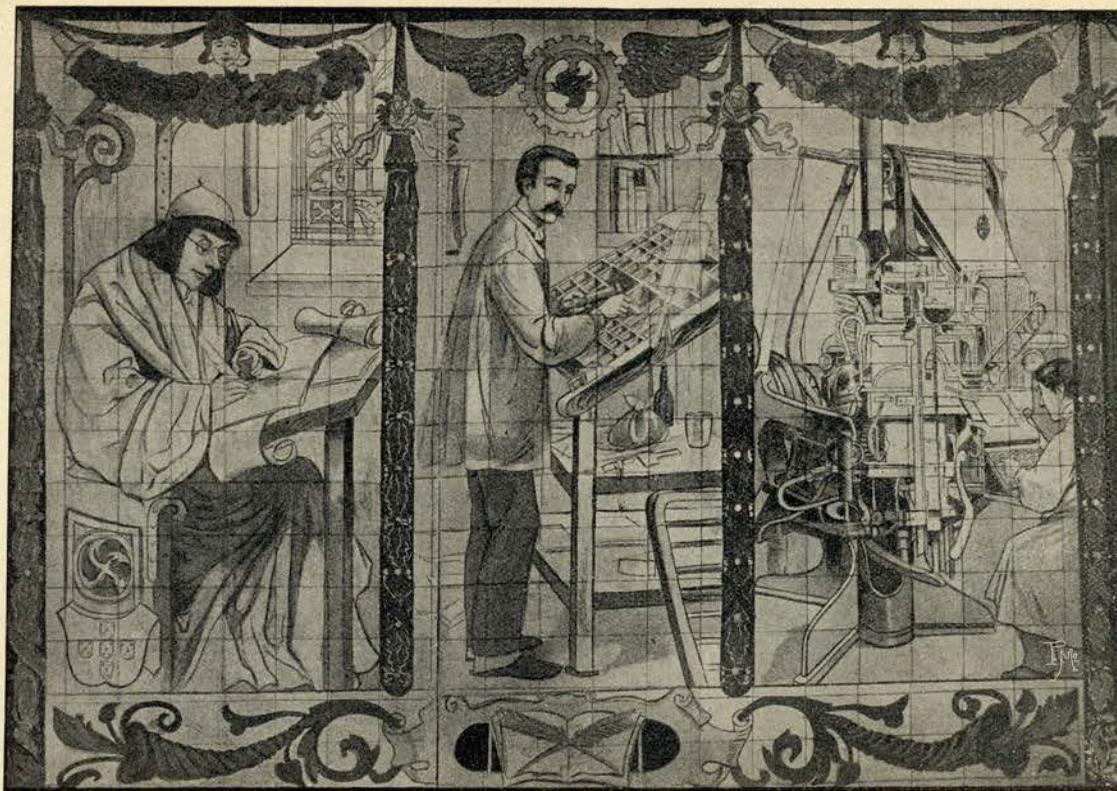
*Diario de Noticias e da Tipografia Universal*— e de cujos estatutos consta serem êstes os fins da projectada instituição:

- 1.º subsidiar os socios que, por doença, estejam temporariamente impossibilitados de trabalhar;
- 2.º estabelecer uma pensão para os socios inabilitados;
- 3.º conceder um subsidio para luto e funeral á familia dos socios que faleçam;
- 4.º melhorar as condições economicas do pessoal do *Diario de Noticias e Tipografia Universal*, criando cooperativa de consumo, caixa economica, etc.<sup>81</sup>

A primeira direcção era assim constituída: presidente, João Vicente, Duarte Ferreira (que foi chefe do quadro da composição do *Diario de Noticias*); vice-presidente, José Eduardo Leitão; tesoureiro, Luiz Herculano Cesar; vice-tesoureiro, José Eduardo Coelho; primeiro secretário, Luiz Marcelino da Rocha Torres de Jesus; segundo secretário, Julio Pereira Sande da Silva Coutinho; suplente, Antonio do Carmo Ferreira de Simas.

Os primitivos estatutos foram substituidos, em 3 de novembro de 1878, por outros, subscritos por José Maria da Silva e Albuquerque, presidente da mesa da assembleia geral, e José Norberto Avelino dos Santos e Carlos Consiglieri, secretários; e ainda em 20 de dezembro de 1894, novas alterações foram feitas, as quais constam do Regulamento daquela data, assinado por Baptista Borges, presidente, Julio Santos e Guilherme Coelho (relator).

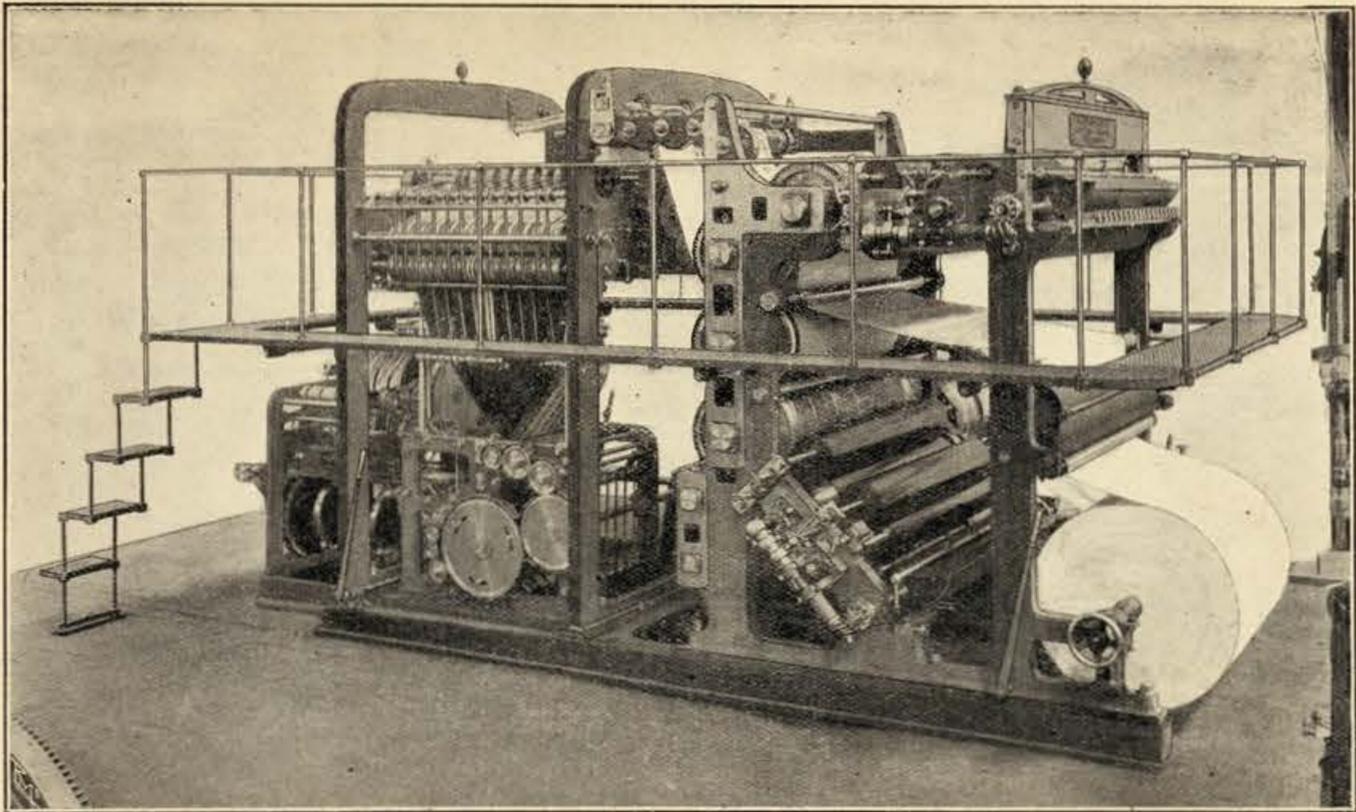
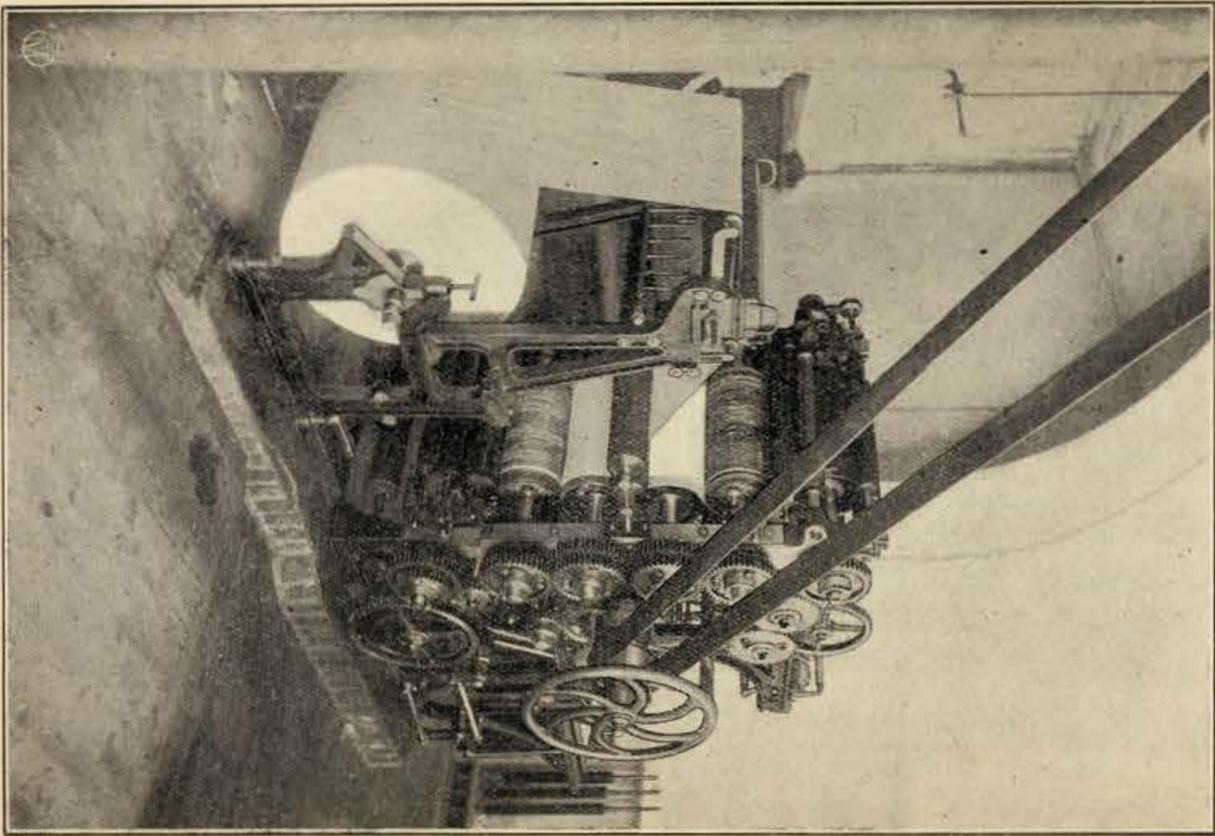
<sup>81</sup> A comissão organizadora do projecto de estatutos desta caixa era composta dos tí-pógrafos do quadro da composição do *Diario de Noticias* srs. Agostinho T. A. Veneno, Antonio Ribeiro dos Santos, Francisco José da Silva, Henrique Gomes e Ricardo Porto Requio.



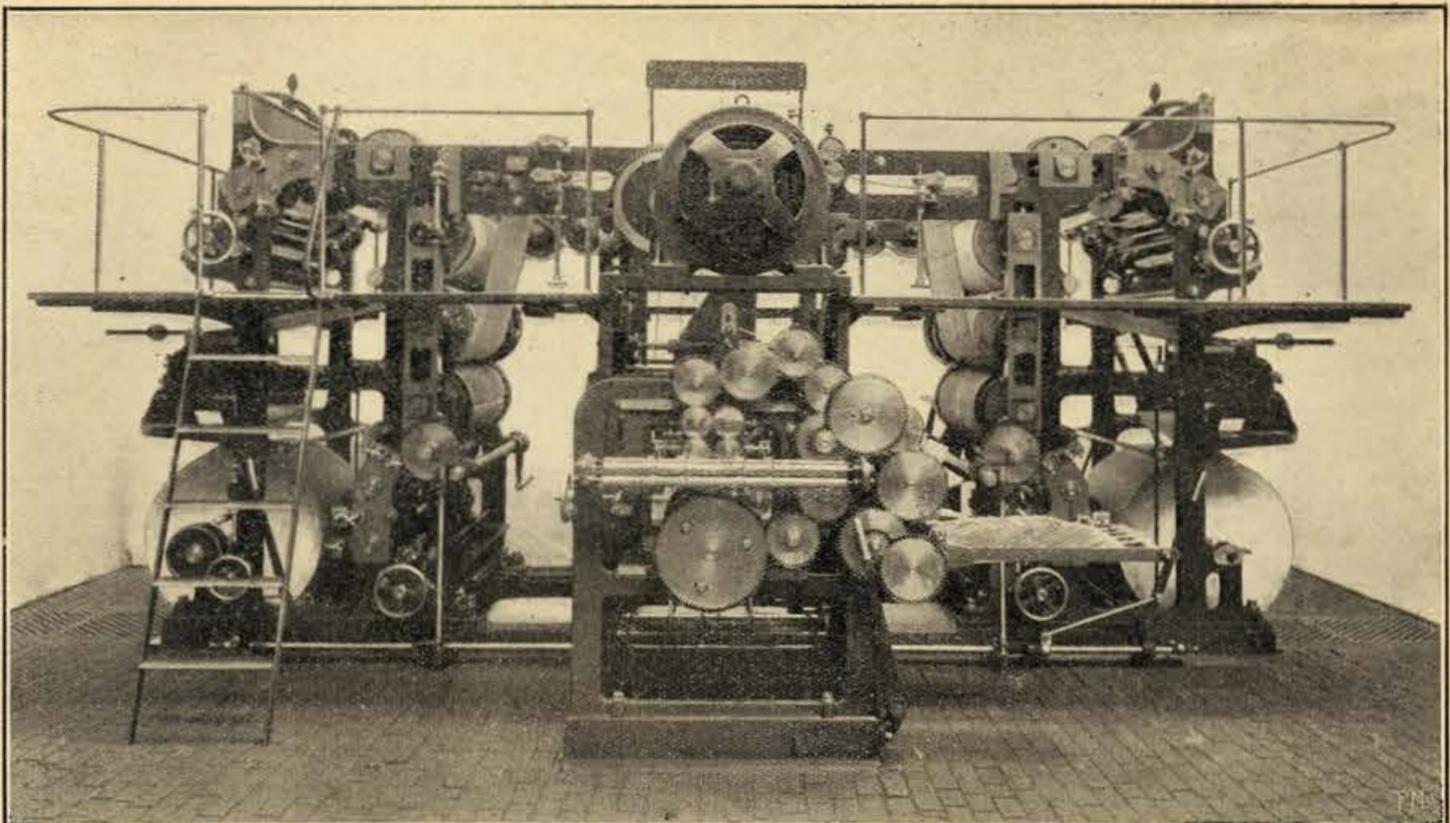
Quadro de azulejos existente no vestibulo do primeiro andar do edificio da *Tipografia Universal*, representando o antigo *copista* anterior á invenção da imprensa, o *tipógrafo* trabalhando á caixa, e o moderno compositor servindo-se da máquina *Linotype*

(executado sobre desenhos de ROQUE GAMEIRO e ALBERTO SOUSA)

A primeira das máquinas rotativas **Marinoni**



A primeira das grandes máquinas rotativas de **Augsburg**, de uma bobina, para jornais de 2 a 12 páginas  
(tiragem de 48:000, 24:000 ou 12:000 exemplares á hora)



A última das grandes máquinas rotativas de **Augsburg**, de duas bobinas, para jornais de 2 a 16 páginas  
(tiragem de 48:000, 24:000 ou 12:000 exemplares á hora)

Máquinas rotativas para impressão do *Diário de Notícias*

Eduardo Coelho



## INTRODUÇÃO <sup>85</sup>

**Os homens uteis e bons são meo santos.**

ED. GOELHO — *Passéis na Província.*

*Não me consta que de Eduardo Coelho ficasse — como aliás se disse por ocasião da sua morte — uma auto-biografia, na rigorosa acepção da palavra, completa em todas as particularidades, na enumeração de factos e na fixação de datas. Nada mais se encontrou, entre os seus papeis, do que breves esboços de dois ou três episódios da sua mocidade, ligeiras notas que, á semelhança das notícias muito sucintas, e, por isso mesmo, bastante deficientes, insertas em uma ou outra publicação, não podiam evidentemente suprir a necessidade de indagações demoradas.*

*A biografia de Eduardo Coelho — alguém o notou — dava capítulos que decerto rivalizariam com as páginas tam comoventes da *Vie de Bohème*, de Henry Murger. Porque Eduardo Coelho viveu efectivamente, por bastante tempo, essa vida de paciência e de coragem, que nem por parecer descuidosa, leviana e fácil, deixa de ter os seus triunfadores e os seus mártires, vida que Murger tão eloquentemente descreve no prefácio dos seus belos contos, e em que só se pode lutar — ele próprio o diz — revestido duma forte couraça de indiferença, á prova dos néscios e dos invejosos, não se devendo um só momento abandonar, como bordão de arrimo, para se não cair prostrado no caminho, o orgulho de si mesmo.*

*Poderiam outros, decerto melhor e mais inteligentemente, relatar êsses cincoenta e quatro anos extintos depois duma fadiga sem repouso, numa agonia longa, consciente e lúcida, em que o espirito, sem perder uma scintilha sequer da sua perspicácia, se sentia, a cada hora decorrida, falseado pelo crescente abatimento do corpo, traído pela invencível decrepitude duma organização que fôra robusta e válida.*

---

<sup>85</sup> Da primeira edição. 1891.

*Depressa, porém, se apaga nos vivos a lembrança saudosa dos que morreram; e salvar dum olvido, mais ou menos próximo, a memória dos que amámos, é um dever dos que ficam, em relação aos que para sempre se apartam, deixando de si uma tradição abençoada.*

*Eis ao que só mira este trabalho — talvez mais de sentimento do que de crítica, mais do coração do que da inteligência — em que, se o biógrafo cuidadosamente procurou não omitir factos, o crítico, para não ser averbado de suspeito, frequentemente preferiu deixar o campo aos juízos alheios.*

*Não me consentiu, em verdade, o ânimo que por mais tempo ficassem perdidas nas colunas dos jornais e nas páginas duma ou outra obra, em referências isoladas e em apreciações dispersas, os elementos com que podia integrar-se e reconstituir-se, quase por completo, uma existência que se consumiu, até o último alento, em milhares de escritos, espalhados por montões de jornais, e que, lidos um dia com a avidez da novidade, no seguinte se abismavam para sempre nesse golfão sem fundo do periodismo diário.*

*A vida inquieta dos jornalistas tem o seu tanto ou quanto de semelhante com a vida dos actores; porque é uma espécie de glória au jour le jour, passageira e inconsistente, a que uns e outros conquistam pelo seu trabalho. O papel do actor, estudado com dificuldade, criado com fatigante e acurado escrúpulo, com rigorosa consciência da arte, finda com os últimos ecos da derradeira noite de triunfo; do artigo de jornal, subordinado ao assunto que ocorre, ligado intimamente ao facto que aprecia, variando com a constante mutabilidade dos acontecimentos que sem intercadências se sucedem, extingue-se, com a oportunidade de momento, a efémera sensação que despertou. Dum e doutro, passada a impressão que determinaram, nada ou quase nada resta de persistente e de duradouro.*

*Tanto mais necessário é, pois, para que á instabilidade da obra não corresponda a da celebridade que por ela adveio, que dalgum modo se fixe e se perpetui o que essa obra teve de culminante e o que essa celebridade pôde afirmar de legítimo e de inconfundível.*

*Se eu tentasse em curtos períodos resumir o que todo este escrito evidenciará, pela singela narrativa de factos desacompanhada de artificios e de fábulas, ao meu intento bastaria trasladar para estas páginas uma carta honrosíssima de Antonio Augusto de Aguiar, então ministro das obras públicas, e a cuja proposta e espontânea intervenção Eduardo Coelho devera a mercê de comendador da ordem de S. Tiago, por cuja recente concessão a mesma carta o felicitava<sup>86</sup>. Sintetisa ela rigorosamente a vida do infatigável jornalista, condensando em breves termos a crítica da sua obra de paz, de caridade, de incentivos generosos, de propaganda sempre útil e sempre civilizadora.*

*«Felicitó-te pela distincção, bem merecida e bem applicada (escrevia-lhe Aguiar em 25 de setembro de 1884). Todos os meus collegas te fizeram justiça, e, acima de todos, El-Rei,*

<sup>86</sup> A nomeação de comendador da ordem de S. Tiago, que era uma das maiores e mais raras distincções que o finado rei D. Luís concedia, teve por fim, segundo consta do respectivo diploma, datado de 6 de novembro de 1884, e referendado pelo ministro do reino Augusto Cesar Barjona de Freitas, dar a Eduardo Coelho «um publico testemunho de consideração pelos serviços por elle prestados gratuitamente ao ministerio dos negocios das obras publicas, commercio e industria, na commissão do inquerito industrial, e na organização da exposição agricola de Lisboa no corrente anno».

A mercê fôra concedida em 12 de setembro de 1884. («Diario do Governo» n.º 217, de 24 de setembro).

que sempre cioso da sua ordem predilecta, assignou a carta regia com verdadeira satisfação. Não faço rhetorica, escrevo a verdade. Nada debes aos ministros, e muito menos a mim. Fizeram-te justiça.

«Um homem como tu, que, embora filho de um patriota, começou a sua vida luctando com a desgraça, e que, depois de infinitos combates, chega a ser o creador da imprensa imparcial e independente, valendo á sua conta mais do que muitas escolas de instrução primaria, inculcando nas classes populares o gosto pela leitura, merece, no meu entender, as melhores distincções de que os governos podem dispôr.

«Um homem como tu, que puzeste ao serviço dos interesses nacionaes a tua penna e o teu jornal para se realisar o inquerito industrial com feliz exito, e fazer-se a exposição agricola de 1884, tem direito a todas as considerações dos poderes publicos.

•Um homem como tu, que sustentas uma familia numerosa de industriaes, que proteges os fracos, que louvas desinteressadamente os amigos do paiz, e que ajudas os governos nos seus intentos generosos, tem em toda a parte a estima e o respeito dos seus cidadãos.

«Se ha uma festa de caridade, lá está o teu jornal a patrocinal-a, se ha uma empreza util, apparece sempre o teu jornal a defendel-a, se ha uma campanha patriotica a emprehender, ainda vem o teu jornal, primeiro que todos, a promover a sua realisação. Pedes para os pobres, advogas os interesses dos humildes, e prestas sempre auxilio aos infelizes.

«Não te esqueceste dos teus infortunios no meio da opulencia que te cerca, nem renegas o teu passado de trabalho, de energia e de lucta. Todos te devem mais ou menos um pequeno favor, e nem mesmo os ingratos, a sós com a sua consciencia, podem olvidal-o.

«Eu não fiz nada para que m'o agradeças. O governo é que reconheceu os teus serviços, e tão bem o fez, que não tem merecido por isso senão elogios. Quem te conhece, como eu, sabe que não careces de distincções para augmentares o teu merecimento. O que se fez não foi senão accentuar, de um modo positivo, o que a opinião publica affirma a teu respeito».

Valia esta carta para Eduardo Coelho tanto como a própria mercê, que, embora ninguém mais legitimamente conquistasse, e a tão poucos fôsse então dado possuir, êle não pretendia nem solicitara, havendo-a aceitado, mais para não melindrar, com a recusa, o amigo que lhe quizera tão dedicadamente demonstrar a sua consideração, do que porque o envaidecessem honras tais, aliás invariavelmente rejeitadas d'outras mãos, e noutras ocasiões.

E um simples facto o prova, bem característico e bem significativo. No mesmo livro de apontamentos particulares, e na mesmíssima página em que Eduardo Coelho deixou cópia do lacónico officio em que terminantemente recusava uma distincção que o rei de Espanha, Amadeu, lhe havia concedido, por proposta do ministro dos negócios estrangeiros Cristino Martos, encontra-se transcrito—como que para accentuar o contraste—um outro officio em que agradecia, com alvoroçada satisfação, e nos termos mais cordialmente entusiásticos, o diploma de sócio benemérito que, em 30 de maio de 1876, lhe fôra conferido por uma modesta associação popular de Lisboa.

A' penhorante comunicação do governo espanhol Eduardo Coelho respondia :

«Ex.<sup>mo</sup> sr.—Lisboa 2 de outubro de 1872.—Tive a honra de receber o aviso em que v. ex.<sup>a</sup> se dignou communicar-me que S. M. El-Rei de Hespanha houve por bem conferir-me em data de 22 de setembro de 1872, o titulo de commendador da Real Ordem de

*Isabel a Catholica, e exprimindo a v. ex.<sup>a</sup> o meu mais vivo reconhecimento por tão subida prova de distincção, com que a munificencia de El-Rei de Hespanha houve por bem agradecer-me, peço a v. ex.<sup>a</sup> licença para lhe communicar respeitosamente que não posso acceitar a mencionada graça. Receba v. ex.<sup>a</sup>, etc.»*

*Proximamente quatro anos depois, acusando a recepção do officio da Academia Civilisação Popular, em 29 de junho de 1876, escrevia êle, entre outros, os seguintes períodos:*

*«Causa-me intimo jubilo o pertencer a uma corporação que tão bem se harmonisa com as recordações do meu passado, com as tendencias e predilecções do meu animo, e com as aspirações do meu espirito. Antes d'ella me abrir as suas portas, e de me offerecer tão distincto logar no seu gremio, já eu sentia pertencer-lhe. Nasci no meio do povo que a fundou; passei os meus primeiros annos lidando nas classes commercial e artistica, que lhe formam o nucleo; cursei as escolas do trabalho e do estudo, que a inspiram, e tenho consagrado as minhas limitadas faculdades, por dever e por convicção, á causa da instrucção popular, que ela apostolisa e patrocina.*

*.....*

*•Pode-se, sem desdouro, deixar de pertencer a este ou áquelle grupo, de professar tal ou tal credo; o que se não pode é deixar de ser apóstolo d'esta cruzada sublime, que marcha para a conquista da civilisação verdadeira — a instrucção e moralisação do povo, sem a qual todos os systemas são falsos, todas as reformas contradictorias, todos os regimens desiguaes e injustos. Agradeço, de coração aberto, a elevada honra que a Academia Civilisação me fez, e confesso-me soldado obediente nas suas fileiras, subscrevendo-me, etc.»*

*A carta de Antonio Augusto de Aguiar não era todavia um suspeito testemunho de simpatia, eivado de qualquer parcialismo político ou pessoal; pois que, volvidos anos, substituidos no poder os regeneradores de Fontes por um ministério retintamente progressista, os serviços de Eduardo Coelho foram de novo, e em termos igualmente calorosos, assinalados e agradecidos pelo ministro que então geria a pasta das obras públicas, e que, ao mesmo tempo que fazia instantes votos pela continuação d'esses serviços desinteressadissimos, lhe pedia o valioso apoio na ressurreição do trabalho industrial, em que o enérgico estadista, que era Emygdio Navarro, estava empenhando o melhor dos seus esforços.*

*Se tantas vêzes succedeu, porém, que, mesmo das eminências do poder, espontaneamente lhe exaltassem os méritos e lhe solicitassem o decisivo auxilio, é infelizmente verdadeiro que ninguém, mais do que Eduardo Coelho, encontrou a embargar-lhe o passo a malquerença e o tenaz egoismo dos invejosos, — daqueles a quem tão claramente alude num pequeno conto <sup>87</sup>, que é, para quem bem o compreenda, uma quase auto-biografia, e que não lhe podiam ver a êle a camisa lavada que nunca podem ver a outrem.*

*«Não conhece profissões a intelligencia (escrevia em um dos folhetins do seu «Diario de Noticias»). Quita, o Alcino Mycenio da nossa Arcadia, poeta erudito e correcto, era cabelleireiro. Quanto não devem, aos olhos da critica justiceira, avultar mais que os que puderam cursar universidades e academias, Xavier de Novaes e Ignacio de Araujo, que do maçarico de ourives formaram o plectro da poesia satyrica, e Vieira Caldas, para quem foi academia o balcão de mercador! Gomes de Amorim, o melodioso poeta dos «Cantos Matutinos», tem o mais luzente florão da sua corôa litteraria, na circumstancia de haver sido*

<sup>87</sup> «O rapaz da camisa lavada» — («Historias de Hoje»).

*chapelleiro, conquistando, a preço de lagrimas intimas e de minguas cruéis, o elevado logar a que chegou nas letras».*

*Tipógrafo, pois, como tantos outros homens notáveis o tem sido, por necessidade ou por vocação; havendo, como de si próprio escreveu Michelet «juntado letras no compo-nedor, antes de juntar ideas em livros»; caixeiro de comércio, como o fôra também no exílio Almeida Garrett, que disto sempre se orgulhava muito, Eduardo Coelho desvanecia-se sinceramente dêsses mesmos factos que outros, para o deprimirem, parecia nunca haverem esquecido completamente.*

*Mas êsse homem, cuja elevada estatura intelectual e moral os insignificantes e os bñliosos punham em dúvida, não perdendo ensejo de a amesquinharem, era ao mesmo tempo humildemente procurado para ajudar a firmar reputações, nem sempre justificadas, aos que tentavam apoucar-lhe a fama, tão legítima e tão independentemente ganha, e que unicamente devera á persistência da vontade própria, e ao próprio esforço duma inteligência perseverante, quanto foi e quanto valeu.*

*Para Eduardo Coelho devia ser contudo um motivo de íntima vaidade o ver como tantos se acolhiam a essa protecção que a sua grandeza de alma a ninguém negava, nem aos agradecidos, nem aos ingratos.*

*Poucos lutaram tanto como êle; mas pouquíssimos também deixaram de si uma lição igualmente eloquente, do muito que pode uma tenacidade de ferro e uma energia sem desfalecimentos, postas ao serviço dum ideal alevantado e nobre.*

*Poucos sofreriam tanto como êsse homem bondosíssimo, que, numa crise aguda, falto de todos os recursos, desesperançado de encontrar um arrimo, atingiu o último grau do desespero, ao tocar o auge da adversidade; mas ninguém, mais e melhor do que êle, soube mitigar sofrimentos, concitando a caridade dos abastados para a miséria dos desprotegidos, e o auxílio dos poderosos para a fraqueza dos humildes.*

*Ninguém amou, com mais entranhado affecto e mais desinteressada simpatia, o prole-tário e o trabalhador desamparado; mas ninguém ainda recebeu, em paga dessa afeição, diariamente afirmada por mil modos e em mil demonstrações inelutáveis, uma manifestação menos suspeita de facciosismos de partido, mais sincera e mais espontânea, de respeito e de saudade, quando dele já não podia esperar-se uma palavra de incitamento, porque os seus lábios haviam emudecido para sempre, ou um simples acto de comiserção, porque para sempre a sua mão dadivosa caíra inanimada.*

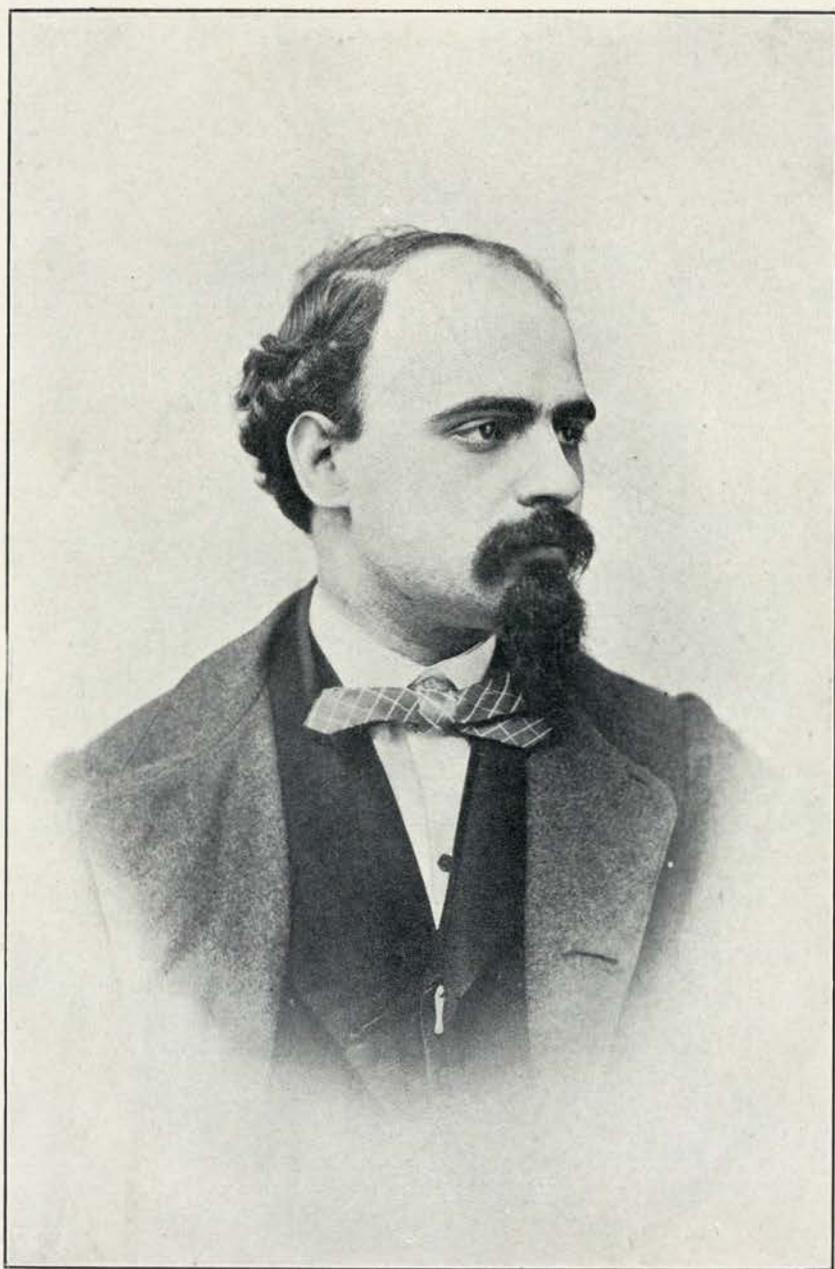
*Ninguém trabalhou com mais afínco, com mais ardor, com fé mais veemente nos seus esforços; mas ninguém legou uma prova mais convincente da omnipotência do trabalho, que tudo consegue e tudo vence, quando nele confiamos sem restrições e a êle nos entregamos sem vacilações nem esmorecimentos.*

*«Se havia homem—escreveu para uma das mais importantes folhas do Brasil, Manuel Pinheiro Chagas—que pudesse fazer devéras a apotheose do trabalho, era sem du-vida alguma Eduardo Coelho. Tudo lhe deveu, e pode afoitamente dizer-se que a sua vida teve estes vertices honrosíssimos—o trabalho, a família e a bondade».*

*Pois unicamente daquela bondade sem limites e daquele trabalho sem tréguas, que nunca tergiversou na sua linha de proceder impecavelmente correcta e dirigida ao bem, foi que emergiu a glória da sua vida, a popularidade da sua obra e a simpatia e o respeito do seu nome*

*Foi êsse trabalho, em que êle acreditava com uma fé inabalável, que o fez rapida-mente ascender de simples compositor duma imprensa pobre, a proprietário e chefe do mais*

*importante jornal do país; que o fez passar da humildade de noticiarista e da modesta condição de secretário de escritores ilustres, a director dum periódico que, imprimindo movimento á opinião e aconselhando lealmente o povo, tem sabido fazer-se respeitar e ter em conta pelos altos poderes do Estado; que finalmente o levou da sua atribulada obscuridade, por um trilho acidentado e áspero, cortado de obstáculos e de contrariedades, mas sempre varrido e desensombrado de acções ruins, por um caminho de honestidade e de honra nunca abandonado, á apoteose que lhe coroou a existência, e, numa glorificação unânime, constituiu a sagração solene e pública da sua individualidade.*



**EDUARDO COELHO**

fotografia tirada ao tempo da fundação do *Diario de Noticias*

## Juizos críticos

(reproduzidos do *Diario de Noticias* de 29 de dezembro de 1904)

O trabalho e a bondade são as manifestações mais sãs da nobreza do homem: o trabalho e a bondade foram os dois traços fundamentaes da physionomia de **Eduardo Coelho**. Os trabalhadores bons são por natureza modestos: foi-o elle tambem; e se a sua lembrança merece guardar-se pelo que fez, como homem publico ficará para sempre, na memoria dos que o trataram e conheceram de perto, a recordação respeitosa pelas suas qualidades quasi santamente candidas.

Maio, 1892.

OLIVEIRA MARTINS.

Por entre as amarguras da desgraça teve o bem da esperança, que Deus dá aos homens para que se lembrem do Ceu, sua primeira patria, e, ao chegarem-lhe os dias de fortuna, ninguem soube ser melhor para os que lhe haviam querido com affecto...

Foi o jornalista popular, amigo e defensor dos pobres. Se marcou tão assignaladamente na consideração publica, não foi apenas por ter o jornal de maior tiragem, o mais procurado e o mais lido, mas porque entendeu as dores e as agonias do povo, os gemidos, os gritos e a eterna queixa da miseria humana.

JULIO CESAR MACHADO.

Se havia homem que pudesse fazer deveras a apotheose do trabalho, era sem duvida alguma **Eduardo Coelho**. Tudo lhe deveu, e pode affoitamente dizer-se que a sua vida teve estes vertices honrosissimos — o trabalho, a familia e a bondade.

.....  
Com a sua penna no seu jornal, com a sua palavra nas reuniões, com o seu trabalho, com o seu dinheiro, nunca serviu senão a causa do bem, do justo, do honesto: nunca defendeu senão estes nobres sentimentos que fazem pulsar com mais força o nosso coração de homens e de patriotas.

M. PINHEIRO CHAGAS.

Semear o Bem foi o ideal de **Eduardo Coelho**.

A sua obra, porque era humana, não ascendeu talvez á perfeição. O seu nome, comtudo, ficou radioso, pois fôra santa a intenção do obreiro.

J. T. DE SOUSA MARTINS.

**Eduardo Coelho**, pondo o jornal nas mãos do povo, contribuiu mais para o progresso e a civilização da sua terra, que todas as academias que tem havido em Portugal.

Rivarol definiu a imprensa — a artilharia do pensamento.

**Eduardo Coelho** foi um benemerito artilheiro. O *Diario de Noticias* — a peça com que tantos annos fez fogo, — nunca destruiu senão o que era de justiça fosse destruido — a ignorancia do povo.

URBANO DE CASTRO.

O nome de **Eduardo Coelho** foi mais que «nome illustre», porque foi uma synthese de trabalho e de amarguras em longo praso, de fé ardente na sua obra util e de probidade indiscutivel — e indiscutida! — como base d'essa fé.

Conheci bem de perto o creador do *Diario de Noticias*, o iniciador a valer do «jornalismo ao alcance de todos», o benemerito do movimento associativo.

SILVA PINTO.

Fossem quaes fossem as suas virtudes intellectuaes — e foram muitas e poderosas — o que sobretudo impõe ás commoções da minha sympathia o seu nome e a sua lembrança, é aquella vontade cortada em aço, que fez de um humilde uma força, e aquella bondade nativa da sua alma, que fez de um homem bom quasi um santo.

TRINDADE COELHO.

A obra de **Eduardo Coelho** não foi uma preocupação individual e egoista: o seu pensamento voou mais alto, tendo em mira a redempção dos humildes e dos ignorantes. Barateando a imprensa diaria, divulgando a leitura, **Eduardo Coelho** contribuiu poderosamente, como poucos, para a propaganda da instrucção popular. Por este motivo **Eduardo Coelho** tem direito á gratidão nacional.

Quando no nosso paiz se extinguir o derradeiro analphabeto, o nome de **Eduardo Coelho** será pronunciado religiosamente por todos os que souberem ler.

SOUSA VITERBO.

## Eduardo Coelho

1835-1854

Filho de João Gaspar Coelho, que fôra amigo e companheiro de muitos dos homens públicos que mais importante papel desempenharam nas lutas da liberdade travadas no segundo quartel d'este século, José Eduardo Coelho deixou uma pequena biografia de seu pai<sup>88</sup>.

«Não póde haver nada de mais amoravel e demonstrativo de dedicação filial», observa um seu conterrâneo, o jornalista e patriota Joaquim Martins de Carvalho, do que êsse escrito, em que a vida do ardente liberal de Coimbra é narrada com a mais tocante e comovedora singeleza.

Casando aos 24 anos, João Gaspar Coelho antepôs aos cômodos da família o serviço desinteressado pela pátria, e acompanhando na sua vária fortuna a causa liberal, perseguido como *malhado*, homiziado em Lisboa e Setubal, sofrendo todos os riscos a que as suas avançadas ideas o expunham, tendo de opor os ardís duma fecunda inventiva ás pesquisas constantes dos seus inimigos, logrou penetrar no Porto, por ocasião do cêrco, e obter, 44 dias depois da entrada do duque da Terceira em Lisboa, um documento official que lhe reconhecia «os bons serviços prestados á causa da patria, o acerto, honradez, zelo e actividade» com que desempenhara «laboriosas diligencias» de que fôra incumbido, e «principalmente a intrepidez e bravura» com que se portou no dia 5 de setembro de 1833, «fazendo em todo aquelle dia um fogo vivo ao inimigo, que mereceu o elogio de muitos militares que o presencearam.»

Regressando a Coimbra em 1834, um ano antes do nascimento de Eduardo Coelho, voltava pobre. «Os honrados não enriquecem em taes campanhas—diz seu filho na biografia a que aludi—se n'ellas entram,

---

<sup>88</sup> *Brinde aos senhores assignantes do Diario de Noticias em 1875*, p. 133:—*Meu Pae*, com dedicatória ao seu sócio e amigo Thomaz Quintino Antunes.

P. Juan Jarnor Castro

Niño e pad Jarnor  
Escriba á donos Repulones  
e Argemil -

Eu esta adahir a mi  
valta e dona a ordem em  
fason -

Curitiba

29 de Outubro de 1866.

Argemil de Paula!

como elle entrava, com a fé ardente do adepto sincero. A unica riqueza que trazia era a gloria de ter pelejado desinteressadamente a favor da liberdade politica do seu paiz, e dos progressos da civilização social.»

Mais tarde, nas fileiras da guarda nacional, entrou na revolução de setembro, foi partidário da constituição de 1838, acompanhando sempre o partido setembrista, e, victorioso o govêrno de Costa Cabral, fundou a imprensa <sup>89</sup> donde, em 9 de julho de 1844, saíu o primeiro número da folha revolucionária *A Opção Nacional*, cujo principal redactor foi Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos.

A pequena fortuna que, á custa de muito trabalho, alcançara no intervalo destas lutas, levaram-lh'a os fornecimentos ás guerrilhas e fôrças populares reunidas em Coimbra em 1846, fornecimentos que ficaram por pagar, e em troca dos quais apenas restaram, em poder da viuva, vales por satisfazer numa soma importante. <sup>90</sup>

Fôra o duque de Loulé, então governador civil de Coimbra, e com quem João Gaspar Coelho intimamente privava, que, por alvará de 15 de outubro daquele ano, e «attendendo á sua probidade», o nomeara «fornecedor das fôrças populares».

<sup>89</sup> Todos os filhos do fundador da modesta imprensa da *Opção Nacional*, vieram a dedicar-se á cultura das letras, e a viver d'elas. O mais velho, Adriano Gaspar Coelho, que fôra (até á sua morte, em 27 de dezembro de 1872) secretário da redacção do *Diario de Noticias*, desde 1867, em que voltara do Brasil, havia fundado na cidade de Campos um jornal denominado *O Cysne*, tendo colaborado em diversas folhas da mesma cidade. Autor de algumas comédias e do drama sacro *Santa Cecilia*, veio a ser correspondente do *Diario Mercantil*, do Porto, e era-o, quando faleceu, do *Jornal do Recife*, de Pernambuco.

Dos outros dois irmãos, mais novos do que Eduardo Coelho, Abel Maria Coelho faleceu na Uruguayana, em 12 de fevereiro de 1891, sendo, durante 14 anos, redactor e proprietário do jornal *O Guarany*, e havendo lá também fundado um outro periódico, *O Noticioso*; e o único irmão que ainda existe, o sr. Francisco Adolpho Coelho, é o illustre professor da cadeira de filologia românica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (antigo Curso Superior de Letras).

<sup>90</sup> Acompanha esta página a reprodução de um desses numerosos vales ou pedidos de mantimentos, cuja importância nunca foi satisfeita, e que se conservou como documento da dedicação do destinatário e da confiança que este merecia ao requisitante; e ao mesmo tempo também como lembrança da nenhuma influência que tantos sacrificios tiveram no ânimo daqueles que usaram e abusaram da boa fé e ardor patriótico de João Gaspar Coelho, arrastando-o á ruína.

Eis os dizeres do aludido documento:

«Sr. João Gaspar Coelho

*Veja se pode fornecer ração ás fôrças Populares de Arganil.*

*Eu estou a sahir; á minha volta se dará a ordem em forma.*

*Coimbra 29 de outubro de 1846.*

*Marquez de Loulé.»*

«Quando eu, meus irmãos e irmãs, escreveu o finado director do *Diario de Noticias*, distribuíamos com infantil alegria os viveres aos guerrilhas, n'uma grande sala da nossa habitação, mal suspeitavamos que estávamos dando parte preciosa do nosso pequeno patrimonio, e que nos havia de fazer grande falta dentro em pouco tempo.»

No seu livro—*Passeios na Provincia*—Eduardo Coelho refere-se ainda, nos seguintes termos, a essa época da sua infância:

«Nós, os pequenos, participavamos d'aquelle santo enthusiasmo. Meu irmão Adriano, tendo apenas 14 annos, e andando nas aulas do pateo, corria a sentar praça no batalhão academico, onde era rejeitado por não chegar á craveira.

—Mas o sr. Casal Ribeiro <sup>91</sup>, não é mais alto do que eu, objectou elle.

—Esse tem outra estatura politica!

—Ah! sim! elle é isso, pois esperem.

«E foi fardar um batalhão de rapazes, de 8 a 12 annos, que ao menos servia para fazer algazarra e barulho, o que já é de alguma utilidade em tempo de revolução popular. Então publicava elle em casa um periodico manuscripto revolucionario.

«Eu lembro-me ainda de uma vez, com Antonio Augusto Pereira de Miranda <sup>92</sup>, o joven e talentoso deputado por Lisboa, que tanto tem illustrado o mandato com que o distingue o corpo do commercio da capital, e que n'aquelle tempo era para nós o *Antoninho*, fazermos em casa d'elle, na Calçada, um simulacro de batalha, queimando a tiros de peça diversos soldados de papel.

«Era o exercito inimigo!

«Com meus irmãos armavamos telegraphos, fazíamos cartuchos, e acarretavamos até caliça e areia para as barricadas e platafórmãs, como aconteceu depois da batalha de Torres Vedras, quando se teve a pueril pretensão de fortificar Coimbra, para o conde das Antas ali resistir ao Saldanha, que entrava na cidade, sem disparar um tiro, na manhã de 5 de janeiro de 1847.»

«Havia ali (na rua do Visconde da Luz, antiga rua do Coruche, em Coimbra) um edificio pertencente á casa da Misericordia, no qual eu — hoje pacato, tolerante, perdoador, e até não sei se já um tanto conservador, *quand même* — aprendi a ser revolucionario».

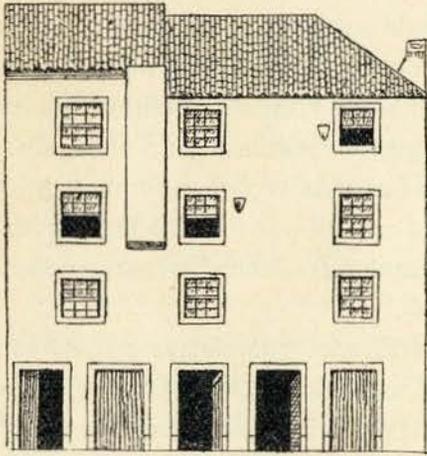
<sup>91</sup> Conforme consta das respectivas listas de subscrição, o Conde de Casal Ribeiro, notável orador e diplomata, que foi par do reino, ministro e conselheiro de Estado, veio a ser um dos primeiros subscriptores que concorreram para o monumento a Eduardo Coelho. (*Diario de Noticias* de 7 de fevereiro de 1895).

<sup>92</sup> Antigo deputado, par do reino, governador do Banco de Portugal e ministro do Reino, havendo nesta qualidade presidido á cerimónia da inauguração do monumento erigido a Eduardo Coelho, na Alameda de S. Pedro de Alcantara, em Lisboa, em 29 de dezembro de 1904, e descerrado o mesmo monumento.

„Podia ter saído um Ferrabraz, um Roldão, ou um D. Quichote, que andasse por ahí a esgrimir com os moinhos, ou a incommodar a humanidade. Melhor foi para mim e para ella que assim não acontecesse».

Seguindo as vicissitudes do partido em que se filiara, sempre lidando com a intelligência, o braço e o dinheiro por todos os ideais democraticos, João Gaspar Coelho veio, depois da entrada de Saldanha em Coimbra, a ser prêso em 19 de fevereiro de 1847, no assalto feito ás habitações dos patuleas mais salientes, e em virtude do plano architectado e posto em prática por um seu compadre e *amigo*, a quem havia, tempos antes, salvado a vida, com risco dele próprio perder a sua.

Trazido, com mais 27 liberaes, para Lisboa, esteve prêso no segrêdo



Casa onde Eduardo Coelho nasceu em 22 d'abril de 1835, na antiga rua dos Sapateiros, em Coimbra, como ha indicações de que era naquela época. Reedificada ha anos, tem hoje os n.ºs 73, 75 e 77 nas três portas da direita, correspondentes ás da antiga habitação.

Sôbre a porta com o n.º 77 é que foi colocada a lápide comemorativa do nascimento, que occorreu no quarto cuja janella fica immediatamente superior á mesma porta (a última da direita).

do Limoeiro até 27 d'abril de 1847, e nesta cadeia teve por companheiros os seus amigos e patricios Joaquim Martins de Carvalho, infatigável investigador, jornalista e historiógrafo, dr. Duarte Nazareth, lente de direito, e dr. José Alexandre de Campos, e outros vultos importantes da política de Coimbra — todos, no dizer do *Espectro* de 26 de fevereiro de 1847, reus do nefando crime de serem progressistas! Nenhum outro delicto consta dos livros da cadeia.

Aludindo a estes factos, de que foi testemunha presencial, Joaquim Martins de Carvalho

historiou-os dêste modo no seu jornal o *Conimbricense*, de 24 d'abril de 1886:

„Faz no dia 29 do corrente mez de abril 39 annos que nos podemos evadir da referida prisão (do Limoeiro). Uns foram mortos pelos crueis satellites do cabralismo; outros poderam definitivamente evadir-se, e outros tornaram a ser presos.

«O sr. João Gaspar Coelho foi do numero dos que poderam escapar-se; nós tornámos a ser preso no mesmo dia, presenciando as maiores atrocidades, e livrando-nos de ser assassinado, por um modo admiravel.

„Regressando para Coimbra, falleceu o sr. João Gaspar Coelho, apenas passado um anno, no dia 17 de agosto de 1848 (na sua residencia do Arco de Almedina, onde José

Eduardo Coelho nascera em 23 de abril de 1835)<sup>93</sup>; sendo o primeiro dos 28 presos que falleceu. Somos nós o unico que ainda vive nesta cidade.

A sua não vulgar e desinteressada dedicação á causa popular havia feito com que pelo seu fallecimento, ficasse a numerosa familia nas mais deploraveis circumstancias”<sup>94</sup>

\*

\* \*

O padre Antonio de Jesus Maria da Costa, mais conhecido pelo *padre Antonio da Calçada*, homem que se tornou muito notado nas lutas dessa época, fôra instituido tutor de Eduardo Coelho, á morte de seu pai. «Posso certificar que não lhe mereceu grandes cuidados a tutela», escreveu o seu tutelado; e não foi só êsse, dentre os que se diziam amigos de João Gaspar Coelho, e dos que dêsse título usaram e abusaram, para o ajudarem a comprometer-se, que pagou com a ingratidão os benefícios recebidos. «Na hora ultima, (testemunhou ainda Eduardo Coelho) antes dos sacramentos da igreja lhe ungirem o corpo e santificarem a alma, ainda cheio dessa candura, que dourou todas as suas acções, recommendou a mulher e os filhos, n’um bilhete que eu escrevi por seu ditado, a um dos chefes do partido a que pertencia, solemne e respeitavel recommendação que pareceu produzir efeitos negativos».

A ingratidão dos que se diziam dedicados completava a ruina causada pela perseguição dos inimigos. E se Eduardo Coelho pôde perdoar — e perdoou sempre — a guerra dos adversários leais, difficilmente esqueceu o procedimento dos correligionários mal agradecidos.

Ao conde de Thomar, o perseguidor tenaz dos patuleas, com o qual travou relações na redacção do *Conservador*, veio a trata-lo com a benevolência devida a um homem, que, embora terrível como antagonista, era contudo fiel e devotadíssimo aos que por êle se sacrificavam; daqueles, porém, que, ao contrário do temido herói do cabralismo, retribuiam com a indiferença e o desprêso, os sacrificios de que, para se engrandecerem,

<sup>93</sup> Esta indicação não é exacta. Eduardo Coelho, ou José Eduardo Coelho, nasceu em 22 de abril de 1835, na casa da antiga rua dos Sapateiros (hoje *rua Eduardo Coelho*) em Coimbra, onde actualmente se acha colocada uma lápide comemorativa daquelle facto, inaugurada em 29 de dezembro de 1904.

Veja-se a nota final J.

<sup>94</sup> O mesmo jornal, d’onde transcrevo estas palavras, que então se intitulava *O Observador*, dá testemunho daquelle facto no seu n.º 116, de 19 d’agosto de 1848, noticiando que a viuva de João Gaspar Coelho, D. Francisca do Carmo Coelho, ficara com dez filhos, e em vésperas do undécimo, tendo de dirigir-se ao provedor e mesários da Misericórdia para que ali lhe recolhessem dois ou três deles.

largamente se haviam aproveitado, Eduardo Coelho sempre se afastou invariável e sistematicamente; e quando teve de responder, no jornal de que então era redactor literário, a umas insinuações malévolas que na imprensa lhe dirigiram, embora se confessasse estranho á política, declarava solenemente que nunca poderia alistar-se no partido, «cujos idolos, em paga dos serviços que lhes prestou um dos seus antepassados, lhes roubaram o seu modesto patrimonio, deixando-o abandonado aos arbitrios da sorte<sup>95</sup>». E esta promessa, publicamente feita, foi durante toda a sua vida—vida cuja absoluta e exemplar coerência se acentuou do princípio ao fim—pontual e religiosamente cumprida.

João Gaspar Coelho exprimia a convicção de que a vontade firme do homem tudo vence, nesta hiperbólica frase, que frequentemente repetia aos seus:—«Se eu imaginasse um dia ser papa, e quizesse sel-o, havia de o ser»—; e foi esta tradição da fé viva na prodigiosa eficácia do trabalho, e da energia e da coragem na adversidade, que pautou, como constante norma, a vida inteira de seu filho, servindo de sólido alicerce a essa admirável obra de actividade e de luta, que é o monumento perdurável de Eduardo Coelho.

Cortada a educação dêste e de seus irmãos pela morte de seu pai, um amigo da família tomou-o para sua casa, com um outro irmão, e, decorridos meses, mandava-o, com destino á carreira comercial, para Lisboa, onde chegou em 28 de dezembro de 1848, depois de durante quatro dias, como êle mesmo o contava passados bastantes anos, «vir chouteando num ralaço macho de arrieiro».

\*

\*      \*

Eduardo Coelho descreve no seguinte apontamento, até hoje inédito, destinado á própria biografia, a sua entrada na capital, aludindo aos primeiros estabelecimentos em que foi aqui empregado:

«Cheguei a Lisboa em um dos ultimos dias de dezembro<sup>96</sup> de 1848 na companhia dos antigos almocreves Magros, que viajavam com os seus machos entre as duas cidades, fazendo as recovagens.

<sup>95</sup> O *Conservador*, n.º 69, de 13 de abril de 1862.

<sup>96</sup> Dia 28, segundo consta de outros apontamentos que deixou manuscritos.

«Gastavam, como gastaram, cinco dias. Vim num burro e trazia 800 réis que os meus parentes, todos desejosos de me serem uteis, haviam reunido. Entrei pelo lado de S. Vicente e passei á Magdalena de que ouvia falar nas cantigas dos almocreves, dizendo:

Torradinhas com manteiga  
 Por cima café, canela;  
 Vamos acudir ao fogo  
 Na rua da Magdalena.

«Eles rimavam *Magdalena*. Era o terrível fogo da casa do toucinheiro, acontecimento então recente.

«Davam trindades na Sé. Eu vim para a loja de ferragens de Barros Sobrinho <sup>97</sup> & C.<sup>a</sup> na Rua dos Capellistas, onde estive 4 anos até ser qualificado *caixeiro* com o ordenado anual de 8 moedas.

«Havendo nascido a 23 d'abril de 1835 <sup>98</sup>, tinha quando cheguei a Lisboa, 13 anos e 7 mezes e dias.

«Quando deram por acabado o meu tempo de marçano, passava de 17 anos. Possuía boas cores e um bonito bigode preto que o patrão me obrigou a rapar, porque, dizia ele, não era proprio dos caixeiros usarem bigode e assim *não se acreditavam*.

«Pouco depois, como a disciplina da casa era boa, falaram-me para ir para outra casa onde ganharia 15 moedas, quasi o dobro, e onde tinha mais liberdade. Era a casa de José Anastacio Verde, na rua dos Fanqueiros <sup>99</sup>, o pae do infeliz poeta Cesario Verde, de quem fui amigo e a quem publiquei, a pedido do pae, e com apresentação minha, alguma das primeiras poesias no *Diario de Noticias*.

«Entre para lá em 1852, e sahi de lá em 1854, atraz das musas e não querendo ser mais caixeiro.»

Como se vê, desde logo se acentuou em Eduardo Coelho uma invencível tendência para as letras. Um seu amigo dêsse tempo, dando dêste facto testemunho a um dos redactores do *Jornal do Commercio*, de Lisboa, conta que quase sempre o encontrava a ler, «como que ás escondidas do patrão, e, se nessa occasião lhe pediam algum objecto, elle mal atendia o freguez, e dizia:—Estou enganando o patrão; eu não nasci para vender pregos, não estou aqui bem.»

<sup>97</sup> Francisco José d'Araujo Barros.

<sup>98</sup> E' curioso como o próprio Eduardo Coelho se enganava na data do seu nascimento que, por averiguações posteriores á sua morte, veio a verificar-se que foi, como já notei, a 22 (e não a 23) de abril de 1835.—Veja-se a citada nota final J.

<sup>99</sup> Esta loja ficava no predio hoje occupado pela casa Henry Burnay & C.<sup>a</sup> (esquina da rua dos Fanqueiros para a rua nova da Alfandega).

\*  
\*      \*

Refere-se aos primeiros anos que passou na capital um outro dos poucos fragmentos que Eduardo Coelho deixou das suas projectadas memórias. Reproduzindo esses apontamentos, em nada quiz alterar a linguagem desprezenciosa e simples em que estão redigidos.

«Foi ahi (quando caixeiro de José Anastacio Verde) que se me desenvolveu fortemente a vocação litteraria, começando por publicar o *Livrinho dos Caixeiros*, collecção de quadras, em que se proclamava contra certas oppressões e vexames desnecessarios, que esta classe soffria.

«Vendeu-se toda a edição, que não era grande. Fez enthusiasmo na classe, onde todos me apontavam como um dos mais distinctos. Os patrões, porém, murmuravam das minhas tendencias, que lhes não pareciam das mais felizes para o commercio, e um caixeiro dos mais illustrados, que mais tarde foi dos meus dedicados amigos, João Alfredo Dias, troçou-me bastante, annunciando que n'aquella loja se faziam versos de venda e de encomenda.

«Publicava-se então o *Jardim Litterario*, folha litteraria semanal de 10 réis, onde se estreiraram um grande numero de poetas, e eu um dia escrevi um romancito em prosa, no genero bucolico, genero em que eu andava muito enfrornado com a leitura de poetas arcadicos, que na loja comprava aos vendedores ambulantes de livros, e mandei-o para lá, pedindo a publicação. O dono da empresa e da typographia, que era um José Philippe, publicou-o, e travou conhecimento pessoal commigo, tendo-me custado alguns cruzados novos dos meus ordenados o ser collaborador do jornal, para onde continuei a mandar composições, sobretudo versos ou rimas.

«O tal romance intitulava-se *O pastor da floresta*. Eu começava a minha carreira jornalística ás vessas. Dava dinheiro aos editores, em vez de serem elles que m'o dessem a mim. Haviam decorrido cinco annos. Tinha eu então 18. Era por 1853.

«Em 1854<sup>100</sup>, depois de pequenas contestações com o patrão, que vendo os meus versos no *Jardim Litterario*, me aconselhava a que dei-

<sup>100</sup> Foi em 1854, e tendo apenas 19 anos, que Eduardo Coelho publicou, firmando-o com as iniciais do seu nome J. E. C., um pequeno romance intitulado — *A Separação dos recém-casados* — hoje rarissimo, e de que só conheço dois únicos exemplares. O seu próprio autor queimava quantos lhe viessem ás mãos, e o mesmo destino dava ao *Livrinho dos Caixeiros*, publicado em 1852, e de que não conseguí ver exemplar algum.

Um outro volume, datado de 1855, que julgo haver tido a mesma sorte dos dois precedentes, e de que só vi o exemplar que possuo e que me foi oferecido, um ano antes de falecer, pelo filho do autor, José Thomaz Coelho, é o livro de 72 páginas, intitulado — *REVELAÇÕES, poesias de J. E. Coelho* — oferecido „em tributo de saudade e gratidão a sua Mãe a Senhora D. F. do C. C.“ (D. Francisca do Carmo Coelho). Eram versos em que (dizia-se na advertência) o poeta «expressava os seus sofrimentos».

xasse de ser poeta, que era «uma vida de pelintras», e que me entregasse inteiramente ao commercio, que «era isso que deixava», dizendo-lhe eu que sabia que ia ser um desgraçado, mas que aquella mania não me passava, despedi-me.

«Havia eu então contrahido relações com um rapaz que me aconselhava litterariamente, Jeronymo Alves de Avellar Machado, que, quando lhe eu disse que me despedira, e que não tinha onde ir dormir, e só possuia de meu 5\$000 réis, e um bahu cheio de livros, me respondeu:— Tens dinheiro para muito tempo, e fizeste bem em deixar o commercio. Com o teu talento podes ter uma bella carreira.»

Esta profecia, que não falhou, a raríssimos seria dado realiza-la. Para outros, com menos fôrça de vontade, semelhantes palavras teriam sido o mais desastrado e perigoso dos conselhos.

«Quem me diria então a mim— escreveu Eduardo Coelho vinte anos depois, numa das narrativas dos seus *Passeios na Provincia*, aludindo áquella quadra da sua vida,—que ainda havia de vir a ser compositor typographico, auctor dramatico, e empresario e redactor de jornaes? Emfim, a gente tem de ser alguma cousa n'este mundo, e bom é quando, luctando braço a braço com a adversidade mais cruel, como eu luctei, accumulando um capital de lagrimas, desdens e desenganos, de que se tira tardio juro, se não esmorece nem cae, vencido no campo, e se póde, um dia, sem ser pesado ao Estado, pôr as suas faculdades á disposição dos seus concidadãos.»

## 1854-1857

Abandonada, portanto, e de vez, a carreira do comércio, restava principiar vida nova e ocorrer ás instantes necessidades diárias.

Com um capital de 5\$000 réis, e alguns livros, não podia evidentemente aspirar a uma existência regalada, nem meter ombros a empresas de largo fôlego.

Coincidia, pois, com o fim da sua curta carreira comercial, o começo dessa época difficil, que, em anos de prosperidade, Eduardo Coelho recordava saudosamente, e a que ficou chamando o *tempo da fome*.

«Já lá vão 18 annos, (escrevia êle em 1873, num folhetim consagrado á memória d'um dos seus amigos d'então, o poeta Henrique Van Deiters<sup>101</sup>). A sorte trazia-me a parodiar aquelles capitulos tristemente alegres de Henri Murger: apprendia por entre as agruras e as minguas do viver abandonado, o officio de escriptor; as refeições do dia eram condimentadas com o pó dos livros da bibliotheca publica, ou limitavam-se aos sorrisos do amor e ás fugazes radiações da vangloria; á noite, ceava com as estrellas amigas na minha velha trapeira de uma travessa da baixa, aonde não me molhava os pés a cheia da inveja, nem se atreviam a trepar as dolorosas honrarias da calumnia, amargos mimos dos dias de prosperidade. A minha porta tinha uma fechadura... de segurança, de que os meus amigos todos sabiam o segredo. Puxado por fóra um certo cordão, abria-se.»

«Por esse tempo, (conta um seu biógrafo) foi Eduardo Coelho companheiro de casa e de aventuras de muitos escriptores e artistas, entre os

<sup>101</sup> Referindo-se a Van Deiters, nesse folhetim publicado no *Diario de Noticias* n.º 2:812 de 28 de novembro de 1873, escreveu Eduardo Coelho: «Este nome começou a apparecer num pequeno periodico litterario, o *Cysne do Tejo*, fundado e mantido por Avelar Machado, com a nossa cooperação litteraria, e a de outros companheiros d'estas descuidadas peregrinações da Bohemia do infortunio.»

Um d'esses companheiros foi Pinto Neves (José Pinto da Fonseca Neves), que veio a morrer em janeiro de 1881, empregado nas obras públicas em Leiria. «Fôra um typo muito popular em Lisboa, principalmente entre o grupo dos denominados *poetas de botequim*. Era um homem de talento, sympathico, audaz, de imaginação ardente, de grandes qualidades de coração, repentista, improvisador... Fez-se bastante conhecido na imprensa pelas suas composições poeticas, algumas de muita originalidade, collaborando em todas as folhas litterarias, sendo aquellas em que com mais assiduidade escreveu o *Jardim Litterario*, a *Estrella de Alva*, o *Cysne do Tejo*, a *Illustração* e o *Braz Tisana*. Fez algumas composições para o theatro, e poderia ter seguido carreira brilhante, se o seu talento tivesse tido uma direcção mais pratica.» *Diario de Noticias* n.º 5:386, de 31 de janeiro de 1881.

quaes podemos enumerar Van Deiters, Mendes Leal (Antonio), Cesar de Vasconcellos, escriptores dramaticos notaveis, José d'Anchietta, o celebre explorador naturalista, que ha annos percorre os sertões da Africa, e os actores Leoni e Joaquim de Almeida, com os quaes se deram scenas galantissimas da vida pobre <sup>102</sup>.

«Eduardo Coelho, depois de ter sido mestre de meninos e professor de francez, depois de ter esgotado todos os recursos de que podia dispor, sentiu-se afrouxar em meio da estrada do trabalho. Com a desgraça nem sempre se é heroe. Existem ainda alguns artistas do antigo theatro de D. Fernando, que um dia o foram encontrar completamente succumbido, desalentado e prestes a lançar mão do suicidio, como derradeiro recurso da desgraça. Estes artistas, seus amigos, arrancando as portas da casa, onde então vivia Eduardo Coelho, conseguiram salvar-lhe a vida, derramando consolações boas e salutaes na sua alma, immersa em trevas <sup>103</sup>.»

As dificuldades sempre crescentes, com que lutava, fizeram-no pensar na aprendizagem da arte tipográfica. Entrou, portanto, para uma tipografia da travessa do Convento da Encarnação, á calçada de Sant'Ana, empresária do *Jardim Litterario*, folha semanal que veio a acabar com o título de *Jardim do Povo*, e onde havia publicado os seus primeiros ensaios literários, chegando mais tarde a ser, ao mesmo tempo, compositor, administrador e redactor dêsse pequeno semanário.

«Quem me aconselhara tal resolução (lê-se em um dos seus apontamentos) tinha sido o actor Pedro Pinto de Campos, que tambem foi compositor, em circumstancias identicas, por falta de meios. Nas conferencias do botequim do Barnabé, no largo de Santa Justa, onde eu ia passar as minhas poucas horas todas as tardes, tinha-se discutido a these da minha regeneração financeira, e o Pinto de Campos tinha-me dado este bom conselho.

«Tendo apprendido a compôr, em casa do Filippe, do *Jardim Litterario*, onde já no fim d'um mez compunha quasi todo aquelle periodico, que tambem na maior parte escrevia, como o bom Filippe não podia dar dinheiro nenhum, pela cruel razão de que o não tinha, aconselhou-me a que procurasse uma typographia fóra, e, ajudado ainda por Pinto de Campos, fui para a rua da Condeça, de lá para o Elias dos cartazes, onde compuz o livreto das *Vesperas Sicilianas* e d'outras operas. Na primeira semana fiz a fêria total de 300 réis. Na segunda, já cheguei a 650 réis. Na terceira, estava rico: ganhei, nos 7 dias, 1\$300 réis. Era mais do que

<sup>102</sup> Dum dêsse episódios — uma scena de morte simulada, que, para amedrontar Eduardo Coelho, o seu companheiro Joaquim de Almeida preparara á volta do teatro de D. Fernando — existe a narração no *Diario de Noticias* n.º 1:157 de 17 de novembro de 1868.

<sup>103</sup> *Semana Illustrada*, n.º 2, do 1.º anno (1878): biografia pelo sr. Magalhães Lima.

os 120 réis de que eu precisava para não morrer de fome, e toda esta felicidade m'a havia alcançado o trabalho, a officina, a arte.

«Que consolação e que desvanecimento, se um obstaculo se não oppozesse então a que eu fosse inteiramente feliz! E era que o Elias, sendo um bom velho, muito laborioso, honrado e bonissimo, não conseguia muitas vezes reunir o dinheiro preciso para pagar integralmente as férias no fim da semana. Do Elias fui ainda para a imprensa do José Candido, na rua dos Douradores, onde se imprimia o jornal politico *O Parlamento*, que advogava a politica conservadora do conde de Thomar. Era redactor principal Luiz de Vasconcellos Azevedo e Silva, homem de distincta educação, e simultaneamente escrevia com elle o D. José de Lacerda, um excelente character e homem de bastantes conhecimentos. Algumas vezes ahi passei da caixa da composição para a mesa da redacção. D. José de Lacerda gostava de conversar comigo, e reconhecendo que eu tinha algum geito para escrever, convidou-me por vezes a fazer algumas noticias.

«Lembra-me que, havendo-se publicado a collecção das portarias com que o illustre José Maria Eugenio de Almeida fizera as notaveis reformas da Casa Pia, D. José me pediu que accusasse a oferta d'aquelle livro á redacção. Li-o, e impressionou-me, e escrevi tres artigos numerados, que causaram alguma impressão, porque louvavam actos contra os quaes se levantára no publico exaltada celeuma, e obrigaram José Maria Eugenio a subir á mansarda da travessa de S. Nicolau, onde eu morava, para me deixar o seu cartão de visita a agradecer.

«Do *Parlamento*, onde ainda escrevi alguns folhetins theatraes, transitei para a Imprensa Nacional, com o auxilio dedicado do meu amigo José de Abreu <sup>104</sup>, que era das relações de José de Almeida. Ahi passei por um exame na escola typographica, para o qual me deu lições o mesmo José de Abreu, e em que fiquei *nemine discrepante*.—Tinha praça assente entre os compositores da Imprensa Nacional, possuindo o diploma, que ainda conservo <sup>105</sup>»

<sup>104</sup> Com o titulo *Eduardo Coelho e José d'Abreu* publicou o jornal *A Plebe*, de Portalegre, em 1 de janeiro de 1905, um artigo editorial em que se confirmam e explanam as referências feitas ás intimas relações daqueles dois tipógrafos que tanto honraram a classe.

<sup>105</sup> Segundo uma nota, que obsequiosamente me forneceram na Imprensa Nacional, Eduardo Coelho foi na mesma imprensa admitido, na qualidade de *official de compositor*, em 22 de maio de 1857, e, em 9 de janeiro de 1858, requereu e obteve licença ilimitada.

Eduardo Coelho votou sempre á classe tipográfica uma entranhada estima, e a benemérita Associação Typographica Lisbonense, de que foi sócio, com o n.º 383, desde 11 de maio de 1862, e presidente da assemblea geral nos anos de 1878, 1879, 1883 e 1884, deveu-lhe relevantísimos serviços. D'isto deu público testemunho, na sessão solene de 12 de janeiro de 1890 pela mesma Associação consagrada á memória do finado jornalista, o illustre presidente da assemblea geral, Francisco Angelo d'Almeida Pereira e Sousa, num sentido discurso; recordando, nessa mesma ocasião, um outro sócio, Julio Pereira Sande da Silva Coutinho, estas palavras por Eduardo Coelho proferidas em junho de 1880, na sessão solene com que a Associação Typographica celebrou o tricentenário de Camões: «Esta associação sabe quanto eu a estimo e considero, quanto me honro de ser seu filho e seu as-

De um dos mais tristes episódios da sua vida de rapaz pobre deixou ainda Eduardo Coelho a narrativa que vai lêr-se, e que bem mostra a delicada ténpera do seu bondoso coração:

«Era em 1857. Reinava então D. Pedro v. Eu era compositor typografico na imprensa nacional.

«Vivia contentissimo com os meus sonhos de gloria litteraria, que delimitavam os horisontes do meu espirito n'aquella epocha.

«A's vezes, não tendo que fazer, ia pelos botequins conversar com os janotas, mais ou menos calado sobre os meus infortunios, e sempre alegre. No café bilhar da rua do Ouro, depois denominado *Aurea Peninsular*, encontrava-me varias noites com um rapaz socegado e sem ambições, de conversação ingenua, maneiras polidas, e em quem eu percebi singular delicadeza de sentimentos, que logo me prenderam a elle. Era José de Almeida <sup>106</sup>, filho de uma modesta familia da baixa, da qual era chefe um empregado publico distincto. José de Almeida tambem sympathisava commigo, e tendo-me elle apresentado á familia, esta em breve me estimava, tratando-me sempre com affecto e distincção.

«Como eu tinha alli aquelle apoio, e não possuia então mais ninguem em Lisboa, aluguei um quarto proximo, n'um quinto andar ou trapeira do predio á esquina da travessa de S. Nicolau e rua dos Douradores, e fiz d'elle o meu quartel nocturno. Tempos andados, foi d'este quarto, que era um esconso com uma janella, e onde apenas cabia a minha cama, que saíram para a publicidade os primeiros prospectos d'um jornal noticioso de 10 réis, mas que não devia vender-se avulso nas ruas, e que se chamaria o *Boletim Noticioso*.

«Mas não compliquemos os apontamentos. A febre amarella dizimava cruelmente a população de Lisboa. Começára pela Ribeira Velha, e uma das suas primeiras victimas fôra um rapaz meu amigo, Salvador Calaia, que morava na rua da Padaria. Salvador, que era um rapaz de 17 annos, falleceu com o corpo cheio de nodoas negras, e como então não fosse cousa bem definida, para o publico e para os medicos, a febre amarella, dizia-se que elle levava alguma sova com um sacco cheio de areia!

---

sociado. Não o digo por affectação democratica, embora eu seja democrata por tradição e natureza. Meu pae era um honrado operario que me ensinou o amor do trabalho e o culto da liberdade, com a dedicação pela patria e por todos que para o seu engrandecimento contribuem com o labor de todos os dias. Os meus collegas e camaradas de officina, os typographos, podem attestar, com o tracto de todas as horas, quanto em mim são sinceros estes sentimentos.»

<sup>106</sup> José Joaquim Monteiro de Almeida, empregado do commercio, era filho de um digno funcionário da alfândega do consumo. A êsse infeliz môço dedicou Eduardo Coelho a última poesia do seu romance em verso—*Filho das Artes* (1858)—trabalho êste que, segundo se depreende da nota final que o acompanha, foi escrito junto ao leito daquelle seu amigo moribundo.

«Mas bem depressa se conheceu todo o horror do flagello, pois na baixa morreram familias inteiras, e aquellas ruas foram uma crypta immensa. A' Ribeira Velha, houve uma casa d'um vidraceiro, na qual falleceram 9 pessoas, e tiveram de ser postas travessas nas portas pela auctoridade. Na rua dos Douradores a mortalidade foi estupenda. Da egreja de S. Nicolau partiam, ás noites, para os cemiterios, enterros em que se transportavam 30 cadaveres, em outras tantas seges.

«Voltava eu um dia da Imprensa Nacional a casa d'aquella boa familia, e encontrei o José com febre. Combinei logo com a mãe ficar juncto do meu amigo, e não ir no dia seguinte á imprensa. Como o pae; que me estimava, não havia de querer que eu perdesse o meu salario, porque me fazia falta, dir-lhe-hia que não havia que compôr. E assim se fez.

«Chamou-se logo o medico a casa, e o José teve um tractamento rigoroso, que não impediu a doença de progredir rapidamente, a ponto d'elle manifestar o vomito negro.

«De dia e de noite, pois, alli estive, a pé firme, como enfermeiro do meu amigo, sem descurar cinco minutos o gravissimo encargo, que me confiava aquella vida.

«Tinha-se por axioma que na febre amarella havia dois dias de crise —o setimo e o decimo quinto. José de Almeida sobreviveu ao setimo, e chegou ao duodecimo, em que se ergueu da cama, numa grande afflicção, e abraçando-me com os braços já meio hirtos, e d'um tom amarello de limão secco, balbuciou;— És um bom amigo! Na madrugada seguinte expirava. Em casa haviam adoecido da mesma terrivel molestia quatro irmãos do infeliz, e eu era a unica pessoa que ali os animava, porque toda a gente fugia dos doentes da febre amarella. Uma noite, porém, cahi sem forças, no meio d'uma das casas, vencido pela fadiga e pelo somno.»

Eduardo Coelho foi, pouco depois, atacado também pela terrível doença, e com tal gravidade, que chegaram, no hospital, a considera-lo inteiramente perdido, e a cobri-lo com um lençol, como mortalha, com destino ao cemitério.

Os serviços por Eduardo Coelho prestados durante tão calamitosa quadra, vieram a justificar a concessão que a câmara municipal de Lisboa, em sessão de 27 de setembro de 1869, lhe fez do uso da medalha de prata instituida para galardoar actos daquela natureza, conforme o decreto de 25 de agosto de 1859.

\*

\* \*

Aos ligeiros apontamentos, que tenho reproduzido, com as indispensáveis alterações que exigia a sua coordenação, se limita tudo quanto o meu biografado chegou a escrever com destino ás suas projectadas memórias. Outros muitos episódios, porém, não menos interessantes, se deram, por aquele tempo, na vida de Eduardo Coelho, e de alguns deles, ainda hoje conservados na lembrança dos seus amigos d'então, podem servir de amostra os seguintes que transcrevo duma das folhas que, por ocasião da sua morte, os divulgaram :

«Muitas vezes o illustre jornalista (contava a *Tarde*, de 15 de maio de 1889) se referia ao tempo em que soffreu horribes privações.

«Uma d'ellas foi quando morreu o actor Tasso.

«—Era um bom amigo! exclamou o Eduardo Coelho, sentado na cadeira presidencial da redacção. Uma vez—quando eu tinha fome!—disse-me que arranjava 30 assignaturas para os meus primeiros versos, e era elle quem puzera o dinheiro da sua algibeira; assignaturas nem uma!»

«Morava então na rua do Martim Vaz, n'um segundo andar bem modesto e pago aos mezes.

«Não se dava com pessoa alguma da visinhança. Uma vez estava á janella e ouviu o seu visinho de cima cantar a canção dos *Zuavos*, que se repetia todas as noites no theatro de D. Fernando, e que estava muito em voga.

«Admirado de ouvir n'aquelle sitio cantar em francez, e para travar relações com o visinho, começou a cantar o *refrain* da canção. D'ahi dataram as suas relações, até aos seus ultimos dias, com o actor Leoni—o visinho—que nos narrou este caso com as lagrimas nos olhos.»

«Ainda com o actor Leoni.

«Eram ambos pobrissimos, mas com amor ao trabalho. Depois de mil combinações para se tornarem *capitalistas*, resolveram fundar uma agencia onde se escreveriam cartas, requerimentos, memoriaes áquelles que o não soubessem fazer. Se bem o pensaram, melhor o fizeram.

«Cartazes feitos á penna, eil-os por Lisboa fóra, munidos de pucarinha cheia de massa e d'uma brocha, a affixal-os pelas esquinas!

«Até ao Chiado foi o caso bem, mas em frente dos Martyres surge uma patrulha da municipal, e, apavorada pelo gorro vermelho de zuavo com que sahira Leoni, intima-os a que lhe digam o que estão alli fazendo. Conscios da sua innocencia, mostraram-lhes os seus pequenos cartazes.

«Então o arvorado achou satisfactorias as declarações dos *conspiradores*. Eduardo Coelho e Leoni tinham, por acaso, apresentado o cartaz de pernas para o ar.

«No dia seguinte, estavam elles phantasiando caricaturas no esboroado da parede, entrou-lhes em casa o seu primeiro e ultimo freguez—um sargento de infantaria. Vinha encarregal-os de *preparar* uma missiva amorosa para a viuva do seu capitão!

«Escrepta a carta, receberam do sargento tres tostões em prata. Foram tambem os primeiros e os ultimos!»

A vida de tipógrafo mais havia acentuado ainda em Eduardo Coelho a sua irresistível tendência para as letras, que nunca abandonara de todo, e a que resolveu por fim entregar-se exclusivamente, sem que o amedrontassem os reveses das primeiras tentativas.

Escrevendo, em 26 de novembro de 1863, uma carta de agradecimento á classe tipográfica, que por essa ocasião lhe prestara, como protesto contra as agressões de que êle era vítima em um dos jornais da capital, uma solene e pública homenagem de respeito e de estima, Eduardo Coelho aludia, por estas palavras, a essa nova direcção que tomara a sua tão acidentada carreira: «Entre vós retemperou-se a minha fé, redobrou-me a coragem, e renasceu-me mais viva a crença no trabalho e no estudo. Deixei-vos, agradecido e saudoso, para ir buscar as eruditas lições do grande poeta que chamou ao trabalho—riqueza, virtude e vigor—, e com ellas dei entrada no theatro e na imprensa».

1858-1865

Desde 1858, segundo se depreende do prólogo das *Historias de Hoje*, Eduardo Coelho subsistiu exclusivamente do trabalho literário, sofrendo durante sete ou oito anos, até á plena aceitação do seu jornal, a pouca fortuna e as muitas privações que geralmente acompanham quem á vida das letras se dedica, desprovido de quaisquer outros recursos.

Buscando àvidamente a convivência dos homens ilustres daquele tempo, serviu de secretário a dois dos mais eminentes—José Estevão e Antonio Feliciano de Castilho, com quem esteve alguns meses, e que sempre o ficou contando no restrito número dos seus dilectos <sup>107</sup>.

Em 1861, convidado por Antonio Xavier de Brederode, proprietário da *Revista Contemporanea*, para ir exercer na capital da França o cargo de secretário de Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, que então residia em Paris, aceitou, com alvoroço, o convite, em carta de que ficou cópia, datada de 25 de outubro daquele ano.

«Antonio Augusto conhecia-me (escreveu Eduardo Coelho <sup>108</sup>) pela tentativa de romance historico *A vida d'um principe*, de que a *Revista* se occupára, e por artigos e folhetins na *Revolução* e outros jornaes. Não se realisou esse contracto, porque Teixeira de Vasconcellos, que já havia pactuado as condições, resolveu, por essa occasião, regressar a Portugal (março de 1862). Quando chegou, era eu chronista da *Revolução*, onde elle escrevia umas deliciosas correspondencias <sup>109</sup>.»

<sup>107</sup> «Um arremesso do infortunio (dizia Eduardo Coelho, em 1862, em carta dirigida a Castilho, ácerca do *Amor e Melancolia*, e publicada no *Conservador* n.º 206, de 30 de setembro d'aquêle anno) me deparou tão consolador oasis no deserto da vida; e dos fructos que ahí colhi, e dos tragos suaves que ahí libei, já eu não cedo a ninguem a gloria.»

E em 1875, recordando, num folhetim do *Diario de Noticias*, um episódio dessa época, escrevia: «Era nos tempos, de certo modo pouco felizes, em que não tinha ainda quem se inquietasse a espreitar se eu podia ou não comprar algum titulo de dívida publica com o producto do meu trabalho. Já lá vão 18 annos. Occupando o logar de secretario do cantor da *Primavera*, vivia na intimidade d'aquella familia (Castilho).»

<sup>108</sup> *Passeios no estrangeiro*, pag. 56.

<sup>109</sup> Na primeira folha d'um álbum, que pertenceu ao illustre romancista e fundador do *Jornal da Noite*, e que Eduardo Coelho adquiriu em 1880, deixou este a seguinte nota: «Este album pertenceu ao jornalista portuguez Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos. Comprei-o no leilão do seu espolio, em Lisboa, por ficar com uma memoria d'aquelle escriptor illustrado, de quem, em dias de pouca fortuna, estive para ser amanuense em Paris, a quem, em dias de mingua e abandono para elle, pude no *Diario de Noticias* proporcionar trabalho remunerador, e a quem vi morrer em Paris, abandonado de todos os af-

No prólogo das *Historias de Hoje*, diz-se, aludindo-se a esta época da vida de Eduardo Coelho:

«Os modestos productos da sua penna iam abysmar-se n'esse golphão sem fundo, que alguém chamou o cemitério das letras, o jornalismo diário, e o auctor lidava n'este trabalho improbo, muitas vezes util, mas sempre inglorio, dos artigos, das chronicas, das correspondencias diarias, tendo sido largos mezes correspondente do *Nacional e Porto e Carta*, do Porto, do *Douro*, da Regua, da *Gazeta do Meio Dia*, de Evora, do *Conimbricense*, da *Razão*, de Valença, cinco annos<sup>110</sup> chronista e folhetinista do *Conservador*, e simultaneamente tres, redactor effectivo da *Chronica dos Theatros*, de que foi fundador com o sr. Eusebio Simões, mais de tres annos encarregado da secção noticiosa da *Revolução de Setembro*, e agora, nos ultimos doze annos, redactor do *Diario de Noticias*. Um capital immenso de trabalho irreproduzível pela maior parte.»

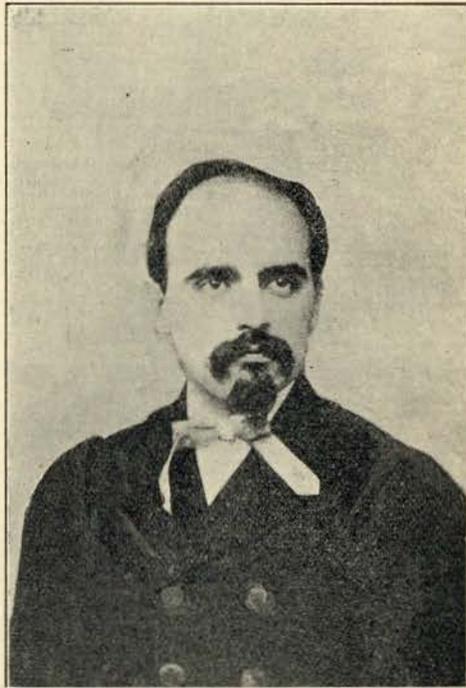
*fectos de familia, dos amigos, na escura casa da rua Joubert, que tão triste impressão me deixou.»*

Como colaborador do *Diario de Noticias*, Teixeira de Vasconcellos publicou, em 1870, vários artigos sobre instituições económicas, e a colecção de folhetins que veio a formar o volume *Papeis Velhos*. Foi pouco depois que elle fundou o *Jornal da Noite*, no qual, passados sete annos (abril de 1877), relembra, com agradecimento, a protecção que Eduardo Coelho lhe dispensara, «quando as eventualidades publicas o haviam condemnado a um ostracismo momentaneo, e de nenhuma sorte merecido, com o qual padecia uma familia inteira.»

«As minhas relações com Antonio Augusto (escreveu Eduardo Coelho no capítulo dos *Passeios no Estrangeiro* consagrado á morte do insigne jornalista) datam da *Revolução de Setembro*, e estreitaram-se na redacção da *Gazeta de Portugal*, notavel folha politica e litteraria de que elle foi fundador, como o fôra do *Arauto*, e de que tinha a responsabilidade, como editor, Brito Aranha, um dos seus collaboradores mais uteis.»

Em sessão da Associação dos Jornalistas e Escriutores Portuguezes, em março de 1881, Eduardo Coelho propunha, e era unanimemente aprovado, que se obtivessem, por subscrição, meios para ser colocada pela Associação, e em nome dos escritores portuguezes, uma lápide sôbre a sepultura de Teixeira de Vasconcellos, cujo corpo ficara em Paris, numa campa rasa do cemitério Montmartre.

<sup>110</sup> É um evidente lapso. O *Conservador* durou pouco mais de 3 annos.



**EDUARDO COELHO EM 1862**

quando era cronista da *Revolução de Setembro*.  
Fotografia, até hoje inédita,  
de J. A. Bentes, que foi amigo e companheiro  
de Eduardo Coelho

Não foi, todavia, unicamente nestas folhas que Eduardo Coelho co-

## CHRONICA DOS THEATROS

PERIÓDICO QUINZENAL

ANONIMO

EDUARDO COELHO

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mês. Assigatura (paga adiantada) por anno, 1,200 reis; semestre, 600 reis; 6.º e 12.º annos 480 reis. Assigna-se na redacção da publicação, rua dos Calafates, 111, onde se dirigirá, franca, toda a correspondência, e receberá nas lojas de confieiro.

N.º 1

1 DE SETEMBRO

1864

### INTRODUÇÃO

Modesto no plano, nas aspirações e nos intentos corre hoje a demandar o favor publico mais um periódico de theatros.

As razões que nos moveram a tentar esta publicação já as adduzimos no prospecto que a precedeu e aqui as constatamos, servindo-nos ellas de programma.

Buscamos preencher a falta, sempre sensivel, de um periódico, que, tendo em vista o progresso das artes scenicas e a correção do gosto, revista os espectáculos, e sciencie o publico, spectador, do seu movimento, fações e importancias, servindo egualmente de estímulo aos artistas, exaltando-lhes o merito, propagando-lhes a gloria, apontando-lhes, segundo as impressões recebidas, mais urbanas e imprimecíveis, os defectos, e buscando aconselhar-lhes, quanto couber em suas forças, a maneira de os corrigir.

O indifferencia foi sempre em todas as coisas um terribel marmônio, mas nos theatros e nas artes, é uma morte lenta e vergonhosa. É, a força consensual, entre nós, quasi sempre, ou se assiste indifferente ao movimento artistico e litterario, deixando zombar por falta de incentivo as que o operam, ou se lêrando o tempo da critica para encorchar com impiedade os otheatros e as obras, laudando-as assim, o que é ainda peor, em vez do encorajamento, a descrença, a inação. Não nos será pois impoemdo com justiça accusarmos de mais do mesmo, porque, procurando com a presente folha animar o affecto da primeira impressão, não vimos encerrar a missão da segunda; mas apenas tentar uma serie de artigos analyticos, cujas ponderações possam servir aos cultores das especialidades que nos propomos tratar. E áquelle dos criticos imparciais e sinceros, zelosos do aperfeiçoamento dos costumes theatros, que nos queiram auxiliar neste empenho ficam francos as nossas palavras.

Sabemos que vamos tocar com as difficuldades que flutuam successivamente sobre os periodicos do genero do que damos a esta pagina. Temos presentes a *Revista mensal dos theatros*, a *Revista de politica*, a *Cultura theatral*, o *Espectador*, as *Revistas dos Theatros*, *Revista dos espectáculos* e *Revista de Lisboa* etc. dos quaes, sobretudo, estas duas ultimas, redigidas por pessoas muito autorizadas e cercadas com todos os elementos de vida, acabaram deixando nos vãos creações nos domínios da critica; mas animados pelo sempre ardente e desinteressado empenho pelo progresso da arte dos mais esuaucos elementos da educação do povo, pelo impulso já recebido de tantas pessoas dedicadas que se dignaram assignar para esta publicação, e pela subscrição que esperamos dos artistas estafimios a quem nos delectamos para laterear a leitura da *Chronica dos theatros*, coumos subscipir todos os quaes theatros se nos oppoem e dar a mais larga vida e interesse a esta folha. Para isto tem desvar-nos-

heamos um pouco das prescripções do titulo, que será todavia o objecto principal dos nossos artigos, e reservaremos uma secção especial para revir as impressões colhidas nas salas dos Conservatórios, nos Circos, nos Theatros, e em outros espectáculos publicos que exerçam mais ou menos influencia no gosto, nos costumes e na moral.

E. C.

### THEATRO DE S. CARLOS

A actual empresa tem posto todo o empenho em escripturar para a proxima epocha lyrica os costumes mais acreditados e applaudidos nos theatros da Europa. O theatro tem recebido varios melhoramentos internos, e está preparado com muito acceio para a abertura. Não sabemos ainda se certo quando esta se effectuará. O elenco da companhia, conhecido até hoje, é o seguinte:

Primer donna — Luisa Bonalacci, Henriqueta Berlini, e Delfina Calderon.

Maschetto — Amalia Uberti.

Segunda donna — Marcelia Zoccolati.

1.º tenor — Costantino Fraschini.

2.º tenor — Emilio Baretta.

1.º baritone — Jolo Guicciardi.

1.º baritone supplemento — Antonio Maria Celestini.

1.º baixo profundo — Cesar della Costa.

2.º baixo — José Hernandez.

Os principaes doses artistas tem adquirido as melhores reputações musicas. Espectemos que com estas circumstancias e com as affeições de que são justicadamente goza, a empresa, tendo, auxiliada pela dedicacão dos dilettanti uma das mais felizes epochas.

E. C.

### THEATRO DE D. MARIA II

Se desejamos que este theatro não tem dado espectáculos nos dias ultimos dos mezes, estamos meos verdadeiros, porque, apesar de estar fechado à concorrência publico, toda Lisboa tem admirado o recente espectáculo das obras da sua reformação exterior, que tem feito percorrer áquella parte da praça de D. Pedro as ruínas de uma outra theatral. A falta de zinco, apesar de ter sido importada de uma paiz economicamente economico, foi um desperdicio, uma precaria innovação, que permanecendo alli intruzia, tinha de ceder um dia o lugar a telha, porque, enfim, o theatro não tinha fundado. Travou-se pois e facta, o littero apodrou-se de parte dos seus estafimios, e por fim, recobrou o palmo da victoria.

Em virtude, pois, das obras cessarem as representações, ou, para melhor dizer, a quasi impossibilidade de dar representações levou a administração a solicitar as obras.

O novo commanario do governo tomando posse da direcção do theatro em 6 de junho, achou-o exhausto de todos os recursos. No cofre não havia sequer uma cunha de reaes, e peava sobre elle um deficit extraordinario.

laborou com efectividade. Em quase todas as que ha trinta anos se publicavam em Lisboa, e particularmente nas de índole litterária ou scientifica, se encontram escritos firmados pelo seu nome.

Especializarei, por serem dos primeiros e mais antigos periódicos para que escreveu <sup>111</sup>, o *Jornal para todos*, pequena revista ilustrada que começou a publicar-se em Lisboa em 24 de setembro de 1859, e de que parece ter êle sido, até o n.º 15, o director e redactor principal <sup>112</sup>; o *Archivo Universal* <sup>113</sup>, uma das melhores publicações daquela época, e que desde o n.º 17 do seu 2.º ano (1860) o incluiu na lista dos seus colaboradores efectivos, entre os quais figuravam Herculano, Castilho, Oli-

<sup>111</sup> Na sessão solene, celebrada em 12 de janeiro de 1890, em homenagem a Eduardo Coelho, pela Associação Typographica Lisbonense e Artes Correlativas, um dos seus mais distintos sócios, José Antonio Dias, leu um belo artigo intitulado *Trabalho e ocio*, escrito por aquele finado jornalista e inserto no periódico *A Federação* (folha industrial dedicada ás classes operárias) n.º 36, de julho de 1857. Foi êste um dos primeiros artigos que Eduardo Coelho escreveu para a imprensa operária, pela qual sempre manifestou especial predilecção.

<sup>112</sup> Esta folha, que a princípio se imprimia e tinha os escritórios na calçada do Combro n.º 83, passou depois para a travessa do Alcaide n.º 7 B. Depois desta mudança é que julgo ter Eduardo Coelho abandonado a redacção efectiva da revista, em que colaboraram Mendes Leal (Antonio), Eduardo Vidal, Innocencio da Silva, Eduardo Garrido, P. Caldas, Costa e Silva, e outros.

<sup>113</sup> Nesta revista, que até abril de 1860 se imprimiu na *Typographia Universal* da rua dos Calafates n.º 110 (a actual tipografia onde se compõe e imprime o *Diario de Noticias*) publicou Eduardo Coelho um pequeno romance original — *O Barqueiro do Mondego* —

veira Marreca, Andrade Corvo, Latino Coelho e Rebello da Silva; e o *Monitor Portuguez*, que em 1863 começou a publicar-se semanalmente em Lisboa, cujo proprietário era José Cesar de Noronha, e que teve como colaboradores, entre outros, Manuel de Roussado e Julio Cesar Machado, incumbindo-se Eduardo Coelho da *revista literaria*.

A sua mais longa e assídua colaboração foi, porém, na *Chronica dos Theatros*<sup>114</sup>, periódico quinzenal, que principiou em 1 de setembro de 1861, e de que foi director e quase exclusivo redactor, durante o primeiro ano, cargo em que lhe sucedeu José Maria Pereira Rodrigues; no *Conservador*<sup>115</sup>, folha política e noticiosa que começou a publicar-se em Lisboa, em 21 de janeiro de 1862, e de que elle foi, como já acima fica dito, folhetinista e cronista durante alguns anos; e conjuntamente na *Revolução de Setembro*, onde, ainda bastante depois da fundação do *Diario de Noticias*, permaneceu como noticiaria, cargo de que Antonio Rodrigues Sampaio insistia em não o querer exonerar, mesmo quando Eduardo Coelho lhe expunha a impossibilidade de o exercer e a necessidade de se fazer substituir definitivamente<sup>116</sup>.

---

dedicado a José Maria Pereira Rodrigues. O *Archivo Universal* era, a esse tempo, dirigido por Carlos José Barreiros, J. F. Silveira da Motta e Rodrigo Paganino.

<sup>114</sup> Impressa na *Typographia Universal*, da rua dos Calafates 110, onde a princípio tinha os escritórios, mais tarde passaram estes para a rua da Prata, 178, 3.º Creio ter sido a primeira folha que Eduardo Coelho ostensivamente dirigiu. Na *Introdução* dizia este: «Sabemos que vamos arcar com as difficuldades que fazem succumbir não poucos periodicos do genero do que damos á estampa. Temos presentes a *Atalaia nacional dos theatros*, a *Sentinella do palco*, a *Galeria theatral*, o *Espectador*, a *Revista dos theatros*, *Revista dos espectaculos* e *Revista de Lisboa*, etc., os quaes, sobretudo estes dois ultimos, redigidos por pennas muito auctorizadas, e creados com todos os elementos de vida, acabaram deixando vivas recordações nos dominios da critica; mas... contamos sobrepujar todos quantos obstaculos se nos opponham.»

Abandonando a direcção da *Chronica*, quando esta ia entrar na 3.ª serie (1 de setembro de 1862), Eduardo Coelho não deixou contudo de continuar a colaborar nesse periódico, onde ficaram d'ele alguns folhetins e muitos artigos de boa critica teatral.

<sup>115</sup> Dêste jornal, que também era impresso na *Typographia Universal* da rua dos Calafates, n.º 110, onde tinha os escritórios, foi gerente Antonio Ferreira de Simas Junior, que já o havia sido do periódico a *Lei*, e que veio a ser o administrador do *Diario de Noticias* até 3 de fevereiro de 1890, em que faleceu. O *Conservador* era folha de opposição ao gabinete do duque de Loulé. Eduardo Coelho, sem nunca se envolver na politica do periódico, limitou-se, como cronista, a ser a expressão exata dessa entidade que elle próprio descrevia no 1.º número do jornal, espécie de «judeu errante, que anda, sem cessar, dia e noite, de rua em rua, de casa em casa, de club em club», colhendo elementos para a sua crónica; e a procurar, como folhetinista, «não ter graça (dizia elle) mas cair em graça.»

O *Conservador*, que principiou em 21 de janeiro de 1862, suspendeu a publicação em 28 de fevereiro de 1865, com o n.º 922. Foram seus redactores principais D. Antonio Correia de Lacerda e Paulo Eduardo Pacheco, que veio a ser general de artilharia.

<sup>116</sup> «Ahi se tornou notavel a sua collaboração, pela maneira como Eduardo Coelho re-



As relações de Eduardo Coelho com o notável escritor e orador Manoel Pinheiro Chagas, estreitadas mais tarde até á intimidade, datam do tempo em que ainda aquele era simples noticiarista do *Conservador*, e tiveram comêço num facto que o illustre romancista e director do extinto *Correio da Manhã* relembra em 1889, num belo artigo <sup>117</sup> consagrado á morte do seu antigo companheiro e amigo :

«Dias depois da morte de D. Pedro v (conta Manoel Pinheiro Chagas) começou Antonio Feliciano de Castilho a compôr a poesia (*No transitio de D. Pedro v*) que lhe fôra pedida pelo director da *Revista Contemporanea*, Ernesto Biester.»

«Ora, quando a poesia appareceu, eu, que andava procurando todas as occasiões de confiar a minha prosa e os meus versos á letra redonda, entendi que era optimo o ensejo para applaudir publicamente o grande poeta, e quiz publicar um folhetim em honra da famosa poesia. Como publical-o, porém? Não conhecia um unico jornalista, e ao mesmo tempo não queria que fôsse o proprio Castilho quem me franqueasse os aditos da publicidade. Um amigo meu, João Cesario de Lacerda, tinha a dita ineffavel de ser amigo particular do noticiarista do *Conservador*. O noticiarista, informado por elle da pretensão do desconhecido, que desejava publicar a sua primeira critica debaixo do véo do anonymo; prestou-se generosamente a conceder a esse modesto joven as honras do folhetim, que elle mesmo prefaciaria. Confundido por tão generoso offerecimento, entreguei a minha prosa e a minha calligraphia—ó compositores do *Paiz*, consagrae a homenagem da vossa fervida sympathia aos compositores do *Conservador* em janeiro de 1862! foram os primeiros que se viram a braços com a minha letra!—ao corpo typographico d'esse jornal <sup>118</sup>.

«Sabem, porém, como se chamava esse noticiarista, que assim me abria as portas da imprensa, e prefaciava com phrases amaveis uma prosa que não sei como diabo elle entendeu? Chamava-se Eduardo Coelho, e foi elle que eu acompanhei ha oito dias á ultima morada.»

Apezar de na colaboração do *Conservador* se manter escrupulosamente alheio a controvérsias políticas, limitando-se á parte literária e noticiosa do jornal, houve quem na imprensa de Lisboa insinuasse, como menos correcto, o facto de êle redigir, ao mesmo tempo, as secções noticiosas de dois periódicos da capital.

---

digia as locaes, procurando imprimir-lhes a forma litteraria e elegante que Silva Tullio dava ás noticias que escrevia na *Patria* e no *Correio Mercantil*.» (*Novidades*, de 15 de maio de 1889.) Aos falecidos Vieira da Silva e Luiz da Silva Coutinho, editor e director typográfico da *Revolução*, deveu êle a sua entrada para cronista efectivo do jornal, que então era de Mendes Leite e José Estevão.

<sup>117</sup> No jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro (*Diario de Noticias*, n.º 8:460, de 28 de julho de 1889.)

<sup>118</sup> O artigo, firmado apenas com a inicial C., intitulava-se—*A poesia do sr. Castilho á morte d'el-rei*—e encontra-se no n.º 2 do *Conservador*, de 22 de janeiro de 1862.

Nas palavras de apresentação escritas por Eduardo Coelho, chamava êste ao folhetim de Chagas «expansão de um apreciador modesto.»

Eduardo Coelho imediatamente saíu a campo, levantando a afronta, e abrindo dêste modo devassa pública aos seus actos :

«O encarregado d'esta secção (escrevia êle na *chronica* do *Conservador*, em 21 d'agosto de 1863) espera dever ao cavalheirismo de todos aquelles que o julgarem cahido em contradicção de idéas ou principios, ou réo d'algum acto improprio d'um caracter leal e honesto, que tem só por patrimonio o trabalho honroso, o obsequio de formularem claras as suas accusações, a fim de que elle possa defender-se de qualquer injustiça que se lhe faça.»

A êste apêlo corresponderam espontaneamente duzentos dos mais considerados negociantes, empregados públicos, escritores e artistas de Lisboa, que, na *Gazeta de Portugal* e no *Conservador*, acudiram a prestar homenagem ás qualidades de caracter e de espirito de Eduardo Coelho, àcêrca de quem o seu próprio detractor, o falecido jornalista e deputado Eduardo Tavares, se via forçado, em respeito á verdade, a fazer a declaração seguinte <sup>119</sup> :

«Empreguei, como represalia, expressões offensivas do caracter, aliás immaculado, do sr. Eduardo Coelho, que muito espontaneamente me apraz retirar, dando assim um testemunho sincero da profunda convicção em que estou da sua probidade.»

Outro testemunho, não menos eloquente, havia-lho antecipadamente dado a classe tipográfica, no documento em seguida transcrito, assinado por 103 tipógrafos, entre os quais figuravam os nomes queridos e saudosos de José Maria da Silva e Albuquerque e Pedro Wenceslau de Brito Aranha, e que, sendo primeiramente publicado na *Gazeta de Portugal*, de 12 de outubro de 1863, a redacção política do *Conservador*, no dia immediato, se apressava a reproduzir :

«Os abaixo assignados, membros da classe typographica, tendo conhecimento de que a reputação do seu antigo collega, e hoje escriptor, o sr. Eduardo Coelho, foi desfavoravelmente avaliada em um dos jornaes diarios, que se publicam na capital, lamentam profundamente tão desagradavel acontecimento, e dão aqui testemunho solemne e espontaneo, pelo conhecimento que têm do mesmo senhor, da sua probidade, intelligencia e confraternidade, qualidades estas que o tornam digno da estima dos seus collegas typographicos. Lisboa, 9 de outubro de 1863.»

<sup>119</sup> *Commercio de Lisboa* de 22 de novembro de 1863.

Durante este período de sete anos, isto é, de 1858 a 1865, foi que Eduardo Coelho mais se entregou aos trabalhos dramáticos, tanto da sua predilecção, não me constando que, depois da fundação do *Diario de Noticias*, tivesse escrito para o teatro obra de vulto <sup>120</sup>.

A' especial aptidão por êle revelada para o género, corresponderam as boas graças do público, e as da *censura* official que, por intermédio dos mais notáveis críticos dramáticos da época, lhe aprovava e animava as tentativas. E assim era que Lopes de Mendonça, em 6 de julho de 1858, dando o seu voto de aprovação ao primeiro ensaio dramático de Eduardo Coelho, escrevia :

«Está (a comedia *Um namorado exemplar*) correctamente escripta, desenha com verdade o viver e o sentir dos populares typos que reproduz, revela engenho, e está concebida com um intuito de moralidade, fim a que se deve encaminhar toda a fabula dramatica.»

E, no ano seguinte, os censores José da Silva Mendes Leal, Ernesto Biester e o mesmo Lopes de Mendonça, aprovavam e recomendavam uma outra comédia de Eduardo Coelho, o *Amor conjugal*, como digna de ser representada no teatro normal, visto «o auctor desta produção revelar uma vocação feliz, e uma cultura de espirito muito superior ao vulgo das peças apresentadas á censura.»

É difficil fazer a enumeração completa do que êle chamou as suas *tentativas dramaticas*, como não é fácil também enumerar todos os livros que publicou anteriormente a 1865, alguns dos quais, ha muito, desapareceram totalmente do mercado <sup>121</sup>.

Da sua obra literária anterior á fundação do *Diario de Noticias*, sobrelevam, porêm, três livros: *A vida dum príncipe*, romance histórico que tomou por assunto a desastrosa morte do príncipe D. Afonso, filho único

<sup>120</sup> Só conheço três pequenos trabalhos posteriores a 1864 : a opereta *Amor aos bofetões*, representada em vários teatros de Lisboa e da provincia ; a poesia cómica *Amor e rheumatismo*, composta em 1872, a pedido da viscondessa de Trancoso, e a está oferecida; e uma scena cómica *A Trapeira*, escrita por Eduardo Coelho, em 1887, para sua filha mais velha Maria Adelaide, cujos excepcionais dotes artisticos, como recitadora e amadora teatral, a crítica tem frequentes vezes encarecido, e que a desempenhou na própria casa do autor. A primeira e a segunda foram publicadas ; a terceira ficou inédita.

O *Amor e rheumatismo* veio a ser, muitos anos depois da morte de Eduardo Coelho, em 3 de maio de 1908, representada por aquela mesma sua filha (casada desde 1890 com o autor deste livro) no pequeno teatro da sua casa do largo de S. Vicente.

<sup>121</sup> Para se fazer idéa d'esta difficuldade, bastará notar que, apezar da resenha das obras de José Eduardo Coelho que figura no *Diccionario Bibliographico Portuguez*, t. 12.º, pag. 304, ter sido organizada sobre os esclarecimentos por aquele mesmo prestados ao erudito e

de D. João II, na margem do Tejo, junto a Santarêm, em 12 de julho de 1491; os *Primeiros versos*, volume de 100 páginas, publicado em 1861; e o drama *Oppressão e liberdade*, que data do mesmo tempo, mas que só foi publicado dez anos mais tarde.

Os *Primeiros versos* abrem por estas melancólicas quadras—*No ermo*—amostra do tom geral do livro:

Agora que perpassa o somno sobre as palpebras  
Da lassa humanidade, em ti me escondo, ó ermo;  
Em teu silencio grave eu busco o allivio unico  
Que sobre a terra encontra um coração enfermo.

Enfermo, porque a vida, em penas crudelissimas  
Lhe vae trocando a esp'rança, a crença, a fé, o amor;  
Delicias, que entrevira, em maguas só convertem-se;  
Prazeres, que sonhára, expiram junto á dôr.

N'aurora da existencia, a sorte, em vis supplicios  
Trocou-me afagos mil, que o berço me offertou;  
Um turbilhão social, em seus ingratos impetos,  
Creança, por meu mal! do lar me arrebatou!

Sem guia errando, a sós, por esse mundo túrbido,  
Rasgarem-me senti o coração no seio;  
Curvei-me á impiedade, e sei que uma aura gélida,  
Em vez do antigo ardor, de frio enchel-o veio.

Os outros dois livros, a que aludi, foram pela crítica recebidos com justos louvores, e á *Vida de um príncipe*, encarecida, ao tempo do seu aparecimento, por Silva Tulio, Julio Cesar Machado e Ernesto Biester, que, na *Revista Contemporanea*, lhe consagrou palavras de favorável acolhimento, deveu Eduardo Coelho o tornar-se conhecido duma classe mais escolhida de leitores.

---

consciencioso investigador, o recém-falecido redactor principal do *Diario de Noticias*, e meu querido amigo P. W. de Brito Aranha, tal resenha está deficientíssima, faltando-lhe proximamente metade dos trabalhos literários que nela deviam ter cabimento.

«Conheço por outras obras historicas do talentoso escriptor (escrevia ha anos Manoel Pinheiro Chagas, referindo-se ao drama *Opressão e liberdade*) a consciencia, o escrupulo de investigação com que estuda as epochas de que se occupa.»

«N'essa gentil composição, onde se respira o mais vivo patriotismo, o auctor soube tirar das scenas historicas optimos effeitos dramaticos . . . Mas o que nem todos apreciam, e que é comtudo um dos predicados mais apreciaveis dos romances ou dramas historicos de Eduardo Coelho, é a fidelidade com que estuda a epocha e os personagens, nas suas idéas, no seu modo de falar, no meio em que vivem.»

Não me deterei a apreciar os escritos de Eduardo Coelho, no período que decorre até fins de 1864<sup>122</sup>. A sua obra capital ia então ser encetada corajosamente, e foi a ela que d'aí em diante consagrou toda a energia da sua actividade e todo o poder da sua fecunda intelligência.

Dentro em pouco ia principiar uma vida nova. Quando cronista do *Conservador*, escrevera êstes períodos que podiam definir dezassete anos da sua existência—desde que chegara a Lisboa, em 1848, até o comêço da prosperidade do seu jornal:

«Eu aqui tenho experimentado de tudo: os sorrisos da ventura e as lagrimas da desgraça; o remanso e a paz da alma, e a agitação das grandes luctas intimas; os suaves clarões da esperança, e as procellosas trevas do desalento; os gratos enlevos do amor, e as cruciantes dôres da traição.

«E só, abandonado, abordoando-me ao trabalho, e soccorrendo-me á justiça dos homens de consciencia, se não tenho sahido heroe da lucta, ao menos não depuz as armas no campo, nem recuei perante o perigo.»

Poucos anos depois de traçadas estas palavras, Eduardo Coelho podia afirmar que, sem abandonar um momento os princípios que severamente se impuzera, sem depor as armas no campo, nem recuar perante o perigo, saira emfim herói da luta. Porque nenhuma outra luta, em verdade, houve para êle mais tenaz, mais persistente, mais cortada de riscos e de contrariedades, do que a da implantação do seu jornal, que havia de dar-lhe, com as comodidades duma legítima fortuna, os louros duma glória honrada.

---

<sup>122</sup> Por êsse tempo, Eduardo Coelho e o dr. J. Cesario de Lacerda planearam uma publicação mensal, que deveria sair em folhetos e intitular-se *Os homens do nosso tempo*. «Eduardo Coelho começou a trabalhar na biographia e apreciação de José Estevão, e o dr. J. Cesario de Lacerda na biographia de Garrett. Cada folheto devia conter a biographia e apreciação dos trabalhos de um homem notavel d'aquella epocha.» (Biografia de Eduardo Coelho pelo illustrado e falecido redactor do *Diario de Noticias*, João de Mendonça, no *Occidente*, n.º 376, de 1 de junho de 1889).



Um homem pequenino que tem sabido crescer.

Caricatura de Eduardo Coelho  
na folha humorística *O Penacho*, que começou a publicar-se em Lisboa em 1880.  
Desenho de J. Navarro

1865-1889

## I

Houve quem comparasse Eduardo Coelho, como jornalista, a Millaud, o fundador do *Petit Journal*, e a Villemessant, o criador do *Figaro*.

Das qualidades de ambos êle efectivamente participava; e se, principalmente com o segundo, a semelhança é, a muitos respeitos, notável, pelo que se refere, tanto ás inovações que introduziu no jornalismo português, como aos vivos ataques que elas lhe suscitaram, recorda Émile de Girardin, o poderoso atleta da imprensa francesa, que, para fundar o jornalismo barato e essencialmente noticioso, teve de sustentar uma luta renhida, quasi feroz, contra os seus próprios colegas da capital da França. É certo, porém, que particularmente com Villemessant os pontos de contacto são numerosos; e quem vir como as folhas francesas comemoraram, unânimes, a perda do fundador do *Figaro*, achará uma frisante analogia com as apreciações que aos periódicos portugueses mereceu Eduardo Coelho, por ocasião da sua morte.

Em França, apontaram uns como sentimento absorvente em Villemessant, a paixão do jornalismo, o amor entranhado ao seu jornal, que era a grande obra da sua vida e a preocupação constante do seu espirito; encareceram-lhe outros os raros dotes de escritor, pondo em relêvo essa desprezenciosa maneira de escrever tal qual falava—de *falar com tinta*, como se exprimia Charles Laurent; e outros ainda renderam preito á generosidade do seu coração, que lhe deu o cognome de *esmo-ler-mór da França*, e á qual os jornalistas daquele país deveram, em grande parte, o virem a ser retribuidos condignamente, na proporção dos seus méritos e dos seus serviços.

Pois nenhuma destas qualidades faltava a Eduardo Coelho—escritor de estilo simples e de expressão claríssima, coração aberto a todas as acções generosas, entusiasticamente apaixonado, como jornalista, pela sua profissão e pela sua classe, e como patriota, pelos progressos e pelas legítimas glórias da sua pátria.

Pelo *Diario de Noticias*, com o qual tão intimamente se consubstancia a sua actividade de mais de vinte anos, se aquilatam aqueles dotes eminentes. Sempre se subordinaram êles em Eduardo Coelho a um dom entre todos dominante—embora fôsse muita a sua intelligência, e

fôsse muitíssima a grandeza da sua alma—a um excepcional e superior bom senso, que inconfundivelmente marcava todas as suas acções, e que tanto mais se tornava digno de admiração e de aprêço, quanto é infelizmente a sensatez bem menos comum do que o talento, e um critério lúcido, equilibrado e prático, bem mais raro até do que as devotadas e humanitárias afirmações da virtude.

«Eduardo Coelho (escreveu o ilustre crítico sr. Ramalho Ortigão) tinha grandes qualidades de jornalista e de cidadão. Ninguém fazia melhor um *compte-rendu*, ninguém escrevia com mais sal a gazetilha em verso, á hespanhola; ninguém era, pelo espirito e pelo coração, mais justo, mais benigno e mais honesto; ninguém mais do que elle honrou a sua profissão, trabalhando e enriquecendo do modo mais independente e mais digno.

«Mas sobretudo Eduardo Coelho era nas cousas da vida pratica, e principalmente nas do seu jornal, o homem de mais atilado juizo e de mais claro bom senso que jamais conheci»<sup>123</sup>.

Pode, sem dúvida, pelo seu jornal apenas, aferir-se o grande valor da sua obra tão vasta, tão complexa, tão gloriosamente realizada. Cumpre todavia especializar factos do pleno domínio da história, e em que, independentemente das aptidões do jornalista, ficaram brilhantemente assinalados os serviços e o préstimo do patriota e do homem de acção.

«Com a sua penna no seu jornal (escreveu Manoel Pinheiro Chagas) com a sua palavra nas reuniões, com o seu trabalho, com o seu dinheiro, nunca serviu senão a causa do bem, do justo, do honesto; nunca defendeu senão estes nobres sentimentos, que fazem pulsar com mais força o nosso coração de homens e de patriotas.»

É um exemplo a longa campanha durante anos sustentada nas colunas do *Diario de Noticias*, quando vieram a lume os planos tendentes a promover a chamada *união ibérica*, tão calorosamente advogada pela imprensa da nação visinha, e da qual—dizia com acêrto Eduardo Coelho—parecia muito particularmente carecer a Espanha para as suas prosperidades.

Causou a muitos estranheza o ardor com que se empenhou nessa luta, tão acostumados estavam todos á moderação com que emitia as suas opiniões e formulava os seus votos.

---

<sup>123</sup> *Diario de Noticias* de 29 de dezembro de 1904, pag. 7.

Mas êle próprio dava a explicação dessa atitude :

«Se na manifestação do nosso pensamento transparece ás vezes o fogo que o coração empresta á cabeça, é que nos assumptos que se referem á independencia e engrandecimento da terra do nosso berço, fala-nos sempre a cabeça e o coração.» *Diario de Noticias* n.º 1:123 de 8 d'outubro de 1868).

«E' necessario acordar o patriotismo popular adormecido, para que o povo disperete os poderes publicos, porque cada dia parece mais evidente que a patria corre perigo, e que não só a cubiça de estranhos a ameaça e pretende usurpar, mas até alguns degenerados filhos buscam pol-a em almoeda.» (*Diario de Noticias*, n.º 1:099, de 10 de setembro de 1868.)

«Sigamos, pois, os passos aos apóstolos, aos agentes, aos caudilhos do iberismo. E entretanto vamo-nos preparando para as eventualidades. Se os poderes publicos dormirem, não dormirá o povo. *Não queremos ser ibericos*, é o grito que anda nos labios, no coração e na consciencia delle.» (*Diario de Noticias*, n.º 1:102, de 13 de setembro de 1868.)

E definindo o que entendia dever ser a situação dos dois países, um para com outro, escrevia mais tarde, em 13 de fevereiro de 1869, a propósito do decreto que validava em Espanha os diplomas da universidade e escolas superiores portuguezas :

«Amisade franca e sincera, fraternidade intima entre os dois povos da peninsula, cordiaes relações internacionaes, protecção mutua ao commercio, á industria, ás sciencias e artes dos dois paizes, para promover conjunctamente a prosperidade de ambos, mas dois reis, dois governos, duas bandeiras, duas historias, duas familias, duas nacionalidades, duas autonomias distinctas e separadas pela fronteira do direito.»

Estas ideas eram sustentadas no *Diario de Noticias*, e fora dêle, com uma persistência infatigável, abrindo-se para elas secções especiais no jornal, como foi a dos *Assuntos do dia*, que data de fins de setembro de 1868 <sup>124</sup>.

«Não dedicamos só ao serviço d'essa causa sublime (lia-se no *Diario de Noticias* de 6 de outubro de 1868) o fraco concurso da nossa intelligencia, devotar-lhe-hemos, quando seja preciso, a nossa parca bolsa e o nosso braço.»

Recomeçados os manejos ibéricos com a vinda para Lisboa do ministro de Espanha, D. Angel Fernandez de los Rios, em meados de 1869, e insistindo-se em entregar a D. Fernando a corôa espanhola, Eduardo

<sup>124</sup> Teve origem nesta propaganda o belo romance histórico de Eduardo Coelho — *Portugal captivo* — publicado primitivamente em folhetins do *Diario de Noticias*, em 1868, e reproduzido mais tarde, no *Brinde* do mesmo jornal de 1884 e em edição separada, em 1885, e ainda novamente publicado em folhetins daquela folha, de 4 a 19 de dezembro de 1904.

Coelho outra vez se pôs em campo, e tão eficazmente, que se lhe chegou a atribuir em muito o rompimento definitivo das negociações <sup>125</sup>.

Como era natural, esta atitude acarretou-lhe as mais absurdas acusações, sendo agredido por alguns dos seus colegas da imprensa «que, como êle próprio escrevia no prólogo do *Portugal Captivo*, então se iludiam completamente na critica dos acontecimentos, chegando a favorecer abertamente as tentativas que se faziam para aproximar a solução a que se visava, e que em parte do jornalismo madrileno então era chamada—*a grande solução nacional*.» Insinuava-se além disto que o *Diario de Noticias* se achava ao serviço do duque de Montpensier, vindo mais tarde a atribuir-se em grande parte ao seu director, «um momento constituido, por cerebros que obedeciam a singulares nevroses, arbitro dos destinos dos povos», a causa das desgraças da guerra franco-prussiana de 1870, e, como dizia um periódico daquele tempo, «das angustias e dos desastres que a Hespanha tinha atravessado <sup>126</sup>.»

Mas como compensação destas despropositadas acusações, Eduardo Coelho recebia de exímios patriotas os mais levantados elogios, e o antigo ministro e diplomata Mendes Leal apressava-se a escrever-lhe de Madrid, felicitando-o calorosamente pela «discreta e patriótica conducta do seu jornal, conducta com a qual prestava um immenso serviço á patria.»

<sup>125</sup> O livro de Fernandez de los Rios, *Mi misión en Portugal*, é um precioso documento para a história do insucesso de tais negociações, e a longa explosão do azedume do seu autor contra os que lhe frustraram os planos. Eduardo Coelho escreveu, em folhetim do *Diario de Noticias*, n.º 4:045, de 20 de maio de 1877, um *projecto de carta* àquele diplomata infeliz, assinado por *Um apreciador obscuro*, e que veio a constituir, com outros artigos de Antonio Rodrigues Sampaio, Manuel Pinheiro Chagas e Luciano Cordeiro, o livro—*União ibérica*—editado naquele mesmo ano pela *Empresa Literaria* de Lisboa.

<sup>126</sup> *Portugal Captivo*, pag. 8. *D. de Noticias* de 28 de agosto e 30 de dezembro de 1875. Tenho presente um folheto da época—*Duas palavras sobre a candidatura de S. M. El-rei D. Fernando ao throno de Hespanha, por um portuguez (1870)*—do qual reproduzo os seguintes períodos destacados, que uns aos outros se comentam :

«Esses culpados das complicações externas são unica e exclusivamente aquelles que, por qualquer modo, fôrma ou titulo, concorreram para que Sua Magestade El-rei o Senhor D. Fernando não acceitasse a corôa de Hespanha, quando em 1869 lhe foi offerecida.» (pag. 5).

«O *incolor* de Lisboa tinha outra missão, que era a de aterrar o povo portuguez com a candidatura Fernandista» (pag. 26).

«O effeito mais assolador era o do jornal *incolor*, porque sendo muito lido pelo povo, este, não sabendo distinguir entre a verdade e a falsidade partidaria, acreditava piamente as balavernias do tal *incolor*» (pag. 28).

«Verdade é que, não obstante militarem na imprensa portugueza tantos talentos notaveis, jámais foi possível encontrar uma apreciação exacta da candidatura do Senhor D. Fernando» (pag. 28).

\*

\* \*

Apresentada pelo sr. Joaquim de Vasconcellos á Sociedade de Geografia de Lisboa, em 17 de maio de 1879, a primeira proposta para a celebração do tricentenário de Camões, e sendo sugerida a idea de se nomear uma grande comissão para estudar e formular o programa da festa por parte do jornalismo de Lisboa, Eduardo Coelho desde logo indicou e foi unanimemente aprovado, que entre as manifestações com que a imprensa entendesse dever colectivamente celebrar o tricentenário, se incluisse a fundação, no dia 10 de junho de 1880, da *Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes*, acrescentando ainda que podia informar que uma empresa jornalística (referia-se á do *Diario de Noticias*) determinara distribuir uma grande edição gratuita dos *Lusiadas*, como homenagem ao grande épico <sup>127</sup>.

Na primeira reunião da grande comissão da imprensa de Lisboa, em 8 de abril de 1880, Eduardo Coelho desenvolveu o programa da solenidade da imprensa, no qual figurava, além da sessão solene inaugural da *Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes*, o préstito solene ao monumento de Camões; a grande romagem cívica até a frente da casa da calçada de Santa Ana, ou o acompanhamento, em préstito, dos restos de Camões e dos de Vasco da Gama para o templo de Santa Maria de Belem; e finalmente a celebração da solenidade religiosa no mesmo templo, conforme o alvitre do sr. Ramalho Ortigão, e o lançamento solene na praia do Restelo, da pedra fundamental da estátua do descobridor da Índia.

Eleito para a comissão executiva da imprensa, com os srs. Ramalho Ortigão, Pinheiro Chagas, Theophilo Braga, Luciano Cordeiro, Rodrigues da Costa, Magalhães Lima, Jayme Batalha Reis, e o falecido visconde de Jeromenha, coube-lhe o cargo de primeiro secretário, sendo o *Diario de*

---

<sup>127</sup> *Os Lusiadas, por Luiz de Camões, edição popular gratuita da empreza do Diario de Noticias, commemorando o tricentenario da morte do poeta, especialmente dedicada aos assignantes e leitores habituaes do mencionado Diario—30:000 exemplares—Reprodução critica sob a direcção de F. Adolpho Coelho, da segunda edição de 1572, feita durante a vida do poeta—1880.*

Foi esta edição que serviu de modelo á que, em 6 de maio do ano seguinte, de 1881, distribuiu a academia de Coimbra aos estudantes das escolas e asilos daquela cidade.

*Noticias* escolhido pela comissão «para seu órgão official em tudo que se referisse aos trabalhos de que estava incumbida».<sup>128</sup>

No *Programma definitivo para a celebração em Lisboa do terceiro centenario de Luiz de Camões*, figuraram, pois, os seguintes importantes números, de iniciativa de Eduardo Coelho: na parte das *inaugurações*, a da *Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes*, «competindo a esta fundação estabelecer uma bibliotheca do jornalismo portuguez, um cofre de coadjuvação editorial, e um jury de honra para os conflictos da imprensa», e organizar cursos livres de sciências naturais e sociais; na parte das *homenagens varias*, o oferecimento gratuito ás escolas e aos leitores do *Diario de Noticias* (e ainda a cada uma das principais corporações scientificas e literárias da Europa) pela empresa desta folha, de 30:000 exemplares dos *Lusiadas*.

Quanto a esta homenagem, lia-se no *Diario de Noticias*, n.º 5:142, de 30 de maio de 1880:

«A empreza do *Diario de Noticias*, entendendo que uma das mais honrosas homenagens á gloriosa memoria do sublime epico portuguez Luiz de Camões, é, como o pensa em geral a critica, a vulgarisação da sua obra, que encerra os elementos representativos da nacionalidade portugueza, e revivificadores do seu espirito e das suas energias, podendo incital-os a todos os descobrimentos do progresso e da civilização futura do paiz, cujos honrosos destinos a sua propria historia assignala, resolveu desde muito associar-se por esse modo á grande solemnidade nacional. Por isso no dia 10 de junho, terceiro centenario da morte de Luiz de Camões, que equivale ao do seu advento á immortalidade da historia, todos os numeros do *Diario de Noticias* serão acompanhados de uma caderneta de meio formato do jornal, com os *Lusiadas* impressos em paginas de 7 columnas por pagina. Todas as pessoas que tiverem o jornal por assignatura, ou compra avulso, têm o direito a esse exemplar dos *Lusiadas*, sem que hajam de pagar por elle quantia alguma. Opportunamente se fará a remessa do exemplar destinado a cada uma das escolas primarias do reino, segundo a relação que se ha de pedir ao respectivo ministerio»<sup>129</sup>.

<sup>128</sup> Datava do dia 10 de junho de 1865, isto é, do seu primeiro semestre de existência e do seu n.º 131, a primeira exortação do *Diario de Noticias* para que todos os portuguezes, «acurvando o joelho sobre a sepultura do poeta soldado, que é toda esta terra de Portugal, elevemos ao Ceu uma prece ferverosa pela bemaventurança daquelle espirito grandioso.» E em 9 d'outubro de 1867, por ocasião de se inaugurar em Lisboa o monumento a Luiz de Camões, o *Diario de Noticias* celebrou este facto com a publicação de um número comemorativo de homenagem ao grande épico.

<sup>129</sup> Eis o officio de agradecimento referente a esta distribuição, e dirigido a Eduardo Coelho:

«Ill.º e Ex.º Sr. — Dei conhecimento a Sua Ex.ª o ministro do reino da offerta que V. Ex.ª se dignou fazer de 3:153 exemplares da edição popular dos *Lusiadas*, que a empreza do *Diario de Noticias* consagrou á solemnisação do terceiro centenario de Camões, a fim de serem distribuidos pelas escolas de instrucção primaria, e o mesmo Ex.º minis-



Reprodução, em tamanho igual,  
de um trabalho da *Photographia Contemporanea*, com desenhos de A. Novaes  
(junho de 1880)

**OS LUSIADAS**  
POR  
**LUIS DE CAMÕES**

EDIÇÃO POPULAR GRATUITA DA EMPREZA DO

**Diario de Noticias**

**COMMEMORANDO O TRICENTENARIO DA MORTE DO POETA**

ESPECIALMENTE DEDICADA AOS ASSIGNANTES E LEITORES HABITUAES DO MENCIONADO DIARIO

**30:000 EXEMPLARES**

Reprodução critica sob a direcção de F. Adolpho Coelho, da segunda edição de 1572, feita durante a vida do poeta

1880

Frontispício de um exemplar da edição dos *Lusíadas* gratuitamente distribuída pela empresa do *Diario de Noticias* em junho de 1880

As festas do centenário realizaram-se com um brilhantismo, uma uniformidade de sentimentos e uma espontaneidade de entusiasmo, de que não havia memória no país, e essa solenidade, levada a cabo através de dificuldades que a muitos se afiguraram invencíveis, ficou na história como a afirmação mais grandiosa da vitalidade do país e dos progressos do espírito nacional na segunda metade do século XIX.

No próprio dia em que principiaram as festas lia-se no *Diario de Noticias* :

«Começa hoje o jubileu camoneano. Ao redor da iniciativa da imprensa, e da sua insistente e teimosa propaganda, gruparam-se todas as boas vontades; associaram-se-lhe numerosas idéas e sinceras adhesões, sentiram a compreensão de uma tal idéa os portugueses na sua grande maioria, todas as terras do paiz, todas as ilhas e colonias que o arrojo dos nossos navegadores conquistou para a patria, e ahi estão as classes todas alliadas, a saudar em Camões, no seu livro e no seu monumento, o mais potente e luminoso symbolo da nossa nacionalidade.»

E dias depois acrescentava-se :

«Nos espiritos fica uma semente fecunda, uma grande lição, um levantadissimo exemplo de amor da patria não movido de premio vil... A patria teve o mais glorificador de todos os hymnos, nessa homenagem expansiva e commovedora, ao nome e á obra que a resumiram e symbolisaram.»

Só a leitura dos jornais daquela época pode dar idea dos prodígios de actividade e de trabalho realizados por Eduardo Coelho durante os meses em que quase exclusivamente se consagrou a essa comemoração, a que ainda tão entusiasticamente aludia, nestes termos, em um brinde proferido em 4 de julho no banquete do *Bairro Camões*, em honra da câmara municipal de Lisboa e da comissão executiva da imprensa:

«Obreiro obscuro da grande obra dos progressos da patria, em que todos lidamos, eu confesso, meus senhores, que senti, uma vez na vida, os deslumbramentos da gloria, e foi quando, naquelle dia memoravel, no meio d'aquella grandiosa manifestação, que encheu de assombro o nosso paiz e a Europa, pude, com os meus collegas de toda a imprensa, prestar o culto do meu respeito e da minha consideração, em nome d'uma grande instituição social e da justiça, ao trabalho que passava triumphante, representado no professor e

---

tro, agradecendo aquella offerta, e louvando o patriotico intuito com que foi feita, encargo-me de participar a V. Ex.<sup>a</sup> que os ditos exemplares foram remetidos aos commissarios dos estudos de todos os districtos do continente e ilhas adjacentes, para terem o destino conveniente. Deus guarde a V. Ex.<sup>a</sup>—Secretaria de estado dos negocios do reino, em 14 de julho de 1880.—Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Eduardo Coelho, director litterario da empreza do *Diario de Noticias*. (a) Antonio Maria de Amorim.»

no lavrador, no homem de sciencia e no pescador, no pastor e no estudante, no industrial, no commerciante, no artista, no deputado, em todos os elementos que constituem a parte mais vital do organismo da nação, a mais cheia de seiva, de esperanças e de promessas.»

Não cabe aqui descrever essa consagração sem igual ao génio de Camões; mas é êste, sem dúvida, o logar adequado para pôr em relêvo, com o próprio testemunho de dois dos mais assíduos companheiros de trabalho de Eduardo Coelho nessa longa, difficil e gloriosa tarefa, o que êle fez, e de quanto a sua desinteressada e infatigável cooperação valeu.

Atesta-o, pelas seguintes palavras, o sr. Dr. Magalhães Lima, secretário, como Eduardo Coelho, da comissão executiva da imprensa:

«O auctor d'estas linhas foi seu companheiro na comissão do tricentenario de Camões. Conserva desse tempo de boa e excellente camaradagem a mais saudosa recordação.

«Eduardo Coelho foi um dos elementos que mais concorreram para essa gloriosa comemoração, pondo a sua bolsa, o seu jornal, a sua actividade, a sua intelligencia e o seu desinteresse á disposição dos promotores dessa brilhantissima festa patriótica. A elle e ao *Diario de Noticias* se deve uma boa parte do exito que teve aquella solemnidade nacional»<sup>130</sup>.

E Manuel Pinheiro Chagas, vogal da mesma comissão, não menos explicitamente formula o seu autorizado testemunho:

«Todos trabalharam, mas ninguem, de certo, tanto como Eduardo Coelho. A grande celebração do centenario de Camões pôde-se dizer que a elle sobretudo é devida»<sup>131</sup>.

\*

\* \* \*

Nasceu do centenário, e especialmente da iniciativa de Eduardo Coelho, uma instituição a que já aludi, e que, acolhida primitivamente com alvoroço pela classe á qual mais directamente interessava, não logrou vingar, apesar do seu iniciador com ela haver dispendido o melhor do seu tempo, do seu trabalho e do seu dinheiro.

Refiro-me á *Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes*, de que Eduardo Coelho foi, do mesmo modo que Antonio Rodrigues Sampaio e Manuel Pinheiro Chagas, *presidente honorário*<sup>132</sup>.

<sup>130</sup> *Seculo*, de 15 de maio de 1889.

<sup>131</sup> Artigo no *Paiz*, do Rio de Janeiro (junho de 1889).

<sup>132</sup> Eduardo Coelho recebeu esta distincção, por proposta de Luciano Cordeiro, na sessão de 14 de outubro de 1880, na qual também o sr. Rodrigues da Costa propôs, sendo unanimemente aceito, que o *Diario de Noticias* fôsse o *orgão official* da Associação até a publicação do *Boletim*, cujo numero 1.º saíu em 10 de junho de 1884.

# ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS E ESCRITORES PORTUGUEZES

10 de Junho de 1880

Devis amar la patria não moeibe  
De premio vil. (Luz)

**S**ocio N.º 9

O Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. *Eduardo Coelho*

é socio *Fundador* desta corporação, em virtude dos respectivos artigos dos estatutos que a regem, e por ter os meritos e predicados que elles prescrevem.

Sala da Associação dos Jornalistas e Escriutores Portuguezes, Lisboa, 30 de Novembro de 1880

O Presidente

*Manuel António de Aguiar*

O Vice Presidente

Os Secretarios *J. Antunes de Brito* Os Secretarios *J. de Magalhães Lima*

*Alfonso de Sousa* O Tesoureiro *Alfonso de Sousa*

*Eduardo Coelho*

Raphael Bordallo Pinheiro

LITH. GUDES, LISBOA.

O diploma de sócio fundador da Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes conferido a **Eduardo Coelho** em 30 de novembro de 1880. (Desenho de Raphael Bordallo Pinheiro)  
o,<sup>m</sup> 385 × o,<sup>m</sup> 255

Os estatutos, que vieram a ser aprovados por alvará de 14 de outubro de 1880,<sup>133</sup> foram redigidos de acôrdo com as bases elaboradas por Eduardo Coelho, das quais constava que o fim da associação era «*promover e defender os interesses legítimos, morais ou materiais, das collectividades ou corporações formadas pelas classes que a constituem e individualmente os dos seus associados, em tudo o que diga respeito ao exercicio da sua profissão.*»

Encarecendo-se a iniciativa de Eduardo Coelho, em uma das mais consideradas folhas da segunda cidade do reino, o *Commercio do Porto*, notava-se, por essa ocasião, que a «imprensa, que poderosamente tem concorrido entre nós para a difusão e desenvolvimento do principio social, era talvez a unica classe que em Portugal se conservava estranha á pratica do grande principio, que apostolisa.»

Pois a *Associação dos jornalistas e escriptores portugueses*, embora parecesse vir satisfazer uma aspiração de todos os espíritos ilustrados, e embora também tivesse no estrangeiro tão bons exemplos a seguir, desaparecia, passada meia dúzia de anos, sem deixar de si mais do que a lembrança dos inúmeros dissabores e sacrificios que custou ao seu dedicado instituidor<sup>134</sup>.

Em meados de 1884, ao celebrar-se o quarto aniversário da *Associação*, ainda o seu director-tesoureiro, referindo-se ás dificuldades com que até ali se havia lutado, deixava entrever a esperança de que «a boa vontade de alguns dos seus membros faria triumphar uma instituição, que a esse tempo já se tornára mais util do que se poderia exigir das suas forças», e aludia ao funcionamento regular das suas aulas, nas quais chega-

<sup>133</sup> Estes Estatutos foram reformados, e a reforma aprovada por Alvará de 3 de janeiro de 1885. (*Historia dos Estabelecimentos Scientificos e Litterarios em Portugal*, por José Silvestre Ribeiro, t. xv, pag. 73.)

<sup>134</sup> Para se dar idea do valor de tais sacrificios bastará reproduzir os seguintes períodos do primeiro *Relatorio* da Associação, referente ao período decorrido de 20 de setembro de 1880 até 31 de dezembro de 1881: «As contas da associação mostram que, tendo esta pagos todos os seus encargos até ao fim do ano de 1881, o saldo de que é devedora está apenas creditado a um unico crédor, que é o thesoureiro (Eduardo Coelho), o qual tem abonado sempre as sommas necessarias para as despezas.

«A gerencia cessante tem a honra de participar á assembléa, com relação a esse debito, que o novo thesoureiro que ella elege não terá de preoccupar-se muito com elle, porque o thesoureiro cessante declara, não só que desiste a favor da associação de metade d'esse debito (cuja totalidade era de 1:001\$480 réis), como só receberá o restante saldo quando a associação possa, sem prejuizo do seu andamento regular, indemnisa-lo.»

Escusado será acrescentar que tal indemnisação não pôde nunca ser-lhe dada, nem Eduardo Coelho também nunca diligenciou que lha dessem.

ram a matricular-se proximamente 1:400 alunos, e ao auxílio que se vira obrigada a pedir ao ministro do reino daquele tempo.

Nada, porém, a salvou da morte, a que, pelo abandono, a votaram aqueles mesmos que mais interessados deviam mostrar-se na sua conservação, e que, por muitas razões, mais precisavam dela. Porque não era certamente Eduardo Coelho, a êsse tempo gozando já da mais completa e desafogada independência, e para quem poucas glórias então podia haver que devessem causar inveja, que da *Associação* necessitaria auxílios, ou esperaria colher proveitos de qualquer espécie <sup>135</sup>.

\*

\* \*

O *Congresso das associações portuguezas*, do mesmo modo que a *Associação dos jornalistas e escriptores*, que fôra encarregada de o preparar e convocar, nasceu das festas do tricentenário, e constituia um dos artigos do programa comemorativo.

Na sessão solene inaugural, celebrada em 10 de junho de 1882, o sr. Theophilo Braga, acentuando, num magnífico discurso, os serviços que o congresso estava destinado a prestar, dizia :

«O Congresso das Associações provocado por esta poderosa concentração do sentimento d'um povo que revive, tem um grande destino a cumprir; elle marca uma nova era na nossa existencia associativa.»

Um ano antes, em junho de 1881, já Eduardo Coelho o escrevera também no *Diario de Noticias*, ao afirmar que as festas do tricentenário viriam a fixar «a data a começar da qual se contaria um dia a transformação do principio associativo.»

<sup>135</sup> Em 1870, Teixeira de Vasconcellos, á imitação da que existia em França, quiz organizar entre nós uma *Sociedade de homens de letras*, e assim o propôs num jantar de escriptores celebrado em 28 de julho daquele ano. Foi logo nomeada uma comissão composta do proponente, de Antonio Rodrigues Sampaio, João de Andrade Corvo, Ramalho Ortigão e Manoel Pinheiro Chagas, para elaborarem o projecto de estatutos.

A sociedade teria por fim «substituir a força da associação á fraqueza do isolamento, para defender e fazer valer pelo poder commum os interesses Moraes e materiaes dos seus membros em geral e de cada um em particular.» O projecto de 1870 não teve, porém, realização. (*Diário de Noticias*, n.º 1:665, de 30 de julho de 1870).

Por Alvará de 24 de setembro de 1896 foram aprovados os Estatutos da *Associação dos jornalistas de Lisboa*, cuja primeira assembleia geral se reuniu em 28 de dezembro daquele ano, na sala da redacção do *Diario de Noticias*, onde se haviam realizado os trabalhos preparatórios para a sua organização. Durante perto de dez anos, foi nos escritórios do *Diario de Noticias* que teve a sua séde essa Associação, cuja vida veio a sofrer de males análogos aos de que enfermou aquella que a Eduardo Coelho deveu a existência.

Aprovado, pois, em sessão de 12 de junho de 1881, o seu nome, por aclamação, para membro da comissão provisória promotora do *congresso*, logo em 14 de junho foi proposto e consignado «*um voto de louvor ao sr. Eduardo Coelho pelos relevantes serviços que no seu jornal o «Diario de Noticias», tinha prestado á instrução e ás classes laboriosas»*, e na sessão preparatória de 9 de junho de 1882 era êle escolhido para a comissão executiva, de que foi o presidente, com Antunes Rebello por tesoureiro, e José Cypriano da Costa Goodolfim<sup>136</sup> e Feio Terenas por secretários.

Na sessão solene inaugural de 10 de junho de 1882, a que, por doença, Eduardo Coelho não pudera assistir, o sr. Antonio Joaquim Simões d'Almeida exaltava-lhe calorosamente os serviços, e na acta era-lhe consignado «*um voto de louvor e de reconhecimento pelos seus importantissimos trabalhos»*, propondo-se, dias depois, que o congresso, em testemunho de gratidão, lhe inaugurasse o retrato, logo que tivesse sala apropriada.

Os serviços que a Eduardo Coelho ficou devendo o congresso das associações, não eram todavia mais do que a continuação e a sequência dos que a cada uma delas em particular, êle dedicadamente lhes prestara.

Rememorando junto do cadáver daquele, «*que com a sua constante e fervorosa propaganda evangelisou durante 25 annos, a proficuidade dos principios da associação»*, o sr. Simões de Almeida, que fôra secretário geral do *Congresso das associações portuguezas*, dizia em nome destas:

«Essa imponente e importantissima assembléa, que se reuniu durante tres annos, em que se discutiram e affirmaram principios de tão elevado alcance para as classes trabalhadoras, teria succumbido ás suas primeiras manifestações, se Eduardo Coelho a não auxiliasse, promptificando-se a fazer uma parte importante das despezas, para que se tirasse o maximo resultado d'aquella reunião»<sup>137</sup>.

E aludindo á importância do *Congresso*, dizia mais:

«A proficuidade dos resultados do congresso ahi está patente, não só na nova orientação que tomaram as instituições de previdencia, mas por se verem já traduzidas em factos muitas das theses que ali foram discutidas».

<sup>136</sup> Costa Goodolfim, em carta dirigida ao autor d'êste livro, por ocasião da inauguração do monumento erigido em Lisboa a Eduardo Coelho, e publicada no *Diario de Noticias* de 29 de dezembro de 1904, encarecia «o valioso auxilio prestado pelo illustre extinto para a realização do congresso das associações portuguezas» e reivindicava para si o pensamento, exposto em um jornal de Coimbra pouco depois da morte de Eduardo Coelho, de se erguer a êste um monumento que lhe perpetuasse a memória.

<sup>137</sup> Por ocasião da morte de Eduardo Coelho, um dos mais autorizados propagandistas da associação e do mutualismo—Costa Goodolfim—escrevia na *Oficina*: «No congresso das associações portuguezas prestou relevantes serviços; encontrámol-o sempre dedicado e tra-

O homem, portanto, a quem em tão grande parte se deveu a realização dêsse importante *balanço de forças* das associações portuguesas, bem merece que o seu nome se irmane com os dos mais devotados, generosos e beneméritos apóstolos do princípio associativo <sup>138</sup>.

\*

\*      \*

Entusiasta por tudo o que se relacionasse com os progressos da agricultura, da indústria e do comércio, e sentindo uma particular aversão pela *emprego-mania*, que lavra desde muito na sociedade portuguesa, Eduardo Coelho escrevia em 1878:

«Precisamos muito de dirigir a actividade intellectual e physica da mocidade para as industrias uteis, creando as que não temos, não só para vêr se por este elemento moderno de regeneração social damos ao paiz novas fontes de riqueza, como para desviar as gerações, que se começam agora a educar, d'esta vertente fatal em que as faz deslizar a monomania dos empregos publicos. O paiz não pôde ser todo *empregado* de si mesmo.»

E em 1885, assinalando «a tendencia perniciosa da nossa educação, que afasta a mocidade das industrias para a dirigir em batalhões sequiosos á conquista dos logares do orçamento», recomendava instantemente a organização do trabalho, como sendo «ainda mesmo nas velhas nações europeias, e em outras fórmas de governo, o grande, o forte recurso para attenuar um grande numero de males e determinadamente evitar as crises dolorosas do futuro.»

Compreende-se, pois, com que entusiasmo êle corresponderia ao apêlo que, como homem e como jornalista, se lhe fez para auxiliar a realização do *Inquérito industrial* em 1881, e da *Exposição agricola* de 1884.

Suscitada, por ocasião da renovação do tratado de comércio com a França, a necessidade de um largo inquérito ácerca das industrias portuguesas, e ordenado êle por decreto de 7 de julho de 1881, era na mesma data nomeada a comissão central directora dos trabalhos, de que fazia parte Eduardo Coelho, e de que Antonio Augusto de Aguiar ficou sendo o presidente.

---

balhador entusiasta d'aquelle grande pensamento. Abriu bolsa franca para todas as despesas, não querendo d'ellas ser reembolsado».

<sup>138</sup> Pouco depois do falecimento de Eduardo Coelho, e como homenagem á sua memória, fundou-se em Lisboa a *Associação Humanitaria Eduardo Coelho*, de socorros mútuos. Foi um dos mais justos preitos que podiam render-se ao nome do finado jornalista.

O *Diario de Noticias* foi desde logo incondicionalmente posto ao serviço da comissão, e o seu director exclusivamente consagrou, durante meses, a sua actividade a esse trabalho tantas vezes violentíssimo, e de que não quiz, nem mesmo como compensação das despesas que fizera, receber auxílios pecuniários que lhe eram devidos.

O que foi êsse inquérito mostram-no os grossos volumes que constituem os seus relatórios, um dos quais, o referente á visita ás fábricas do distrito de Lisboa, se deve ao finado jornalista.

«As suas visitas (lê-se neste importante documento) começavam ordinariamente ás 11 horas da manhã, reunindo a delegação ás 10, e prolongavam-se muitas vezes até ás 6 e 7 horas da noite.

«Houve interrogatorios que consumiram seguidamente e sem descanso 5 a 6 horas. Em alguns dias, nas visitas aos concelhos limitrophes, o trabalho principiou ás 7 horas da manhã, demorando-se uma ou outra vez até ás 10 e 11 horas da noite.

«Em pouco mais de mez e meio, dias uteis, a delegação pôde não obstante visitar 75 fabricas e officinas.»

A *Exposição agricola* de 1884 mereceu-lhe igual dedicação e igual zêlo<sup>139</sup>. Convidado pela Real Associação Central de Agricultura para membro da grande comissão organizadora da exposição, Eduardo Coelho era, na reunião da comissão executiva em 4 de janeiro de 1883, proposto pelo presidente Antonio Augusto de Aguiar, e logo eleito, para vogal da mesma comissão, e mais tarde escolhido para um dos seus vice-presidentes.

Para actuar directamente nos produtores das zonas menos convenientemente representadas, foi, como outros membros da comissão fizeram com relação a diversos distritos, percorrer, á sua custa, os distritos de Coimbra e Aveiro.

«Um sopro ardente de entusiasmo, (lê-se no *Relatorio da Exposição Agricola de Lisboa realisada na real tapada da Ajuda*) levantou os espiritos, annunciando o bom exito do commettimento patriotico. No dia 4 de maio de 1884 podia-se, emfim, abrir a exposição nacional, que a imprensa unanimemente declarou uma forte affirmativa de vitalidade.»

Escrevendo a Eduardo Coelho, em 19 de setembro de 1870, o illustre professor Ferreira Lapa dizia folgar, «*como folgariam todos os entendi-*

<sup>139</sup> Anos antes, fôra Eduardo Coelho, por decreto de 22 de junho de 1881, nomeado para a comissão organizadora da *Exposição de arte ornamental* que se realizou em Lisboa em principios de 1882; e anos depois, por officio de 22 de fevereiro de 1888, era-lhe comunicado que a direcção da Associação Industrial Portugueza o escolhera para membro de algumas das comissões organizadoras da *Exposição industrial e agricola* efectuada em Lisboa, em meados daquêle ano.

*mentos illustrados que não andassem obcecados pelo que ahí chamam politica do dia, de achar no homem que melhor se tem feito entender do publico no jornalismo noticioso e instructivo, um campeão sincero e denodado do progresso agricola, unica base segura da regeneração profunda e duradoura d'este paiz.»*

Bem o mostrou Eduardo Coelho no ardor com que promoveu a realização d'aquela brilhantíssimo certame, que durante três meses mais de 150:000 pessoas visitaram e encareceram; bem lho certificaram todos os seus colegas nessa longa e fadigosa tarefa, e designadamente a Real Associação Central de Agricultura Portuguesa<sup>140</sup>; melhor do que ninguêem lho testemunhou o presidente da comissão executiva da exposição, ao dirigir-lhe, poucos meses depois de encetados os trabalhos, o seguinte honrosíssimo officio:

«Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.—Tenho a honra de communicar a V. Ex.<sup>a</sup> que a comissão executiva da *Exposição agricola* resolveu por unanimidade em a sua penultima sessão, que se lançasse na acta um voto de agradecimento pelos relevantísimos serviços que V. Ex.<sup>a</sup> se dignou prestar no emprehendimento da exposição.

«Foi uma homenagem devida aos esforços e dedicação com que V. Ex.<sup>a</sup> põe sempre a sua alta intelligencia, a sua habil penna e o seu trabalho desinteressado ao serviço de todos os committimentos que podem tornar-se uteis nos seus resultados ao nosso paiz.

«Pela minha parte, eu que seguí de perto a iniciativa que V. Ex.<sup>a</sup> tomou na imprensa, não só no seu excellente jornal, como em todos os que se publicam no paiz, tenho por certo que é a V. Ex.<sup>a</sup> que se deve a realização da exposição agricola.

«Sempre ao meu lado, incansavel e dedicado no trabalho, cumpre-me agradecer a V. Ex.<sup>a</sup> todo o importante auxilio que se dignou prestar-me, e sem o qual, decerto, me teria sido difficil attender aos variados e multiplicados serviços d'uma exposição.

«Deus guarde a V. Ex.<sup>a</sup>—Sala da comissão executiva da *Exposição agricola* em 18 de maio de 1883.

«Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Eduardo Coelho, digno vogal da comissão executiva da *Exposição agricola*.

A. DE AGUIAR.

Não muito depois da data deste officio, Antonio Augusto de Aguiar, de cujos patrióticos cometimentos Eduardo Coelho foi sempre o mais convicto propagandista, devia encontra-lo de novo a seu lado, a pugnar pela iniciativa dos melhoramentos do porto de Lisboa.

<sup>140</sup> «*A Real associação central de agricultura portugueza confere a MEDALHA DE HONRA ao Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Eduardo Coelho por serviços prestados á agricultura portugueza na Exposição agricola, em Lisboa, de 1884 (sessão da direcção em 23 de maio de 1884). Lisboa 28 de maio de 1885. — O vice-presidente da direcção (a) Visconde de Sanches de Baêna. — O secretario (a) Antonio Batalha Reis.»*

Haviam êstes merecido ao finado jornalista, desde os primeiros anos do seu *Diario de Noticias*, as mais ardentes simpatias. Reclamava-os desde 1870, e quinze anos depois, logo que se pensou em dar-lhes realiação prátca, imediatamente consagrou a sua pena e a sua actividade á defeza dessa idea e do homem público que por ella veio mais tarde a sacrificar a pasta de ministro.

Não lhe faltaram por essa ocasião insinuações, nem faltou quem o accusasse de haver tomado a côr política do estadista cujos actos defendia. A isto, porém, respondia êle que não considerava haver de nenhum modo deixado de ser *incolor* com relação á política partidária, obrigado e acostumado como estava «a apoiar, fóra dos interesses dessa politica, todos os esforços tendentes a effectuar todos os melhoramentos publicos, e consequentemente apoiando um ministro que buscava realisar um desses melhoramentos».

«Esta crença da necessidade absoluta, immediata, inadiavel de melhorar as condições deploraveis do porto de Lisboa, trazemol-a no espirito ha mais de 15 annos, e por ella temos sido e seremos devotadissimos a todos os ministros que nos disserem crêr neste crêdo, que é tambem o crêdo e o partido de muitos milhares de pessoas da capital.»<sup>141</sup>

De tais acusações era, todavia, largamente compensado pelos testemunhos de gratidão com que especialmente o comércio de Lisboa por mais de uma vez o distinguiu.

A Associação Comercial votava-lhe louvores e agradecimentos pelo patriotismo com que advogava uma questão «*que sem duvida era da maior e mais inadiavel importancia para o nosso paiz*», e numa carta publicada no *Commercio de Portugal*, em agosto de 1885, os directores da mesma Associação, signatários da mensagem de agradecimento dirigida ao presidente do governo, Fontes Pereira de Mello, a propósito da apresentação do projecto para as obras do porto, testemunhavam que «aos esforços da imprensa, principalmente d'estas duas folhas (*Commercio de Portugal* e *Diario de Noticias*) se devia a grande satisfação de verem realisadas as suas aspirações, e attendidos os votos da grande maioria da capital e do paiz.» Não eram estas palavras mais do que a confirmação dos termos em que Antonio Augusto de Aguiar, na sua célebre conferência de 4 de fevereiro de 1885, na sala da Associação Comercial de Lisboa, se referira a Eduardo Coelho e ao falecido Visconde de Melicio, agradecendo-lhes a sua coadjuvação e os seus serviços.

<sup>141</sup> *Diario de Noticias* de 25 de janeiro de 1885.

Os melhoramentos do porto foram decretados não muito depois da saída de Aguiar da pasta das obras públicas. O tempo veio fazer justiça ás intenções do ministro e de todos os que o apoiaram, e não é, certamente, nem áquele nem a êstes que se devem os erros, se os houve, no modo como se realizou um projecto, que foram unânimes em declarar de inadiável execução as Câmaras Municipais de Lisboa e Belém, a Junta geral do distrito, as Associações Commercial de Lisboa, Promotora da indústria fabril, dos Engenheiros, dos Jornalistas e Escriutores Portuguezes, as Sociedades de Geographia e das Sciências Médicas, todas as corporações, emfim, ouvidas e consultadas sôbre a necessidade daquele arrojado cometimento.

Bem justificadas eram portanto as palavras com que o sr. Manoel Emygdio da Silva, que foi dedicado amigo de Eduardo Coelho e que é um dos mais antigos e ilustres colaboradores do *Diario de Noticias*<sup>142</sup>, se referia ao fundador dêste jornal, em dezembro de 1904:

„Um traço muito característico do *facies* moral de Eduardo Coelho era o seu devotado amor pelos grandes melhoramentos publicos, por tudo que concorresse para o engrandecimento do seu paiz.

„Um dia põe o seu jornal e a sua penna ao serviço do commercio da capital: e o projecto das obras do porto de Lisboa encontra no *Diario de Noticias*, pela sua propaganda tenaz e efectiva, o primeiro paladino da Imprensa.

„Outra vez, é a industria portuguesa a quem Eduardo Coelho dá uma prova de muito affecto, accetando com enthusiasmo o logar de vogal da *Commissão do Inquerito Industrial* nomeada pelo ministro Antonio Augusto de Aguiar, cargo absolutamente gratuito mas trabalhosissimo, que o obriga a visitar todas as fabricas do districto de Lisboa e a trabalhos de gabinete demoradissimos, a elle que tinha sempre o tempo tão occupado pelos labores do jornalismo!

„Como *touriste* eram ainda os grandes melhoramentos materiaes que attrahiam o jornalista, que adorava as viagens.

„Duas vezes recebi a visita d'elle, expressamente para vêr as obras de duas linhas ferreas em construcção: em 1881, na Guarda, d'onde o levei a percorrer o lanço do caminho de ferro da Beira Alta, de que eu era conductor de trabalhos; e em 1887, em Mirandella, antes da abertura da linha de Foz Tua, cuja construcção arrojada e os homens que n'ella collaboraram, quasi que cantou no seu jornal. . . .

„Só em almas grandes se accendem tão grandes enthusiasmos!“<sup>143</sup>

<sup>142</sup> Desde junho de 1886, segundo consta dos respectivos livros de registo.

O sr. Manoel Emygdio da Silva redige, com superior competência, desde fevereiro de 1904, a *Crónica financeira* do *Diario de Noticias*, e tem publicado neste jornal, com o pseudónimo *L. Mano*, artigos de grande valor crítico e literário.

<sup>143</sup> *Diario de Noticias* de 29 de dezembro de 1904.



Caricaturas de Raphael Bordallo Pinheiro e Eduardo Coelho,  
 executadas e oferecidas pelo primeiro, com os seguintes dizeres: «Lx.<sup>a</sup> 25 agosto 1879  
 A Eduardo Coelho—Raphael Bordallo Pinheiro»,  
 e ao fundo «Agradece»  
 c<sup>m</sup>,16 × o<sup>m</sup>,10

## II

Dizia frequentemente Eduardo Coelho que havia uma cousa mais justa ainda do que a própria justiça, que era a magnanimidade.

D'esta, tanto como duma caridade inexaurível e duma perfeita compreensão e rigorosa observância dos seus deveres cívicos, é a sua vida uma ininterrupta sequência de exemplos <sup>144</sup>.

«A bondade de Eduardo Coelho, (escrevia Alfredo Ribeiro numa folha satírica da capital) não era daquellas a que cabe o adjectivo «proverbial», porque o réclame se encarrrega de as tornar notorias. Havia tanta delicadeza de sentimentos no seu modo de ser bom, tanta singeleza e modestia nos grandes actos que praticava constantemente, que o beneficio ou o favor só ficavam conhecidos da pessoa que os recebia, porque elle proprio nunca mais se recordava de os ter feito. Bastantes esqueceram o que lhe deviam, mas elle não se fez lembrado.»

O distinto jornalista Marques Gomes contava no n.º 3974 do *Campeão das Provincias*, de Aveiro, por ocasião da estada de Eduardo Coelho naquella cidade, o seguinte episódio da vida do fundador do *Diario de Noticias*, quando êste era noticiarista da *Revolução* :

«Era já tarde; cançado pelo trabalho de redacção na *Revolução de Setembro*, e desalentado com o futuro, recolheu-se a casa, que então era um mais que modestissimo quarto duma agua furtada dum predio qualquer. Eduardo Coelho, por economia de tempo, ou porque confiava demasiado que nenhum gatuno se aventuraria a ir dar-lhe *varejo* aos seus haveres, taes eram elles, nunca levava a chave da porta. Quando entrou, e ia para deitar-se, encontrou um homem dormindo socegradamente no seu pobre grabato.— Talvez ainda seja mais infeliz do que eu, coitado, disse Eduardo Coelho, e cerrando a porta, saíu, indo passar o resto da noite para a redacção da *Revolução de Setembro*, onde dormiu sobre algumas resmas de papel de impressão.»

<sup>144</sup> «A sua vida foi uma pagina brilhante, foi um pequeno evangelho escripto com a resignação dum crente e com a serenidade dum trabalhador honesto. Como que sentia um prazer ineffavel em se humilhar com os humildes, em acariciar todos os que tinham necessidade de lutar, em proteger todos os que se achavam maltratados de alguma iniquidade social.» *Diario de Noticias* de 17 de maio de 1889.

Nem frequentemente, contudo, as próprias pessoas beneficiadas tinham conhecimento de quem as favorecia. Prova-o um facto, recordado por Marques Gomes, no n.º 3794 do *Campeão das Provincias*: «Eduardo Coelho, que era caritativo em extremo, das duas vezes que esteve aqui, soccorreu com mão generosa algumas familias verdadeiramente necessitadas, as quaes nunca souberam o nome do seu bemfeitor, porque elle lho occultou, e me pediu igualmente que o não denunciasse—pedido que satisfiz.»

Examinando a vida de Eduardo Coelho sob êste simpático aspecto, Manoel Pinheiro Chagas, num artigo que tenho quase por completo trasladado para êste trabalho, tam bem êle se ajusta á individualidade que aprecia, escreveu :

«Com que ardor e com que perseverança elle toda a sua vida lidou para ganhar o seu pão e o pão dos seus ! Passou fome muitas vezes nesses laboriosos dias em que compunha, como typographo que era, a prosa de escriptoresinhos que valiam muito menos que elle, e ao mesmo tempo estudava. Emfim, chega a hora abençoada do nascimento do *Diario de Noticias*. Entra-lhe o ouro á flux pelo seu escriptorio até ahi nú e desagasalhado, e continúa infatigavelmente a trabalhar no seu abençoado jornal. Por avareza ? Não ! em assumptos de caridade, de patriotismo, era um prodigo.

Cuidou da sua familia, poz a sua bolsa e a sua influencia á disposição de seus irmãos, de suas irmãs, sempre modestas e sempre amparadas por elle. Conservou ao seu lado no *Diario de Noticias*, que o enriquecera, os seus primeiros companheiros de trabalho, era para os seus collegas da imprensa um protector constante e um favorecedor occulto, porque muitos lhe deveram soccorros que nunca ninguem conheceu.»

Como exemplo, Pinheiro Chagas narra o seguinte curioso factó, um dos muitos que do mesmo género podiam apontar-se na vida do bondoso jornalista :

«Fundou-se em Lisboa uma associação a que Eduardo Coelho dedicou muito carinho e muito affecto... Tinha na sua séde objectos importantes e de valor. O guarda, porém, desses objectos era um pobre homem, tagarella, cheio de pretensões a ser elle a alma da sociedade, que Eduardo Coelho empregára para que elle tivesse seguro um pedaço de pão.

«Mas o homem não vive só de pão, como Jesus Christo disse, e desta phrase evangelica muita gente se serve para sustentar a opinião de que, sem uma boa pasta de manteiga, e até mesmo sem uma lambuzadella de compota... não vae. Para a manteiga, sempre o tagarella do homem conseguia explorar a condescendente algibeira de Eduardo Coelho, mas a marmelada adjacente ?

«Quando este personagem original, que eu tenho pena de não poder descrever claramente, porque já morreu, e tem familia talvez que não gostaria de o vêr exposto ao riso publico, quando esse personagem, pois, sentia o appetite irresistivel da marmelada para condimentar o pão de cada dia, pegava em todos os objectos de valor que se encontravam na sala da sociedade, onde só o que se não encontrava era socios, e fá empenhal-os. Grande pandega durante uns poucos de dias, até que um visinho caridoso, industriado talvez pelo proprio auctor do crime, corria a casa de Eduardo Coelho a aviçal-o do que se passava.

«O pobre Eduardo Coelho, mortificado, inquieto, mettia a sua carteira de notas na algibeira, e ahi fá elle resgatar os objectos da sociedade. O guarda infiel ouvia de orelhas baixas as objurgatorias de Eduardo Coelho, as ameaças de ser posto na rua, caía-lhe aos pés, chorava e falava na sua familia, dizia-lhe que fá morrer de fome.

«Eduardo Coelho commovia-se e perdoava, obrigava-o a fazer um juramento solemne, e ia-se embora socegado, dizendo comsigo:—Pobre homem !

«Dahi a quinze dias, é claro, recomeçava a viagem dos objectos de valor, a vida à *grands-guides* do guarda infiel, a corrida do visinho á casa de Eduardo Coelho, a corrida de Eduardo Coelho com a carteira das notas para a casa de penhores, a scena das objurgatorias, a scena do arrependimento, a scena do perdão. Se o homem não morre, e se não morre tambem de todo a sociedade, esta peregrinação não acabava senão agora».

Houve um homem, de triste celebridade, que interpretando mal o que Eduardo Coelho a respeito dele escrevera em um folhetim do *Diario de Noticias*, se julgou ofendido a ponto de haver tentado dar a morte ao autor do escrito.

Êsse homem foi o último carrasco que existiu em Portugal, e antes e depois daquela tentativa, Eduardo Coelho não teve para essa tam sinistra criatura senão palavras de comiserção e de piedade.

«A proposito do folhetim *O ultimo carrasco em Portugal*<sup>145</sup> succedeu comnosco (contava Eduardo Coelho, no seu *Diario*, em 1 de junho de 1885) uma anecdota tão singular como tragica, e que era ha dias referida com bastante graça pelo nosso collega *A Verdade*, de Thomar, que nol-a ouvira contar no Limoeiro, quando ha dias ali fomos visitar o jornalista republicano, e nosso collega da imprensa politica, o sr. Magalhães Lima.

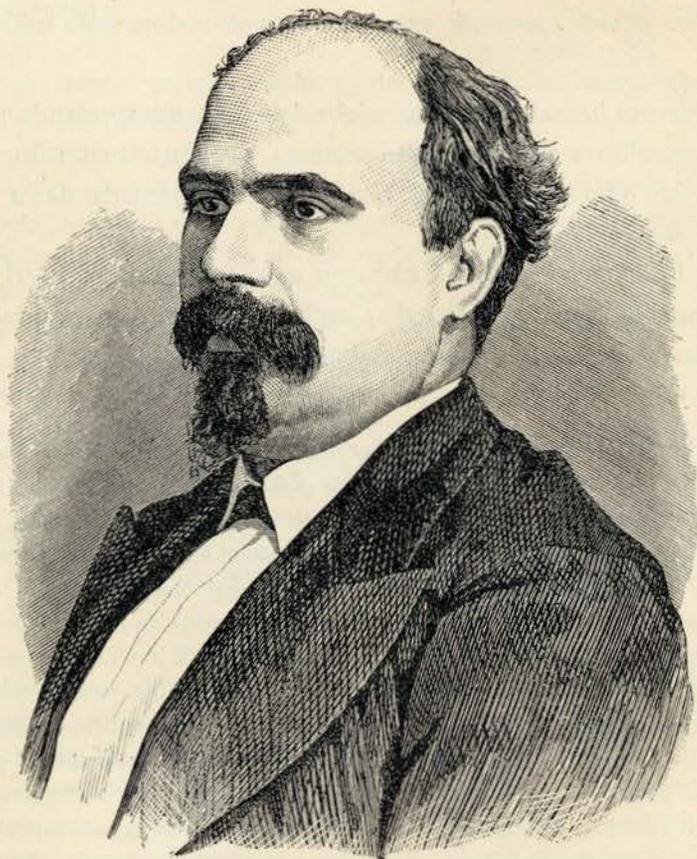
«O carrasco Luiz Negro ouvira lêr o folhetim na enxovia do Limoeiro, e não o compreendeu, signal certo de que elle não estava bem escripto. E jurou que havia de matar o auctor. Pois o folhetim era piedoso com o carrasco, quasi que lhe chamava até homem de bem. Só se foi por isso. Tomou uma lima velha o carrasco, e aguardava a occasião de nós passarmos no cortejo da visita ás prisões no dia da communhão solemne aos presos, para nos furar o peito ou o abdomen. Dois presos que ali estavam e souberam da intenção damnada do Luiz Negro, tiraram-lhe isso da cabeça, contou-me depois um delles. — «Porque a minha morte em dia tão solemne seria um grande escandalo!» Era para agradecer.

«Tambem desta vez o pobre carrasco aboliu a pena de morte.»

<sup>145</sup> Foi publicado este folhetim no *Diario de Noticias* n.º 734, de 23 de junho de 1867, por ocasião da abolição da pena de morte em Portugal. Eduardo Coelho dedicara-o a Victor Hugo, que lho agradeceu em carta, datada de Hauteville-House, em 2 de julho, e cuja tradução é a seguinte:

«*Está, pois, a pena de morte abolida nesse nobre Portugal, pequeno povo que tem uma tam grande história! Penhora-me a recordação da honra que me cabe nessa vitória illustre. Humilde operário do progresso, cada novo passo que êle avança me faz pulsar o coração. Este é sublime. Abolir a morte legal, deixando á morte divina todo o seu direito, e todo o seu mistério, é um progresso, augusto entre todos. Felicito o vosso parlamento, os vossos pensadores, os vossos escritores e os vossos filósofos! Felicito a vossa nação. Portugal dá o exemplo á Europa. Disfructai de antemão essa imensa glória. A Europa imitará Portugal. Morte á morte! Guerra á guerra! Ódio ao ódio! Viva a vida! A liberdade é uma cidade imensa da qual todos nós somos cidadãos. Aperto-vos a mão como a meu compatriota na humanidade, e saúdo o vosso generoso e eminente espirito.* — VICTOR HUGO.»

Se nas suas críticas, como êle mesmo escreveu, sempre se inspirava no pensamento de Chateaubriand, que dizia preferir «a grande e fecunda



EDUARDO COELHO

Reprodução da prova, rara, de uma gravura de SEVERINI, 1879

crítica das belezas á pequena e mesquinha crítica dos defeitos», na resposta aos que o criticavam mantinha invariavelmente, a par duma exemplar cordura, a mais perfeita e irrepreensível lealdade.

Insultado em um jornal, por um sacerdote a quem sempre rendera elogios, Eduardo Coelho, sem o menor azedume, respondia-lhe no *Diario de Noticias* que «lhe perdoava as ofensas, como mandam as maximas cristãs, e nem sequer lhe retirava as apreciações agradaveis que no jornal tinha feito a alguns dos seus sermões».

Agredido insolentemente em uma folha da província por um jornalista que ao *Diario de Noticias* só devia provas de deferência e de simpa-

tia, choveram em casa de Eduardo Coelho as informações mais precisas e os esclarecimentos mais fidedignos àcerca da vida, da família e do carácter do seu agressor. De nenhuma dessas armas, porém, ele usou, posto que fôsem bem de molde a proporcionar-lhe um triunfante desagravo; e, sem uma alusão sequer ao muito que sabia, sem a mais ligeira insinuação pessoal, preferiu destruir, uma a uma, as deprimentes acusações que lhe eram dirigidas por quem mais tarde vinha publicamente a reconhecer a nobreza de carácter daquele a quem havia agravado.

Melindrado pela propositada exclusão do seu jornal, que, por ser uma folha popular, não havia sido convidado para uma tourada de fidalgos que em 1865 se realizou em Lisboa, e para a qual não havia bilhetes pagos, Eduardo Coelho, sem uma queixa, noticiava e encarecia o espectáculo, tanto como se houvesse efectivamente recebido convite, e, a pretexto de compensar os seus leitores da falta duma notícia circunstanciada do que ali se passasse, prometia-lhes «a descripção d'uma esplendida tourada de fidalgos no reinado de el-rei D. Pedro II, para que se visse com que fabulosa magnificencia eram feitas taes funcções naquelles aureos tempos».

A descripção era publicada dias depois, e constituiu uma série de notáveis folhetins, com o título — *Uma tourada no seculo XVII* — que chamaram as atenções gerais e fizeram sensação na capital.

A lição, assim indirectamente dada, aproveitou, e o nome do *Diario de Noticias* nunca mais foi, nem de propósito nem por inadvertência, esquecido dali em diante.

Mais de uma vez, apesar da urbanidade do seu trato e dos seus escritos, êle se viu envolvido em pendências, que nem próxima nem remotamente provocara. Era essa «*comica historia dos seus duelos*», que êle, em um folhetim do seu jornal, prometia vir a contar, e da qual restam alguns documentos, que são verdadeiros modêlos de sensatez e de firmeza.

Vinha de longe no finado jornalista a sua repugnância pelos duelos-farças. Quando cronista do *Conservador*, escrevera êle:

«Era já tempo de se acabar com a ridicula fanfarronada dos duellos, que tornam os casos mais serios em caricatos entremezes... Ai! D. Quixote, para que ensinaste tu esta geração de basbaques a bater-se com os moinhos!»

Quando, pois, em 1866, o procuraram dois emissários dum indivíduo que por êle se julgara ofendido, e que lhe propunha um duelo, Eduardo Coelho, explicando a recusa com que lhes respondera, escrevia, em carta

dirigida ao redactor do *Jornal do Commercio*, e datada de 20 de setembro daquele ano:

«Queriam que eu desmentisse a minha verdadeira carta de domingo, e como eu me negasse formalmente, porque nunca me retracto do que escrevo por meu proprio punho, propunham-me um duello. Ora eu tenho-me batido algumas vezes pela verdade, senhora de minha particular estima, em luctas incruentas, porque ella me impõe como preceito que, para a conquista dos seus agrados, só valem razões proprias de gente que pensa.

«Além disto eu sou mau alvo; as balas em mim fazem ricochete, e podiam ferir o adversario, e eu ficar tido por assassino, o que era incompativel com a minha posição de jornalista; ou podia o acaso querer que ellas me ferissem, o que era prejudicial á minha commodidade, e dava a entender que os meus adversarios eram mais verdadeiros do que eu, coisa que não posso consentir.

«Podia tambem, e é isso costume cá na terra, o duello descahir em farça, e só gosto de figurar nas farças que escrevo, e a commissão de censura approva. Demais, nos meus exercicios ao alvo, não uso de balas de papel; e se como jornalista respeito as leis do meu paiz, como cidadão ando sempre prompto para o que der e vier.

«Recusei, pois, aceitar o papel que incompetentemente me era distribuido nessa farça, declarando todavia que *respeitava o direito de represalia*. Já se vê que estou disposto a morrer, e por isso vou fazendo este testamento».

No dia seguinte ao da publicação desta carta, dois individuos, usando do direito de represália, que êle lhes facultara, esperaram-no e agrediram-no. Levado á presença da autoridade, Eduardo Coelho, afirmando que não tinha de que se declarar queixoso, pediu apenas que no respectivo auto se consignasse a verdade, isto é, que ficasse bem claro que eram dois contra um, que êsse um não recuou nem fugiu, e, se se quizesse tornar mais circumstanciada a narrativa, que se acrescentasse ainda que, apesar da diferença do número, os agressores não tinham saído incólumes da refrega.

—Este Coelho é um *gentleman!* dizia frequentemente o folhetinista Lopes de Mendonça, no tempo em que aquele não era mais do que um humilde e quasi desconhecido noticiario da *Revolução de Setembro*.

«O seu *savoir plaire*, (escrevia bastantes anos depois, muito posteriormente á morte do insigne jornalista, o seu dilecto amigo Manoel Emygdio da Silva), resultante de uma natural bonhomia e de uma alma aberta sempre a tudo quanto era admiravel, captivava a todos»<sup>146</sup>.

Nunca, efectivamente, estas justas apreciações se desmentiram, tam natural e desafectada era a delicadeza do seu trato—essa irrepreensível

<sup>146</sup> *Diario de Noticias* de 29 de dezembro de 1904.

delicadeza que levou Jules Lermina a afirmar que em Lisboa não encontrara português mais genuinamente parisiense do que Eduardo Coelho — tam aprimorada sempre a gentileza do seu carácter, tam perfeita a correcção do seu proceder, tam ardente o seu culto pela verdade e pela justiça<sup>147</sup>, por mais opostas e difíceis que fôsem as situações da sua vida.

<sup>147</sup> Para atestar honrosamente esta afirmação, bastará reproduzir a carta que, a propósito da inauguração do monumento a Eduardo Coelho, dirigiu ao autor d'este livro o Dr. Marques Barreiros, então juiz da Relação de Lisboa:

Lisboa, 9-1-905.

... *Sr. Dr. Alfredo da Cunha e meu prezado amigo*

Ao recolher a Lisboa, findas as férias do Natal, encontrei o convite de v. para assistir á inauguração do monumento erigido a Eduardo Coelho.

Agradeço esta distincção que muito me honra, e sinto não ter recebido o convite a tempo de comparecer.

Se eu fosse, teria frisado no acto o amor de Eduardo Coelho pela justiça, virtude que ninguém notou, segundo me parece.

Este illustre homem de trabalho e de valor intellectual sentia-se bem quando nos tribunaes exercia funcções de justiça, affirmando nellas a sua imparcialidade.

Não evitava o serviço de jurado; procedia como aquelle official inglez que tendo no mesmo dia de commandar um regimento e de servir no jury criminal, preferiu este áquelle serviço, por o considerar mais honroso e obrigatorio.

Ha bons trinta annos, no 1.º districto criminal, na Boa Hora, em audiencia geral presidida por o energico juiz Ferraz de Pontes, hoje distincto ornamento do Supremo Tribunal de Justiça, discutia-se uma causa criminal importante, na qual a accusação era representada, por parte do ministerio publico, por quem escreve estas linhas, e a defeza pelos notaveis advogados drs. Oliveira Valle e Alves da Fonseca.

Na esquina do primeiro banco do jury estava assentado um homem de rosto sympathico, de olhar vivo e insinuante, attento á discussão, sem perder uma palavra do que se dizia, inquerindo elle proprio as testemunhas nos pontos mais difíceis de averiguar, faculdade da qual raramente usam os jurados.

Depois, quando se seguiu a discussão oral, elle, por acenos de cabeça, pelo sorriso, pelo faiscar intelligente dos olhos, pela attenção prestada ao julgamento, a ponto de parecer que a sua alma e coração com elle se identificavam, seguindo tudo, mostrava bem como o espirito da justiça illuminava o seu rosto de bondade.

Era eu então muito rapaz, e, impressionado pelo que via, entrei na discussão com o calor da mocidade.

Quando a audiencia findou, aquelle homem, que eu não conhecia pessoalmente, adiantou-se para mim, com palavras de bondade e animo, abraçando-me: era o grande jornalista Eduardo Coelho, de saudosa memoria.

Este facto foi para mim como a melhor das condecorações; e não tenho outra.

Por mais duas vezes lhe notei egual procedimento no tribunal como jurado.

Desde então nunca a sua amizade me desamparou; a seu convite collaborei no *Diario de Noticias*, durante os poucos annos que me demorei em Lisboa por esse tempo; por sua mão entrei como jornalista no *Jornal da Noite*, *Jornal de Lisboa*, *Partido Constituinte*, *Revolução de Setembro*, escrevendo pouco, porque o serviço publico mais não permittia.

Devia estas palavras de gratidão á illustre memoria do saudoso extincto, e envio-as a v. como agradecimento ao seu honroso convite.

E tambem o felicito pelo progresso do *Diario de Noticias*, que encheria de orgulho o seu fundador, se elle cá voltasse.

Envio a v. os meus respeitos como seu amigo, etc.

*A. D. Marques Barreiros.*

## III

Pelo que respeita ás qualidades propriamente literárias de Eduardo Coelho, é certo que jámais o estilo retratou melhor o homem.

Como Villemessant, êle parecia *falar com tinta*, tam simples, tam despretenciosa era a sua maneira de escrever, principalmente nos artigos do *Diario de Noticias*, que quase lhe absorveu por completo a actividade intellectual dos últimos vinte e cinco anos da sua vida, e cuja leitura êle também fizera entrar como um hábito imprescindível na vida dos milhares de habitantes da capital.

Num artigo que Guilherme de Azevedo firmou com o pseudónimo *João Rialto*, e que acompanhava a admirável caricatura de Eduardo Coelho no *Album das glorias*, devida ao lápis de Raphael Bordallo Pinheiro, esta verdade transparece através do mais delicado humorismo:

«Depois do código fundamental da monarchia o *Diario de Noticias* é a criação mais significativa que no meio seculo decorrido tem visto a luz no solo portuguez. No seu persistente trabalho de sapa, nos ultimos quinze anos, aluiu pela base, quasi sem ninguem dar por isso, todos os velhos costumes, todas as velhas tradições, todos os velhos idolos. Pela lisonja da publicidade animou as Associações a supplantarem as Irmandades, as Philharmonicas a calarem as Ladainhas, a Opinião a assoberbar os governos, e todavia continuou sempre a captar as sympathias, tanto da carta como do dogma, proclamando todos os dias aos povos, logo pela manhã, que «suas magestades e altezas passam sem novidade em sua importante saude» e que o Lausperenne é na igreja conventual do Bom Successo—rito duplex.

«Ninguem como Eduardo Coelho tem mostrado o supremo talento de saber guilhotinar mais subrepticamente o pescoço das victimas com uma penna de pomba...

«Ninguem como elle tem realisado o milagre de fazer duma simples folha de papel, impressa dos quatro lados, uma necessidade publica!

«Cada um de nós, quando acorda pela manhã, se julga incompleto sem o *Diario de Noticias* á cabeceira. Precisamos d'elle para saber se fomos aleivozamente assassinados emquanto dormiamos, ou para nos commovermos com o discurso sentido que um amigo dedicado nos dirigiu na vespera á beira da sepultura.

«Pelo *Diario de Noticias* pautamos as nossas acções quotidianas, por elle nos guiamos desde o berço até a sepultura.

«Como obra de philosophia pratica o *Diario de Noticias*, entre nós e no nosso meio, é completo, porque é a justa expressão do estado mental da sociedade portugueza n'um momento dado. Só vae um quasi nada além do seu tempo, o necessario para a multidão a quem se dirige não dar por isso, nem ser violentada nos seus habitos domesticos ou nas tradições de familia. Accusam-no varios pensadores audazes, emquanto tomam o seu chá



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

DEPOSITADO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

CÓR NA FACE, INCOLOR NA FOLHA

Notável caricatura de **Eduardo Coelho** no *Album das Glórias*,  
de Raphael Bordallo Pinheiro,  
onde foi publicada com artigo de *João Rialto* (Guilherme d'Azevedo)

o<sup>m</sup>,33 × o<sup>m</sup>,215

com torradas, de ser uma folha *sem côr* e de se preocupar mais com a côr dos paramentos do que com os matizes dos partidos; entretanto é certo que o *Diario de Noticias*, nascendo num meio essencialmente *descorado*, tinha de ser tal qual o recebemos todos os dias ao levantar da cama, *incolor*, a fim de não ferir o órgão visual dos assignantes.

«Passando da folha para o escriptor que a inspira, Eduardo Coelho, trabalhador persistente e honesto, é entre nós o creador intelligente da *pequena imprensa*, essa prodigiosa invenção que se deve considerar a mais poderosa alavanca democratica das sociedades contemporaneas. Elle abre o seu coração a todas as expansões commovedoras, e não só abre ao mesmo tempo a bolsa, mas tem obrigado a de muitos argentarios sequiosos de fama a abrirem a sua a muitas solicitações da fome.

«O *Diario de Noticias*, posto ao serviço da idéa do centenario de Camões, produziu ainda não ha muito o bello movimento espirital que só por si resume o symptoma mais consolador que á nossa geração tem sido dado apreciar. Por essa experiencia poude avaliar-se a força de que dispõe a folha aparentemente inoffensiva, que em mãos ambiciosas podia ser um ariete, mas que nas de Eduardo Coelho é tão sómente um *orgão!*

«Acabadas as festas do tricentenario, uma folha governamental chamou ao *Diario de Noticias* socialista! O governo podia ter mandado entregar a Eduardo Coelho a commenda da Conceição, e era-nos então licito desconfiar dos intuitos com que o jornalista iniciou essa batalha de reconhecimento nacional. Assim, o louvor dos homens justos é devido sem restricções áquelle que, dando quotidianamente noticia de tantos costumes bons e maus introduzidos no seio dos povos, quiz tambem por sua vez introduzir no seio dos seus concidadãos o costume de lêr».

Sendo suas principais características as informações e o noticiário, o *Diario de Noticias* não podia deixar de ter á sua frente um mestre na *reportagem*. E teve-o realmente em Eduardo Coelho, que pode apontar-se como perfeito exemplo dos *reporteres* mais activos e perspicazes. De tal modo que ainda até hoje nenhum outro o excedeu na presteza admirável com que tudo sabia e de tudo colhia informações minuciosas, na pasmosa exactidão com que reproduzia quanto ouvira, ou fôsse um simples dito, colhido de passagem numa conversação de homens de espírito, ou o discurso mais longo, ou a mais longa e enredada e fatigante discussão pública.

«Eduardo Coelho tinha grandes qualidades de jornalista (escreveu o sr. Ramalho Ortigão). Ninguém fazia melhor um *compte-rendu*, ninguem escrevia com mais sal a gazetilha em verso, á hespanhola»<sup>148</sup>.

Com razão, pois, eram apontadas, como das mais salientes e notáveis qualidades do finado jornalista, estas a que me refiro, e que o tornaram o cronista de mais recursos da imprensa portuguesa.

<sup>148</sup> *Diario de Noticias* de 29 de dezembro de 1904, pag. 7.

«Quando assistia a uma cerimónia em que se pronunciavam discursos, (escreveu Manoel Pinheiro Chagas num artigo do jornal o *Paiz*, do Rio de Janeiro) a um acontecimento qualquer de mil episodios que elle tivesse rapidamente de narrar, ninguem sabia como elle apanhar os toques principais dos discursos pronunciados, encontrar entre as mil peripecias que se passavam diante dos seus olhos, aquellas que deviam dar ao publico a sensação mais exacta. Muitas vezes estive ao seu lado, nessas occasiões, e maravilhava-me a precisão rigorosa dos largos telegrammas que enviava para o *Diario de Noticias*.»

Não era todavia tam fácil como á primeira vista pode parecer, esta arte, em que não tinha competidor. Isto de dar notícias, dizia um espi-rituoso folhetinista, requiere uma sciência especial. «Ha noticiaristas perigo-sissimos, e noticias, que o publicar-as é pura calamidade. É preciso, pois, que a curiosidade dê o braço á prudencia, e que a justiça ande a par da sisudeza. Nem a satira que envenena, nem a maledicencia que mata, nem a politica que intriga, nem a polémica que incomoda.»

Julio Cesar Machado, êsse outro illustre e querido morto, num belo artigo publicado no jornal de Lisboa *O Reporter*, em que sentidamente exaltava a memória de Eduardo Coelho, escrevia em maio de 1889:

«A maxima de um antigo, de *não deixar passar um dia sem escrever*, foi tambem a deste... Ninguem suppunha, ninguem calculava já que era elle quem escrevia ainda, quem escreveu até á ultima o primeiro artigo de cada numero do seu jornal; foi como certas ar-vores dos climas felizes, que não cançam de produzir, e ainda dão fructo... depois da colheita.

«Fallam de quem possa trabalhar por gosto? Ahi estava um.

«Deleitando-se com os divertimentos publicos, frequentador assiduo de theatros, propenso a reuniões, o principal encanto das suas manhãs e das suas noites era, todavia, o jornal; e, no intervallo dessa tarefa, que tomaria absolutamente o tempo a outro, comprazia-se em planear trabalho, preparar, dispôr, projectar, apontando do que vira e ouvira na sua laboriosa carreira, para os artigos do seu *Diario*, e para artigos, contos, esboços, quadros literarios, destinados a outras publicações.

«Fazia isso sem ostentação; por simples amor ao trabalho; por ter a consciencia de se entenderem bem, elle com os seus leitores, os seus leitores com elle. — E assim era; porque não seja a dialectica o que melhor convence, e as graças da eloquencia constituam uma parte apenas das qualidades do jornalista, ou do advogado que defende uma causa: o Cicero exigia outra — a probidade, e dava-lhe o primeiro logar: *vir bonus dicendi peritus*. Esta era principalmente a delle».

.....  
«No jornal, a moderação foi o seu credo.

«Por isso mesmo, qualquer meia palavra opposicionista, assumia, no seu artigo, uma importancia reveladora.

«Empregava de proposito e com exito os cambiantes, os tons esmorecidos, as tintas indecisas, como nas das tapeçarias dos castellos velhos... Atenuava, discretamente, os pormenores, e, num fundo de meias côres, fazia destacar com todo o valor a sua intenção...»

«Apreciava as audacias, mas queria que a prudencia fosse o característico do jornal, e não se esquecia de que o apóstolo disse ter sido um dos mais graves resultados do peccado original o entregar o mundo á discussão...<sup>149</sup>—Nunca, porém, deixou de afirmar o seu parecer, e, ás vezes, como se já estivesse tractando de assumpto differente, dava resposta ao que lhe convinha, sem aliás, perder nunca de vista a corrente da opinião».

Se do estilo se passar ás intenções que guiavam a sua pena, ver-se-á como se confirma este juizo formulado por uma das folhas da capital: —era dos poucos que entre nós ainda fizeram o jornal pelo jornal, dedicando-lhe todo o seu esforço, toda a sua iniciativa e intelligência. Manteve-se sempre jornalista, na genuina e mais levantada acepção da palavra, não querendo nem procurando cargos que o desviassem da missão que se impuzera, e aceitando unicamente aqueles que, sem lançarem sobre os seus intuitos a mais ligeira suspeição de parcialidade política<sup>150</sup> e também sem recompensa de qualquer espécie—porque nunca desempenhou funções públicas remuneradas—lhe não dessem proveito, directo ou indirecto, a êle próprio, mas o dessem ao país que servia<sup>151</sup>.

<sup>149</sup> Numa biografia publicada no *Diario Ilustrado*, de 23 de abril de 1876, notava-se espirituosamente que Eduardo Coelho havia «acrescentado um mandamento aos dez já conhecidos: e não responderás ao jornal do teu proximo».

<sup>150</sup> Incluído, em 1885, na lista dos vereadores da câmara municipal de Lisboa, apresentou-se a declinar esta honra. (*Diario de Noticias* n.º 7:124).

<sup>151</sup> As distinções conferidas a Eduardo Coelho, á excepção da comenda da Ordem de S. Tiago oferecida e aceita, em condições muito particularmente honrosas, deveu-as a corporações literárias ou scientificas, ou a associações humanitárias e populares.

Eis a relação de algumas dessas distinções:—presidente honorário da Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes; sócio fundador, e em alguns anos membro do conselho central da Sociedade de Geografia de Lisboa; presidente da Associação Tipográfica Lisbo-nense; sócio honorário, e mais tarde benemérito, da Associação dos Artistas de Coimbra; sócio benemérito da Academia Civilisação; sócio honorário do Gremio Popular de Lisboa, e do Gremio Literário de Angra do Heroísmo; sócio correspondente do Instituto Vasco da Gama, fundado por Thomáz Ribeiro em Nova Gôa, e do Atheneu Commercial de Braga; sócio efectivo da Associação Commercial de Lisboa, e da dos Architectos Civis e Archeólogos portuguezes; sócio honorário da Associação dos Escriitores e Artistas Espanhoís, da Academia Mont-Réal de Toulouse, da Sociedade Poética Meridional; sócio correspondente da Sociedade de Geografia Commercial de Bordeus; membro associado da Associação Literária Internacional de Paris, do Instituto de Ensino Livre de Valladolid, etc. Pertenceu também a quase todos os institutos de beneficência de Lisboa.

Agraciado pelo govêrno espanhol com a comenda de Izabel a Católica, recusou tal mercê.

«No Congresso Litterario Internacional realisado em Lisboa (em 1880) Eduardo Coelho foi tambem duma dedicação extraordinaria, prestando inumeros serviços, o que lhe

Depois da criação do *Diario de Noticias*, poucos escritos reuniu em volume que não houvessem já sido publicados naquela folha, ou que não fôsem reprodução de trabalhos anteriores a 1865.

Escritor propagandista, ora inspirando-se nos quadros mais gloriosos da nossa história, ora tratando assuntos que mais directamente importavam á prosperidade do país e á ilustração do povo, os seus romances, os seus contos, as suas cartas de viagem encerram sempre ensinamentos proveitosos, e revelam todos um elevado intuito moralizador e educativo.

As narrativas das suas viagens, quer no estrangeiro, quer em Portugal, são um modêlo de singeleza, de observação e de verdade.

«Jornadeio na minha terra como simples burguez, que sou, sem aspirar á posteridade, nem á fama, para cujo templo aliás vejo irem peregrinando por facil caminho muitos contemporaneos, a quem não faço concorrência. Oxalá que haja logar para tantos. Eu acho prudente ficar no topo, de áquem da estrada luminosa, a vel-os, a admiral-os, e a fazer o registo das suas glórias. Escolhi o mister mais humilde e menos pretencioso».

Abrem estas palavras o seu formoso livro *Passeios na Provincia*, um dos que mais justamente foram encarecidos pela crítica.

Da colecção de contos *Historias de Hoje*, escrevia Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos:

«Contém dez artigos, historias, ou contos, chamem-lhes como quizerem. Em todos o pensamento é sisudo, as aspirações nobres, o resentimento contra a sociedade quasi nullo. A tristeza da desventura é copiada da natureza com grande felicidade; no quadro do vicio entram figuras de todas as classes; nos caracteres ha muita verdade; nos lances verosimilhança, e com frequencia ousadias acertadas... Em summa, é livro de boa leitura, e que póde andar em todas as mãos».

Foi com êste livro que Eduardo Coelho pretendeu inaugurar uma série de volumes, onde deviam ficar arquivados os escritos disseminados

---

mereceu o *officialato da Academia*, com que o governo da Republica franceza aprouve distinguir os seus acrisolados serviços ao congresso, e especialmente aos delegados francezes». *Perfis celebres*, n.º 2, agosto de 1886.

A Câmara Municipal de Lisboa conferira-lhe em 27 de setembro de 1869 a medalha de prata por serviços prestados durante a epidemia de febre amarela de 1857, e a Real Associação de Agricultura Portugueza concedeu-lhe a *medalha de honra* em 28 de maio de 1885.

por numerosas folhas políticas, literárias e noticiosas, salvando assim do esquecimento o melhor e mais valioso da sua obra de escritor.

A tarefa não foi contudo levada a cabo, embora em junho de 1872, no *Diario de Noticias* se annunciasse que iam entrar no prelo quatro tomos de obras literárias de Eduardo Coelho, sendo duas de *Explorações romantico-historicas*, e duas de *Phantasias, contos moraes e descrições*, devendo cada volume ter 250 páginas.

Uma outra obra projectada, e de que alguns capítulos ficaram em folhetins e nos *Brindes* do *Diario de Noticias*, devia intitular-se *Homens, mulheres e rapazes do meu tempo*<sup>152</sup>, havendo publicado affectuosas biografias de Antonio Rodrigues Sampaio<sup>153</sup> e Thomaz Quintino Antunes<sup>154</sup> e reunido elementos para a de Antonio Augusto de Aguiar, e sendo seu intento coligir um segundo volume de *Passeios na Provincia*, em que incluiria as notas de viagem ao Minho e á Beira Baixa.

Também daria um bom volume a selecção dos seus versos, igualmente inspirados nos mais altos e mais generosos sentimentos. Ou saudava o progresso, como nesta estrofe:

Vae-se enchendo de luz a noite densa  
Ao raiar dos clarões do dia novo  
No mundo social. Já brilha o povo ;  
Já o lavor da idéa se compensa ;  
É já poder a opinião ; a imprensa  
É o mais alto bastião da liberdade ;  
E a multidão já o theatro invade  
O obreiro a saudar que escreve e pensa.

ou exaltava a missão e os benefícios da instrução e da escola :

Prégae ! Abri o espirito da turba  
Aos fecundos clarões do sol bemdito ;  
Que veja a luz immensa do infinito  
E rasgue a treva densa que o conturba.

<sup>152</sup> Foram publicados os seguintes capítulos desta obra: *Episodio da emigração polaca* (o conde Sobolewski) no *Brinde* de 1872 e no *Diario de Noticias* n.ºs 14076 e 14077 de 5 e 6 de fevereiro de 1905, e *Meu Pai*, no *Brinde* do ano de 1875; *Henrique van Deiters* e *A doida do Bussaco*, no *Diario de Noticias* n.ºs 2:811, 2:812 e 2:827 do ano de 1873.

<sup>153</sup> Em *O Occidente* n.ºs 136 a 140 de 1 de outubro a 11 de novembro de 1882.

<sup>154</sup> Na *Encyclopedia das Encyclopedias—Diccionario Universal Portuguez Ilustrado*, vol. I, pag. 890.

Levae ávante esse evangelho novo  
 Que em seu texto amavel, santo, puro,  
 Diz :— «O estudo... é a estrada do futuro!  
 E a instrucção... a redempção do povo!

Exercei esse nobre patriotismo  
 Que ha de salvar, por fim, a sociedade,  
 Fazendo do direito uma verdade,  
 E arrancando as multidões do abysmo.  
 .....

Ao gostar da instrucção o doce travo  
 O povo adora o bem e foge ao crime,  
 Resgata-se do vicio que o opprime,  
 E surge livre, o cidadão, do escravo.  
 .....

É todo paz esse evangelho novo :  
 Seu texto luminoso, santo, puro,  
 Faz-nos ver nas miragens do futuro,  
 Pela instrucção, a redempção do povo!

«Revolucionario sublime (escreveu alguêm) deu um tremendo golpe no grande idolo *indiferença*, e no grande idolo *ignorancia*».

Eduardo Coelho irmanava efectivamente a missão do mestre com a missão do jornalista.

«Imprensa e professorado (notava êle em carta dirigida ao presidente das Conferências Pedagógicas de 1883) devem-se mutuo apoio pela irmandade, ou ao menos pela similitude do seu trabalho social. Eu por mim (acrescentava ainda) e no meu pouco, nunca lhe faltei, e nunca lhe hei de faltar. Assim eu pudesse o que podem os gigantes do saber, que lhes daria em força o que só lhes posso dar em boa vontade!<sup>155</sup>».

Mas esta boa vontade de tal modo e tam repetidas vezes se afirmou, que Alexandre Herculano consagrava-lha, com a sanção da sua autoridade indiscutível, reconhecendo-lhe, numa dedicatória honrosíssima, a honestidade do seu carácter e a utilidade do seu trabalho; e que Antonio Feliciano de Castilho, a propósito dum folhetim de Eduardo Coelho àcerca dos *Tres mundos*, de D. Antonio da Costa, dizia-lhe, em carta de 22 de junho de 1873:

«Fala-se, e tambem eu tenho falado, do sacerdocio da imprensa; para que esse bello nome lhe quadre em cheio, é preciso que, por cada sacerdote legitimo e zeloso como D. Antonio da Costa e Eduardo Coelho, não continuem a apparecer, ás rebatinhas, á roda e agachados debaixo de cada prélo, tantos padres Matheus da litteratura, como os de que hoje vivemos inçados e vexadissimos.

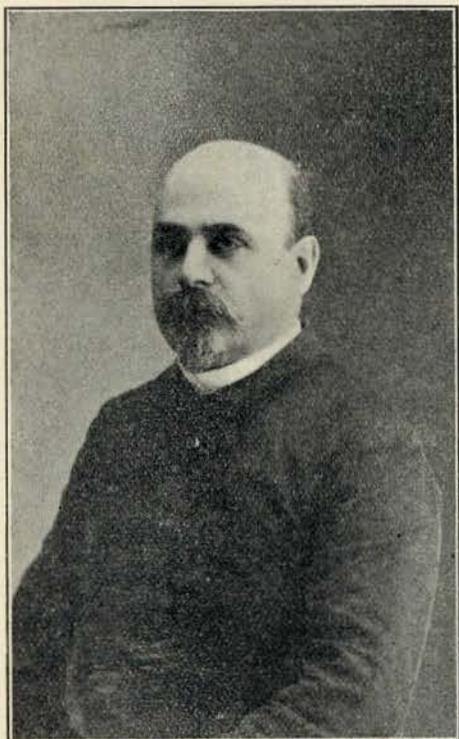
«Continue, com o seu exemplo, a ensinar a verdade e o bem».

<sup>155</sup> No fim da sessão de 12 de outubro de 1883, os professóres reunidos nas conferências pedagógicas aprovaram um voto de louvor ao *Diario de Noticias* «*pelo modo como advogava a causa da educação nacional*»; e dois anos depois, na sessão solene de 29 de novembro de 1885, da Associação dos Professores Primarios, era confirmado aquele voto, agradecendo-se a Eduardo Coelho «*o muito que lhe devia a causa da instrucção popular e a do professorado primario*».

Por êste tempo, e como membro da Comissão inspectora das escolas normais do distrito de Lisboa, comissão de que era presidente o sr. Rodrigo Affonso Pequito, e secretario Fernando Palha, no biénio de 1884 e 1885, dedicava Eduardo Coelho a sua actividade a tal inspecção, de cujos trabalhos apresentou o relatório á Junta geral do distrito, em 25 de setembro de 1884.

## IV

Desde 1886, em que uma doença pertinaz e irremediável se apoderara de Eduardo Coelho, pode considerar-se por êste abandonada a vida activa que até então levara. Raríssimas vezes era visto em público <sup>156</sup>.



*Retrato tirado em Madrid a 27 de setembro de 1887, tendo 52 annos de idade, offerecido a minha querida filha Maria Adelaide Coelho Lisboa, 14 de outubro de 1887.*

Já pouco escrevia por seu próprio punho, limitando-se a ditar os artigos que quase quotidianamente apareciam no *Diario de Noticias*, e de que o último, publicado no próprio dia da sua morte, foi a rememoração dos novos princípios que em 1789 firmara a revolução, e que um século depois a exposição de Paris era destinada a comemorar. Êsse escrito, em que mais uma vez se recordavam, a propósito daquela grandiosa festa do trabalho, os direitos do homem civilizado e do cidadão livre, era o condigno fecho duma vida consagrada á defesa de todos os grandes ideais de justiça e de humanidade.

«O primeiro artigo que elle escreveu ha 25 annos no *Diario de Noticias* (notava um jornal de Lisboa no dia immediato ao do falecimento de Eduardo Coelho) fôra uma saudação ao trabalho glorificador que até ahí tinha hon-

rado como typographo, que ia honrar d'ahi em diante como jornalista. Enlacem esses dois artigos por sobre 25 annos de acção, e terão a nota typica

\* «Retrato tirado em Madrid a 27 de setembro de 1887, tendo 52 annos de idade, offerecido a minha querida filha Maria Adelaide Coelho. Lisboa, 14 de outubro de 1887.»

<sup>156</sup> Havia uma festa a que Eduardo Coelho nunca queria nunca faltar, e a que ainda correu poucos meses antes da sua morte, quando tão difíceis lhe eram já os movimentos.

da vida exemplar deste trabalhador, a razão de ser da sua popularidade justíssima»<sup>157</sup>.

Nem no estrangeiro, nem em Lisboa, nem em Coimbra, sua terra natal, que lhe mereceu sempre muito particular predilecção<sup>158</sup> e para onde

Refiro-me á récita anual a favor do cofre da Associação Tipografica Lisbonense. A última a que assistiu, no teatro então de D. Maria II (hoje Nacional Almeida Garrett), em 5 de janeiro de 1889, constituiu para êle também uma gratíssima demonstração de simpatia e de estima por parte da classe tipográfica.

Foi nessa ocasião recitada a seguinte poesia, para aquella noite expressamente escrita pelo dr. Sousa Viterbo, o erudito publicista que, por morte de Eduardo Coelho, veio tão brilhantemente a suceder-lhe na redacção dos artigos editoriais do *Diario de Noticias*:

### Saudação a Eduardo Coelho

Não quizeste faltar á nossa festa.  
Sentiste o coração alvoroçado,  
E não deixaste, intrepido soldado,  
De vir saudar o nosso pavilhão.  
Nós somos irmãos d'armas, combatemos  
Pelo mesmo ideal, sereno e puro;  
Nós somos os mineiros do futuro...  
Nossa cruzada é toda redempção.

Bem vindo sejas, nosso irmão e amigo!  
O teu sorriso d'intima bondade  
Lança na nossa festa a claridade  
Duma aurora benefica d'amor.  
Nós te saudamos jubilosamente,  
Popular jornalista, homem de brios...  
Não te offendem os justos elogios...  
Tens na divisa—EU SOU TRABALHADOR.

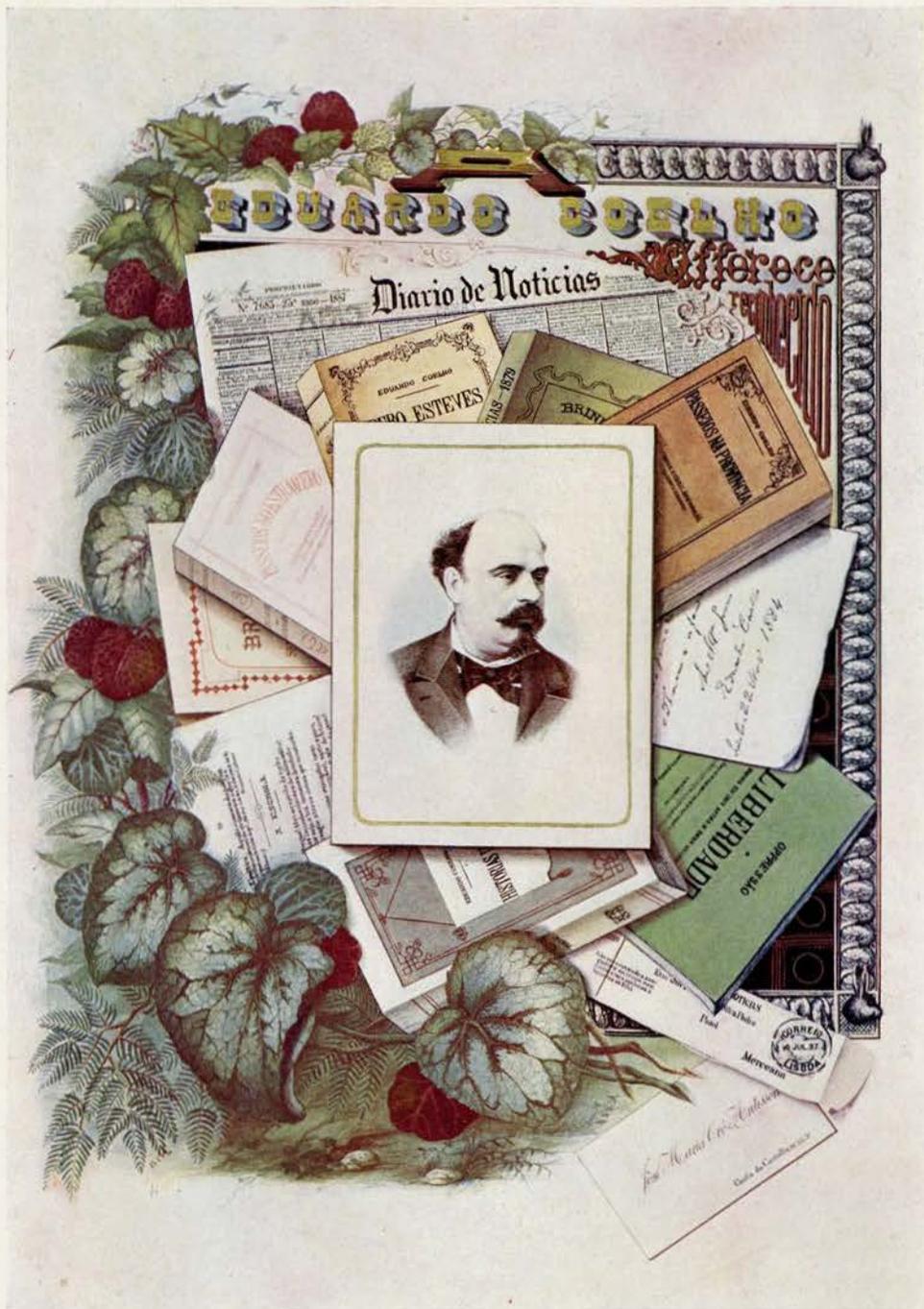
Trabalhas nobremente. A tua vida  
É para nós um salutar exemplo.  
O teu nome gravou-se em nosso templo,  
De Guttenberg na c'rôa de laureis.  
Tudo se perde n'este mundo instavel;  
Só o nome do homem virtuoso  
Deixa ficar um rasto luminoso  
No pó dos thronos e no pó dos reis.

<sup>157</sup> *Correio da Manhã*, n.º 1:372, de 15 de maio de 1889.

<sup>158</sup> Á cidade de Coimbra dedicou Eduardo Coelho o drama *Opressão e Liberdade*, «expressamente escripto a convite da direcção para ser representado nas recitas inauguraes do theatro publico de D. Luiz» daquela cidade «onde subiu á scenã com applausos em 11 de janeiro de 1862» (Lisboa, Typographia Universal, 1871).

Do exemplar dêste drama que o autor ofereceu a Alexandre Herculano, fez-me o ilustre e esclarecidissimo escritor sr. Gomes de Brito, amável oferta em 14 de novembro do corrente ano, acompanhando-o da seguinte penhorante carta:

*Sr.:* — *Entre as producções literarias oferecidas a Alexandre Herculano, encontradas no espolio do meu amigo Sr. José Manuel da Costa Basto, por legado do Grande Escriitor ao mais velho dos dois irmãos, João Pedro da Costa Basto, de quem seu irmão*



Quadro a aguarela e desenho á pena, representando um autógrafo e os frontispícios dos principais livros de Eduardo Coelho, parte da primeira página de um exemplar do *Diario de Noticias* e uma cinta deste jornal (notável trabalho de JOSÉ MARIA CRÓ ARDISSON)

6<sup>m</sup>,55 × 6<sup>m</sup>,40

foi residir alguns meses em 1886, e donde, na véspera do dia em que completava 51 anos, escrevia a sua filha mais velha uma affectuosíssima carta, em que se revelava o desalento que o seu estado de saúde lhe inspirava<sup>159</sup>, Eduardo Coelho encontrou os alívios ansiosamente procurados. E, se sempre diligenciou animar os que o cercavam com palavras de confiança em melhoras próximas, bem no íntimo compreendia sem dúvida a gravidade da doença, porque êle próprio a estudava nos livros da especialidade, e, de quando em quando, em confidência a um ou outro amigo, deixava transparecer o que pensava do seu estado.

Em princípios de 1887, desculpando-se para com Antonio Augusto de Aguiar de não poder acompanhá-lo nos trabalhos da exposição industrial, em que então aquele estadista andava empenhado, dirigia-lhe a seguinte carta :

«Meu bom e querido Aguiar—Muito constrangido, sou forçado a annunciar-te que não me sinto restituído á integridade das minhas poucas forças, e em estado de poder entrar em trabalhos activos. Estou muito melhor, mas tão desfalcado pelos nervos, que receio ter de trahir as obrigações a que me ligar. Ainda não voltei de todo aos meus trabalhos jornalísticos, que dirijo quasi de longe. Se é preciso fazeres-me substituir nos trabalhos activos, não hesites.

«Para a propaganda, para a publicidade, que no *Diario* será decerto util, fica todo o jornal á disposição absoluta da exposição.

---

*foi herdeiro, encontrei o incluso drama do meu sempre lembrado amigo, Eduardo Coelho, meu colega tambem na mais honrosa de quantas comissões a minha pouquidade poderia desempenhar:—a que, em execução da Vontade Nacional, lidou por dar ao Grande Historiador o monumental sepulcro dos Jeronimos.*

*Prestando homenagem saúdosa á memoria do oferente, tomo a liberdade de pôr nas mãos de V. o exemplar da producção dramatica que é objecto da presente, entendendo que melhor não ficaria, do que em poder de V., que apreciará, por certo, a lembrança com a benevolencia que é de esperar de quem tanto tem patenteado prezar a memoria do sempre respeitado e bemquisto autor.*

*Sou, de V. com toda a consideração, etc. — Gomes de Brito.*

No exemplar, hoje em meu poder, lê-se esta dedicatória, do próprio punho de Eduardo Coelho: «Ao mais util, sabedor e honrado escriptor portuguez, e ao mais illuminado evocador da peninsula, offerece humildemente «um assiduo leitor dos seus livros admiraveis e um consumidor do seu azeite».

<sup>159</sup> «Minha querida Adelaide. — Foi-me muito grata a tua carta, que está correcta e boa, como tu és. Agradeço o teu beijo que retribuo. Abraça por mim tua mãe, e teus irmãos, e dá-lhes saudades. Eu não estou peor, mas sinto-me de uma fraqueza invencivel. Vamos a ver se me restauro. Estimava infinitamente vê-los cá, mãe e filhos, no dia dos meus annos, e isso mandei dizer pelo telegrapho; não porque eu queira festa de annos, mas porque gostava com a sua presença... Talvez o bom ar, as boas vistas e o descanso me melhorem. Isto está agora um paraizo. — 21-IV-86 — Teu pae e amigo saudoso Eduardo Coelho».

«Reservo-me a vulgarisação popular dos factos da gloriosa empreza nacional a que de novo vaes dedicar a tua nobre e patriotica boa vontade e o teu saber.

Teu gratissimo, e sempre saudoso amigo e mau discipulo

EDUARDO COELHO».

Um ano depois, em março de 1888, apresentava êle igual escusa ao seu dedicado amigo e colega, o Visconde de Melicio, agradecendo a escolha para duas das comissões organizadoras da exposição, e aludindo nestes termos á gravidade da sua doença :

«Estou sem ir ao jornal e ainda não sahindo a pé, mas escrevendo e dictando varios artigos, porque as faculdades estão intactas. Mas não posso entregar-me a trabalhos que demandem regularidade e actividade.

«O ir a Paris o anno passado, a Mirandella, a Barcelona, sempre escrevendo correspondencias, era um *tour de force*, em que eu mais buscava disfarçar o que padecia, do que illudir-me sobre a causa da minha doença.

Decorreram catorze meses, através dos quais o mal, por entre inúmeras vicissitudes, foi sempre e implacavelmente progredindo.

Concentrado cada vez mais na vida da família que adorava, dêle poderia dizer-se o que a sua própria pena escrevera numa carinhosa biografia do seu amigo e mestre Antonio Rodrigues Sampaio<sup>160</sup> :

«Na intimidade era sempre jovial. Na familia amoravel, simples, infantil.

«O seu desejo era ver todos fartos e contentes. Não comprehendia a sua felicidade sem que a completasse a dos que o amavam.

.....

«A todos estes encantos de seus ultimos dias se fecharam seus olhos, vendo ainda muitos arrasados de lagrimas, emquanto o seu espirito se sumia, quando já começavam a encher a camara mortuaria as vozes da glorificação extraordinaria que a justiça dos contemporaneos fez aos meritos e serviços do jornalista, e ás virtudes do cidadão.

«Essa justiça acode mais cedo na morte aos que mais despresou na vida».

«Ás 9 horas da noite (de 14 de maio de 1889)—lia-se no *Diario de Noticias* do dia seguinte ao da morte do seu fundador e director—ainda vivia, e de certo pensava na familia e no seu jornal. Passara o dia mais sereno e menos triste que o habitual. Saíra. Déra o seu passeio pela cidade, e até comprara um objecto para brinde, rindo-se da lembrança<sup>161</sup>.

<sup>160</sup> *O Occidente* de 11 de novembro de 1882.

<sup>161</sup> Êsse brinde era destinado a sua esposa, lealissima companheira da sua vida desde os tempos da mais dura adversidade, e que, sempre dedicada até ao sacrificio, foi para êle uma enfermeira tam desvelada como solícita e constante.

«De manhã, a conversar pausadamente com um empregado e amigo, dissera-lhe:—Já não tenho operarios nesta minha casa nova.

«Como se quizesse desabafar:—Agora posso morrer descansado!»

E descansadamente morria com effeito, ás 9 horas e meia daquela mesma noite, sem agonia, instantaneamente, no seu prédio da rua, então denominada dos Cardaes de Jesus, e que hoje se chama—*Eduardo Coelho*—prédio que tem o n.º 29 e que foi edificado sôbre os alicerces daquele em que falecera também, em 1811, o poeta Nicolau Tolentino d'Almeida <sup>162</sup>.

---

<sup>162</sup> Nesse prédio conservou Eduardo Coelho, como recordação, na fachada do lado do jardim, dois arcos dóricos do século xvii, que eram pórticos da entrada que dava acesso á morada de Tolentino. Era também sua intenção mandar colocar no prédio uma lápide comemorativa, que honrasse a memória do espirituoso poeta. (*Memorias de Tolentino*, pelo Visconde de Sanches de Baêna, doc. n.º 30, pag. 87).

Nicolau Tolentino morreu no compartimento correspondente ao escritório, no rez do chão do actual palacete.

«Admirador de Nicolau Tolentino (escrevia eu em artigo inserto na revista *Brazil-Portugal*, n.º 18, de 16 de outubro de 1899) e desejoso de perpetuar, por mais uma forma, a memoria do insigne sonetista, Eduardo Coelho intentava mandar collocar no predio uma lapide commemorativa que honrasse a memoria do poeta. Elle proprio redigiu os dizeres que essa lapide deveria conter, e, algumas semanas antes de expirar, quando a doença já lhe entorpecia os movimentos, ao fazer-me percorrer comsigo o palacete a que se estavam dando os ultimos retoques, me foi mostrar no seu escriptorio, em um quadri-longo de madeira tosca, que representava as dimensões exactas da inscripção projectada, aquelles dizeres escriptos pelo seu proprio punho mal firme. Eram os seguintes, que, por curiosidade, aqui deixo archivados:

«*O muito conceituoso e popular poeta satyrico portuguez Nicolau Tolentino de Almeida passou os ultimos dias da vida, que tiveram termo aos 22 de junho de 1811, no predio sobre cujos alicerces foi alevantada esta casa, na qual se aproveitaram, para memoria, dois arcos de cantaria que davam acesso á morada do poeta.*

«*Este nascera em Lisboa a 9 de setembro de 1740.*»

«Nicolau Tolentino morreu pobre depois de haver passado a vida a implorar, com uma humildade que era quasi uma humilhação, as dadivas e os beneficios dos ricos. Eduardo Coelho, sem incensar os ricos nem lisongear os poderosos, antes pelo contrario procurando sempre abater todos os orgulhos, exaltar todas as modestias e levantar do nada os que, como elle, mereciam que do nada se erguessem ás culminações da fortuna e da consideração social, morreu, não certamente na opulencia, mas na abastança independente, depois de haver gasto á larga, em proteger desvalidos e em auxiliar todas as iniciativas generosas, tanto ou mais do que havia honestissimamente accumulado para garantir o futuro dos que lhe eram queridos.

«Se alguma vez, pois, se levar a effeito a idéa de collocar, em honra de Tolentino, a lapide que Eduardo Coelho projectara, outra lapide deveria, pelo menos com razão equal, collocar-se a par—a que consignasse que no mesmo predio em que fallecera o espirituoso poeta do seculo passado, morreu, quasi 78 annos depois, o jornalista mais popular e benemerito que no seculo que está correndo viveu em Portugal.»

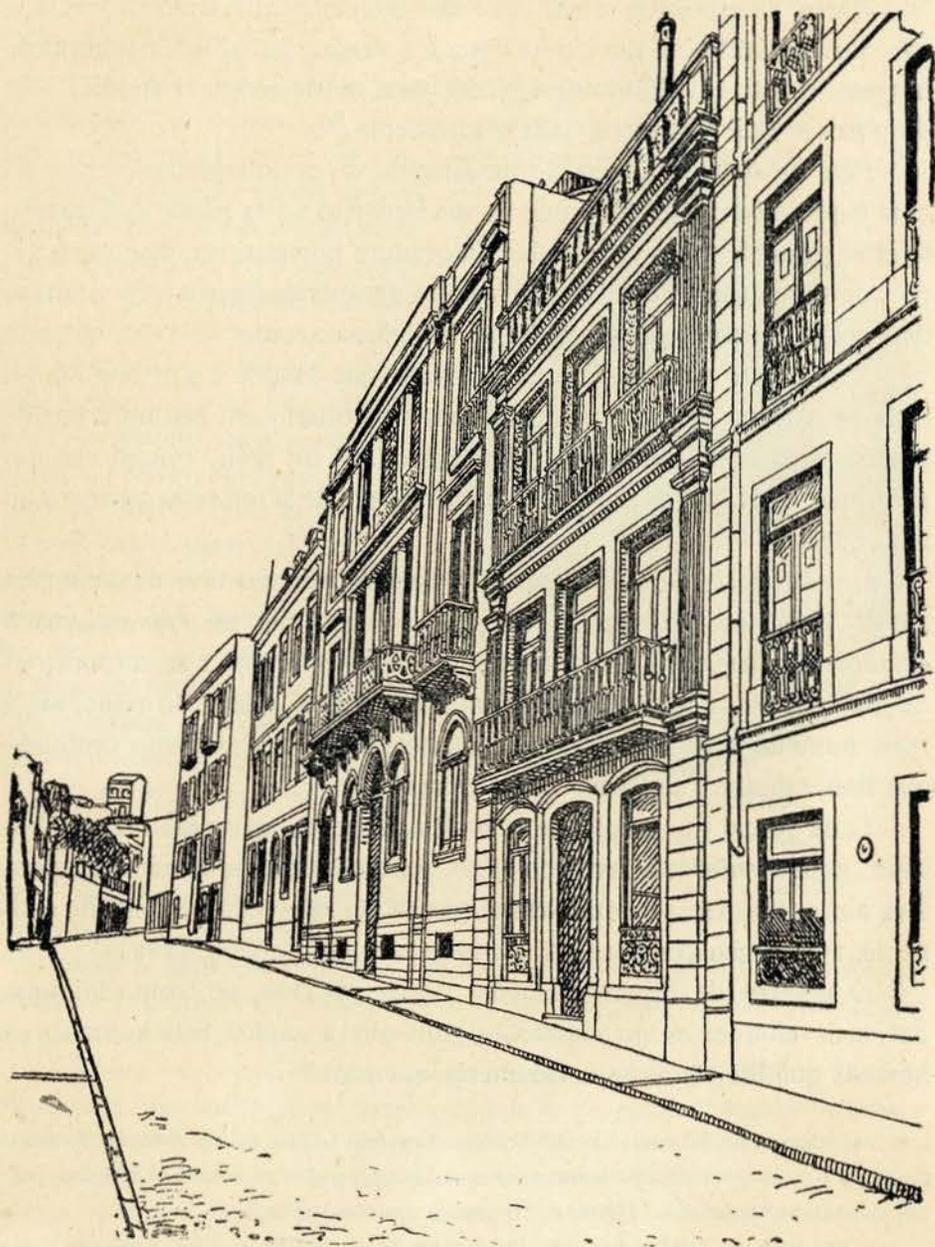


**Trecho da Rua Eduardo Coelho, em Lisboa (antiga rua dos Cardeas de Jesus) em 1885**

O prédio de construção moderna, com três janelas de frente, que se vê á direita, é o que em 1875 Eduardo Coelho mandou edificar para sua residência.

Tem o n.º 35.

O prédio contíguo, de construção antiga, era aquele em que morreu, em 22 de junho de 1811 o poeta Nicolau Tolentino d'Almeida.



**Trecho da Rua Eduardo Coelho, em Lisboa, em 1914.**

O prédio maior e de mais luxuosa construção, junto ao que serviu de residência a Eduardo Coelho desde 1876 a 1888, foi edificado sobre os alicerces da antiga habitação de Nicolau Tolentino d'Almeida. Tem o n.º 29.

Nele morreu o fundador do *Diário de Notícias* em 14 de maio de 1889.

«Deus amerceou-se d'elle, que tão bom era, que tanto padêcera, e não quiz tortural-o na sua ultima hora. E o valente trabalhador, o honrado homem, o leal e dedicado amigo teve uma morte serena, tranquilla, elle de quem a vida fôra tão agitada e turbulenta <sup>163</sup>.»

Para a capital, a notícia do passamento do popularíssimo escritor foi uma lúgubre surpresa. Os jornais do dia imediato ao da morte de Eduardo Coelho reflectiam, em artigos de comovedora homenagem, êsse pezar geral que se apossara duma cidade a cujas prosperidades e a cujo engrandecimento êle tão dedicadamente se havia consagrado.

Não houve uma só voz na imprensa que calasse a dor que um tal facto provocara, nem em nenhum campo partidário, em nenhuma facção política, uma nota discordante na unanimidade do preito rendido ao homem que, após longos anos de luta, não legava de si um ressentimento ou uma queixa.

Durante mais de dois meses, o *Diario de Noticias* teve de conservar aberta uma secção especial, em que, sob o título de *Homenagens a Eduardo Coelho*, dava conta do modo como a imprensa e as corporações do país, desde a câmara municipal da primeira cidade do reino, até á mais humilde associação popular, manifestavam o sentimento profundo que lhes causara o doloroso acontecimento.

Cada jornal que publicava a notícia, fosse monárquico ou republicano, conservador ou revolucionário, ultramontano ou socialista, apontava ao mesmo tempo uma virtude, punha em relêvo uma qualidade eminente, uma acção generosa do morto cuja memória glorificava.

O entêrro de Eduardo Coelho devia, portanto, ser, como foi, uma das mais eloquentes manifestações com que a capital tem honrado os homens que lhe são estremecidamente queridos.

«O enterro de Eduardo Coelho (escrevia Gervasio Lobato na sua *chronica* do *Occidente*) foi uma imponentissima homenagem que Lisboa prestou ao trabalho e á honestidade que tinham no fundador do *Diario de Noticias* a sua personificação.

«O cadaver do celebre jornalista que á força de tenacidade fez o seu caminho, e, sahido da obscuridade, chegou luctando, sem nunca cansar, sem nunca transigir, ás cumiadas do mundo jornalístico, foi levado ao cemiterio por uma multidão enorme em que se viam representadas todas as classes, desde as mais brilhantes até ás mais modestas, e o seu enterro foi um verdadeiro acontecimento em Lisboa, cuja população, tributando essas excepçioaes honras a Eduardo Coelho, equiparando-o nessa quasi apothose aos seus grandes homens gloriosos, fez uma obra de justiça e de moralidade.

---

<sup>163</sup> *Chrónica* de Gervasio Lobato, no *Occidente* de 21 de maio de 1889.

Eis a descrição que se lia no *Diario de Noticias* n.º 8:388 de 17 de maio de 1889:

«Desde as 11 horas que a igreja (das Mercês) estava cheia de povo, e todas as cadeiras occupadas por senhoras. Ao meio dia, reunidos na capella e no cruzeiro grande numero de convidados, o rev.º prior resou uma missa, seguindo-se depois o *Libera-me*.

«A eça e o feretro estavam completamente cobertos de corôas (mais de 40) a grande maioria das quaes eram formosissimas (a do sr. Paulo Plantier compunha-se de 1:500 rosas brancas, natúraes). Á 1 e 20 começou o saimento, formando-se o prestito, que era dos mais numerosos e imponentes que temos visto na capital, e tomavam nelle parte representantes de todas as classes da sociedade.

«O prestito seguiu a pé pela travessa Nova do Convento de Jesus, Poço dos Negros, ruas de S. Bento, do Sol, e outras até o cemiterio, atravessando por entre as alas de povo que se estendiam por todo o transito. Á passagem do feretro todos se descobriam respeitosaente.

«O caixão ía num coche, e coberto pela bandeira portugueza da Sociedade de Geographia, e sobre elle e o tejadilho foram depostas as corôas, formando como uma montanha de flores.

«Após o coche caminhavam os redactores e mais pessoal do *Diario de Noticias*, e centenaes de pessoas, e aos lados, de chapéo na mão, os typographos, outros empregados e o honrado gerente da Typographia Universal.

«Á frente e após o prestito, íam as escolas do Gremio Popular, infantil dos Filhos do Povo, escola municipal Rodrigues Sampaio, collegio de meninas de Campolide de Cima, e outras; representantes de grande numero de associações populares, cujos nomes nos é impossivel agora enumerar; typographos, impressores, vendedores e distribuidores de jornaes, actores, professores, estudantes, militares de mar e terra, alta finança, deputados, pares do reino, homens de letras, jornalistas, etc., etc.»

Em outro lugar, acrescentava-se:

«A lembrança e pedido da filha mais velha do estremecido defunto (que do cumprimento d'esta missão encarregara um dos mais dedicados amigos de seu pae, o sr. Jayme Arthur da Costa Pinto) foi depositado sobre a urna o numero de hontem (16 de maio) do *Diario de Noticias*, em que vinham compendiadas as opiniões dos diversos jornaes da capital, e que era a homenagem mais sincera da imprensa á memoria do nosso inolvidavel amigo. O numero do *Diario de Noticias* ficou tambem no jazigo entre o montão de corôas.»



**EDUARDO COELHO**

medalhão de bronze, modelado  
por José Moreira Rato  
e existente na sala de redacção  
do *Diario de Noticias*

Êsse exemplar ainda hoje ali se vê religiosamente conservado no mesmo lugar onde ha vinte e cinco anos mãos piedosas o collocaram, e contêm excertos dos artigos das seguintes vinte folhas de Lisboa: *Correio da Manhã, Seculo, Tempo, Democracia, Jornal do Commercio, Folha do Povo, Diario Popular, Reporter, Debates, Correio de Notícias, Tarde, Diario Illustrado, Globo, Novidades, Jornal da Noite, Economista, Imparcial, Dia, Correio da Noite e Esquerda Dynastica.*

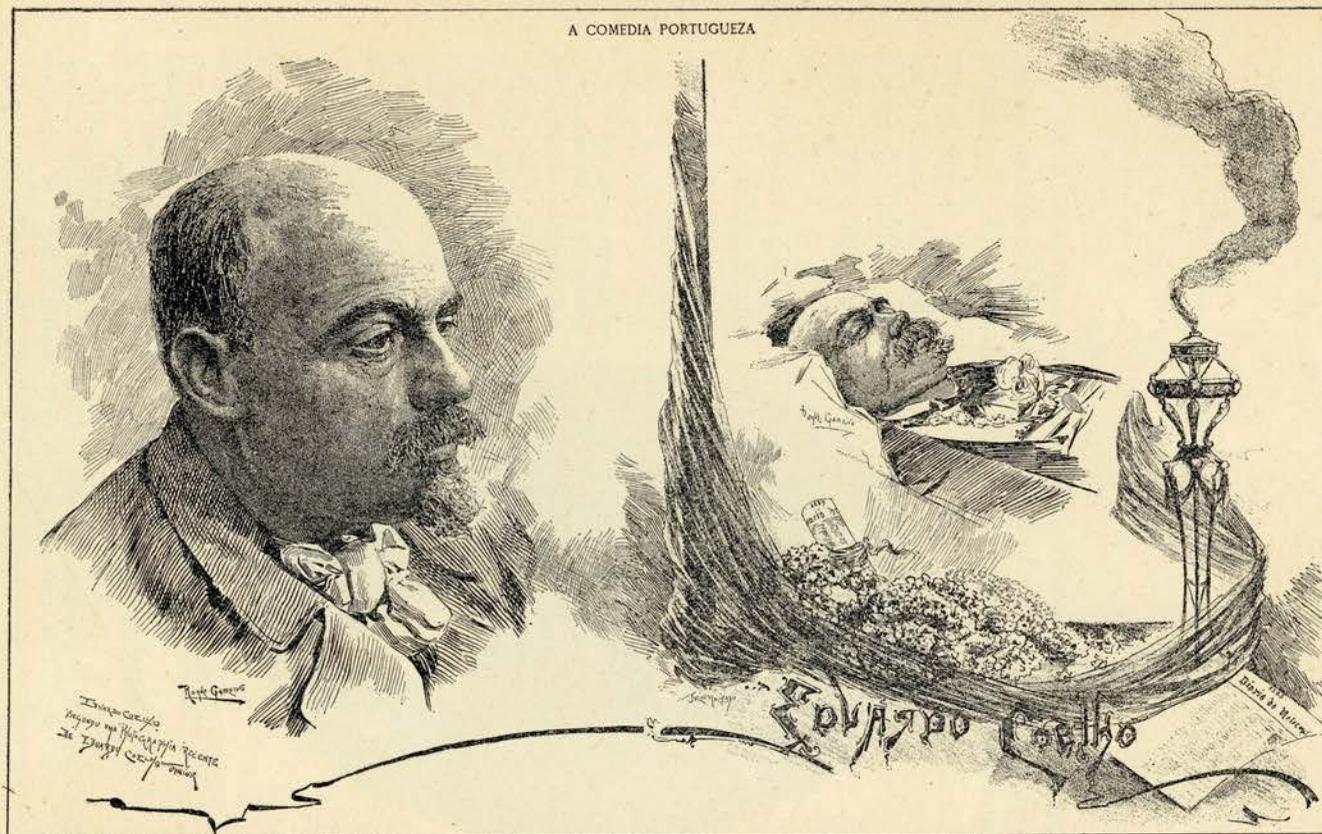
Houve quem comparasse o entêrro de Eduardo Coelho ao do maior estadista que nos últimos trinta anos tinha havido em Portugal, e que, morrendo no auge do prestígio, em plena actividade, no completo gôzo de todas as suas grandes faculdades de homem de acção, deixava a prantear-lhe a morte um partido numerosíssimo de que fôra a alma, e que devia continuar-lhe as tradições e perpetuar-lhe a memória.

E entretanto Eduardo Coelho não era um general glorioso, um príncipe das letras ou da sciência, um poderoso no fastígio da grandeza e da fortuna, um chefe de partido aureolado de honras e cercado de influencia; nunca tivera nas suas mãos os destinos dum povo, nem os elementos que criam as dependências, e com as dependências, as dedicações; e apenas deixava uma obra que, como toda a obra de jornal, é irresistente e efêmera, e um nome que o forçado e longo afastamento da vida activa era de molde a tornar facilmente esquecido de muitos.

É verdade que êle próprio se alistara, desde o princípio da sua carreira, com ardor e com orgulho, nesse partido da instrução e da moralização do povo a que tanto se desvanecia de pertencer, e que foi êsse partido, principalmente, por êle tornado grande, poderoso e forte, que prestou ao chefe reconhecido o preito da sua gratidão e da sua saudade.

Por ocasião da morte de Eduardo Coelho, mais de uma voz na imprensa sugeriu a idea de que se lhe levantasse um monumento, que traduzisse o aprêço pelas qualidades do escritor e o respeito público pelas egrégias e raras virtudes do homem. Mas nesse monumento, hoje emfim erguido por subscrição pública em um dos mais encantadores locais desta Lisboa que êle tanta amava, a Alameda de S. Pedro d'Alcantara, nesse monumento que apenas representa um saldo de contas entre os que muito lhe deveram e aquele que muitíssimo lhes deu das fadigas da sua vida e do generoso alento do seu espírito, ao reconhecimento popular cumpria inscrever, a par das outras legendas do pedestal, estas linhas por Eduardo Coelho dedicadas á memória querida de seu pai: «*Foi um obreiro do bem, edificou para a virtude e para a liberdade.*»

A COMEDIA PORTUGUEZA



As páginas da revista *A Comedia Portuguesa* dedicadas á memória de EDUARDO COELHO, por ocasião do falecimento d'êste.  
À esquerda, o retrato desenhado por A. Roque Gameiro, segundo uma fotografia de Eduardo Coelho Junior. À direita, um desenho de Julião Machado representando EDUARDO COELHO, no seu leito de morte



## Homenagens póstumas

Depois da morte de Eduardo Coelho muitas foram as homenagens, individuais e colectivas, prestadas á sua memória, quer pela imprensa de Portugal e do estrangeiro, quer pelas corporações de que fôra membro, quer pela mocidade das escolas, quer pelas associações populares a que tanta protecção dispensara sempre <sup>164</sup>.

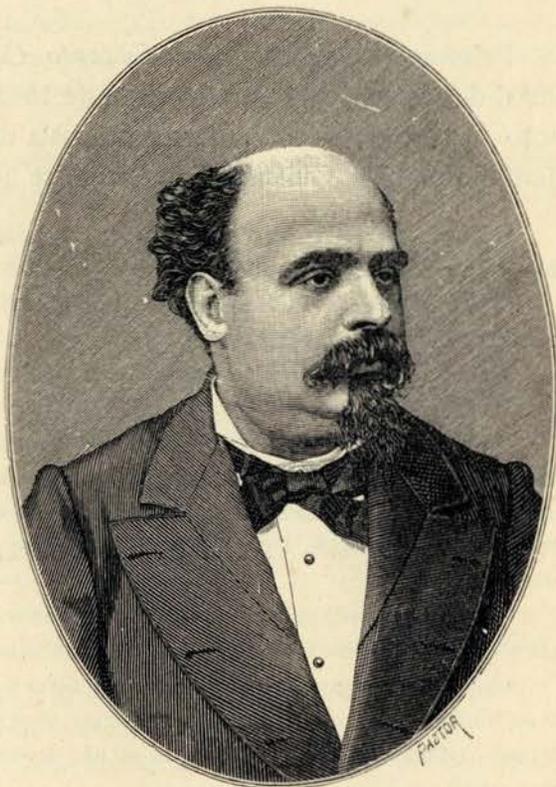
De todos êsses preitos de admiração, de saudade e de reconheci-

<sup>164</sup> No artigo *Publicações extraordinarias*, do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo XVIII, a pag. 57, indica P. W. de Brito Aranha algumas das publicações de homenagem a Eduardo Coelho, terminando com a seguinte referència

„A mais complet. homenagem prestada ao inolvidavel jornalista foi a que se encerra no interessante volume do *Brinde aos senhores assignantes do Diario de Noticias* em 1891, publicado sob o titulo de *Eduardo Coelho, a sua vida e a sua obra. — Alguns factos para a historia do jornalismo portuguez contemporaneo*, por Alfredo da Cunha, 8.º de 189 pag. e mais uma inumerada do índice, com o retrato do biographado gravado por Pastor e tres reproduções photographicas facsimiles, duas do *Diario de Noticias* e uma de carta autographa de Eduardo Coelho.”

O retrato a que se alude nesta referència é o que se reproduz na presente página.

A pag. 310 do mesmo tomo é ampliada a nota de pag. 57 indicativa das publicações de homenagem a Eduardo Coelho.



*Eduardo Coelho.*

Gravura (em madeira) de PASTOR — 1891

mento, apenas recordarei, pelo que respeita á cidade de Lisboa, dois, que teem especial significação: foram êles a homenagem que a câmara municipal do primeiro município do país prestou ao nome de Eduardo Coelho, dando-o como designação á antiga rua dos Cardaes de Jesus onde o falecido jornalista vivera grande parte da sua vida (depois de 1875), e morrera em 1889; e o belo monumento erigido na Alameda de S. Pedro de Alcântara, cujos trabalhos começaram em 1903, terminando com a entrega áquele município em 29 de dezembro de 1904.

Foi esta data muito propositadamente escolhida, porque então se completavam quarenta anos precisos depois da fundação do *Diario de Noticias* — a mais notável obra e o principal título de glória de Eduardo Coelho.

Pelo que respeita á *Rua Eduardo Coelho* transcreverei da acta official da sessão de 24 de novembro de 1893, a parte relativa á apresentação e aprovação unânime da proposta do illustre vereador o sr. José Martinho da Silva Guimarães, que tanto se honrou com tal iniciativa.

O sr. vereador (José Martinho da Silva Guimarães) leu e mandou para a mesa uma proposta concebida n'estes termos:

*Senhor presidente*—Desnecessario será fazer aqui o elogio de Eduardo Coelho, um benemerito a quem o paiz tanto deve.

A sua obra de propaganda existe ahí, com toda a essencia altamente significativa, que o seu fundador lhe imprimiu.

Ha 29 annos, esse modesto trabalhador fundava o jornal de dez reis, inaugurando a publicação do *Diario de Noticias*, folha que primeiro occupou o logar do jornal barato e que ainda hoje é considerada como uma das primeiras do paiz e que tantos e tão relevantes serviços tem prestado á causa popular, pugnando constantemente pelo seu progredimento.

No artigo editorial publicado em 29 de dezembro de 1864, lê-se:— «É pois um jornal para todos, pobres e ricos de ambos os sexos, de todas as condições, classes e partidos.»

Todos os paizes possuíam já as folhas populares e Eduardo Coelho, fundando o *Diario de Noticias*, prestava assim um relevantissimo serviço ao paiz e á imprensa portugueza provando brilhantemente que essa instituição não deveria ser só para os eleitos da fortuna como até ali.

Foi Eduardo Coelho um dos vultos nacionaes mais salientes d'este quarto de seculo, porque não só defendendo na sua folha todos os principios de liberdade, moral e justiça, como trabalhando cá fóra no progresso do paiz, mostrou exuberantemente quanto podem um trabalho honrado e um desinteresse digno de imitação.

A elle se devem centenaes de melhoramentos na cidade, lembrados, discutidos e aprovados depois nas columnas do seu jornal.

As municipalidades muitas vezes seguiram as suas sabias e proficuas indicações.

A industria portugueza deve-lhe tambem importantes serviços, já pelo incitamento que o jornal sempre prestou aos seus progressos e desenvolvimentos, já pelos trabalhos de

Eduardo Coelho, no inquerito industrial de 1881, inquerito de que ainda o *Diario de Noticias* deu largamente os resultados da investigação feita.

Foi um devotado apostolo do progresso nacional. Jornalista distinctissimo, alliando á sua honradez um character bondoso e digno, Eduardo Coelho foi constantemente um propagandista convicto de todos os principios de moralidade e justiça e por elles trabalhou incessantemente.

O *tri-centenario de Camões*, em que elle tomou uma parte activissima, pode ainda collocar-se ao lado das manifestações mais imponentes realisadas entre nós e, todos o sabem, Eduardo Coelho foi um dos mais entusiastas iniciadores d'esse tri-centenario.

Da exposição agricola de 1884, na tapada da Ajuda, recebeu Eduardo Coelho, para o seu jornal, um diploma especial honorifico, pelos relevantissimos serviços prestados á agricultura portugueza por occasião da exposição.

A França conferiu-lhe o officialato da Academia e em Portugal foi agraciado com a commenda de S. Thiago, do merito litterario e artistico, e possuia tambem mui honrosos diplomas de diversas sociedades nacionaes e estrangeiras, como premio do seu trabalho.

Eduardo Coelho foi um benemerito e tem jus a ser collocado na galeria dos homens mais notaveis do seu paiz.

As suas altas virtudes como cidadão e o seu bellissimo character, deixaram a mais inolvidavel saudade, e todos sentiram profundamente a sua morte, porque Eduardo Coelho não deixou inimigos.

A proposta que apresento á camara, para que seja dada á antiga rua dos Cardaes de Jesus o nome de *Rua Eduardo Coelho*, não encontrará sem duvida opposição alguma, e é um tributo de saudosa homenagem prestado á memoria d'aquelle vulto saliente da nossa historia moderna.

Em 14 de maio de 1889, finava-se no predio numero 29 d'aquella rua o mallogrado jornalista a quem a cidade de Lisboa deve tantos e tão relevantes serviços. Emquanto a estatua d'esse vulto sympathico e querido não possa ser collocada n'esta cidade, é justo que a camara municipal de Lisboa faça affixar o nome d'esse benemerito na rua onde elle habitou tantos annos e d'onde o povo da capital em sentidissimo sahimento o acompanhou até á sepultura. Pelas razões acima expostas :

Proponho que á antiga rua dos Cardaes de Jesus se dê o nome de *Rua Eduardo Coelho*. — Lisboa 22 de novembro de 1893. — O vereador, *José Martinho da Silva Guimarães*.

O sr. vereador requereu urgencia na discussão d'esta sua proposta.

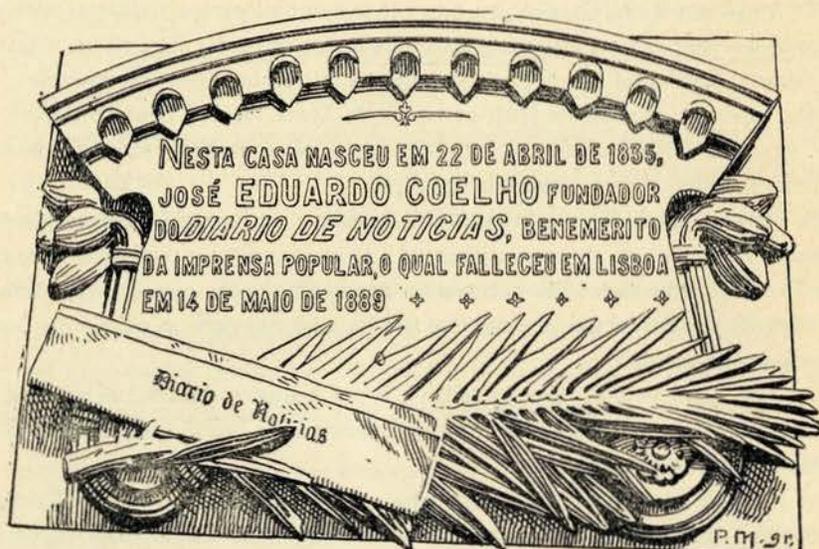
Admittida e considerada urgente a proposta, foi logo submettida á votação.

Como nenhum sr. vereador quizesse fazer uso da palavra, o sr. vice-presidente (Conde de Restelo) pô-a á votação.

*Foi unanimemente approvada.*

Relativamente á cidade de Coimbra, por iniciativa de quem escreve estas linhas e com o dedicado concurso de um parente do falecido jornalista, o sr. Carlos Augusto d'Almeida, foi collocada uma lápide na casa edificada no mesmo local daquela onde Eduardo Coelho nasceu, na antiga rua dos Sapateiros, uma das de maior importância e movimento da parte baixa da cidade.

Essa lápide, executada nas oficinas do hábil artista conimbricense sr. João Machado, é de desenho simples e elegante, oferecendo como principal motivo decorativo um número dobrado do *Diario de Noticias* seguro entre as digitais de uma palma, conforme se vê da seguinte gravura <sup>165</sup>.



Em 29 de dezembro de 1904 realizou-se a inauguração da lápide com a solenidade que consta do relato telegráfico enviado ao *Diario de Noticias* pelo seu correspondente em Coimbra:

*Coimbra, 29.* — Foi muito sympathica e altamente significativa, pelo seu intrinseco valor, a manifestação que o povo d'esta cidade acaba de prestar ao grande jornalista Eduardo Coelho.

Pouco depois do meio dia, perante a camara municipal representada pelo seu vice-presidente sr. dr. José Alberto Pereira de Carvalho e pelos vereadores srs. Aureliano dos Santos Viegas, Antonio Augusto Neves, Antonio Nunes Corrêa, José Diniz Simões e Manuel Paes, bem como pelo presidente da mesa da assembléa geral da Associação dos Artistas de Coimbra, sr. João Antonio da Cunha, e pelo segundo secretario sr. Anthero Teixeira Leite e por alguns socios e bastantes populares, se procedeu á inauguração da lapide commemorativa do nascimento de Eduardo Coelho, na casa edificada no mesmo local d'aquella em que esse facto se deu, bem como á inauguração tambem das placas de marmore com letras douradas representativas do novo nome daquella rua que passa a denominar-se — *de Eduardo Coelho* — como foi resolvido pelo nosso municipio para perpetuar o nome do illustre fundador do *Diario de Noticias*.

<sup>165</sup> «E' feito em pedra da Bouça, tendo sido habilmente aproveitadas pelo distincto artista as differenças da coloração que a pedra tem conforme é ou não polida. Os toques leves de ouro da inscrição e das prizes do ornato acentuam a elegancia e a distincção geral do desenho.» *Resistencia*, de Coimbra, de 8 de dezembro de 1904.

Antes de ser descerrada a cortina que cobria a placa do lado da Praça do Commercio, o sr. dr. José Alberto Pereira de Carvalho, vice-presidente da camara municipal, referiu-se elogiosamente á memoria do illustre filho de Coimbra, já como prestante cidadão, já como jornalista, prestando na imprensa relevantes serviços á sua terra.

O sr. João Antonio da Cunha, em nome da Associação dos Artistas de Coimbra, de que o saudoso jornalista era socio benemerito, pôz em relevo os seus serviços a favor daquella collectividade e declarou que vinha ali jubilosamente associar-se ao preito de veneração que lhe era feito.

E assim terminou esta sympathica solemnidade que tem um alto valor de consagração.

Durante ella foi distribuido o numero unico do jornal dedicado á memoria de tão prestante cidadão, trazendo na frente o seu retrato e nas paginas interiores as gravuras do monumento e da lapide commemorativa <sup>166</sup> apresentando uma collaboração muito distincta.

A' noite ha illuminação nos predios da rua de Eduardo Coelho.

Á homenagem, de origem particular, outra se juntara prestada á memória de Eduardo Coelho pela câmara municipal de Coimbra e por iniciativa da comissão executiva do monumento e da direcção da Associação dos Jornalistas de Lisboa.

Em 9 de dezembro de 1904 o autor dêste livro entregava pessoalmente, em Coimbra, ao Dr. Manuel Dias da Silva, illustre lente da faculdade de direito da Universidade, já falecido, e que foi um dos mais prestantes, activos e dedicados presidentes daquela câmara, uma representação assim concebida:

*Ill.<sup>mos</sup> e Ex.<sup>mas</sup> Srs. Presidente e mais vereadores da Camara Municipal de Coimbra.*

Em nome da comissão executiva do monumento que a Eduardo Coelho está sendo erigido, e no dia 29 do corrente mez deve ser inaugurado n'esta capital, e da Associação dos Jornalistas de Lisboa que a essa homenagem presta a mais calorosa adhesão, vimos apresentar á consideração de V. Ex.<sup>as</sup> um alvitre que certamente será attendido se, como supponos, elle fôr julgado honroso quer para o municipio de Coimbra, quer para a memoria dum dos mais illustres e benemeritos filhos d'essa cidade.

Em 22 d'abril de 1835 nasceu em Coimbra José Eduardo Coelho, que pelo incansavel esforço do seu trabalho, pela poderosa actividade da sua intelligencia e pela bondade incomparavel do seu coração, veio a impor-se ao respeito e ao apreço dos seus concidadãos.

Sem protecção nem meios de fortuna, Eduardo Coelho subiu honradissimamente da

<sup>166</sup> O numero unico «Eduardo Coelho».—Um grupo de conimbricenses fez publicar, por iniciativa do sr. João Ribeiro Arrobas, um número único intitulado *Eduardo Coelho*, com o retrato do fundador do *Diario de Noticias* e várias illustrações.

Tem oito paginas e insere collaboração de C., Antonio de Sousa, João Ribeiro Arrobas, Augusto Veiga, Ezequiel Correia, A. Motta, Miguel Costa, Manuel Dias da Silva e A. J. do Nascimento. Reproduz um antigo artigo de homenagem de Joaquim Martins de Carvalho e outro artigo da *Correspondencia de Coimbra*.

Impresso na Minerva Central, de Coimbra, foi distribuido ali e em Lisboa.

sua humilde obscuridade a uma das posições mais invejáveis e distintas a que poderia aspirar um homem de bem e um homem de talento.

Escrevendo d'elle, Manuel Pinheiro Chagas observou com verdade :

«Se havia homem que pudesse fazer deveras a apothose do trabalho, era sem duvida alguma Eduardo Coelho. Tudo lhe deveu, e pode afoitamente dizer-se que a sua vida teve estes vertices honrosissimos—o trabalho, a familia e a bondade.

«Com a sua penna no seu jornal, com a sua palavra nas reuniões, com o seu trabalho, com o seu dinheiro, nunca serviu senão a causa do bem, do justo, do honesto ; nunca defendeu senão estes nobres sentimentos que fazem pulsar com mais força o nosso coração de homens e de patriotas.»

Nada mais certo do que este juizo do notavel escriptor ácerca do popular e insigne jornalista que tão glorioso soube tornar o seu nome e tão alto soube levantar o prestigio da imprensa.

Attesta-o o *Diario de Noticias*, que o grande poeta e apostolo da instrucção nacional, Antonio Feliciano de Castilho, apontava publicamente como «estímulo perpetuo de leitura» ; que o grande propagandista dos ideaes associativos, Vieira da Silva, dizia ser «o echo de toda a obra boa que por esta terra se faz» ; que emfim o grande sabio, professor e estadista Antonio Augusto d'Aguiar confessava «valer á sua conta mais do que muitas escolas de instrucção primaria».

Mas não foi unicamente á cidade de Lisboa que ficou vinculado o nome de Eduardo Coelho pelos serviços relevantissimos que lhe prestou.

Coimbra, sua terra natal, jamais por elle foi esquecida ou menospresada, e sempre na memoria de Eduardo Coelho andou bem viva a lembrança de que alli fôra o seu berço e o berço de seus paes e irmãos.

Amou-a elle com enternecimento e entusiasmo, e, se mais de uma vez ahí foi de preferencia buscar repouso para as suas fadigas e labutas, por muitas vezes no *Diario de Noticias* pugnou ferverosamente pelos melhoramentos e progressos de que ella é tão digna.

Se para prova do que dizemos fosse preciso invocar testemunhos insuspeitos, bastar-nos-ia recorrer a um conterraneo de Eduardo Coelho, tambem, como este, apaixonado pela terra onde nascera—Joaquim Martins de Carvalho, o extincto patriota director do *Conimbricense*, que na sua folha escrevia, por occasião da morte do seu camarada e amigo, as seguintes palavras de justiça :

«Quem no futuro quizer apresentar, para incitamento, exemplos do que pode conseguir a perseverança no trabalho, a probidade e honradez de character, o amor da patria, da familia e da liberdade, e o animo benevolente e caridoso, tem necessariamente de indicar o nome de Eduardo Coelho, porque todas essas virtudes elle reunia em subido grau.

«Com elle não succedeu o que tem succedido com outros filhos de Coimbra. A ausencia não lhe fez perder o amor da sua terra natal.

«Não se tratava de qualquer assumpto que interessasse á cidade de Coimbra, sem que elle logo sahisse a campo em beneficio d'esta terra no seu *Diario de Noticias*. D'isto poderiamos dar numerosissimas provas.»

Coimbra, portanto, foi por Eduardo Coelho irmanada a Lisboa no amor que lhe votava e no muito que dedicadamente queria a ambas as terras.

É, pois, d'esperar que a essa cidade não repugne acompanhar d'algum modo a capital, no preito rendido ao popular jornalista, e que a camara municipal de Coimbra não re-

jeite a idéa de se associar ás homenagens de que a camara de Lisboa por mais de uma vez tem tomado a iniciativa.

Esta cidade ergueu um monumento a Eduardo Coelho, e o seu municipio, depois de em 31 de dezembro de 1885 ter dado á rua onde sempre, desde a sua fundação, tem estado a sede do *Diario de Noticias*, o nome de *Rua do Diario de Noticias*, deu tambem, em 22 de novembro de 1893, á rua onde falleceu o fundador d'aquella folha o nome de *Rua Eduardo Coelho*.

Cremos que o municipio de Coimbra não se desdouraria se procedesse semelhantemente em relação á rua onde nasceu aquelle insigne escriptor, perpetuando assim, na sua propria terra natal, a memoria d'um tão benemerito filho.

O alvitre, pois, que tomamos a liberdade de apresentar á consideração e ao elevado criterio de V. Ex.<sup>as</sup> é o de ser dado á antiga rua dos Sapateiros, onde vae ser collocada, no predio respectivo, uma lapide commemorativa, o nome de *Rua Eduardo Coelho*.

Seria, a nosso ver, da parte da illustradissima Camara Municipal de Coimbra uma demonstração honrosa de estima, gratidão e apreço pela memoria de um conimbricense por muitos titulos illustre.

Deus Guarde a V. Ex.<sup>as</sup>

Lisboa, 1 de Dezembro de 1904.

Ill.<sup>mos</sup> e Ex.<sup>mos</sup> Srs. Presidente e mais vereadores da Camara Municipal de Coimbra.  
Pela commissão executiva do monumento a Eduardo Coelho

O Presidente, *Conde de Valenças*.  
O Thesoureiro, *Pedro Wenceslau de Brito Aranha*.

Pela direcção da Associação dos Jornalistas de Lisboa

O Presidente, *Alfredo da Cunha*.  
O Vice-presidente, *S. de Magalhães Lima*.  
O Secretario, *Candido de Figueiredo*.

Acolhido com agrado o alvitre constante d'êste documento, e estando para o mesmo dia 9 convocada a reunião da câmara, por unanimidade resolveu esta immediatamente que á rua onde em Coimbra nascera o fundador do *Diario de Noticias* se desse o nome de *Rua Eduardo Coelho*.

É o que consta do officio dirigido pelo presidente da câmara municipal de Coimbra ao presidente da Associação dos Jornalistas de Lisboa :

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup> que a camara municipal da minha presidencia, a quem foi presente em sessão de 9 do corrente o officio de V. Ex.<sup>a</sup> de 1 d'este mez, resolveu na mesma sessão dar á antiga rua dos Sapateiros d'esta cidade o nome de Eduardo Coelho, satisfazendo assim o pedido, que em nome da Associação dos Jornalistas de Lisboa e da Commissão Executiva do monumento áquelle cidadão, é feito á municipalidade de Coimbra.

A camara municipal associa-se á manifestação projectada em Lisboa em honra d'esse filho dilecto de Coimbra e o monumento que na Alameda de S. Pedro d'Alcantara vae ser erigido á memoria d'esse filho do povo attestarâ aos vindouros que a poderosa actividade, intelligencia e incançavel esforço do seu trabalho, tem *jus* a essa homenagem digna dos seus promotores pelo muito que traduz e significa.

No proximo dia 29 do corrente será na antiga rua dos Sapateiros collocada a respectiva placa com *rua Eduardo Coelho* e assim perpetuado em Coimbra o nome glorioso do escriptor popular, insigne jornalista, apostolo devotado da instrucção e protector dos pobres.

Deus guarde a V. Ex.<sup>a</sup>

Coimbra, 13 de dezembro de 1904.

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da Associação dos Jornalistas de Lisboa.

O Presidente

*Manuel Dias da Silva.*

Foi mais um preito rendido á memória do insigne jornalista, preito digno de tanto maior louvor quanto á justiça do alvitre correspondeu o mais pronto e decidido acolhimento, como se infere do documento seguinte:

*Copia de parte da acta da sessão ordinaria da camara municipal de Coimbra, do dia 9 de dezembro de 1904. Correspondencia e respectivas deliberações.*

«Da Associação dos Jornalistas de Lisboa e Commissão Executiva do monumento a Eduardo Coelho, officio do 1.<sup>o</sup> do corrente mez, communicando que no dia 29 d'este mez, deverá ser inaugurado em Lisboa, o monumento a Eduardo Coelho, pelos serviços prestados ao paiz como fundador do *Diario de Noticias*, que na opinião do grande sabio, professor e estadista Antonio Augusto de Aguiar confessava «valer á sua conta mais do que muitas escolas de instrucção primaria», e pedindo para a camara, associando-se ás manifestações da capital, dar á rua dos Sapateiros onde nascera aquelle benemerito filho de Coimbra, o nome de «Eduardo Coelho».

«Foi lido n'este acto um requerimento assignado pela filha, genro e primo de Eduardo Coelho (D. Maria Adelaide Coelho da Cunha, Alfredo da Cunha e Carlos Augusto de Almeida) pedindo licença para na casa da rua dos Sapateiros, n.<sup>os</sup> 73 a 77, collocar uma lapide com os seguintes dizeres :

N'ESTA CASA  
NASCEU EM 22 DE ABRIL DE 1835  
JOSÉ EDUARDO COELHO  
FUNDADOR DO «DIARIO DE NOTICIAS»,  
BENEMERITO DA IMPRENSA POPULAR,  
O QUAL FALLECEU  
EM LISBOA EM 14 DE MAIO DE 1889

«A camara auctorizando a collocação da referida lapide, resolveu em homenagem ao benemerito cidadão filho de Coimbra, Eduardo Coelho, deferir o pedido da Associação dos Jornalistas e respectiva commissão, dando á referida rua o seu nome».

## O monumento

A idea de se perpetuar a memória de Eduardo Coelho por forma que a todos—letrados ou iletrados—o seu nome ficasse recordando o de um verdadeiro benemérito da pátria, foi lançada como semente fecunda no espírito público por ocasião da morte do popular jornalista, e germinou enfim no coração dos seus amigos mais devotados.

Em dezembro de 1894, o falecido secretário da direcção da Associação de Socorros Mutuos Eduardo Coelho, um humilde empregado do comércio que ocultava, sob a sua aparência modestíssima, uma grande força de vontade impulsionada por um coração generoso e bom, comunicava-me que se ia promover a realização do monumento.

José de Assumpção Marques, que assim se chamava o malogrado moço, cujo nome tam esquecido está hoje como pouco apregoado da fama andou sempre, mas que considero um dever de consciência lembrar aqui, participava-me que a associação referida «desejava tomar a iniciativa da erecção, na capital, de um monumento á memoria do jornalista prestante cujo nome saudoso lhe serve de lema».

E efectivamente, em 13 de dezembro de 1894, o *Diario de Noticias* publicava êste convite:

«São convidadas todas as associações de Lisboa a nomearem um delegado a uma reunião que deve ter logar no proximo dia 30 do corrente, pelas 12 horas do dia, na séde da Associação de Socorros Mutuos Eduardo Coelho, a fim de se accordar no melhor meio de se realisar uma manifestação de respeito e de saudade á memoria do prestimoso jornalista, que implantou em Portugal o jornal barato, e que tantos serviços prestou ao principio associativo, ao paiz e á cidade.»

O que nessa reunião se passou consta dos extractos publicados nos jornais de Lisboa do último dia do ano de 1894.

Eis o que o *Diario de Noticias* relatava:

«Esteve imponentissima a reunião dos delegados das associações de Lisboa, convocados para accordarem no modo de se prestar uma nova homenagem ao nosso inolvidavel amigo e director Eduardo Coelho.

«Se a memoria d'este grande e benemerito jornalista precisasse d'alguma consagração solemníssima para tornar mais vivo o prestigio de que gosou entre as classes populares, a reunião de hontem, com o brilhantismo que a revestiu e o entusiasmo que a aqueceu, de principio a fim, bastava para dar a medida exacta das saudades que deixou e do profundo

rasto de amor e de sympathia que ficou perdurando no coração de quantos com elle lidaram em vida e ainda o estremecem depois da sua morte».

Foi nesta sessão que José d'Assumpção Marques, por parte da Associação de Soccorros Mutuos Eduardo Coelho, leu a seguinte

### Proposta

Meus senhores :—No constante empenho de honrar a memoria do homem cujo nome lhe serve de patrono, a direcção da Associação de soccorros mutuos Eduardo Coelho pretendeu tomar a iniciativa d'uma commemoração que, pela sua grandeza e perpetuidade, seja digna d'aquella querida memoria e d'aquelle illustre nome. E para realizar este desejo occorreu mais uma vez como o melhor meio de dar fórma pratica a tão elevado intento, erguer-se ao grande jornalista popular um monumento na capital, que tantos e tão desinteressados serviços lhe deveu.

N'um discurso ha pouco pronunciado por uma das maiores glorias da medicina portugueza e um dos maiores admiradores de Eduardo Coelho, o sr. dr. Sousa Martins, revoltava-se este contra os que pretendem inculcar os monumentos como destoantes da phase actual da nossa civilisação.

«Por mim não o creio, dizia o notabilissimo homem de sciencia. Quando o feito é ingente, não cabe nas posses d'uma só geração o admiral-o por completo. . . O livro, mau grado a ubiquidade de que é susceptivel, jamais dispensará as marmoreas ou as bronzeas paginas—unicas em que é permittido traçar letras legiveis a illetrados. . . Completa o livro o monumento».

«Dê-se, pois, concluiu o illustre orador, o livro aos eruditos e o monumento ao povo».

N'este proposito se inspira a proposta que tenho a honra, como membro da direcção da «Associação Eduardo Coelho», de apresentar á apreciação de v.<sup>as</sup> ex.<sup>as</sup>.

Se para perpetuar nas gerações futuras o nome de Eduardo Coelho, bastasse a obra escripta d'esse grande propagandista, nada mais seria preciso do que os innumerados trabalhos litterarios que deixou, e sobretudo os volumes do *Diario de Noticias* publicados durante os gloriosos 25 annos em que o dirigiu.

Se para conservar na memoria dos vindouros a lembrança das virtudes sem egual d'esse pertinaz evangelizador de todos os bons principios e de todos os ideaes generosos, bastasse o que de taes virtudes se tem publicado, sufficientes seriam as apologias entusiasticas feitas na imprensa do paiz por occasião da sua morte, nada mais seria necessario do que esse livro tão completo, consagrado, com amor verdadeiramente filial, á vida e á obra de Eduardo Coelho por seu genro e socio honorario d'esta associação, o ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Alfredo da Cunha.

Mas em nossa humilde opinião e para o fim que temos em vista, não basta nem o que elle escreveu nem o que d'elle se escreveu. Isto servirá decerto para os que sabem e podem ler; nós, porem, pretendemos homenagem mais ampla, mais perduravel, e que se imponha a todos, e que todos comprehendam, tanto os que possuem illustração como os que a não teem.

«Semear o bem foi o ideal de Eduardo Coelho», disse o sr. dr. Sousa Martins, no discurso a que alludimos. Mostremos, pois, que essa abençoada e larga sementeira pode fructificar em mais uma obra de justiça e de gratidão.

N'estes termos, pois,

Considerando que é um dever de honra e de justiça perpetuar na memoria das gerações futuras a fama e o nome do homem que tão infatigavelmente trabalhou pelo bem estar do povo e pelas regalias e legitimas reivindicações das classes menos afortunadas da sociedade;

Considerando que o unico modo pratico d'esta ideia se realizar condignamente é a erecção de um monumento publico que a todos testemunhe o respeito e a admiração do povo pelo apostolo desvelado do principio associativo, pelo entusiasta dedicadissimo de todos os progressos e de todas as conquistas da civilisação, pelo fundador e director do *Diario de Noticias*, o jornal que introduziu no nosso paiz a leitura barata e accessivel a todas as posses e a todas as intelligencias;

Proponho que se nomeie uma grande commissão composta de representantes das diversas corporações e de collegas, amigos e admiradores de Eduardo Coelho, a fim de levar a effeito, por subscrição publica e de caracter popular, a ideia indicada de se lhe erigir um monumento no local e pela fórma que se julguem mais convenientes, e de se collocar uma lapide commemorativa na casa onde falleceu.

Lisboa, 30 de dezembro de 1894. — Pela associação Eduardo Coelho, *José d' Assumpção Marques*.

Esta proposta foi aprovada por aclamação calorosa e entusiástica.

Por minha parte, entendi de justiça lembrar á gratidão de todos os que amaram Eduardo Coelho o nome do homem que, no próprio dia em que o corpo do grande jornalista era encerrado no seu modesto jazigo, junto dêste, e em frases de comovida eloquência, formulara pela primeira vez a idea de se lhe erguer um monumento — o falecido médico dr. Leonardo Torres.

A essa imponente reunião assistiram delegados das seguintes 84 colectividades:

Sociedade de Geografia de Lisboa, Associação Commercial de Lisboa, Industrial portugêsa (comissão instaladora), Commercial dos Lojistas (comissão instaladora), Commercial do Beato e Oliveas, Ateneu Commercial de Lisboa, Associação Tipografica Lisbonense e Artes Correlativas, Camoneana José Victorino Damasio, Liga das Artes Graficas, Federação das Associações de Classe, Real Ginasio Club, Gremio Português, Comissão central 1.º de dezembro de 1640, Empregados do Comercio e Industria, Caixeiros Portugueses, Vendedores de Jornais, Gremio Popular, Classe dos Canteiros, O Democratico, Calceteiros de Lisboa, Fogueiros de Mar e Terra, Construtores Civis, Mestres d'obras, Fraternidade Naval, Artistas Lisbonenses (de socorros mutuos), Galaica, Auxiliadora dos fabricantes de pão, Monte-pio Democratico Português, Fabrica de carruagens, Lavadeiras, José Estevão Coelho de Magalhães, Classe dos correeiros, Monte-pio José Joaquim Peixinho, Empregados dos tabacos, Tanoeiros de Lisboa, Humanitaria A Phenix, Negociantes de carvão em Lisboa, Carlos José Barreiros, Costureiras, Grupo Dramatico Castro Vieira, Cívilisação e Independencia, Monte-pio Liberal, Classe dos pintores de construção civil, Liga das Artes

Metalurgicas, Conciliadora de Santa Catarina, Nove de Janeiro, Aliança Operaria, Operarios Serralheiros, Torneiros mecanicos, Calafates Lisbonenses, Officiais de barbeiro, amolador e cabeleireiro, Caixa Economica Operaria, Alfaiates de Lisboa, Patrão Joaquim Lopes, Concentração musical, Auxiliar dos inhabilitados do trabalho, Independencia nacional 1.º de janeiro de 1894, Carpinteiros navaes, Caixa de socorros da Imprensa Nacional, Socorro da Humanidade, Condutores e cocheiros da viação lisbonense, S. Pedro em Alcantara, União da classe dos estucadores, Instituto 19 de setembro, Classe dos Polidores, Inhabilitade Luz e União, Beneficencia da Costa de Caparica, Socorros mutuos Diogo José Seromenho, Artistica Industrial, Portugal Independente, Comissão academica promotora de manifestações a Eduardo Coelho, Monte-pio Aliança, Operarios da industria corticeira (Poço do Bispo), Carpinteiros, pedreiros e artes correlativas, Autonomia municipal, Operarios manipuladores de pão, Luz e Progresso, Progresso social, Dois de maio, Carpinteiros Lisbonenses, Humanitaria Camões, Antonio Maria Cardoso, O Cosmopolita, Carpinteiros civis, Operarios dos caminhos de ferro do norte e leste.

No dia 17 de janeiro de 1895 reuniu-se na séde da Associação de Socorros Mutuos Eduardo Coelho a grande comissão de que era presidente honorário o conde de S. Marçal, Thomaz Quintino Antunes, e que fôra nomeada na sessão solene de 30 de dezembro de 1894, e por ela foi eleita a comissão executiva, assim constituída :

*Presidente* : Conde de Valenças.

*Secretários* : Diogo Seromenho, presidente da mēsa da assemblea geral da Associação de socorros mutuos Eduardo Coelho ; José da Assumpção Marques, secretário da direcção da mesma associação.

*Tesoureiro* : Pedro Wenceslau de Brito Aranha.

*Vogais* : Dr. José Thomaz de Sousa Martins, Jayme Arthur da Costa Pinto, João José de Sousa Telles, Rodrigo Affonso Pequito, Luiz Eugenio Leitão, A. J. Simões d'Almeida, Paul Plantier, Guedes Quinhones e Alfredo Serrano.

Prolongaram-se durante anos os trabalhos, quer da subscrição pública aberta na imprensa e que só por intermédio do *Diario de Noticias* atingiu a importância necessária para a obra, quer para a definitiva escolha do projecto de monumento a executar. E em 14 de janeiro de 1903 quem escreve estas linhas teve a grande satisfação de poder também escrever naquela folha o seguinte :

«Publicamos hoje a gravura representativa do projecto do monumento que vae ser erigido ao fundador e director do *Diario de Noticias*, o saudoso jornalista Eduardo Coelho, que foi honra e gloria da imprensa portugueza.

«Ha annos, por iniciativa de um grupo de amigos e admiradores do mallogrado escriptor, que tão alto soube erguer o seu nome e tão popular e querida soube tornar a sua obra de propaganda civilisadora, foi

aberta uma subscrição publica para se erguer um monumento condigno de tão prestigiosa memoria.

«A ideia foi acolhida com enthusiasmo por todas as classes sociaes e de todas vieram numerosos e illustres representantes inscrever-se na lista dos subscriptores. Assim se prestava homenagem e se reconheciam serviços a quem, sempre com a maior devoção e desinteresse, se consagrara ao bem publico, quer evangelizando os mais nobres principios nas columnas do seu jornal, quer concorrendo com a sua prodigiosa actividade para todos os grandes melhoramentos do seu paiz, quer procurando praticamente valer a muitos infelizes e attrahir a protecção dos poderosos para a desgraça e fraqueza dos humildes, quer pondo o seu esforço e valimento ao serviço de todas as grandes causas nacionaes e de todos os sagrados interesses da patria.

«Se a influencia de Eduardo Coelho foi benefica, e em muitos casos decisiva em tantas questões de utilidade geral para o paiz, deve dizer-se que foi em Lisboa que mais directa e immediatamente se fez sentir a sua actividade, e que foi a nossa bella capital que mais directa e immediatamente colheu lucros da dedicação e do ardor com que o extincto director do *Diario de Noticias* advogava todos os progressos da cidade que amava com verdadeiro fanatismo. O tributo, pois, que Lisboa lhe pague, reservando, em um dos seus mais formosos locaes, algum espaço em que se erga o monumento projectado, é mais do que devido, e não passa do rigoroso cumprimento d'uma obrigação sagrada.

«Estas mesmas ideias inspiraram certamente os membros da commissão cujos honrados nomes firmam o officio em que é pedido ao municipio de Lisboa o terreno preciso para o monumento referido, officio que, depois de favoravelmente informado pelas repartições competentes, cuja promptidão no estudo do projecto deve ser registada com o maior agradecimento, obteve da illustre commissão administrativa do municipio de Lisboa o deferimento que era de esperar.

«Eis o officio a que alludimos e que deixamos com orgulho archivado nas columnas do *Diario de Noticias*, porque ali mais uma vez se rende um alto preito de justiça a quem tão nobre e gloriosamente o conquistou:

*Ill.mos e ex.mos srs. Presidente e Vogaes da Comissão Administrativa do Municipio de Lisboa:*—A commissão incumbida de mandar construir o monumento ao illustre cidadão e benemerito escriptor Eduardo Coelho, por subscrição publica, na qual figuram pessoas de todas as classes e varias corporações populares, que prestaram assim homenagem condigna a quem por sem duvida bem merecia as que se lhe renderam, vem respeitosa-mente submitter á elevada consideração de v. ex.<sup>as</sup> como muito dignos representantes do municipio de Lisboa, o projecto do dito monumento, cujo auctor é o talentoso architecto Alvaro Machado, que dirigirá a construcção, e que na parte esculptural será coadjuvado pelo distinctissimo escultor Costa Motta; e ao mesmo tempo supplicar que lhe seja para esse fim concedido o local que entende ser apropriado a tal construcção, que aformoseará a capital.

Do escriptor benemerito a quem vae prestar-se este novo e merecido preito, conhecem v. ex.<sup>as</sup> os talentos e os serviços; e bastará agora condensal-os em um só, que tantos

benefícios trouxe especialmente ao município de Lisboa no desenvolvimento da sua instrução popular—a fundação e sustentação do *Diario de Noticias*, que divulgou a leitura tornando-a accessivel a todas as bolsas e utilissima a todas as classes.

Esta homenagem, pois, que vamos prestar e para a qual rogamos a cooperação da ex.<sup>ma</sup> camara municipal, é como um testemunho de gratidão do município e dos munícipes: sabem-no todos. Todos viram e apreciaram e encareceram os serviços de Eduardo Coelho ao povo de Lisboa e á nação inteira.

A sua obra enorme, por ser boa e de grande utilidade no derramamento da instrução popular, tem encontrado imitadores e isso ainda representa importantissimo serviço. Não o occultemos. E paguemos á memoria querida de Eduardo Coelho, com a cooperação da Municipalidade, o tributo que está em aberto para com um cidadão da estatura e do character d'aquelle a quem vamos erigir monumento duradouro, exemplo e estímulo para as gerações de hoje e do futuro.

É justo que a camara municipal de Lisboa se associe a tão grata e desejada homenagem, approvando o projecto e concedendo-lhe o local escolhido.

Esse local é a Alameda de S. Pedro d'Alcantara, aquelle bello recinto, ficando d'esse modo mais aformoseado e attrahente. Julgou a commissão ser o mais apropriado por ficar em ponto eminente no bairro Alto, onde Eduardo Coelho teve tambem, durante a maior parte da sua vida, a sua residencia, e onde ainda existem as officinas do *Diario de Noticias*. Esse local domina grande parte da cidade e o monumento, aliaz de desenho elegante e não vulgar, sahindo dos moldes communs e pouco originaes, será assim visto e admirado de muitos pontos da capital.

N'estes termos, portanto, a commissão pede o deferimento do que requer e lhe parece de inteira justiça.

E. R. M.

Lisboa, novembro de 1902.

O presidente da commissão, *Conde de Valenças*.

Os vogaes, *A. J. Simões d'Almeida, Diogo Seromenho, Jayme Arthur da Costa Pinto, João José de Sousa Telles, Luiz Eugenio Leitão, Paul Plantier, Rodrigo Affonso Pequito*.

O tesoureiro, *Pedro Wenceslau de Brito Aranha*.

«O monumento é constituido por um pedestal assente em um envasamento e sobre o qual se ergue o busto de Eduardo Coelho.

«Occupa 16 metros quadrados, na Alameda de S. Pedro de Alcantara, sendo a base formada por um quadrado de 4 metros de lado, e medindo 3<sup>m</sup>,50 de altura, do chão á base do busto, o qual tem 1<sup>m</sup>,20 de alto.

«Á frente destaca-se, animando o pedestal, a figura de um «*rapaz de jornaes*», um d'esses pequenos vendedores ambulantes, cuja classe deve a sua existencia a Eduardo Coelho e o seu aparecimento e desenvolvimento ao *Diario de Noticias*.

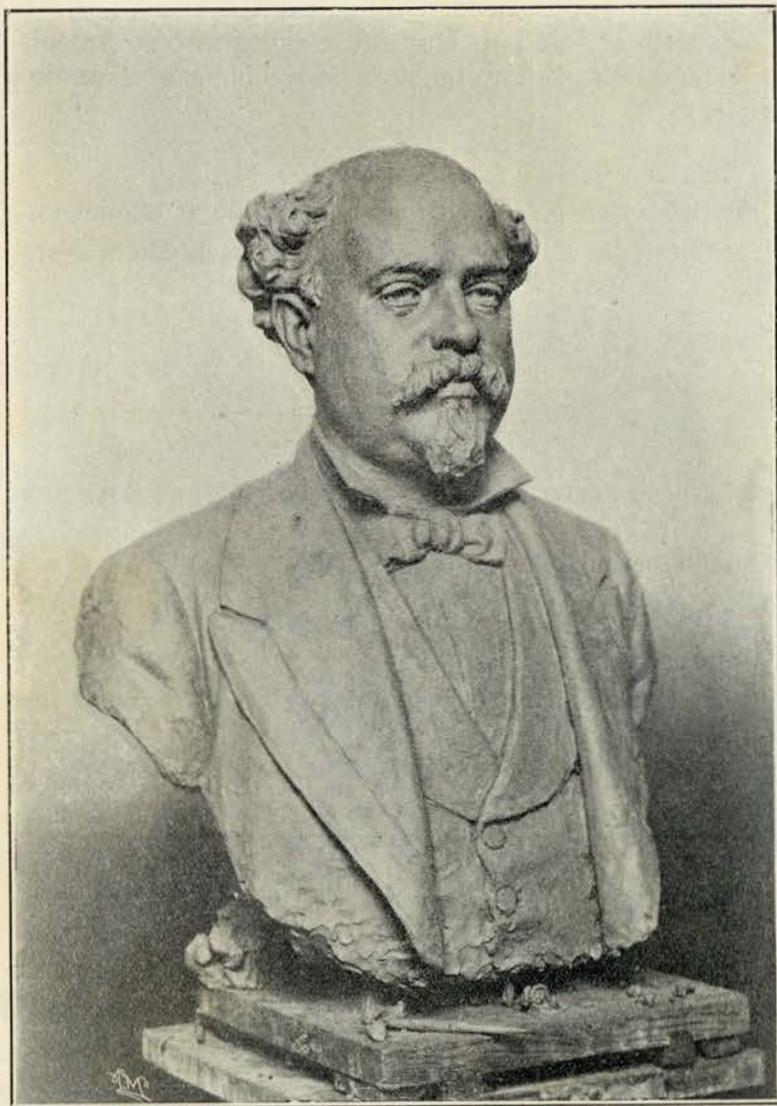
«Na parte posterior do monumento, vêem-se diversos emblemas do escriptôr e jornalista.

«O monumento é de pedra lioz, de Pero Pinheiro, trabalhada primorosamente nas officinas de canteiro dos srs. Antonio Moreira Rato & Filhos, com excepção do busto, da figura do «*rapaz dos jornaes*» e dos emblemas, que foram executados em bronze nas officinas da Fundição de Canhões, sob a direcção superior e intelligentissima do sr. coronel Mathias Nunes e com autorisação do ministro da guerra, o sr. conselheiro Luiz Augusto Pimentel Pinto.



**Monumento a Eduardo Coelho na Alameda de S. Pedro de Alcantara, em Lisboa**  
tendo na face anterior do pedestal o medalhão de THOMAZ QUINTINO ANTUNES (conde de S. Marçal)

«O projecto do monumento é devido a um architecto novo e distinctissimo, a quem está reservado um largo futuro, o sr. Alvaro Machado, e



**Busto de EDUARDO COELHO**, modelado por Antonio da Costa Motta

Modélo em barro, existente na redacção do *Diario de Noticias* e que serviu para a fundição, em bronze, do que foi colocado no monumento da Alameda de S. Pedro d'Alcantara (fotografia tirada no atelier do escultor, em 1904)

o busto de Eduardo Coelho, a figura do «rapaz dos jornaes» e os emblemas foram confiados ao insigne escultor sr. Costa Motta, conterrâneo e admirador do falecido jornalista e autor das estatuas de Afonso de Albuquerque e de Sousa Martins, bem como de muitos outros trabalhos de elevado valor artístico.

«É justo consignar que á comissão administrativa do municipio de Lisboa sob a presidencia do sr. Marquez de Avila, e á vereação actual sob a presidencia do sr. conselheiro Antonio d'Azevedo Castelo Branco, bem como aos funcionarios superiores da camara, e particularmente aos illustres architecto sr. José Luiz Monteiro e engenheiro sr. Antonio Maria d'Avelar, ficou a comissão promotora do monumento devendo assinalados serviços.»

As inscrições que se lêem no monumento são as seguintes:  
Na face posterior do pedestal, e a dois terços da altura dêste:

A  
EDUARDO COELHO  
22 — IV — 1835  
14 — V — 1889

representando estas datas as do nascimento e morte do illustre jornalista.

Na face posterior do soco do pedestal:

POR SUBSCRIÇÃO PUBLICA

Na face lateral direita do pedestal, á altura da primeira inscrição:

FUNDADOR DO «DIARIO DE NOTICIAS»

Na face lateral esquerda, á mesma altura:

BENEMERITO DA IMPRENSA POPULAR

Na face anterior foi colocado, em outubro do ano corrente de 1914, com destino a ser inaugurado em 29 de dezembro, por ocasião do cincoentenário do *Diario de Noticias*, o medalhão, fundido em bronze, de Thomaz Quintino Antunes (Conde de S. Marçal), modelado pelo sr. Costa Motta, sendo abertos na pedra, em que foi encrustado, os dizeres seguintes:

FUNDADOR DO «DIARIO DE NOTICIAS» <sup>167</sup>

<sup>167</sup> A esta homenagem se refere o officio reproduzido a pag. 92 dêste livro, onde também a pag. 86 se encontra a reprodução em fotogravura do medalhão aludido.



**Um aspecto da Alameda de S. Pedro d'Alcantara no dia da inauguração do monumento**

O presidente da Câmara municipal de Lisboa, conselheiro Antonio d'Azevedo Castello Branco, dando a esquerda ao distinto escritor e académico, o falecido colaborador do *Diario de Noticias* general Zeferino Brandão, dirigindo-se para o local do monumento a Eduardo Coelho

## A inauguração do monumento

No *Diario de Noticias* de 30 de dezembro de 1904 encontra-se a minuciosa descrição do que foi a imponente e comovedora cerimónia da inauguração do monumento a Eduardo Coelho. Dêle reproduzo as seguintes notas :

«Perante uma enorme multidão de pessoas, representantes de todas as classes, desde as forças dirigentes da nação até o mais humilde das mais humildes camadas sociaes, foi descerrado o busto do que outr'ora foi nosso director, ou antes nosso companheiro e amigo, d'aquelle que nos impulsionou com a sua energia communicativa, que nos orientou com o seu conselho ponderado, que nos fortaleceu com o exemplo salutar da sua perseverança e da sua tenacidade.

«Encheu-se-nos a alma de jubilo ao vermos que junto do monumento se congregavam espontaneamente tantas e tantas pessoas que ali iam prestar a homenagem da sua sympathia á memoria do morto querido que, se do alto do seu pedestal podesse ver e sentir, dar-se-hia por bem recompensado das muitas horas de amarguras e de incertezas que não raro lhe attribularam a sua vida de jornalista.

«Por um feliz acaso, ás galas com que os homens tributavam á memoria de Eduardo Coelho o seu affecto, tambem a natureza quiz juntar as suas, inundando o recinto de luz, proporcionando um lindo dia de inverno, sorridente e calmo a engrinaldar a festa.»

### O descerramento do busto

«A tocante cerimonia realisa-se exactamente poucos minutos depois do meio dia. A' frente do cortejo os srs. conde de Valenças e dr. Alfredo da Cunha. O primeiro, como presidente da commissão promotora do monumento, entrega os cordões das bandeiras portuguezas, que velam o monumento, ao sr. ministro do Reino.

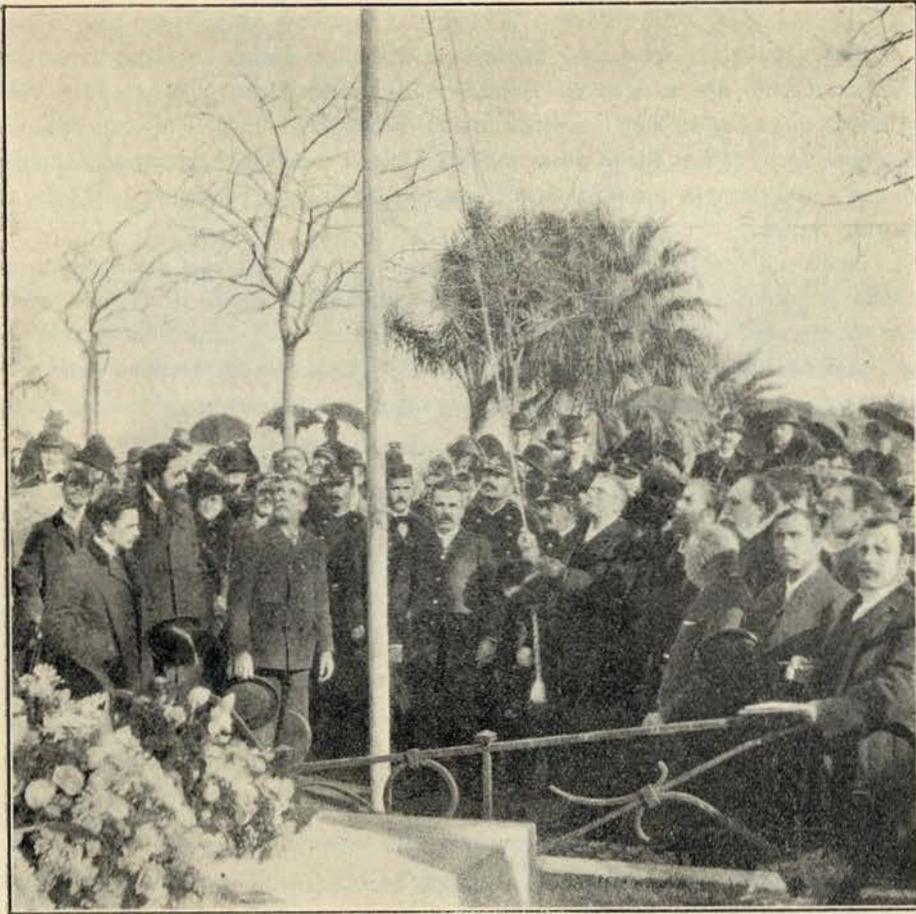
«O descerramento é rapido, e apparece brilhantemente illuminada pelo sol a figura de Eduardo Coelho, tendo na base da columna a figura não menos expressiva do vendedor de jornaes. Um murmurio de admiração acolhe o monumento. Toda a assistencia, de cabeça descoberta, contempla, durante alguns minutos, a obra interessantissima dos srs. Costa Motta e Alvaro Machado, prorompendo depois n'uma unisona salva de palmas e tocando a banda de infantaria 16 o hymno nacional.

«O cortejo volta ao estrado, onde, depois dos discursos allusivos á cerimonia, se ha de assignar o auto da inauguração. A multidão agglomera-se em frente do estrado dos oradores, attenta e silenciosa.

«A presidencia é occupada pelo sr. conde de Valenças ; aos lados e atraz os srs. conselheiros Pereira de Miranda, ministro do Reino; José d'Alpoim, ministro da Justiça; D. João d'Alarcão, governador civil ; conselheiro Antonio d'Azevedo, presidente da Camara Municipal e secretario Pedroso de Lima ; vereadores, etc.»

### Os discursos

Na sua qualidade de presidente da comissão executiva do monumento a Eduardo Coelho, usou primeiro da palavra o falecido conde de



#### O descerramento do busto de Eduardo Coelho

O conselheiro Antonio Augusto Pereira de Miranda, ministro do reino, puchando o cordão do pano que encobria o busto do fundador do *Diario de Noticias*

Valenças<sup>168</sup>, que declarou entregar ao município de Lisboa, na pessoa do seu presidente, o mesmo monumento, e, depois de fazer a apologia entu-

<sup>168</sup> Dr. Luiz Leite Pereira Jardim, antigo lente da faculdade de direito da Universidade de Coimbra, ministro de Portugal nalgumas côrtes estrangeiras e par do reino.

O conde de Valenças, cujo nobre e honradíssimo carácter ainda mais uma vez se revelou na devoção infatigável com que se empenhara em que o monumento se tornasse uma realidade, havia sido amigo íntimo de Eduardo Coelho, de quem também era conterrâneo.

siástica do fundador do *Diario de Noticias*, concluiu pelo agradecimento a todos os «que com o seu dinheiro, ofertas, trabalho e presença contribuíram para esta sympathica commemoração.»

Seguiu-se o sr. conselheiro Antonio d'Azevedo Castello Branco <sup>169</sup>, em nome da câmara municipal de Lisboa, que terminou o seu discurso por estas palavras:

Tenho, pois, que agradecer á illustre commissão, que tomou a seu cargo a erecção deste monumento, que ha de ser contemplado pela cidade de Lisboa com merecida e justa veneração, que ha de ser incentivo para a pratica do bem e, ao mesmo tempo, ha de servir para que todos aquelles que se consagram a beneficiar a sociedade e propagar idéas uteis, tenham aqui o exemplo vivo do que póde uma vontade energica, constante, como foi a de Eduardo Coelho.

Recebendo a camara municipal este monumento, que lhe é entregue pela illustre commissão, agradeço-lhe com o maior jubilo e com a intima satisfação de ter assistido a uma festa solemne, que é, ao mesmo tempo, a justa consagração de um nome illustre, tanto pelos beneficios que prestou á sociedade e obras de philantropia que realisou, como pelo exemplo que deu ao jornalismo portuguez, pelo vigor das suas idéas que são uma gloria da propria patria.

Discursaram depois o sr. conselheiro Francisco Joaquim Ferreira do Amaral, <sup>170</sup> em nome da *Sociedade de Geografia de Lisboa*, de que era presidente, acentuando a identidade dos ideais patrióticos e da isenção política daquela sociedade e de Eduardo Coelho, que fôra um dos seus fundadores; o sr. Dr. Sebastião de Magalhães Lima <sup>171</sup>, que, em nome da *Associação dos Jornalistas de Lisboa*, declarou vir «celebrar devotamente e acclamar e glorificar religiosamente aquelle que foi a encarnação viva do espirito de camaradagem, na sua mais alta accepção de amor e concordia, o prototypo do jornalista de raça, que representou no seu paiz uma altissima missão educadora pela divulgação do jornal popular ao alcance de todas as bolsas e de todas as intelligencias, finalmente ao jornalista e ao cidadão que legou a todos os que mourejam nesta faina ingrata e ingloria da imprensa, o exemplo sagrado do seu civismo, da sua lealdade e da sua honradez»; e o sr. conselheiro José Adolpho de Mello e Sousa <sup>172</sup>, em

<sup>169</sup> Antigo ministro, presidente da câmara dos deputados e da câmara dos pares do reino e conselheiro de Estado.

<sup>170</sup> Antigo presidente do conselho de ministros, major general da Armada, par do reino, conselheiro de Estado, e actual senador.

<sup>171</sup> Fundador e director do *Seculo* e da *Vanguarda*, de Lisboa, e actual senador.

<sup>172</sup> Antigo deputado, par do reino, governador do Banco de Portugal e conselheiro de Estado.

nome da *Associação Comercial de Lisboa*, o qual, recordando haver sido Eduardo Coelho o que em Inglaterra se chama *him self made man*, e haver sido e ser ainda a sua obra «uma das mais uteis e completas produções literárias, senão a mais útil e mais completa», concluiu:

Para mim Eduardo Coelho é também, como no dizer do ilustre orador que me precedeu, um verdadeiro herói; e assim eu entendo que é da maior utilidade perpetuar a sua memória para ensinamento desta sociedade que, infelizmente, todos os dias e cada vez mais procura obter o maior proveito sem dispendir o menor esforço.

Ainda na mesma ordem de ideas falaram o representante da *Associação de Socorros Mutuos Eduardo Coelho*; o sr. Adolpho Telles, presidente da *Associação dos Artistas de Coimbra*, que recordou haver esta concedido em 1882 o diploma de sócio benemérito a Eduardo Coelho, devendo este orgulhar-se dessa distinção por ser a poucos conferida, e em palavras calorosas enalteceu os dotes morais e intellectuais do seu glorioso e inolvidável conterrâneo; e Antonio Ferreira Mattoso, representante da *Associação de socorros mutuos dos vendedores de jornaes*, que lembrou os serviços prestados por Eduardo Coelho áquella classe, que lhe ficou devendo a sua constituição, e apontou á gratidão de quantos vivem da venda de jornaes os nomes dos dois fundadores do *Diario de Noticias*.

Usou seguidamente da palavra o sr. Bento Carqueja, ilustre director-proprietário do *Commercio do Porto*—o considerado decano da imprensa jornalística da segunda capital do país—e que expressamente viera a Lisboa representar na brilhante solenidade aquele periódico. Frisando os numerosos pontos de contacto entre a obra de Manoel Carqueja, fundador do *Commercio do Porto*, e a de Eduardo Coelho, fundador do *Diario de Noticias*, o orador rematou com estas justas ponderações:

Para definir a obra do jornalista, o artista distincto que projectou o monumento collocou-lhe na base um rapaz de jornaes; podia ter posto ao lado as nobres e altivas figuras da Caridade, do Bem e do Amor do Proximo, porque tudo isso praticou na terra Eduardo Coelho!

.....  
A' sombra deste monumento sentir-nos-hemos sempre bem, nós os que fazemos do jornalismo um sacerdocio; e hão de vir aqui os novos jornalistas inspirar-se em novas idéas e receber o calor de novas acções generosas e a alta compreensão dos grandes ideais da liberdade, do direito e da justiça que hão de tornar fortemente grande e fructuosa a nobre missão da imprensa.

Na série dos discursos, seguiu-se o de Brito Aranha, o saudoso companheiro e amigo de Eduardo Coelho, para cujo monumento tanto traba-

lhara, e cuja recente morte quantos tiveram ensejo de apreciar-lhe os dotes da intelligência e a bonomia do carácter profundamente deploram.

Como redactor principal do *Diario de Noticias*, que então era, pronunciou Brito Aranha o seguinte discurso, que pelas especiais referências que contêm a antigos e estimadíssimos cooperadores daquele jornal ainda felizmente vivos, e pela particular situação de quem o proferia, aqui reproduzirei na íntegra:

De entre o grupo de redactores, que acompanharam a Eduardo Coelho, quasi desde os primeiros annos do *Diario de Noticias*, até que este chefe e amigo nos deixou para sempre com geral sentimento de todos que o amaram e veneraram, de todos os que conviveram intimamente com elle, de todos os que tiveram occasião de apreciar as suas grandes qualidades e o seu nobre character, citarei dois sobreviventes: Albino Pimentel e eu; e dois collaboradores, Eduardo Martins e Duarte Pereira.

Vi-os com a sua intelligencia, com a sua actividade e com o seu prestimo, n'uma collaboração activa e util. Ainda hoje pertencem ao jornal. Posto que não trabalhasse nos primeiros numeros na redacção effectiva, porque pertencia então a outra gazeta, eu acompanhava muitas vezes Eduardo Coelho e tive occasião de observar o desenvolvimento da sua aptidão jornalística, da sua sagacidade na composição da folha popular, como elle a pensou, creou e manteve; na recta orientação do bem, no conselho prudente, na louvavel propaganda em prol dos desprotegidos, na alta comprehensão dos interesses das classes laboriosas, na perspicaz apreciação de assumptos da instrucção do povo, que tomára como principal base de salutar propaganda.

Propaganda santa, que deu a essa folha que se chama *Diario de Noticias*, e á qual se abrigam centenaes de familias e á qual convergem milhares de obulos para acudir a comprovados casos de afflicção e miseria, a importancia e o prestigio que hoje tem.

Antes porém da creação do *Diario de Noticias* já convivia com Eduardo Coelho.

O que elle era no trato intimo podia eu dizel-o por muitos factos que não foram divulgados, porque elle não o consentiu nunca, nem eu neste momento os revelaria para não offender a sua memoria que devemos respeitar.

Eduardo Coelho abriu estrada em que encontrou flôres, louros e triumphos, mas por entre sacrificios grandes e espinhos dilacerantes. Conheceu bem o mundo e os homens.

Apreciou com sã philosophia os enleios da civilisação. Riu-se das mascaras que lhe appareciam. Se viu os vividos clarões da gloria, que nem o offuscavam nem o envaideciam sentiu tambem as dôres das feridas produzidas pela maledicencia e pela inveja.

Se uns lhe não traziam a soberba, as outras não lhe davam ao animo o minimo desejo da desforra. Tal era a grandeza e a magnanimidade do seu coração!

Os seus companheiros não encontravam n'elle jámais um chefe, mas em todos os lances, a todas as horas, um amigo, e até direi um amparo, uma protecção, um conselho bom, uma esperanza fagueira, que Eduardo Coelho desejava ver realisada em todos que o cercavam e que considerava a sua familia predilecta.

Não julgo demasiadas as homenagens que se lhe tem prestado; nem as que se lhe prestam agora. Como foi extraordinario o numero dos seus amigos, como foi incalculavel o numero das sympathias que o rodearam, sobe d'ahi naturalmente esta glorificação que se

desprende em harmonias acariciadoras, em louvores vivificantes e em applausos tocantes e calorosos. O calor d'estes applausos derrama-se como corrente electrica que nos commove e abala. Justissima homenagem, Eduardo Coelho!

Aqui estão os teus velhos companheiros de esforços e trabalhos a saudarem-te n'esse busto que reproduz no teu rosto o espelho da bondade e da generosidade, todos os sentimentos bons e bellos que tu possuias como em um cofre inexaurível!

Eduardo Coelho, filho mais velho do fundador do *Diario de Noticias* e secretário da redacção dêste jornal, em seu nome e no da familia, a todos agradeceu comovidamente nestas breves e sentidíssimas palavras:

Em nome da familia Eduardo Coelho cabe-me n'este solemne momento a honra de exprimir-vos a gratidão que me invade a alma e o reconhecimento que filhos e representantes d'essa familia sentem para comvosco, pela grandiosa homenagem que prestaes ao nosso inolvidavel chefe.

Sinto sinceramente não possuir o dom da palavra, mas decerto, se o tivesse, a minha voz seria embargada pela commoção que me domina perante esta significantissima e grandiosa manifestação.

Consolador estímulo o d'esta apothese para os que em imperiosa missão procuram não deixar esquecer-lhe o nome; e tanto mais consoladora, quanto é certo que ella representa que, n'estes tempos d'olvido, se veneram os que foram bons, os que trabalharam em pról da justiça, modestos e leaes, nascidos do povo, luctando pelo povo de onde nunca sahiram. Que maior balsamo para a nossa dôr, nós que tanto lhe queriamos, do que aquelle que se ergue ali na pedra e no bronze immorredouros?

A saudade infinda que nos avassála o coração de filhos e parentes amantissimos, parece alliviada perante a estatua d'elle, que era um filho do povo, levantada pelo povo seu irmão. Reconhecidamente, senhores, beijo-vos as mãos em nome da familia Eduardo Coelho, agradeço-vos do fundo d'alma a grandiosa apothese, a duradoura manifestação que prestaes á memoria do nosso saudoso chefe, e n'este agradecimento vae toda a nossa vida.

Ainda finalmente usou da palavra quem escreve estas linhas, que, na qualidade de director, do *Diario de Noticias*, disse o seguinte:

*Meus senhores:*

Faz agora dez annos inaugurava-se, n'uma longinqua cidade da Beira, um modesto monumento a alguem que, no exercício da sua profissão meritória, arriscara muitas vezes a vida no combate contra epidemias dizimadoras.

E ainda não decorreu um ano que n'aquelle monte fronteiro a êste, se inaugurava outro monumento, erigido também a um médico e professor de tão raro talento como excepcional coração.

Êsses dois homens de sciência, a quem a gratidão pública dedicou o bronze e o mármore das apoteoses perduráveis, foram dois dos mais estremecidos amigos de Eduardo Coelho.

Ao primeiro—o benemérito dr. Sobral, como costumavam chamar-lhe—ajudou o insigne jornalista a levantar-lhe um túmulo monumental; ao segundo, o dr. Sousa Martins, coube, pelo contrário, a missão de ajudar, enquanto a morte lhe não paralisou os esforços, a erguer ao fundador do *Diário de Notícias* este imorredouro padrão de glória.

Associando n'êste momento êsses três nomes, eu junto e associo na mesma saudade a lembrança de três homens, amigos como irmãos, e êles próprios irmãos gêmeos na grandeza da alma, na generosidade do espírito e na fortaleza da vontade.

E visto que relembro mortos, seja-me permitido recordar também aqueles que da comissão executiva dêste monumento deixaram já de existir: Assumpção Marques, o modesto mas tenacíssimo iniciador dos trabalhos que hoje teem este brilhantíssimo fecho; Sousa Telles, o apóstolo ardente da instrução popular e da assistência aos desvalidos; e Alfredo Serrano, esse moço que, em plena pujança da vida e do talento, encontrou, longe da pátria, o mais imprevisito e lamentável fim.

Cumprido êste dever de piedade, deixem-me, meus senhores, explicar por que me acudiu á mente a presença de Sousa Martins junto do túmulo monumental do benemérito clínico seu amigo.

Foi lá, n'êsse remoto cemitério da Guarda, que eu lhe ouvi êste profundo conceito sobre a razão de ser dos monumentos que não traduzem uma afirmação de servilismo nem uma lisongeria da vaidade:

«O livro—disse êle então—mau grado a ubiquidade de que é susceptível, jámais dispensará as marmóreas e as brônzeas páginas—únicas em que é permitido traçar letras legíveis a iletrados. Dê-se, pois, o livro aos eruditos e o monumento ao povo!»

Ora, meus senhores, se isto é tão verdade em relação aos escritores do livro, que direi com respeito aos trabalhadores do jornal?

Que obra ha mais instável e menos consistente do que esta nossa do jornalismo, de tam grande repercussão no momento em que emerge para o público e de tam pronto e fácil olvido passadas as primeiras horas do seu efêmero influxo?

Se ha, pois, glorificação que corresponda e se ajuste ás condições especiais do glorificado é a que, por meio dessas «marmóreas e brônzeas páginas» de que falava Sousa Martins, se renda á memória do jornalista que o mereça. E se ha monumento que, ao ser dado ao povo, êste deva receber com ânimo benévolo e com acolhimento quase fraternal, é o dêste seu irmão no trabalho e nas fadigas, nas aspirações e nas misérias, é o dêste lutador que consumiu a vida combatendo pela causa da instrução popular e pelo engrandecimento das classes menos afortunadas da sociedade.

Não ha, portanto, padrão algum que, ao ser descerrado para a veneração pública, se deva contemplar com mais alvoroçada simpatia e mais fervoroso entusiasmo do que êste que ali se levanta a Eduardo Coelho. E por isso também, se, do lado de lá dêsse formosíssimo valle da Avenida, por onde corre, como no vasto leito de um rio, caudalosa e inquieta a vida da capital, a estátua de Sousa Martins se animasse por instantes e pudesse ver o busto de Eduardo Coelho, hoje aqui cercado de homenagens e de bênçãos, se aquela estátua e êste busto pudessem trocar olhares de entendimento, êles haviam de, na paz das suas consciências intemeratas, confessar-se contentes um com outro, e ambos êles com a justiça de que os seus concidadãos lhes deram provas.

*Meus senhores* :—Se da idea generosa que inspirou os promotores dêste monumento passarmos ao modo como êle foi delineado e ao local que para êle foi preferido, que feliz escolha a dos artistas insignes que tam perfeitamente compreenderam a sua missão, e a dêste formoso sítio da nossa formosíssima Lisboa!

Das linhas singelas e puras, tam gentis e tam sóbrias, de uma elegância impecável e delicadíssima, da architectura dêste pedestal, como que ressaltam as linhas morais do carácter de Eduardo Coelho, tam puro, tam singelo, tam gentil e tam delicado também!

Dá semelhança flagrante daquelle busto irradia a communicativa simpatia que no rosto aberto e franco de Eduardo Coelho era o enlévo de quantos o conheceram em vida.

E êste monumento a êsse apóstolo do bem, da instrução e do progresso, foi também assente onde melhor o poderia e deveria ser. O busto encara amorosamente aquelle edificio de abençoadas tradições, que é símbolo de caridade cristã—a Misericórdia de Lisboa, amparo de velhos, de mães e de crianças; ao lado, ergue-se um recolhimento onde se ministra instrução e se educam para o trabalho útil tantas pobres desprotegidas da sorte; em volta daquelle pedestal, nas ruas que cercam esta alameda, e por debaixo d'êle, nas próprias entranhas do monte onde se firmam os seus alicerces, a electricidade e o vapor, o arfar dos motores e o silvo das locomotivas simbolisam a vida, a energia e o movimento que impulsionam a capital.

Eil-o, pois, êste monumento com o seu mais apropriado scenário, rodeado de institutos de caridade e de instrução, circundado das mais prodigiosas criações do engenho e da inventiva do homem. Se a frieza e immobildade daquelle bronze pudessem aquecer-se e animar-se, se naquelas órbitas pudesse refulgir um olhar e naquela bôca perpassar um sorriso, aquelle busto havia de encher-se de luz, de alegria e de palpitações, ao sentir-se envolvido nestes eflúvios da caridade—fonte de todo o bem, da instrucção—origem de toda a liberdade, do progresso, enfim—síntese e razão suprema de toda a actividade humana.

E depois, meus senhores, aqui ainda chega, amortecido mas distinto, na calada da noite, o eco do movimento e da vida do jornal que êle entranhadamente amou como ao primogénito dos seus filhos espirituais.

Aqui ainda se escuta, no silêncio das altas madrugadas, o resfolegar potente das máquinas d'onde todos os dias jorram, aos milhares, as folhas do seu *Diario de Noticias*. Aqui ainda se ouve o ruido da actividade e do trabalho que mostram que a sua obra vive da mesma vida febricitante que êle lhe insuflou ha quarenta anos.

Eis porque êste monumento, sendo artisticamente um primor de concepção e de execução, está onde deve estar e não podia ser erguido em mais apropriado local.

Dois são os monumentos que ficam de Eduardo Coelho: êste, de pedra e bronze, e outro, de diversa natureza, que é o seu *Diario de Noticias*.

Do primeiro, que aí se levanta aos nossos olhos, acaba de tomar entrega a câmara municipal de Lisboa, a cuja vigilância e guarda ficam bem confiadas a conservação e integridade d'essa formosa obra d'arte.

Da guarda e conservação do segundo, do jornal em cujo nome eu tenho a imerecida honra e o indizível prazer de saudar hoje aqui a memória do seu fundador, todos os que sentem no coração um impulso de bondade, no espirito uma scintillação de talento, na consciência um ditame de justiça, na vontade um esforço de energia, hão de saber congregar-se para não deixarem enfraquecer uma obra que, pelas suas tradições honrosíssimas, é,

mais do que a glória d'um só homem—é o legítimo orgulho d'uma grande instituição—a imprensa—e o orgulho d'um país inteiro—d'êste Portugal que Eduardo Coelho, com a sua grande alma de patriota, sempre tão carinhosamente estremeceu e amou.

### O auto da inauguração e entrega do monumento

«Aos vinte e nove dias do mez de dezembro de mil novecentos e quatro, na Alameda de S. Pedro de Alcantara, desta mui nobre e leal cidade de Lisboa, pelas doze horas do dia,



A tribuna onde foi assinado o auto e donde foram proferidos os discursos

achando-se presentes os excellentissimos srs. conselheiro Antonio Augusto Pereira de Miranda, ministro e secretario d'Estado dos negocios do reino, a commissão que tomou a seu cargo erigir o monumento a Eduardo Coelho, representada pelos excellentissimos srs. conde de Valenças, presidente, Pedro Wenceslau de Brito Aranha, thesoureiro, e pelos vogaes abaixo assignados, a familia d'aquelle distincto jornalista e bem assim a excellentissima camara municipal, representantes de todas as secções dos serviços do *Diario de Noticias* com o seu director dr. Alfredo da Cunha, jornalistas, escriptores, associações populares, artistas e mais pessoas que abaixo assignam este auto; foi pelo excellentissimo sr. conde de Valenças dito que a commissão acima mencionada mandou levantar o presente monumento a Eduardo Coelho, illustre fundador e director do *Diario de Noticias*, benemerito iniciador do jornalismo barato em Portugal, infatigavel trabalhador e devotado amigo das classes populares; e que achando-se concluido o monumento se ia proceder á cerimonia da sua inauguração, e da sua entrega á cidade de Lisboa.

Pelo excellentissimo sr. conselheiro d'Estado Antonio de Azevedo Castello Branco foi dito que, em nome da camara municipal da sua presidencia, acceitava e agradecia o

monumento e tambem se associava a tão justa homenagem prestada á memoria de quem tanto concorreu para a vulgarisação do jornalismo portuguez.

Em seguida o excellentissimo sr. conde de Valenças dirigindo-se para o monumento entregou os cordões da bandeira que cobria o busto ao excellentissimo sr. conselheiro Antonio Augusto Pereira de Miranda, convidando-o para fazer a inauguração, o que sua excellencia fez.

E eu Francisco Pedroso de Lima o fiz escrever, subscrevo e assigno.»

Entre a compacta multidão de assistentes, muitos dos quais assinaram êste auto, destacarei os representantes das seguintes colectividades:

Sociedade de Geografia de Lisboa, Associações Commercial, Industrial e Commercial dos Lojistas de Lisboa, Real Associação de Agricultura Portuguesa, Associações dos Jornalistas de Lisboa, dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, da Imprensa, dos Trabalhadores da Imprensa de Lisboa, Real Associação dos Arqueólogos Civis e Architectos Portugueses, Sociedade Nacional de Belas Artes, Sociéte des Études Portugaises, de Paris, Ateneu Commercial de Lisboa, Sociedade dos Architectos Portugueses, Sociedade Literaria Almeida Garrett, Real Instituto de Lisboa, Academia de Estudos Livres, Real Ginasio Club, Sociedade dos Artistas Lisbonenses, Junta da Classe dos Professores Primarios de Ensino Livre, Associação dos Vendedores de Jornais, Liga dos Vendedores de Jornais, Associação dos Bombeiros Voluntarios de Lisboa, Caixa Economica Operaria, Associação dos Caixeiros Portugueses, União Geral dos Trabalhadores do Porto, Associação Commercial do Beato e Oliveaes, Sociedade Protectora dos Animais, Associação Protectora da Caça em tempo defeso, Associações dos Agricultores e Horticultores, dos Alfaiates, dos Operarios Serralheiros, dos Catraeiros do Porto de Lisboa, dos Condutores e Guarda-freios da Viação Lisbonense, Federação das Associações de Classe.

Associações de socorros mutuos: Eduardo Coelho, José Estevam Coelho de Magalhães, Carlos José Barreiros, Patrão Joaquim Lopes, Sousa Martins, União Humanitaria, Independencia, dos Inabilitados, Igualdade, Destino, Antonio Maria Cardoso, Fraternidade Naval, Cosmopolita, etc.

Institutos de beneficencia: direcção dos Asilos Municipais, Casa Pia de Lisboa, Asilos municipais da Graça e da Lapa, Albergue das Crianças Abandonadas, Asilos Maria Pia e de S. João, Asilo-officina de Santo Antonio de Lisboa e Asilo-escola Antonio Feliciano de Castilho, Escolas Caridade e Divina Providencia, Gremio Popular, Escola 31 de Janeiro, etc.

Fizeram-se representar as seguintes publicações periódicas:

*Correio da Noite, Dia, Diario, Diario Illustrado, Epoca, Folha do Povo, Jornal do Commercio, Jornal da Manhã, Jornal da Noite, Mundo, Nação, Noticias da Noite, Novidades, Popular, Seculo, Tarde, Tribuna, Vanguarda; O Occidente, Brazil-Portugal, Mala da Europa, Illustração Portuguesa, Semana Illustrada; Portugal Agricola, Correio Agricola, Jornal das Colonias, Portugal Madeira e Açores, Gazeta dos Caminhos de Ferro, Zoophilo, Mun'lo Legal e Judiciario, Commercio e Industria, Echos da Avenida, Chronica, Construcção Moderna, Correio Maritimo, Boletim Photographico, Gil Braz, Grande Elias, Jornal do Bombeiro, Pimpão (de Lisboa); Commercio do Porto, Primeiro de Janeiro, Jornal de Noticias, Diario da Tarde, Voz Publica, Norte (do Porto); A Ordem,*

o *Conimbricense* (de Coimbra); *Beira Baixa* (do Fundão); *Semana Alcobacense* (de Alcobaca); *Meridional* (de Montemor-o-Novo); *Folha de Beja, Algarve e Alemtejo, Echos do Ribatejo*; *Democracia do Sul, Damião de Goes*; *Ultramar e Herald* (Índia Portuguesa); *Diario de Noticias* (do Funchal); *Diario Popular* (de S. Paulo, Brasil); *Jornal do Brasil, Correio da Manhã e Paiz* (do Rio de Janeiro); etc.

Aos milhares de pessoas que assistiram á cerimonia da inauguração do monumento a Eduardo Coelho, haveria ainda a acrescentar as muitas que, por não poderem assistir á solenidade, enviaram telegramas e cartas de congratulação e aplauso. Entre ellas citarei o então presidente do conselho de ministros conselheiro José Luciano de Castro, Maxime Formont, em nome da *Société des Études Portugaises*, de Paris, dr. Bernardo Lucas e Guedes de Oliveira, presidente e secretário da Associação dos Jornalistas do Porto, os grandes artistas Raphael Bordallo Pinheiro e actor Taborda, os escritores Gomes Leal, Antonio de Campos Junior e João Grave, e os académicos conde de Monsaraz, Christovão Ayres e Fernandes Costa, o qual enviou ao director do *Diario de Noticias*, com expressa indicação de se lhe dar publicidade, a seguinte carta que foi efectivamente publicada no dia seguinte ao da inauguração:

«*Meu presadissimo amigo dr. Alfredo da Cunha :*

Conhece o meu bom amigo o motivo doloroso que me não permite assistir pessoalmente á inauguração de hoje, para a qual recebi honroso convite. Mas a ella assisto em pensamento, e n'ella o acompanho, não só por espontanea devoção, como por muita gratidão devida.

Eduardo Coelho, por vezes me cumulou de favores, estimulando-me e animando-me nos meus primeiros trabalhos jornalisticos; e da sua bôca e da sua penna só recebi palavras amigas. Tenho, por conseguinte, um grande culto pessoal pela sua memoria, e, no decurso da minha carreira de modesto escriptor, prezo-me de nunca ter desaproveitado o ensejo, que se me offerecesse, de dar testemunho publico da minha veneração e do meu agradecimento a esse bom confrade mais velho, que sempre hõnrosa e generosamente me distinguiu.

Eduardo Coelho teve a grande ventura de assistir á prosperidade da sua obra, e de sentir todo o alcance do serviço que com ella havia prestado ao movimento intellectual do seu paiz; mas qual não seria a felicidade d'elle, se lhe fõra dado ter a antevisão do amor supremo e do supremo acerto, com que lh'a teem glorificado e accrescido os seus continuadores!

Entre estes, meu caro Alfredo da Cunha, o seu logar tornou-se um verdadeiro posto de honra, do qual o meu amigo, em vez de usufruir as vantagens e as commodidades, só tem pensado em augmentar as responsabilidades e as obrigações, pensando mais em conservar gloriosa a herança, do que em gosar os proveitos d'ella.

Todos lhe conhecem este altissimo merecimento: todos fazem justiça ao raro desprendimento com que se devotou por completo a engrandecer, com a sua applicação de todos

os momentos, a obra, já de si colossal, do seu grande antecessor. E, entre todos, creia que eu sou um dos que melhor o avaliam, dos que mais o admiram, dos que maior sympathia lhe consagram, e dos que vêem, com mais profunda satisfação, o reconhecimento geral dos seus meritos.

Não seja a sua modestia embargo á publicidade d'estes meus sentimentos. Considere-os, o meu bom amigo, não como cousa sua; mas sim como mais uma homenagem deposta junto do monumento de Eduardo Coelho, a quem, na generosidade do seu coração tão aberto, seriam gratas, se pudesse conhecê-las, todas as palavras de verdade e de justiça dirigidas áquelles que tão nobremente o continuam.

Acredite-me, com antiga, leal e inalteravel estima seu  
amigo e confrade muito afeiçoado e grato

S/C

29 de dezembro de 1904.

*Fernandes Costa.*

## A Homenagem do «Diario de Noticias»

O *Diario de Noticias*, no dia da inauguração do monumento erigido ao seu fundador, publicou um grande número de homenagem a Eduardo Coelho. Eis o artigo de abertura, firmado pelo director do jornal e encimado pelas datas de *29 de Dezembro de 1864—29 de Dezembro de 1904*.

«Ha precisamente 40 annos, em 29 de dezembro de 1864—numa quinta feira como hoje—Lisboa ouvia pela primeira vez, curiosa e quasi escandalizada, apregoar estridulamente nas suas ruas e praças, o titulo dum jornal novo.

«Esse titulo suggestivo—o *Diario de Noticias*—não apparecia, como os das outras folhas, lançado aos ventos pela voz roufenha dos antigos *cegos papelistas*, privilegiados apregoadores de *gazetas* e *relações*. Alguem comprehendera que esses chamados *papeis volantes*, como então se dizia, pouco poderiam voar nas pernas tropegas dos malaventurados irmãos da irmandade do Menino Jesus...

«O *Diario de Noticias* fazia, pois, o seu apparecimento na capital gritado pelas vozes, ainda inexperientes decerto, mas vibrantes e juvenis dos mais antigos predecessores dos modernos *rapazes dos jornaes*.

«Este ruidoso systema de venda era portanto a primeira innovação com que esta folha sacudia e desempoeirava os habitos pacatos e os preconceitos rotineiros da velha Lisboa.

«Mas esse pregão não significava o simples annuncio de mais um banal periodico. Era um brado de revolução e de transformação na imprensa portugueza e ao mesmo tempo um grito de alarme contra a ignorancia do povo.

«A mudança, que á primeira vista ninguém presentira, ia comtudo ser radical. Modificavam-se completamente e dum só jacto os antigos moldes e processos jornalisticos. Pelos novos meios de attrahir leitores concitava-se um maior e mais vivo interesse pelas letras; pela utilização das folhas diarias nos multiplos serviços da offerta e da procura creava-se um intermediario tão commodo como economico em mil transacções quotidianas, dotan-



do-se ao mesmo tempo com um poderoso instrumento propulsor o commercio e a industria; pela melhoria da sua situação moral e pecuniaria, desenvolviam-se consideravelmente duas classes então restrictissimas em numero—a dos typographos e a dos jornalistas profissionais; pelo incremento enfim dado á venda e circulação dos jornaes diarios, surgia, com uma industria quasi desconhecida entre nós, uma nova applicação de actividade para uma importantissima classe de trabalhadores.

«Como se tanto não bastasse para gloria do innovador, esse jornal noticioso, inoffensivo, desajudado de influencias partidarias, incolor em politica, morigerado e escrupuloso na linguagem, dentro em breve, pela propria correcção do seu proceder e pela isenção da sua indole, assumia uma preponderancia, muitas vezes decisiva, nas questões mais vitaes da governação publica.

«Eduardo Coelho havia, pois, surgido na imprensa portugueza como um verdadeiro revolucionario, no bom sentido do termo.

«Mas quem era e donde viera esse revolucionario que tão profundamente agitava a mentalidade do povo e que, sendo tão audacioso nos intuitos, se mostrava tão brando e comedido na palavra falada ou escripta?

«Quem era esse homem que lealmente aconselhava o povo a que respeitasse o seu governo, o seu rei e os ministros da sua religião, mas que não dispensava os reis e os governos de amarem correlativamente o povo, nem perdoava aos sacerdotes o encaminharem as almas crentes para o fanatismo e para as trevas?

«De que influencia e de que prestigio dispunha para tão grandiosa empresa?

«Em que altas regiões assentava o seu solio esse futuro triumphador que assim afrontava tantas animadversões e pretendia corrigir tantos maus habitos inveterados?

«Era um modesto noticiarista, sahido, puro e incolume de paixões, de uma escola de lucha apaixonada, da *Revolução de Setembro*, o vigoroso jornal de combate de Rodrigues Sampaio; era pouco mais do que um humilde reporter que viera, nas asas dos seus sonhos de gloria, subindo trabalhosamente desde a miseria mais cruciante até aquella relativa abastança, que não ia comtudo além do indispensavel para não morrer de fome, de redactor noticioso duma folha politica, e por conseguinte pobre.

«E onde vivia então esse apostolo de tão generosos ideaes que intentava, por intermedio do seu jornal apenas, chamar á civilisação os ignorantes, ao progresso os rotineiros, á instrução os analfabetos, á philantropia os avaros da fortuna, aos melhoramentos materiaes e moraes do seu paiz os governantes, os homens publicos, e até quem se assentava no throno da nação?

«Vivia numa pobre e desconfortavel mansarda aonde não trepavam senão os que eram mais desafortunados do que elle, alimentado menos fartamente de iguarias do que de aspirações e esperanças, e mais confiante na bondade intrinseca da idéa que presidira ao lançamento do seu jornal do que no valimento de protectores que não tinha ou de Mecenas cujas boas graças nunca soubera captar com servilismos.

«Diz a lenda que Rouger de Lisle, foragido por montes e valles, sentia um estranho goso misturado de amargura, quando os seus inimigos o perseguiam ao som das notas do seu proprio hymno cantado entusiasticamente pelo povo em todos os recantos da França. Eduardo Coelho devia experimentar um semelhante *gosto amargo* ao sentir os motejos com que a sua obra era hostilizada pelos magnos sacerdotes litterarios da sua patria, ao mesmo

tempo que a via progredir triunphante e bemquista atravez do povo, romper essa grossa crosta de ignorancia que recobria o espirito das classes baixas e entranhar-se-lhes nos habitos, levando-lhes, envolta na curiosidade tentadora da noticia, a semente fecunda do amor pelo bem, da ambição do saber, do desejo, tão dissimuladamente despertado, de aprenderem e de se instruirem.

«Assim caminhou Eduardo Coelho durante toda a sua vida, respeitando, sem se humilhar, os grandes e os poderosos, amando, sem se envergonhar, com dedicação e carinho, os pequenos, os humildes e os fracos.

«Assim tornou elle o *Diario de Noticias* um dos mais fortes e prestigiosos elementos componentes desse moderno e invencivel *poder do estado*, que se chama a imprensa. Honrou-a elle sempre, desde o primeiro artigo que para a sua modesta folha escreveu ha quarenta annos, até o ultimo que lhe destinou, até essa significativa rememoração dos direitos do homem, que o *Diario de Noticias* publicava no proprio dia da morte do seu fundador. Por feliz coincidência para o respeito da sua memoria e para o lustre do seu nome, com esse artigo, tão generosamente inspirado, encerrava Eduardo Coelho uma vida toda dedicada ás conquistas da civilisação, que o mesmo é dizer ás reivindicações da liberdade.

«Relembrando, nesse seu ultimo escripto para o jornal que tanto estremecera, a proposito da exposição universal de Paris de 1889, os principios immortaes que a revolução franceza firmára um seculo antes, Eduardo Coelho fechava com chave de ouro a sua vida consagrada a todas as grandes e generosas aspirações do espirito humano.

«Enlacen esses dois artigos (escreveu alguém por occasião da morte do insigne jornalista) por sobre 25 annos de acção, e terão a nota typica da vida exemplar deste trabalhador, a rasão de ser da sua popularidade justissima».

«Nunca nas ephemerides do *Diario de Noticias* se assignalou data egualmente inolvidavel como a do dia de hoje. E entretanto são bem gloriosos e desvanecedores os factos de que resa a historia d'este jornal desde que, no seu inicio, se apresentou com tão acanhado formato e tão mesquinhas proporções que toda a sua materia não chegaria á de uma pagina unica do *Diario de Noticias* actual, até crescer, divulgar-se, expandir-se e engrandecer-se a ponto de ser agora o que o presente numero patenteia — uma das maiores folhas diarias que se publicam não só em Portugal, como na Europa.

«E se do jornal passarmos ao jornalista, que o instituiu, ver-se-há como elle ascendeu á custa d'um trabalho sem treguas, á força de talento, pelo seu proprio e unico esforço, á culminação d'essa gloria tão honesta e legitimamente ganha, que hoje vae ser coroada pela mais grandiosa e solemne apothose com que tem sido honrada a memoria d'um jornalista portuguez.

«Eduardo Coelho fica tendo, d'ora ávante, dois monumentos: o que se ergue, frio, silencioso e immovel, feito de pedra e bronze, na Alameda de S. Pedro de Alcantara, e este, cheio de mobilidade e de vida, aquecido de entusiasmo, ruidoso e palpitante de actividade, transbordando de movimento, sempre sequioso de progressos, sempre ávido de saber e prompto para ensinar, e que se chama o *Diario de Noticias*.

«Em qual d'elles se ergue mais nobre e gloriosa a personalidade de Eduardo Coelho?

«Não o sabe dizer quem escreve estas linhas, pois nunca se sentiu tão pequeno ante o creador da obra cuja guarda e direcção lhe foram confiadas, como hoje que tão grande e tão alto se levanta na consideração publica e no respeito popular a figura inconfundível do fundador desta folha.

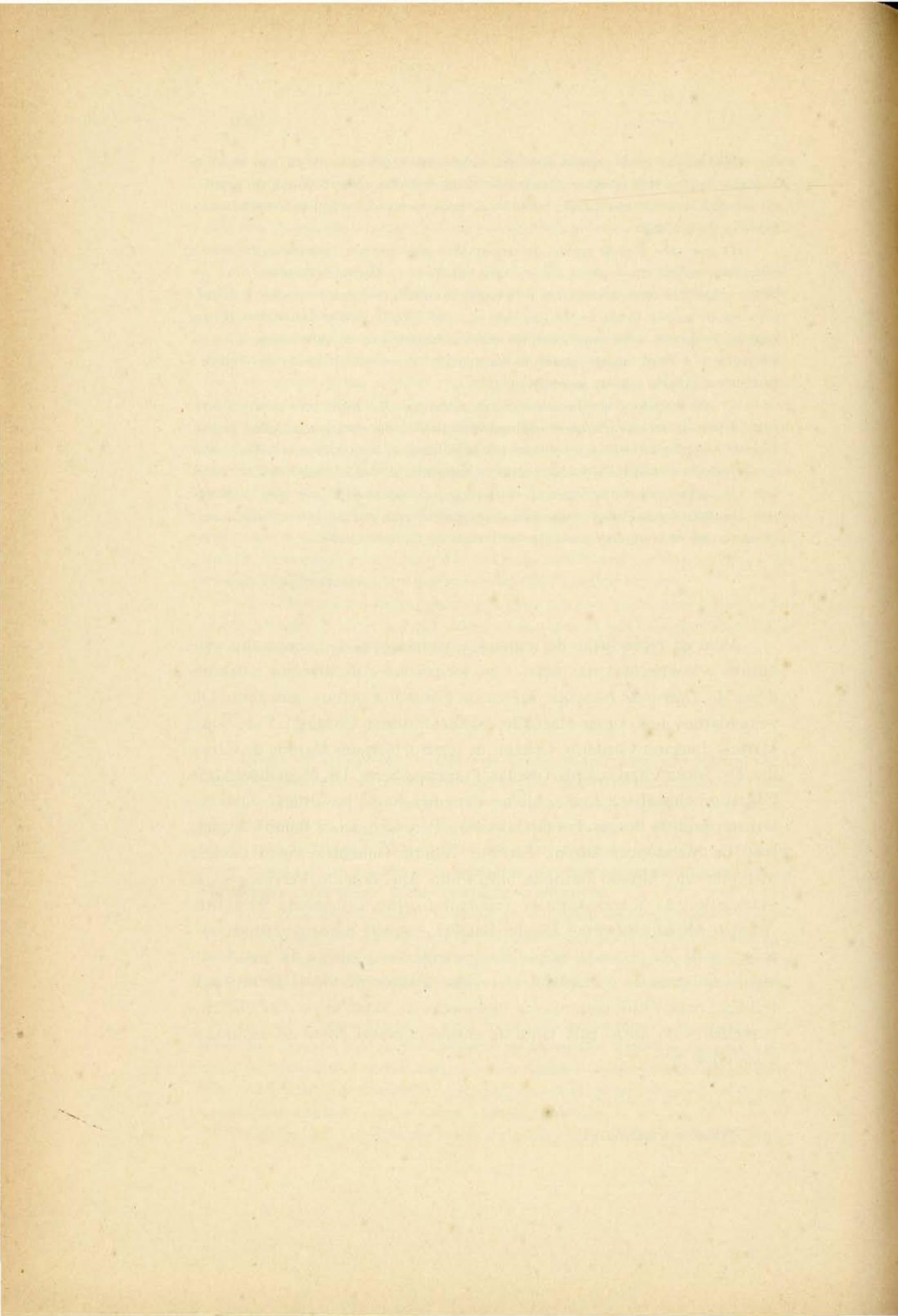
«O que sabe e pode repetir, ao testemunhar publicamente, neste posto de honra e neste solemne dia, em nome de todos os que trabalham no *Diario de Noticias*, o seu respeito e a sua mais rendida veneração pela memoria sagrada de Eduardo Coelho, é que não julga haver melhor fórma de lhe glorificar o nome e de lhe honrar as tradições, do que amando, como elle amou, este jornal em que transfundiui, mais do que o vigor da sua intelligencia e a força inquebrantavel da sua vontade—o proprio alento do seu corpo e a seiva da sua propria vida tão rapidamente gasta.

«O que entendo e sinto é que a melhor maneira de lhe querer com enternecimento ainda depois da sua morte, é querer dedicadissimamente á sua obra, consolidando, engrandecendo e fortificando este outro monumento cujos alicerces se firmam no conceito publico e cujo pedestal é constituido por uma aspera e trabalhosa accumulacão de esforços de vontade, de applicações da intelligencia, de devoções constantes pelo bem, pela civilisação, pela liberdade e pela justiça—supremos ideaes que em vida impulsionaram e seduziram o generoso espirito e o grande e nobilissimo coração de Eduardo Coelho».

ALFREDO DA CUNHA.

Além da reprodução de numerosas apreciações de homens dos mais ilustres e conhecidos nas letras e no jornalismo e de diversos colaboradores do *Diario de Noticias*, àcerca de Eduardo Coelho—tais como Oliveira Martins, Julio Cesar Machado, Manuel Pinheiro Chagas, J. T. de Sousa Martins, Luciano Cordeiro, Urbano de Castro, Joaquim Martins de Carvalho, Dr. Sousa Viterbo, Feio Terenas, Francisco Serra, Dr. Magalhães Lima, Eduardo Schwalbach Lucci, Albino Pimentel, Ramalho Ortigão, Gervasio Lobato, Baptista Borges, Fernandes Costa, F. S. Carqueja e Bento Carqueja, João de Mendonça, Alfredo Serrano, Alberto Pimentel, Vieira Correia, Mello Barreto, Alfredo Mesquita, Silva Pinto, Abel Botelho, Pereira e Sousa, França Borges, Acacio Antunes, Trindade Coelho, Ernesto da Silva, Brito Aranha, Alfredo Ribeiro e Pereira Batalha—aquele número reproduzia a maior parte da segunda edição do presente livro, edição da qual foram alguns milhares de exemplares oferecidos á Direcção Geral de Instrução Publica, para distribuição pelas bibliotecas de todas as escolas officiais e particulares do nosso país, tanto de ensino primário, como do secundário e superior.<sup>173</sup>

<sup>173</sup> Veja-se a nota final L.



## Resenha bibliográfica <sup>1</sup>

### Teatro

- \* 1) *A sombra de 1859*. Breve revista num acto, representada com applauso no theatro de D. Fernando. Typ. do *Futuro*, 1860. 8.º de 16 pag.
- \* 2) *Amor e amizade*. Comedia em um acto original, representada pela primeira vez no theatro da rua dos Condes, em 15 de maio de 1858. Typ. do *Panorama*, 1860. 8.º gr. de 20 pag.
- \* 3) *Um namorado exemplar*. Comedia em um acto original (primeiro ensaio dramatico), representada pela primeira vez no theatro da rua dos Condes, em setembro de 1858. Typ. Universal. 1861. 8.º de 27 pag.  
—Segunda edição da livreria de J. Marques da Silva. Typ. Minerva. 8.º de 16 pag.
- \* 4) *A vingança de um beijo*. Comedia em um acto, imitação (terceiro ensaio dramatico) representada pela primeira vez com applauso publico no theatro das Variedades, em 12 de maio de 1859, para solemnizar o casamento da princeza D. Maria Anna. Typ. Franco-portugueza. 1861. 8.º de 31 pag.
- \* 5) *A Castellã*. Comedia original em um acto. Typ. Franco-portugueza. 1862. 8.º de 24 pag.
- \* 6) *Tribulações de um poeta*. Comedia num acto original, representada com applauso no theatro das Variedades. Typ. Franco-portugueza. 1862. 8.º de 27 pag.
- \* 7) *Um segredo de cortezã*. Comedia em um acto, imitação. Typ. Franco-portugueza. 1862. 8.º de 28 pag.
- \* 8) *Uma comedia na rua*. Episódio nocturno, original. Typ. Franco-portugueza. 1863. 8.º de 24 pag.  
(Os n.ºs 3 a 8 fazem parte da colecção denominada *Galeria theatral*).
- \* 9) *O Prestigiador*. Drama em cinco actos vertido do francez (de colaboração com José Maria Pereira Rodrigues) representado com applauso no theatro de D. Maria II. Typ. do *Panorama*. 1862. 8.º gr. de 91 pag.
- \* 10) *Amor conjugal*. Comedia em um acto, precedida de um parecer do sr. Mendes Leal Junior. Typ. Universal. 1863. 8.º gr. de 16 pag.
- 11) *Visconde por meia hora*. Comedia em um acto, imitação, representada com applauso no theatro da rua dos Condes. Typ. da sociedade typographica franco-portugueza. 1864. 8.º de 28 pag.

<sup>1</sup> Todos os escritos de Eduardo Coelho, que se acham impressos, foram-no em tipografias de Lisboa. Nesta nota apenas se incluem os que elle firmou com o seu nome, ou com as suas iniciais.

As publicações indicadas com \* são as que também registou P. W. de Brito Aranha no *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo 12.º, pag. 304, vocábulo *José Eduardo Coelho*. De todas as mais não se encontra menção naquella obra, embora o artigo referente ao fundador do *Diario de Noticias* fosse organizado com elementos por elle próprio fornecidos áquele insigne bibliógrafo. N'esse artigo a data do nascimento de Eduardo Coelho vem erradamente indicada como sendo 23 d'abril de 1835, em vez de 22 de d'abril.

- 12) *Amor aos bofetões*. Comedia distribuída aos freguezes e assignantes do *Diario de Noticias*, pelo Natal de 1865. Fol. de 16 pag.

Outra edição, com estas indicações: „Opereta, representada com applauso nos theatros publicos da Rua dos Condes, em Lisboa; Baquet, do Porto; Bocache, de Setubal; D. Luiz I, de Coimbra; e S. Geraldo, de Braga.—Musica do sr. Monteiro d’Almeida—Typ. Universal 1871, 8.º gr. de 16 pag.” —E’ precedido de uns versos, com o título: *Bilhete de boas-festas, que aos seus freguezes e assignantes offerecem os vendedores e distribuidores do Diario de Noticias*.

- \* 13) *Oppressão e Liberdade*. Drama em dois actos e tres quadros, expressamente escripto a convite da direcção para ser representado nas recitas inauguraes do theatro publico de D. Luiz I em Coimbra, onde subiu á scena com applausos em 11 de janeiro de 1862. Typ. Universal. 1871. 8.º gr. de 39 pag.
- 14) *Amor e rheumatismo*. Poesia comica dedicada á Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> Viscondessa de Trancoso, e a seu pedido escripta (publicada no *Diario de Noticias* n.º 2:434 de 28 de outubro de 1872, e seg., e anteriormente no *Almanach das Senhoras*).

Entre os dramas e comédias de que tenho nota, mas de que não pude vêr nenhum exemplar impresso, relacionarei os seguintes:

- 15) *A sentinella*. Comedia em um acto, original, representada no teatro da rua dos Condes em maio de 1862.
- 16) *O sapateiro de Paris*. Comedia em quatro actos e um prologo, traduzida do francês de colaboração com o dr. João Cesario de Lacerda, e representada em junho de 1862, no teatro da rua dos Condes.
- 17) *Uma mulher positiva*. Comedia original, em um acto, representada no teatro das Variedades.
- 18) *Consequencias dum segredo*. Id., id.
- 19) *Luizinha, ou um anjo endiabrado*. Id., representada no teatro da rua dos Condes.
- 20) *Verdades sociaes*. Id., id.
- 21) *Quinze mil cruzados*. Id., representada no teatro de D. Fernando.
- 22) *Receita para emmagrecer*. Comedia em um acto, imitação.
- 23) *O que fazem ciumes*. Comedia em um acto, original, escrita em 1861.
- 24) *Diogenes*. Drama em cinco actos e um prologo, vertido livremente do francês e destinado ao teatro de D. Maria II.
- 25) *A trapeira*, scena cómica.

### Versos

- 26) *O livrinho dos caixeiros*. Folheto. 1852.
- 27) *Revelações*. Poesias de J. E. Coelho, em tributo de saudade e gratidão a sua mãe a senhora D. F. do C. C. Lisboa. Typographia de M. F. das Neves e C.<sup>a</sup>. Poço do Borratam n.º 41. 1855. (O único exemplar que vi foi-me oferecido em março de 1912, não tendo antes desta data conhecimento deste livro). 8.º gr. de 72 pag.
- 28) *O filho das artes*. Romance em verso por José Eduardo Coelho. 1858. 8.º de 36 pag., (reproduzido em 1861 no volume dos *Primeiros versos*, e em 1863, em folhetins do *Conservador*).
- \* 29) *Primeiros versos*. Typ. de José da Costa N. C. 1861. 8.º de 99 pag.

E além destas e de outras poesias insertas em diferentes jornais, as seguintes publicadas no *Diario de Noticias*, cujos números indico:

- 30) *Familia modelo*. (N.º 1:805).

- 31) *Creação da mulher*. (N.º 2:612).
- 32) *A rapoza e o corvo*. (N.º 3:381).
- 33) *A creche*. (N.º 3:749).
- 34) *Artista invalido*. (N.º 3:846).
- 35) *A escola*. (N.º 4:031).
- 36) *Conto de fadas*. (N.º 6:239).

#### Romances, Contos Fantasias e Narrativas Históricas

- 37) *A separação dos recém-casados*. Romance historico original, por J. E. C. Typ. de L. C. da Cunha. 1854. 8.º de 83 pag.
- \* 38) *A vida de um príncipe*. Estudo romantico-historico, com uma introdução pelo sr. Silva Tullio. Typ. de J. da Costa. 1860. 8.º de 112 pag.
- 39) *Leituras ao serão*. (Colecção de contos). Typ. Franco-portugueza. 1863. 8.º de perto de 300 pag. (Dêste livro não pude ver nenhum exemplar).
- 40) *Bem pagas cutiladas*. 1865. 8.º de 9 pag. Romance tirado da Chronica de D. João II, por Garcia de Resende, e publicado no *Thesouro Litterario*.
- 41) *Historias de hoje*. Typ. Universal. 1877. 8.º de 223 pag.—Fazem parte dêste volume os contos *Um drama da roda*, *A Educação*, *O rapaz da camisa lavada*, *Historia dum barqueiro*, *Perigo da ausencia*, e *A virtude e o vicio*, publicados em folhetins no *Diario de Noticias* desde 20 de dezembro de 1904 até 9 de janeiro de 1905.

#### Nos Brindes anuais do *Diario de Noticias*:

- \* 42) *Pero Esteves*. Tradição da casa de Bragança, (reprodução do *Barbarrão*, publicado nos n.ºs 136 a 141 do *Conservador*, de julho de 1862). Oferecido a Antonio Rodrigues Sampaio. (58 pag.) 1865.—Publicado em folhetins no *Diario de Noticias* n.ºs 14:063 a 14:067, de 23 a 27 de janeiro de 1905.
- \* 43) *As columnas da rua nova*. Narrativa historica, dedicada a J. S. Mendes Leal Junior. (18 pag.) 1867.
- \* 44) *Episodio da emigração polaca*. Dedicado ao sr. Ramalho Ortigão. (23 pag.) 1872.—Publicado no *Diario de Noticias* n.ºs 14:076 e 14:077 de 5 e 6 de fevereiro de 1905.
- \* 45) *A condessa do Carregal*. (22 pag.) 1873.
- \* 46) *A lenda das ruinas*. Narrativa extrahida das chronicas do condestavel. (78 pag.) 1874.—Publicado em folhetins no *Diario de Noticias* n.ºs 14:052 a 14:062 de 12 a 22 de janeiro de 1905.
- \* 47) *Meu pae*. Com dedicatória ao seu sócio e amigo Thomaz Quintino Antunes. (34 pag.) 1875.
- \* 48) *Estella*. Esboceto *d'après nature*, oferecido ao dr. João da Silva Mattos. (12 pag.) 1877.—Publicado em folhetins no *Diario de Noticias* n.º 14:079 de 8 de fevereiro de 1905.
- \* 49) *O casamento do reino de Inglaterra com o reino de Portugal*. (142 pag.) 1879. Publicado em folhetins no *Diario de Noticias* n.º 13:996 a 14:013, de 16 de novembro
- \* 50 a 52) I *Scenas de drama moderno*. (14 pag.) II *Uma tourada no seculo XVII*. (17 pag.) III *Os cinco irmãos* (de Andersen). (12 pag.) 1880.
- \* 53) *Noticias velhas: O maior dos Carvalhos da rua Formosa; Energiça represalia; O Duque de Coimbra*. (26 pag.) 1881.
- \* 54) *Realidades funestas*. Chronica da aldeia e da cidade. Com dedicatória a A. F. Simas. (42 pag.) 1882.—Publicado em folhetins no *Diario de Noticias* n.ºs 14:069 a 14:074 de 29 de janeiro a 3 de fevereiro de 1905.
- \* 55) *Como sahiste visconde?* (14 pag.) 1883.
- \* 56) *Portugal captivo. Quadro romantico-historico*. 1580-1640. (106 pag.) 1884. Publicado em folhetins do *Diario de Noticias*, n.º 1:169 e seguintes, e em edição separada, em 1885; e novamente, em folhetins daquela folha, nos n.ºs 14:014 a 14:030, de 4 a 19 de dezembro de 1904.

- 57) *Victor Hugo, homenagem da empreza (do Diário de Notícias) á memoria do eminente poeta francez.* (165 pag.) 1885.

No *Diário de Notícias*, em folhetins :

Em 1865 :

- 58) *Um caso na aldeia.* Oferecido á sr.<sup>a</sup> D. M. da Silva Matos. (N.º 38).  
 59) *Elogio da moeda de dez réis.* (N.º 74).  
 60) *O dia de S. João.* (N.º 140).  
 61) *Quem com ferro mata com ferro morre.* Oferecido a Pinheiro Chagas. (N.º 148).  
 62) *Viagem folhetinistica.* (N.º 157).  
 63) *Uma tourada no seculo XVII.* (N.º 165 e seg.)  
 64) *Os operarios.* (N.º 236).  
 65) *Juizo de Deus.* (N.º 240).  
 66) *A volta do Brazil.* (N.º 265 e seg.)  
 67) *Os casamentos do senhor Anastacio.* (N.º 277).

Em 1866 :

- 68) *Os corvos piedosos.* (N.º 299).  
 69) *Cindasunda.* (N.º 301).  
 70) *A moira suicida.* (N.º 317).  
 71) *Terrivel arma d'uma cozinheira.* (N.º 334).  
 72) *Santa Irene.* (N.º 355).

Os n.ºs 68 a 72 faziam parte da collecção das *Lendas das villas e cidades portuguezas.*

- 73) *Uma historia vulgar.* Conto moral. (N.º 345).  
 74) *Virtudes theologaes.* (N.ºs 392, 397 e 409).  
 75) *Santo Antonio de Lisboa.* (N.º 427).  
 76) *Festa das estrellas.* (N.º 556).  
 77) *De como el-rei D. Manuel, o venturoso, se fez rival de seu filho o principe D. João, ao depois rei terceiro d'este nome.* (N.º 571).

Em 1867 :

- 78) *O Duque de Coimbra.* (N.º 649).  
 79) *O ultimo carrasco em Portugal.* (M.º 734).  
 80) *Glorias portuguezas.* (N.º 792).

Em 1868 :

- 81) *Ao passar a procissão do Corpo de Deus.* Narrativa historica. (N.º 1:025).  
 82) *O tribuno da associação.* (N.º 1:026).  
 83) *A rainha santa.* (N.º 1:041).  
 84) *Não! Lição de historia a proposito.* (N.º 1:091).  
 85) *Como o pequeno Portugal respondia d'antes ás ameaças e insultos dos poderosos.* (N.º 1:097).

Em 1869 :

- 86) *Amor maternal.* (N.º 1:404).  
 87) *Incidente diplomatico entre Portugal e Hespanha. Como por causa de quatro lacaios ia estalando a guerra. Energica represalia.* (N.º 1:462).

Em 1870 :

- 88) *Judas.* (N.º 1:579).  
 89) *Commemoração do dia primeiro de dezembro de 1640.* (N.º 1:720).

Em 1871 :

- 90) *Praga cruel. Scena do terremoto de 1755.* (N.º 2:090).

Em 1872 :

- 91) *Vinte e quatro de julho.* (N.º 2:340).

Em 1873 :

- 92) *Scenas contemporaneas.* (N.º 2:572).  
 93) *Henrique Van-Deiters.* (N.ºs 2:811 e seg.).  
 94) *A doida do Bussaco.* (N.º 2:827).

Em 1877 :

- 95) *Tragedia inedita.* (N.º 4:217).

#### Viagens, Biografias, Relatórios, etc.

- \* 96) *Passeios na provincia.* Typ. Universal. 1873. 8.º de 220 pag.  
 \* 97) *Passeios no estrangeiro.* Ib. 1879. 8.º de 366 pag.  
 98) *Le monastère de Notre-Dame de la Victoire. — A Batalha. — Portugal (excursion).* Imprimerie Universelle. 1885. 8.º de 17 pag.  
 99) *A união ibérica e a candidatura d'el-rei D. Fernando, resposta ao livro do sr. Fernandez de los Rios,* (de colaboração com Antonio Rodrigues Sampaio, Luciano Cordeiro e Manuel Pinheiro Chagas). Typ. de J. A. de Mattos. 1877. 8.º de 200 pag.  
 100) *Antonio Rodrigues Sampaio.* Biografia na revista *O Occidente* de 1, 11 e 21 de outubro, e 1 e 11 de novembro de 1882.  
 101) *Relatorio da delegação de Lisboa, eleita pela commissão central directora do inquerito industrial de 1881. Inquerito directo. Segunda parte. Visita ás fabricas. Livro primeiro.* Imprensa Nacional. 1881. 4.º gr. de 371 pag.  
 102) *Relatorio da exposição agricola de Lisboa, realisada na Real Tapada da Ajuda em 1884* (de colaboração com o visconde de Coruche, Antonio Augusto dos Santos e Antonio Batalha Reis). Imprensa Nacional, 1885. 8.º de 144 pag.  
 103) *As escolas normaes primarias.* Relatorio da inspecção do anno de 1884. Typ. Universal. 8.º gr. de 13 pag.  
 104) *Fac-simile de la première gazette publiée en Portugal, offert au congrès littéraire international de Lisbonne,* com uma breve *Noticia* acerca do jornalismo em Portugal. Folheto de 6 pag., em francês. 1881.

Publicou mais no *Diario de Noticias*, entre outras, as seguintes narrativas de viagem :

Em 1871 :

- 105) *Em Mafra.* (N.º 1:943).

Em 1876 :

- 106) *Visita ás minas de Aljustrel.* (N.ºs 3:770 a 3:772).

Em 1879 :

- 107) *Passeios na provincia — Minho e Galliza —.* (N.º 4:796 e seguintes).

Em 1881 :

- 108) *Passeio a Madrid — As festas do Centenario de Calderon — Em Aranjuez — No Escorial — Em Toledo.* (N.ºs 5:510 e seg.)

109) *Quinze dias na Serra da Estrella.* (N.ºs 5:589 e seg.).

Em 1882 :

110) *Visita á exposição districtal de Aveiro.* (N.ºs 5:851 e seg.).

111) *Exposição de industrias caseiras no Porto.* (N.ºs 5:860 e seg.).

Em 1883 :

112) *Banhos da Felgueira.* (N.ºs 6:267 e seg.).

113) *Visita ao Fundão.* (N.ºs 6:331 e seg.)

Em 1884 :

114) *Exposição de manufacturas do districto de Coimbra.* (N.ºs 6:445 e seg.)

115) *Cartas noticiosas,* de Paris. (N.ºs 6:546 e seg.)

Em 1885 :

116) *Correspondencias de Paris.* (N.ºs 6:970 e seg.)

117) *Visita á exposição de Antuerpia.* (N.ºs 6:997 e seg.)

Em 1886 :

118) *Nas Caldas do Gerez.* (N.ºs 7:415 e seg.)

119) *Bom Jesus do Monte.* (N.ºs 7:426 e seg.)

Em 1887 :

120) *Cartas de Paris. Notas á pressa.* (N.ºs 7:660 e seg.)

121) *No Cartaxo.* (N.ºs 7:744 e seg.)

122) *Nas Caldas.* (N.ºs 7:748 e seg.)

123) *Da Foz-Tua a Mirandella.* (N.ºs 7:775 e seg.)

124) *Em Hespanha.* (N.ºs 7:788 e seg.)

Efemérides do Diario de Noticias



## Efemérides do Diário de Notícias\*

- 29 de dezembro de 1864: Primeiro número-programa.
- 1 de janeiro de 1865: Número 1—Tiragem 5:000 exemplares.
- 6 de janeiro de 1865: Primeiro apêlo á caridade pública a favor de um artista sem trabalho.
- 8 de fevereiro de 1865: Notícia o aparecimento de duas folhas á imitação do *Diário de Notícias*, uma em Lisboa, outra no Porto.
- 7 de maio de 1865: Anuncia o primeiro aumento de formato.
- 31 de dezembro de 1865: Tiragem 9:600 exemplares.
- 11 de março de 1866: Primeira folha de formato igual ao dôbro do primitivo.
- 1 de junho de 1866: Morre Manuel José Palermo da Cruz, primeiro secretário da redacção do *Diário de Notícias*.
- 30 de janeiro de 1867: Notícia o incremento dos mealheiros do *Albergue dos invalidos do trabalho*, cuja instituição foi lembrada no *Diário de Notícias*.
- 13 de março de 1867: Notícia o quarto aumento de formato.
- 24 de janeiro de 1868: Cria-se uma secção especial para distribuição de esmolas a cargo de Luiz Herculano Cesar.
- 24 de setembro de 1868: Enceta-se a secção *Assumptos do dia*.
- 19 de dezembro de 1870: Começa a publicar-se também ás segundas feiras.
- 27 de março de 1872: Notícia haver outros *Diários de Notícias*, no Rio de Janeiro, na Bahia e nos Açores.
- 27 de dezembro de 1872: Morre Adriano Gaspar Coelho, irmão de Eduardo Coelho e secretário da redacção do *Diário de Notícias*.
- 1 de junho de 1875: Notícia haver no continente do reino 33 periódicos de 10 réis, á imitação do *Diário de Notícias*.
- 5 de novembro de 1875: Notícia o aparecimento do *Diário de Notícias* de Pernambuco.
- 17 de dezembro de 1875: Notícia a distribuição, em esmolas, de 12:000\$000 reis, desde a fundação do jornal.
- 28 de outubro de 1876: Notícia a criação do *Diário de Notícias* do Funchal.
- 16 de abril de 1879: Morre José Maria da Silva e Albuquerque, fundador do *Gremio Popular*, revisor e colaborador do *Diário de Notícias*.
- 21 de abril de 1879: Primeiro incitamento á celebração do tricentenário de Camões.
- 13 de novembro de 1879: Abre a subscrição *Paris-Murcia*.
- 3 de dezembro de 1879: Encerra, com 4.700 inscrições, esta subscrição.
- 10 de abril de 1880: A comissão executiva do tricentenário de Camões escolhe o *Diário de Notícias* para seu órgão.
- 10 de junho de 1880: Distribuição da grande edição popular gratuita dos *Lusiadas*, reprodução crítica sob a direcção de F. A. Coelho, da 2.<sup>a</sup> edição de 1572 (30:000 exemplares).
- 7 de julho de 1880: Notícia a remessa gratuita de exemplares da edição dos *Lusiadas* ás principais corporações científicas e literárias europeias.
- 15 de julho de 1880: Notícia a distribui-

\* O *Diário de Notícias* de 14 de maio de 1903 publicou estas efemérides que lhe foram enviadas, segundo ali se escrevia, «por um antigo e dedicado amigo, curioso de investigações.»  
Embera bastante incompletas, reproduzo-as, ampliadas, a título de curiosidade.

- ção gratuita de 3153 exemplares da edição dos *Lusíadas* pelas escolas de instrução primária do país.
- 14 de outubro de 1880: É unanimemente escolhido para órgão oficial da *Associação dos jornalistas e escriptores portugueses*, fundada sobre proposta de Eduardo Coelho, por ocasião do tricentenário de Camões.
- 14 de novembro de 1880: Abre a subscrição para o monumento a Alexandre Herculano.
- 14 de junho de 1881: O Congresso das associações aprova um voto de caloroso agradecimento ao *Diario de Noticias*.
- 1 de janeiro de 1882: Noticia que o número deste dia é sete vezes maior do que o número inicial.
- 28 de abril de 1883: Resolve não publicar notícias circunstanciadas de suicídios.
- 12 de outubro de 1883: As conferências pedagógicas aprovam um voto de agradecimento ao *Diario de Noticias* „pelo modo como advoga a causa da educação nacional.”
- 22 de dezembro de 1884: Relembra que desde os seus primeiros números vem fazendo a propaganda da necessidade das obras do porto de Lisboa.
- 5 de janeiro de 1885: Abre a subscrição para as vítimas dos terramotos da Andaluzia, a qual subiu a perto de 4:000\$000 réis.
- 29 de janeiro de 1885: Voto de agradecimento da Associação Comercial de Lisboa ao *Diario de Noticias* pelo modo como advogou a necessidade das obras do porto de Lisboa.
- 28 de fevereiro de 1885: Advoga a criação duma sociedade de protecção á infância abandonada e culpada, especialmente raparigas.
- 9 de abril de 1885: Anuncia a próxima publicação do *Almanach do Diario de Noticias*, para 1886.
- 12 de maio de 1885: Advoga a necessidade de uma prisão especial para acusados por delictos de imprensa.
- 2 de junho de 1885: Relembra que no *Diario de Noticias* nasceu a idea da criação do *Mealheiro das viúvas e orphãos dos operarios* que morrerem de desastre no trabalho.
- 1 de julho de 1885: Informa que lhe foi concedido um prêmio na *Exposição agrícola* de 1884 na Tapada da Ajuda.
- 13 de agosto de 1885: A direcção da Associação Comercial de Lisboa louva os esforços do *Diario de Noticias* para a realização das obras do porto.
- 31 de dezembro de 1885: Edital da Câmara Municipal de Lisboa (*Diario do Governo* de 11 de janeiro de 1886) mudando o nome da rua dos Calafates para o de *Rua do Diario de Noticias*.
- 5 de dezembro de 1886: Morre Francisco Leite Bastos que publicou no *Diario de Noticias* alguns dos seus melhores romances-folhetins.
- 14 de maio de 1889: Morre o fundador e director do *Diario de Noticias*, Eduardo Coelho, passando a direcção desta folha para o Visconde de S. Marçal, Thomaz Quintino Antunes.
- 1 de junho de 1889: Assume o cargo de redactor principal Pedro Wenceslau de Brito Aranha.
- 12 de janeiro de 1890: Morre Julio Cesar Machado, que foi, mais de 20 anos, folhetinista do *Diario de Noticias*.
- 3 de fevereiro de 1890: Morre Antonio Ferreira Simas, administrador do *Diario de Noticias* desde 1865, e a quem neste cargo sucedeu o sr. João Pereira.
- 20 de março de 1890: Começa o jornal a ser impresso na primeira máquina rotativa Marinoni, de grande tiragem.
- 3 de fevereiro de 1892: É distribuida como brinde a todos os assinantes e colaboradores do *Diario de Noticias* a primeira edição do livro—*EDUARDO COELHO—A sua vida e a sua obra—Alguns factos para a historia do jornalismo português contemporaneo*, por Alfredo da Cunha.
- 22 de novembro de 1893: A câmara municipal de Lisboa aprova unanimemente, que á antiga rua dos Cardaes de Jesus se dê o nome de *rua Eduardo Coelho*.
- 1 de janeiro de 1894: É criado o cargo de *secretário da empresa do Diario de Noticias*, e nele provido o Dr. Alfredo da Cunha.
- 30 de dezembro de 1894: Grande reunião, na sede da *Associação de socorros mutuos Eduardo Coelho*, dos representantes das associações e da imprensa de Lisboa, na qual se resolveu erigir um

- monumento ao fundador do *Diario de Noticias*, Eduardo Coelho.
- 12 de maio de 1895 : Começa a ser impresso, com aumento de formato, na segunda máquina rotativa Marinoni.
- 9 de abril de 1896 : Morre João de Mendonça, redactor efectivo do *Diario de Noticias*.
- 8 de julho de 1896 : Associando-se á comemoração do *quarto centenário do descobrimento do caminho marítimo para a India*, abre concurso, com prémios, para a publicação de um romance histórico tendo por tema aquele facto ou episódios correlativos.
- 8 de dezembro de 1896 : Fecha, tendo recebido seis originaes portugueses, o concurso literário aberto em 8 de julho.
- 28 de dezembro de 1896 : Reune-se na sala da redacção do *Diario de Noticias*, a primeira assemblea geral da *Associação dos Jornalistas de Lisboa*, criada por alvará de 24 de setembro de 1896.
- 1 de fevereiro de 1897 : Recomeça mais uma vez a propaganda a favor das crianças abandonadas.
- 8 de fevereiro de 1897 : Abre, nos seus escritórios, a subscrição para se instituir o *Albergue das crianças abandonadas*, havendo em 20 dias conseguido a inscrição de perto de 1:000 sócios ou subscritores entre os assinantes do jornal.
- 6 de junho de 1897 : Nas salas da redacção do *Diario de Noticias* reúnem-se os sócios da *Associação dos Jornalistas*, resolvendo que se trate de obter a realização do *Congresso Internacional da imprensa* em Lisboa, o qual veio a efectuar-se em setembro de 1898.
- 16 de fevereiro de 1898 : Morre o Conde de S. Marçal, Thomaz Quintino Antunes.
- 30 de julho de 1899 : Sessão solene na Associação Tipográfica Lisbonense em homenagem á memória de Thomaz Quintino Antunes e na qual o Dr. Alfredo da Cunha proferiu o elogio da-quele fundador do *Diario de Noticias*.
- 1 de janeiro de 1900 : Assume o cargo de director do *Diario de Noticias* o antigo *secretário da empresa* Dr. Alfredo da Cunha.
- 22 de dezembro de 1901 : Realiza-se na sala da redacção do *Diario de Noticias* a recepção da *Tuna Academica de Coimbra* e das escolas de Lisboa pela *Associação dos Jornalistas*.
- 27 de janeiro de 1902 : Realiza-se no Hotel Europe um grande banquete de homenagem ao redactor principal e ao director do *Diario de Noticias*. \*
- 1 de janeiro de 1903 : Sôbre pedido da comissão executiva do monumento a Eduardo Coelho é concedido pela câmara municipal de Lisboa o local, na Alameda de S. Pedro de Alcântara, para o referido monumento.
- 14 de maio de 1903 : Começa o *Diario de Noticias* a ser impresso na grande máquina rotativa de Augsburg, para jornais de 2 a 12 páginas.  
—Número do *Diario de Noticias*, de 12 páginas, comemorativo do 14.º aniversário da morte de Eduardo Coelho.
- 6 de junho de 1903 : Entrega solene da mensagem da *Associação dos Jornalistas de Lisboa* e do álbum monumental dos escritores e artistas portugueses a Raphael Bordallo Pinheiro, na sala da redacção do *Diario de Noticias*.
- 6 de agosto de 1903 : Morre Luiz Herculano Cesar, gerente da *Tipografia Universal* e encarregado dos serviços de beneficência do *Diario de Noticias*.
- 9 de setembro de 1903 : Morre João Baptista Borges, que foi um dos primeiros vendedores ambulantes do *Diario de Noticias* e depois seu revisor, redactor efectivo e editor responsável.
- 9 de janeiro de 1904 : É inaugurada na sala da redacção do *Diario de Noticias*, a exposição do pintor Columbano.
- 19 a 25 de abril de 1904 : Interrompe-se a publicação do *Diario de Noticias* e de todas as folhas diárias de Lisboa por motivo da greve dos tipógrafos. \*\*
- 6 de dezembro de 1904 : A empresa do *Diario de Noticias* comunica á direcção geral de Instrução Publica que oferecerá a todas as escolas do país exemplares da 2.ª edição do livro — *EDUARDO COELHO—A sua vida e a sua obra*—por Alfredo da Cunha edição

\* Veja-se a nota final M.

\*\* Veja-se a nota final N.

- comemorativa da inauguração do monumento a Eduardo Coelho.
- 8 de dezembro de 1904: Morre Fernando Maya, redactor militar do *Diario de Noticias*.
- 9 de dezembro de 1904: A câmara municipal de Coimbra dá o nome de *Eduardo Coelho* á rua onde este nasceu e autoriza a colocação, na respectiva casa, duma lápide comemorativa.
- 29 de dezembro de 1904: É inaugurado solenemente em Lisboa o monumento a Eduardo Coelho e feita a entrega dele á câmara municipal.
- Descerram-se festivamente em Coimbra as placas mandadas colocar pela câmara municipal daquela cidade com a designação de *Rua Eduardo Coelho*, bem como a lápide comemorativa.
- Começa a distribuição da 2.<sup>a</sup> edição do livro *Eduardo Coelho—a sua vida e a sua obra*—pelas escolas do país e pelos assinantes e colaboradores do *Diario de Noticias*.
- 9 de março de 1905: Decreto remodelando a comissão criada por Dec. de 28 d'abril de 1882 a fim de se erigir um monumento ao Marquez de Pombal, e incluindo nela o director e o secretário da redacção do *Diario de Noticias*.
- 8 de junho de 1905: Subscrição para o monumento ao Marquez de Pombal.
- 29 de agosto de 1906: Subscrição para as *colonias escolares* iniciadas pelo dr. João Taborda de Magalhães.
- 2 de dezembro de 1906: Inicia os *Concursos de pobreza e Lotarias de caridade* a favor dos pobres protegidos pela sua caixa de esmolas.
- 10 de agosto de 1907: Morre Camillo Marianno Froes, que fôra colaborador e folhetinista do *Diario de Noticias*.
- 24 de novembro de 1907: Publica a carta em que Alfredo da Cunha declara abandonar temporariamente a direcção do *Diario de Noticias*. \*
- 29 de dezembro de 1907: Número do *Diario de Noticias*, de 24 páginas (o maior até essa data aparecido na imprensa diária portuguesa).
- 24 d'abril de 1908: Diploma de *benemérito* da instrução popular concedido ao *Diario de Noticias* pela *Liga Nacional de Instrucção*.
- 25 de abril de 1909: Subscrição a favor das vítimas dos terramotos de 23 d'abril com o produto da qual é construido o *Bairro Diario de Noticias* em Benavente.
- 30 de julho de 1910: Começa a ser impresso na grande máquina rotativa de Augsburg, de 2 bobinas, para jornais de 2 a 16 páginas.
- 29 de dezembro de 1910: Morre o dr. Francisco Marques de Sousa Viterbo, redactor efectivo da secção *Assuntos do dia* do *Diario de Noticias*.
- 7 de setembro de 1912: Morre Antonio Mauricio, que sucedêra a Luiz Herculano Cesar nos cargos de gerente da *Tipografia Universal* e de encarregado do serviço de beneficência do *Diario de Noticias*, que passam a ser exercidos pelo sr. Julio Candido da Costa.
- 7 de janeiro de 1913: Subscrição do livro *Cem artigos de jornal*, (composto e impresso á custa do *Diario de Noticias*) com o producto da qual se fundiram dois bustos, em bronze, do dr. Sousa Viterbo, mais tarde oferecidos á Associação dos Arqueólogos Portugueses e á Escola de Belas Artes de Lisboa.
- 7 de fevereiro de 1913: Morre José Thomaz Coelho, filho de Eduardo Coelho e comproprietário do *Diario de Noticias*.
- 20 de junho de 1913: Subscrição para o monumento a Camões em Paris.
- 28 de julho de 1914: O director do *Diario de Noticias* requerê á Câmara municipal licença para se colocar um medalhão de Thomaz Quintino Antunes no monumento de Eduardo Coelho.
- 8 de setembro de 1914: Morre Pedro Wenceslau de Brito Aranha, redactor principal do *Diario de Noticias*.
- 29 de dezembro de 1914: É inaugurado o medalhão em bronze de Thomaz Quintino Antunes, colocado no monumento a Eduardo Coelho, na Alameda de S. Pedro d'Alcântara.
- Grande número extraordinário do *Diario de Noticias* comemorativo do cincoentenário da sua fundação.

\* Veja-se a nota final M.

Brindes  
E  
Números ilustrados  
DO  
Diario de Noticias

## Brindes aos senhores assignantes do Diario de Noticias

### I—1865

- Introdução (Bibliologia jornalística)* por Silva Tulio.  
*Santa Catharina de Ribamar*, por J. M. d'Andrade Ferreira.  
*Pero Esteves*, por Eduardo Coelho.  
*Agonias obscuras*, por M. Pinheiro Chagas.

### II—1866

- Canções da tarde* (versos) por Bulhão Pato.

### III—1867

- O arraial*, por Julio Cesar Machado.  
*O retrato da ingleza*, por Eduardo Augusto Vidal.  
*O parente de cincoenta e tres monarchas*, por Camillo Castello Branco.  
*O amor de um operario*, por Ernesto Marecos.  
*O casal da encosta*, por Bulhão Pato.  
*As columnas da Rua Nova*, por Eduardo Coelho.

### IV—1868

- A feiticeira de Smolensko*, por Manuel Pinheiro Chagas.  
*A noite de Santo Antonio* ou *Um esconjuro realisado*, por J. M. d'Andrade Ferreira.  
*Galhardo*, por Julio Cesar Machado.  
*O casamento de Manoel Torquato*, por Ernesto Marecos.  
*Sinos ao luar*, por Eugenio de Castilho.

### V—1869

- O conde de Castello Melhor*, *João Rodrigues de Vasconcellos*, narrativa tirada da historia da Restauração de Portugal, por A. A. Teixeira de Vasconcellos.  
*O recrutamento*, por Julio Cesar Machado.  
*Justiça de El-Rei*, por A. d'Oliveira Pires.

### VI—1870

- Parietarias*, por Candido de Figueiredo.

### VII—1871

- Esboço d'uma alma*, por Luciano Cordeiro.  
*A primeira tempestade*, por Ramalho Ortigão.  
*As Gaditanas*, pelo Barão de Roussado.  
*O Padre-Prior*, por A. de Oliveira Pires.  
*Duas scenas da idade media*, por F. Gomes de Amorim.  
*Episodio da emigração polaca*, por Eduardo Coelho.

### VIII—1872

- O cypreste e o pecegueiro*, por Francisco Gomes de Amorim.  
*O phantasma do lago*, por Sousa Viterbo.  
*A alma do rei de Thule*, por Alberto Pimentel.  
*Expição de uma alma*, por João de Mendonça.

### IX—1873

- Singularidades de uma rapariga loura*, por Eça de Queiroz.  
*O primeiro amor*, por Marianno Froes.  
*Firme Fé*, por Oliveira Pires.  
*A Peste negra*, por Gomes Leal.  
*A condessa do Carregal*, por Eduardo Coelho.

### X—1874

- O Degredado*, por Anna Maria Ribeiro de Sá.  
*Rosinha*, por João Cesario de Lacerda.  
*Nos casebres do Loreto*, por Brito Aranha.  
*A lenda das ruínas*, por Eduardo Coelho.

## X I—1875

- Fiel*, por Guerra Junqueiro.  
*O Salteador*, por Christovam Ayres.  
*Historia de um casamento triste*, por Gomes Leal.  
*Amor e fumo*, por Marianno Froes.  
*O revolver Kleutgen*, por Jayme Seguiet.  
*Meu Pae*, por Eduardo Coelho.

## XII—1876

- A lenda do Perú*, por Francisco d'Almeida.  
*Só*, por Brito Aranha.  
*A mãe*, por Jayme Victor.  
*Abnegação de mãe*, por Leite Bastos.  
*A lenda do romantismo*, por Gervasio Lobato.

## XIII—1877

- As duas faces da medalha*, por Christovam Ayres.  
*O salto mortal*, por João de Sousa Araujo.  
*Num bairro moderno*, por Cesario Verde.  
*Conto triste*, por Theotonio de Oliveira.  
*O capitão Anastacio*, por Osorio de Vasconcellos.  
*Na feira da Ladra*, por Guerra Junqueiro.  
*Ingratos*, por Leite Bastos.  
*Estella*, por Eduardo Coelho.

## XIV—1878

- O Mestre d'Aviz* (romance fundado sobre a historia) por Carlos Pinto d'Almeida.

## XV—1879

- O casamento do reino de Inglaterra com o reino de Portugal*, por Eduardo Coelho.  
*Menina pobre*, por M. Bulhões.

## XVI—1880

- O espelho da marquezia*, por Gomes Leal.  
*O Diabo*, por Monteiro Ramalho,  
*A sessão de espiritismo*, por Gervasio Lobato.  
*Uma história singular*, por Christovam Ayres.  
*Scenas de drama moderno*, por Eduardo Coelho.  
*Uma tourada no seculo XVII*, por Eduardo Coelho.  
*Os cinco irmãos*, de Andersen.

## XVII—1881

- O armador*, por Mariano Pina.  
*Memorias de Paulina*, por Theophilo Braga.  
*O roubo*, por Fialho d'Almeida.

- A vingança de Figaro*, por Gervasio Lobato.  
*Uma canção romantica*, por Pinheiro Chagas.  
*Noticias velhas*, por Eduardo Coelho.

## XVIII—1882

- Emma*, por Almeida d'Eça.  
*O cavalleiro phantasma*, por Mendonça e Costa.  
*Aguarella aldeã*, por Eduardo Coelho Junior.  
*Maria do Serrado*, por Christovam Ayres.  
*Realidades funestas*, por Eduardo Coelho.  
*Pequeno drama na aldeia*, por Fialho d'Almeida.

## XIX—1883

- A cruz mutilada*, por Bulhão Pato.  
*Uma aventura na Arabia*, por Almeida d'Eça.  
*Ai! Amisade!* por Manuel Emygdio da Silva.  
*A pobre do veu*, por G. de Vasconcellos Abreu.  
*Amor de mãe*, por Luiz Quirino Chaves.  
*Os ciumes do visconde*, por Guiomar Torrezão.  
*Um beneficio*, por João Augusto d'Ornellas.  
*Como sahiste visconde?* por Eduardo Coelho.

## XX—1884

- Guarda-marinha*, por Almeida d'Eça.  
*Um crime horroroso!* por Luiz Quirino Chaves.  
*Portugal Captivo*, quadro romantico-historico—1580-1640—por Eduardo Coelho.

## XXI—1885

- Victor Hugo*, Homenagem da empreza do *Diario de Noticias* á memoria do eminente poeta francez.

## XXII—1886

- Mendes Leal Junior*, memorias politicas, litterarias e bibliographicas por Brito Aranha.

## XXIII—1887

- O moleque*, por Christovam Ayres.  
*Um marido de seis mulheres*, por Alberto Pimentel.  
*O convento de Lorvão*, por Sousa Viterbo.  
*A luva*, por Alfredo Gallis.  
*O store do Japão*, por Daniella.

*Está cá minha mulher?* por Eduardo Coelho Junior.

XXIV—1888

*A Joia do Vice-Rei*, por Pinheiro Chagas.

XXV—1889

*Revolvendo as cinzas*, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

*O baptisado de D. Affonso VI*, por Zephyrino Brandão.

*As espingardeiras*, por Candido de Figueiredo.

*A 1:441 metros de altitude*, por Caêl.

*Um misterio*, por Christovam Ayres.

*A avó*, por Guiomar Torrezão.

*O baluarte de Diu*, por Pinheiro Chagas.

XXVI—1890

*A Africa Portugueza*, por Pinheiro Chagas

*Nuvem desfeita*, por Affonso Vargas.

*A minha terra*, por Raphael d'Almeida.

*A fonte da Preguiça e a nogueira da Misericordia*, por João de Mendonça.

*Severina*, por Guiomar Torrezão.

*A noite de 3 de setembro de 1758*, por Alberto Telles.

*O rei da Ericeira*, por Alberto Pimentel.

*Othellosito*, por Rangel de Lima Junior.

XXVII—1891

**Eduardo Coelho** — *A sua vida e a sua obra*  
— *Alguns factos para a historia do jornalismo portuguez contemporaneo*, por Alfredo da Cunha.

XXVIII—1892

*O naufragio de Vicente Sodré*, por Pinheiro Chagas.

*Estreia de um curioso*, por Aristides Abranches.

*O herdeiro de minha tia*, por Alberto Pimentel.

XXIX—1893

*O bacharel Ramires*—Historia de um dissidente, por Candido de Figueiredo.

*Dois destinos*, por Affonso Vargas.

*Questão de limites do Brasil com a república Argentina*—Demonstração do direito do Brasil, por José Antonio de Freitas.

XXX—1894

*Um Drama na aldeia*, por Candido de Figueiredo.

*Diario de uma complicada*, por D. Guiomar Torrezão.

*O idiota*, por Lumbrosiola.

*Companheiros de bordo*, por Alfredo Mesquita.

XXXI—1895

*Os sete dormentes*, por Eugenio de Castro.

*O espelho de Celestina*, por Narciso de Lacerda.

*A' porta do Paraíso*, por Francisco d'Almeida.

*Memorias (El rei D. Fernando II)*, por Bulhão Pato.

*Magdalena de Vilhena* (poemeto composto para uma comemoração de homenagem ao autor do *Frei Luiz de Souza*) por Alfredo da Cunha.

XXXII—1896

*Terra-mater*, por Trindade Coelho.

*Chrysanthemos*, por Candido de Figueiredo.

*Joanna de Garschen*, por D. Guiomar Torrezão.

*Memorias* (continuação) *El-rei D. Fernando II*, por Bulhão Pato.

XXXIII—1897

*O despertar d'um sonho* (romance historico)—Episodios da descoberta do caminho maritimo para as Indias, por Lourenço Cayolla.

XXXIV—1898

*Amores de um marinheiro*—Narrativa historico-romantica, por Candido de Figueiredo.

XXXV—1899

*Versos*—Endeixas—Madrigaes—Rimas soltas—por Alfredo da Cunha.

# Diario de Noticias ilustrado

Grande edição de luxo

## CENTENÁRIO DE SANTO ANTONIO—1895

*Capa* a dez côres, de Casanova.

Fotogravuras de quadros célebres alusivos ao popular santo português e artigos elucidativos.

## CENTENÁRIO DA INDIA—1898

*Capa* de Casanova.

*Colaboradores literários:* Lourenço Cayolla, Luciano Cordeiro, D. João da Camara, H. Lopes de Mendonça e Rangel de Lima.

*Colaboradores artísticos:* Casanova, João Vaz, Christino, E. Condeixa, Sequeira e Lupi.

## PÁSCOA DE 1899

*Capa* de Casanova.

*Autógrafos* dos prelados portugueses.

*Ilustrações* reproduzindo os principais quadros nacionais e estrangeiros alusivos á Paixão de Cristo e objectos notáveis da arte sacra portuguesa.

## CARNAVAL DE 1900

*Capa* de Raphael Bordallo Pinheiro.

*Colaboradores literários:* Eduardo Schwalbach, Sá de Albergaria, Urbano de Castro e Pan Tarantula (Alfredo de Moraes Pinto).

*Colaboradores artísticos:* Raphael e Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, Casanova, Gonçalves Coelho, Sousa Nogueira, Celso Herminio e J. Bielman.

## PÁSCOA DE 1900

*Capa* de Casanova.

*Autógrafos* de Sua Santidade o Papa Leão XIII, Nuncio em Portugal, cardeal Vanuttelli, e diversos prelados portugueses.

*Ilustrações* reproduzindo 14 quadros sacros dos mais célebres no mundo, e objectos de arte religiosa.

## NÚMEROS DO NATAL

**1898**

*Capa* de José de Brito.

*Colaboradores literários:* H. Lopes de Mendonça, Luiz de Magalhães, Candido de Figueiredo e Alfredo da Cunha.

*Colaboradores artísticos:* Alfredo Keil (*música* e desenho), Raphael Bordallo Pinheiro, Joaquim Basto, Sousa Pinto, Salgado, Casanova, J. Vaz.

**1899**

*Capa* de João Vaz.

*Colaboradores literários:* conde de Arnoso, Mousinho de Albuquerque, Sousa Viterbo, Guerra Junqueiro e Thomaz Ribeiro.

*Colaboradores artísticos:* El-Rei D. Carlos, Sousa Pinto, Casanova, Alfredo de Moraes, Raphael Bordallo Pinheiro, Julio Costa, Gonçalves Coelho e Joaquim Basto.

## 1900

*Capa* de Casanova.

*Colaboradores literários*: H. Lopes de Mendonça, Alfredo Mesquita e Alfredo da Cunha.

*Colaboradores artísticos*: Casanova, Condeixa, José de Brito, Alfredo Keil, (*música*) Alfredo Guedes e Celso Herminio.

## 1901

*Capa* de João Vaz.

*Colaboradores literários*: D. João da Camara, Teixeira de Queiroz, Luiz de Magalhães e Fernandes Costa.

*Colaboradores artísticos*: Casanova, Roque Gameiro, Gonçalves Coelho, Velloso Salgado, Moreira de Sá (*música*), Teixeira Lopes, Julio Ramos e Celso Herminio.

## 1902

*Capa* de Roque Gameiro.

*Colaboradores literários*: conde de Arnoso, Wenceslau de Moraes, Lopes de Mendonça, Alfredo da Cunha e Alberto d'Oliveira.

*Colaboradores artísticos*: Casanova, Asano Koshiuu, Condeixa, Simões de Almeida, Alfredo Keil (*música*), Alfredo Guedes, Gonçalves Coelho e Celso Herminio.

## 1903

*Capa* de Gonçalves Coelho.

*Colaboradores literários*: Julio Brandão, Guerra Junqueiro, Carlos Malheiro Dias, Rangel de Lima e Conde de Monsaraz.

*Colaboradores artísticos*: Casanova, Teixeira Lopes, Roque Gameiro, Alfredo Andrade, João Vaz, Carlos Reis, Joaquim Bastos e Celso Herminio.

## 1904

*Capa* de Roque Gameiro.

*Colaboradores literários*: Alfredo da Cunha, Bento Moreno, Guerra Junqueiro, Julio Brandão e Christovão Ayres.

*Colaboradores artísticos*: Roque Gameiro, Francisco J. Ferreira Lima, Antonio Carneiro Junior, Teixeira Lopes, Casanova, Condeixa, Oscar da Silva (*música*), Gonçalves Coelho, Celso Herminio e Raphael Bordallo Pinheiro.

## 1905

*Capa* de Roque Gameiro.

*Colaboradores literários*: Carlos Malheiro Dias, A. Campos Junior, Guerra Junqueiro, Conde de Monsaraz.

*Colaboradores artísticos*: Rainha Senhora D. Amelia, El Rei D. Carlos, Veloso Salgado, Casanova, Roque Gameiro, Gonçalves Coelho, G. Van Krieken, Alfredo Keil (*música*), Teixeira Lopes, M. G. Bordallo Pinheiro, Francisco Lima.

## 1906

*Capa* de Casanova.

*Colaboradores literários*: Wenceslau de Moraes, Alfredo da Cunha, Julio Brandão, Guerra Junqueiro, Augusto de Lacerda e Affonso Lopes Vieira.

*Colaboradores artísticos*: Gonçalves Coelho, José de Brito, Roque Gameiro, Teixeira Lopes, Ferreira Lima, Julio Costa, Manuel de Macedo, Pinho e Costa e Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro.

## 1907

*Capa* de Alberto Pinto.

*Colaboradores literários*: Henrique Lopes de Mendonça, Eugenio de Castro, Rangel de Lima Junior, Affonso Lopes Vieira, Augusto de Lacerda.

*Colaboradores artísticos*: João Vaz, Casanova, Teixeira Basto, Alfredo Guedes, Manuel de Macedo, Francisco Lima, J. J. Gonçalves Coelho, Roque Gameiro, Moreira de Sá (*música*), Sousa Nogueira e Manuel Monterroso.

## 1908

*Capa* de Roque Gameiro.

*Colaboradores literários*: Guerra Junqueiro, Wenceslau de Moraes, Carlos Malheiro Dias, Alfredo da Cunha e Rangel de Lima Junior.

*Colaboradores artísticos*: Roque Gameiro, Gonçalves Coelho, Teixeira Lopes, Antonio Carneiro Junior, Joshú, Manuel de Macedo, Alberto de Sousa, Francisco de Lima, Sousa Nogueira, Luiz Costa (*música*), Veloso Salgado e Manuel Monterroso.

## 1909

*Capa* de Casanova.

*Colaboradores literários*: Manuel Sousa Pinto, Teixeira Lopes, Guerra Junqueiro, Marcelino Mesquita, João Grave.

*Colaboradores artísticos*: João Vaz, Raul Lino, Antonio Carneiro, Condeixa, Francisco Lima, Julio Costa, Sousa Nogueira, Manuel Monterroso.

## 1910

*Capa* de Raul Lino.

*Colaboradores literários*: Wenceslau de Moraes, Guerra Junqueiro, D. Branca de Gonta Colaço, Joaquim Leitão.

*Colaboradores artísticos*: Accacio Lima, Shóshú, Antonio Carneiro Junior, Teixeira Lopes, Jorge Colaço, Casanova, Francisco Lima, Sousa Nogueira, Manuel Monterroso.

## 1911

*Capa* de José Malhõa.

*Colaboradores literários*: Julio Brandão, Julio Dantas, Guerra Junqueiro, Henrique de Vasconcellos.

*Colaboradores artísticos*: José de Brito, Roque Gameiro, Carlos Reis, Teixeira Lopes, D. Maria da Conceição Lemos Magalhães, Manuel de Macedo, Luiz Costa (*música*), Sousa Nogueira e Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro.

## 1912

*Capa* de Raul Lino.

*Colaboradores literários*: Wenceslau de Moraes, Alfredo da Cunha, Teixeira de Queiroz, Guerra Junqueiro.

*Colaboradores artísticos*: Julio Costa, Shóskú, Casanova, Teixeira Lopes, Roque Gameiro, Antonio Carneiro, Francisco Lima, Teixeira Lopes, Moreira de Sá (*música*), Sousa Nogueira, Francisco Valença.

*Página solta* de José Malhõa.

## 1913

*Capa* de Veloso Salgado.

*Colaboradores literários*: Candido da Cunha, Guerra Junqueiro, José Coelho da Cunha, Julio Brandão, Alfredo Mesquita.

*Colaboradores artísticos*: Antonio Carneiro, L. Battistini, Teixeira Lopes, Roque Gameiro, A. Marçal Brandão, Albert Mille, Julio Neuparth (*música*), Sousa Nogueira, Christiano de Carvalho.

*Página solta* de Sousa Pinto.

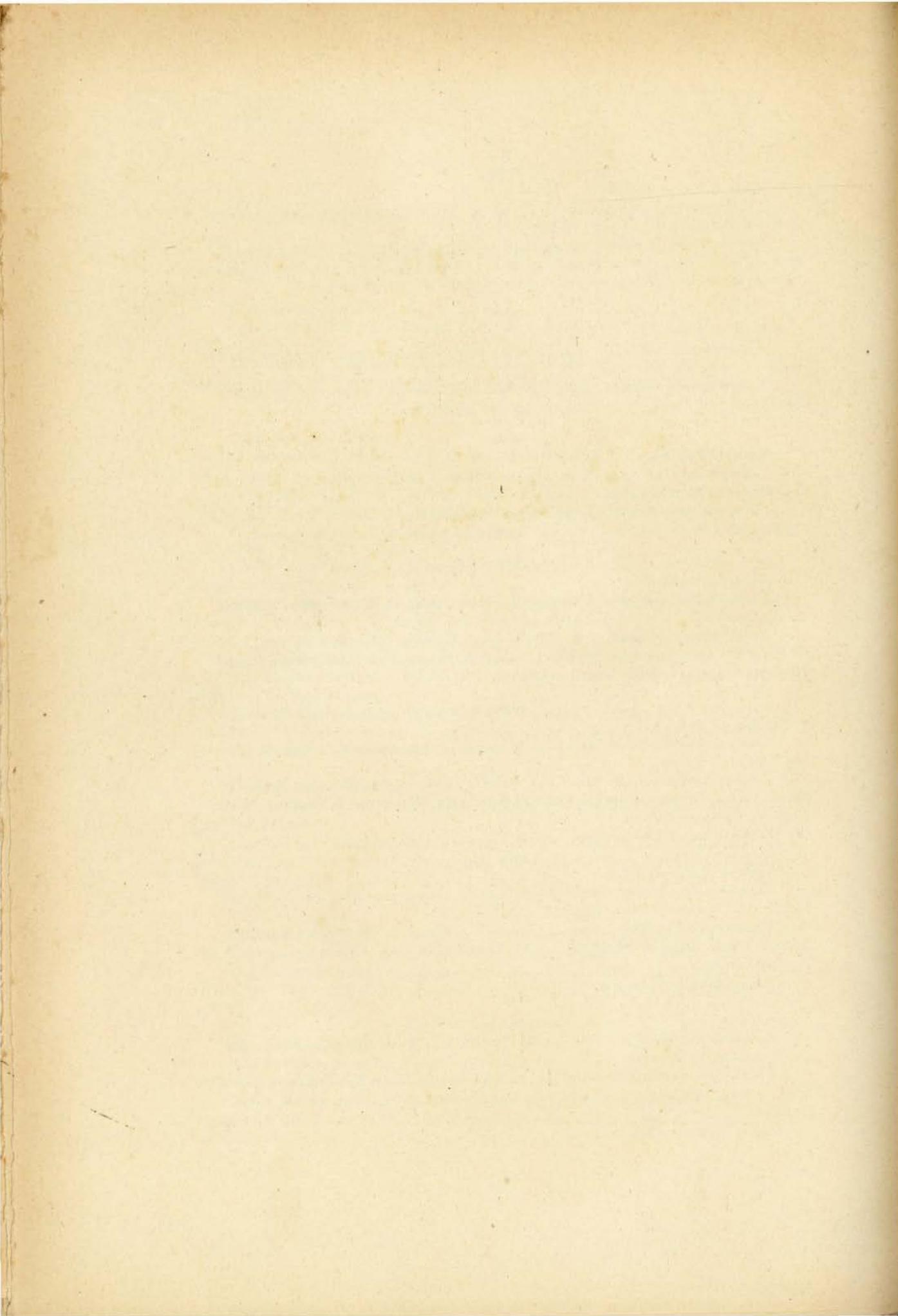
## 1914

*Capa* de Candido da Cunha; *frontispício* de Arthur Loureiro.

*Colaboradores literários*: Anthero de Figueiredo, Lopes de Mendonça, Guerra Junqueiro, Alberto de Oliveira.

*Colaboradores artísticos*: Roque Gameiro, Manuel de Macedo, Eduardo Moura, Raul Lino, Teixeira Lopes, Antonio Mendía, Manuel Monterroso, Luiz Costa (*música*), Sousa Nogueira.

*Página solta* de Antonio Ramalho.



## Notas finais



## NOTAS FINAIS

### Nota A

Que o *Petit-Journal*, de Paris, fôra um dos modêlos predilectos de Eduardo Coelho, vê-se de várias referências por êle feitas á folha parisiense. Assim é que em 10 de fevereiro de 1865 lia-se no *Diario de Noticias*, que então ainda não contava seis semanas de existência, a seguinte local, que reproduzo, porque, além do mais, ainda oferece a curiosidade de fornecer a relação dos colaboradores do jornal naquella época, dos quais creio que só vivem três: os srs. Araujo Assis, F. Serra e P. Vidoeira:

«No dia 1 de fevereiro se festejou em Paris, em casa do redactor em chefe do *Petit Journal*, primo co-irmão do *Diario de Noticias*, mas que, mais opulento e abastado do que elle, tem já uma tiragem de 193:940 exemplares, o banquete do segundo anniversario d'aquella popularissima folha, em tudo do plano e indole da nossa, e que custa, em Paris, aproximadamente o mesmo preço. Assistiram a esta festa jornalística alguns dos principaes escriptores francezes que collaboram no *Petit Journal*, taes como: os srs. Theophilo Gautier, Mermet, Victorien Sardou, Thimotheo Trimm, Charles Monselet, e outros nomes que illustram a imprensa parisiense, e se honram em escrever naquella folha; assim como se não teem dedignado de collaborar dedicada e graciosamente no *Diario de Noticias* alguns cavalheiros justamente apreciados na republica litteraria, taes como: Bernardino Martins, Julio Cesar Machado, Camillo Froes, Luiz d'Araujo, Paulo Midosi, B. Monteiro, Leite Bastos, P. da Cruz, A. Varella, Alcantara Chaves, Pereira Rodrigues, Araujo Assis, Alfredo Mello, Costa Pereira, E. Lami, dr. Loureiro, M. Bastos, Almeida e Araujo, e outros cuja modestia excessiva nos prohibe revelal-os, tendo esta folha para publicar alguns escriptos de D. Thomaz de Mello, P. Chagas, João de Lacerda, Brito Aranha, E. Vidal, A. Ribeiro, F. Serra, E. Garrido, P. Vidoeira, etc. A todos conta, com o favor do publico, poder em breve a empresa do *Diario de Noticias* reunir em modesta festa fraternal para solemnisar a prosperidade d'esta folha, que, não obstante o seu pouco valor, é já um facto notavel na historia do nosso jornalismo, pela grande aceitação que tem encontrado.

«Srs. redactores do *Petit Journal*, sympathicos collegas parisienses, contamos poder de mostrar-vos que a idéa que presidiu á creação da vossa folha tambem encontrou no illustrado povo lisbonense grande numero de adeptos!»

E no *Diario de Noticias* de 17 de maio do mesmo ano de 1865, encontra-se a seguinte nota de expediente, um tanto misteriosa: «Le *Petit-Journal* lisbonien remercie beaucoup l'aimable collaboration du très spirituel *Diable bleu* et lui ouvre ses portes sans y mettre la croix.»

### Nota B

Quem escreve estas linhas tem ouvido contar a diversas pessoas que foram amigas de Eduardo Coelho e com êle conviveram, a história, mais ou menos romantizada, da fundação do *Diario de Noticias*. São versões do mesmo facto, análogas na essência, mas divergindo, em pontos de secundária importância, das narrativas autênticas feitas pelos próprios fundadores daquela folha.

Uma das versões que vieram a público é a que consta dum artigo inserto no *Diario de Noticias* de 29 de dezembro de 1904 e firmado pelo sr. Francisco Serra, que foi realmente companheiro e amigo íntimo de Eduardo Coelho, e cujo nome figura entre os dos mais antigos colaboradores daquele jornal, pois nessa qualidade, como já se viu, é citado logo no número correspondente a 10 de fevereiro de 1865.

Embora, certamente por lapso de memória, bem explicável ao referirem-se factos ocorridos em tam remota época, um ou outro pormenor não seja rigorosamente exacto, como, por exemplo, o não é atribuir ao *Diario de Noticias* o formato aproximado do jornal *O Gratis* que o antecederá de alguns anos e que aliás, no seu princípio, nem metade daquele formato chegava a ter, não deixa de oferecer interesse arquivar nestas páginas os seguintes períodos do aludido artigo escrito por um dos mais antigos e estimados colaboradores do *Diario de Noticias*, ainda felizmente vivo, artigo que se intitulava *Eduardo Coelho e o seu jornal—como se creou e como floresceu* :

«Ha quarenta e um para quarenta e dois annos que se reuniam em casa de minha familia alguns rapazes cheios de vida e aspirações, no proposito de estudarem juntos e de trabalharem no intuito de ser conhecidos no mundo das letras.

A esse tempo, tinha eu já conseguido publicar com Julio Cesar Machado uma folha quinzenal, «O Ecco Litterario», impressa na Typographia Universal, de Thomaz Quintino Antunes, o futuro conde de S. Marçal, e feito representar peças nos theatros da rua dos Condes, das Variedades, de D. Maria e do Gymnasio.

Eduardo Garrido começava a escrever os seus primeiros versos, que me apresentava para corrigir na metrificacão, com que nem sempre encarrilhava, e Eduardo Coelho apparecia para ouvir leituras e discutir o seu projecto do «Incentivo Litterario», sociedade animadora da mocidade estudiosa, que haviamos combinado fundar».

.....  
«Uma noite que nos reunimos, combinámos em dar á luz um livro e tratámos logo de redigir o programma e de o imprimir. Entre os meus papeis velhos, existem ainda alguns exemplares. Intitulava-se : *VERSOS, de Eduardo Coelho, Francisco Serra e Eduardo Garrido*.

Os livreiros editores daquelle tempo, que eram raros, encontravam porém pouca sahida nos livros de versos e apresentavam reluctancia.

Em presença dessa contrariedade, pensámos em fazer o sacrificio da edição por nossa conta, mas Eduardo Coelho teve um dia uma idéa luminosa e para communicar-a convidou-nos a ir almoçar um dia a casa do irmão Abel, com quem vivia numa casa do largo dos Cannos, onde nos seriam servidos uns ovos recheados e um outro acepipe que a governante cozinava admiravelmente.

Não faltámos, e no fim da refeição, servida modesta mas amigavelmente, Eduardo Coelho expoz como passara sem aproveitamento uma idéa que poderia ter produzido optimos resultados, se a tivessem modificado, aperfeiçãoando-a.

—Lembram-se do *Gratis*, impresso em papel pardo, destinado só á publicação de annuncios e que no fim de tantos annos desapareceu ha pouco da circulação? Pois a minha idéa, em vez de publicarmos o livro de versos, é mettermos hombros á empresa e fazermos sahir uma folha que, informando succintamente os leitores de todos os acontecimentos da capital, das provincias e do estrangeiro, impressa num papel regular e ao insignificante preço de 10 réis, attraia pela extensão da sua publicidade a concorrência de annuñciantes, que, a 20 réis a linha, concorrerão não só para custear toda a despeza, mas para proporcionar ainda um lucro animador ao nosso trabalho de redacção.

E expostas estas razões, apresentou-nos o formato, o numero de columnas destinadas só á parte noticiosa e litteraria, o espaço reservado aos annuncios, os calculos de quanto poderia render cada columna, o orçamento de ferias, papel, despezas diversas, e finalmente a quanto poderia elevar-se a receita da venda avulso, feita por rapazes que empregariamos nessa nova industria, concedendo-lhes uma percentagem que os animasse a soltar o pregão percorrendo todas as ruas, beccos e travessas.

Tanto a mim como a Garrido, pareceu-nos a idéa maravilhosa, mas como não podia por-se em pratica sem reunir certo capital, ficou para outro encontro a discussão do assumpto.

D'ahi a poucos dias procurou-me Eduardo Coelho, trazendo já original para o primeiro numero, que pretendia fazer sair no dia da procissão de Corpo de Deus, em que era enorme a concorrência nas ruas de Lisboa.

Discutimos a tentativa, e eu, pensando maduramente, pela pratica que havia tido sustentando uma empreza jornalística com Julio Cesar Machado, disse ao Eduardo:

—Olha, meu amigo, eu creio profundamente no seguro resultado do teu plano, se desde o principio for sustentado com certo desafogo.

Nem tu, porém, nem eu, nem o Garrido podemos obter os meios pecuniarios para manter esse desafogo.

A tentativa demanda impreteriveis despesas nos primeiros mezes, antes que o acolhimento do publico avolume as receitas.

Teremos de semear muito para colher, porque o campo é vasto e escasseiam os recursos para a sementeira.

Se chegamos a meio e temos de recuar, é perder tudo. Gasta-se ás libras e cobra-se aos reaes.

Primeiro que a idéa fructifique, que o publico a acceite e sinta a necessidade de um jornal barato que o informe de tudo, que lhe corrija os defeitos, que o encaminhe, que o instrua e forme, por assim dizer, a orientação que mais lhe convem e lhe proporcione a grande variedade de annuncios em que possa encontrar tudo que necessita, como se percorresse n'uma terça feira permanente a antiga feira da ladra, é preciso dispender com largueza, antes mesmo de obter, pelo esforço e tenacidade dos dirigentes, uma grande publicidade. Convem ter paciencia de esperar, trabalhando sem descanso para chegar á colheita.

Toma o meu conselho; para uma folha d'essa ordem, precisa-se de uma typographia propria. Não a temos. Que te convem então? Associares-te a quem a possua nas condições indispensaveis.

Eu publiquei com o Julio Machado o *Ecco Litterario* na typographia de Thomaz Quintino Antunes; tem casas para a redacção, onde já estiveram o *Seculo* de Andrade Ferreira e a *Patria* do Guimarães. Não lhe falta pessoal, nem typo, nem machinas, se a empreza attingir progressivo desenvolvimento, como é de suppor. Tens ali o socio que te convem. Lidei com elle, sei quanto é emprehendedor; demais, o teu programma deve tental-o e só elle será capaz de se abalançar a leval-o por diante».

Também, a mero titulo de curiosidade, e não porque ofereça novidades, visto que, como nele próprio se declara, as informações fornecidas foi-as o autor buscar, na sua maior parte, ao livro—*Eduardo Coelho—A sua vida e a sua obra*—de que êste é a reedição, e que publiquei em 1890, aqui deixo arquivado o artigo de A. X. da Silva Pereira no seu *Dicionario Journalistico Portuguez*, ainda manuscrito e existente na biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, obra que é muito para sentir que não seja revista e publicada, e que, apezar dos erros que possam notar-se-lhe, é de grandíssimo valor para os que se interessem por assuntos referentes á imprensa periódica portuguesa, pelo enorme cabedal de investigações ali accumuladas durante longos anos de constantes e fadigasas pesquisas:

«*Diario de Noticias*—Lisboa 1865-1889—Typ. Universal, rua dos Calafates, 110. Infol. Preço por numero avulso 10 réis, por assignatura por mez 240 rs., por três mezes 700 réis.

«Foi fundado por Eduardo Coelho (José Eduardo Coelho) a esse tempo noticiarista do *Conservador* e da *Revolução de Setembro*, e pelo typographo Thomaz Quintino Antunes, dono da Typographia Universal, officina muito vasta e bem montada, onde desde então até hoje se tem composto e impresso a dita folha noticiosa.

«Antes do *Diario de Noticias* encetar a sua regular publicação foram publicados dois numeros programmas: o 1.º em 5.ª feira 29 e o 2.º em 6.ª feira 30 de dezembro de 1864.

«O n.º 1 appareceu no domingo 1.º de janeiro de 1865.

«Eis um periodo do seu programma: (em seguida reproduz a parte do programa desde as palavras—*Será uma compilação até classes e partidos*—)

«Os primeiros 272 numeros appareceram com o sub-titulo de *Diario Universal*.

«Em o n.º 272 o *Diario de Noticias* commemorou, em data de 1 de dezembro de 1865, o anniversario da nossa gloriosa independencia do jugo castelhana e augmentou o formato consideravelmente. Este melhoramento foi desde logo reclamado pela enorme popularidade que adquiriu essa folha de noticias e annuncios, não só na capital mas ainda nas provincias do reino, onde se espalhou rapidamente, servindo de modelo para diversas folhas da mesma indole que depois se iniciaram não só por espirito de imitação, mas com



o firme proposito de fazer concorrência á novel folha ou desvia-la do bom conceito publico.

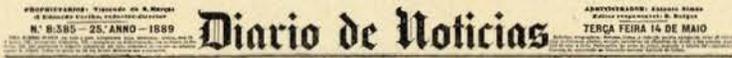
«A maneira original como o *Diario de Noticias* foi posto á venda volante, apregoado pelas ruas e praças publicas, pelos garotos e ovarinos, foi de um successo extraordinario de que até ali não havia memoria nas folhas periodicas do reino, successo que chegou mesmo a surprehender os proprios fundadores, iniciadores da ideia.

«Muitos ovarinos tem chegado a acumular grossos peculios com a venda do *Diario* e outros tem até chegado a vender a sua freguezia por 30, 40, 50 libras e mais!

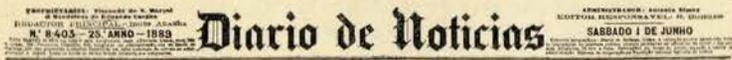
«Para centenaes de familias o *Diario de Noticias* tem sido um verdadeiro sustentaculo. Muitos tem ali encontrado o seu pão quotidiano, á pobreza envergonhada, porventura a mais santificada de todas as pobrezaas, tem aquella folha enxugado muitas e muitas lagrimas. Tem livrado muitos do abysmo, do vicio, da vadiagem.

«A sua leitura, alem de ser variada e ao sabor das differentes classes do povo, é sã, é moral e ás vezes instructiva e delectavel, graças aos distinctos litteratos que enfloram as

O cabeçalho do DIARIO DE NOTICIAS segundo as modificações operadas na propriedade e direcção do jornal



Na data (14 de maio de 1889) do falecimento de Eduardo Coelho: «Proprietarios: Visconde de S. Marçal & Eduardo Coelho, redactor principal».



Na data (1 de junho de 1889) em que pela primeira vez se designaram como «Proprietarios: Visconde de S. Marçal & Herdeiros de Eduardo Coelho».



Na data (16 de fevereiro de 1898) do falecimento do Conde de S. Marçal: «Proprietarios: Conde de S. Marçal & Herdeiros de Eduardo Coelho».



Na data (1 de março de 1898) em que pela primeira vez se designaram como «Fundadores: Thomaz Quintino Antunes & Eduardo Coelho».



Na data (1 de janeiro de 1900) em que pela primeira vez figura como «Director—Alfredo da Cunha» gerente da firma *Coelhos, Cunha & C.<sup>a</sup>* proprietária do *Diario de Noticias*, e como «Secretario da redacção Eduardo Coelho».

suas columnas com as opulencias do seu estylo, e muitos outros escriptores que ali tem iniciado a sua carreira litteraria com os seus estudos e investigações sobre sciencias, artes, industrias, commercio, antiguidades, etc., etc.»

Depois de reproduzir, quanto ao pessoal existente á data da publicação da primeira edição deste livro, as informações ali dadas a pag. 109, acrescenta:

«A lista completa dos collaboradores é extensissima, porque quasi todos os nossos principais escriptores tem cooperado com as brilhantes manifestações dos seus talentos para a vulgarisação e popularidade desse utilissimo periodico, que tão proficuo se tornou ás classes populares, facilitando-lhe leitura barata—pasmosamente barata naquelle tempo—e promovendo-lhes o gosto pelo conhecimento das occorrencias de cada dia e pela divul-

gação do annuncio, genero até alli completamente descurado e dado á pouca importancia, o que importava, até certo ponto, a atrophia da nossa vida industrial, commercial e portanto a paralyzação de tudo quanto é indispensavel para o desenvolvimento do trabalho nacional.»

Segue-se a lista dos colaboradores, copiada do livro referido que, segundo diz, lhe «serviu para em grande parte extrahir as particularidades que deixou escriptas ácerca da referida folha noticiosa.»

Ainda também reproduz a lista do pessoal publicada no n.º 96 do *Diario de Noticias* de 29 de abril de 1865, e á qual se faz referênciã na nota final I.

### Nota C

A primitiva escriptura de constituição da sociedade entre os dois fundadores do *Diario de Noticias* foi celebrada em 20 de abril de 1865, em notas do tabelião Mattos e Carvalho, de Lisboa. E' do teor seguinte :

Livro tresentos vinte e oito, a folhas oitenta e tres verso.

Saibão quantos este Instrumento de contracto social e obrigação virem, que no Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos sessenta e cinco, aos vinte dias do mez d'Abril, n'esta cidade de Lisboa, no meu Cartorio, na Praça de Dom Pedro, numero tres, compareceram presentes os Illustrissimos Thomaz Quintino Antunes, casado, maior, typografo, morador na rua dos Calafates, numero cento e dez, freguezia da Encarnação, e Eduardo Coelho, solteiro, maior e morador na Calçada de Santo Antonio dos Capuchos, numero trinta e seis, freguezia da Pena, ambos pessoas minhas conhecidas, que dou fé serem os proprios.

E por elles Illustrissimos Thomaz Quintino Antunes e Eduardo Coelho foi dito a mim Tabellião em presença das testemunhas abaixo nomeadas e no fim desta assignadas, que pela presente escriptura e pela melhor forma e via de Direito formão entre si uma sociedade com relação ao Periodico denominado *Diario de Noticias*, debaixo das condições seguintes a saber.

Primeira—Que o objecto social é a fundação e costeação do dito periodico *Diario de Noticias*, que seguirá invariavelmente o programa publicado no numero um.

Segunda—Que o socio Thomaz Quintino Antunes é o caixa da sociedade, e sob sua direcção corre a administração da folha, sendo o mesmo obrigado, não só a adiantar a impressão e papel, mas também todas as outras despesas que forem necessarias para a fundação e sustentação do jornal.

Terceira—Que das despesas necessarias que fizer será embolsado, logo que a receita do jornal dê para isso, no caso porem de não chegar a produzir lucros, perderá o que houver adiantado, sem que ao socio Eduardo Coelho caiba responsabilidade alguma.

Quarta—O socio Eduardo Coelho é o redactor principal e director na parte literaria do dito jornal e por estes encargos, logo que os lucros o permitão, vencerá o ordenado que de commum accordo se convencionar.

Quinta—Que a admissão dos empregados que forem necessarios á empresa será sempre de commum accordo entre ambos os socios.

Sexta—Que os lucros do jornal, depois de pagas todas as despesas, serão divididos igualmente pelos dois socios.

Setima—Que o tempo da sociedade é illimitado, devendo sempre as resoluções com relação á mesma serem tomadas de mutuo accordo, e sempre em proveito da mesma sociedade.

Oitava—Que, se por qualquer accidente imprevisto qualquer dos socios quizer desligar-se da sociedade, o outro fica com direito á propriedade do jornal, uma vez reguladas as contas, e só assim se considerará dissolvida a sociedade.

Que taes são as condições do seu contracto que reciprocamente estipulão e promettem cumprir.

Assim o outorgarão, pedirão e aceitarão, sendo a tudo testemunhas presentes Francisco Teixeira Pinto Cabral e Miguel Teixeira Pinto Cabral, meus amanuenses, moradores na rua do Arco da Graça, numero setenta e sete, freguesia do Soccorro, que com os outorgantes aquí assignarão, depois d'esta a todos ser lida por mim João Lucio de Figueiredo Lima, Tabellião ajudante que a escrevi. D'esta gratis. — Thomaz Quintino Antunes — Eduardo Coelho — Francisco Teixeira Pinto Cabral — Miguel Teixeira Pinto Cabral.

Esta escriptura, aquí transcrita porque constitúi o pacto fundamental em que se firmou a criação do *Diario de Noticias* e em que se preceituou como obrigação contratual a inva-

riável observância do programa com que foi instituída aquela folha, veio a ser confirmada, ratificada e aditada por outra celebrada entre os mesmos outorgantes da primeira, em data de 13 de março de 1873.

Por escritura de 4 de novembro de 1899 foi constituída entre D. Maria Adelaide Coelho da Cunha e seu marido Alfredo da Cunha, D. Maria da Luz Coelho de Castro e Brito (casada com o sr. Dr. Diogo Francisco Pereira de Castro e Brito), Eduardo Coelho, José Thomaz Coelho e João Gaspar Coelho, (os três primeiros também legatários do Conde de S. Marçal, Thomaz Quintino Antunes, e os três últimos, bem como as duas mencionadas senhoras, filhos de Eduardo Coelho) a sociedade comercial em nome colectivo, sob a firma *Coelhos, Cunha & C.<sup>a</sup>*, proprietária do *Diario de Noticias*, ficando a gerência e geral administração da empresa a cargo de Alfredo da Cunha, também director do jornal.

Havendo falecido em 7 de fevereiro de 1913 o sócio José Thomaz Coelho, nova escritura se celebrou em 5 de março dêsse mesmo ano, em virtude da qual ficou fazendo parte daquela sociedade José Eduardo Coelho da Cunha, filho de Alfredo da Cunha e de D. Maria Adelaide Coelho da Cunha, e neto portanto do fundador do *Diario de Noticias*, Eduardo Coelho.

Em conformidade com estas indicações devem ser rectificadas e aditadas as referências feitas por Pedro Wenceslau de Brito Aranha á empresa proprietária do *Diario de Noticias*, quer na sua monografia *Mouvement de la Presse Périodique en Portugal de 1894 à 1899* (Lisboa 1900) a pag. 22, quer no seu *Diccionario Bibliographico Portuguez* tomo XVII, pag. 263.

#### Nota D

#### Comemoração nacional do quarto centenário do descobrimento da India

Desejando associar-se a esta solene comemoração, a empresa do *Diario de Noticias*, entre outras formas por que valiosamente coadjuvou aquella patriótica iniciativa de que a Sociedade de Geografia de Lisboa foi a principal impulsora, abriu em 8 de julho de 1896 um concurso, com prémios, para a publicação de um romance histórico original de autor português, tendo por tema — *O descobrimento, pelos portugueses, do caminho marítimo para a India* — ou fôsem os episódios referentes á partida de Vasco da Gama para regiões desconhecidas, em 1497, e ao subsequente descobrimento daquele caminho marítimo.

Entre os vários trabalhos apresentados ao concurso, o romance *Amores de um marinho*, do sr. dr. Candido de Figueiredo, foi o melhor classificado, recebendo o primeiro prémio e sendo publicado no *Brinde* aos assinantes do *Diario de Noticias* do ano de 1898.

O segundo prémio coube ao romance — *A descoberta e conquista da India pelos portugueses* — do sr. Arthur Lobo d'Avila, inserto em folhetins do *Diario de Noticias*, do n.º 11:219 (10 de março de 1897) em diante.

Ainda outro romance, classificado em terceiro lugar, e original do sr. Lourenço Cayolla — *O despertar de um sonho* — foi publicado no *Brinde* aos assinantes do *Diario de Noticias* do ano de 1897.

A propósito deste concurso, que foi, a todos os respeitos e principalmente pelo alto valor dos trabalhos apresentados, uma iniciativa coroada do mais brilhante êxito, em seguida vão reproduzidas as comunicações trocadas entre a empresa do *Diario de Noticias* e a comissão executiva do centenário:

Da empresa do «Diario de Noticias» á Comissão executiva do centenário

Lisboa, 8 de julho de 1896.

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> sr. Conselheiro Francisco Joaquim Ferreira do Amaral, dignissimo presidente da comissão central executiva do centenário da India. — Tenho a honra de comunicar a V. Ex.<sup>a</sup>, em nome da empresa do *Diario de Noticias*, que foi por esta resolvido, como um dos meios por que pretende associar-se á consagração patriótica da data da partida de Vasco da Gama para o descobrimento da India, abrir concurso, nos termos das

condições juntas, para a publicação de um romance historico, de auctor portuguez, ao qual sirva de thema aquelle glorioso facto.

Por esta fórma, não só a mesma empreza intenta mostrar a boa vontade que a anima de acompanhar esse movimento de legitimo jubilo nacional, a que V. Ex.<sup>a</sup> e a commissão a que V. Ex.<sup>a</sup> preside se empenham em imprimir o mais vigoroso impulso, mas tambem julga, ao crear um estimulo, se bem que muito mesquinho, para os que em Portugal cultivam as letras, corresponder aos intuitos do programma dos festejos pela mesma illustre commissão formulado, e que tem, entre os seus numeros mais dignos de sympathia e applauso, os que tendem a promover a elaboração de trabalhos litterarios, scientificos e artisticos adequados á futura commemoração e affirmativos da vitalidade intellectual do nosso paiz.

Ao participar a V. Ex.<sup>a</sup> esta resolução, no cumprimento de um dever de justa consideração e deferencia, rogo se sirva transmittil-a á commissão a que V. Ex.<sup>a</sup> tão dignamente preside, ousando esperar ainda que V. Ex.<sup>a</sup>, para conhecimento dos escriptores a quem tal concurso interesse, se dignará, pelos meios ao seu alcance, dar-lhe toda a possivel publicidade.—De V. Ex.<sup>a</sup> venerador muito attento—*Alfredo da Cunha*.

#### Da Commissão executiva do centenário á empreza do «Diario de Noticias»

Sr. ... Tendo a honra de accusar o officio de V. de 8 do corrente, temos simultaneamente a satisfação de poder affirmar a V. que esta commissão, que vivamente se congratula com a nobre iniciativa d'essa Empreza, agradece a amabilidade da sua communicação, e terá particular gosto em cooperar para o melhor exito d'aquella iniciativa.

Iniciada pela Sociedade de Geographia de Lisboa, que considerou sempre a Imprensa portugueza como necessaria e generosa cooperadora e mestra na sua obra de patriotismo sincero e pratico, a celebração centenal que se organisa, ficou, naturalmente, desde o primeiro ensaio da idéa, sob o natural patrocínio d'essa Imprensa, na alta e honesta comprehensão dos seus deveres civicos.

Está na memoria de todos a principalissima cooperação prestada pelo *Diario de Noticias* á celebração centenal de 1880, e se alguma coisa pôde consoladoramente supprir a falta que sentimos de Eduardo Coelho, na nossa tarefa, é vermos que a benemerita instituição que lhe continúa o nome, a honra e lhe continúa, n'esta occasião, o patriótico exemplo.

Deus guarde a V.—Commissão central executiva do Centenario, 9 de julho de 1896.—... Sr. Alfredo da Cunha, secretario da Empreza do *Diario de Noticias*.—O presidente, *Francisco Joaquim Ferreira do Amaral*.—Os secretarios, *Luciano Cordeiro*—*Ernesto de Vasconcellos*.

Outra publicação notável traduziu ainda a entusiástica adesão do *Diario de Noticias* á comemoração chamada do *Centenario da India*: foi o grande número illustrado a côres, (edição de luxo levada a efeito de acôrdo com a empresa do jornal *O Commercio do Porto*), intitulada—*O Diario de Noticias no centenario da India*—que, no seu género, constituiu decerto a mais bela publicação artística comemorativa, exclusivamente portugüesa.

Para isso concorreu a colaboração de artistas como Casanova, que desenhou a capa, João Vaz, Conceição e Silva e Ernesto Condeixa, e de escriptores como Lourenço Cayolla, Luciano Cordeiro, D. João da Camara, H. Lopes de Mendonça e Rangel de Lima.

#### Nota E

##### Sousa Viterbo e o livro «Cem artigos de jornal»

A história d'este livro é a de um triste episódio da vida parlamentar e politica do nosso país, tam edificante na verdade, que, até como lição, não é descabido relembra-la.

Impondo-se a alguns espiritos mais esclarecidos a justiça de uma homenagem pública a Sousa Viterbo—o homem que á sua pátria tanto dera da riqueza inexaurível da sua sciência e do seu talento, e que tão pouco recebera dela como recompensa dos seus inestimáveis serviços e desinteressadas canseiras—os srs. Dr. Bernardino Machado e Abel Botelho apre-

sentaram ao Senado português o seguinte projecto de lei (n.º 28 B), larga e convincentemente fundamentado:

«Art. 1.º — É o governo autorizado a conceder o bronze necessário, e a mandar proceder á fundição no mesmo metal, dum busto do escritor Sousa Viterbo, que será colocado na sala das sessões da Associação dos Architectos e Archeologos Portugueses, no museu do Carmo.

«Art. 2.º — Os moldes para esta fundição serão feitos sobre um busto do aludido escritor, obtido pela mesma Associação dos Architectos e Archeologos, e precedendo consulta do Conselho de Arte e Archeologia da 1.ª circunscrição.

«Art. 3.º — Fica revogada a legislação em contrário».

Um parecer (n.º 68) da comissão de finanças do Senado, subscripto por pessoas cujos nomes não veem ao caso, recusou, porém, a aprovação do projecto, dando razões destas:

«Em todas as nações civilizadas, e em que exista a alta compreensão do espírito de solidariedade dos seus membros, o preito de subida consideração pela memória dos homens ilustres falecidos, deve receber a sua sanção, não do Estado, mas sim dos cidadãos em geral e especialmente dos que de perto puderam apreciar os altos dotes dos falecidos».

Proclamada do alto das cadeiras senatoriais esta curiosa doutrina, segundo a qual o Estado deve abster-se de concorrer para que aos homens notavelmente prestantes (e esta qualidade não a negava o parecer ao Dr. Sousa Viterbo, cujos altos méritos reconhecia e encarecia) seja rendido o preito que constitúi, ao mesmo tempo, homenagem á memória dos mortos, e exemplo, ensinamento e estímulo á actividade dos vivos, e acceita e aprovada tal doutrina pelos votos dos restantes e distraídos membros do Senado, receberam estes, por parte do seu illustre presidente, o doutíssimo escritor sr. Anselmo Braamcamp Freire, ausente quando aquella votação se fez, a seguinte significativa reprimenda:

#### Declaração de voto do sr. Anselmo Braamcamp Freire, presidente do Senado

Declaro que, se tivesse estado presente quando, no final da sessão passada, foi posto á votação o parecer n.º 68 te-lo hia rejeitado:

1.º Por não concordar com a doutrina de não competir tambem ao Estado sancionar e prestar a homenagem á memoria de cidadãos ilustres;

2.º Por considerar, neste caso, a recusa de uma despesa de 120 a 150 mil reis exagerada preocupação e não zelo pelos interesses do Erario Publico;

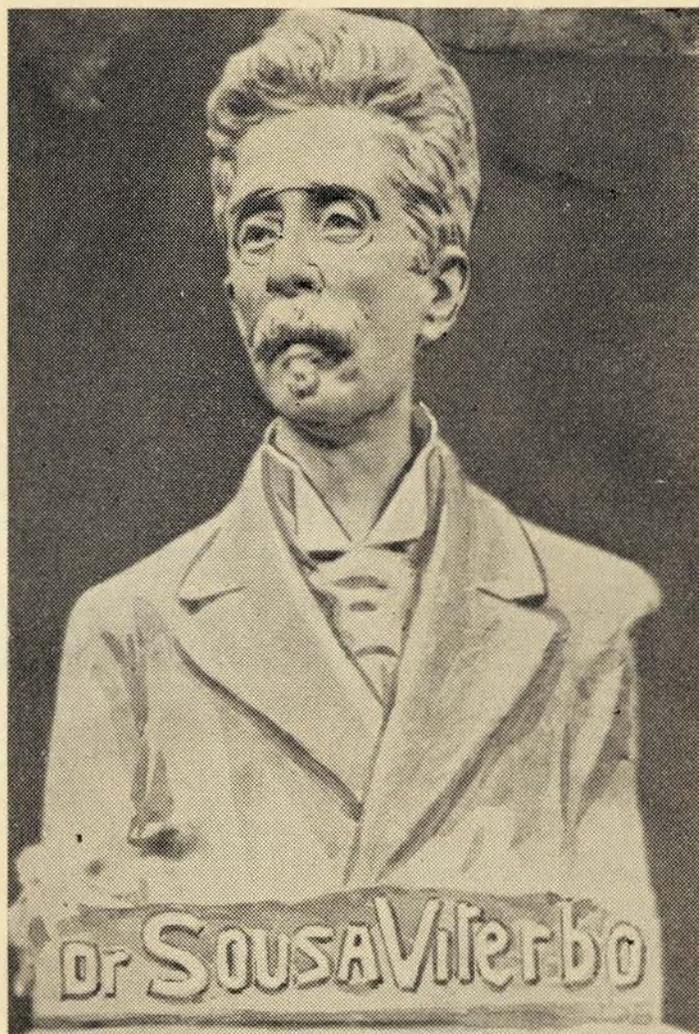
3.º Finalmente, e principalmente, porque a obra literaria e historica de Sousa Viterbo se impõe a todos pela sua vastidão, indiscutivel importancia e inflexivel seriedade, tais que no estrangeiro, onde é bem conhecida, serve como poucas, para honrar a sciencia e a literatura portuguesas. — A. Braamcamp Freire.

O *Diario de Noticias*, cumprindo o seu dever, tratou largamente do assunto, pela pena do autor d'este livro, e dois artigos então publicados, nos dias 10 e 15 de março de 1912, vêem reproduzidos na *Apostila* anexa ao livro CEM ARTIGOS DE JORNAL, *insertos no "Diario de Noticias" de Lisboa e pela empresa d'este jornal publicados em homenagem ao seu extinto colaborador*, com um *prefacio* de Alfredo da Cunha. (Lisboa, 1912).

E foi para sanar a injustiça do Senado português, que este livro se editou nas condições expressas na declaração constante do mesmo volume: «O produto da venda desta obra destina-se ás despesas com a fundição em bronze do busto do Dr. Sousa Viterbo, que o escultor sr. Francisco Santos modelou para a Associação dos Archeólogos Portugueses».

Efectivamente a subscrição para aquisição do livro, aberta no *Diario de Noticias*, em 7 de janeiro de 1913 foi de tal modo concorrida, apressando-se a inscrever-se como subscriptores quantos admiravam Sousa Viterbo, a começar pelo sr. Presidente da Republica e sem exclusão até — justo é dize-lo — do próprio relator da comissão de finanças do Senado, que aquêle jornal ficou habilitado a mandar fundir, não só um busto, mas dois, e não só os bustos, mas também os respectivos pedestais de mármore. E assim, em vez de ser apenas a Asso-

ciação dos Arqueólogos Portugueses a possuir aquela preciosa recordação de um dos seus consócios mais ilustres e prestimosos, semelhantemente a Escola de Belas Artes pode hoje ostentar, na sala da aula que Sousa Viterbo tão admiravelmente regeu, outra recordação igual de um dos seus mais abalisados e talentosos professores.



**BUSTO, EM BRONZE, DO DR. SOUSA VITERBO**

Modelação de Francisco Santos

Fundição dos irmãos Venâncios

Há males que veem por bens, diz o rifão popular. O Senado português, recusando a Sousa Viterbo a simples fundição de um modestíssimo busto, deu ensejo a que o *Diário de Notícias* conseguisse rapidamente que duas dessas belas e artísticas memórias ficassem enriquecendo as instituições de Lisboa mais queridas do preclaro investigador e mestre.

Nota F

Os precusores do «Diario de Noticias»

O Diario de Noticias apresentara-se como jornal de informações—sub-intitulando-se Noticiario Universal—; como jornal para anúncios; e como jornal popular de 10 réis.

Constituiria uma completa novidade sob qualquer destes três aspectos? É de justiça responder negativamente, e a prova está na existência dos jornais que se podem considerar seus precusores, mas a cuja direcção faltou a largueza de vistas, a coerência de processos, a sensatez de critério, a honestidade de procedimento ou a persistente fidelidade aos programas estatuidos,—todas essas eminentes qualidades que nunca desacompanharam os fundadores do Diario de Noticias.

Curioso é, entretanto, relembrar quais os periódicos que primeiro ou mais especialmente se subordinaram na imprensa portugueza a intuitos análogos aos do jornal de que Eduardo Coelho foi o iniciador.

Como periódico noticioso ou de informações, temos de remontar á primeira Gazeta de 1641, para achar o legítimo e mais antigo avô portuguez do Diario de Noticias. O seu título o indica bem expressivamente—Gazeta em que se relatam as novas todas que ouve nesta côrte e que vieram de varias partes no mês de novembro de 1641.

É o verdadeiro Noticiario Universal, tal qual o Diario de Noticias se sub-intitulava.

Como antigos jornais de anúncios, embora o primeiro anúncio ou aviso em jornal portuguez, de que eu tenha conhecimento, date de 31 de agosto de 1715 e fosse inserto na Gazeta de Lisboa, é certo que se devem apontar o Periodico dos Annuncios e o Jornal de Annuncios que começaram a publicar-se o primeiro em 19 de outubro de 1827 no Porto, e o segundo em 2 de março de 1835, em Lisboa, assim como O Gratis, que teve

1841.

Sexta feira 1 de Janeiro.

N.º 1.

Este Journal de todos os dias a excepto Domingos e dias festivos da Grande Az. Amegualhada em Lisboa... (Small text describing the publication details)



PREÇO DA ASSIGNATURA

Por 12 meses... (Subscription price details)

JORNAL DUTILIDADE

Table with 4 columns: CORREIOS, METEOROLOGIA, BASE DE GALA, and DIVERS. It contains various news items and weather reports.

Parte Official.

REPUBLICA DE PORTUGAL... (Official notice text regarding government matters)

Art. 1.º No dia 24 de Janeiro de 1841... (Official notice text regarding military or administrative matters)

Redução a 1/3



Também o mesmo *fac-simile*, juntamente com os de todas as páginas (reduzidas) do primeiro número da *Gazeta*, foram pelo autor d'êste livro apresentados ao Congresso da Imprensa que em setembro de 1898 se reuniu em Lisboa, numa brochura com o título — *La presse périodique en Portugal. Bref mémoire présenté au cinquième congrès international de la presse, à Lisbonne—Hommage du Diario de Noticias*— e vão igualmente neste volume reproduzidos junto á *Memoria* final.

Houve em Lisboa uma outra folha—O DEZ RÉIS—*Jornal de utilidade*—em cuja cabeça se via gravada uma moeda d'êste valor, e que começou a publicar-se em 1 de janeiro de 1841, durando até 25 de outubro, e sendo depois dessa data continuada pelo *Jornal de Utilidade Publica*, que durou até 31 de dezembro de 1846<sup>1</sup>.

O DEZ RÉIS—*Jornal de utilidade publica*—passou a ter desde 1 de abril de 1841 o cabeçalho que se vê na reprodução zincográfica de que fazemos acompanhar esta nota, como mostra de uma tentativa de jornal popular ilustrado com gravura referente ao que hoje se chamaria «um crime de sensação» — os assassinios praticados por Mattos Lobo.

O jornal diário, de caracter popular, primitivamente do preço de 10 réis, mais antigo e que mais aceitação e duração teve, foi o *Periodico dos pobres*, de Lisboa, cartista, que viveu desde 30 de setembro de 1826 até 15 de outubro de 1846.<sup>2</sup>

Era de 4 páginas, de formato aproximado ao primitivo do *Diario de Noticias*, e custando, a princípio, 10 réis, veio, em 1834, a elevar o preço a 20 réis.

Ácerca desta folha informa Silva Pereira no seu *Diccionario Jornalístico Portuguez* (manuscrito) a fl. 542:

«Foi o primeiro periodico quotidiano<sup>3</sup> que em Portugal se publicou a 10 reis. Não trazia annuncios».

<sup>1</sup> *Jornalismo Portuguez* por A. X. da Silva Pereira, pags. 46 e 47.

<sup>2</sup> *Ibidem*—pag. 22.

<sup>3</sup> A fol. 12 v. do *Diccionario* manuscrito de Silva Pereira, lê-se o seguinte:

«O 1.º periodico portuguez que começou a sahir diariamente foi—se os meus estudos me não enganam — o *Diario Lisbonense* fundado por Estevão Brocard, e cujo 1.º numero appareceu em 1 de maio de 1809.

«Seguidamente ao *Diario Lisbonense* tornou-se a *Gazeta de Lisboa* de trisemanal em quotidiana, que começou em 13 de junho a sua publicação diária, e, poucos meses depois, em setembro, o *Mensageiro*, o *Novo Diario de Lisboa*, o *Jornal de Lisboa* todos impressos na Impressão Regia, e na segunda cidade do reino o *Diario do Porto*.

«Todas estas folhas diarias tiveram existencia ephemera, á excepção da *Gazeta*, que foi ainda além vinte e tantos annos.»

É de notar que Silva Pereira, no volume publicado — *O jornalismo portuguez* — indica as datas de 5 a 10 de abril de 1809 como as da duração do *Diario do Porto*, «folha official do governo francez» (no livro *Os jornaes portuguezes* dá-o como findo em 6 de maio que portanto seria ainda anterior ao *Diario Lisbonense*, que êle aliás considera o «1.º periodico portuguez diario».

Também no mesmo volume — *O Jornalismo portuguez* — diz que o *Diario Lisbonense* durou de 1 de maio de 1809 a 31 de maio de 1813.

N. 1.

10 reis.

O PERIODICO

DUS

POBRES.

Forno novo da Patria, via actual  
Do preço de 10 réis.  
Com. 1.º, fol. 10

Sabado 30 de Setembro de 1835

Desde que em Lisboa, no memoravel Dia 11 de Julho do presentissimo, se jurou a Carta Constitucional, que o Juizo, o Governo, e o povo, e especialmente Grande SENHOR D. PEDRO IV, nosso Augustissimo Rey, por seus edictos de sua Alta Sobeidade, e Real Magestade se dignou dar, decretar, e mandar tirar e executar no Reino de Portugal, e Algarves, e Domínios Ultramarinos, comegou a sair dos impressores d'êste Capital bons tractados de Parthenon, que, graças a este mundo feliz, que hoje acredita todas as mentes, já chegou a vinte e tantos — Vinte e tantos Periodicos em Lisboa! He possível? — Sim, Senhores, he possível, e he bem facto. E o mais he, que todos seão uteis, e todos seão necessarios, em actuaes circumstancias, se todos se lreassam em fãta, e todos desenvolvessem, como hea compãia, o fim a que se deve propôr todo o Periodico — Promover a utilidade, e instrução publica — Ora sendo uteis a todos os bons Portuguezes o *Periodico*, que presentemente se divulga, e promover neste Reino, e como igualmente aqelles ignora qual he a utilidade de pessoas, que mais precisa ser instruida, e qual a mais propria instrução, que se lhes possa offerecer por seu meio, persuadidos das boas intenções de vossa Realidade, esperamos encontrar em todos estes Periodicos, presentes ou mais devendo ser para a reconstrução e unido de todos os Portuguezes, em recibendo a hora de executar omissas pãssões, e fazer applicação, e desfructuar applicação, como que se procura acudir a favor dos portuguezes, mostrando a actividade, e a regularidade, que se quer, e o medinho pro-

posito que se no fim se espera, e ternão de suppletar a estes o proprio paço, que necessariamente he de dar uma infama carreira; avigoreando aqelles que suas boas, mas vacillantes intenções, e finalmente indolencia a abraçarem estritamente como bons Portuguezes a todos os fillos de Portugal. Em segundo lugar, não esperavamos ver os factores lançarem mão da Carta Constitucional, e discorrendo por cada bote de seus artigos, se clara, e simplesmente expõem as infalíveis, e inalteraveis vantagens, que este sagrado Código deve trazer á Nação, desculpando de ac mesmo tempo com provas convincentes, e argumentos solidos, mas incommodados de mais factos comprehensivos essas via calumnias, e esse ridiculo subterfugio, essas perdas de aucto, com que forma porção de malvados alheios por seus sentimentos, e por seus crimes, tem pertendido accommetter, e desvirtuar o sagrado edificio das publicas liberdades. — Sim, Senhores, he negar, o mais serio que presentemente se pode fazer a Patria he tirar, e trazer a illuzão da vida do povo, da paz, e do respeito da Sociedade; desta gente pela sua parte honrada, e sua incerta, e facil a acreditar todas as mentiras, que a malignidade he que subtrahir. Porém, com bastante e logo o dia, e a desgraçadamente viciadas as honras esperanças, e as de muitas pessoas, que sendo como nós. Das actuaes Periodicos ha, e ha alguns d'esse partido traidor a Patria, e rebeldes ao seu Rey, se procurão espalhar indolentemente suas perversas opiniões, e noticias atrevidas por elles fabricadas, e tendentes aos seus fins, e não indolentemente se tem tratado o vehiculo das maligneções, e

(Redução a 1/3)



### As primeiras Gazetas

A propósito da primeira *Gazeta* portuguesa, teem-se discutido vários pontos incertos ou mal averiguados, como sejam qual o ano que deva fixar-se ao início do jornalismo em Portugal, ou antes, qual é a *relaçam* portuguesa que deva considerar-se a mais antiga avó dos periódicos actuais; e portanto, qual é, na ordem cronológica do aparecimento das *gazetas* europeias, o logar que compete á primeira publicação dêsse género que veio á luz no nosso país.

A ambos êstes pontos rapidamente aludí nas breves notas de que fiz acompanhar a reedição, no *Diario de Noticias* n.ºs 11:779 e 11:780 de 26 e 27 de setembro de 1898, da memória que há meio século Silva Tullio escrevera sob o título — *Introdução bibliologica* — com que abre o *Brinde aos senhores assignantes do Diario de Noticias* em 1865, notas que se justificam, porque, posteriormente ao aparecimento do trabalho de Silva Tullio, outras investigações se fizeram que esclarecem ou rectificam o que então se julgava assunto definitivamente apurado.

Simultaneamente, em artigo áparte, intitulado — *Quem foi o primeiro redactor da primeira Gazeta portugueza?* — publicado no mesmo número do *Diario de Noticias* de 26 de setembro de 1898, tratava eu ainda dêsse ponto que directamente se prende com os dois anteriormente enunciados, visto que da averiguação sôbre qual foi a primeira gazeta, dependerá o saber-se — se porventura o seu redactor poder ser descoberto — quem foi o primeiro periodista português.

Aludindo á inauguração que, na data em que publiquei aquelas notas, se realizou em Lisboa, do quinto *Congresso Internacional da Imprensa*, escrevia eu :

„Agora que um congresso internacional de jornalistas vae reunir-se em Lisboa, devendo dentro de breves horas inaugurar os seus trabalhos, na occasião em que para os assumptos referentes á imprensa periodica está sendo particularmente attrahida a attenção do publico, julgamos não ser descabido lembrar, em traços geraes e n'um simples esboço, como em Portugal nasceu, e, depois das naturaes hesitações d'uma iniciação difficil, se desenvolveu e cresceu essa potencia invencivel que se chama o jornalismo, e que hoje, em todos os povos civilisados, quasi se impõe como soberana aos governantes e dita leis á opinião.

„Não ha infelizmente ainda hoje publicada em Portugal uma historia do jornalismo, embora datasse pelo menos de 1865, a promessa do fallecido escriptor e academico Silva Tullio, de a dar opportunamente á luz da publicidade; como não ha tambem publicado um dictionario do jornalismo, apezar das diligencias para esse fim empregadas por um trabalhador tão modesto como infatigavel, que consagrou com entusiastica devoção todos os seus esforços a essa obra, por emquanto apenas manuscrita, o sr. Antonio Xavier da Silva Pereira.

„Não é que o assumpto não tenha tentado em diversas epochas muitos escriptores distinctos e investigadores eruditos. São conhecidos, por exemplo, os trabalhos, tanto sobre a imprensa em geral, como sobre a periodica em particular, dispersos em jornaes, do sr. Joaquim Martins de Carvalho, o venerando redactor do *Conimbricense*, e, para não sahir de casa, de dois dos mais antigos e estimados redactores d'esta folha, os srs. Brito Aranha e dr. Sousa Viterbo. Mas estes e outros estudiosos o que fizeram foi elaborar pequenas monographias ou trazer á publicidade documentos ineditos e esquecidos, não havendo nenhum d'elles ido mais além.

„Em 1863, nas suas *Cartas bibliographicas ácerca da origem e introdução das Gazetas em Portugal*, publicadas na *Gazeta de Portugal* e dirigidas a Teixeira de Vasconcellos, escrevia Innocencio Francisco da Silva as seguintes linhas, que ainda hoje não perderam a oportunidade. «O que não padece duvida é que a *Historia do Jornalismo em Portugal* nem appareceu nem já agora provavelmente apparecerá. Falhos n'estes, como em tantos outros ramos, não sei que em tal especie bibliographica, antes que eu me propuzesse investi-gal-a, tivessesmos mais que um artigo de penna muito respeitada». (Referia-se certamente ao artigo attribuido a Herculano, no *Panorama* do último de março de 1838).

„Effectivamente Innocencio fez, com a sua comprovada proficiencia, alguns estudos ácerca da imprensa periodica portugueza, tanto n'aquellas *Cartas* como no seu *Diccionario Bibliographico*. Mas ali mesmo elle confessa a impossibilidade de preencher as lacunas que encontrou e de resolver as muitas duvidas que se lhe apresentaram.

„Dois annos depois das *Cartas* de Innocencio, em dezembro de 1865, escreveu Silva Tullio, cuja competencia na materia era de todos conhecida, uma *Introdução bibliologica*

ao primeiro *Brinde aos senhores assignantes do Diário de Noticias*, a qual, por todos os motivos, é digna de ser agora mais do que simplesmente recordada — integralmente reproduzida.

„Esse trabalho, com que foi inaugurada a já hoje longa e valiosa serie dos *Brindes do Diário de Noticias*, escripto em linguagem desprezenciosa, mas elegante, serve completamente ao nosso intento, embora, quanto a alguns pontos, investigações posteriores viessem a demonstrar necessitar de correcção, principalmente no que respeita á imprensa estrangeira.

„Reproduzindo-o, portanto, e dando-lhe agora, no folhetim d'esta folha, uma publicidade incomparavelmente maior do que a que teve nos inícios do *Diário de Noticias*, quando este o publicou em *Brinde*, não vamos unicamente fazer resuscitar algumas brilhantes paginas, ás quaes, para quantos acompanharam de perto a vida d'este jornal, estão ligadas recordações gratíssimas; vamos tambem dar aos nossos leitores, em um estylo tão singelo como primoroso, o esboço, a largos traços, da evolução por que passara, até ha pouco mais de trinta annos, o jornalismo em Portugal.

„Quanto á epocha posterior ao estudo de Silva Tullio, buscaremos dar tambem d'ella uma ligeira idéa, reproduzindo seguidamente, em versão portugueza, a breve memoria que sob o titulo — *La presse périodique en Portugal* — será por quem escreve estas linhas apresentada ao actual congresso internacional da imprensa.”<sup>1</sup>

Ora, quanto ás primeiras *gazetas* que houve na Europa, e também portanto quanto á primeira gazeta portugueza, Silva Tullio, depois de historiar o aparecimento da célebre gazeta franceza do médico Renaudot, em 1631, escrevia, ha cincoenta anos, o seguinte, que vou reproduzir com as notas de rectificação ou esclarecimento que lhe aditei :

„Agora que terminámos a historia da gazeta de Renaudot, como jornal de *noticias*, cuja primaria instituição foi para dar publicidade ao que os francezes chamam *faits divers*, e nós d'antes *noticias diversas, locaes*, e hoje *noticiario*<sup>2</sup>; cumpre dizer que jornaes politicos, ou antes, de noticias politicas, já os havia fóra da França quando o doutor Renaudot creou o seu. Elle mesmo o declara no artigo de introduccão ao primeiro numero, dizendo : *La publication de gazettes est, à la vérité, nouvelle, mais en France seulement.*

„Quando a republica de Veneza, meiado o seculo XVI, andou em guerra accessa com a Turquia, costumava mandar pôr em certos logares as participações que recebia do exercito de operações, que interessavam a toda a christandade, e ahi as ia ler o publico mediante a paga de uma *gazeta*, moeda de cobre assim chamada, e que deu o nome ao jornal de Renaudot, e depois a quasi todos os que foram apparecendo em diversas linguas.

„Mas estas *notizie scritte*, como se chamavam, eram politicas; e o foram tambem quando saíram impressas.

„A Hollanda teve em 1605 uma publicação para noticias da guerra e do commercio, ao qual por esse tempo dava leis.”<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Esta *Memória* vai reproduzida no final dêste livro.

<sup>2</sup> Esta palavra *noticiario*, declara Silva Tullio, noutro logar do seu estudo, que teve de a inventar em 1851 «para titulo de uma das secções da *Semana*, porque o de *noticias diversas, Chronica, locaes* e outros que se usavam, não eram bem expressivos. O termo vingou porque foi geralmente adoptado pelos jornaes, e já passou para o dictionario da lingua, na ultima compilação feita pelo sr. D. José de Lacerda.» (Pag. xx).

<sup>3</sup> Ha aqui manifesta confusão com as publicações para as quais nesta data de 1605 Abraham Verhoeven obteve privilégio, em Anvers (na Belgica portanto, e não na Holanda, cujas primeiras gazetas datam de 1617, 1619 e 1622, em Amsterdam, Leyde e Haya).

A título de curiosidade, eis aqui, segundo as mais modernas investigações, a nota dos mais antigos jornais publicados na Europa :

O jornal propriamente dito, com uniformidade de titulo e numeração seguida, parece ter apparecido pela primeira vez, na Europa, em Anvers, em 1605.

Foi o *Nieuwe Tijdingen*, de Verhoeven, que saía sempre que havia acontecimentos graves a noticiar, uma ou duas vezes por semana, em pequeno formato de pouco mais de 12 centímetros de alto, com 8, 12 ou 16 páginas, e ás vezes com mais de um suplemento diário, e que nalguns fasciculos publicava gravuras alusivas ou alegóricas dos factos mais notáveis que narrava, mapas e até, em um numero, inseriu um trecho de música. O custo de cada fasciculo ou numero regulava pelo equivalente a 15 réis.

O jornal de Verhoeven tinha muitos informadores por toda a parte, e o numero de 26 de julho de 1619 prova que havia um redactor ou correspondente seu em Lisboa. Assim o nota A. de Chambure.

„Recentemente (escreve o mesmo autor, no seu livro *Atravers la presse*, pag. 5) um professor da universidade de Heidelberg descobriu uma pequena brochura de 12 páginas, com a data de 1609, e na qual o editor, Jehan Carolus, declara numa advertência que publica jornais ha muitos anos. Esta brochura-jornal apparecia em Strasburgo, com este titulo: *Ordinary Avis*».

«A Inglaterra só no anno de 1622 publicou a sua primeira gazeta semanal, politica, commercial e litteraria.<sup>1</sup>

«A Allemanha, berço da typographia, reclama a prioridade do jornalismo, e na bibliotheca da universidade de Leipzig se conserva o exemplar de uma *relação* volante que tem a data de 1494, e pretendem que ha similhantes papeis publicos de 1457 a 1460, mas periodicamente só desde 1590.

«A Hespanha não madrugou para o jornalismo, porque a gazeta de Madrid é posterior á de Lisboa.<sup>2</sup>

«Quanto a Portugal, ainda se não pode dissipar o nevoeiro que encobre as origens do primeiro jornal portuguez!

«Julgam os bibliographos que nascera no mez de novembro de 1641, por ser esta a data da primeira gazeta que até agora tem apparecido, e de que ha exemplares na bibliotheca nacional de Lisboa, na de Evora, etc.<sup>3</sup> Mas sobre este ponto ha suas duvidas.

«Combinam todos os auctores de historia litteraria, que os *papeis volantes, relações e noticias avulsas* foram *les origines du journal*. Ora entre nós houve d'estes impressos muito antes da *Gazeta* de 1641.

«Borges Carneiro no seu *Resumo Chronologico das Leis*, t. II, pag. 72, aponta uma carta regia, com a seguinte inscripção:—*C. R. para a censura das Gazetas*. Por nos parecer que este documento vinha por extracto incompleto, recorremos á Torre do Tombo, e ahi no livro da «Correspondencia do Desembargo do Paço», de 1627-1628, fol. 19, se acha lançado o seguinte:

«Por carta de Sua Magestade de 26 de janeiro 627.—De alguns annos a esta parte se tem introduzido n'essa cidade escrever e imprimir relações de novas geraes; e porque em algumas se fala com pouca certeza e menos consideração, do que resultam graves inconvenientes: ordenareis que se não possam imprimir sem as licenças ordinarias, e que antes de as dar se revejam e examinem com particular cuidado.—*Christovam Soares.*»

«Está conforme com o traslado que Borges Carneiro deu no citado *Resumo*, com a differença que não lhe poz a assignatura de Christovam Soares.

«A «relação de novas geraes» que d'aquelle tempo se conhece, é a do nosso classico Manuel Severim de Faria, publicada em 1626, com o titulo de *Relação universal do que succedeu em Portugal e mais provincias do occidente e oriente, de março 625 até todo o setembro de 626*. Publicada em Lisboa, e outra até agosto de 1827, impressa em Braga.

«Dizendo porém a citada carta regia que o uso de escrever e imprimir taes *relações*, se havia introduzido *de alguns annos a esta parte*, referindo-se ao anno de 1627 em que foi datada, é claro que não alludia só á de Severim de Faria, publicada em Lisboa no anno antecedente, porém a outras *alguns annos* mais antigas.

«E note-se que este documento não se pôde pôr em duvida como os decretos de 19 de agosto de 1642 e 2 de novembro de 1643, citados por João Pedro Ribeiro no seu *Indice*

Parece que em 1615 um livreiro de Francfort, Egenolph Emmel, teve idea semelhante á de Verhoeven e que, no ano seguinte, idêntico projecto ocorreu a Jacques de Birghden, administrador dos correios imperiaes naquela mesma cidade.

O *English Mercury*, julgado por muito tempo o primeiro jornal europeu, reconheceu-se ser uma mistificação. É fixada (embora nem todos concordem neste ponto) a data de 1626 á mais antiga gazeta hespanhola.

Em Paris appareceu a *Gazeta* de Renaudot em 1631; na Italia o *Mercurio* em 1635; em Portugal, a *Gazeta* em 1641; na Suecia em 1648; na Dinamarca em 1663, na Russia em 1703; na Hungria em 1721; na Noruega em 1763; na Turquia em 1795; na Grecia em 1811.

Acerca de *O periodismo na Europa* foram publicados três curiosos artigos no *Diario de Noticias* n.ºs 9711, 9714 e 9718 de 9, 12 e 16 de janeiro de 1893.

<sup>1</sup> Era uma simples tradução das *Gazetas* de Holanda, com a qual os investigadores ingleses por muito tempo andaram mistificados. Foi, porém, um deles, M. Watts, o próprio que veio a descobrir o erro em que incorriam os seus compatriotas.

<sup>2</sup> Não concordam com esta asserção, aliás perfilhada pela comissão portuguesa que redigiu o relatório apresentado em 1894 ao primeiro congresso internacional da imprensa em Anvers e pelo sr. Simões Dias (*Origens do jornalismo*, no jornal o *Tempo* de 11 de março de 1892), as investigações de outros jornalistas illustres. Assim, por exemplo, Eduardo Coelho, na *Noticia* acerca da primeira *Gazeta*, por elle apresentada ao congresso literário internacional de 1880, e Eugène Dubief, no seu interessante volume—*Le Journalisme*—fixam á primeira *Gazeta* hespanhola a data de 1626. Igual data se lhe assina no *Grand Dictionnaire Universel du XIX siècle*, vocabulo *Journal*.

<sup>3</sup> Vid. as excellentes *Cartas bibliographicas* do sr. Innocencio F. da Silva publicadas na *Gazeta de Portugal*, em outubro de 1863.

*Chron.* t. VI, pag. 7 e 10, pelos quaes el-rei D. João IV—«prohibe imprimirem-se *gazetas* geraes, com noticias do reino ou de fóra d'elle, em rasão da pouca verdade de muitas, e do estylo de todas»—por que estes não apparecem em nenhum registro, e d'aquell'outro temos o original na Torre do Tombo.

«Além d'isso, havendo já o alvará de 4 de dezembro de 1576, para que se não imprimissem livros sem licença d'el-rei, e sem primeiro serem vistos e approvados na mesa do desembargo do paço, disposição que passára para o liv. 5, tit. 102 das Ordenações do Reino promulgadas em 1603, infere-se que não estando as *relações* ou *noticias avulso* comprehendidas na lettra da Ordenação, porque não eram *livros*, como hoje o não são os *jornaes*, que teem legislação especial, foi necessario decretar que taes *relações* ficavam tambem sujeitas á censura, podendo-se esta considerar como a primeira lei que houve em Portugal contra os *abusos da imprensa*, que então começava a engatinhar e a balbuciar, e que mais cedo andaria pelo seu pé, se a carta regia filippina não viesse enguiçal-a, retendo-a nas encolhas da censura do desembargo do paço, por mais de doze annos, até se emancipar com a independencia do reino em 1640. D'aqui por deante, além da *Gazeta* mensal, a imprensa foi um dos mais poderosos auxiliares da gloriosa campanha da restauração, em que Portugal, por successivas e assignaladas victorias, obrigou a Hespanha, por um tratado de paz, depois de vinte e oito de guerra, a desistir das vãs pretensões á corôa conquistada por Affonso Henriques.

«Como a imprensa costuma ser a trombeta que derruba as Jericós do despotismo, é provavel que os *papeis volantes* que Philippe IV mandava passar pelas forcas caudinas do desembargo do paço, fossem os excitadores dos tumultos de 1623 em Lisboa, e de 1637 em Evora, contra o dominio castelhano, prenuncios temerosos da revolução de 1640.

«Como quer que seja, essas *relações* foram os avoengos da *Gazeta*, cujo primeiro numero data de novembro de 1641, com seis paginas de quarto<sup>1</sup>, e continuou até 1647<sup>2</sup>, com maior ou menor numero de paginas, segundo a affluencia de notícias, e vendendo-se regularmente por 10 réis, como o *Diario de Noticias*.<sup>3</sup>»

Innocencio Francisco da Silva, nas suas *Cartas bibliographicas*, depois de fixar o anno de 1641 como data da entrada das *Gazetas* em Portugal, acrescenta :

«Quando menos, é certo que ninguem accusa ter visto, nem se encontram commemorados ou citados em parte alguma *gazetas* ou *papeis periodicos*, publicados n'este reino em data mais antiga; pois não devem entrar n'essa classe algumas poucas *Relações avulsas*, e sem dependencia entre si, que uma ou outra vez se imprimiam com a narrativa de successos maritimos ou terrestres. Tão pouco deve caber essa denominação ás duas *Relações do que succedeu em Portugal e mais provincias do Occidente e Oriente*, etc., reportadas uma ao anno de 1626, outra ao de 1627, especies de *Annuarios*, como hoje diriamos, que o douto chantre Severim de Faria publicou, um em Lisboa, outro em Braga e Evora, aquelle de 32 paginas e este de 18 ditas, ambos no formato de 4.<sup>o</sup>»

A. X. da Silva Pereira, no seu *Diccionario Jornalístico Portuguez*, manuscrito e existente na Academia das Sciencias de Lisboa, desde o corrente anno de 1914, escreve a tal respeito, a fl. 35, vocabulo *Gazeta* :

«Não foram as *Gazetas da Restauração*, como geralmente se diz, as primeiras publicações periodicas que se fizeram em Portugal.

«É a Manuel Severino de Faria, que se deve a introdução no nosso paiz das *gazetas* que com o simples titulo de *Relações*, se publicaram desde março de 1625 a agosto de 1627, em folhetos mensaes ou bimensaes, mas em periodos irregulares de publicação.

«É portanto, a Manuel Severino de Faria, que cabe a honra de ser o 1.<sup>o</sup> que introduziu as publicações periodicas em Portugal e que tanto no nosso paiz como na Hespanha, deram nascença ás *gazetas* com o titulo de *relações universaes*».

Nesta conformidade, como já deixei notado, Silva Pereira, ao publicar em 1896 a sua resenha cronologica que intitulou—*O Jornalismo Portuguez*—começa a 1.<sup>a</sup> epoca, que denomina *Infancia do jornalismo portuguez* e á qual assina como limites os annos de 1625 a

<sup>1</sup> Ha engano. O primeiro número da *Gazeta*, além do frontispício, tem 8 paginas (e não 6) de texto e mais uma com a licença e taxa.

<sup>2</sup> Quanto á data fixada por Silva Tullio como termo da *Gazeta*, podem suscitar-se dúvidas, a que noutro logar aludo, em vista do que a tal respeito deixaram escrito o Padre D. Antonio Caetano de Sousa e Innocencio Francisco da Silva, dúvidas que A. X. da Silva Pereira não conseguiu esclarecer.

<sup>3</sup> Vendia-se a 4, 6, 8 e 10 réis, segundo a taxa.

1760, pela «*Relação Universal do que succedeu em Portugal e mais provincias do Occidente e Oriente*. (noticioso) Março 1625, Agosto 1627. Lisboa».

Recentemente, em sessão da Academia das Sciencias de Lisboa, de 25 de junho do ano corrente de 1914, o sr. dr. Leite de Vasconcellos, eruditissimo investigador a quem, sob muitos aspectos, a sciência em Portugal deve relevantes serviços, fez a seguinte comunicação, que trasladarei do *Diario de Noticias* do dia immediato, e que é de sumo interesse para esclarecimento do assunto tratado nesta nota:

«O sr. Leite de Vasconcellos diz que entre os manuscritos de Manuel Severino de Faria conservados na Biblioteca Nacional de Lisboa ha um codice de 378 folhas, que tem na marcação moderna da mesma biblioteca o n.º 241, e na antiga A-6-27, o qual é sobremodo importante para a Historia, pois consta de 31 *Relações* de factos succedidos em Portugal e nas provincias do Occidente desde 1610 a fevereiro de 1641. A 1.ª *Relação* é enviada ou dedicada a Diogo do Couto, ao tempo na India; a 2.ª e 3.ª são enviadas ou dedicadas ao padre Francisco Dias; as restantes não tem dedicatória, só a 21.ª diz: «tirada de huma carta para a India». Com quanto o autor se refira a todos os países da Europa e ao Norte de Africa, trata principalmente de Portugal; quem estava no governo, publicação de leis, morte e nomeação de prelados e abades, revoltas, contribuições, ida e vinda de armadas, livros apparecidos a lume, festas religiosas e profanas, relações de Portugal com Castela, prodigios, nascimento de monstros, visita de Philippe III a Portugal, sua morte, chegada da duqueza de Mantua, conspiração do 1.º de Dezembro de 1640, notícias ácerca das ilhas e das colonias, e tambem relato de vendavais, grandes frios, cheias de rios, etc.

«Estas *Relações* correspondem aos jornais modernos; apenas diferem em serem anuais.

«E' particularmente curiosa a narração de uma greve dos pescadores do Tejo, em 1637, e a da revolução de Evora, do mesmo ano, em que figura o celebre *Manuelinho*. A narração da restauração é muito desenvolvida e talvez que seja este o documento literario mais antigo em que ella apparece, pois data do proprio anno de 1640.

«O sr. Leite de Vasconcellos propõe que a Academia das Sciencias imprima esta obra, tanto mais que das duas *Relações* de Severim, relativas a 1625-1626 e 1626-1627, impressas em 1626 e 1628, os exemplares são rarissimos ou desconhecidos; estas *Relações* impressas seriam extraídas das que estão manuscritas. O codice da Biblioteca Nacional deve corresponder aos *Annaes de Portugal no tempo dos Philippes* que veem mencionados na *Biblioteca* de Barbosa como de Severim. De outra obra aí mencionada, *Noticias importantes dos annos 1606 e 1607 e 1608*, existem tambem uns manuscritos na Biblioteca Nacional (cod. n.º 7642, marcação moderna; Y-2-55, antiga), mas tem aspecto de apontamentos, ao passo que as *Relações* estão bem redigidas.»

#### Objecto e indole das primeiras gazetas

Quanto ao objecto e indole das gazetas portuguezas do seculo XVII, lê-se o seguinte num artigo publicado no *Panorama* (pag. 101 do 2.º vol., 1838) e attribuido a Alexandre Herculano:

«O objecto principal d'estas gazetas antigas era dar noticias da guerra com Castella; continham, além d'isso, as novidades occorridas nos paizes estrangeiros, as novas publicações litterarias de vulto, os obitos das pessoas notaveis, e variedades curiosas, tudo narrado com tal concisão e simplicidade, que seria de imitar pelos periodistas modernos. Quanto aos successos militares, vemos que já não é novo o costume dos periódicos, o exaggerar as perdas alheias e encobrir as proprias; data esta usança em Portugal do anno do Senhor de 1640 ou 1641.

«Desde este anno até 1644 uma alteração notavel se foi fazendo na redacção das gazetas: as noticias da guerra com Hespanha cessaram, ou porque as *Relações* soltas e especiaes de cada acontecimento as tornassem desnecessarias, ou porque o governo achasse por algum motivo particular que não era conveniente publicar tudo: o que é certo é que já por 1644 as gazetas continham quasi só noticias estrangeiras, e saíam de dois em dois meses».

Para se fazer idea de como as *Gazetas* se aproximavam em muito dos modernos jornais noticiosos quanto á natureza das informações, desde dezembro de 1641 até maio de 1642 reproduzirei algumas noticias, das que se chamariam hoje — *Necrologia*, *Diario mundano*, *Festas e diversões*, *Bibliografia*, *Despachos*, *Espectaculos*, etc.:

*Gazeta* de dezembro de 1641 (fl. 2 v.) — «Acabou-se de imprimir o livro intitulado *Summa Universæ Philosophiæ*, composto pelo Padre Balthazar Telles da Companhia de *Jesu*: obra muy desejada, e que incluye, com grande erudição, tudo o que ha na *Philosophia*.»

*Gazeta* de dezembro de 1641 (fl. 3 v.)—«Morreo o Padre Diogo de Hereda, aquelle raro Prégador da Companhia: causou geral sentimento a sua morte pello muito que perderão os pulpitos de Portugal.»

*Gazeta* de dezembro de 1641 (fl. 4 v.)—«O conde da Castanheira, o Còde de ValdeRey e Gôçalo Pires de Carvalho estão já em suas casas.»

*Gazeta* de janeiro de 1642 (fl. 3)—«Quasi todo este mes ventou, choveu, e nevou, e fez muito dano a tempestade. Cairam no bairro de S. Paulo hũas casas, donde morreram duas pessoas: arruinou-se o recolhimento de S. Christovão, e as orfãos se mudáram para a hũa casa junto á Igreja de S. Vicente. Creceo a agua da chuva de maneira, que na rua dos canos se afogou hum homem, e morto veio pello cano Real sahir ao Terreiro do Paço. Junto ao baluarte da carreira dos cavallos cahio um rayo.»

*Gazeta* de fevereiro de 1642 (fl. 3)—«Na Comarca de Miranda falou hum minino mudo, e disse: *Viva el-rey Dom Joam IV*. Isto se sabe de certo, e agora se está fazendo hũm instrumêto de testemunhas por ordem da Sé de Miranda.»

*Gazeta* de abril de 1642 (fl. 1 v.)—«O Domingo de Lazaro se celebrou nesta corte o acto de Fé. Junto ao quarto em que assiste a Raynha nossa Senhora se fabricou o theatro. Sahirão a padecer tres mulheres e tres homens, hum dos quaes hia a morrer vivo por pertinaz, e ás dez horas da noite se reduzio, depois de ter cãçado aos Religiosos que lhe assistião, e a muitas outras pessoas. Grãde parte deste dia estiverão el Rey nosso Senhor e a Raynha nossa Senhora numa das janellas do paço, que ficava sobre o theatro.»

*Gazeta* de maio de 1642 (fl. 1 v.)—«Fez el Rey nosso Senhor mercê a hũ bisneto do Bandarra de hũa capella com que se pôde sustentar sufficientemente »

Quanto ao primeiro periodista português, escrevia eu no artigo a que acima aludi, publicado em 26 de setembro de 1898, no *Diario de Noticias* :

#### Quem foi o primeiro redactor da primeira *Gazeta* portugueza ?

«Quem foi o primeiro redactor das *Gazetas*, ou, como se diria hoje, o primeiro jornalista que existiu em Portugal ?

«Houve quem attribuisse essa gloria, nada mais, nada menos do que ao proprio rei D. João IV, que, segundo a tradição recebida por D. Antonio Caetano de Sousa, na sua *Historia Genealogica da casa real*, teria escrito ou ditado aquelles papeis.

«Nada, porém, de seguro confirma tal hypothese, segundo a qual, á semelhança de Luiz XIII, no tempo da *Gazeta* de Renaudot, de Luiz XVIII e do czar Pedro o Grande, que fez parte, ao que se diz, da redacção do mais antigo jornal russo, publicado em Moscou no principio do seculo passado, o fundador da dinastia de Bragança teria sido o tronco ilustre da numerosissima familia jornalística que tão prolificamente se tem multiplicado entre nós.

«Innocencio Francisco da Silva não só rejeitou esta lenda, como justificou mesmo a sua opinião contraria a que o governo daquele tempo houvesse influido directamente na publicação das *gazetas*, ou de que estas tivessem caracter official.

«Outros, com Fr. Fortunato de S. Boaventura, julgam que o primeiro, ou um dos primeiros redactores da *Gazeta* foi o cronista-mór Fr. Francisco Brandão, pelo menos desde julho de 1645, não parecendo aceitavel a opinião achada em um manuscrito de Agostinho José da Costa de Macedo que attribuia ao P.<sup>e</sup> Antonio Vieira o imputar aquella honra a um jesuita, o padre Pedro Soares<sup>1</sup>.

«Innocencio, aludindo ao documento achado pelo visconde de Juromenha, que concede o privilegio da publicação das *Gazetas* a Manuel de Galhegos, pergunta : «Seria elle, pois, o que por este tempo as escrevia ?»

«Esse privilegio foi conferido por Alvará de 4 de novembro de 1641, e Juromenha, referindo-se a esse diploma e a Manuel de Galhegos, não diz que este fosse *redactor* da *Gazeta*, mas seu primeiro *proprietario*, e o que é factó é que o alvará de privilegio restringe este á facultade de êle, Galhegos, ou «a pessoa que para isso nomear» *imprimir e vender* as «*Gazetas das novas deste Reyno*». Não fala em as redigir ou escrever, pelo que me não parece que o alvará, só de per si, ofereça base segura para a deducção, feita embora muito cautelosamente, como é seu costume, pelo eruditissimo escritor sr. dr. Sousa Viterbo, em um breve estudo ácerca de *O primeiro jornal português*, publicado ha anos no *Jornal da Manhã*, do Porto.

<sup>1</sup> Innocencio, a pag. 130 do tomo III do seu *Diccionario Bibliographico*, rebate a opinião do collecter do *Catalogo* da Academia, Costa de Macedo, sustentando que o P.<sup>e</sup> Antonio Vieira, ao aludir, numa carta inserta a pag. 346 do tomo II da antiga edição das *Cartas, ás gazetas* do P.<sup>e</sup> Pedro Soares, queria referir-se a outras muito posteriores á primeira, e que em 1686, data da carta, seriam recentes.

«Ali, aquele ilustre jornalista e investigador, em vista de dois privilegios publicados pelo sr. dr. Venancio Deslandes nos seus *Documentos para a historia da typographia portugueza, nos seculos XVI e XVII* aventa a opinião de que a Manuel de Galhegos competiria publicar as noticias do reino e a João Franco Barreto, como conhecedor da lingua franceza, a tradução das *Relações e Gazetas* de França. E, porém, o sr. dr. Viterbo o proprio que não oculta o que ha de falível nestas conjecturas.

«Innocencio, sentindo-se tambem sem fio seguro neste complicado labirinto, e referindo-se á hipotese de haver sido Fr. Francisco Brandão redactor da *Gazeta*, diz que conviria ver a segunda parte da *Alcobaça Illustrada*, em manuscrito, o que lhe não foi possível fazer, declarando ignorar se ela existia entre os outros codices da livraria de Alcobaça, recolhidos na Biblioteca de Lisboa.

«Levado pelo empenho de apurar este ponto, quem escreve estas linhas procurou e teve ensejo de compulsar esse volumoso codice, que efectivamente existe naquella biblioteca, e a paginas 848 encontrou a nota de que «por decreto deste mesmo principe (D. João IV) escreveu (Fr. Francisco Brandão) as *Gazetas* que se imprimirão no tempo das guerras.»

«Fr. Manuel dos Santos, que escreveu esta lembrança, não deixou aos posteros fama de infalível; e Fr. Fortunato de S. Boaventura (*Memoria* inserta nas *Memorias da Academia*, T. X., parte 1.<sup>a</sup>, pag. 16) ao attribuir a Fr. Francisco Brandão a gloria de ter sido *portventura* — o primeiro que as escreveu (as gazetas) n'estes Reinos», vai, á cautela, declarando que esse serviço prestado por aquele cronista ao seu Rei e á sua Patria «descança meramente na *authoridade do chronista-mór Fr. Manuel dos Santos, que viu, e tratou grande numero de monges coetaneos de Fr. Francisco Brandão*». Acrescenta comtudo que «nehum motivo ha para regeitarmos ou considerarmos por fabuloso».

«Fr. Fortunato, comparando de mais a mais o estilo da 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> partes da *Monarchia Lusitana*, de Brandão, com o da *Gazeta* de julho de 1645, em que se trata da liberdade de consciencia para os católicos irlandeses, entende não ser temeridade assinar-lhes por autor aquele cronista.

«O que se apura, porém, de tudo isto, como se vê, é que, depois de ponderadas as opiniões dos investigadores e especialistas do assunto, ao leitor curioso cabe o direito de continuar a repetir a pergunta com que abre este artigo: quem foi o primeiro redactor da primeira gazeta portugueza, o primeira *diarista*, como se dizia dantes, ou o primeiro jornalista, como se diz agora?

«Por nossa parte, sentimos não ter para dar-lhes resposta digna de credito.»

#### Quando acabaram as primeiras gazetas?

Outro problema é êste que se encontra ainda sem esclarecimento satisfatório.

Innocencio, a pag. 138 e 139 do tomo III do seu *Diccionario Bibliographico*, diz que chegaram até 1647, ano em que findaram. Mas a pag. 420 do tomo IX, certifica a existência de duas *gazetas* de 1704,<sup>1</sup> ao contrário de Tullio que afirmara ninguém ter visto as do principio do seculo XVIII (cit. *Introdução*, pag. XI).

Com a primeira opinião de Innocencio, concorda a de A. X. da Silva Pereira, que a pag. 1 do *Jornalismo Portuguez* fixa a data de 1647 como termo da *Gazeta* de 1641, muito embora no seu *Diccionario* manuscrito se encontre esta nota, após a transcrição do trecho que abaixo também reproduzo da *Historia Genealogica da Casa Real*:

«Sendo assim, as chamadas gazetas da Restauração passaram ainda muito alem de 1648.»

Como se vê, outra data — a de 1648 — aparece apontada por Silva Pereira, cujos estudos, apesar dos seus inextinguíveis e dedicadíssimos esforços para acertar, nem sempre deixam de justificar reparos.

<sup>1</sup> «Innocencio Francisco da Silva, segundo declara no seu *Diccionario Bibliographico* (tomo 9.<sup>o</sup>, pag. 420) emendando elle proprio o que havia escripto anteriormente a tal respeito, e que era opinião geral, declara que viu na colecção do sr. Visconde de Sanches de Baena duas *Gazetas*, impressas em 1704, no formato de 4.<sup>o</sup>

«O que todavia parece certo é que a publicação das *Gazetas* não era regular antes de 1715. Isto se infere dos termos em que foi concedida por el-rei D. José, a Monterroyo Mascarenhas, licença para continuar tal publicação, em 3 de junho de 1752.

«Nesse despacho dava-se-lhe aquella licença atendendo á representação que ele dirigira ao monarca «de haver introduzido no ano de 1715 o uso da *Gazeta* regular n'este reyno, *suprindo a falta* de que o notavam Nações Estrangeiras.»

(Nota á *Introdução bibliológica* de Silva Tullio, no *Diario de Noticias* de 27 de setembro de 1898).

Esta discordância com o que escreveu no livro publicado o *Jornalismo Portuguez*, vem de considerar como última gazeta publicada a que cita a fl. 36 v. do *Diccionario Jornalístico*, com o titulo—*Relaçom da famoza vitoria que alcançou em 20 de agosto deste anno de 1648 O Serenissimo Principe de Condé General do Exercito d'elRey Christianissimo em Flandres contra o Archiduque Leopoldo Irmão o Imperador generalissimo das armas delRey Catholico, nos Paizes Baixos, etc.*

Mas nem com a primeira nem com a segunda data apontadas pelo autôr do *Diccionario Bibliographico*, nem com a terceira indicada por Silva Pereira está de harmonia o sábio académico Padre D. Antonio Caetano de Sousa que, tratando de D. João IV, escreve na sua *Historia Geneologica da Casa Real Portugueza*, (t. vii, pag. 240).

«Não foy menor a poitica da idéa de prevenir os animos dos seus Vassallos para os ter contentes, e satisfeitos, com os bons successos das suas armas; e assim elle mesmo compunha as Relações que naquelle tempo se imprimirão, e ditando-as, as escrevia Antonio Cayde seu criado, que occupou grandes lugares, e de quem fez grande confiança, para que assim espalhándose pelo Reyno, e Conquistas, chegasse á noticia de todos os seus Vassallos a gloriosa defensão, com que as suas Tropas triunfavão dos seus inimigos, e são as que se vem impressas, e comprehendem desde o anno de 1641 até o de 1653».

Este douto investigador, que escreveu antes de se completar um século sobre o aparecimento da primeira gazeta, fixava, como se vê, o termo destas gazetas no ano de 1653.

Ainda até hoje não vi que a êste facto fôsse dado por qualquer dos autores que tem tratado do assunto, a importância que julgo ter para os investigadores meticolosos.

## Nota G

Em nota, a pag. 93 da primeira edição deste livro, lia-se o seguinte

«O *Gratis* foi um dos primeiros, senão o primeiro jornal exclusivamente de anúncios publicado em Portugal. Data de 9 de novembro de 1836.

N.º 1.                      Quarta Feiz. 9 de Novembro.                      1836.  
-----  
**O GRATIS,**  
**JORNAL D'ANNUNCIOS**

Este Jornal apparece todos os dias á Manhã e Noite—1000 exemplares de cada numero distribuidos em Lisboa em 1000 partes para publicos, Redactores, e Casa do Commercio. Custos, e impressão d'este jornal, de 1000 exemplares de 1836 em 1837 custaram 1000000 réis. — O preço de cada numero he de 10 réis — Os Annuncios e correspondencias com a casa de Officio de Lisboa ao Porto 1000

**H**e simplesmente para não faltar á nossa palavra que hoje publicamos o 1.º numero do GRATIS. Os ultimos acontecimentos politicos nos impediram de occupar-nos d'elle particularmente, e não causa de que este 1.º numero apenas tenha 2 paginas em lugar de 4 que o jornal terá d'aqui em diante. Muitos annuncios se achão em nosso poder cuja publicação fica reservada para subado proximo

**PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.**  
N.º 1. Salto á luz a 1.º numero do novo Jornal — A Taboa da Verdade.  
N.º 2. Salto á luz a 1.º, 2.º e 3.º Carta de Manoel Piquinho ao seu Compadre Artillerio.  
Achão-se a venda nas lojas do commercio.  
1. Malheite á Europa sobre a revolução de 9 de Setembro. Tudo o elle que he inferior a seis soldos scripto deite.

do illustre Author da Europa sem ser, do outro Manjeiro aos Ministros da Coroa e á Nação, e outras Proclamações de hum verdadeiro Amigo do Povo? Vendem-se nas lojas do commercio.

### VENDEAS DE PROPRIEDADES

4. Venda por Actoçes  
No dia 16 de Dezembro, improntivamente, com autorisação de S. M. o IMPERADOR D'AUSTRIA e perante as competentes Authoridades.

1.º Da grande Fabrica de ZN AISM, em Mitrava, podendo vender por anno 9 contos de réis; e a leguimãe avaliada em 120 contos 750000 réis.

2.º D'um magnifico Palacio em Vienna d'Austria.

3.º D'outro bellissimo Palacio — Estes 2 palacios podem vender cada anno 10 contos de réis, e a fundo leguimãe avaliados em 200 contos de réis.  
Esta venda contém ao todo 14747 prêmios, sendo os principaes, depois dos indicados, de 12 contos de réis, e outros, 3 miltois, 2 contos e 500 000 réis; 1 conto e 400 000 réis; 1 conto e 200 000 réis, 500 000 réis, 750 000 réis, 800 000 réis, 100 000 réis, 120 000 réis, etc. O numero total de bilhetes he inferior d'uma 5.ª parte ao numero de bilhetes da venda precedente.

Primeira página do primeiro número do *Gratis*  
Redução a  $\frac{1}{2}$

maneira 1:347 anúncios \*a Sociedade editora do *Gratis*, reconhecendo que *não cabia nas for-*

«Houvera no Porto o *Periodico dos annuncios*, em cujo 1.º numero de 19 de outubro de 1827, se lia o seguinte: «Quem pretender publicar uma noticia qualquer não tem mais do que escrevella e entregalla ao redactor, que immediatamente lha faz publicar, sem que nisso faça despeza alguma». Mas esta folha, que custava 20 réis, dava também artigo de fundo, que a censura mutilava sem piedade, e uma ou outra noticia, que não era propriamente anúncio. Durou apenas até 10 de dezembro de 1827.

«O *Gratis* distribuia-se gratuitamente nos logares mais públicos, e afixava-se nas esquinas, custando 40 réis a linha do anúncio.

«Em suplemento ao seu n.º 8, os proprietários do *Gratis* queixavam-se de que alguém lhes usurpara a idéa que presidira á criação da folha, e que era uma inovação no país. «Nem o proprio plano e ordenação d'ella (os anúncios eram ordenados por classes: *Publicações litterarias, Theatros, Vendas, Leilões, Industria, Offerecimentos, Peditorios*, etc.) nos quiz deixar intactos, como bem verá quem confrontar o nosso *Gratis* com o *Corretor de Lisboa, gratis*, que este é o nome que á sua obra deu o contrafactor da nossa.»

«Em desforra, o *Gratis* tornou-se durante alguns dias, *jornal gratuito de annuncios gratuitos*.<sup>1</sup> Breve, porém, havendo recebido numa se-

<sup>1</sup> Esta veleidade apenas durou o tempo necessário para a publicação dos números 9 e 10; visto que no número 11 já avisava de que o preço dos anúncios seria o que o *Corretor de Lisboa* estabelecesse.



ses vantagens e comodidades que consistiam na «facilidade de fazer-se divulgar huma noticia qualquer com a maior brevidade possivel, e a de se estar ao facto de todos os negocios internos de huma cidade, e que de mais perto nos dizem respeito, por serem os mais delles relativos a arranjos domesticos ou familiares.»

Por pouco tempo, contudo, prestou os seus serviços, pois apenas durou até 10 de dezembro seguinte<sup>1</sup>.

Dos jornais desta espécie, o que teve menos efêmera existência, conseguindo viver desde 9 de novembro de 1836 até 1857<sup>2</sup>, foi o GRATIS, ácerca do qual Silva Pereira, no seu *Diccionario* manuscrito, escreve:

«Pelo que diz respeito aos annuncios, é sem duvida o *Gratis* o periodico mais completo nesse genero que até o nascimento do nosso *Diario de Noticias* existe no paiz.»

«Foi emprehendido (informa o mesmo investigador) por uma sociedade editora da qual foi representante Manuel Antonio Ferreira Portugal». A este individuo se alude na carta do Visconde de S. Marçal, a pag. 78 do presente livro.

O *Gratis*, no seu principio, aparecia todas as quartas feiras e sábados, sendo 2.000 exemplares distribuidos gratuitamente em Lisboa nos logares mais públicos, botequins, casas de comércio, ónibus, livreiros, etc., e 40 exemplares afixados nas esquinas principais.

Em janeiro de 1841 o *Gratis* tornou-se diário.

Cumpra notar que muitos dos anúncios do *Gratis* eram acompanhados de vinhetas ou ilustrações de grosseiro e rudimentar desenho, mas que denunciavam a presciência do alto valor que elas viriam a ter em todas as secções do moderno jornalismo.

A pag. 51 deste livro reproduz-se, reduzido proximoamente a metade das dimensões, um exemplar do *Gratis*, de 1 de dezembro de 1848, que exemplifica o que deixo dito, e mostra até que ponto chegava a extravagância das ilustrações, pois o anúncio de um cosinheiro, por exemplo, é illustrado com a figura de um sujeito de chapéu alto e sobrecasaca!

A título de curiosidade, em seguida transcrevo o primeiro anúncio ou *aviso* que, segundo creio, appareceu em jornal português. É este que se encontra na *Gazeta de Lisboa* de 31 de agosto de 1715:

24	Coronica da Cavallaria para Trax dos Mouros.	Manuel R. Seixo Malalys.
	Filippo de Saõ de Carvalho.	Geijzer Wilton.
	Síndical da Casa de S. Joaze.	José Fernando Nóbis.
	Coronica para a Inlustração da dita.	José de Oliveira e Taffica.
	Companha Typographica de Alipha.	Pantabai Typographica Lusi.
	Luiz Fialha Monteiro.	Imal del Santos.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	José Gomes de Sousa Barthele.
	José Luiz Toratti.	Francisco Xavier Pereira.
	Typographica de Alipha.	Diario Typographica Chaves.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Rosa Pereira de Castro.
	Typographica de Alipha.	Manoel Homen Fialha.
	Manoel Pedro de Andrade.	Manoel Inacio Diniz.
	Companha de Inlustração para a Cavallaria.	Paulo Mendes.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Thomaz Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Diogo da Mata Chaves.
	José Luiz Toratti.	Dominguinhos Barboza de C. B.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Sergio Gomes de Souza.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Dominguinhos de Amaral Fialha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Alfonso Fialha de Saõ de Sousa Marcon.
	José Luiz Toratti.	Manoel R. Seixo de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Francisco de Alipha.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Companha de Inlustração para o Mithel.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Solizual Fialha.
	José Luiz Toratti.	José da Costa Freyre.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Paulo Mendes.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Pantabai de Oliveira.
	José Luiz Toratti.	Francisco Typographica de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Thomaz de Saõ de C.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel Seixo de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Thomaz Freyre de Bulhões.
	José Luiz Toratti.	Manoel de Alipha de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Solizual Fialha de Saõ de Sousa Marcon.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	José da Costa Freyre.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Paulo Mendes.
	José Luiz Toratti.	Manoel Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Pantabai de Oliveira.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Francisco Typographica de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Thomaz de Saõ de C.
	José Luiz Toratti.	Manoel Seixo de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Thomaz Freyre de Bulhões.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel de Alipha de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Solizual Fialha de Saõ de Sousa Marcon.
	José Luiz Toratti.	José da Costa Freyre.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Paulo Mendes.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Pantabai de Oliveira.
	José Luiz Toratti.	Francisco Typographica de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Thomaz de Saõ de C.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel Seixo de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Thomaz Freyre de Bulhões.
	José Luiz Toratti.	Manoel de Alipha de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Solizual Fialha de Saõ de Sousa Marcon.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	José da Costa Freyre.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Paulo Mendes.
	José Luiz Toratti.	Manoel Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Pantabai de Oliveira.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Francisco Typographica de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Thomaz de Saõ de C.
	José Luiz Toratti.	Manoel Seixo de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Thomaz Freyre de Bulhões.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel de Alipha de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Solizual Fialha de Saõ de Sousa Marcon.
	José Luiz Toratti.	José da Costa Freyre.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Paulo Mendes.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Pantabai de Oliveira.
	José Luiz Toratti.	Francisco Typographica de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Thomaz de Saõ de C.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel Seixo de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Thomaz Freyre de Bulhões.
	José Luiz Toratti.	Manoel de Alipha de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Solizual Fialha de Saõ de Sousa Marcon.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	José da Costa Freyre.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Paulo Mendes.
	José Luiz Toratti.	Manoel Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Pantabai de Oliveira.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Francisco Typographica de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Thomaz de Saõ de C.
	José Luiz Toratti.	Manoel Seixo de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Thomaz Freyre de Bulhões.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel de Alipha de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Solizual Fialha de Saõ de Sousa Marcon.
	José Luiz Toratti.	José da Costa Freyre.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Paulo Mendes.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Pantabai de Oliveira.
	José Luiz Toratti.	Francisco Typographica de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Thomaz de Saõ de C.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel Seixo de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Thomaz Freyre de Bulhões.
	José Luiz Toratti.	Manoel de Alipha de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Solizual Fialha de Saõ de Sousa Marcon.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	José da Costa Freyre.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Paulo Mendes.
	José Luiz Toratti.	Manoel Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Pantabai de Oliveira.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Francisco Typographica de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Thomaz de Saõ de C.
	José Luiz Toratti.	Manoel Seixo de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Thomaz Freyre de Bulhões.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel de Alipha de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Solizual Fialha de Saõ de Sousa Marcon.
	José Luiz Toratti.	José da Costa Freyre.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Paulo Mendes.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Pantabai de Oliveira.
	José Luiz Toratti.	Francisco Typographica de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Thomaz de Saõ de C.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel Seixo de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Thomaz Freyre de Bulhões.
	José Luiz Toratti.	Manoel de Alipha de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Solizual Fialha de Saõ de Sousa Marcon.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	José da Costa Freyre.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Paulo Mendes.
	José Luiz Toratti.	Manoel Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Pantabai de Oliveira.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Francisco Typographica de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Thomaz de Saõ de C.
	José Luiz Toratti.	Manoel Seixo de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Thomaz Freyre de Bulhões.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel de Alipha de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Solizual Fialha de Saõ de Sousa Marcon.
	José Luiz Toratti.	José da Costa Freyre.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Paulo Mendes.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Pantabai de Oliveira.
	José Luiz Toratti.	Francisco Typographica de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Thomaz de Saõ de C.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel Seixo de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Thomaz Freyre de Bulhões.
	José Luiz Toratti.	Manoel de Alipha de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Solizual Fialha de Saõ de Sousa Marcon.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	José da Costa Freyre.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Paulo Mendes.
	José Luiz Toratti.	Manoel Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Pantabai de Oliveira.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Francisco Typographica de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Thomaz de Saõ de C.
	José Luiz Toratti.	Manoel Seixo de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Thomaz Freyre de Bulhões.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel de Alipha de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Solizual Fialha de Saõ de Sousa Marcon.
	José Luiz Toratti.	José da Costa Freyre.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Paulo Mendes.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Pantabai de Oliveira.
	José Luiz Toratti.	Francisco Typographica de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Thomaz de Saõ de C.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel Seixo de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Thomaz Freyre de Bulhões.
	José Luiz Toratti.	Manoel de Alipha de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Solizual Fialha de Saõ de Sousa Marcon.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	José da Costa Freyre.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Paulo Mendes.
	José Luiz Toratti.	Manoel Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Pantabai de Oliveira.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Francisco Typographica de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Thomaz de Saõ de C.
	José Luiz Toratti.	Manoel Seixo de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Thomaz Freyre de Bulhões.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel de Alipha de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Solizual Fialha de Saõ de Sousa Marcon.
	José Luiz Toratti.	José da Costa Freyre.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Paulo Mendes.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Pantabai de Oliveira.
	José Luiz Toratti.	Francisco Typographica de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Thomaz de Saõ de C.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel Seixo de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Thomaz Freyre de Bulhões.
	José Luiz Toratti.	Manoel de Alipha de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Solizual Fialha de Saõ de Sousa Marcon.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	José da Costa Freyre.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Paulo Mendes.
	José Luiz Toratti.	Manoel Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Pantabai de Oliveira.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Francisco Typographica de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Thomaz de Saõ de C.
	José Luiz Toratti.	Manoel Seixo de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Thomaz Freyre de Bulhões.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel de Alipha de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Solizual Fialha de Saõ de Sousa Marcon.
	José Luiz Toratti.	José da Costa Freyre.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Paulo Mendes.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Pantabai de Oliveira.
	José Luiz Toratti.	Francisco Typographica de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Thomaz de Saõ de C.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel Seixo de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Thomaz Freyre de Bulhões.
	José Luiz Toratti.	Manoel de Alipha de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Solizual Fialha de Saõ de Sousa Marcon.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	José da Costa Freyre.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Paulo Mendes.
	José Luiz Toratti.	Manoel Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Pantabai de Oliveira.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Francisco Typographica de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Thomaz de Saõ de C.
	José Luiz Toratti.	Manoel Seixo de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Thomaz Freyre de Bulhões.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel de Alipha de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Solizual Fialha de Saõ de Sousa Marcon.
	José Luiz Toratti.	José da Costa Freyre.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Paulo Mendes.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Pantabai de Oliveira.
	José Luiz Toratti.	Francisco Typographica de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Thomaz de Saõ de C.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel Seixo de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Thomaz Freyre de Bulhões.
	José Luiz Toratti.	Manoel de Alipha de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Solizual Fialha de Saõ de Sousa Marcon.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	José da Costa Freyre.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Paulo Mendes.
	José Luiz Toratti.	Manoel Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Pantabai de Oliveira.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Francisco Typographica de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Thomaz de Saõ de C.
	José Luiz Toratti.	Manoel Seixo de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Thomaz Freyre de Bulhões.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel de Alipha de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Solizual Fialha de Saõ de Sousa Marcon.
	José Luiz Toratti.	José da Costa Freyre.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Paulo Mendes.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Pantabai de Oliveira.
	José Luiz Toratti.	Francisco Typographica de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Thomaz de Saõ de C.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel Seixo de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Thomaz Freyre de Bulhões.
	José Luiz Toratti.	Manoel de Alipha de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Solizual Fialha de Saõ de Sousa Marcon.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	José da Costa Freyre.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Paulo Mendes.
	José Luiz Toratti.	Manoel Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Pantabai de Oliveira.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Francisco Typographica de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Thomaz de Saõ de C.
	José Luiz Toratti.	Manoel Seixo de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Thomaz Freyre de Bulhões.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel de Alipha de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Solizual Fialha de Saõ de Sousa Marcon.
	José Luiz Toratti.	José da Costa Freyre.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Paulo Mendes.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Pantabai de Oliveira.
	José Luiz Toratti.	Francisco Typographica de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Thomaz de Saõ de C.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel Seixo de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Thomaz Freyre de Bulhões.
	José Luiz Toratti.	Manoel de Alipha de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Solizual Fialha de Saõ de Sousa Marcon.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	José da Costa Freyre.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Paulo Mendes.
	José Luiz Toratti.	Manoel Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Pantabai de Oliveira.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Francisco Typographica de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Thomaz de Saõ de C.
	José Luiz Toratti.	Manoel Seixo de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Thomaz Freyre de Bulhões.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel de Alipha de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Solizual Fialha de Saõ de Sousa Marcon.
	José Luiz Toratti.	José da Costa Freyre.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Paulo Mendes.
	Diario Inlustração da Casa de Pereira.	Manoel Freyre de Bulhões.
	Companha de Inlustração para o Mithel.	Pantabai de Oliveira.
	José Luiz Toratti.	Francisco Typographica de Alipha.
	Companha de Inlustração para o Alipha.	Thomaz de Saõ de

## Nota II

### O Mysterio da Estrada de Cintra

Artigo inserto na REVISTA MODERNA (*Magaçine quinçenal illustrado* que se publicava em Paris) de 20 de novembro de 1897, numero 10, dedicado a Eça de Queiroz)

Quando, em fins de Julho de 1870, o *Diario de Noticias* começou a publicar, em folhetins, o *Mysterio da estrada de Cintra*, ainda aquele jornal não completara meia dúzia de anos de existência, e quem escreve estas linhas pouco mais contava do que outros tantos



Ramalho Ortigão

Eça de Queiroz

Os dois autores do romance *Mysterio na Estrada de Cintra* na época proximamente em que o escreveram

anos de idade. Compreende-se portanto que eu não possa, a não ser pelo que na tradição ficou a tal respeito, evocar com fidelidade essa época e descrever agora, vinte e sete anos depois, a impressão que no público de Lisboa causou essa narrativa, que a reportagem hodierna com razão chamaria *sensacional*, de Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão.

Eduardo Coelho foi, com Eça e Ramalho, cúmplice na mistificação que assombrou, durante dois longos meses, os leitores menos precavidos do jornal da antiga rua dos Calafates. A carta que se segue é um documento inédito, mas esmagador como prova daquela consciente e voluntária cumplicidade com os joviais autores do *Mysterio*.

Em Agosto de 1870 escrevia-lhe, de Leiria, Eça de Queiroz, então com a curiosidade aguçada pelas informações que da guerra franco-prussiana o *Diario de Noticias* dava desenvolvidamente :

Meu caro Eduardo Coelho.

Escrevo-lhe do meu exilio administrativo. Aborreço-me como Ovidio desterrado e como Francisco I prisioneiro. Penso na guerra : eis a minha occupação. Todas as manhãs applaudo as derrotas do 2.º imperio ; todas as tardes lamento as humilhações da França.

Ahi está, meu caro Eduardo, porque lhe escrevo a pedir-lhe que seja longo nos seus *compte-rendus* militares, que eu devoro cheio de gula, e que me mande o mappa da guerra que ahi ha pouco publicou.

É o nosso *Mysterio* ? *Mysterio* ! . . .

É o caso de çantar como nas operas comicas de Scribe :

*Quel est donc ce mystère?*

Mil saudades. Mande o mappa !

*Et nunc et semper*

EÇA DE QUEIROZ.

„*O nosso mysterio*“ escrevia Eça. Não resta dúvida por conseguinte de que os conspiradores que pactuaram contra a boa fé dos habitantes da capital, eram três. . . como os da *Gran Duqueza* !

Ninguém melhor do que Eduardo Coelho poderia descrever, com flagrante realidade, a impressão causada nos seus leitores por êsse romance cheio de peripécias trágicas, e contar como se lhe haveria tornado, a princípio, mais difícil convence-los da falsidade da narrativa do que leva-los a acreditar em tudo como nas letras dum evangelho. Tão maravilhosamente verosímil se afigurava ela pelo engenho da sua urdidura, tanta confiança inspiravam a compostura e seriedade com que o jornal lhe concedera a sua publicidade já então larguíssima !

Na véspera de começar a publicação, o *Diario de Noticias* anunciava-a por esta forma estupefaciente :

«A hora já adiantada recebemos hontem um escripto singular. É uma carta, não assignada, enviada pelo correio á redacção, com o principio d'uma narração estupenda, que dá ares de um crime horrivel, envolto nas sombras do mysterio, e cercado de circumstancias verdadeiramente extraordinarias, e que parece terem sido feitas para aguçar a curiosidade e confundir o espirito em milhares de vagas e contradictorias conjecturas. Trata-se da sequestração nocturna de um medico e de um amigo seu para assistirem a um acto gravissimo, e de mais factos subsequentes. O interesse que esta narração desperta, a fórma litteraria que a reveste, e o crime que parece revelar nos obrigam a não buscar resumil-a e a dal-a na integra aos nossos leitores. Não podemos, porém, inseril-a sem eliminar o folhetim, e substituil-o por esse escripto, o que faremos em a nossa folha de domingo.»

Efectivamente, no domingo, 24 de Julho de 1870, dia, até ha poucos anos, espaventosamente solene em Lisboa, dia de parada de tropas e de exhibção de *toilettes* de gala, o primeiro folhetim do *Mysterio* sobressaltou as famílias, e na capital não se falou de outra cousa. Para ajudar a mistificação, o *Diario de Noticias* inseria, ao mesmo tempo, a seguinte estimulante local :

«Publicamos hoje a carta que annunciámos na folha de hontem. A pessoa que nos dirige esta narrativa interessantissima promete proseguir. Não recebemos até agora a segunda carta a que o anonymo se refere. É possivel que esteja esperando a resolução que tomamos com relação a esta primeira parte do seu escripto, para nos enviar o que falta e que esperamos com impaciencia. No nosso numero de terça-feira proxima diremos o mais.»

A própria polícia se alarmou com o caso, e muita gente houve que deixou de ir para Cintra, por medo aos tenebrosos mistérios da estrada.

Como nasceu a idea dêsse romance, escrito por processo um tanto análogo ao da *Croix de Berny*, declaram-no os autores na carta prefácio ao editor do *Mysterio* :

«Ha quatorze annos, n'uma noite de verão no Passeio Publico, em frente de duas chavenas de café, penetrados pela tristeza da grande cidade que em torno de nós cabeceava de somno ao som de um soluçante *pot-pourri* dos *Dois Foscaris*, deliberamos reagir sobre nós mesmos e acordar tudo aquillo a berros, n'um romance tremendo, businado á baixa das alturas do *Diario de Noticias*.

«Para esse fim, sem plano, sem methodo, sem escola, sem documentos, sem estylo, recolhidos á simples «torre de crystal da Imaginação» desfechamos a improvisar este livro, um em Leiria, outro em Lisboa, cada um de nós com uma resma de papel, a sua alegria e a sua audacia.

«Parece que Lisboa effectivamente despertou, pela sympathia ou pela curiosidade, pois que tendo lido na larga tiragem do *Diario de Noticias* o *Mysterio da Estrada de Cintra* o comprou ainda n'uma edição em livro...»

Isto quanto á génese do romance. Porque, pelo que respeita ao que literariamente valeu e significou nessa época o despreocupado trabalho dos dois scintilantes críticos das *Farpas*, disse-o, muitos anos depois, Camillo Castello Branco em uma carta, hoje talvez esquecida, ao intelligentíssimo editor e meu amigo Antonio Maria Pereira.

Em princípios de 1886, Camillo escrevia ácerca do *Mysterio* estas palavras que não podiam partir de crítico mais autorizado e insuspeito :

«Já lhe agradei e li o *Mysterio da estrada de Cintra*. Achei-o admiravel, pelas brilhantes audacias da linguagem. Foi esse livro que iniciou a reforma das milicias litterarias indigenas, a tropa fandanga de que eu fui cabo de esquadra. A evolução do estylo data d'ahi. Verdade é que esse modelo deu azo a que alguns milicianos, exagerando a disciplina dos reformadores, atrassem *par dessus les moulins* as patronas da grammatica, e se dessem uns ares de uhlanos com arremettidas de cossacos. D'ahi essas tropelias que elles fazem na syntaxe e no senso commum, em que elles não commungam. Seja como fôr, o *Mysterio* ha de ficar assignalado no desenvolvimento das bellas cousas que estavam embryonarias no vocabulario marasmado durante dois seculos. Ramalho Ortigão avisadamente andou, mandando os classicos a ares, e o Eça tambem não andou mal não os admittindo em casa.»

Por mim, cuja opinião ácerca do romance aliás não importa evidentemente a quem quer que seja, apenas sei dizer que, quando o li, em livro, anos depois de publicado em folhetins no *Diario de Noticias*, achei-o um dos mais interessantes documentos que da juvenil vivacidade dos seus espiritos poderiam ter deixado os dois grandes escritores que o firmaram. E que o público pensou do mesmo modo, testemunha-o o facto, raro entre nós, de, ainda depois de lido o romance nessa folha de amplíssima divulgação, êle ter proporcionado aos autores a mais invejável consagração a que é lícito aspirarem homens de letras em um país que quase não sabe ler—três edições que se esgotaram, sem que para isto fossem necessários esforços sôbre-humanos por parte do editor que as lançou ao mercado.

ALFREDO DA CUNHA.

## Nota I

«Em 29 de abril de 1865, publicava o *Diario de Noticias* a lista do seu pessoal, que reproduzia, mais completa, no seu n.º 98, de 2 de maio, em que se lia o seguinte expediente:

«A tiragem do *Diario de Noticias* é hoje de 7:000 exemplares, o que os srs. subscriptores e annunciantes podem verificar sempre que queiram, das 11 horas da noite em diante, em que a machina os extrae, ou ás 5 da manhã em que principia a venda.



**ADRIANO GASPAS COELHO**

irmão mais velho de Eduardo Coelho  
e que era correspondente  
do *Diario de Noticias* no Brasil  
em maio de 1865 e foi mais tarde secretário  
de redacção do mesmo jornal

«O pessoal do *Diario de Noticias*, incluindo vendedores, distribuidores, agentes, informadores, compositores e colaboradores effectivos, conta hoje 120 pessoas.

O pessoal de redacção e administração acha-se assim distribuido:

Secretario da redacção, M. J. P. da Cruz.  
Politica estrangeira, F. D. d'Almeida e

Araujo.

Assumptos jurídicos, Dr. A. J. R. Loureiro.

Assumptos religiosos, F. A. da Costa Pereira.

Folhetinistas effectivos, Camillo Marianno Froes, Bernardino Martins e F. Leite Bastos.

Assumptos varios, S. Nazareth, Pereira.

Administração: gerente, A. Ferreira de Simas—Ajudante, G. A. Rodrigues.

Proprietario administrador, Thomaz Quintino Antunes.

Proprietario redactor, Eduardo Coelho.

É honrada esta folha com a collaboracão dos srs.: J. da Costa Cascaes, Thomaz Ribeiro, Marx Sori, Louis Sauvages, Julio Cesar Machado, Ernesto Marecos, Pinheiro Chagas, D. Thomaz de Mello, Dr. Paulo Midosi, S. S., Araujo Assis, A. de Mello, Isidoro Sabino Ferreira, J. M. Pereira Rodrigues, Emilio Lami, Francisco Palha, Eduardo Garrido,

D. Monteiro, Pedro Videira, L. Breton y Vedra, J. Bonança, Andrade Ferreira (Joaquim), Brito Aranha, João Chrysostomo Melicio, A. C. Gouveia, Ernesto Biester, A. Ribeiro, A. Maldonado, F. A. Coelho, Dr. Lino de Macedo, Francisco Serra, Rangel de Lima, Gama Lobo, Salles Ribeiro, Andrade Ferreira (José Maria), Ribeiro Gonçalves, dr. M. M. de Carvalho, Luiz de Araujo, o rev. J. L. d'Almeida e Araujo, P. C. d'Alcantara Chaves, cavalheiros de diferentes repartições publicas, os srs. facultativos do hospital de S. José, etc.

«Tem esta folha por correspondentes: em Coimbra, o sr. A. Coelho; no Porto, o sr. A. R. Tavares; na Madeira, o sr. A. C. de Freitas; no Brasil, o sr. A. G. Coelho; e em Paris o sr. L. Sauvages.»

A Manuel José Palermo da Cruz succedeu, no cargo de secretário da redacção, Sena Freitas, a quem, por sua vez, succedeu em 1868 o irmão de Eduardo Coelho, Adriano Gaspar Coelho, até fins de 1872, em que faieceu Silva e Albuquerque, o benemérito fundador do *Gremio Popular*, foi, até á sua morte em abril de 1879, revisor e colaborador do *Diario de Noticias*.

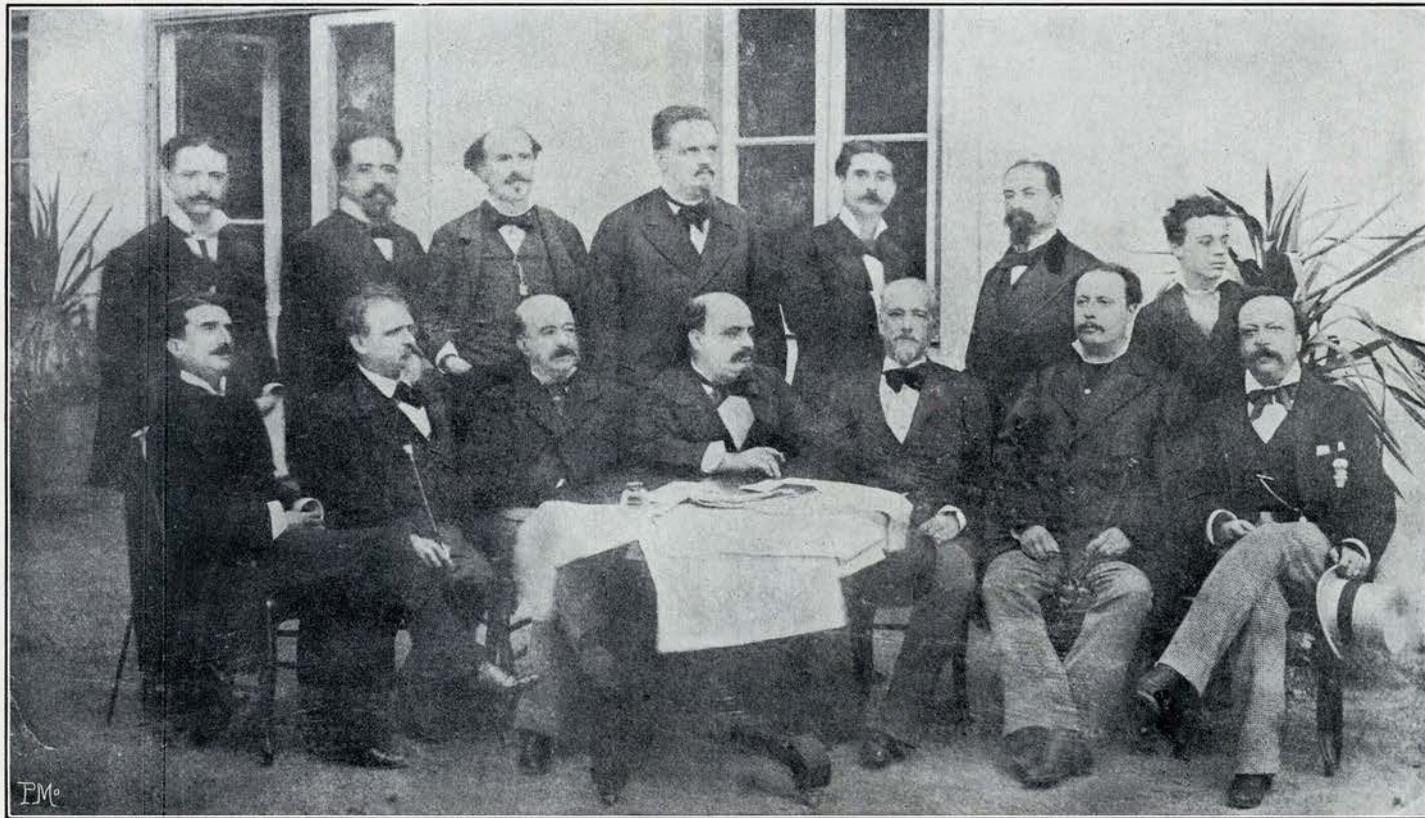
## Ha quarenta anos

UM GRUPO DE REDACTORES E COLABORADORES EFECTIVOS DO *DIARIO DE NOTICIAS*



No primeiro plano, da esquerda para a direita: Eduardo Martins, P. W. Brito Aranha, Joaquim Pessoa, Antonio Simas (gerente), Leite Bastos  
No segundo plano, da esquerda para a direita: Marianno Froes, José Estevão de Moraes Sarmento, Dr. João da Silva Mattos, Albino Pimentel, Julio Cesar Machado e João de Mendonça

UM GRUPO ANTIGO DOS PROPRIETARIOS E REDACTORES E COLABORADORES EFECTIVOS DO *DIARIO DE NOTICIAS*



No primeiro plano, sentados, da esquerda para a direita: José Estevão Clington, P. W. de Brito Aranha, Thomaz Quintino Antunes, Eduardo Coelho, Antonio Simas (gerente), João de Mendonça e Julio Cesar Machado.  
No segundo plano, de pé, da esquerda para a direita: Albino Pimentel, Albano Gourgelt, Eduino Mariins, José Estevão de Moraes Sarmento, J. Baptista Borges, Henrique Gorjão e Eduardo Coelho Junior.

Reprodução de um bilhete postal (n.º II da coleção *Imprensa*)  
editado pela papelaria e tipografia Paulo Guedes & Saraiva, de Lisboa, em 1907,  
em homenagem ao *Diario de Noticias*



DIRECTOR — ALBERTO DA CUNHA  
Redacção e administração, rua de S. Bento, n.º 11, Lisboa.  
14/870 — 4.ª ANNO — 1907  
ANUNCIOS DE 180 e 200  
Sua redacção de 180 e 200, rua de S. Bento, n.º 11, Lisboa.  
Redacção e administração, rua de S. Bento, n.º 11, Lisboa.

## Diario de Noticias

PROPRIETARIO — JOSEPH GOMES & C.  
REDACTOR PRINCIPAL — ALBERTO DA CUNHA  
REDACTORES — JOSEPH GOMES & C.  
SABBAO 27 DE ABRIL

FUNDADORES — TOMEAS GONCALVES (Cada n.º 1.º) e JOAQUIM GONCALVES

### Assumpção do dia

### Questões medico-sociaes

XXX

XXX

XXX

### NOTICIAS DIVERSAS

XXX

### A lei dos passaportes

XXX

### Colerías escolares da sinta

XXX

### INSTRUCCAO

XXX

### ANUNCIOS PUBLICITARIOS

XXX

### O incendio da rua da Magdalena

XXX

José Rangel  
de Lima <sup>1</sup>

P. W. de Brito  
Aranha <sup>2</sup>

Alfredo  
da Cunha <sup>3</sup>

João  
Pereira <sup>4</sup>

Eduardo  
Coelho <sup>5</sup>

Albino  
Pimentel <sup>6</sup>

Dr. Sousa  
Viterbo

J. Fraga  
Pery de Linde

Dr. Candido  
de Figueiredo

Eduardo  
de Noronha

Francisco  
Vidal

REDACTORES

<sup>1</sup> Actual redactor principal.

<sup>2</sup> Redactor principal desde 1 de junho de 1889 até 8 de setembro de 1914, em que faleceu.

<sup>3</sup> Director.

<sup>4</sup> Administrador.

<sup>5</sup> Secretario da redacção.

<sup>6</sup> Decano dos redactores.

Seria muito longa a lista completa dos colaboradores literários e artísticos do *Diario de Noticias*, assim como do *Brinde*, que foi anualmente distribuido aos assinantes até 1899, e do *Diario de Noticias ilustrado*, publicação que começou em 1895. Os seus nomes constam, porém, na sua quase totalidade, dos elencos das duas publicações anuais a que acima aludo, e que vão insertos a pag. 233 deste livro.

Efectuada em 1903 uma profunda remodelação no material de impressão da *Tipografia Universal* e nos serviços tanto desta empresa, como do *Diario de Noticias*, pôde este adquirir uma expansão mais larga, e melhorar e ampliar a sua redacção e colaboração.

A essas inovações e aperfeiçoamentos se alludia nestes termos, em 14 de maio da-  
quele ano :

«Além de todos os melhoramentos materiais introduzidos no *Diario de Noticias* e a  
que em outros logares nos referimos, o nosso serviço de redacção é desde o presente nu-  
mero consideravelmente desenvolvido e aperfeiçoado.

«Não só o noticiario do país e do estrangeiro terá uma amplitude muito maior, mas  
tambem as secções doutrinarias, literarias, artisticas e scientificas, e as crónicas ou revistas  
criticas dos acontecimentos serão notavelmente aumentadas em numero e variedade.

«Eis a nota das diversas *crónicas* ou *revistas*, que regularmente publicaremos :

*agricola*, pelo sr. D. Luís de Castro, lente do Instituto de Agronomia e Veterinaria e  
antigo director da Real Associação de Agricultura Portugueza ;

*artistica*, pelo sr. Manuel de Oliveira Ramos, professor do Real Colégio Militar e do  
Liceu de Lisboa ;

*das colonias*, pelo sr. Augusto Ribeiro, antigo deputado e jornalista, chefe de reparti-  
ção da direcção geral do Ultramar ;

*de costumes*, (*Cousas & Lousas*) por *L. Mano*, pseudonimo de um nosso ilustre co-  
lega, cujos escritos são muito conhecidos dos leitores do *Diario de Noticias* ;

*financeira*, pelo sr. Manuel Emygdio da Silva, antigo funcionario superior e adminis-  
trador de companhias ferro-viarias ;

*literaria*, pelo sr. dr. Candido de Figueiredo, da Academia Real das Sciencias, profes-  
sor do Liceu de Lisboa ;

*maritima*, pelo sr. Pedro Diniz, antigo official superior da marinha portugueza ;

*militar*, pelo sr. major Fernando Maya, lente da Escola do Exercito e do Real Colégio  
Militar ;

*modas*, por Mademoiselle Sybil, de Paris ;

*musical*, pelo sr. Julio Neuparth, professor do Real Conservatorio de Lisboa ;

*politica internacional*, por *Zeno*, pseudonimo de um distinto homem de letras e diplo-  
mata de carreira ;

*scientificas*, pelo sr. dr. Bettencourt Ferreira, da Academia Real das Sciencias e natura-  
lista adjunto da secção zoologica do museu da Escola Politécnica de Lisboa.

## DA PROVINCIA

## DO ESTRANGEIRO

do *Porto*, pelo sr. João Grave ;

de *Coimbra*, pelo sr. Dr. Manuel da Silva  
Gaio.

de *Madrid*, pela sr.<sup>a</sup> D. Alice Pestana (Caêl) ;

de *Paris*, pelo sr. Silva Lisboa ;

de *Londres*, pelo sr. Adrien Geoffroy ;

de *Berlim*, pelo sr. C. Singleman.

Os artigos editoriais, não assinados, continuaram a ser escritos pelo Dr. Sousa Viterbo,  
á excepção dos que, por sua mesma natureza, só podiam competir ao director do jornal,  
os quais também continuaram a ser da pena do autor d'este livro.

Cumpré aqui deixar consignado o justissimo elogio á dedicação e zelo com que o  
pessoal do *Diario de Noticias* tem concorrido para a prosperidade e desonvolvimento desta  
folha, que sempre encontrou nos seus cooperadores o mais precioso auxilio, impondo-se esse  
pessoal á consideração pública pelas mesmas qualidades que ao jornal tem dado um logar  
de destaque na imprensa portuguesa.



A' esquerda: sentado, PEDRO WENCESLAU DE BRITO ARANHA, redactor principal (já falecido), e, de pé, JOÃO PEREIRA, administrador do *Diario de Noticias*.  
A' direita: sentado, LUIZ HERCULANO CESAR, gerente da *Tipografia Universal* e encarregado dos serviços de beneficência do *Diario de Noticias*, e, de pé, JOÃO BAPTISTA BORGES, redactor e editor responsável d'este jornal (ambos já falecidos).  
Ao centro: ALFREDO DA CUNHA, comproprietário-gerente da *Tipografia Universal* e do *Diario de Noticias*, e director d'este jornal.

(Grupo tirado em 1 de janeiro de 1901)

A GRANDE SALA DE REDACÇÃO DO *DIARIO DE NOTICIAS*



À esquerda e à direita, alguns dos redactores ás suas respectivas mesas; ao centro, alguns reporteres;  
De pé, à esquerda, entre as mesas dos redactores e dos reporteres,  
o redactor principal José Rangel de Lima e o secretário da redacção e comproprietário do *Diario de Noticias*, Eduardo Coelho.

### Nota J

A errada indicação do aliás escrupuloso investigador Joaquim Martins de Carvalho, quanto á casa onde nasceu Eduardo Coelho, deu motivo, em dezembro de 1904, a larga polémica em dois jornais de Coimbra—*O Conimbricense*, então redigido por Francisco Augusto Martins de Carvalho, filho daquele jornalista, e a *Resistencia*, dirigida pelo Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, doutor em medicina, antigo preparador e depois 1.º assistente da faculdade de medicina da Universidade de Coimbra, e administrador da Imprensa da Universidade, e jornalista dotado de apreciáveis aptidões literárias e artísticas.

Tratava-se da colocação da lápide comemorativa do nascimento de Eduardo Coelho no prédio edificado no local daquele onde nascera o fundador do *Diario de Noticias*, e no *Conimbricense* de 13 de dezembro de 1904 foram, com o fundamento no testemunho do seu antigo director e proprietário, increpados como inexactos os dizeres da lápide, visto não ter sido na rua dos Sapateiros que Eduardo Coelho nascera (alegava o articulista), mas sim numa casa do Arco de Almedina.

Veio á imprensa sustentar opinião oposta um parente e amigo dedicadíssimo de Eduardo Coelho, o sr. Carlos Augusto d'Almeida, que em duas cartas publicadas na *Resistencia* de 15 e 22 de dezembro de 1904, largamente documentou o seu asserto. E não menos proficientemente o acompanhou nessa demonstração o Dr. Teixeira de Carvalho, nos seus concludentísimos artigos naquela folha publicados em 22 e 25 do mesmo mês.

Pela transcrição das certidões de idade de diversos filhos de João Gaspar Coelho, comprovou-se o depoimento constante de uma carta da sr.<sup>a</sup> D. Amabilia Eduardo Coelho, irmã do fundador do *Diario de Noticias*, e na qual se certificava que «Eduardo Coelho nascera em 1835, quatro annos antes da mudança para o Arco de Almedina, onde fôra ella a primeira a nascêr». (*Resistencia* de 15 de dezembro de 1904).

Ainda a tal propósito escreveu o sr. Dr. Teixeira de Carvalho na *Resistencia* de 25 de dezembro :

«Nos livros de lançamentos de decimas de predios e maneios de 1838 a 1839, encontramos o nome de João Gaspar Coelho, como morador na rua dos Sapateiros. O seu nome tem, ao lado, a outra tinta, uma cruz que se não encontra em nenhum dos outros, o que indica talvez um signal para se reformar a indicação no anno seguinte por ter mudado de casa para o Arco de Almedina».

«Em maio de 1836, vivia, pois, João Gaspar Coelho, na rua dos Sapateiros».

A casa pertencia então a José Antonio Dias Ribeiro.

Rendendo-se finalmente á evidência, o articulista do *Conimbricense* declarava em 24 de dezembro o seguinte :

«Tudo faz suppôr que o nosso patricio sr. Eduardo Coelho, nascera na rua dos Sapateiros e não no Arco de Almedina, sendo possivel que se tivesse enganado Joaquim Martins de Carvalho, o amigo e companheiro de prisão de seu pae, o sr. João Gaspar Coelho.

«O sr. dr. Teixeira de Carvalho, transcreveu no ultimo numero da *Resistencia*, as certidões de idade de varios filhos de João Gaspar Coelho. Póde-se concluir que Eduardo Coelho deveria ter nascido na rua dos Sapateiros, pelo facto de apparecer a certidão do baptismo d'uma sua irmã mais nova, nascida em 1836 ainda naquella rua, e só se designar a rua do Arco d'Almedina nas certidões de baptismo de outros irmãos nascidos posteriormente.

«Embora a certidão de baptismo de Eduardo Coelho não designe a rua em que nasceu, não temos escrupulos em aceitar como boa a affirmativa de que nasceu na rua dos Sapateiros, principalmente agora, que obtivemos a copia da seguinte *verba* no mappa do lançamento das decimas e impostos annexos do anno de 1836 :

«1.º semestre de 1836.

«Rua dos Sapateiros.

«José Antonio Dias Ribeiro, pelas suas casas. R. 215, arrendadas a João Gaspar Coelho.

«João Gaspar Coelho, com loja de quinquilherias, pagou 120 réis da decima do 1.º semestre».

«Não se poude encontrar o lançamento da decima de João Gaspar Coelho, do anno de 1835, que seria um documento importantissimo para o esclarecimento da questão; mas a boa rasão diz, não ser natural que João Gaspar Coelho *vivesse* até 1836 no Arco de Almedina, (e dizemos propositadamente *vivesse*, por que ha quem supponha que elle já nessa época alli tinha o seu estabelecimento); de 1836 a 1839 na rua dos Sapateiros; e novamente no Arco de Almedina de 1839 em diante.

«É com toda a lealdade que aqui deixamos transcripto o unico documento que podemos alcançar ácerca de semelhante assumpto».

Do registo do baptizado de *José Eduardo Coelho*, celebrado em *11 de maio de 1835*, registo extraído dos livros da freguezia de S. Thiago, a fl. 78 v. e 79, e cujos termos foram reproduzidos na *Resistencia* de 22 de dezembro de 1904, consta que a data do nascimento foi *22 de abril de 1835*, e não *23*, como Joaquim Martins de Carvalho, e o próprio Eduardo Coelho que nesta data celebrava o seu aniversário natalício, sempre supuzeram.

### Nota L

Officio da empresa do DIARIO DE NOTICIAS á Direcção Geral de Instrucção Publica

*Ill.º e Ex.º Sr.*

Havendo a empresa do *Diario de Noticias* resolvido offerecer ás bibliothecas de todas as escolas officiaes e particulares do paiz, tanto de ensino primario como secundario e superior, exemplares da segunda edição do livro—*EDUARDO COELHO—A sua vida e a sua obra—Alguns factos para a historia do jornalismo portuguez contemporaneo*—de que é auctor o signatario, assim tenho a honra de o communicar a V. Ex.ª, pedindo-lhe a fineza de dizer-me se, por parte dessa direcção geral, V. Ex.ª se digna acceitar aquella oferta, pelo que respeita ás escolas da mesma direcção dependentes, a fim de que esta empresa proceda de conformidade com a resposta de V. Ex.ª

A redigção do indicado livro e a sua distribuição pelos estabelecimentos de ensino tem por fim commemorar a data da inauguração nesta capital, em 29 de dezembro corrente, do monumento a Eduardo Coelho, insigne jornalista cuja vida é um raro exemplo de honestidade, de amor ao trabalho, de propaganda civilisadora e de dedicação constante e desinteressadissima pela instrucção popular.

Por esta forma procura a empresa do *Diario de Noticias* divulgar quanto possivel o conhecimento d'uma vida exemplar e nobilissima, que deve constituir lição e estimulo para aquelles cujo coração e cujo espirito é missão das escolas formar para a virtude e educar para a honra e para o bem.

Deus guarde a V. Ex.ª

Lisboa 6 de Dezembro de 1904.

*Ill.º e Ex.º Sr. Conselheiro Abel d' Andrade, Dig.º Director Geral da Instrucção Publica.*

ALFREDO DA CUNHA.

Ministerio do reino — Direcção geral da Instrucção publica — 4.ª repartição

LIV. 33

Havendo a Empresa do *Diario de Noticias*, de Lisboa, resolvido offerecer ás bibliothecas de todas as escolas officiaes e particulares do paiz, tanto de ensino primario, como do secundario e do superior, exemplares da segunda edição da obra intitulada—*EDUARDO COELHO—A sua vida e a sua obra—Alguns factos para a historia do jornalismo portuguez contemporaneo*—da qual é auctor Alfredo da Cunha, e que é destinada a commemorar a inauguração em Lisboa de um monumento a Eduardo Coelho; e tendo por fim o alludido offercimento divulgar o conhecimento de uma vida que foi exemplo de honestidade, de amor ao trabalho, de propaganda civilisadora e de dedicação constante e desinteressada pela causa da instrucção popular, determina Sua Magestade El-Rei que em seu Real Nome sejam dados á referida Empresa do *Diario de Noticias* os louvores que merece por tão generoso e patriótico offercimento.

Paço, em 27 de dezembro de 1904.—*Antonio Augusto Pereira de Miranda.*

(*Diario do Governo*, de 29 de dezembro de 1904).

### Nota M

Em 27 de janeiro de 1902 realizava-se em Lisboa um grande banquete, oferecido ao redactor principal (Brito Aranha) e ao director (Alfredo da Cunha) do *Diario de Noticias*, com o fim, segundo declarava a circular dos promotores, de lhes "prestar homenagem de estima e admiração pela dedicação e desvelo com que tem elevado o prestigio da imprensa jornalística." E isto mesmo se afirmou eloquentemente em quase todos os discursos proferidos durante o banquete pelos srs. drs. Sebastião de Magalhães Lima, Tito de Carvalho, Consiglieri Pedroso, Simões Margiochi (em nome da *Associação da Imprensa*), conde de Valenças, Ferreira do Amaral (em nome da *Sociedade de Geografia de Lisboa*), Jayme Victor, Simões de Almeida (em nome da *Associação Comercial*), Henrique Taveira (em nome da *Associação Industrial*), Lourenço Cayolla (em nome da direcção da *Associação dos Jornalistas*), França Borges, Guilherme Santa Rita, dr. João da Silva Mattos, José Rangel de Lima (em nome do *Comercio do Porto*), Mendonça e Costa, José Parreira, Luiz de Moraes Carvalho, Jayme Arthur da Costa Pinto, etc.

Num desses discursos, um jornalista de ideas avançadas fez a seguinte declaração, aqui arquivada como testemunho insuspeito de que, sob a direcção de quem succedeu aos fundadores do *Diario de Noticias*, este não deixou de respeitar os princípios e de observar os ditames que os seus predecessores haviam nobremente estabelecido e mantido:

"Afrontado, e tanta vez e tão ilegitimamente, nos meus direitos e na minha liberdade, encontrei sempre a meu lado um jornal protestando contra todas as violencias de que era vitima. «Qual era esse jornal? O menos habituado a protestar—o *Diario de Noticias*."

"Nas mesmas ocasiões vi um homem defendendo a minha causa de justiça—um homem que me não conhecia, um homem que por consequente procedia, não por amizade pessoal, mas por espirito de classe.

"Quem era esse homem? O dr. Alfredo da Cunha, que agia como presidente da direcção da Associação dos Jornalistas".

Esse *espirito de classe*, que levava, dois anos depois, o *Diario de Noticias* e o seu director a assumirem uma attitude de solidariedade, que não poucas contrariedades morais e sacrificios materiais lhes acarretou durante a greve tipográfica de abril de 1904, a que na seguinte nota aludo, ainda mais tarde, num período de acentuada má vontade por parte do governo de então para com a imprensa periódica, teve ensejo de paten-tear-se.

Embora efectivamente o *Diario de Noticias*, pela sua índole e programa, nada tenha com as lutas políticas e as dissensões partidárias, e portanto lhe corra o dever de furtar-se a umas e a outras, não terçando armas por este ou por aquele contendor, é certo que nunca viu com indiferença e desinteresse as violências e perseguições de que o jornalismo tem sido vítima. E nunca também deixou de protestar contra elas, embora, pelo seu carácter especial, o não devessem afectar directamente.

Tam longe levou esta sua attitude de defeza dos tantas vezes ironicamente chamados "imortais princípios", que, em novembro de 1907, foi-lhe pelos poderes públicos instaurado processo criminal com o fundamento em supostas ofensas a um ou mais desses poderes.

Tal processo, promovido certamente em obediência a sugestões superiores e iniludíveis por um magistrado—estranhos designios do acaso!—amigo, como irmão, do director do jornal, o integérrimo e saudosíssimo Trindade Coelho, era o primeiro de tal natureza instaurado contra o *Diario de Noticias* durante os 43 anos da sua existência!

E, como se tanto não bastasse, uma afrontosa e deprimente nota officiosa do governo fornecida á imprensa e visando o noticiário dos jornais—isto é, a matéria essen-

cial para uma folha como o *Diario de Noticias*—provocou a seguinte carta do director aos redactores deste jornal :

Meus amigos

A nota officiosa do conselho de ministros realisado na segunda-feira ultima estabeleceu para a imprensa um regimen sem precedentes entre nós, que a illaqueia tanto na liberdade da sua critica como até mesmo na das suas meras funcções de informadora veridica. Simples *noticias*, isto é, a narração exacta de factos e acontecimentos certos e não de pura phantasia ou invenção do jornalista, podem, em varios casos, sujeitar um jornal á suspensão, que, se nem sempre equivale á sua morte, é sempre um accidente gravissimo para a sua vida.

Desde que conheci os termos da nota officiosa, entendi que a minha qualidade de director de jornal ficava sendo quasi puramente nominal e decorativa, pois a verdadeira direcção dos jornaes portuguezes passava a ser, na parte que principal e essencialmente compete a quem dirige um periodico, exercida pelo sr. ministro do reino ou pelos seus delegados de confiança. Por isso tambem desde logo resolvi não me sujeitar a essa tutela official, por muito boa que ella seja.

Com a nota alludida coincidiu, porém, o conhecimento de haver sido instaurada uma querella contra o *Diario de Noticias* de domingo ultimo, por motivo do artigo—*A situação politica*—por mim escripto. Retirar-me em tal altura pareceria por conseguinte querer furtar-me á responsabilidade desse artigo. Esperei, pois, que o magistrado competente se pronunciasse ácerca da procedencia ou da improcedencia da accusação.

Julgou-a hontem improcedente, como não podia deixar de ser, ficando eu agora socegado com a minha consciencia, por não haver, durante os quasi 14 annos da minha direcção, infringido o velho programma do *Diario de Noticias*, ao qual sempre me esforcei por conservar-me fiel, respeitando, como elle preceitua, as leis vigentes e os poderes constituídos.

Liquidado, segundo julgo, com os tribunaes esse unico litigio, em que ao jornal e ao jornalista foi feita a justiça devida, entendo hoje, portanto, chegada a opportunidade de me suspender a mim proprio, a fim de que, voluntaria ou involuntariamente por minha causa, não vá ser suspenso o jornal—o que aliás, como é mais do que provavel, muitos estimariam, e poucos ou nenhuns agradeceriam.

Usurpada por quem tudo pode a direcção—não direi politica, porque o *Diario de Noticias* nunca soube o que isto fosse—mas, por assim dizer, technica da sua redacção, tenho de acceptar os factos conforme elles imperiosa e irresistivelmente se me impõem, até que se normalise a situação do paiz e, com esta, a da imprensa portugueza.

Quando tal succeder, muito estimarei e me honrarei em tornar de novo á effectividade de um cargo que tanto me agrada quando desempenhado com independencia, liberdade e iniciativa propria, como me repugna desde que me sinto reduzido á subalternidade burocratica de um administrador de concelho ou de um regedor de parochia, invariavelmente curvados na postura de quem recebe ordens.

Mas enquanto não volta para os jornaes a necessidade de terem directores effectivos e responsaveis—necessidade que eu agora desconheço, pois que, repito, a superior e definitiva direcção dos periodicos portuguezes reside actualmente nas estações officiaes—eu dispenso-me de me decorar com semelhante titulo de postica nobiliarchia. E escusado será dizer que, se não transmitto essa honraria inutil a outrem dessa folha, é porque não desejo sujeital-o a acceptar o que para mim rejeito, e porque, em relação a funcções que me não eram pessoalmente exclusivas e não foram particularmente attingidas pela celebre nota do governo, as considero todas entregues em muito boas mãos e nestas peço e confio que permaneçam.

Acceitem, meus amigos, a expressão, sempre cordeal, da minha effectuosa estima.  
Lisboa, 23 de novembro de 1907.

Alfredo da Cunha

Quem alguma vez sentiu já o desgosto de se ver forçado pela própria dignidade a abandonar um posto, que considerava de honra, e a apagar o seu nome dum lugar onde reputava a maior glória da sua vida de jornalista o have-lo podido inscrever e manter sem desmerecimento, <sup>1</sup> pode avaliar com que amargura aquella carta foi sentida e escrita.

<sup>1</sup> Retirado o seu nome da cabeça do jornal, em virtude da carta acima transcrita, não mais o director do *Diario de Noticias* ali o fez inscrever de novo.

A experiência de muitos anos de jornalismo efectivo deu-lhe, ha bastante tempo e á custa de bastantes desilusões, a presciência do que veio a achar confirmado num livro recentíssimo, quanto á natureza do papel de quem dirige um grande jornal moderno da indole daquele.

No desempenho desse papel, escreve A. de Chambure no seu volume *A travers la presse*, ha directores de grandes jornaes que «tratam até de apagar a sua personalidade para

E se aqui a reproduzo, e se, embora neste recanto de uma quase despercebida nota final, trato dum assunto que tem uma parte pessoalmente respeitante ao obscuro signatário daquela, talvez ingénua, missiva, é porque, dada a sua qualidade de director do *Diario de Noticias*, nas suas responsabilidades, como tal, êle comprometia as da própria folha que dirigia e cujo procedimento se empenhava e empenha em deixar isento de suspeições injustas e malévolas.

Envolvidos ambos—jornal e jornalista—nesses desagradabilísimos incidentes, únicos na vida de um e de outro, apenas porque haviam tomado a peito, com ardor e afincio, não uma causa propriamente sua, mas principal e quase exclusivamente dos outros, não seria descabido considerar como essa atitude foi apreciada e tida em conta por aqueles mesmos a quem parecia que ela especialmente deveria merecer, mais do que simpatia e aplauso, um impulso de solidariedade correspondente ao sentimento dessa natureza que a determinara. Mas não vale a pena.

Se êste livro em vez de ser de festiva comemoração, fôsse de tristes recriminações; se nêle se pretendesse, em vez de glorificar mortos ilustres, justificar o procedimento e a acção do modesto jornalista que lhes succedeu no difícil encargo de dirigir o jornal que êles fundaram e engrandeceram, seria realmente aqui o lugar apropriado para relembra a clara hostilidade ou a significativa indiferença com que, salvas raríssimas excepções, os restantes colegas da imprensa encararam a situação criada pelos poderes constituídos ao *Diario de Noticias* e ao seu director.

Entretanto, o primeiro havia sido sempre um modêlo de lealdade e de boa camaradagem, e o segundo, durante tantos anos director também de uma associação de jornalistas, de cujos relatórios anuais constam os dedicados e constantes esforços por êle empregados com sacrifício, por vezes, de interesses próprios e de amizades pessoais, a favor de jornais e de jornalistas perseguidos, nunca deixara de esforçar-se por cumprir as suas obrigações, de confraternidade profissional, com o que, se não criava, como é óbvio, direito a agradecimentos, parecia não dever também dar motivo a hostilidades.

Mas não vale a pena, repito, lembrar o que então fizeram, ou não fizeram, aqueles que já haviam recebido daquele jornal e daquele jornalista testemunhos mais ou menos valiosos de solidariedade em ocasiões difíceis, ou dêles vieram, em tom por vezes agressivo ou impertinente, a exigí-las mais tarde em conjunturas apertadas.

Nem foi a recordação dessa indiferença ou dessa hostilidade que obstou a que o *Diario de Noticias* continuasse depois disso a condenar as violências exercidas contra a imprensa periódica, ou a protestar e a reclamar por tal motivo, prontificando-se até—visto que sempre entendeu que valiam mais as obras práticas do que os arrasoados platónicos—a cooperar numa acção comum, quando êste alvitre foi ventilado na imprensa diária.

«Vimos ontem lembrada, no unico jornal que em Lisboa continua, segundo diz, sujeito a um tratamento excepcional da policia, que lhe dificulta a circulação e lhe prejudica os serviços, a *acção comum* da imprensa como meio de pôr termo ás violencias de que se queixa.

«Embora, logo desde o começo destes lamentaveis incidentes tivéssemos sido por esse jornal visados com insinuações que, apesar de saber injustas, não rectificou, e até alvejados quase com mal disfarçadas ameaças, prontamente daremos a nossa adesão a uma acção comum dos jornais de Lisboa para se pôr immediato fim a um regimen de excepção que, mais uma vez o repetimos, não sabemos como se justifique, nem que explicação ou atenuantes agora possa ter.»<sup>1</sup>

Deixou de fazer quase quotidianamente êsses protestos, quando também se tornaram quase quotidianos os factos que os justificariam? É certo; mas fê-lo, porque a tempo adquiriu o convencimento, que só tarde de mais chegou a outros colegas, de que contra tais vio-

---

valorizar as dos seus colaboradores e, acima de tudo, para fazer prosperar a obra colectiva.»

Efectivamente assim é, e para isto basta que, a par de um sincero desapego de vaidades, haja uma nítida e desprendida compreensão dos próprios deveres.

<sup>1</sup> *Diario de Noticias* de 27 de maio de 1913.

lências eram absolutamente improficuas quaisquer reclamações ou queixumes, sendo por isso escusado servi-los diariamente aos leitores, como o *cansado chá* do Tolentino.

Nem poderia encontrar mais autorizado testemunho em apoio dèste asserto do que o de uma das vítimas mais experimentadas pela adversidade, o antigo jornal *A Nação*, o qual, a propósito da apreensão de um seu colega monárquico, não ha muitos meses ponderava judiciosamente: "Não protestamos, porque seria caricato o protesto".<sup>1</sup>

Estava esta nota já escrita e até composta, quando o correio me trouxe de terra estranha uma carta de um jornalista conservador e monárquico, a qual é, por assim dizer, o *pendant* do discurso do jornalista avançado e republicano, de que acima transcrevi um trecho.

É costume dizer-se que os extremos tocam-se; vai ver-se como, nisto ainda, tal observação não carece de verdade.

Escreve-me o jornalista perseguido de agora, pouco mais ou menos no mesmo tom em que discursava o jornalista perseguido de ha 14 ou 15 anos—o que mostra que o *Diario de Noticias* e o seu director não adoptam hoje, como não adoptaram então, a cómoda e segura attitude de estarem sempre do lado do mais forte contra o mais fraco, antes pelo contrário:

«Só agora, no socego do exilio voluntário... li a collecção do... durante o tempo em que estive no estrangeiro e em que portanto nelle não collaborei. Vi com grande desgosto pessoal que o *Diario de Noticias* foi varias vezes atacado no meu jornal.

«Não devi nunca ao *Diario de Noticias*, nas situações mais difficeis da minha vida de... na prisão e em liberdade, não devi nunca especialmente a V. senão gentilezas, primores, lealdade, etc.»

Fica transcrito apenas o essencial (porque a carta é muito mais longa e tem períodos muito mais eloquentes) sem nomes nem indícios que possam levar ao conhecimento de que jornalista ou de que jornal se trata.

Basta saber-se que se trata dum jornalista que, embora não seja da intimidade do colega a quem se dirige, não se mostra ingrato—o que é honroso e nunca foi vulgar—, e dum jornal que grosseiramente e sem razão agredira o *Diario de Noticias*—o que é lastimável, mas sempre foi vulgarissimo.

E basta saber também que, em qualquer das duas épocas, e em relação a qualquer dos dois directores de jornais a que aludo, não foram as sugestões da politica ou o espirito partidário que determinaram o *Diario de Noticias* e o seu director—ambos tam alheios de influências dessa natureza!—a procederem pela forma agradecida e encarecida pelas duas vítimas: foi única e simplesmente o espirito de classe, a par dum natural sentimento de delicadeza e de humanidade.

#### Nota N

A única interrupção de publicação que o *Diario de Noticias* sofreu em toda a sua longa vida, foi a motivada pela greve dos compositores tipográficos de Lisboa, de 19 a 25 de abril de 1904.

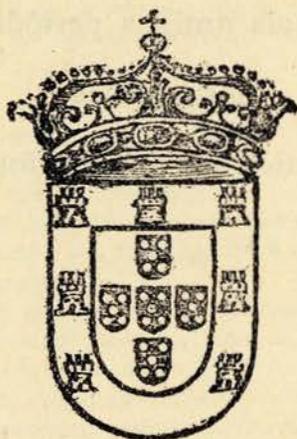
Está fóra do meu intento apreciar aqui êsse, por todos os motivos, lamentável acontecimento, que, visto agora de tam longe e sem paixão nem parcialidade, reveste a forma, não de uma manifestação de hostilidade e malquerença recíprocas, mas apenas o de uma afirmação de solidariedade com as respectivas classes, feita pelas duas partes momentaneamente em discordância.

Assim é classificado o facto na *explicação colectiva* do quadro tipográfico do *Diario de Noticias* publicada então no jornal *A obra* n.º 481 de 23 de abril de 1904, em que os compositores do mesmo quadro declaravam que «não tinham verdadeiramente rasão» para exigir qualquer aumento de salários, e que foi a solidariedade que os determinou, do mesmo modo que igual motivo determinara a empresa do *Diario de Noticias* a solidarizar-se com as dos outros jornais de Lisboa. E, em grande parte, assim foi.

<sup>1</sup> 25 de setembro de 1914.

Os mais antigos periódicos  
portugueses  
noticiosos e literários

GAZETA,  
EM QV ESE  
RELATAM AS NOVAS  
TODAS, QVE OVVE NESTA  
CORTE, E QVE VIERAM DE  
varias partes no mes de Nouem-  
bro de 1641.



*Com todas as licenças necessarias.*  
E privilegio Real.  
EM LISBOA.  
*Na Officina de Lourenço de Anueres,*

Fac-simile do frontispício da primeira *Gazeta*  
(no mesmo tamanho do original)

# OS MAIS ANTIGOS PERIÓDICOS PORTUGUESES NOTICIOSOS E LITERÁRIOS

Gazeta de novembro de 1641

GAZETA. EM QVESE RELATAM AS NOVAS TODAS, QUE OVVE NESTA CORTI. EQVE VIERAM DE



Com todos os honras e prerrogativas Principalle Real. EM LISBOA. Na Officina de Lourenço de Almeida.

Frontispício

**E**LEIÇÃO a armada de Olinda com sua ma eiquada da armada Real de Castella em que vnhão muitas fragatas de Diogo roquet...

O Conde de Albuquerque chegou a esta corte de Lisboa com o Conde de Saldanha...

Não se sabe se a armada de Olinda se fará ou não, e se se fará, em que tempo...

Estando o Galvão Sãos Margarida para dar a vela de si o Piloto que não se sabe a dar fim da dita...

1.ª pagina

Lido de Albuquerque e sua esposa por sempre na em paração...

O Conde de Albuquerque e o Marquês de Alentejo chegaram a esta corte de Lisboa...

Viu-se Frei Damião de Alcábalta, e quem o Rey nella se deu...

Deixou-se a armada de Olinda para dar a vela de si o Piloto que não se sabe a dar fim da dita...

2.ª pagina

Seguindo-se a armada de Olinda com sua ma eiquada da armada Real de Castella...

O Conde de Albuquerque e o Marquês de Alentejo chegaram a esta corte de Lisboa...

Viu-se Frei Damião de Alcábalta, e quem o Rey nella se deu...

Deixou-se a armada de Olinda para dar a vela de si o Piloto que não se sabe a dar fim da dita...

3.ª pagina

Deixou-se a armada de Olinda para dar a vela de si o Piloto que não se sabe a dar fim da dita...

Viu-se Frei Damião de Alcábalta, e quem o Rey nella se deu...

Deixou-se a armada de Olinda para dar a vela de si o Piloto que não se sabe a dar fim da dita...

Viu-se Frei Damião de Alcábalta, e quem o Rey nella se deu...

4.ª pagina

MERCVRIO PORTVQVEZ, COM AS NOVAS da Guerra entre Portugal, & Castella.



LISBOA. Com todas as licenças necessárias. Na Officina de Henrique Valente de Oliveira...

Frontispício

NOVAS DO MEZ DE JANEIRO De 1663.

**S**aber os successos de ambos Reynos, e Provincias, não he só curiosidade, mas necessidade de saber...

1.ª pagina do 1.º numero

Gazeta Literaria

GAZETA LITERARIA OU NOTICIA EXACTA DOS PRINCIPAES EYPOS...

Obra periodica para o anno de 1762. De que se tem...

JOAO DE ALMADA DE MELLO. Governador General do Estado de Pernambuco...

FRANCISCO BERNARDO DE LIMA. Com todos os honras e prerrogativas Principalle Real.

O frontispício do 1.º numero

GAZETA LITERARIA. Junho de 1762.

REGRAS PARA O USO DA BIBLIOTECA DE MATHIAS DE ALBUQUERQUE...

O exposto pelas, com que se pedem...

A 1.ª pagina do ultimo numero

Jornal Enciclopedico

Título definitivo

GAZETA DE LISBOA. Sábado 17. de Agosto de 1713.

**A**lém da Gazeta de Lisboa, que se publica todos os dias, se publica tambem...

1.ª pagina do 1.º numero

Títulos primitivos

HISTORIA ANNUAL CHRONOLOGICA, E POLITICA do Mundo, & especialmente DA EUROPA.

NOTICIAS DO ESTADO DO MUNDO. Sábado 10. de Agosto de 1713.

PARTE I. LISBOA OCCIDENTAL. Na Officina de Pascoal da Sylva.

LISBOA OCCIDENTAL. Na Officina de Pascoal da Sylva.

Frontispício

1.ª pagina do 1.º numero

Como que chegou de decaer todos quinze dias...

Notas de fora do Reino.

**P**OR via de Olinda foi a França hila carta de hü Portugal...

A armada Real de Castella anda armada em duas esquadras...

O Bispo de Lamego, que foi por Embaixador ao Summo Pontifice...

O Principe de Casiti está sobre Perpignan...

7.ª pagina

da se lhe entregara. Monfieur de la Motte anda a cá hü exercito poderosissimo...

A armada de Bispo de Bardous se reforma, e se poe fante...

Esta Gazeta esta conforme com o original em S. Domingos de Lisboa...

Vão estar conforme com o Original pode' entre esta Gazeta...

Taxasse esta Gazeta em seis reis. em Lisboa 5. de Dezembro de 1641.

Antonio Colla de Carvalho.

Frontispício

5.ª pagina

de se matou alguma gente, e outra se casou. Ferré Rey nelle se ha merc do Estado de Crato...

Publicação o Subsidio Ecclesiastico. Abriose o comercio de Moscobia, e ja vna hama...

Chegou a esta corte huma caravela, que vnhu da India...

Chegou a esta corte humo cavalleiro de nome Nuno Matias...

Elegio o Rey novo Senhor a Trillão de Mendonça por General...

O Pedro João de Albuquerque, que foi de companhia em Pernambuco...

Frontispício

3.ª pagina

tenha a entrada. Vio Francisco de Sousa Corinho, que quiz ido por Embaixador...

Abriose o comercio de Moscobia, e ja vna hama com os turcos...

Chegou a esta corte humo cavalleiro de nome Nuno Matias...

Elegio o Rey novo Senhor a Trillão de Mendonça por General...

O Pedro João de Albuquerque, que foi de companhia em Pernambuco...

Frontispício

5.ª pagina

de se matou alguma gente, e outra se casou. Ferré Rey nelle se ha merc do Estado de Crato...

Publicação o Subsidio Ecclesiastico. Abriose o comercio de Moscobia, e ja vna hama...

Chegou a esta corte humo cavalleiro de nome Nuno Matias...

Elegio o Rey novo Senhor a Trillão de Mendonça por General...

O Pedro João de Albuquerque, que foi de companhia em Pernambuco...

Frontispício

3.ª pagina

de se matou alguma gente, e outra se casou. Ferré Rey nelle se ha merc do Estado de Crato...

Publicação o Subsidio Ecclesiastico. Abriose o comercio de Moscobia, e ja vna hama...

Chegou a esta corte humo cavalleiro de nome Nuno Matias...

Elegio o Rey novo Senhor a Trillão de Mendonça por General...

O Pedro João de Albuquerque, que foi de companhia em Pernambuco...

Frontispício

3.ª pagina

de se matou alguma gente, e outra se casou. Ferré Rey nelle se ha merc do Estado de Crato...

Publicação o Subsidio Ecclesiastico. Abriose o comercio de Moscobia, e ja vna hama...

Chegou a esta corte humo cavalleiro de nome Nuno Matias...

Elegio o Rey novo Senhor a Trillão de Mendonça por General...

O Pedro João de Albuquerque, que foi de companhia em Pernambuco...

Frontispício

3.ª pagina

de se matou alguma gente, e outra se casou. Ferré Rey nelle se ha merc do Estado de Crato...

Publicação o Subsidio Ecclesiastico. Abriose o comercio de Moscobia, e ja vna hama...

Chegou a esta corte humo cavalleiro de nome Nuno Matias...

Elegio o Rey novo Senhor a Trillão de Mendonça por General...

O Pedro João de Albuquerque, que foi de companhia em Pernambuco...

Frontispício

3.ª pagina

de se matou alguma gente, e outra se casou. Ferré Rey nelle se ha merc do Estado de Crato...

Publicação o Subsidio Ecclesiastico. Abriose o comercio de Moscobia, e ja vna hama...

Chegou a esta corte humo cavalleiro de nome Nuno Matias...

Elegio o Rey novo Senhor a Trillão de Mendonça por General...

O Pedro João de Albuquerque, que foi de companhia em Pernambuco...

Frontispício

3.ª pagina

de se matou alguma gente, e outra se casou. Ferré Rey nelle se ha merc do Estado de Crato...

Publicação o Subsidio Ecclesiastico. Abriose o comercio de Moscobia, e ja vna hama...

Chegou a esta corte humo cavalleiro de nome Nuno Matias...

Elegio o Rey novo Senhor a Trillão de Mendonça por General...

O Pedro João de Albuquerque, que foi de companhia em Pernambuco...

Frontispício

3.ª pagina

de se matou alguma gente, e outra se casou. Ferré Rey nelle se ha merc do Estado de Crato...

Publicação o Subsidio Ecclesiastico. Abriose o comercio de Moscobia, e ja vna hama...

Chegou a esta corte humo cavalleiro de nome Nuno Matias...

Elegio o Rey novo Senhor a Trillão de Mendonça por General...

O Pedro João de Albuquerque, que foi de companhia em Pernambuco...

Frontispício

3.ª pagina

Todas as reproduções são feitas na mesma proporção em que se reduziu o frontispício da Gazeta de novembro de 1641, cujas dimensões exactas são as do fac-simile a pag. 280

A IMPRENSA PERIÓDICA EM PORTUGAL <sup>1</sup>

Breve memória apresentada ao quinto Congresso Internacional da Imprensa, em Lisboa

(Versão do francês)

O presente trabalho não é mais do que a compilação de algumas ligeiras notas que me parece deverem oferecer algum interesse aos meus colegas da imprensa estrangeira que não tenham estudado particularmente as origens e o desenvolvimento da imprensa periódica em Portugal.

A história da imprensa periódica em Portugal, ou se lhe assine como princípio a data da primeira *Relação* conhecida, <sup>2</sup> ou, conforme geralmente se tem feito, se considere dever partir inicialmente da primeira *Gazeta* de que há notícia — a *Gazeta, em que se relatam as novas todas, que ouve nesta corte, e que vieram de varias partes no mes de Novembro de 1641* — pode dividir-se em três principais períodos.

Decorre o primeiro até ás agitações políticas que precederam o estabelecimento do regime liberal entre nós.

Caracteriza-se pela irregularidade da publicação dos periódicos, só, durante muito tempo, permitidos como um privilégio — *com todas as licenças necessárias e privilégio Real*, declarava a primeira *Gazeta* no seu frontispício; — pela censura a que estavam por conseguinte sujeitos, como as demais publicações, e que obrigava a licenças prévias; pela incerteza e timidez dos processos; pelo atraso dos sistemas de impressão; e pela exígua divulgação das folhas, lidas apenas por um restritíssimo público. Há ainda a notar a feição especial da imprensa periódica deste período, ou essencialmente noticiosa, como a da primeira *Gazeta*, do *Mercurio Portuguez* e da *Gazeta de Lisboa* (série de 1715 a 1820); ou literária e científica, como, entre outros, a *Gazeta literaria* e o *Jornal Enciclopedico*, que sendo publicados aos *cadernos*, antes constituíam verdadeiros livros; ou de propaganda política, ainda pouco desafogada, e de revolta contra as prepotências dos governos — tendências estas predominantes enquanto duraram as invasões francesas em Portugal e nos anos que imediatamente precederam a revolução de 1820.

Da *Gazeta* de 1641, cujo redactor ou redactores se não sabe ao certo quem fôssem, fiz reproduzir, por completo, o primeiro número, em *fac-simile* reduzido.

E' uma relíquia, muito pouco conhecida, pela sua extrema raridade, da imprensa periódica portuguesa, e em relação á qual pode repetir-se o que M. Eugène Dubief escreveu acerca da *Gazeta* de Renaudot: «um jornalista não toca, sem alguma comoção, n'essas páginas amareladas, gérmen sagrado d'uma vegetação imensa».

Igualmente fiz reproduzir o frontispício e primeira página do também raríssimo *Mercurio Portuguez* de Antonio de Sousa Macedo, que prometia para cada mês uma *relação*, ou mais, das *cousas dignas de saberem-se*.

<sup>1</sup> *La presse périodique en Portugal — Bref mémoire présenté au cinquième congrés international de la presse, à Lisbonne — Hommage du DIARIO DE NOTICIAS, de Lisbonne — Septembre 1898.*

<sup>2</sup> *A Resenha chronologica de todos os periodicos portuguezes*, extraída por A. X. da Silva Pereira, dedicado investigador de notícias referentes ao jornalismo, do seu *Diccionario jornalístico*, ainda em manuscrito, abre com a *Relação universal do que succedeu em Portugal e mais provincias do Occidente e Oriente* (noticioso). Março 1625, agosto 1627. Lisboa.

Da *Gazeta de Lisboa*, durante muitos anos redigida por José Freire de Monterroyo Mascarenhas, e cuja primeira série, igualmente rara, abrange 105 anos, foram reproduzidos o frontispício e as primeiras páginas, tanto do número inicial, que apareceu com a denominação de *Notícias do estado do mundo*, em 10 de agosto de 1715, como do segundo número, que já apresenta o título definitivo de *Gazeta de Lisboa*, mantido durante mais de um século.

N.º 1.

DEZEMBRO DE

1846

O ESPETRO.

Alimentar de amor e turbida terra magra.  
Barroco Espetro na vicinidade de um rio.

## ADVERTENCIA.

O *Espectro* vai substituir o *Esca de Santarém*. Este último título correspondia pouco à grandeza do objecto. A nossa doutrina abta esse em todo o país, e não pertence somente de Santarém, parte de todos os corações generosos em que estão radicados os princípios da justiça, da liberdade, da igualdade.

O *Espectro* é a sombra das victimas que se multiplicam sempre os seus assassinios e oppressões—e a sombra negra, que faz tanto que não deixa o rico no seu palácio sem o pobre na sua cabana—é o instrumento a chamar a vingança contra os seus perseguidores—é o dedo indicador da Providencia a merecer nos parados da casa de Bulfinch a mancha da sua morte.

O *Espectro* tem as honras sem se vender. Assim foi o *Esca de Santarém*. Distribuiu-se gratuitamente. Algumas almas leaes formadas tem offerecido a seu artigo para ajudar a publicação que não tem sido aceita.

## TOMO II se encerra.

A população Lisboa apresenta o aspecto de morte. As ruas são como as de São Estêvão desertas, os seus templos vazios, os seus espectáculos interrompidos, as suas transacções commerciaes paralisadas, os seus habitantes entristecidos, e um murmúrio lugubre annunciando algum grande abalo social—esta epidemia, esta epidemia que prende os grandes farseseis, e que se sente que quer exprimir o estado de consternação em que se vai adormecendo.

A insurreição não é, todavia, a parte, e

separar-se as uns dos outros—o despotismo já não ataca, recua, temo a offensiva, e retira as defensas. Os exercitos ministeriaes bem annunciados, bem providos de tudo tremem diante das forças populares que aliam a fé da raça, a quem conhecem todos os matos, e a quem alicerces sobre o colosso, a pillardia e amor da patria. Portugal ou hade ser livre, ou hade ser conquistado.

Não ha uma terra sem trepa de Lisboa que não proclame immediatamente a liberdade e a resistencia ao governo!

Este facto é característico, e polidico que delle se tem nota. A tendencia do povo é vivamente para o progresso.

A insurreição não é conquistada—rebatida espontaneamente apenas o povo fica desfructado da força oppressora.

Este fenomeno é singular, e determina o nosso grande caracter de nacionalidade.

A capital tem o nome, mas a indifferença o outro, mas ha grande espirito de liberdade nos matos que a agitam. Não tem o exemplo, ha muito voluntario apudatosm quem o povo pode contar, ha muito cidadão respeitavel cuja arma não se hade disparar contra os seus irmãos, ha muito patriótico esculpto delictivo de nos corações exaltados, muito coração ardente que se dirige em obediencia ao momento da opposição das forças populares para se unir a ellas e oppo-las na sobre a suprema de libertar a patria.

O povo conhece esta verdade, escrita, applicada. O espirito publico recorre-se em todos os actos individuaes a officio ministerial alige-se e demonstra-se por todos partes.

O segundo período abre com as lutas políticas que rebentaram no fim do primeiro quartel deste século.

Reflectindo as vicissitudes por que passaram as liberdades públicas em Portugal, os periódicos deixaram de ter apenas a feição noticiosa com que principiaram e que lhes explica a origem e razão de ser, tornando-se essencialmente políticos e revolucionários. Não deixaram todavia de coexistir e desenvolver-se, a par d'estes, as revistas e publicações literárias e scientificas, resentindo-se, tanto aqueles como estas, depois do regresso á pátria dos emigrados liberais, da influência das folhas estrangeiras, que os homisiados portugueses haviam melhor conhecido em França, Inglaterra e Bélgica.

E' a fase que se accentua, principalmente depois de 1834, data a partir da qual a imprensa politica recebe um vigoroso impulso e adquire uma preponderância sem precedentes entre nós. Haviam-na fortificado as cruentas refregas da revolução e honravam-na nomes tais como os de Garrett, Rodrigo da Fonseca, os dois Passos, Antonio Luiz de Seabra,

<sup>1</sup> Podendo ver recentemente, em novembro do corrente ano de 1914, o manuscrito do *Diccionario jornalístico portuguez*, de A. X. da Silva Pereira, existente na biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, ali encontrei a referência, que deixei transcrita na pag. 255 (nota 3), ao jornal que aquêl investigador considera o «primeiro periódico portuguez que começou a sahir diariamente».



«O antigo jornalismo era apenas um agente de propaganda, uma arma de combate; o novo jornalismo tornou-se, ao mesmo tempo, uma indústria, pela importância dos capitais n'êles empregados e pela adopção de processos mecânicos consideráveis.» Esta justa observação dum escritor francês refere-se á imprensa periódica do seu país na época da revolução industrial preparada por Emile de Girardin.

Foi a Eduardo Coelho, fundador e director do *Diario de Noticias*, de Lisboa, que coube, em Portugal, o papel desempenhado em França pelo director de *La Presse*, por Millaud, fundador do *Petit Journal*, e por Villemessant, criador do *Figaro*.

O aparecimento do *Diario de Noticias*, cujo numero-programa tem a data de 29 de dezembro de 1864 e o número 1 a de 1 de janeiro de 1865, inicia o terceiro período, a muitos respeitoes distinto do anterior, e em que o jornal popular—o chamado *jornal de 10 réis* á imitação do *journal de 5 centimes*, em França—de grande tiragem, adquire preponderância definitiva.

A vida, o movimento, o modo de ser da sociedade, em todos os seus múltiplos aspectos, começa a reflectir-se nos jornais com a fidelidade e precisão com que a fotografia representa os objectos ou o fonógrafo reproduz os sons. Só então pode dizer-se que começa a escrever-se em Portugal êsse grande livro de todos os dias e quase de todas as horas, em cujas páginas volantes colabora por mil formas a reportagem de todo o mundo, e cujos serviços e vantagens Thiers encarecia num discurso célebre.

A revolução foi rápida, pois que em breves meses não só muitos jornais se criavam em todo o país, tomando por modêlo o de Eduardo Coelho, e imitando, melhor ou peor, o programa do *Diario de Noticias*, mas alguns dêles até, tanto portuguezes como brasileiros, para a semelhança ser mais completa, adoptaram idêntico título.

Certamente que o *Diario de Noticias*, apresentando-se como um «noticiario universal», não era, na sua essência, mais do que a ressurreição, embora incomparavelmente melhorada pelos progressos de dois séculos, do velho periódico das «*novas do reino e de varias partes*», publicado com o título de *Gazeta* em 1641.

Mas o facto é que êle inaugurou, pela exiguidade do preço fixado á folha, pela escolha dos assuntos e pela forma cordata de os tratar, e ainda pelos seus romances interessantíssimos e pelos folhetins de crítica firmados por um dos mais brilhantes folhetinistas portuguezes—Julio Cesar Machado,—o período da propaganda educadora e da vulgarização das leituras baratas e populares em Portugal.

Espalhando-se e radicando-se por esta forma no público o hábito de ler jornais, as tiragens tornaram-se cada vez mais avultadas.

Daqui nasceu consequentemente a necessidade de melhorar e tornar mais rápidos os processos mecânicos de impressão, que algumas empresas teem levado a um alto grau de perfeição.

É também neste período que para o jornalista de profissão e para os seus cooperadores e coadjuvantes se abre uma era de relativa prosperidade, e que o trabalho jornalístico principia a ter em Portugal uma remuneração menos mesquinha e a poder constituir para muitos um exclusivo modo de vida. Porque, se a fundação de numerosas folhas políticas, a partir do segundo quartel deste século, concorrera para se tornar, em quantidade e qualidade, importante e influente a classe dos jornalistas, êstes, como aliás ainda hoje sucede a tantos, a pouco mais aspiravam, ao escreverem para os periódicos, do que a fazer deles escala para uma cadeira no parlamento ou para um emprêgo público que lhes desse, por conta do Estado, o que os seus jornais não podiam proporcionar-lhes.

Data igualmente da criação do *Diario de Noticias* o prodigioso desenvolvimento do anúncio, desenvolvimento que nenhum outro jornal português até hoje conseguiu atingir. Desde o primeiro anúncio, ou *aviso*, como então se lhe chamava, de que encontrei vestígio em periódico português, e que se encontra na *Gazeta de Lisboa* de 31 de agosto

de 1715, desde as três ou quatro publicações daquele género que se vêem no primeiro número do próprio *Diário de Notícias*, até ás actuais grandes páginas de anúncios deste jornal que comportam mais de 12:000 linhas, que enorme distância percorrida!

Presentemente, entre nós, o jornal é alguma cousa mais do que o simples divulgador de novidades para satisfação da curiosidade pública: é o propagandista de conhecimentos úteis e de leituras recreativas, ou o factor de reformas políticas e sociais. E torna-se também, por meio do anúncio, outrora, em virtude das pequenas tiragens, tão ineficaz como pouco explorado, o mais económico, fácil e diligente corretor de quaisquer operações de oferta ou de procura, o mais poderoso agente de todo o género de negócios e empreendimentos.

Não deixaram de existir, e, pelo contrário, continuaram a crescer em número e a melhorar em qualidade, a par dos jornais políticos e noticiosos, as publicações de toda a espécie, adquirindo um honroso grau de perfeição e adiantamento diversas revistas literárias e científicas, muitas delas ilustradas. Destacam-se entre as numerosíssimas folhas de crítica dos costumes e das pessoas, as *Farpas* de Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, e aquelas que, pela afirmação de uma arte até então quase desconhecida em Portugal—a caricatura—desde o *Binoculo* e a *Berlinda*, o *Calcanhar d'Achilles* e a *Lanterna Magica*, até ao *Antonio Maria* e aos *Pontos nos i i*—documentam a fecundidade de um génio artístico, grande em qualquer país—Raphael Bordallo Pinheiro.

Eis, a muito largos traços, esboçada a evolução do jornalismo português desde 1641 até hoje.

Em 1880, o falecido jornalista Eduardo Coelho, numa interessante *notícia* acerca do jornalismo português<sup>1</sup>, computava em 200 os periódicos que se publicavam em Portugal e nas colónias; e na lista anexa ao relatório apresentado pela secção portuguesa ao primeiro congresso internacional da imprensa em Anvers, em 1894, figuraram aproximadamente 400. Hoje é certamente o seu numero bastante mais elevado, e a tiragem média de 100:000 exemplares, calculada naquela notícia para todas as folhas portuguesas, incomparavelmente mais avultada, pois bastam, para atingi-la, duas ou três que se publicam na capital.

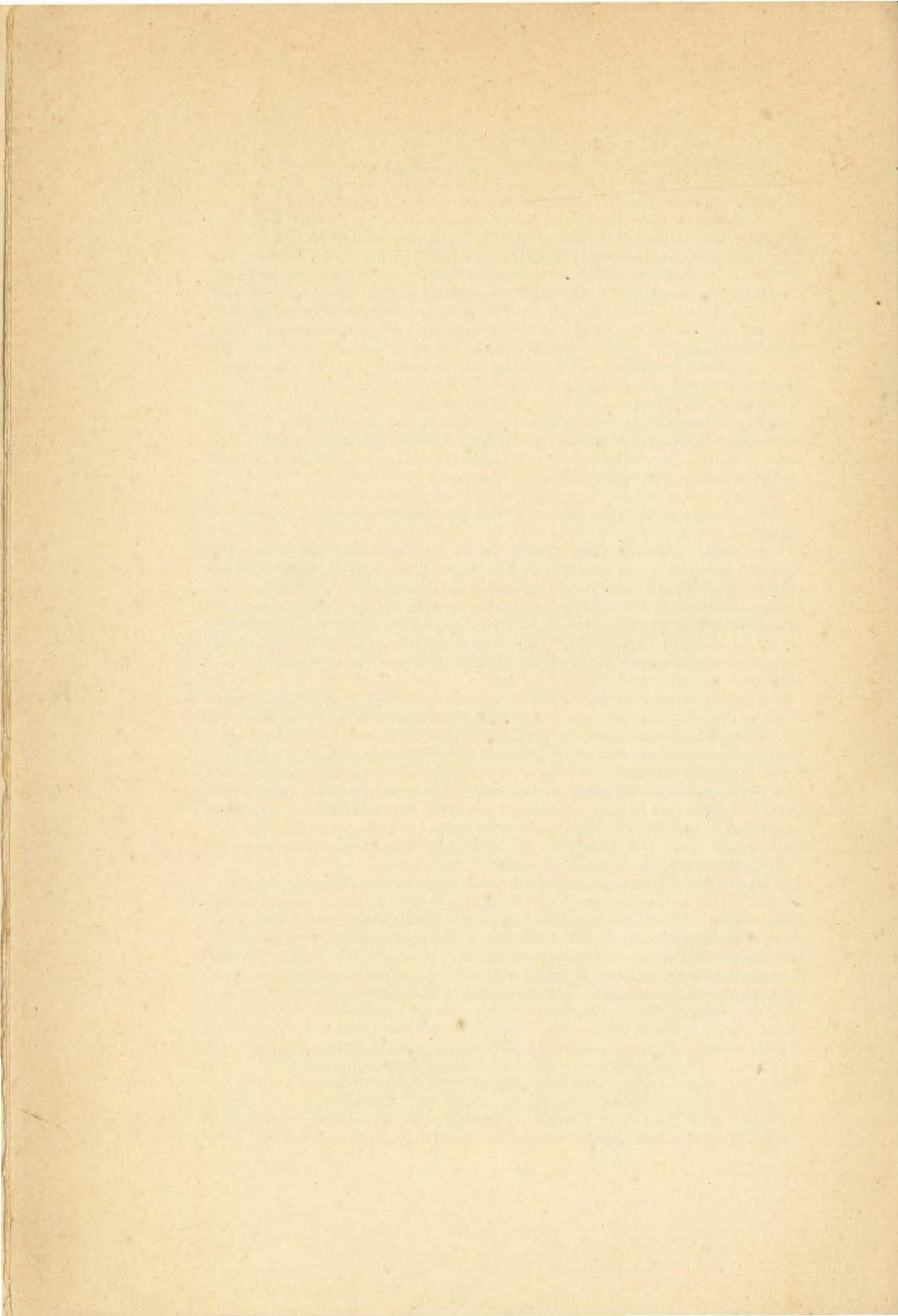
Quanto á liberdade de que os periódicos gosam em Portugal, e aos princípios estabelecidos na nossa legislação pelo que toca a regalias da imprensa jornalística, não posso fechar este trabalho precisamente como Eduardo Coelho terminou o dèle há 18 anos, nem, como o falecido e ilustre director do *Diário de Notícias*, consignar aqui hoje que a imprensa portuguesa «diz tudo o que quer, e algumas vezes talvez um pouco mais do que deve.» Não é bem assim há alguns anos a esta parte, desde que os governos do país, infelizmente sem glória nem proveito, começaram a promulgar leis demasiadamente restritivas da liberdade de imprensa. Entenderam dever assim impedir os jornais de continuar a dizer o que sempre tinham dito, esquecendo que, afora alguns condenados excessos, as restrições impostas originam factos bem mais censuráveis ainda.

Se, pois, me é lícito formular perante o actual congresso um voto sincero e ardente, êsse voto é o de que os governos de todos os países, por honra própria, se convençam de que não devem êles mesmos entregar-se a exageros. Falo genericamente, porque nem só em Portugal há a deplorar êsses erros, como podem testemunha-lo, entre outros, os recentes e lastimáveis acontecimentos da Itália. Outros governos, arrastados pelo excessivo zêlo das repressões exageradas, esqueceram a consideração devida a uma das formas mais nobres por que se exerce uma das liberdades mais fundamentais—a liberdade de pensamento.

ALFREDO DA CUNHA

membro da comissão executiva do 5.º Congresso  
Internacional da Imprensa  
director da Associação dos Jornalistas de Lisboa  
e do *Diário de Notícias*

<sup>1</sup> *Notice présentée au congrès littéraire international de Lisbonne en 1880.*



## Índices



## INDICE DAS MATERIAS

	Pags.
PREFÁCIO . . . . .	IX
O DIARIO DE NOTICIAS . . . . .	1
THOMAZ QUINTINO ANTUNES, conde de S. Marçal . . . . .	75
<i>A Tipografia Universal</i> . . . . .	93
EDUARDO COELHO . . . . .	105
Introdução . . . . .	107
Juizos críticos . . . . .	113
1835-1854 . . . . .	115
1854-1857 . . . . .	125
1858-1865 . . . . .	132
1865-1889 . . . . .	143
Homenagens póstumas . . . . .	187
O monumento . . . . .	195
A homenagem do <i>Diario de Noticias</i> . . . . .	215
Resenha bibliográfica . . . . .	221
Efemérides do <i>Diario de Noticias</i> . . . . .	227
<i>Brindes aos senhores assignantes do Diario de Noticias</i> . . . . .	234
<i>Diario de Noticias ilustrado</i> . . . . .	237
NOTAS FINAIS: . . . . .	241
A—O <i>Petit-Journal</i> lisbonense . . . . .	243
B—A fundação do <i>Diario de Noticias</i> . . . . .	244
C—Pactos sociais . . . . .	248
D—Comemoração do 4. <sup>o</sup> centenário do descobrimento da India . . . . .	249
E—Sousa Viterbo e o livro <i>Cem artigos de jornal</i> . . . . .	250
F—Os precusores do <i>Diario de Noticias</i> . . . . .	253
As primeiras <i>Gazetas</i> . . . . .	257
G—O <i>Gratis</i> e outros antigos jornais de anúncios . . . . .	264
H— <i>Mysterio da Estrada de Cintra</i> . . . . .	267
I—Pessoal do <i>Diario de Noticias</i> . . . . .	270
J—Eduardo Coelho, casa e data em que nasceu . . . . .	273
L—Distribuição gratuita, pelas escolas da 2. <sup>a</sup> edição do presente livro . . . . .	274
M—Solidariedade jornalística . . . . .	275
N—Interrupção na publicação do <i>Diario de Noticias</i> . . . . .	278
A IMPRENSA PERIÓDICA EM PORTUGAL— <i>Breve memória apresentada ao quinto Congresso Internacional da Imprensa, em Lisboa</i> . . . . .	281



## INDICE DAS GRAVURAS \*

### Impressas no texto

	Págs.
Autógrafo (em <i>fac-simile</i> ) de Eduardo Coelho . . . . .	2
Reprodução, reduzida a metade, do 1.º número-programa do <i>Diario de Noticias</i> . . . . .	3 a 6
Autógrafo (em <i>fac-simile</i> ) de Thomaz Quintino Antunes . . . . .	7
Diploma da <i>Liga Nacional d'Instrução</i> . . . . .	18
Carro alegórico do <i>Diario de Noticias</i> . . . . .	22
Uma festa a favor dos pobres protegidos pelo <i>Diario de Noticias</i> . . . . .	28
Bairro <i>Diario de Noticias</i> em Benavente . . . . .	30 e 31
Recibo n.º 1 do Albergue das Crianças Abandonadas. . . . .	32
Alegoria de Roque Gameiro á <i>Lotaria da caridade</i> . . . . .	34
<i>O cego papelista</i> (desenho de Roque Gameiro) . . . . .	36
<i>O garoto dos jornais</i> (escultura de Antonio da Costa Motta) . . . . .	37
<i>Vendedor de jornais</i> ( « » R. Pinto Couto). . . . .	38
»   »   »   ( « » D. Ada da Cunha) . . . . .	39
»   »   »   (desenho » Raphael Bordallo Pinheiro) . . . . .	40
Um kiosque de venda do <i>Diario de Noticias</i> . . . . .	41
Desenho de Celso Herminio (vendedor do <i>Diario de Noticias</i> ). . . . .	42
A primeira página do 1.º número-programa do <i>Diario de Noticias</i> . . . . .	46
»   »   »   do primeiro número de 24 páginas do <i>Diario de Noticias</i> . . . . .	47
<i>O Gratis</i> de 1 de dezembro de 1848 . . . . .	51
Braun Peixoto . . . . .	53
A quarta página do 1.º número-programa do <i>Diario de Noticias</i> . . . . .	54
A sexta página de anúncios do <i>Diario de Noticias</i> de 1 de julho de 1914 . . . . .	55
O primeiro número de 12 páginas do <i>Diario de Noticias</i> . . . . .	57
O número de 24 páginas do <i>Diario de Noticias</i> de 29 de dezembro de 1912. . . . .	59
<i>Diario de Noticias a 10 réis!</i> (caricaturas de Celso Herminio) . . . . .	62
Thomaz Quintino Antunes e Eduardo Coelho (fotografia de Gião). . . . .	65
»   »   »   »   »   »   »   (caricatura de Raphael Bordallo) . . . . .	66
Almanachs do <i>Diario de Noticias</i> . . . . .	68
<i>Diarios de Noticias</i> das ilhas adjacentes e Brasil . . . . .	70 e 71
Autógrafo (em <i>fac-simile</i> ) de Thomaz Quintino Antunes . . . . .	78

\* Todas as gravuras incluídas neste livro, com excepção da inserta na pag. 187, foram executadas, com o maior esmero, nas acreditadas oficinas de *P. Marinho & C.ª*—Calçada da Glória, 5, em Lisboa.

	Págs.
Thomaz Quintino Antunes (medalhão de J. Moreira Rato) . . . . .	84
» » » (friso de azulejo) . . . . .	85
» » » (medalhões de Antonio da Costa Motta) . . . . .	86
<i>Tipografia Universal</i> e <i>Diario de Noticias</i> (edificio antigo). . . . .	93
» » » » » » » ( » actual) . . . . .	94
José Baptista Morando (friso de azulejo) . . . . .	95
Diploma da Exposição Universal de Paris (1900) á <i>Tipografia Universal</i> . . . . .	»
» » » do Rio de Janeiro (1908) » » » . . . . .	96
Visita da comissão promotora da Exposição das Artes Gráficas á <i>Tipografia Universal</i> . . . . .	97
Os compositores do <i>Diario de Noticias</i> em 1886. . . . .	98
» » » » » » » 1914. . . . .	99
Diploma da Exposição Nacional das Artes Gráficas (1913) á <i>Tipografia Universal</i>	100
Francisco Luiz Ameno (friso de azulejos) . . . . .	»
Oficina de composição do <i>Diario de Noticias</i> . . . . .	101
Medalha da Exposição Universal de Paris de 1900 á <i>Tipografia Universal</i> . . . . .	102
» » » » » » » » » » » » » . . . . .	103
Quadro alegórico da Imprensa (azulejos) . . . . .	104
Carta do Marquês de Loulé a João Gaspar Coelho ( <i>fac-simile</i> ). . . . .	116
Casa onde nasceu Eduardo Coelho, em Coimbra. . . . .	119
Eduardo Coelho em 1862. . . . .	133
Primeira página da <i>Chronica dos Theatros</i> . . . . .	134
» » do <i>Conservador</i> . . . . .	136
Caricatura de Eduardo Coelho (desenho de Navarro) . . . . .	142
Grupo da comissão executiva da imprensa no tricentenário de Camões . . . . .	149
Frontispício da edição dos <i>Lusiadas</i> , distribuída pelo <i>Diario de Noticias</i> em 1880	150
Eduardo Coelho (gravura de Severini) . . . . .	164
Fotografia (1887) e autógrafo (em <i>fac-simile</i> ) de Eduardo Coelho . . . . .	175
<i>Rua Eduardo Coelho</i> em Lisboa, em 1885 e em 1914. . . . .	180 e 181
Eduardo Coelho (medalhão de J. Moreira Rato) . . . . .	183
» » (as páginas de homenagem da <i>Comedia Portugueza</i> ) . . . . .	185
» » (gravura em madeira de Pastor). . . . .	187
Lápide na casa onde Eduardo Coelho nasceu, em Coimbra. . . . .	190
Eduardo Coelho (busto de Antonio da Costa Motta). . . . .	201
Aspecto da Alameda de S. Pedro d'Alcantara no dia da inauguração do monu- mento a Eduardo Coelho . . . . .	203
O descerramento do monumento . . . . .	205
A tribuna onde foi assinado o auto e foram proferidos os discursos . . . . .	212
Primeira página do <i>Diario de Noticias</i> de 29 de dezembro de 1904 . . . . .	216
Transformações efectuadas no cabeçalho do <i>Diario de Noticias</i> . . . . .	246 e 247
Busto de Sousa Viterbo (escultura de Francisco Santos) . . . . .	252
<i>Dez réis—Jornal d'Utilidade</i> . . . . .	253
» » » » publica . . . . .	254
<i>O periodico dos Pobres</i> . . . . .	255
<i>O cinco réis</i> . . . . .	256
<i>O Gratis</i> . . . . .	264
<i>Folha de Annuncios</i> . . . . .	265
<i>Periodico dos Annuncios</i> . . . . .	»
Última página da <i>Gazeta de Lisboa</i> de 31 d'agosto de 1715 . . . . .	266
Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz. . . . .	267
Adriano Gaspar Coelho . . . . .	270
Bilhete postal de homenagem ao <i>Diario de Noticias</i> . . . . .	271
<i>Gazeta</i> de 1641 . . . . .	280

	Págs.
<i>O Espectro</i> . . . . .	282
<i>A Revista Universal</i> . . . . .	283
<i>O Panorama</i> . . . . .	"

### Impressas fora do texto

#### *A negro*

Um aspecto da Exposição Columbano . . . . .	20—21
Uma reportagem ha trinta anos. . . . .	48—49
Retrato de Thomaz Quintino Antunes. . . . .	76—77
» de Eduardo Coelho. . . . .	112—113
Monumento a Eduardo Coelho, na Alameda de S. Pedro de Alcantara, em Lisboa. . . . .	200—201
<i>Ha quarenta anos</i> —Grupo de redactores e colaboradores effectivos do <i>Diario de Noticias</i> . . . . .	270—271
Grupo antigo dos proprietários e redactores e colaboradores effectivos do <i>Diario de Noticias</i> . . . . .	" — "
Grupo do director e chefes de serviço do <i>Diario de Noticias</i> (1 de janeiro de 1901). . . . .	272—273
A grande sala da redacção do <i>Diario de Noticias</i> . . . . .	" — "

#### *A côres*

<i>O rapaz dos jornais</i> (aguarela de Raphael Bordallo Pinheiro) . . . . .	40—41
Diploma de sócio fundador da <i>Associação dos Jornalistas e Escriitores Portugueses</i> , conferido a Eduardo Coelho . . . . .	152—153
Caricaturas de Eduardo Coelho e Raphael Bordallo Pinheiro (aguarela) . . . . .	160—161
Caricatura de Eduardo Coelho no <i>Album das Glórias</i> , de Raphael Bordallo Pinheiro (agosto de 1880) . . . . .	168—169
Quadro a aguarela e desenho á pena de José Maria Cró Ardisson (homenagem a Eduardo Coelho) . . . . .	176—177

#### *Em folhas desdobráveis*

Jornais, não officiais, do continente de Portugal, que completaram 50 anos de publicação . . . . .	XVII
Jornais portuguezes, não officiais, das ilhas adjacentes e das colónias, que completaram 50 anos de publicação . . . . .	XVIII
Os mais antigos periódicos portuguezes noticiosos e literários . . . . .	280—281
Máquinas rotativas para impressão do <i>Diario de Noticias</i> . . . . .	104—105

	Págs.
<i>O Espectro</i> . . . . .	282
<i>A Revista Universal</i> . . . . .	283
<i>O Panorama</i> . . . . .	"

### Impressas fora do texto

#### *A negro*

Um aspecto da Exposição Columbano . . . . .	20-21
Uma reportagem ha trinta anos . . . . .	48-49
Retrato de Thomaz Quintino Antunes . . . . .	76-77
» de Eduardo Coelho . . . . .	112-113
Monumento a Eduardo Coelho, na Alameda de S. Pedro de Alcantara, em Lisboa. . . . .	200-201
<i>Ha quarenta anos</i> —Grupo de redactores e colaboradores efectivos do <i>Diario de Noticias</i> . . . . .	270-271
Grupo antigo dos proprietários e redactores e colaboradores efectivos do <i>Diario de Noticias</i> . . . . .	" - "
Grupo do director e chefes de serviço do <i>Diario de Noticias</i> (1 de janeiro de 1901). . . . .	272-273
A grande sala da redacção do <i>Diario de Noticias</i> . . . . .	" - "

#### *A côres*

<i>O rapaz dos jornais</i> (aguarela de Raphael Bordallo Pinheiro) . . . . .	40-41
Diploma de sócio fundador da <i>Associação dos Jornalistas e Escriitores Portugueses</i> , conferido a Eduardo Coelho . . . . .	152-153
Caricaturas de Eduardo Coelho e Raphael Bordallo Pinheiro (aguarela) . . . . .	160-161
Caricatura de Eduardo Coelho no <i>Album das Glorias</i> , de Raphael Bordallo Pinheiro (agosto de 1880) . . . . .	168-169
Quadro a aguarela e desenho á pena de José Maria Cró Ardisson (homenagem a Eduardo Coelho) . . . . .	176-177

#### *Em folhas desdobráveis*

Jornais, não officiais, do continente de Portugal, que completaram 50 anos de publicação . . . . .	XVII
Jornais portuguezes, não officiais, das ilhas adjacentes e das colónias, que completaram 50 anos de publicação . . . . .	XVIII
Os mais antigos periódicos portuguezes noticiosos e literários . . . . .	280-281

### ERRATAS

A pag. 160, nota, linha 3.<sup>a</sup>, onde se lê «1904» leia-se «1894»; e a pag. 259, nota, 8.<sup>a</sup> linha, onde se lê: «na Suecia, em 1648» leia-se: na «Suecia, em 1643».

OS TRABALHOS PARA A PUBLICAÇÃO DÊSTE LIVRO, QUE FOI COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPOGRAFIA UNIVERSAL, RUA DO DIARIO DE NOTICIAS, 110, EM LISBOA, TIVERAM COMEÇO NO DIA 14 DE MAIO DE 1914, DATA DO 25.º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE EDUARDO COELHO, FUNDADOR DO DIARIO DE NOTICIAS, E FORAM TERMINADOS NO DIA 29 DE DEZEMBRO DE 1914, DATA DO CINCOENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DAQUELE JORNAL.





